

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Camila Marchi da Silva

História do Museu Pedagógico Nacional:  
*Pedagogium* – um museu de grandes novidades (1890-1919)

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

SÃO PAULO

2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Camila Marchi da Silva

História do Museu Pedagógico Nacional:  
*Pedagogium* – um museu de grandes novidades (1890-1919)

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de DOUTORA em Educação: História, Política, Sociedade, sob orientação da profa. Dra. Katya Mitsuko Zuquim Braghini.

SÃO PAULO

2021

Banca Examinadora

---

---

---

---

---

---

## RESUMO

O Museu Pedagógico Nacional – *Pedagogium* foi fundado em 1890 e organizado pelo Decreto nº 981, o qual previa a reforma das instruções primária e secundária. Era função da instituição oferecer ao público e aos professores, principalmente, os meios de instrução profissional, a exposição dos melhores métodos e do material de ensino mais aperfeiçoado, inclusive, oferecendo formação de diferentes tipos. Para tanto, era essencial que a instituição cumprisse algumas exigências: manter a exposição permanente de um museu pedagógico; oferecer cursos científicos; expor e montar gabinetes e laboratórios de Ciências Físicas e História Natural; organizar exposições escolares anuais; dirigir uma escola primária modelo; oferecer uma classe para trabalhos manuais; organizar coleções e modelos para o ensino concreto nas escolas públicas e publicar uma revista pedagógica. Logo, sabe-se uma parcela da história dessa instituição como centro de formação de professores. No entanto, é desconhecida a sua faceta como museu de exposição comercial, uma dentre as várias apresentadas pela instituição. Esta pesquisa pretendeu, dentre diversas questões, compreender e analisar a constituição do acervo do *Pedagogium*, levando em conta as suas relações entre o comércio e a indústria, tentando compreender a sua organização e, por hipótese, ver e analisar interferências comerciais na sua composição. Perguntou-se: qual a relação de tal instituição, símbolo de modernidade pedagógica, com o mercado pedagógico da época? Para tanto, buscou-se diálogo com a bibliografia especializada e o estudo de documentos localizados no Arquivo Nacional, o Arquivo Municipal do Rio de Janeiro, da Biblioteca Nacional e Centro de Memória Institucional – CEMI, entre outros. Foi observado que o *Pedagogium* funcionou como um museu de divulgação, estabeleceu relações com empresas de materiais didáticos e incentivou o uso de objetos e tecnologias pedagógicas. Além disso, o papel de formação de professores do Museu foi confirmado: oferecia cursos e conferências sobre temas diversos, abrindo espaço para utilização do acervo pelos professores, promovendo formações diversas para o público em geral, sendo este uma espécie de centro cultural e espaço de debates e disputas políticas no âmbito da educação. No caso, o Museu Pedagógico Nacional pode ser compreendido como um museu de exibição de inovações e modernidades pedagógicas, um museu de grandes novidades.

**Palavras-Chave:** *Pedagogium*, museu pedagógico, exposições pedagógicas, mercado pedagógico, cultura material escolar.

## ABSTRACT

The National Pedagogic Museum – Pedagogium – was founded in 1890 and organized by Decree number 981, which foresaw the reform of primary and secondary education. It was the institution's mission to offer the general public and mostly, teacher, the means to professional education, the exhibition of the best methods and most advanced educational material, as well as to provide different types of courses. For such, it was essential that the institution obliged by certain criteria: keep a permanent exhibit of the pedagogic museum; offer scientific courses; exhibit and put together science laboratories for physical sciences and natural history; organize annual school visitations; direct a model primary school; offer a class for manual crafts; organize collections and models for education in public schools; and publish an educational magazine. As such, this institution is also known for its history as a center for the education of teachers. However, its life as a museum for commercial exhibits is unknown. This work intends to, among other questions, understand and analyze the constitution of the Pedagogium's collection, taking into consideration its relationships with commerce and industry, trying to comprehend its organization and, by hypothesis, identify and analyze commercial interference in the composition of said collection. The question is: what is the exact relationship of this institution, a symbol of educational modernity, with the educational industry and market of its time? In order to answer this question, research and analysis of documents and specialized bibliography was conducted at the National Archive, the Municipal Archive of Rio de Janeiro, the National Library and CEMI - Centro de Memoria Institucional, among other sources. It was observed that the Pedagogium worked, effectively, as a promotional museum, established relationships with companies that produced educational supplies and incentivized the use of materials, objects and educational technologies. Besides that, the institution's role as providing education for teachers was confirmed, as it offered courses and conferences about several themes, being a space for research in the collection by teachers, promoting courses for the general public, as well as serving as a cultural center and space of debates and political disputes in the field of education. The National Pedagogic Museum can be understood as a museum for exhibits of innovation and pedagogic modernity - a grand museum of novelty.

**Keywords:** Pedagogium, pedagogic museum, pedagogic exhibit, pedagogic market, scholar material culture.

“O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico- Brasil (CNPq) – Código de Financiamento 142153/2017-6”

“This study was financed in part by the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico- Brasil (CNPq) – Finance Code 142153/2017-6”

## AGRADECIMENTOS

O período de escrita desta tese de doutorado coincidiu com momentos políticos muito conturbados do país: golpe, eleições questionáveis, corte de verbas para educação e saúde, redução de bolsas para a pós-graduação e, por fim, uma pandemia descontrolada que matou mais de meio milhão de brasileiros(as).

Em meio a tudo isso, há uma tese e há uma rede de pessoas ao meu redor que me ampararam, ensinaram-me e que, de certa maneira, tornaram um pouco mais leve esse caminho.

Agradeço, em primeiro lugar, à minha orientadora, amiga e militante, Profa. Dra. Katya Braghini. Pelas aulas, conversas, incentivos, puxões de orelha, risadas, drinques, pelo carinho nos momentos mais difíceis. Essa tese é fruto de boa relação de trabalho e amizade. Muito obrigada por tudo.

Aos membros das bancas de qualificação e defesa, agradeço imensamente pelas contribuições para o desenvolvimento desse trabalho. Em especial à Profa. Dra. Vera Gaspar, que desde o mestrado compartilha comigo trabalhos, análises e documentos, sou muito grata ao carinho. E ao Prof. Dr. Kazumi Munakata, pelas aulas, por ceder livros e documentos de sua biblioteca pessoal, pelos encontros sempre alegres, tudo isso foi fundamental para a construção dessa tese.

Aos professores do Programa de Estudos Pós-Graduados EHPS. Um programa de excelência é feito por professores muito comprometidos em formar seres humanos e profissionais da educação melhores. Não poderia ter escolhido lugar melhor.

Betinha, querida, a melhor pessoa da PUC-SP. Obrigada pelos cafés, conselhos, balas e abraços. Foi muito triste ficar nesse período de pandemia sem te visitar no balcão do programa.

Aos colegas do programa, em especial à Representação Discente, com quem aprendi e trabalhei bastante. Muito obrigada.

Para os amigos que fiz na PUC ao longo desses anos, Aly, Aline, Kelly, Marcela, Paula, Ellen. Companheiros de aulas, bares e viagens de congressos. Esses encontros tornaram o processo mais leve.

Não posso deixar de mencionar o apoio de extrema importância da Luciana Beck Sola, responsável por viabilizar o andamento desse doutorado e que me apoiou em todas as idas aos congressos e ausências para realização de cursos e mesmo nos momentos da

escrita. Isso só demonstra o seu respeito e incentivo para a formação, sempre serei grata por isso.

Agradeço imensamente à ajuda da Thamara de Almeida. Minha companheira de viagem e pesquisa no Rio de Janeiro, quem me apresentou à cidade e bateu fotografia de documento comigo na correria. Muito obrigada, querida.

Essa pesquisa só existe por conta da ajuda dos funcionários dos arquivos e bibliotecas da cidade do Rio de Janeiro. Aos funcionários do Arquivo Nacional, Arquivo Municipal do Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e Iserj.

Aos amigos (as) do Núcleo de Estudos Escola e seus Objetos (NEO): Maurício, Raquel, Ricardo, Matheus, Daniela, André, Carolina, Carina, Bruno, Pamela e Alessandra. Aprendi muito com cada um de vocês. Nosso trabalho no processo de Inventário no Arqui, nossos estudos, nossas idas aos congressos. Tudo isso foi imprescindível para a construção da minha pesquisa. Mas sabemos que esse grupo não é só isso, o carinho e a amizade que construímos, a rede de apoio o companheirismo, são coisas que devem ser celebradas. As amizades que fiz quero levar para a vida. Afinal, isso é muito mais do que um grupo de pesquisa.

Um carinho especial para Andrezza Cameski e Junior (em memória), meus amigos queridos, parceiros de alegrias, risadas e momentos difíceis. Andrezza, obrigada pelo apoio, amizade e pela revisão desse trabalho, sua força me inspira.

Agradecimento especial para a rede de mulheres empoderadas que tenho orgulho em poder chamar de amigas: Flávia, Ana Paula, Bianca, Eleny, Iraci, Roseli, Thaís, Paula, Carina e Heloísa. Quanta admiração eu tenho por vocês e como sou grata. Vocês fazem parte da mulher que eu tenho lutado para me transformar, e que bom poder compartilhar isso com vocês. Juntas somos mais fortes.

Aos meus companheiros(as) de luta: Aly, Carrasco, Carol, Daniela, Fábio, Márcio e companheiros do Partido dos Trabalhadores. Muito obrigada pelo aprendizado e pela amizade dos últimos anos. Tem sido um período muito difícil, mas é bom saber que não estamos sozinhos. Seguimos na luta, companheiros.

Minha família, meus pais Elton e Walkyria, sem vocês isso não seria possível. Muito obrigada por estarem ao meu lado, por me apoiarem nas minhas decisões. Ao meu irmão Gabriel, por ser uma inspiração. Aos meus avós: Maria do Carmo, Enésio (em memória), Antônia e Newton. Sei que esse ano de pandemia foi muito difícil para vocês, mas passamos por ele. Muito obrigada por me formarem com tanto amor e respeito.

Essa pesquisa de doutorado foi financiada pelo CNPq, a quem agradeço imensamente.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Pena da assinatura de fundação do <i>Pedagogium</i> . s.d.....	102
<b>Figura 2</b> – Planta <i>Pedagogium</i> térreo e primeiro andar. 1893.....	112
<b>Figura 3</b> – Planta <i>Pedagogium</i> 2º e 3º andar. 1893.....	113
<b>Figura 4</b> – Planta do <i>Pedagogium</i> Novo Edifício. 1895.....	116
<b>Figura 5</b> – Fachada <i>Pedagogium</i> no Passeio Público. 1922.....	119
<b>Figura 6</b> - A exposição de trabalhos escolares no <i>Pedagogium</i> .1906.....	153
<b>Figura 7 e 8</b> – Exposição Escolar Escola Bazílio da Gama -1906.....	154
<b>Figura 9</b> - Exposição Escolar Anual 8ª escola do 9º distrito.....	154
<b>Figura 10</b> - Conferência Pública no <i>Pedagogium</i> . 1910.....	162
<b>Figura 11</b> - Conferência Pública no <i>Pedagogium</i> . 1910.....	163
<b>Figura 13</b> - Peça anatômica – Tronco de Homem.....	170
<b>Figura 14</b> - Microscópio Solar.....	173
<b>Figura 15</b> - Máquina de Carré.....	174
<b>Figura 16</b> - Bobina de Ruhmkorff.....	175
<b>Figura 17</b> - Cosmógrafo Girod.....	177
<b>Figura 18</b> - Cosmógrafo de Mouret.....	178
<b>Figura 19</b> – Gabinete de História Natural do <i>Pedagogium</i> - 1892.....	182
<b>Figura 20</b> - Gabinete de Física do <i>Pedagogium</i> - 1892.....	184
<b>Figura 21</b> – Oficina de Trabalhos Manuais do <i>Pedagogium</i> – 1892.....	186
<b>Figura 22</b> – Sala de desenhos do <i>Pedagogium</i> – 1892.....	187
<b>Figura 23</b> – Museu Escolar Saffray. 1885.....	197
<b>Figura 24</b> – Globo terrestre Levasseur Delagrave. 1892.....	199
<b>Figura 25</b> – Museu Industrial Escolar Dorangeon. 1892.....	201
<b>Figura 26</b> – Quadros de educação escolar e pinturas decorativas Armengaud. 1892.....	202
<b>Figura 27</b> – Catálogo Aux Forges de Vulcain. 1923.....	204
<b>Figura 28</b> – Coleção Globos Terrestres Baker Pratt & Comp. 1879.....	207
<b>Figura 29</b> – Triumph School Desk Baker Pratt & Comp. 1879.....	208
<b>Figura 30</b> – Limpadores Eraser Baker Pratt & Comp. 1879.....	209
<b>Figura 31</b> – Livraria D. Appleton & Company.....	210
<b>Figura 32</b> – Móvel escolar Armando Vidal. 1893.....	211
<b>Figura 33</b> – Banco-carteira Marcenaria Brasileira. 1894.....	212
<b>Figura 34</b> – Casa Paul Rosseau & Cie. 1896.....	215
<b>Figura 35</b> – Charles Vautelet. 1897.....	216
<b>Figura 36</b> – Sindicato de Móveis e material escolar. 1893.....	217
<b>Figura 37</b> – Catálogo American Book Company. 1902.....	221
<b>Figura 38</b> – Catálogo Volckmar. 1910.....	223
<b>Figura 39</b> – Anúncio Exposição Material Escolar Volckmar. 1912.....	226
<b>Figura 40</b> – Material Escolar Volckmar. 1912.....	227
<b>Figura 41</b> – Estande de vendas Volckmar .1910.....	228
<b>Figura 42</b> – Material João Köpke – 1891.....	276
<b>Figura 43</b> – Material João Köpke – 1891.....	277
<b>Figura 44</b> – Transferência do acervo do <i>Pedagogium</i> . 1919.....	313

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Número de ocorrências da palavra “Pedagogium” .....	28
<b>Quadro 2</b> – Relação dos museus pedagógicos criados entre 1850-1906 .....	63
<b>Quadro 3</b> – Diretores do Pedagogium.....	135
<b>Quadro 4</b> - Premiação Exposição Escolar Anual – 1891 .....	148
<b>Quadro 5</b> – Premiação de Professores Exposição Escolar Anual 1891 .....	150
<b>Quadro 6</b> - Coleção de História Natural .....	167
<b>Quadro 7</b> - As empresas de materiais didático no Pedagogium 1892.....	191
<b>Quadro 8</b> – Acervo da Biblioteca do Museu Escolar Nacional .....	238
<b>Quadro 9</b> – Catálogo dos periódicos, revistas e jornais de educação e ensino - 1894 .....	241
<b>Quadro 10</b> - Relação de cursos e professores em 1895.....	251
<b>Quadro 11</b> – Relação de cursos e professores em 1896.....	255
<b>Quadro 12</b> – Relação de cursos e professores em 1897.....	261
<b>Quadro 13</b> – Relação de cursos e professores em 1902.....	262
<b>Quadro 14</b> – Relação de cursos e professores em 1903.....	263
<b>Quadro 15</b> – Relação de cursos e professores em 1904.....	264
<b>Quadro 16</b> – Relação de cursos e professores em 1905.....	265
<b>Quadro 17</b> – Relação de cursos e professores em 1906.....	266
<b>Quadro 18</b> – Seção Pedagogia – Português e Alfabetização .....	273
<b>Quadro 19</b> – Seção Pedagogia: Educação dos Sentidos e Lição de Coisas .....	278
<b>Quadro 20</b> – Curso Graduado de Instrução e Manual de Métodos.....	279
<b>Quadro 21</b> – Material geral para Ginástica dos Sentidos.....	283
<b>Quadro 22</b> – Linguagem em Lições de Coisas .....	285
<b>Quadro 23</b> – Seção Pedagogia – Matemática.....	286
<b>Quadro 24</b> – Seção Pedagogia – História e Geografia.....	287
<b>Quadro 25</b> – Seção Pedagogia – Ginástica .....	289
<b>Quadro 26</b> – Seção Pedagogia: Trabalhos Manuais.....	289
<b>Quadro 27</b> – Modelo de uma lição de dobradura.....	290
<b>Quadro 28</b> – Seção Pedagogia – Agronomia .....	293
<b>Quadro 29</b> - Questionário Agronomia .....	294
<b>Quadro 30</b> – Seção Pedagogia: Educação de cegos e surdos-mudos.....	298
<b>Quadro 31</b> – Seção Pedagogia – Educação moral e cívica .....	299
<b>Quadro 32</b> – Seção Pedagogia – Música.....	300
<b>Quadro 33</b> – Seção Pedagogia – Diversos .....	300
<b>Quadro 34</b> - Crônicas do Exterior .....	303

# SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	13
O que dizem as pesquisas sobre o <i>Pedagogium</i> .....	15
Fontes e procedimentos metodológicos .....	27
<b>Capítulo 1. A disseminação de museus pedagógicos (séc. XIX)</b> .....	41
1.1 Definições, função e breve histórico dos Museus .....	41
1.1.1 Exposições, Museus e o Caráter das Exposições .....	47
1.2 Museus Escolares e Museus Pedagógicos – outras tipologias de museus.....	58
1.3 Cenário internacional – Museus Pedagógicos em uma abordagem transnacional .....	63
1.4 Museus Pedagógicos no eixo Ibero-americano .....	73
<b>Capítulo 2. Museu pedagógico nacional – panorama geral</b> .....	80
2.1 Antecedentes da Fundação do <i>Pedagogium</i> : um congresso frustrado .....	80
2.1.1 Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro de 1883 .....	82
2.1.2 Museu Escolar Nacional.....	91
2.2 O endereço do <i>Pedagogium</i> – um objeto social da cidade.....	98
2.3 Defesas e críticas – as discussões sobre o <i>Pedagogium</i> e os processos de municipalização .....	120
2.4 Função social e pedagógica: funcionários, rotina e formação.....	132
2.4.1 Funcionários do <i>Pedagogium</i> .....	133
2.4.2 Menezes Vieira.....	137
2.4.3 Manuel Bomfim .....	141
2.4.4 Exposição Escolar Anual – verificação da qualidade escolar .....	145
2.4.5 Visitas – o uso escolar do Museu Pedagógico .....	156
2.4.6 Concurso para Materiais: um incentivo ao método intuitivo .....	158
2.4.7 Eventos Externos – o uso social do <i>Pedagogium</i> .....	162
<b>Capítulo 3. O acervo do <i>Pedagogium</i> – um museu de grandes novidades</b> .....	166
3.1 As coleções do <i>Pedagogium</i> : os objetos do Museu .....	166
3.2 As Exposições do <i>Pedagogium</i> : a organização visual do museu .....	179
3.3 <i>Pedagogium</i> : uma vitrine comercial .....	189
3.4 Inovação e Tecnologia: as imagens de ciência e técnica difundidas pelo <i>Pedagogium</i> ..	230

<b>Capítulo 4. Conhecimento: os espaços e as ações para a formação de professores</b>	238
4.1 A biblioteca do <i>Pedagogium</i> : um espaço de organização do conhecimento.....	238
4.2 <i>Pedagogium</i> como um centro educacional: captação de difusão de conhecimentos para o professorado e o “público em geral” .....	245
4.3 A <i>Revista Pedagógica</i> : a circulação do conhecimento .....	269
4.3.1 Os conteúdos divulgados pela <i>Revista Pedagógica</i> .....	272
4.3.2 Práticas que viajam e a circulação transnacional do conhecimento .....	303
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	320
<b>Documentação Consultada</b> .....	333
<b>Anexos e Apêndices</b> .....	336
<b>APÊNDICE A</b> – Objetos do <i>Pedagogium</i> .....	336
<b>ANEXO A</b> – Viagens Pedagógicas envio de objetos por Professor .....	351
<b>ANEXO B</b> – Histórico Deyrolle.....	403
<b>ANEXO C</b> – Gabinete de História Natural do <i>Pedagogium</i> - 1892 .....	405
<b>ANEXO D</b> - Gabinete de Física do <i>Pedagogium</i> - 1892 .....	406
<b>ANEXO E</b> – Oficina de Trabalhos Manuais do <i>Pedagogium</i> – 1892 .....	407
<b>ANEXO F</b> – Sala de desenhos do <i>Pedagogium</i> – 1892.....	408
<b>ANEXO G</b> – Nota Fiscal Marcenaria Brasileira – antiga fábrica de Móveis Moreira Santos. 1894.....	409
<b>ANEXO H</b> – Nota Fiscal Livraria Luso-Brasileira. 1899 .....	410
<b>ANEXO I</b> – Livros Franceses – Livraria internacional .....	411
<b>ANEXO J</b> – Casa da águia importadores .....	413
<b>ANEXO K</b> – Nota Fiscal Jornal <i>O Paiz</i> .....	414
<b>ANEXO L</b> – Nota Fiscal <i>Jornal do Commercio</i> .....	415
<b>ANEXO M</b> – Nota Fiscal James Mitchell & Cia. Engenheiros, empreiteiros e importadores.....	416
<b>ANEXO N</b> – Nota fiscal Gazeta de Notícias .....	417

## INTRODUÇÃO

Pelo Programa de Estudos Pós-Graduados “Educação: História Política, Sociedade” (PEPG-EHPS), na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, defendi, em 2015, a pesquisa de mestrado intitulada: *Museus Escolares no Estado de São Paulo (1879-1942)*, sob a orientação da Profa. Dra. Katya Braghini. A pesquisa de mestrado, assim como a presente tese de doutoramento, está inserida nas discussões no programa de pesquisa “A história da escola por seus objetos: etno-história da escola brasileira – séculos XIX e XX” e no Núcleo de Estudos Escola e seus Objetos (NEO).

Tanto a pesquisa de mestrado anteriormente defendida como a presente tese de doutoramento estão inseridas nas discussões que buscam compreender como se deu a inserção da tecnologia, da cultura de inovações e de modernidades do ensino adotadas pelas políticas educacionais do país em consonância com a educação mundial.

A história dos museus escolares e a história do Museu Pedagógico Nacional fazem parte das modificações epistemológicas ligadas a novas formas de representar o conhecimento produzido pelas ciências e decifrar a natureza. Não se pode dizer que todos os materiais apresentados no *Pedagogium* dizem respeito ao ensino das ciências. Entretanto, levando em consideração os interesses de pesquisa do Núcleo de Estudos Escola e seus Objetos (NEO) sobre a história da educação em ciências, não se pode deixar de destacar que parte da história deste museu nacional pensado à educação diga respeito à ciência. Esses materiais didáticos específicos evidenciavam fenômenos científicos e ensinavam por meio de diferentes formas de observação, além de estarem atrelados às prescrições de disciplinas como Física, Química, História Natural, Astronomia etc.

Vale lembrar que tanto os museus escolares quanto os museus pedagógicos funcionavam como uma composição de materiais didáticos que serviam para formar cidadão aptos a lidar com as modificações do mundo. São resultados de um tempo e projetores de futuro (Marchi da Silva e Braghini, 2017, pp. 255-256).

As prescrições que determinavam o uso de museus escolares indicavam aos professores os usos de materiais estimulando um ensino dito “prático”. Este era o principal fundamento do chamado método intuitivo, conhecido como “lição de coisas”. Dessa forma, a aprendizagem acontecia por meio da observação de diferentes tipos de objetos, escolhidos de acordo com o assunto que deveria ser aprendido. Vale ressaltar que

o estudo de Kahn (2014), no entanto, faz uma reflexão sobre o que categoriza como uma definição plural do termo “lições de coisas”.

Segundo o pesquisador, lições de coisas não devem ser somente ligadas ao ensino científico, muito embora na França essa disciplina seja a expressão do ensino científico, mas sim, entendida como uma “expressão geral do método intuitivo, uma aplicação desse método, o prefácio de todos os estudos” (Kahn, 2014, p. 183).

A presente pesquisa segue uma curiosidade já presente ao longo dos trabalhos de mestrado; uma vez que a dissertação tratava de museus escolares, a documentação, recorrentemente, referia-se ao *Pedagogium*. Há polissemia de significados para o que eram os museus escolares porque eles são apresentados de diferentes formas: museus para guarda de objetos em armários, coleção de quadros parietais, gabinetes e espaços em salas de aula (Petry, 2013). O objetivo da pesquisa do mestrado foi compreender como eram organizados esses museus escolares no Estado de São Paulo, observando sua diversidade de apresentações. Para tanto, a pesquisa focou principalmente o museu escolar do “tipo armário”, pois esta definição, por si só, já apresentava diferentes tipos de formatos e composições diversas de objetos.

A periodização também foi delimitada a partir da análise da legislação específica sobre a instalação de museus escolares em estabelecimentos de ensino, sendo o recorte inicial focado na primeira menção sobre a utilização de museus escolares em 1879, na Reforma Leôncio de Carvalho, e a delimitação em 1942, quando se percebe a organização de museus regidos pelo Código de Educação do Estado de São Paulo (1933), que demarcou novas especificidades para a apresentação e o uso de museus escolares.

Ao longo da pesquisa, concluiu-se que o museu escolar era um vetor para práticas didáticas, com significações particulares dadas por aluno e professor dentro da escola e que a sua composição variava também por conta das possibilidades de investimento e o entendimento das prescrições, rendendo-lhe diversas tipologias.

Ao perseguir a história da instituição e utilização dos museus escolares nos estabelecimentos de ensino, percebeu-se que o Estado não somente divulgou, incentivou e orientou por meios legais a utilização dos museus escolares, como criou órgãos que deveriam ser responsáveis pelo envio de materiais e orientações aos professores sobre como organizar museus escolares. O Decreto nº 981 de 8 de novembro de 1890, conhecido como Reforma Benjamin Constant, aprovou o regulamento da Instrução Primária e Secundária do Distrito Federal. A partir desta reforma educacional, surgiu o primeiro passo ao estudo do *Pedagogium*, levando em consideração que tal dispositivo

também aprovou a criação de um órgão que seria responsável pela formação de professores: o Museu Pedagógico Nacional, posteriormente conhecido como *Pedagogium*.

A instituição do *Pedagogium* desperta atenção não somente por ser um órgão de orientação ao ensino concreto e uso de museus escolares, conforme apontou a pesquisa de mestrado, mas também, pela sua criação e funcionamento. A ideia de pesquisar esta instituição aconteceu pela curiosidade que se passou a ter pela circulação de tais objetos, ditos por “inovações” pedagógicas e que trazem consigo não apenas a ideia de que são recursos de ensino, já que até mesmo isto tem que ser testado historicamente, mas também teorias de ensino, idealizações e conteúdo, interesses mercantis que foram conectados aos tais materiais e apresentados como imprescindíveis ao bom ensino.

Esta pesquisa apresenta a história do Museu Pedagógico Nacional – *Pedagogium* fundado em 1890, pelo Decreto de Lei nº 667. De acordo com o decreto, a instituição tinha por objetivo:

Constituir-se centro impulsor das reformas e melhoramentos de que carece a instrução nacional, oferecendo aos professores públicos e particulares os meios de instrução profissional de possam carecer, a exposição de melhores métodos e de material de ensino mais aperfeiçoado (BRASIL, 1890, Decreto de Lei nº 667).<sup>1</sup>

Para tanto, o decreto previa ainda que neste Museu deveriam constar: a boa organização e exposição permanente de um Museu Pedagógico; conferências e cursos científicos adequados ao fim da instituição; gabinetes e laboratórios de ciências físicas e naturais; concursos; exposições escolares anuais; direção de uma escola primária modelo; instituição de uma classe-tipo de desenho e de oficinas de trabalhos manuais; organização de coleções-modelos para o ensino científico concreto nas escolas públicas; publicação de uma Revista Pedagógica.

### **O que dizem as pesquisas sobre o *Pedagogium***

De acordo com Kuhlmann Jr. (2013, p. 34) a palavra *Pedagogium* pode ter origem na Roma antiga no Monte Palatino, compondo o Palácio de Domiziano, onde foi erguido um prédio com aquele nome, destinado à formação dos servos imperiais. Ainda segundo

---

<sup>1</sup> A transcrição deste documento passou por uma atualização gramatical.

Kuhlmann Jr. (2013), o nome fora adotado por uma instituição alemã no século XVIII e talvez tenha servido de inspiração para a denominação do estabelecimento brasileiro:

No século XVIII, há informações sobre o *Pedagogium* inaugurado por Francke, reformador educacional pietista, em Halle, na Alemanha, destinado a preparar professores para as suas escolas, que teria sido equipado com um museu de história natural, um laboratório de química, aparelhos para experimentação em física e um jardim botânico. Na bibliografia e nas fontes estudadas, não há qualquer menção a essas duas instituições. É possível imaginar que, talvez, a escola de Francke tenha recorrido à denominação romana e também inspirado a criação do *Pedagogium* de Viena. Está última escola, por sua vez, foi referenciada explicitamente nas fontes como modelo para a criação da instituição brasileira (Kuhlmann Jr., 2013, p. 34).

Bastos (2002), na obra *Pro Patria Laboremus: Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897)*, faz um estudo dedicado a Menezes Vieira e ao seu trabalho pedagógico. No capítulo final deste livro, a autora trata mais especificamente sobre a direção deste professor no *Pedagogium*. A pesquisadora afirma que a fundação do *Pedagogium* pode ser considerada como uma modernidade educacional já que foi uma das mais importantes iniciativas republicanas em relação à formação dos professores (Bastos, 2002, p. 251).

Em artigo sobre a história do *Pedagogium* Bastos (2018) faz um breve retrospecto da história do museu, mostrando que sua fundação tem debates que aconteceram ainda no Império, além da sua ligação com a Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro de 1883, aponta também o nome de personagens importantes para seu nascimento como Rui Barbosa, Benjamin Constant, Franklin Dória e Menezes Vieira. Sobre este, a pesquisadora afirma que o Museu fora totalmente realizado pelo seu primeiro diretor. É bem verdade que Menezes Vieira tem uma importante atuação para o funcionamento e condução dos primeiros anos de vida da instituição. Mas, ao longo desta pesquisa veremos que outros personagens são igualmente importantes para que o *Pedagogium* funcionasse da maneira como foi ao longo do período em que esteve aberto.

A respeito da nomeação de Menezes Vieira como diretor da instituição, Bastos (2002) afirma que o então diretor pode ser considerado o criador e grande estimulador do funcionamento instituição:

Em 20 de agosto de 1890, Benjamin Constant nomeia o Dr. Menezes Vieira como diretor do *Pedagogium*, que pode ser considerado o seu criador e grande estimulador. No dia seguinte à nomeação, Menezes Vieira envia carta a Benjamin Constant pedindo o favor dispensar-lhe do cargo, com a justificativa de que ‘nos termos do regulamento dessa

instituição e nos limites do seu orçamento falece-me a capacidade para corresponder à honrosa confiança que V. Exa. em mim deposita'. Aqui estava registrado o início de uma luta constante e bastante desgastante, vinculada a orçamento, prédio, recursos, que Menezes Vieira empreendeu com as autoridades federais para a manutenção e desenvolvimento do *Pedagogium*. Era considerado a *cabeça que pensara o Pedagogium*, e os demais eram os braços que executaram (Bastos, 2002, p. 274).

Percebe-se neste trecho um dos empecilhos que fizeram Menezes Vieira recusar inicialmente o cargo de diretor da instituição: a falta de verba para a sua manutenção e funcionamento. Tal dificuldade foi constante no tempo em que esteve no cargo, conforme descreve a pesquisadora.

Em outro trecho, a pesquisadora descreve quais eram as funções do então diretor, atestando os seus múltiplos afazeres e a razão de ele poder ser considerado “a cabeça que pensara o *Pedagogium*”:

Segundo o Decreto nº 980, de 8 de novembro de 1890, Menezes Vieira, como diretor do *Pedagogium*, deveria dirigir as conferências e cursos científicos; fixar a disposição geral do museu e o plano de classificação das coleções; adquirir livros, periódicos, instrumentos, aparelhos e quaisquer outros objetos segundo as necessidades do museu; mandar imprimir catálogos, notícias, programas, etc.; dirigir a revista pedagógica; propor o assunto e o plano para os livros clássicos, assim como as normas, planos ou modelos de edifícios escolares, móveis, quadros decorativos, mapas, museus tecnológicos, instrumentos ou aparelhos que o conselho diretor tenha de mandar fazer para as escolas públicas; dirigir de acordo com a disposição do conselho diretor, e do inspetor-geral, os trabalhos da escola modelo e das oficinas; realizar as exposições escolares anuais de conformidade com o programa aprovado pelo conselho diretor; visitar escolas públicas primárias, quando designado pelo inspetor-geral, e informá-lo sobre o observado e julgado conveniente aplicar-lhe quanto à organização material e pedagógica; convocar, quando o inspetor-geral julgar conveniente, os professores de instrução pública primária e familiarmente discutir os métodos, sistemas, modos, formas e processos de ensino, empregados no país e no estrangeiro; recomendar-lhes a leitura dos melhores autores da biblioteca pedagógica e do museu, demonstrar-lhes a utilidade dos instrumentos, aparelhos e coleções ali existentes; apresentar ao inspetor-geral um relatório anual e o balanço da receita e despesa do *Pedagogium*. (...) Além de diretor do *Pedagogium*, Menezes Vieira exercia outras funções decorrentes do cargo, tais como membro do Conselho Diretor da Instrução Pública, editor da Revista Pedagógica. Todos os sábados, a uma hora da tarde, ficava à disposição dos visitantes do *Pedagogium*, para acompanhá-los e dar-lhes informações a respeito dos objetos expostos (Bastos, 2002, pp. 275-276).

Mais do que meramente burocrática, a função do diretor do *Pedagogium* era principalmente fazer desta instituição um modelo a ser seguido por todos os demais estabelecimentos de ensino, desde a composição de materiais didáticos, até a formação de professores. Percebe-se que o diretor era figura importante para o funcionamento do Museu, desde a organização dos cursos, que eram publicados no periódico oficial, na organização e aquisição de acervos. Nesse sentido, analisar o Museu é também conhecer o que o seu diretor acreditava e propagava.

Ainda de acordo com Bastos (2002, p. 281), os cursos e conferências ministrados pelo *Pedagogium* refletiam a modernidade republicana, com ênfase nos conhecimentos científicos.

O *Pedagogium* ministrava cursos e conferências, que versavam sobre métodos de ensino e sobre ciências matemáticas, físicas e história natural, cujo conhecimento é indispensável aos professores, para o perfeito desempenho dos programas escolares modernos. A ênfase no conhecimento científico, tanto nos cursos e conferências como nos gabinetes e laboratórios implantados, refletia a modernidade pedagógica republicana. Menezes Vieira considerava cursos/conferências como um movimento de vulgarização científica, amplamente adotado na Europa e EUA sob o nome de extensão universitária (Bastos, 2002, p. 281).

Nota-se que as medidas republicanas de formação de professores competentes no ensino concreto seguiam, simultaneamente, um movimento pedagógico tanto europeu quanto estadunidense. Dessa forma, a intenção dos republicanos era transformar a pedagogia ou modernizá-la, por meio da formação de professores. Ainda de acordo com Bastos (2002), pensando na formação de professores, eram promovidas “Exposições Escolares Anuais” que aconteceram entre os anos 1881 até 1896. Havia também a escola-modelo que tinha por objetivo principal a experimentação dos novos processos, métodos, modos e das formas de ensino, tudo feito com base nos regulamentos e programas adotados para as escolas públicas primárias (Bastos, 2002, pp. 283-287).

A escola modelo, a qual Bastos (2002, 2018) se refere, na verdade, não chegou a ser instalada. Em dois momentos, o periódico oficial do Museu relatou as dificuldades da instalação da escola modelo como previa o seu regulamento de fundação. Em 1895, uma nota publicada na *Revista Pedagógica* informou que ainda não tinha sido possível oferecer uma escola modelo, pois o atual endereço da instituição não tinha espaço físico (*Revista Pedagógica*, 1895, n. 43, p. 77). No ano seguinte, já instalado na Rua do Passeio Público, nova nota do periódico nos conta que a escola modelo ainda não tinha sido

instalada. Nenhum outro documento sobre os anos seguintes de funcionamento do estabelecimento relata o funcionamento de uma escola modelo do *Pedagogium* (*Revista Pedagógica*, 1896, n. 47, p. 99)

Com relação à *Revista Pedagógica*, esta seria uma edição mensal, publicada entre novembro de 1890 até janeiro de 1897, distribuída gratuitamente à:

Secretaria do Ministério da Instrução Pública; à Inspeção-Geral da Instrução Primária e Secundária; aos professores públicos primários do 1º e 2º graus; aos professores Ginásio Nacional (internato e externato); da escola normal, das escolas municipais; inspetores e diretores da Instrução Pública nos diferentes estados; aos principais periódicos nacionais e estrangeiros bem como às bibliotecas dos museus pedagógicos existentes na Europa, América e Ásia (Bastos, 2002, p. 290).

Cabia à *Revista Pedagógica* a publicação de assuntos oficiais relativos às instruções primárias e secundárias, bem como informações sobre as conferências e cursos oferecidos pelo *Pedagogium*, compartilhar os ideais de pedagogia de autores brasileiros e estrangeiros, críticas sobre métodos de ensino ou qualquer informação relativa à pedagogia nacional que pudesse ser útil ao professorado (Bastos, 2002, p. 290).

As pesquisas de Bastos (2002, 2018) trazem informações importantes a respeito da formação e do funcionamento do Museu Pedagógico por meio da atuação do seu primeiro diretor Menezes Vieira. Talvez porque tenha sido justamente o primeiro a ocupar essa posição, convidado por Benjamim Constant, o que muitas vezes centraliza a sua figura como o principal pensante do museu. Veremos que o trabalho deste diretor é essencial para os primeiros anos da instituição, e muito do que foi feito realmente aconteceu por conta das convicções deste intelectual. Mas, o mesmo Museu apresenta variações de perspectiva educacionais e sociais, conforme o passar dos anos e mudanças na sua direção.

O trabalho organizado por Mignot (2013), intitulado *Pedagogium – Símbolo da Modernidade Educacional Republicana*, apresenta uma série de artigos que discutem desde a fundação da instituição até a influência do espólio do *Pedagogium* para os dias atuais.

Kuhlmann Jr. (2013) trata da criação e das finalidades do *Pedagogium*. De acordo com o pesquisador, o processo de monumentalização da instituição, provocado pela República e pelo culto a imagem de seu fundador, teve como consequência a superestimação do órgão. Segundo o pesquisador, os trabalhos sobre a instituição não

deram conta de seus limites de funcionamento e potencialidades. O pesquisador joga luz ainda sobre as origens da instituição, sendo este resultado do espólio de um museu anterior. Para o autor, o *Pedagogium* tinha como base a “legislação republicana que levou a sua constituição, sob o prisma da difusão internacional de padrões para a legitimação do Estado Nação moderno” (Kuhlmann Jr, 2013, p. 25).

É possível que essa superestimação do Museu que Kuhlmann Jr. crítica seja mais um produto de seu próprio tempo e de personagens que batalharam para a afirmação da instituição, ligando seu funcionamento diretamente aos valores republicanos, do que uma interpretação produzida por uma bibliografia que se propôs a pesquisar o Museu. Realmente é preciso tomar cuidado para não cair no discurso de que o Museu era o mais importante símbolo da política educacional republicana, mas, ao mesmo tempo, não dá para desconsiderar o relevante debate político que gerou a sua fundação, funcionamento e extinção. Políticos, intelectuais e educadores desde o período imperial debatiam a necessidade de criação de um Museu Pedagógico Nacional resultando numa movimentação legislativa, educacional, que não pode ser desconsiderada no momento de analisar o *Pedagogium*.

Tratava-se de uma instituição que visava representar “nacionalmente” os interesses educacionais do país, mediante a prática de uma série de atividades, cursos, conferências, exposições, ações de uma escola-modelo etc., sempre marcada por seu objetivo maior que é a formação de professores.

Kuhlmann Jr. faz menção aos termos “templo, vitrine e teatro” para caracterizar a instituição:

Templo, vitrine e teatro são metáforas utilizadas, em maior ou menor grau, em análises que se referem a celebração do progresso ocorrida no final do século XIX e início do século XX, com a intensa difusão internacional de padrões para a legitimação do Estado-Nação moderno, como, por exemplo, em pesquisa sobre as exposições universais e a educação brasileira (Kuhlmann Jr., 2013, p. 27).

Seguindo nessas metáforas, para este autor, a prática da educação dos sentidos aconteceria nas vitrines e nas exposições, ganhando ainda mais notoriedade dentro dos museus:

A educação dos sentidos acontecia nas vitrines e nas exposições, nos espaços urbanos reformados e seus edifícios modernos, nas escolas e nas instituições de cultura, como nos museus. (...) Associada às lições de coisas, a palavra museu ganha notoriedade, com sentidos muito mais abrangente e diferenciados do que o de um museu científico, e assim

foi apropriada nas propostas relacionadas aos sistemas educacionais. Por exemplo, por um lado, na Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro, em 1883, os senhores Faro e Lino, da livraria Contemporânea, apresentavam o “museu das escolas” – caixas do mesmo tipo que as fornecidas às escolas pela municipalidade de Paris, que continham: pedras, e metais; madeira, louças e vidros; iluminação e aquecimento; vestuário, duas caixas; alimentação, outras duas anunciavam-se mais três outras caixas para breve. Por outro lado, o conjunto dos materiais exibidos na Exposição Pedagógica veio a compor o Museu Escolar Nacional, acervo legado ao *Pedagogium*. No primeiro caso, museu seria sinônimo de material didático utilizado nas lições de coisas. No segundo, museu aproxima-se do sentido de museu científico, mas ganha contornos específicos da sua condição escolar ou de pedagógico, como foi chamado posteriormente (Kuhlmann Jr., 2013, pp. 30-32).

O autor identifica que os modos de exibição tanto de museus escolares, ou “museus das escolas” – conforme aponta citação – e museus científicos e pedagógicos, podem ser considerados como vitrines, o que é uma metáfora recorrente na bibliografia. Museus escolares seriam aqueles ligados ao ensino das lições de coisas. No caso do *Pedagogium*, ele se aproxima dos museus científicos, o que pode significar que ele acompanha o grande movimento de abertura de museus pelo mundo, mas tem os seus contornos específicos, já que é voltado à educação.

Kuhlmann Jr (2013) afirma ainda que o processo de monumentalização da instituição ocorre já na escolha de seu nome:

A monumentalização do *Pedagogium* já aparece na sua denominação, uma palavra latina que dá o tom solene e, de certo modo, converge com a sua condição de templo, se pensarmos no latim como a língua da Igreja Católica. Entretanto, também pode se entender o uso do latim como a língua da ciência, legitimadora da modernidade daquela instituição (Kuhlmann Jr., 2013, p. 34).

O autor analisa ainda que a instituição não fora criada seguindo somente a influência francesa ou norte-americana. Para além disso, segundo o autor, o *Pedagogium* está inserido num amplo processo de difusão civilizatória internacional:

Enfim, o que se pode depreender do processo de constituição do *Pedagogium* é que ele não foi pensado como versão nacional do *Bureau of Education* norte-americano, nem tampouco se espelhou em alguma instituição francesa. As influências internacionais foram mais difusas e referidas, sim, a esses dois países, mas também a outros, além da Áustria, o que referenda a inserção do *Pedagogium* nesse processo mais amplo de difusão internacional de modelos civilizatórios que ocorria na segunda metade do século XIX (Kuhlmann Jr., 2013, p. 36).

O autor finaliza a análise afirmando que a instituição era muito frágil para representar o local de discurso oficial do governo:

Embora glorificado nas páginas de sua revista, situado no contexto de devoção, exposição e encenação da modernidade educacional, fica difícil manter a interpretação de que, com toda a sua fragilidade, o *Pedagogium* fosse o “lugar de produção do discurso oficial”, que tivesse implantado um projeto republicano de desenvolvimento da educação nacional, almejando a transformação da sociedade brasileira, como foi caracterizado na historiografia educacional (Kuhlmann Jr., 2013, p. 40).

Ao longo do seu artigo, Kuhlmann Jr. pretende amenizar a ideia de que o *Pedagogium* era um grande e forte símbolo da República. É verdade que o Museu Pedagógico não era uma unanimidade política, o que pode apontar para uma fragilização de sua existência. A pesquisa de Bastos (2002, 2018) dá sinais dos arranjos políticos e das personagens influentes que estavam diante da sua formação desde os tempos do Império. O *Pedagogium* pode ter tido um tempo de existência relativamente curto e enfrentou dificuldades ao longo dos anos de seu funcionamento, mas isso também não significa que ele não tenha sido um espaço de relevância para o debate educacional precisamente, pois era um espaço disputado no período. Mais do que uma política educacional unívoca, o período republicano talvez possa ser mais bem analisado como um momento em que os objetivos educacionais estavam sendo redesenhados por pessoas que circulavam por outros países em busca de novas ideias. Esse contexto faz com que o *Pedagogium* seja um espaço republicano porque acabou se configurando, ao longo dos anos, como uma instituição de experimentação, debates, disputas, divulgação e circulação de conhecimento.

Já Alves (2013), buscou compreender a formação de Benjamin Constant e como esta foi crucial na formação do Museu Pedagógico. De acordo com a pesquisa de Alves (2013), o “pai do *Pedagogium*” fora formado pelos ideais positivistas, portanto, a criação de tal instituição sofreu influências diretas de tal ideário, no sentido de pensá-lo como sede de conhecimento educacional e indicador de progresso.

Essa visão de que Benjamin Constant é grande responsável e a célula inicial do *Pedagogium* é algo que talvez tenha sido criado pela própria *Revista Pedagógica* ao longo dos anos, quando dirigida por Menezes Vieira, que fazia questão de enaltecer Benjamin Constant, propagando essa ideia de vê-lo como o pai do *Pedagogium*. Ao reconstituir o histórico de formação do Museu, veremos que outros nomes inseridos neste debate

indicaram a necessidade de um museu pedagógico. Alguns destes nomes foram Leôncio de Carvalho, Rui Barbosa e Franklin Dória (Bastos, 2018; Collichio, 1987).

Alves (2013) identifica também que a segunda metade do século XIX fora marcada especialmente pelo foco na abordagem científica e no avanço tecnológico:

Também dificuldades materiais de diversas ordens chocavam-se com concepções cada vez mais exigentes do currículo escolar. No rastro do avanço tecnológico e das mudanças que ele vinha promovendo na vida social, sobretudo no ambiente urbano, na segunda metade do século XIX, os processos educativos passaram a ser objeto de novos olhares. Modificou-se a percepção da infância e emergiu uma visão da aprendizagem muito mais atenta às características específicas dessa fase da vida, agora sob o foco de abordagem científica (Alves, 2013 p. 49).

Nota-se que o *Pedagogium* fora inserido num período em que a educação era pensada no sentido de mudança de percepção sobre a infância e, por consequência, de sua aprendizagem, ambas pautadas também pelo conhecimento científico. De acordo com os estudos desta pesquisadora, a escola deste período, para uma parte dos intelectuais, deveria ensinar os alunos a sistematizar, classificar e hierarquizar, a fim de conhecer, sobretudo, a evolução da humanidade. Alves afirma (2013, p. 51) que o *Pedagogium* concretiza esse modelo de educação, por meio da formação de professores que estariam aptos a cumprirem seus papéis, colocando em circulação os modelos pedagógicos em voga.

Outro trabalho apresentado por Bastos (2013) defende que Menezes Vieira era um peregrino da educação brasileira. Analisa a atuação do então diretor (1890-1897), afirmando que ele tinha como estratégia a nacionalização de obras de autores estrangeiro, a importação e adoção de materiais didáticos internacionais, sendo um deles, os quadros parietais Deyrolle ou, como são mais conhecidos, Museus Escolares Deyrolle. Ainda de acordo com a pesquisadora, as viagens de Menezes Vieira foram eficazes, já que estabeleceram uma dinâmica de diálogo pedagógico internacional. A autora se concentra na ideia de relacionamento internacional e trocas de conhecimento destacando os agentes educacionais que partem como andarilhos em busca de novas concepções e modernidades pedagógicas. Essa ação era uma prática comum, pensando no trânsito de professores e reformadores entre continentes e países buscando a mesma coisa.

Santos (2013) faz considerações sobre as origens e constituição do acervo de materiais pedagógicos do *Pedagogium* Em artigo intitulado *Pedagogium e a Escola Normal: inventário de um espólio*, Santos (2013, p. 317) afirma que, embora fosse ligado

ao nome de figuras importantes como Benjamin Constant, ainda era recorrente, entre outras reivindicações dos dirigentes do *Pedagogium*, a reclamação das condições de instalação do estabelecimento e o pedido de novas aquisições de mais materiais nas exposições universais para a renovação do acervo.

A autora defende a hipótese de que parte do acervo do *Pedagogium* está presente no Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ex-Escola Normal da Corte, ex-Escola Normal da Capital Federal, ex-Escola Normal do Distrito Federal, ex-Instituto de Educação, ex-Instituto de Educação da Guanabara, ex-Instituto de Educação do Estado do Rio de Janeiro), fazendo um estudo que procura rastrear o histórico de depósitos dos objetos didáticos da coleção do Centro de Memória Institucional (CEMI).

Segundo Santos (2013, pp. 311-324) há uma lacuna documental que não permite a associação direta entre o espólio do *Pedagogium* e ao que está localizado no CEMI, e, por conseguinte, a herança da Associação Mantenedora do Museu Escolar. Nesse sentido, encontra-se dificuldade de comprovar e localizar os objetos do Museu extinto.

No entanto, fundamentada por indícios, tenta construir o histórico dos repasses, organizando de maneira profissional o histórico de uma bela coleção, evidenciando, a exemplo de outros patrimônios escolares, as dificuldades de se manter permanente e salvaguardado o histórico de um acervo. Mais uma vez, o estudo permite identificar a missão civilizadora do *Pedagogium* e da Escola Normal, bem como a função de instrução e formação de professores (Santos, 2013, p. 307).

Em breve histórico feito com base no levantamento bibliográfico inicial a respeito da instituição do *Pedagogium*, percebe-se que os trabalhos aqui apresentados têm como foco a origem da instituição; parcelas de seu funcionamento; estudo sobre a possível localização de parte de seu acervo e as ações de personagens como Benjamin Constant e o diretor Menezes Vieira. Nota-se ainda, que tais pesquisas apresentam também informações importantes sobre o *Pedagogium*, mesmo que a própria instituição não tenha sido o foco principal de seus estudos. Destaca-se a reiterada ideia de que o *Pedagogium* serve à formação de professores.

No entanto, percebeu-se que são poucos os estudos a respeito da constituição do acervo do *Pedagogium*, para além da ideia de herança do acervo da Associação Mantenedora do Museu Escolar Nacional, que por sua vez, fora formada a partir dos objetos didáticos oriundos da Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro de 1883.

Sabe-se que havia uma relação entre as suas exposições e às necessidades de formação nos moldes da moderna pedagogia, destacando, inclusive, os seus aspectos

científicos. Da mesma maneira, percebe-se que tal órgão era similar a outros Museus constituídos sincronicamente na Europa, Estados Unidos e outros países da América Latina, apresentando uma rede de museus que, como outros, tinham caráter formativo, ilustrativo e de constituição de nacionalidades. No caso do *Pedagogium*, está marcada a sua função, em primeiro lugar, como um complexo voltado à formação de professores com múltiplas ações: exposição de objetos, escola-modelo, núcleo de conferências, biblioteca pedagógica etc.

Mas sendo uma instituição do tipo “museu”, busca-se compreender quais são as características que lhe cercam, no sentido de problematizar as tipologias e as funções das variedades de museus, no período denominado “século dos museus”. Isso, porque está claro, a ideia de que ele, como outros, guarda coleções. No entanto, compreende-se que o seu caráter expositivo está cercado por determinações advindas de grandes feiras comerciais e de entretenimento. Quais seriam os elementos que relacionam um museu pedagógico à visualidade marcada pelas feiras de comércio? Depois, levando em consideração às discussões sobre as características de um museu pedagógico, presta-se muita atenção ao seu objetivo de formação de professores o que é importante sobremaneira. Porém, os indícios apontam para uma condição comercial, em relação à sua constituição e funcionamento, que é pouco clara. Não seria o *Pedagogium* um museu que, para além de pedagógico, apresentava características do tipo comercial? Haveria interferência comercial nos ditames pedagógicos? Qual a relação de tal instituição, símbolo de modernidade pedagógica, com o mercado pedagógico da época? Havia interferência direta do comércio pedagógico e a indústria produtora de materiais didáticos na constituição da “modernidade pedagógica” que perpassava os discursos sobre a instituição?

Ligadas à sua constituição e à concepção de seu acervo surgem mais perguntas: que tipo de objetos compunham este acervo? Estabelecia relações com empresas de materiais didáticos e, se sim, que tipos de relações? Como eram adquiridos os materiais de exposição? Quem e quais eram as principais indústrias envolvidas na constituição daquele acervo?

Pretende-se, portanto, o estudo histórico do Museu Pedagógico Nacional – *Pedagogium*, compreendendo e analisando a constituição de seus acervos, levando em conta as suas relações entre a indústria e o comércio constantemente representados em exposições diversas (universais, nacionais, comerciais). Busca-se compreender como esse acervo voltado à modernidade pedagógica foi pensado e organizado e quais seriam

as interferências da indústria e do comércio em torno dessa questão, se há uma relação mais direta entre essa associação e ao que se pregava como “modernidade pedagógica”.

Levanta-se a hipótese de que tal instituição funcionou como instituição de divulgação da “modernidade pedagógica”, mas que, sendo uma “modernidade”, foi aparelho de disseminação de um mercado pedagógico que se faz presente com seus produtos e que estes, sendo a representação dos interesses comerciais, carregam consigo determinações incididas pelo mercado, ou seja, por vários grupos e pessoas com interesses de lucro por meio da difusão de produtos. A constituição do acervo do *Pedagogium* foi objetivada não somente como criação de um espaço de formação de professores, mas também como uma vitrine da indústria pedagógica que visava ampliar seu mercado consumidor, sendo o plano educacional um grande veio de possibilidades de venda com a criação de interesses em torno da Pedagogia.

Entende-se que não foram apenas as novas ideias pedagógicas que fomentaram as indústrias, mas uma relação que o desenvolvimento industrial pedagógico pressionou para o surgimento de propostas pedagógicas marcadas em seus produtos e, por consequência, um tipo específico de formação de professores que não está desvinculada de interesses de apresentação e venda de produtos.

Partindo dessas informações, a pesquisa se concentra no histórico do *Pedagogium*, entendendo-o como museu pensado à instrução pública e que, portanto, é mesmo voltado à formação de professores, mas também dando destaque à sua condição de expositor de produtos e novidades pedagógicas. Trata-se de estudo que questiona a condição de organização de suas mostras e da apresentação dos materiais escolares. A tal relação fica evidente desde a sua fundação e o discurso defendido por Benjamin Constant, na tentativa de acompanhar um movimento global de circulação de inovações dos modelos pedagógicos, mas que também indicam, a reboque, o pronto estabelecimento de indústrias e uma rede comercial para a sustentação de tal órgão.

Da mesma forma, percebe-se a movimentação do seu diretor Menezes de Vieira, pelo diálogo estabelecido com empresas de materiais didáticos estrangeiras, como a francesa Deyrolle, e pela aquisição dos materiais fornecidos por um agrupamento de comerciantes que estavam dispostos na Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro (1883). Vê-se, inclusive, que pela ausência do poder público em matéria de financiamento, a possibilidade de inquirir sobre quem teria sido o mantenedor de tal instituição, no sentido de fornecimento de materiais.

Percebe-se, portanto, que análise de tal instituição como objeto de pesquisa, faz-nos pensar, inclusive, nas relações entre o objetivo maior do órgão – o de “formar professores” – e os conhecimentos, teorias, métodos de ensino que passam e estão inscritos em tais objetos, de onde não se furtam as empresas que os fabricam e os interesses comerciais que possam incidir sobre as inovações pedagógicas, a partir da ideia de formação docente.

Tal pesquisa justifica-se por tentar compreender a relação entre os aspectos pedagógicos, centralizados pelos estudos, e sua inserção num cenário que vai além do território nacional, apontando principalmente para uma intensa rede comercial que, por hipótese, também ter estabelecido o conteúdo e os procedimentos de ensino; o que se deve e como se deve ensinar, para além de um padrão historiográfico o qual predomina a função das grandes feiras expositoras. No caso, são desconhecidas as relações, entre governos, reformadores da educação, docentes, os representantes comerciais, vendedores e as possíveis barganhas de interesses que são transformadas em necessidades pedagógicas.

### **Fontes e procedimentos metodológicos**

A composição das fontes com o objetivo de rastrear a trajetória do Museu Pedagógico se deu a partir da investigação nos acervos do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, onde foram localizadas as contas do *Pedagogium*. A fim de completar e averiguar outras fontes de informação a respeito do objeto, foram visitados o Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e o Centro de Memória Institucional no Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro, onde foram localizados relatórios e objetos que poderiam ser um espólio do Museu. Além disso, as Revistas Pedagógicas, publicação oficial da instituição, também serviram de fontes.

A massa documental que compõe esta pesquisa foi consultada no arquivo digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. No repositório da Hemeroteca Digital foram consultados impressos e periódicos que mencionaram o *Pedagogium* ao longo de seu funcionamento.

Seguindo o período de funcionamento do Museu, entre 1890 e 1919, usando o descritor “*Pedagogium*”, no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, foram consultados os seguintes jornais: *A Imprensa*, *A notícia*, *Cidade do Rio de*

*Janeiro, Gazeta de Notícias, Jornal do Brasil, Jornal do Comércio, O Paíz e O tempo.* Dentre esses, os jornais *Gazeta de Notícias, Jornal do Brasil, Jornal do Comércio e O Paíz*, foram analisadas todas as ocorrências dentro do período de funcionamento do Museu, entre 1890 e 1919. Esses jornais foram escolhidos por serem os de maior tiragem na época e com mais incidência de publicações sobre a instituição, conforme mostra quadro abaixo:

**Quadro 1** – Número de ocorrências da palavra “Pedagogium”

<b>Jornal</b>	<b>Ocorrências</b>
<i>O Paíz</i>	895
<i>Gazeta de Notícias</i>	771
<i>Jornal do Comércio</i>	598
<i>Jornal do Brasil</i>	415
Total	2679

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em 10 de janeiro de 2020.

Os jornais nos trazem informações importantes a respeito de diferentes aspectos do Museu. De maneira geral, os jornais publicavam a rotina do *Pedagogium*, ou seja, o cronograma de alguns cursos, com horários, temas e nome dos professores, e os eventos promovidos pelo Museu, como as exposições escolares anuais. Parte destas informações é provável que tenha sido enviada pelo próprio estabelecimento, dadas as contas localizadas no Arquivo Geral, conforme consta nos anexos.

Além da rotina do Museu, os jornais publicavam também os debates em torno do seu funcionamento. Foram localizados diversos tipos de informações nos Boletins Parlamentares, que eram relatos das discussões entre deputados sobre o *Pedagogium*. Os parlamentares discutiam desde o orçamento até a necessidade do Museu, defendendo sua continuidade ou extinção. Foi possível identificar alguns dos principais nomes que eram contra e a favor da existência do *Pedagogium*.

Os jornais publicavam ainda os embates entre grupos que defendiam e criticavam o estabelecimento. Intelectuais, professores e diretores do Museu enviavam suas opiniões

a respeito do *Pedagogium* para os jornais, gerando respostas e debates que duravam várias edições.

De maneira geral, os jornais publicavam as mesmas notícias, a maior parte em seções com notícias gerais da cidade. Por se tratar de notícias sobre a rotina do Museu, não eram assinadas. As únicas notícias assinadas eram sobre debates entre professores e diretores do Museu. Não foram localizados editoriais de opinião dos próprios jornais sobre o *Pedagogium*.

A pesquisadora Asperti (2006) afirma que o final do século XIX na cidade do Rio de Janeiro é marcado pela modernização da imprensa, e ajuda a compreender um pouco da posição destes jornais na cidade:

O Rio de Janeiro passou em fins do século XIX por grandes modificações estruturais e sociais. Era a época das grandes reformas urbanas geridas pelo engenheiro e prefeito Pereira Passos. Porém, foi também o momento de modernização da imprensa. O término do século XIX ficou marcado pelo surgimento de grandes jornais, matutinos e vespertinos, no cotidiano carioca. No fim do século começa a se esboçar, principalmente na capital federal, uma modernização da imprensa. Se desde 1827 o *Jornal do Comércio* era o único jornal respeitável por sua já consolidada reputação de conservador, sempre voltado para a exploração de assuntos políticos, informações sobre importação e exportação e notícias do país e do exterior, neste momento começam a surgir diversos periódicos que irão marcar época na história política e cultural da nação: *Gazeta da Tarde* (1880), *O Paiz* (1884), *A Notícia* (1885), *Cidade do Rio* (1888), e o mais popular dentre todos, a *Gazeta de Notícias* (1875) (Asperti, 2006, p. 46).

Percebe-se que o *Jornal do Comércio* era o impresso mais antigo e definido como o de reputação conservadora já consolidada. Os demais jornais, entre eles *O Paiz* e a *Gazeta de Notícias*, estavam ligados à política e a aspectos culturais da nação.

O *Jornal do Comércio* foi fundado pelo francês Pierre René François Plancher de la Noé, livreiro e editor que trouxe ao Brasil uma tipografia completa. Inspirado numa publicação francesa, o impresso incorpora informações comerciais, a fim de melhor competir com os demais jornais da cidade, mas logo teve de se adaptar passando a publicar informações políticas e de conteúdos variados. Com a mudança do regime político de imperial à republicano, o jornal é vendido para um grupo liderado por José Carlos Rodrigues e, neste período, o jornal manteve o estilo sóbrio e moderado, sisudo e conservador (Molina, 2015, pp. 232-235-236-267-272).

A *Gazeta de Notícias*<sup>2</sup> foi fundada por José Ferreira de Sousa Araújo. Além do fundador, o jornal era chefiado por Henrique Chaves e Emanuel Carneiro. O objetivo do impresso na sua fundação era a abolição da escravatura e Proclamação da República. Em 1890, o jornal se transformou numa sociedade anônima, funcionando como antimonarquista e defensor das elites agrárias, sendo favorável também ao Governo provisório e a Rui Barbosa.

O jornal *O Paiz*<sup>3</sup> foi fundado por João José dos Reis Junior nos últimos anos da monarquia, destacando-se por sua participação nas campanhas pela abolição dos escravos e republicana. Seu primeiro redator-chefe foi Rui Barbosa, sendo substituído por Quintino Bocaiúva, que dirigiu o periódico até 1901 e continuou exercendo influência no jornal mesmo após sua saída.

O *Jornal do Brasil*<sup>4</sup> foi fundado em 1891 por Rodolfo de Sousa Dantas e Joaquim Nabuco. Com mais de cem anos de história, o impresso passou por diversas fases, de cunho monarquista nos três primeiros anos de fundação, republicano nos anos de direção de Rui Barbosa, e com um caráter popular de defensor do classes pobres entre 1894 e 1919.

Para Martins e Luca (2015), a história do Brasil pode ser compreendida, conhecida e analisada por meio do uso dos impressos como fonte:

Os impressos que aqui circularam em duzentos anos não só testemunham, registram e veiculam nossa história, mas são parte intrínseca da formação do país. Em outras palavras: a história do Brasil e a história da imprensa caminham juntas, se autoexplicam alimentam-se reciprocamente, integrando-se num imenso painel. Nesse cenário, muitas vezes os personagens são exatamente os mesmos, na imprensa, na política e nas instituições. Em outras, são, no mínimo, bastante próximos, pois intervenções políticas de peso são decididas no interior das redações, estabelecendo e testemunhando avanços e recuos das práticas dos governos, da dinâmica do país, da formação de seu povo, do destino nacional. E os exemplos vêm da Colônia, passam pelo Império, persistem na Primeira República, seguem no Estado e chegam até os nossos dias (Martins e Luca, 2015, p. 8).

No caso do *Pedagogium*, percebemos que alguns dos personagens interessados na criação de um Museu Pedagógico também eram atuantes na imprensa, como é o caso de Rui Barbosa. Sendo o jornal o principal veículo de informação na época, estes

---

<sup>2</sup> Cf. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/gazeta-de-noticias> acesso em 10.6.21

<sup>3</sup> Cf. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/pais-o> acesso em 10.06.21

<sup>4</sup> Cf. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-do-brasil> acesso em 10.6.21

documentos tornam-se fontes importantes para contar para além da história de uma instituição, mas o seu significado para a cidade e o país. Os jornais eram formados por pessoas que tinham interesse político, portanto, poderiam colocar ou tirar de evidência aquilo que lhes convinha. Ao analisarmos as notícias sobre o *Pedagogium*, percebemos que o estabelecimento era cercado por disputas políticas no âmbito educacional. Uma marca desse período de virada de sistemas políticos mostra que muitas pessoas tinham seus interesses próprios em relação a como deveria ser a educação do país, e o *Pedagogium* foi um centro, uma espécie símbolo, desse amplo debate.

Além dos jornais, a *Revista Pedagógica*, o periódico oficial do Museu, também serviu de fonte central para esta pesquisa. De acordo como decreto n. 981, o *Pedagogium* deveria publicar um periódico que trouxesse os atos oficiais relativos à instrução primária e secundária, as conferências e lições dos cursos do museu, memórias de pedagogia, práticas de autores nacionais e estrangeiros, análises sobre métodos e processos de ensino e todas as informações de utilidade ao professorado nacional. Ainda, segundo o decreto, a *Revista Pedagógica* deveria ser distribuída gratuitamente aos professores públicos primários e secundários, à imprensa e aos estabelecimentos públicos de instrução nacionais e estrangeiros.

O periódico do Museu foi publicado entre 1890 até 1896. As Revistas eram editadas pelo Museu e, assim como os jornais, também traziam informações sobre a rotina do estabelecimento. Para além disso, no periódico encontram-se informações legislativas, planos de aula, cursos e conferências que ocorriam nas dependências do *Pedagogium*, informações educacionais sobre outros países, relatórios anuais sobre o Museu, informações sobre o seu acervo e empresas de materiais didáticos e endereços da instituição.

As Revistas Pedagógicas são fontes importantes, pois funcionam como uma espécie de janela do Museu Pedagógico neste período. Por uma leitura atenta, é possível contar uma parte da sua rotina, do seu posicionamento no campo educacional e nas disputas pedagógicas. Quem eram os personagens envolvidos nesse empreendimento, qual o posicionamento de cada um deles nesse contexto. As Revistas dão ainda noção dos acontecimentos educacionais em outros estados do Brasil e de outros países; é possível observar como os saberes, pessoas e objetos educacionais circulavam pelo mundo, podendo estabelecer uma comparação entre as diferentes localidades.

O Anuário de Ensino do Rio de Janeiro de 1895 é um importante documento também utilizado nessa pesquisa, pois publicou fotografias de diferentes espaços do

*Pedagogium*. No documento, foram publicadas fotografias de parte do Gabinete de História Natural, de Física, da sala de Trabalhos Manuais e da sala de Desenhos.

A análise destes espaços permite a identificação de parte de objetos que compunham o acervo do Museu, da disposição dos objetos no ambiente, da amplitude destes espaços. Ao comparar as fotografias com documentos escritos e relatos destes espaços, é possível identificar a procedência de parte desses objetos, empresas fabricantes e como esse mercado didático circulava.

Outras fontes também foram importantes para a montagem dessa pesquisa. Catálogos de venda, anuários e almanaques de comércio, relatórios de exposições universais, são documentos que ajudaram a compreender a formação e posição das empresas de vendas de objetos didáticos presentes no *Pedagogium*. Nestes documentos, identificamos os objetos produzidos, editados e vendidos pelas empresas, sua fundação e circulação internacional e, especialmente, o tipo de material pedagógico circulava como inovação técnica.

Pensando nos objetivos centrais do *Pedagogium*, nas perguntas e hipótese de pesquisa, foram selecionados alguns trabalhos com o intuito de debater a posição do *Pedagogium*. A história do Museu Pedagógico Nacional traz à tona questões de origem educacionais. Não sendo apenas isso, ao perseguir essa história, percebemos aspectos econômicos e mercadológicos, de avanços científicos técnicos, de circulação mundial de pessoas, saberes e objetos. São questões que parecem estar nas bordas do objeto de pesquisa, mas que na verdade influenciam diretamente na sua configuração e rotina. Para identificar esses aspectos, foi preciso manejar uma bibliografia que nem sempre esteve preocupada com questões educacionais, mas que colaborou para montar um diálogo de análise para pensar o *Pedagogium*.

A preocupação com a formação de professores e com a disseminação de um modelo pedagógico, assim como a fundação de museus pedagógicos, não fora um movimento que ocorrera somente no Brasil.

Sobre a fundação do *Pedagogium*, Munakata e Braghini (2014) ressaltam que a instituição do órgão, no Brasil, acompanha a criação de órgãos com funções semelhantes, em diversas partes do mundo:

Entre 1851 e 1905 criaram-se mais de 70 museus pedagógicos pelo mundo, abrangendo regiões e países não apenas da Europa e da América do Norte, mas também Japão (1878), Brasil (1883), Argentina (1888) ou Uruguai (1889). Essa rápida e ampla circulação da proposta desse equipamento pedagógico e sua apropriação pelas instituições

educacionais dessas localidades inviabiliza qualificar esse processo como “influência” e “transplantes” de ideários do “centro” para a “periferia”, sendo mais apropriada a abordagem de história transnacional (Munakata e Braghini, 2014, p. 1).

Nota-se que a criação de um Museu Pedagógico no Brasil não foi uma ideia inovadora desenvolvida pelos republicanos, muito menos copiada de países estrangeiros, tidos mais “modernos”. A instituição de museus pedagógicos foi, na verdade, uma ação global e simultânea que pretendia instaurar uma nova lógica e prática educacional. No caso, os dois pesquisadores apontam claramente para a condição de sincronização de processos históricos que desencadeiam ideias de inovação pedagógica que são expostas por ideias materializadas em objetos.

De acordo com Souza e Gaspar da Silva (2016, p. 19) os museus pedagógicos são “apoios importantes na consolidação de projetos de escolarização da infância, funcionando como um dos pilares de formação dos professores e das ideias pedagógicas. Não por acaso, a criação desse ‘aparato pedagógico’ ganhou o mundo”.

Portanto, entende-se que existiu um movimento simultâneo de desenvolvimento de museus pedagógicos pelo mundo no final do século XIX. Essa ideia de simultaneidade é explicada pelo conceito chamado transnacional.

De acordo com Gabriela Ossenbach e Maria del Mar del Pozo (2011), alguns autores identificam o termo “transnacional” como um sinônimo do termo “globalização”, já para outros autores o conceito transnacional deve ser ligado à ideia de cosmopolitismo. (Ossenbach e Pozo, 2011, p. 3). Ossenbach e Pozo (2011, p. 4) julgam que, enquanto o termo “internacional” refere-se a uma relação genuína entre as nações, o termo “transnacional”, por sua vez, refere-se aos espaços sem jurisdição nacional; a processos e entidades que transcenderam as fronteiras nacionais e não estavam sujeitos ao controle de qualquer tipo de governo.

Seguindo estes parâmetros, entende-se que a história da circulação de objetos didáticos e saberes pedagógicos, ao contrário da defesa de muitos de seus pensadores, não foi algo que tenha acontecido de locais progressistas para atrasados, mas sim um movimento de caráter dinâmico que marca a transferência de ideias, pessoas e materiais.

Matasci (2015) alerta que a análise de sistemas escolares deve levar em conta a abordagem transnacional de análise. Para o autor, mesmo que as escolas funcionem como instrumentos de legitimação e formação de identidades nacionais, é preciso levar em consideração que especificamente no século XIX, os espaços escolares são frutos de uma

ampla circulação de saberes, de maneira muito diversificada (viagens, circulação de conhecimento, materiais intercambiados), mas também, motivada pelas Exposições Universais. Dentro dessa perspectiva é possível pensar museus pedagógicos como lugares fixos onde reunia-se informações educacionais de diferentes localidades.

Para além de um método de análise comparativo ou fundado na globalização, para Seigel (2005), o conceito transnacional revela o nascimento da nação em relação aos outros, uma afirmação que surge do contato, gerando o que a autora define como uma interdependência de agentes globais. Não se trata de estabelecer simples comparações, mas de analisar o que nasce da interação, o que serve para pensar nas interconexões que aconteciam no funcionamento de um museu pedagógico.

Para Schriewer (2016, p. 41), a recepção das teorias e inovações científicas é essencialmente uma história de interpretação e reinterpretações guiadas por interesses canalizados conforme discursos. Nada é exatamente novo, mas surgiu de uma rede de interações, que por sua vez geram novas técnicas e inovações, num ciclo que fica difícil localizar a origem e fim de ideias e práticas.

Portanto, esta pesquisa propõe uma análise da documentação a partir de uma abordagem transnacional, ou seja, partindo do princípio que as ações desenvolvidas no campo pedagógico, especialmente na criação do Museu Pedagógico Nacional – *Pedagogium* e a constituição de seu acervo estão inseridos numa lógica e movimento educacional e industrial comum em diferentes localidades e de onde não se pode deixar de cogitar a transferência e o debate de ideias que perpassam fronteiras, não apenas por meio de viagens de pessoas, mas também, a isso relacionado, por intermédio da circulação de mercadorias. Pensando a questão das transferências comerciais, compreende-se a importância de pesquisas que servissem de modelo de análise de uma história da educação aliada à história econômica.

No campo de análise da mercantilização educacional, Juri Meda conta a história material da escola na Itália, seguindo a perspectiva de que a educação das massas foi um requisito utilizável pela indústria educacional (Meda, 2015, pp. 9-11). Tal recorte de pesquisa foi consolidado a partir dos estudos da indústria editorial italiana de produção de livros-texto e de leitura destinados a todos os níveis e graus de ensino. O autor afirma que a história da indústria escolar deve se valer de fontes como: estatutos e balanços corporativos, catálogos comerciais, anuários industriais ou listas de empresas inscritas na Câmara do Comércio. Afirma que não há como estudar a ideia de educação para as massas, a partir do século XIX, sem compreender a sua relação com os centros de

abastecimentos de materiais, estes, imprescindíveis, segundo os modelos pedagógicos da época.

Meda (2015, p. 18) entende que a indústria educativa criou uma necessidade nas escolas por aquisição de tecnologias escolares para que fosse possível consolidar o processo de aprendizagem e diminuísse o fracasso escolar na Itália. E concluí que professores e alunos passam a ter papéis diferentes nesse processo, sendo, talvez, em primeiro lugar, clientes importantes dessa indústria (Meda, 2015, pp. 21-22).

No caso, a ideia de constituição das “práticas ao redor” não se desliga das ações que determinam as suas aquisições, já que a moral, as escolhas pessoais, a possibilidade de orçamento e as regras de orientação de compra feita por meio do *marketing* são assuntos que não podem ser menosprezados, quando pensamos nas interconexões entre exposições e feiras universais, comércio e tráfico de produtos, exposição e disponibilidade pública para a compra de produtos. Trata-se de um estudo que não se abstém, à maneira de Roche (2000, p. 21), das mediações sociais que interrogam o consumo pela observação antropológica do ato de se gastar dinheiro.

Outro estudo é o de Alcântara (2014), a partir de sua tese de doutoramento *Por uma história econômica da escola: a carteira escolar como vetor das relações (São Paulo 1874-1914)*. Pensando o objeto mobilar, no caso a carteira escolar, a autora mapeia as relações pedagógicas e, principalmente, comerciais, que incidem sobre a aquisição de carteiras escolares pelo Estado. A autora aponta para a indústria escolar e como ela intervém na organização escolar, principalmente, na ação do Estado, com relação aos estabelecimentos de ensino.

A análise sobre a mudança de marcha da economia na *Era dos Impérios* de Hobsbawm (2016) ajuda a pensar a dinâmica do mercado didático no período estudado, pensando que a economia de mercado não respeita fronteiras do tipo nacionais, interferindo no livre movimento dos fatores de produção, o que torna o capitalismo uma prática internacionalista, ou seja, existiam atividades econômicas que eram essencialmente cosmopolitas, e eram tão eficazes que escapavam das restrições nacionais (Hobsbawm, 2016, pp. 69-71). Se há um território formado no capitalismo, é um espaço constituído por zonas de compra e venda de produtos, objetos transformados pela industrialização dos bens naturais, o que significa dizer, dentro de uma relação de extrativismo e composição industrial feita pela relação indústria e comércio.

A essência do mercado didático internacional nesse período é justamente essa ideia cosmopolita. As empresas transitavam muito bem entre os países, criando maneiras

de os seus produtos atravessarem barreiras territoriais, linguísticas e monetárias. Segundo Hobsbawm (2016, p. 81) a chave para compreender esse dinamismo da economia mundial era a existência de uma faixa de países industrializados que agiam como motores de crescimento global tanto como produtores quanto como mercados. Esse aspecto de uma economia localizada por faixas de empresas produtoras também é bastante perceptível quando analisamos os caminhos do mercado didático. A Europa certamente foi um local de onde partiam o maior número de mediadores de uma cultura de mercado para a educação, sendo a França um país de grande influência, alcançado pela Alemanha ao longo dos anos. Todavia, observamos também a constituição de uma rede de empresas estadunidense que passa a circular com mais intensidade no sentido de apresentação de produtos educacionais. No caso da América do Sul, percebemos que as empresas se adaptam rapidamente, desenvolvendo maneiras de vender acessíveis para longas distâncias.

Dentro da perspectiva de análise econômica e do progresso industrial, destaca-se a ideia de associar a inovação à tecnologia, cujos parâmetros perpassam a história dos artefatos escolares. As inovações tecnológicas, por sua vez, estão de maneira geral condicionadas ao aprimoramento do capitalismo. Ao fazer uma análise histórica sobre o capitalismo Coggiola (2015) afirma que, com o processo de liberalização da indústria e do comércio, ocorreu um enorme progresso tecnológico. Segundo o autor (Coggiola, 2015, p. 327), a revolução industrial não só aumentou o fluxo das inovações como o transformou num fluxo contínuo.

Coggiola (2015) discute também a associação entre o desenvolvimento da Ciência associado ao progresso industrial capitalista. Para o autor (Coggiola, 2015, pp. 343-345), a revolução científica moderna precede a revolução industrial, porém, não foi a revolução técnico-científica que possibilitou o surgimento do capitalismo, e sim o contrário: foi o desenvolvimento das condições econômicas do capitalismo que possibilitou as mudanças revolucionárias científicas e tecnológicas.

Também para Hobsbawm (2016, p. 86), uma característica da economia mundial é revolução tecnológica e a nova safra impressionante de inovações advindas da segunda revolução industrial. Porém, esse período marcado por uma série ininterrupta de inovações tecnológicas é mais bem percebido por quem o analisa, do que para quem esteve dentro do próprio contexto, já que as pessoas estão imersas na formação para o consumo destes novos apetrechos tecnológicos (Hobsbawm, 2016, p. 375).

O termo “inovação” se popularizou em economia por conta dos estudos de Schumpeter, pensando-o não somente como algo que, apresentado na forma de produto, é vendável, mas como o principal mecanismo pelo qual o capitalismo se desenvolve. Seus estudos discutem ainda a ideia de que a inovação destrói hábitos de consumos antigos (Paiva, Cunha, Souza Jr., Constantino, 2018, p. 156).

De acordo com Varela, Medeiros e Silva Jr. (2012, p. 3), para Schumpeter, inovação não era somente um objeto, poderia ser também um serviço, um modelo de gestão capaz de gerar algum valor. Porém, uma invenção só se torna uma inovação a partir do momento em que tenha passado por um processo de *marketing*, sendo difundida pelo mercado. Uma inovação precisa ser estabelecida e reconhecida como tal.

No caso da educação, é necessário pensar o que era a inovação didática no período estudado e como era a dinâmica para seu estabelecimento quando pensada sob forma de artefatos. Se o desenvolvimento científico e as inovações estavam em alta no século XIX, o espaço escolar não estava descolado desse movimento. Mais do que simplesmente dizer que as inovações tecnológicas entraram nas escolas, o importante é perceber o que eram essas inovações e como elas pretendiam modificar nos processos de ensino, as relações entre professores e alunos, o que isso implicou no saber e nas práticas. Artefatos inovadores contam a história dessa pretensão embutidos em seus desenhos.

Percebe-se que para compreender o Museu Pedagógico Nacional é necessário analisar o tripé: economia, inovação e tecnologia. Museus pedagógicos foram desenvolvidos nesse contexto em que o capitalismo ganhou nova dinâmica, transformou as relações de produção, potencializou a revolução científica, modificando drasticamente as necessidades de consumo com uma verdadeira avalanche de produtos, modernidades, acessórios. Entender como isso afetou os conhecimentos e práticas escolares e qual o papel do *Pedagogium* nesse processo é crucial para compreender que, para além de apenas objetos didáticos, estes novos materiais eram tidos como inovações, como modernidades.

Dentro dessa perspectiva de análise, objetos e métodos não nascem como inovadores, mas adquirem esse caráter a partir do momento em que há um processo, um discurso que os transforma em algo moderno, e esse processo também é fortemente estabelecido pelo mercado. No caso dos objetos e métodos didáticos, compreende-se que o Museu Pedagógico poderia ser um espaço que difundia esse discurso de mercado, confirmava o caráter inovador de métodos e materiais de ensino. A entrada da tecnologia na escola não são fenômenos naturais, mas algo programado para acontecer.

Para análise da coleção de objetos os quais compunham o acervo do Museu Nacional Pedagógico – *Pedagogium*, foram selecionados trabalhos os quais trazem orientações a respeito da importância da construção de pesquisas feitas a partir da cultura material.

Souza (2007, p. 170) destaca os objetos como vetores de produção de sentido, por isso, são fundamentais para o entendimento da problemática sobre a produção e reprodução social, de como esses objetos têm em si as marcas de tempos vividos no passado, suas significações e o entendimento e uso que se fizeram deles. A pesquisa de Souza (2007), portanto, é importante para compreender que tipo de sentidos pode ser atribuído aos artefatos e como eles se relacionam com as práticas humanas.

Miller (2010, pp. 78-79), em seus estudos antropológicos sobre a cultura material, afirma que os objetos são um cenário e nos conscientizam do que é apropriado e inapropriado em nossas práticas. Afirma que a importância de seus estudos é a nossa falta de consciência deles, já que estão naturalizados em nossas vidas e a ele nos submetemos sem maiores questionamentos. Dessa maneira, o autor justifica a importância do estudo a partir da cultura material, devido a essa capacidade que os objetos têm de saírem do foco e, ainda assim, determinarem nosso comportamento e identidade. O estudo de Miller (2010) é importante para análise do acervo de materiais pedagógicos do *Pedagogium* no sentido de ver os objetos como elementos que moldam comportamentos e formas de ser.

Susan Pearce (1994) faz uma análise sobre como a cultura material é moldada pela ação humana. A pesquisadora chama atenção de que objetos são ressignificados pela interação com grupos humanos. Isso significa que diferentes objetos podem ganhar novas funções a depender do que um determinado grupo estabelece de relação a eles. Esse tipo de análise é importante, pois faz nos pensar que nem todos os objetos nasceram didáticos, mas, são transformados em materiais escolares. Da mesma forma, materiais escolares, embora tenham uma função de ensino específica, podem ganhar diferentes sentidos e valores, para além da função pedagógica.

Por fim, para amparar a análise sobre os museus, Poulot (2013), em pesquisa sobre o museu e museologia, apresenta uma breve história dos museus pelo mundo. Seu trabalho analisa as definições de museu pelas prescrições oficiais ao longo do tempo, as diversas tipologias de coleções museológicas, a história dos museus, os museus contemporâneos e a prática da museologia. Nesse sentido, sua análise irá contribuir para o entendimento de museu, tanto no século XIX quanto atualmente, passando pelas

definições e práticas inseridas nos diferentes estabelecimentos, sobretudo aqueles ligados à educação.

Os trabalhos de Brefe (1998), Schwarcz (2017) e Lopes (2009), ajudam a inserir o *Pedagogium* na história dos museus de uma maneira geral, mostrando que ele não é um caso isolado nem na história do país. Brefe (1998) indica que os museus dos estados nacionais eram responsáveis por uma rememoração específica, um encapsulamento do tempo, que tinha por objetivo fortalecer os países; Schwarcz (2017) identifica uma era dos museus e a formação de museus etnográficos e biológicos, os quais reforçavam as teorias científicas de evolução, ou seja, museus enquanto espaços de difusão da ciência; já Lopes (2009) nos conta sobre o aparecimento dos museus de História Natural, como este tipo de museu está ligado diretamente à circulação de pessoas e às viagens de expedições. Para finalizar a abertura do trabalho de tese, não será feita uma apresentação exaustiva sobre o histórico dos museus, precisamente porque esse é o tema do próximo capítulo. Cabe indicar apenas que o *Pedagogium* precisa ser estudado dentro de um plano de “tipologias de museus”, ou seja, mostrá-lo quanto às suas funções de museu, enquanto apresenta modernidades pedagógicas, lugar de formação, espaço de exposição e visualidade.

A partir do explicitado, essa pesquisa de doutoramento propõe a seguinte forma de organização. O primeiro capítulo irá tratar dos museus no século XIX, passando pelas definições, os tipos de museus, finalizando com uma apresentação sobre os museus pedagógicos pelo mundo e um recorte ibero-americano.

O capítulo dois nos conta sobre um panorama do Museu Pedagógico Nacional, mostrando seu histórico de formação, passando pelos seus diferentes endereços, funcionários, visitas, eventos externo e municipalização. Além disso, seguindo o regulamento oficial da instituição, serão apresentadas as atividades desenvolvidas ao longo do seu período de funcionamento.

O capítulo três se desenvolve em torno da história das coleções do Museu. Neste capítulo, são identificados os objetos do Museu, um estudo sobre o espaço e organização expositiva adotada e a origem mercadológica dos objetos. É feito um mapeamento das empresas de materiais didáticos presentes no *Pedagogium*, buscando compreender quais as relações dessas empresas com o Museu. Por fim, fazendo uma discussão sobre as técnicas desenvolvidas pelo estabelecimento.

O capítulo quatro apresenta um estudo sobre os espaços e ações para o conhecimento. Sendo um museu de formação, neste capítulo apresentamos quais as ações

do Museu para a formação de professores. Neste capítulo, também discorreremos sobre os cursos e conferências, a biblioteca e a Revista Pedagógica. As considerações finais trarão informações sobre o fechamento do Museu e o destino das coleções.

# CAPÍTULO 1. A DISSEMINAÇÃO DE MUSEUS PEDAGÓGICOS (SÉC. XIX)

## 1.1 Definições, função e breve histórico dos Museus

*Eu vejo o futuro repetir o passado  
Eu vejo um Museu de Grandes Novidades  
O tempo não para.  
Cazuza*

As definições oficiais a respeito do que é um museu podem ser localizadas no Conselho Internacional dos Museus (ICOM – International Council of Museums). Esse órgão, entre outras atividades, apresenta dados sobre as diferentes definições de museus e suas reformulações ao longo dos anos. De acordo com os estudos de Poulot (2013, p. 15), é partindo do campo da museologia que são discutidas as definições mais disseminadas, sendo uma delas ligada ao chamado duplo estereótipo: conservatório do patrimônio da civilização e escola das ciências e das humanidades.

Ao analisarmos a documentação do ICOM, é possível observar uma certa evolução das definições do que é um museu. Poulot (2013) apresenta essas mudanças:

A evolução da definição do museu segundo os estatutos do ICOM é, a esse respeito, reveladora. Em julho de 1951, “a palavra museu designa qualquer estabelecimento permanente, administrado no interesse geral com o objetivo de conservar, estudar, valorizar por diversos meios e, essencialmente, expor para o prazer e a educação do público um conjunto de elementos de valor cultural: coleções de objetos artísticos, históricos, científicos e técnicos, jardins botânicos e zoológicos, aquários”. Ao mesmo tempo, as bibliotecas públicas e os centros de arquivos que, de forma permanente, mantêm salas de exposição são assimilados a museus. Hoje em dia, as definições do museu obedecem, com grau maior ou menor de conformidade, à proposição do ICOM elaborada em 1974, e que marcou uma reviravolta: “O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, e que faz pesquisas relacionadas com os testemunhos materiais do ser humano e de seu ambiente, tendo em vista a aquisição, conservação, transmissão e, principalmente, exposição desse acervo com a finalidade de estudo, educação e deleite.” As definições subsequentes enumeraram as instituições que entram explicitamente nessa categoria: por exemplo, aquelas que “têm a missão de ajudar na preservação, continuidade e gestão dos recursos patrimoniais tangíveis e intangíveis (patrimônio vivo e atividade criativa no plano da informática).” Enfim, o Código de Deontologia Profissional do ICOM, adotado em Buenos Aires, em

1986, estabelece que “o museu deve se esforçar para assegurar que as informações fornecidas nas apresentações e nas exposições sejam honestas e objetivas, além de não perpetuarem mitos ou estereótipos” (Poulot, 2013, pp. 17-18).

Ao longo dos anos, embora com algumas mudanças, ações como “conservar, estudar, valorizar, expor, transmitir e educar”, permanecem nas diferentes definições como apresentadas acima. A esse respeito, o autor identifica que o campo da museologia elaborou suas próprias definições, enfatizando ainda mais o seu caráter pedagógico. Nesse sentido, segundo o autor, um museu seria um local que: coleciona, analisa, preserva e apresenta objetos que aumenta a quantidade e qualidade dos conhecimentos (Poulot, 2013, pp. 19-20).

Segundo Poulot (2013, p. 22), o futuro presidente da Associação Americana dos Museus, Joseph Veach Noble, identificou cinco de suas funções: colecionar, conservar, estudar, interpretar e expor. Já o museólogo holandês Peter Van Mensch utiliza três funções: preservar, estudar e transmitir.

Identifica-se, ainda, que muitos museus surgiram na intenção de evitar dispersões e de garantir a conservação patrimonial pública. Essa movimentação fez com que viessem à tona gabinetes de curiosidades e a descoberta de diferentes tipos de coleções particulares, que em seus respectivos tempos estavam encarregados de mostrar o mundo aos seus visitantes (Poulot, 2013, pp. 22-23).

De acordo com Lafuente (2004), os museus nesse contexto podem ser definidos como o espaço do comum, isso porque a formação de museus se deu pela composição de objetos particulares, coleções familiares, peças de uso pessoal, ou seja, coisas comuns, que foram transformadas em patrimônio público e ganham um novo significado. Essa valorização de coisas comuns está inserida na necessidade de desenvolvimento de identidades nacionais; segundo o pesquisador, surge uma necessidade de inventar memórias coletivas nacionais. Essa valorização do comum faz com que os museus desse período fossem constituídos não por peças raras, únicas, mas sim por reproduções, desenvolvendo dessa forma uma ilusão de que o mundo estava totalmente abarcado dentro daquela coleção (Lafuente, 2004, p. 6).

Para Poulot (2013, p. 59), uma noção de conservação e colecionismo dos séculos XVI e XVII está ligada à etimologia clássica da palavra “museu”, ou seja, uma pequena coleção e conservação de objetos. Posteriormente, essa ação se fortalece, quando tais coleções são abertas e fundadas em museus oficialmente:

A abertura de coleções – régias, nobiliárquicas ou burguesas -, obedecendo a determinados critérios, e não somente ao capricho do proprietário, inaugurou a época dos museus modernos. (...) A fundação dos museus nacionais, iniciada em grande parte pela Revolução Francesa, converte, em seguida, o direito de entrar no museu em um direito do cidadão e, ao mesmo tempo, em uma necessidade para a identidade e para a reprodução da nova comunidade imaginária. No decorrer do século XIX, os tipos de museus, entre Europa Central/Oriental e Europa Ocidental, entre Europa do Norte e Europa do Sul, organizaram-se em função dos valores e expedientes de cada um dos seus Estados proprietários; de fato, as grandes narrativas nacionais mobilizam diferentemente os *corpus* de objetos, imagens ou práticas. A primeira fase do século XX acelera as entradas sucessivas na “beleza do morto” de “mundos que tínhamos perdido” (desde os museus da ruralidade àqueles dedicados às culturas do mundo industrial). As implantações nos sítios históricos se multiplicam, relacionadas não só com os novos princípios científicos que animam a história, a arqueologia e a etnologia, mas também com o desenvolvimento do turismo propulsionado pela utilização de automóveis (Poulot, 2013, pp. 59-60).

Percebe-se que há uma diferenciação de tipologias de museus ao longo dos anos. Segundo o autor, a abertura das coleções particulares gerou uma onda de formação dos chamados “museus modernos”. Em seguida, assistiu-se a uma disseminação de museus nacionais responsáveis pelo enaltecimento dos países, e por produzir uma exaltação imaginada de seus retrospectivos territórios. O autor identifica ainda que, no século XX, novos tipos de museus foram abertos, ligados a temas mais específicos e, por fim, os museus científicos de divulgação da ciência. Ao que parece, a diversidade de tipos de museus acompanhou as transformações e os interesses sociais vigentes em cada localidade e período.

Brefe (1998, p. 282), em estudo sobre os primórdios do museu, discute-os à luz da importância de se conhecer a história dos museus, dentro de uma perspectiva de uma mudança temporal. Segundo a pesquisadora, esse patrimônio herdado e conservado do passado significa uma preservação e exaltação da memória nacional (Brefe, 1998, p. 283). Sendo os museus instituições que têm por habilidade central o encapsulamento do tempo, no século XIX, os museus nacionais valorizavam a reconstrução do passado em função do presente, ou seja, em função do fortalecimento dos Estados nacionais (Brefe, 1998, p. 284).

Veremos adiante que, se os museus nacionais foram instituições responsáveis pela marcação de um tempo específico, um espaço para a exaltação da memória e do que deveria ser considerado os grandes feitos de um país, aquilo que o constituía enquanto

um território nacional, ou seja, para a exaltação de um tempo que construa uma memória nacional. Os museus pedagógicos, por sua vez, podem ser ligados a preservação do tempo presente a partir do momento que fazem a exaltação do progresso e da modernidade, pensando a educação para o futuro.

Brefe (1998, p. 285) destaca ainda que o museu é o local onde a cultura material é exposta, comunicada e interpretada. Por isso, segundo a autora seria fundamental um estudo aprofundado sobre as coleções dos museus e as redes sociais formadas a partir dos objetos que os constitui.

No entanto, a autora percebe uma virada na constituição e objetivos dos museus a partir da entrada das coleções de História Natural:

Em direção a virada para o século XVIII, o uso científico e pedagógico desses gabinetes se impõe, de modo que a uma ruptura com a “cultura da curiosidade” e com a sua disposição aparentemente caótica dos objetos, em proveito de uma nova ordem das coisas que acompanha a especialização dos saberes. Não apenas as coleções de objetos da natureza passam a ser ordenadas segundo uma reconstituição sem lacunas da grande cadeia dos seres, pela comparação e classificação das espécies, mas também se impões, pouco a pouco, às coleções artísticas uma nova apresentação, especializada e histórica (Brefe, 1998, p. 296).

Nota-se que houve uma mudança de uso sobre as chamadas coleções de “curiosidades”. Os objetos desses antigos gabinetes passaram a ser usados de maneira científica e pedagógica. A partir de então, segundo a autora, houve uma readaptação visual: o que antes tinha outra classificação, ligada, inclusive, a outra episteme ou forma de ver o mundo, agora precisa ser organizado de uma maneira especializada, científica.

Ainda ao longo do século XIX, foram criados os museus etnográficos, ligados aos estudos biológicos e da evolução. Esses museus científicos se espalharam pelo mundo, incluindo o Brasil, e marcam um período não somente de exaltação do nacionalismo, mas também de valorização dos estudos científicos:

Denominado por Stutevart (*apud* Stocking, 1985) como a “era dos museus”, o final do século XIX viu florescer uma série de museus etnográficos, profundamente vinculados aos parâmetros biológicos de investigação e a modelos evolucionistas de análise. É a partir dessa perspectiva que se compreenderá a instalação e desenvolvimento dos primeiros museus etnográficos brasileiros, bem como o debate que estabeleceram com os demais centros de ensino nessa mesma época atuavam no país (Schwarcz, 2017, p. 87).

Segundo Schwarcz (2017), o século XIX é marcado ainda pela valorização da memória e do espírito comemorativo:

Os museus devem seu nome aos antigos templos das musas. (...) Segundo Le Goff (1984:37 – 9), os museus contemporâneos estariam ligados ao progresso da memória escrita e figurada da Renascença e à lógica de uma nova “civilização da inscrição”. O século XIX via nascer uma nova sedução da memória, uma explosão do espírito comemorativo (Schwarcz, 2017, p. 88).

Sendo assim, os museus etnográficos, segundo a pesquisadora, tinham como objetivo a preservação, exibição, estudo e interpretação de objetos, estes eram produtos da exploração da América:

É só a partir do século XIX que são criados museus etnográficos, instituições dedicadas à coleção, preservação, exibição, estudo e interpretação de objetos materiais. A curiosidade renascentista que havia marcado a exploração do Novo Mundo e do Oriente encontrava aconchego nesses estabelecimentos, que se firmavam enquanto lares institucionais de uma antropologia nascente (Schwarcz, 2017, pp. 88-89).

Lopes (2009) também identifica que, além dos museus etnográficos, o período é marcado pela criação de museus de Ciências Naturais. Segundo a pesquisadora, esses museus são resultado das viagens de naturalistas, mais uma expressão do culto a ciência do período:

Os museus criados na Europa nos séculos XVII e XVIII e multiplicados no mundo todo ao longo do século XIX foram de grande medida os responsáveis por essa mobilização geral do mundo, que está na base do processo intrincado que forjou as Ciências Naturais. Constituindo um legado incrivelmente centralizado do entusiasmo pela classificação e pelo conhecimento enciclopédico do século XVIII, os museus foram espaços para a articulação do olhar dos naturalistas, transformando-se de gabinetes de curiosidades em instituições de produção e disseminação de conhecimentos, nos moldes que lhes exigiam as concepções científicas vigentes, alterando-se com elas em seus objetivos, programas de investigação, métodos de coleta, armazenamento e exposição de coleções. (...) Ao florescerem por todo mundo, até os primeiros anos deste século, os museus, embora tenham mantido sua característica essencial de elos entre o visível e o invisível, mudaram de qualidade, assumindo nas novas hierarquias sociais uma posição privilegiada – justamente pela manutenção dessa relação privilegiada com o novo invisível. À semelhança das igrejas, como locais onde, unificados pela mesma crença universal, os membros da sociedade urbanizada se comunicavam, os museus do final do século XIX uniam-se na celebração de um mesmo culto à ciência (Lopes, 2009, pp. 14-15).

Nota-se que os museus ligados às Ciências Naturais inauguraram um novo tipo de organização. Eram museus de classificação e de produções de conhecimento científicos, essa nova concepção de museu fez com que fosse modificada, inclusive, a maneira visual das exposições. Compreende-se que as Ciências Naturais também se modificam a partir dessa nova tipologia de museu. A relação é recíproca pois, enquanto a ciência apresenta esse “novo invisível”, instituindo novas fronteiras do que deveria ser visto e observado, também os museus, definidores visuais dessas mesmas fronteiras, marcam novas especialidades da ciência.

Ao longo do tempo, mesmo que as tipologias tenham sido modificadas, é possível compreender que uma função intrínseca e imutável do museu fora a instrução. Seja para conservar representações da Antiguidade, para salvaguardar coleções e gabinetes privados, para exaltar a pátria e a nação, para reunir objetos de viajantes, em todos esses tipos, o ato de expor tais objetos já denota a intencionalidade de instrução dos visitantes. Além disso, percebe-se que a entrada dos saberes científicos em cena – Física, Química e, principalmente, História Natural resulta na formação de museus específicos a partir da união de objetos e da modificação da organização de saberes. Percebe-se que as coleções antes ditas de “curiosidades”, foram reconfiguradas, objetos foram analisados e organizados visualmente de acordo com suas características científicas, sendo que essa nova organização dos museus seguiu também remodelações dentro de cada área científica, como dito acima. Nota-se, ainda, uma modificação na estrutura de organização desses museus, que passaram a exibir um acúmulo, grande variedade de mostruários em suas exposições. Se os museus são responsáveis pelo encapsulamento de um tempo determinado, os museus de saberes científicos, naquele período, estavam exaltando e apresentando o tempo presente.

Por tudo isso, fica claro, nos diferentes estudos sobre museu, que é indissociável pensar em museu sem ligá-lo à educação. Em todas as suas tipologias, aos museus cabe conservar e educar seus públicos pelos objetos, sejam eles “científicos” ou artefatos.

### 1.1.1 Exposições, Museus e o Caráter das Exposições

Ao acompanhar a história dos museus e suas diferentes tipologias ao longo do tempo, percebeu-se que muitos estavam atreladas às Exposições Universais. Esses eventos exaltavam as conquistas capitalistas ocorridas principalmente no século XIX. De acordo com Hobsbawm (2016), o triunfo do capitalismo e de uma sociedade que acreditou e usufruiu do crescimento econômico é o tema mais importante da História nas décadas que se sucederam a 1848:

Foi o triunfo de uma sociedade que acreditou que o crescimento econômico repousava na competição da livre iniciativa privada, no sucesso de comprar tudo no mercado mais barato (inclusive trabalho) e vender no mais caro. Uma economia assim fundamentada e, portanto, repousando naturalmente nas sólidas fundações de uma burguesia composta daqueles cuja energia, mérito e inteligência os elevou a tal posição, deveria – assim se acreditava – não somente criar um mundo de plena distribuição material, mas também de crescente esclarecimento, razão e oportunidade humana de avanços das ciências e das artes, em suma, um mundo de contínuo progresso material e moral (Hobsbawm, 2016, p. 21).

As mudanças vertiginosas e irreversíveis ocorridas ao longo do século XIX marcaram essencialmente o processo de interação social devido a diminuição das fronteiras territoriais, esse processo é denominado pelo autor de “drama do progresso”:

O drama mais óbvio desse período foi econômico e tecnológico: o ferro derramando-se em milhões de toneladas pelo mundo, serpenteando em estradas de ferro que cortavam continentes, cabos submarinos atravessando o Atlântico, a construção do Canal de Suez, as grandes cidades, como Chicago, surgidas do solo virgem do meio-oeste americano, os imensos fluxos migratórios. Era o drama do poder europeu e norte-americano, com o mundo a seus pés. Mas aqueles que exploraram esse mundo conquistado eram, se excluirmos o pequeno número de aventureiros e pioneiros, homens sóbrios em roupas sóbrias, espalhando respeitabilidades e um sentimento de superioridade racial juntamente com gasômetros, estradas de ferro e empréstimos. Era o drama do progresso, a palavra-chave da época: maciço, iluminado, seguro de si, satisfeito, mas acima de tudo, inevitável (Hobsbawm, 2016, p. 25).

O progresso, a diminuição das fronteiras, os fluxos migratórios, o conhecimento do outro; tudo isso ao mesmo tempo possibilitou, como o próprio autor classifica, um

“novo mundo do ciclo do comércio”, um mundo onde quase tudo se torna mercadoria (Hobsbawm, 2016, p. 60).

O triunfo do capitalismo é, por sua vez, o triunfo do industrialismo. A revolução industrial atinge seu ápice no século XIX e esse progresso não deve ser somente vendido, mas também celebrado:

De fato, o mundo triunfante do capitalismo teve seu equivalente. A era dessa vitória global foi iniciada e pontilhada pelos gigantescos novos rituais de autocongratulação, as Grandes Exposições Internacionais, cada uma delas encaixada num principesco monumento à riqueza e ao progresso técnico – o Palácio de Cristal em Londres (1851), a Rotunda (“maior que São Pedro de Roma”) em Viena, cada qual exibindo o número crescente e variado de manufaturas, cada uma delas atraindo turistas nacionais e estrangeiros em quantidades astronômicas. Catorze mil firmas exibiram em Londres em 1851 (a moda tinha sido condignamente inaugurada no lar do capitalismo); 24 mil em Paris, em 1855; 29 mil em Londres, em 1862; 50 mil em Paris, em 1867. Justiça seja feita, a maior delas todas foi a Feira do Centenário de Filadélfia, em 1876, nos Estados Unidos, aberta pelo presidente e com a presença do imperador e da imperatriz do Brasil – as cabeças coroadas da época agora se curvavam diante dos produtos da indústria – e de 130 mil cidadãos entusiastas. Eles eram os primeiros dos 10 milhões que naquela ocasião pagaram tributo ao “progresso da época” (Hobsbawm, 2016, pp. 64-65).

É possível observar o “triunfo do capitalismo” ao longo de todo esse século, desde a formação de uma sociedade que cresceu e se favoreceu a partir das iniciativas privadas, transformando a maior parte das coisas em mercadorias. Atingindo um grau de elevação e expansão, principalmente após a revolução industrial, as mercadorias passaram a circular por todo o mundo e os capitalistas acumularam ainda mais dinheiro. Nesse sentido, as Exposições Universais não são somente consequências dessa complexidade econômica, mas funcionaram, principalmente, como parte importante da manutenção de circulação de mercadorias e de capital e testemunhos da existência de um outro lado não tão luxuoso que diz respeito à vida do trabalhador.

As exposições universais eram grandes feiras onde empresas de diferentes ramos expunham seus mais inovadores produtos, para além da apresentação diversificada de culturas, nações, entre diversão e a própria construção da ideia de entretenimento:

As Exposições Universais foram representantes das grandes transformações capitalistas ocorridas no século XIX e apresentavam produtos de vários tipos: móveis, maquinários, ferramentas, objetos de decoração, invenções diversas, materiais escolares etc. Um grande mercado desenvolveu-se neste período, inclusive no campo da

educação, impulsionado pelo crescimento industrial (Marchi da Silva, 2015, p. 49).

De acordo com Barbuy (1999), as Exposições Universais surgiram em Londres e foram concebidas inicialmente como exposições industriais:

As exposições universais surgem (ainda não com essa denominação, mas já com os propósitos universalistas que as marcariam) em Londres, no ano de 1851, com a Great Exhibition of the Works of Industry of All Nations. Concebidas, em princípio, como exposições industriais e comerciais com pretensões enciclopédicas de abrangência, guardam essas características por toda a segunda metade do século XIX e até o início da Primeira Guerra Mundial, quando se realizou a Exposição Internacional de San Francisco, em 1915 (Barbuy, 1999, p. 38).

O caráter enciclopedista e colecionador das Exposições Universais estava ligado às diferentes maneiras de o mercado vender representações do mundo industrial. Dessa forma, as Exposições apresentavam um panorama evolutivo do progresso (Barbuy, 1999). Para esta autora, as exposições vendiam a ideia da sociedade industrial, do progresso material como caminho de felicidade.

Para Kuhlmann Jr. (1996, p. 11), as Exposições foram um palco para as representações de espetáculos que tinham como protagonistas o progresso, a técnica e a ciência, além de expressarem as tendências e os conflitos existentes na sociedade de seu tempo. Segundo o autor (1996), as Exposições foram vitrines de uma sociedade capitalista que louvava a ciência e a técnica:

Os estudos sobre as Exposições geralmente recorrem a metáforas que sintetizam significados daqueles eventos. A imagem de templo indica uma devoção à mercadoria, à ciência, à tecnologia e à modernidade. (...). Outra metáfora sugerida pelas Exposições é a de vitrine, emanada da disposição ordenada dos produtos da sociedade capitalista como mercadorias expostas ao público visitante, boa parte deles no interior de móveis envidraçados (Kuhlmann Jr., 1996, p. 26).

De acordo com o pesquisador, percebe-se que as Exposições Universais eram, sobretudo, uma celebração capitalista do progresso, da ciência, da modernidade; características estas materializadas pelos objetos, as mercadorias que eram expostas ao público.

Essas grandes feiras de novidades funcionavam como palco de um grande encontro universal das trocas e exibição de tecnologias, conforme aponta Pesavento (1997):

O mundo pois se mobilizava para um encontro universal em nome do progresso e da concórdia entre os povos, da instrução e do divertimento, das trocas comerciais e da exibição de novidades, etc., etc. A exposição era para todos, desde a refinada França ao exótico Brasil. Seu chamamento tinha um apelo de canto de sereia, tanto no sentido de que ela tinha algo para oferecer a cada um, quanto no sentido do engodo, da sedução, do jogo das aparências e do ocultamento (Pesavento, 1997, p. 13).

É interessante notar que a pesquisadora ressalta o tom de “engodo” das exposições. Nestas feiras, a exposição tinha por objetivo encantar as pessoas, seduzir, criar a necessidade de compra e, para isso, a aparência é muito importante.

Segundo Pesavento (1997), para a análise desse período deve ser levado em conta a construção de um imaginário social. Para a pesquisadora, a sociedade do século XIX elaborou um sistema de representação coletiva, um imaginário social que dava legitimidade à ordem vigente assim como fazia girar a roda do capitalismo:

Considera-se que, no decorrer da segunda metade do século XIX, dois processos fundamentais presidiam a expansão do capitalismo e a constituição de um imaginário burguês: o sistema de fábrica e a modernidade. (...) impõem-se a modernidade, como experiência histórica e globalizante. Ao mesmo tempo individual e social, a modernidade como experiência histórica se caracterizaria pela postura dialética de celebração/combate ante as transformações materiais e mentais de um mundo que se converte rapidamente à imagem e semelhança da burguesia quanto pela crescente afirmação das potencialidades da razão no controle da natureza (Pesavento, 1997, p. 14).

Percebe-se que as exposições tiveram um papel de exteriorização da modernidade, internacionalização do capitalismo e, principalmente, difusão e universalização do imaginário burguês:

As exposições funcionaram como síntese e exteriorização da modernidade dos “novos tempos” e como vitrina de exibição dos inventos e mercadorias postos à disposição do mundo pelo sistema de fábrica. No papel de arautos da ordem burguesa, tiveram o caráter pedagógico de “efeito-demonstração” das crenças e virtudes do progresso, da produtividade, da disciplina do trabalho, do tempo útil, das possibilidades redentoras da técnica, etc. Por meio das exposições, a burguesia encontrou um veículo adequado para a circulação não só de mercadorias, mas de ideias em escala internacional. Ou seja, as exposições não visavam apenas o lucro imediato, advindo do incremento das vendas ou do estímulo à produção industrial pela comparação entre os potenciais das diferentes nações. As exposições foram também elementos de difusão/aceitação das imagens, ideias e crenças pertinentes ao *ethos* burguês. Neste sentido, elas procuraram passar para as noções de que empresários triunfavam porque eram

competentes, o progresso era necessário e desejável, o capitalismo provocava bem-estar, a fábrica era lugar de harmonia e não de conflito, a fraternidade entre os povos era possível de ser mantida (...) Neste contexto, as exposições universais não apenas seriam a ponta da lança da internacionalização do capitalismo como sistema, como também realizariam a dimensão universalizadora do imaginário burguês (Pesavento, 1997, pp. 14-15).

É interessante notar como as Exposições Universais representam as grandes mudanças econômicas e sociais de um determinado período. Estes eventos eram resultados do alto nível industrial, técnico e de mercado, além de o alimentar, difundindo mundialmente, uma nova dinâmica tecnológica e capitalista. O que a autora destaca é que as Exposições Universais revelavam uma maneira de organizar o mundo burguês, as ideias de acúmulo, de progresso, modernidade e evolução que passam a ser promovidas pelas Grandes Feiras. O objetivo é justamente seduzir os públicos pela técnica, pela mercadoria, pela diversidade, pelo triunfo do capitalismo, tornar a narrativa burguesa atrativa.

Uma observação mais atenta desse período revela que as exposições criavam além da imagem de harmonia entre os povos, harmonia essa que deveria ocorrer com a dominação por meio do industrialismo; mas, para além disso, as exposições também eram responsáveis pela fabricação do encantamento pela mercadoria:

Tal caracterização da mercadoria com seu caráter de fetiche, mistério, magia, engodo, velamento e encantamento é central para toda análise que pretenda desmontar as aparências da dominação burguesa, extrapolando do mundo da fábrica para o conjunto da sociedade capitalista. (...) Mercadorias destinadas a encantar a humanidade, símbolos do progresso técnico dos “novos tempos”, não eram simples produtos à venda, mas corporificavam ideias que buscavam impor-se com a força das certezas: o sistema capitalista trouxera o progresso à humanidade, a máquina era voltada para a satisfação das necessidades humanas, a ordem burguesa instaurava a sociedade do bem-estar, o futuro era previsível, o trabalho disciplinado tinha possibilidades redentoras, a propriedade não era apenas desejável e justa, como era uma meta a ser alcançada por todos (Pesavento, 1997, p. 21).

Esse encantamento que as mercadorias causavam nas pessoas, essa necessidade de consumo, era causada pelo eficaz esquema publicitário. A magia não era um efeito causado somente pelo produto em si, mas algo pensado, publicizado:

Nesse sentido, não há como negar sua dimensão propriamente econômica, de feira de mercadorias, mostruários de novos produtos,

meca de lucrativos negócios. Foram seus agentes a burguesia – industrial, comercial e financeira – secundada pelo Estado. As exposições visavam ampliar as vendas pelos renovados contatos entre produtores e consumidores, que estimulariam os negócios e a produção pelo salutar conhecimento dos novos produtos e processos. Além disso, ampliar-se-ia o consumo, graças a um eficaz esquema publicitário. (...) Tais exposições estariam associadas, basicamente, ao desenvolvimento industrial, exibindo máquinas e produtos resultantes desta atividade. Mesmo que reunissem entre os itens expostos elementos que nada tinham a ver com essa atividade produtiva, sem dúvida alguma as grandes vedetes das exposições universais foram sempre as máquinas, os novos inventos e os produtos recém-saídos das fábricas, cujo consumo se buscava difundir e ampliar mundialmente (Pesavento, 1997, p. 43).

É preciso ressaltar que as Exposições Universais não deixaram de fora nenhum ramo no campo das inovações. Barbuy (1999) e Pesavento (1997) nos contam que as Exposições Universais exibiam também as novidades pedagógicas. Objetos para o ensino de lições de coisas, museus escolares, mobílias escolares e todo o tipo de objeto que fosse útil para a educação foram vendidos por uma grande rede de empresas fabricantes e comerciantes de materiais didáticos que eram exibidos pelas Grandes Feiras, sob o mesmo aspecto imaginário burguês de progresso e tecnologia educacional. Veremos no capítulo três, como essa rede comercial de materiais didáticos circulava e como essas “exposições-instrução” se relacionam de maneira visual com o *Pedagogium*.

A principal forma de propaganda usada era a forma como esses produtos eram expostos, as exposições reuniam o novo, o exótico, era uma vitrine de diferentes lugares do mundo. A maneira de expor isso era crucial para o encantamento dos visitantes:

Catálogo do conhecimento humano acumulado, síntese de todas as regiões e épocas, a exposição funcionava para seus visitantes como uma ‘janela para o mundo’. Ela exibia o novo, o exótico, o desconhecido, o fantástico, o longínquo. (...) Apresentando um verdadeiro inventário do engenho humano do seu tempo, as exposições teriam a função didático-pedagógica de instruir os visitantes, prestando-lhes as mais diversas informações sobre os objetos expostos (Pesavento, 1997, p. 45).

As exposições vendiam a ideia de bem-estar da sociedade. O triunfo de uma burguesia, racional e técnica, portadora do progresso e da modernidade, que deveria dominar e seduzir os trabalhadores:

Pelos olhos da burguesia, o progresso era desejável, o desenvolvimento da técnica produzia um mundo melhor e o futuro se apresentava como a concretização da sociedade do bem-estar. Sem dúvida alguma, o

progresso técnico fora obtido pelo pensamento racional. O personagem-símbolo da racionalidade era também, sem sombra de discussão, a burguesia triunfante que, com seu gênio criativo e sua racionalidade, fora capaz de ‘produzir’ a moderna sociedade industrial. Desenvolvia-se assim uma particular forma de concepção da razão libertadora: a racionalidade fora capaz de romper as barreiras da ignorância e produzir a ciência. O conhecimento científico, por sua vez, aplicado à técnica, concebera as máquinas e os novos e surpreendentes inventos. (...) Nesse sentido, as exposições buscavam seduzir os trabalhadores, demonstrando que eles eram os principais artífices daquela espiral de progresso que conduzia à sociedade do bem-estar. Assim, ao mascararem as condições reais sob as quais assentava a acumulação, as exposições foram um elemento com que a burguesia contou para diluir conflitos e consolidar a sua dominação (Pesavento, 1997, p. 47).

As Exposições Universais podem ser vistas como símbolos do século XIX, pois representavam todas as “conquistas” desse período: “triunfo do capitalismo”, o progresso técnico, o avanço nas comunicações e, principalmente, o encurtamento das distâncias. As ferrovias foram cruciais para que o progresso, a modernidade e as mercadorias alcançassem os lugares mais distantes do globo. Com isso, as Exposições Universais respeitavam a sua denominação, já que eram grandes feiras de tudo e de todos os lugares. Um evento para os encontros, para o desconhecido, para a apreensão do outro, o nunca visto. Esses eventos geraram como consequência o aumento das vendas e a diminuição das fronteiras. Para além disso, o caráter das Exposições que interessa aqui é que essas grandes feiras ditaram novas formas de organização dos saberes para a sociedade. Estabeleceu uma nova relação com os objetos, abriu entrada para o mercado didático em escala internacional, resultaram em novas tipologias de museus.

Porém, de acordo com Borges (2011, p. 150), tais feiras não passaram imunes a críticas e a resistências, um desses críticos foi o comissário geral da Exposição Universal de Paris de 1867, Frédéric Le Play quem dedicou um trabalho a fim de apresentar o caráter efêmero das exposições:

Le Play dedicou quase que a totalidade do segundo volume à natureza efêmera, dispendiosa e dispersiva das exposições universais. Suas críticas vieram acompanhadas por uma proposta alternativa, segundo ele mais duradoura e eficaz para movimentar o comércio internacional, difundir as particularidades socioeconômicas e culturais das sociedades coloniais e das nações que mantinham negócios com os países europeus. (...) A alternativa: inaugurar uma nova forma de exposição que, por ser permanente, haveria de eliminar ‘a chocante desproporção entre o tempo de montagem do evento e sua duração’ – os Musées Généraux e os Musées Commerciaux (Borges, 2011, p. 151).

A crítica de Le Play se deu por conta justamente do que era feito com o grande número de objetos que essas feiras apresentavam. Elas possuíam um caráter grandiosos de apresentação de conhecimentos e técnicas, representadas por objetos dos mais variados tipos que simbolizavam a ideia de progresso e humanidade. Ainda que fossem exposições de caráter principalmente mercantis, eram ao mesmo tempo uma forma de entretenimento e tinham essa característica de efemeridade. Segundo a crítica, gastava-se trabalho de montá-las e depois desmontá-las. No caso, era mais interessante inaugurar a partir dessas coleções, Museus “gerais” e “comerciais”.

Borges (2011, pp. 153-154) identificou que Le Play definiu três tipos de configuração para estes museus comerciais; eles deveriam ter exposições permanente, temporárias e espaços para trocas de informação e experiências:

O país-sede do museu teria a maior parte do edifício para expor seus produtos; os demais participantes se encarregariam de fornecer todo o material a ser exposto nas salas a eles destinadas. A renovação periódica das coleções, bem como o envio das informações pertinentes, era condição *sine qua non* para que os países interessados mantivessem seus espaços no museu. Quando efetivamente criados, muitos Museus Comerciais mesclaram coleções visuais com coleções in natura. As exposições temporárias (segunda seção do museu) seguiriam o modelo das Exposições Universais, ou seja, apresentariam as novidades no campo da tecnologia e das artes e explorariam a indústria cultural do período para atrair a curiosidade do público. (...) Não é demais lembrar: idealizador dos Museus Comerciais, estava certo de que o consumo dos objetos criados pelo mundo industrial muito dependia da publicidade sobre os modos de viver moderno. Além disso, ele acreditava que a frequência a espaços de cultura e de socialização acabaria por ativar o interesse dos visitantes, levando-os a conhecer e percorrer as demais seções do museu. (...) Por fim, os *cercles nationaux*. Esta seção seria constituída por salões para conversações, reservados aos homens de negócios, assim como aos intelectuais, pesquisadores e artistas (Borges, 2011, p. 154).

Percebe-se que os museus comerciais estavam associados às grandes exposições no sentido de exposição de novidades de caráter tecnológico, visando à atração do público por meio de atividades de publicidade. A ideia era ativar o interesse do público para com as novidades no sentido de vendê-las, ampliando a circulação dos interesses desde o fabricante, o expositor, pensado como um intermediário, e o comprador.

Em suas pesquisas Borges (2011, p. 155) localizou para o período de 1882 a 1911, dezessete museus comerciais na Europa, um nos EUA, um no Canadá, um no Japão e sete na América Latina. Por tal informação, compreende-se que não somente as exposições

universais se expandiam, mas que o resultado delas era o aumento de museus comerciais na mesma proporção; mais do que isso, era o aumento da exaltação e da propaganda ao progresso e, principalmente, da cultura de mercado. Nesse sentido, os museus comerciais tinham funções simbólicas:

Aparentemente os museus comerciais do Japão, dos EUA e da América Latina visavam tão somente consolidar suas relações comerciais, inserir-se no contexto do mundo que ia se globalizado cada vez mais. Todavia, somos levados a crer que, embora priorizem o comércio internacional, eles também desempenharam funções simbólicas, sobretudo no que se refere ao compartilhamento de memórias que reforçavam sentimentos de identidades nacionais. O orgulho pela pátria que se modernizava era, cotidianamente, reafirmado nas conferências sobre o desenvolvimento de seus respectivos países; nas coleções de mapas; nos catálogos; nas séries fotográficas que davam a ver as obras de engenharia civil realizadas nas diferentes regiões de seus países; nos álbuns de fotografias de suas principais cidades; assim como nas exposições de artes que celebravam os artistas nacionais (Borges, 2011, p. 158).

Aponta-se a ideia que perpassa por outras tipologias de museu e que diz respeito ao esforço de marcação do sentimento de constituição de identidades nacionais. No caso dos museus comerciais, essa marcação diz respeito ao orgulho que simbolicamente é impregnado aos objetos, representantes da modernização e a materialização das relações internacionais visando o registro de potências econômicas.

De acordo com Borges (2011), o mais importante museu comercial desenvolvido foi criado em 1884, na Filadélfia, e teve muitas semelhanças com as propostas indicadas por Le Play, o Museu Comercial da Filadélfia possuía:

Uma biblioteca com um acervo de 17.500 obras sobre hábitos de vida de consumo de diferentes países; uma coleção de 1420 periódicos nacionais e estrangeiros; salões para conferências e confraternizações de comerciantes e industriais e um bureau de informação diplomática, especializado nos países da América do Sul. (...) O museu americano ainda mantinha missões científicas e um laboratório de pesquisa e de produção tecnológica, priorizando o mercado latino-americano (Borges, 2011, p. 158).

Percebe-se que o Museu Comercial da Filadélfia de 1884 tinha essencialmente um caráter internacional. Ainda que fosse focado na produção e mercado na América Latina, como aponta a pesquisadora, o trecho citado indica uma composição de acervo que previa o conhecimento do cenário comercial internacional.

Adiante, Borges (2011) ressalta que museus comerciais pelo mundo transformavam objetos *in natura* em produtos de consumo:

Seus coleções *in natura* simbolizavam conquistas no campo da ciência, que cada vez mais transformava matéria-prima em produtos de consumo; seus objetos etnográficos permitiam que o visitante percorresse o mundo sem sair de seu país e/ou cidade. Antes: enquanto legitimavam as conquistas de outras regiões, alimentavam a consciência nacional de seu patrimônio (Borges, 2011, p. 161).

Observa-se que museus comerciais estavam organizados para dar novos significados à natureza, tornando-a local de retirada de matérias-primas, enquanto os objetos são sua evolução na forma de mercadorias. Essa modificação, segundo a pesquisadora, era feita como uma conquista científica, ou seja, o avanço no campo das ciências, aliado ao desenvolvimento do mercado, transformava objetos da natureza, agora como peças de exposição, de estudo científico e de venda.

O cenário do século XIX, de industrialização, efervescência cultural e necessidade de afirmação nacional, culminando no aumento de número de diversos museus, também acontecera no Brasil. Tal período é identificado principalmente como um momento para o país mostrar mundialmente que poderia ser visto para além de uma colônia exótica. De acordo com Borges (2011, p. 146), o final do século XIX é marcado no Brasil por uma verdadeira “guerra” entre o que a pesquisadora denomina de “Brasil moderno x Brasil pitoresco”:

No Brasil, especificamente, a estabilidade política e econômica, lograda pela República entre 1898 e 1902, favoreceu a instituição de um plano mais sistemático de modernização de sua infraestrutura. (...) A expansão da malha ferroviária e a modernização de partes dos portos permitiram o incremento do comércio de importação e exportação e viabilizaram projetos privados de industrialização, sobretudo do setor têxtil. (...) Já na segunda metade do século XIX, representantes do *establishment* nacional perceberam que a inserção do Brasil na cartografia da modernidade industrial muito dependia da montagem de vitrines dos produtos nacionais no exterior e no próprio país (Borges, 2011, pp. 146-147).

Em artigo sobre a criação de museus no Brasil, Machado (2013, p. 145) afirma que estavam entre os objetivos institucionais criar uma identidade nacional e celebrar a nação:

Se analisarmos o conjunto das políticas culturais no Brasil, desde os tempos da colônia, pensando na política de museus e nas coleções herdadas do Estado português, poderemos perceber influências

importantes do pensamento europeu acerca das instituições museais que, no século XIX, ultrapassam os antigos *gabinetes de curiosidades* e privilegiam os museus históricos, com tendência a articular a filosofia iluminista com a discussão da questão nacional e expor objetos que possuíam a dupla função de relembrar o passado e comprovar fatos da história das nações (Machado, 2013, p. 145).

Machado (2013, pp. 146-147) afirma que, no Brasil, os museus do século XIX institucionalizam as Ciências Naturais no país e que esse período ficou conhecido como a “era dos museus brasileiros”:

No Brasil, os museus do século XIX estiveram entre as instituições privilegiadas de pesquisa científica e tecnológica, aliadas ao processo de institucionalização das Ciências Naturais. (...) O século XIX ficou conhecido como a ‘era dos museus brasileiros’, acompanhando o apogeu das instituições internacionais, com a fundação do Museu Nacional (1808), Museu Paraense Emílio Goeldi (1866) e Museu Paulista (1894). (...) Patrimônio cultural, os museus brasileiros estavam ligados pelo fio condutor de fatos, datas e personagens, tanto quanto à preservação de seus testemunhos materiais – que passariam a fazer parte dos museus e casas históricas – quanto à composição do plano nacional de educação (Machado, 2013, pp. 146-147).

Em análise sobre a pesquisa científica no Brasil, Lopes (2009) afirma que a instituição dos primeiros museus brasileiros fez parte de uma ebulição intelectual:

Os museus brasileiros tiveram suas origens associadas a momentos conjunturais apontados exaustivamente pela nossa historiografia como marcos referenciais da cultura brasileira: a transição para o século XIX, caracterizada pela crise do Antigo Sistema Colonial e a transferência da sede da monarquia portuguesa para o Brasil, com o conjunto de implementos nos terrenos social, político, econômico e cultural que daí resultaram; e os anos inaugurados pela década de 1870, sintetizados nas frases clássicas de Sílvio Romero e Fernando Azevedo, respectivamente, como período de um ‘bando de ideias novas’ e de ‘ebulição intelectual’ do país (Lopes, 2009, pp. 11-12).

Porém, esse movimento intelectual que o país viveu nesse período não fora algo ocorrido atrasado, mas sim, simultaneamente com os movimentos científicos e instituição de museus também no continente europeu:

No contexto do movimento dos museus dos últimos séculos, se os museus europeus – e, como veremos, o ideal de construção do Museu Nacional do Rio de Janeiro – se associam às primeiras iniciativas europeias da constituição da História Natural como ciência moderna, já a intensificação do movimento de disseminação de museus para vários países além da Europa – incluindo a América Latina e também o Brasil,

na segunda metade do século XIX e primeiras décadas do atual – situa-se no âmbito dos estudos sociais das ciências das últimas décadas, como uma manifestação específica de um fenômeno histórico mais geral: o da contextualização das ciências e dos seus espaços institucionais nos países à margem do eixo norte-atlântico (Lopes, 2009, p. 16).

O final do século XIX é marcado pelo grande avanço do industrialismo e do capitalismo. As Exposições, por sua vez, foram não somente celebrações desse novo período, mas, principalmente, difusoras do capital e do imaginário burguês, servindo, sobretudo, para a consolidação desse sistema econômico. Já os museus nascem nesse contexto, são produtos do fortalecimento das nações, assim como do avanço do comércio e com ideias gerais de instrução pública, gerando, assim, diferentes tipologias de museus. Veremos que, no campo educacional, os museus pedagógicos também são produtos desse mesmo movimento histórico.

## **1.2 Museus Escolares e Museus Pedagógicos – outras tipologias de museus**

No final do século XIX, no campo educacional, identifica-se dois tipos de museus: os museus escolares e os museus pedagógicos. Nos estudos de Petry (2013, p. 31), a respeito do uso de museus escolares em Santa Catarina, foram localizados cinco tipos de museus escolares, sendo por isso classificados de polissêmicos. Museus escolares poderiam ser: um espaço dentro da escola, que deveria servir para alunos e professores na realização de estudos pautados no concreto e na aprendizagem intuitiva; uma coleção de quadros parietais denominada Museu Escolar Brasileiro, quadros estes produzidos na França, traduzidos, adaptados e trazidos para o Brasil; móvel em madeira parcialmente envidraçado que poderia estar localizado na escola, que servia de guarda para coleções de objetos para lições de coisas; museu dentro da sala de aula, ou seja, um móvel parcialmente envidraçado composto de objetos que serviriam ao ensino intuitivo e que poderia ser formado de acordo com os objetivos do professor responsável e por alunos da sala; e por fim, um gabinete, um local da escola onde estariam todos os objetos, incluindo quadros e armários envidraçados, com coleções para o estudo e aprendizagem intuitiva.

Braghini (2021) identifica ainda uma outra definição de museus, os museus industriais ou tecnológicos o que, em grande medida, eram a representação miniatura do que pregavam os museus com acervos industriais e comerciais: a natureza é transformável e útil; indústria e comércio são os grandes difusores da ideia operatória e linear de tecnologia que serve à uma cadeia produtiva. Segundo a pesquisadora, esse tipo de museu

era desenvolvido também para a aplicação do método intuitivo e lições de coisas, formado a partir de amostras diversas, poderiam ser montados a partir dos interesses de professores e alunos e organizados como quadros murais ou móveis de gavetas.

Compreende-se que museus escolares eram instrumentos que serviram para aplicação do método intuitivo e lições de coisas. O uso de museus escolares foi determinado por lei, sendo uma de suas primeiras menções feitas no Decreto de Lei nº 7247 de 19 de abril de 1879 – Reforma Leôncio do Carvalho, que determinou o uso e a criação de museus escolares.

Concomitante à criação de museus escolares, ocorreu a disseminação de museus pedagógicos. Embora tenham funções e características muito próximas, os museus pedagógicos se diferem, pois tinha como objetivo central a formação de professores. Eram instituições desenvolvidas pelos países especialmente para servirem de apoio e exposição de materiais pedagógicos que deveriam ser usados por professores em seus trabalhos, inclusive para a formação de museus escolares. Já museus escolares funcionavam como instrumento pedagógico formado e utilizado por professores e alunos, para a aplicação do ensino de lições de coisas e método intuitivo (Petry, 2013; Marchi da Silva, 2015).

Segundo o Dicionário de Pedagogia organizado por Ferdinand Buisson (1888, p. 683), museus pedagógicos ou educacionais poderiam incluir: por um lado uma biblioteca de livros educativos, legislação e administração escolar, assim como livros clássicos adequados; por outro lado, coleções de material didático e mobília escolar. Segundo o mesmo verbete, o museu pedagógico francês foi fundado para aproveitar o material da Exposição Universal (Dictionnaire de Pédagogie et D’Instruction Primaire, 1ª parte, Tome Second, Paris, 1888).

Percebe-se que a definição francesa para Museus Pedagógicos destaca a iniciativa de formação de professores. Portanto, era imprescindível que o acervo destes estabelecimentos fosse formado por livros educativos, legislação escolar, além da apresentação de toda mobília e material didático modernos úteis a essa formação. Além disso, informa que a facilidade de formação desse tipo de estabelecimento a partir das Exposições Universais.

As pesquisadoras Gaspar da Silva e Souza (2018) também identificaram que os Museus Pedagógicos são produtos das Exposições Universais, nesse sentido, de acordo com as pesquisadoras, museu pedagógicos eram formados com os materiais educacionais que compunham as grandes feiras comerciais:

Na sequência articula-se um conjunto de informações e reflexões sobre as Exposições Universais e a presença em seu interior de propostas e materiais para compor os Museus Pedagógicos e Escolares, a partir dos quais um conjunto de objetos de utilidade prática para o ensino elementar é recomendado. Trata-se de um conjunto de objetos que portam tecnologias que serão agregadas às escolas e nelas se farão úteis (Gaspar da Silva e Souza, 2018, p. 120).

Entende-se que os museus pedagógicos seriam, portanto, esse compositório de objetos educacionais modernos, ou seja, a tecnologia apresentada e comercializada nas exposições universais teria um lugar permanente de destaque que, após o fim do evento, os materiais seriam transportados a estes estabelecimentos.

As autoras identificam, ainda, que a aprovação de leis que garantiram a obrigatoriedade escolar, estimulou o comércio educacional, fazendo aumentar o consumo de artefatos escolares (Gaspar da Silva e Souza, 2018, p. 121).

Os museus pedagógicos foram os espaços das novidades pedagógicas, o espaço do moderno, do progresso, da tecnologia educacional:

Se museus escolares se colocam como recurso didático para a atividade pedagógica, os pedagógicos seriam centros de formação por onde circulariam as “novidades pedagógicas”, subsídios teóricos para o aperfeiçoamento do professorado – o que, como exemplo, poderia acontecer através de conferências ou de publicações específicas e, o que mais nos interessa aqui, funcionariam como importante canal de difusão de produtos a serem consumidos por este grande público em franca expansão – o público escolar (Gaspar da Silva e Souza, 2018, p. 128).

Para tanto, segundo as pesquisadoras, as exposições universais funcionaram como um modelo a ser seguido e copiado pelos museus pedagógicos, o objetivo era continuar atingindo o público de massa:

Tanto Museus Pedagógicos como os Escolares tiveram nas Exposições Universais espaços modelares de inspiração e os produtos ali expostos e comercializados prometiam aliar quem os tinha à modernidade tão almejada na virada de século XIX e início do XX. Como vitrine singular a favor da indústria, as Exposições Universais ganham projeção, investimentos de grande monta e setorizam a comercialização de produtos, incluindo aqueles destinados à escola de massas (Gaspar da Silva e Souza, 2018, p. 129).

Com uma abordagem etnográfica, Escolano Benito (2018) ressalta a importância das Exposições Universais como fonte de análise da história da educação. Segundo o

autor, os museus pedagógicos codificavam criavam estereótipos iconográficos, traduziam para a linguagem escolar os saberes difundidos e vendidos nas Exposições Universais:

As Exposições Universais constituem um campo de estudo de alto valor testemunhal para os historiadores da cultura empírica da escola. Nelas obteve-se publicidade e visibilidade social das primeiras representações do mundo contemporâneo, boa parte desconhecidas e inclusive exóticas para os observadores de umas e outras partes do mundo. Muitas dessas imagens passaram aos manuais escolares, aos murais das salas de aulas, aos programas das instituições educativas, à imprensa, aos museus pedagógicos e etnográficos e a outras mediações culturais, codificando estereótipos iconográficos acerca do mundo natural, etnoantropológico, social e estético dos povos, das nações e dos impérios. Todo esse repertório de textos, ícones e realidades instituiu um imaginário, a dizer, uma cultura (Escolano Benito, 2018, p. 93).

Isso significa que os museus pedagógicos produziam uma cultura escolar a partir do que era disseminado mundialmente pelas Exposições Escolares, por meio de criação de imagens sobre o mundo natural. Entende-se que os museus pedagógicos eram responsáveis pela organização desses objetos e pela sua tradução como saberes escolares.

Ainda segundo Escolano Benito (2018), os museus pedagógicos compostos pelos materiais exibidos nas Exposições, seriam, portanto, os espaços dessas novas tecnologias:

Convém recordar, ademais, como justamente nessa fase inicial e de consolidação dos sistemas educativos nacionais, os museus pedagógicos se nutriram dos objetos, das imagens e dos textos que haviam sido previamente exibidos em público nas Exposições Universais, desde aquela realizada em Londres, em 1851. Nas mostras do século XIX e primeiras das décadas do XX, as tecnologias emergentes da nova escola viriam a ser um símbolo do nível de modernidade que os sistemas de educação iam alcançando nos respectivos países e até um indício do grau comparativo de progresso de cada um deles. Em outra perspectiva, tais materialidades abriam o mundo da escola aos processos de tecnificação que se estavam operando em outras ordens da vida e geravam interações entre os administradores, os criadores dos meios e as empresas que os produziam. Outras representações mostravam realidades muito mais tradicionais (Escolano Benito, 2018, pp. 98-99).

Entende-se que os museus pedagógicos foram desenvolvidos para reunir as modernidades tecnológicas escolares apresentadas nas grandes feiras. Segundo Escolano Benito (2018), a partir do momento que novos processos tecnológicos rompem os muros da escola e passam a fazer parte de seus cotidianos, é necessário que se crie um espaço

que apresente esses novos saberes; mais do que isso, um local onde esses administradores, criadores e empresas possam operar e demonstrar o que fazem tais novos objetos.

Nota-se que muitos discursos e prescrições oficiais usam o termo “modernidades tecnológicas” para tratar da entrada de novos objetos de ensino na escola. Em estudo sobre os artefatos e as ações educativas na Espanha, Mora (2018) analisa a entrada dessa chamada nova tecnologia da escola. Essa inserção de objetos é estudada por meio do que caracteriza como uma triangulação de três segmentos envolvidos nesse processo: a administração pública, a indústria e os professores. O pesquisador, então, afirma que a metodologia educacional passa a ser desenvolvida pensando na inserção dessa nova tecnologia escolar, criando a necessidade de uso desses objetos (Mora, 2018, p. 27).

Dentro das escolas, esses objetos ganham um novo contexto, desenvolvendo uma forma particular de divulgar a ciências e transformando-a em um saber escolar. Parte daí a necessidade se criar uma linguagem exclusiva (Mora, 2018, pp. 30-31).

Compreende-se que as Exposições Universais tinham o papel difundir mundialmente as chamadas modernidades tecnológicas escolares, enquanto os museus pedagógicos serviam de aparelhos para formação de professores aprenderem a lidar com esses novos recursos. Isso significa que as administrações públicas, além de desenvolverem prescrições metodológicas, criavam museus pedagógicos que armazenavam essa tecnologia escolar e formavam os professores para ensinarem usando esses novos materiais didáticos.

Para Braghini (2011, p. 24), os museus pedagógicos foram criados dentro de um imaginário mundial que descobriu, na exposição de coisas, um meio chamativo e didático, para mostrar, por meio de classificações diversas, o que havia disponível de inovações no cenário pedagógico. Os museus pedagógicos, em seu conjunto visual, replicavam as Exposições Universais e comerciais, do mesmo modo que tais exposições operavam com a apresentação de objetos em sincronia com os museus, tendo, no entanto, a intenção não por mantê-los, mas também vendê-los.

Portanto, entende-se que museus pedagógicos eram instituições formadas, em sua maioria, a partir do espólio de tecnologias educacionais difundidas e comercializadas pelas grandes exposições universais e tinham por objetivo central capacitar professores a utilizarem esses novos objetos didáticos. Isso significa compreender que os museus pedagógicos inauguram uma nova tipologia de museu, já que são desenvolvidos para formação de um público específico, mas também se aproximam da definição de museu clássica quando organizam seus acervos, a fim de apresentar objetos e garantir a instrução

pela materialidade. Se os museus, de maneira geral, podem ser interpretados como um espaço responsável pelo encapsulamento de um tempo passado específico, projetando futuros, como “nação”, “povo” etc., como vimos anteriormente, museus pedagógicos por sua vez, nesse caso apresentado, são responsáveis pela exaltação da modernidade, e do progresso tecnológico no campo educacional, ou seja, comemoram o tempo presente, apresentando a modernidade produzida no momento.

### 1.3 Cenário internacional – Museus Pedagógicos em uma abordagem transnacional

Museus Pedagógicos foram desenvolvidos em diversos países ao longo do século XIX. Em quadro resumo reproduzido pelos pesquisadores Munakata e Braghini (2015, p. 3) podemos identificar que, entre 1851 e 1905, ou seja, em 54 anos foram localizados 76 museus desse tipo em diferentes partes do mundo:

**Quadro 2** – Relação dos museus pedagógicos criados entre 1850-1906

Lugar	Nación	Año
Stuttgart	Alemania	1851
Hambourg	Alemania	1855
Toronto	Canadá	1857
Londres	Inglaterra	1857
Saint-Pétersbourg	Rusia	1864
Leipzig	Alemania	1865
Viena	Austria-Hungría	1872
Roma	Italia	1874
Zürich	Suiza	1875
Munich	Alemania	1875
Berlín	Alemania	1875
Donauwoerth	Alemania	1876
Berlín	Alemania	1877
Magdebourg	Alemania	1877
Budapest	Austria-Hungría	1877
Amsterdam	Holanda	1877
Tokio	Japón	1878
Berna	Suiza	1878
París	Francia	1879
Bruselas	Bélgica	1880
Palermo	Italia	1880
Regensbourg	Alemania	1880
Washington	EE.UU.	1881
Genes	Italia	1881
Koenigsberg	Alemania	1881
Augsbourg	Alemania	1882

Graz	Austria-Hungría	1882
Rio de Janeiro	Brasil	1883
Lisboa	Portugal	1883
Madrid	España	1884
Fribourg	Suiza	1884
Copenhague	Dinamarca	1887
Neuchâtel	Suiza	1887
Aarhus	Dinamarca	1887
Buenos Aires	Argentina	1888
Innsbruck	Austria-Hungría	1888
Rostock	Alemania	1888
Jena	Alemania	1889
Gotha	Alemania	1889
Monevideo	Uruguay	1889
Bozen	Austria-Hungría	1889
Praga	Austria-Hungría	1890
Kiel	Alemania	1890
Breslan	Alemania	1891
Hildesheim	Inglaterra	1891
Londres	Inglaterra	1892
Wofenbüttel	Alemania	1892
Hanovre	Alemania	1892
Bamberg	Alemania	1896
Posen	Alemania	1897
Rixdorf	Alemania	1897
Hambourg	Alemania	1897
Laibach	Austria-Hungría	1898
Belgrado	Yugoslavia	1898
New York	EE.UU.	1900
Oldembourg	Alemania	1900
Frncfort-sur-le-Mein	Alemania	1900
Cologne	Alemania	1901
Agram	Austria-Hungría	1901
Lausanne	Suiza	1901
Christiania	Noruega	1901
Brême	Alemania	1902
Viena	Austria-Hungría	1903
Kolberg	Alemania	1904
Stade	Alemania	1904
Straubing	Alemania	1904
Dresde	Alemania	1904
Danzig	Alemania	1904
Sofía	Bulgaria	1905
Atenas	Grecia	1905
Lucerne	Suiza	1905
Saint-Louis	EE.UU.	1905
Gleiwitz	Alemania	1905
Postdam	Alemania	1905
Dresde	Alemania	1905
Wurzbourg	Alemania	1905

---

---

Fonte: Ángel García del Dujo, *Museo Pedagógico Nacional (1882-1941): teoría educativa y desarrollo histórico*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 1985, pp. 179-181). (Dados de Max Hübner. *Die ausländischen Schulmussen*. Alemanha: Breslan, 1906, recogido por M. Pellisson, *Musées Pédagogiques*, en F. Buisson, *Nouveau dictionnaire de pédagogie et d'Instruction Primaire*. Paris: Librairie Hachette et Cie, 1911, pp. 1367-1376.)

O quadro traz uma relação de Museus Pedagógicos criados entre o final do século XIX e início do século XX. Percebe-se que foram criados dezenas de museus, sobretudo no continente europeu, num relativo curto espaço de tempo. O quadro aponta que, no Brasil, o museu pedagógico foi criado em 1883. A formação quase simultânea desse tipo de museu em diferentes continentes é possível de ser explicada à luz do conceito transnacional.

Matasci (2015) por exemplo, no estudo sobre a escola republicana francesa, destaca a importância de analisar a construção de sistemas escolares considerando aspectos da globalização, já que tal fator se refletira em áreas como educação e na construção de identidades nacionais durante o século XIX. Trata-se, portanto, de um paradigma educacional, pois num período em que ações e discursos visavam ao fortalecimento das nações independentes, ainda assim, não pode ser desconsiderado um intenso intercâmbio estrangeiro. Esse método é chamado, no caso da França, de “viragem transnacional”, ou seja, é necessário repensar como o estrangeiro participa da formação nacional (Matasci, 2015).

Destaca-se, ainda no caso da França, a necessidade de compreensão das reformas escolares dentro de uma perspectiva que considera o transcender das fronteiras, considerando as tradições políticas e aspectos culturais de cada Estado (Matasci, 2015).

Compreende-se que é preciso levar em consideração as relações transnacionais na formação de sistemas escolares. Mesmo que as escolas funcionassem como aparelhos de legitimação e formação de identidades nacionais, no contexto do século XIX, de ampla circulação de saberes, pessoas e objetos em espaços como as Exposições Universais, deve ser considerado que os sistemas escolares são fruto dessa intensa interação.

De acordo com Ossenbach e Pozo (2011, p. 580), em estudo sobre os modelos pós-coloniais e transferências culturais na perspectiva transnacional, abordagens sobre o pós-colonialismo questionavam conceitos como “centros” e “periferias”, por isso, foi necessário formular uma nova explicação para a construção de identidades coletivas.

Nesse sentido, o conceito imaginário transnacional propõe redefinir a ideia de cultura como um espaço de regeneração de identidades ou identidades renegociadas. Isso

significa compreender que história transnacional examina unidades que transbordam através das fronteiras nacionais e descobre redes unidas por laços mais fortes que os sociais, classe ou ideologia, vinculando narrativas e experiências que transcendem o tempo (Ossenbach e Pozo, 2011, p. 581). Segundo a pesquisadora, o campo educacional tem a vantagem de observar práticas que viajam, atravessam fronteiras, conectam espaços e servem como um modelo transnacional (Ossenbach e Pozo, 2011, p. 583).

É preciso ter atenção, pois não se trata de uma análise internacional equivalente à história do mundo; isso seria uma história comparativa, algo diferente do proposto pelo método transnacional (Seigel, 2005, p. 65).

Schriewer (2016), em texto sobre a comparação uma explicação entre complexidade e causalidade, faz um estudo sobre a mudanças no método comparativos estabelecido por Durkheim e revisto por outros estudiosos. Durante esse percurso, o autor identifica que as ciências políticas comparadas apontam para um entrecruzamento, ou seja, uma penetração nos estados nacionais, essa integração transnacional, que interfere nos caracteres linguístico, étnico e cultural, o que permite compreender que a análise transnacional esclarece o caráter conflitivo dos processos de internacionalização e globalização (Schriewer, 2016, pp. 39-40).

Pensar dentro de uma perspectiva transnacional significa compreender que a ampla circulação de pessoas, objetos e saberes, tão característico do século XIX e materializado em espaços como as Exposições Universais e Museus Pedagógicos, não se tratava de uma simples transferência feita entre “centro” e “periferia”. Percebe-se, dessa maneira, que os museus desse período eram construídos a partir de experiências coletivas que mesmo com um objetivo de afirmar identidades nacionais, foram constituídos por meio de uma composição coletiva de encontros diversos de saberes e práticas que viajavam e transpunham fronteiras. Nesse sentido, Exposições Universais e Museus Pedagógicos eram os locais onde no plano educativo mostrava fluidez de ideias e práticas, ainda que se houvesse a perspectiva política de fortalecimento das fronteiras políticas. De certo modo, vale dizer que mesmo o que é característico de um certo estado nacional, não foge às discussões que circulam de uma maneira mais fluída pelo trânsito de agentes e materiais. Era ali que representantes do mundo inteiro se encontravam, trocavam saberes e práticas, vendiam materiais didáticos, formavam uma escola composta desse encontro da miscelânea cultural. Entende-se, portanto, que a fundação de Museus Pedagógicos significava ter um espaço fixo, um local onde se pudesse consultar, conhecer e aprender um pouco de diferentes lugares do mundo.

No campo educacional, precisamente na fundação de Museus Pedagógicos, esse conceito pode ser aplicado e observado de diferentes maneiras. Para Linares (s.d.), os Museus Pedagógicos são resultado da construção de sistemas educativos nacionais, acompanharam a formação e reorganização dos estados nacionais:

Desde mediados del siglo XIX los museos pedagógicos nacieron acompañando la formación de maestros y en muchos casos la construcción de los sistemas educativos nacionales. Creados en pleno auge de los Estados naciones, la idea de renovar los aspectos pedagógicos de la educación se asoció al objetivo de construcción de la nacionalidad y al desarrollo de la ciencia y la técnica. Asociados fuertemente con una concepción pedagógica pestalozziana en la cual uno de sus principios era “Principiar por los sentidos; no decir jamás al niño lo que él pueda descubrir por sí mismo”, lo que derivó em algunos lugares en las “lecciones de cosas”, los objetos pasaron a tener una importancia esencial en el proceso de aprendizaje (Linares, s.d., p. 1).

Para a autora, a fundação de museus pedagógicos fazia parte de um projeto de criação de identidades nacionais que estava pautado no desenvolvimento e divulgação da ciência e da técnica.

Ainda segundo Linares (s.d.), museu pedagógico, museu escolar ou museu da educação, eram instituições que estavam ligadas em seu uso, já que serviam para a formação de professores e contavam com espaços e acervo específicos para que fosse cumprido tal objetivo. A autora destaca ainda que esses tipos de museus foram desenvolvidos tanto na Europa como na América:

Bajo distintas denominaciones: "museo de educación", "museo pedagógico", "museo escolar", "exposición escolar permanente" surgieron em Europa y América centros que comprendían por un lado una biblioteca com obras de educación, legislación, documentos y, por otro, colecciones de material de enseñanza y mobiliario escolar, aunque no necesariamente incluyera estos tres componentes (Linares, s.d., p. 1).

Na Europa e na América, a autora identificou que essa tipologia de museu tinha uma organização semelhante, composta por uma biblioteca, obras relacionadas a educação, documentos, legislação e coleções de materiais didáticos e móveis escolares.

É o caso do Museu Pedagógico da Alemanha que, em sua origem, tinha como foco questões relacionadas ao método intuitivo:

Es en Alemania donde se crea el primer Museo Pedagógico, recordemos su trayectoria en cuestiones metodológicas de tipo intuitivo, con el fin de paliar la inferioridad de la enseñanza con aplicaciones industriales. Esta constatación se realizó durante La Exposición Universal de Londres de 1851. Así se creó el museo de Stuttgart en el mismo año. La mayor parte de este tipo de museos fueron creados a posteriori de exposiciones internacionales (Linares, s.d., pp. 1-2).

Segundo a autora, museus da Alemanha e de Londres foram desenvolvidos posteriormente de exposições universais. De acordo com Linares (s.d., pp. 2-3), entre 1851 e 1911, foram criados 72 museus pedagógicos na Europa e na América; para a autora, entre as razões dessa criação estão: as necessidades de construir identidades nacionais com os novos Estados nacionais, como dissemos, as ideias positivistas que acompanharam o processo de renovação científica técnica, a formação de cidadãos pela lógica das relações de produções capitalistas.

Para a autora, os museus pedagógicos foram importantes instituições que contribuíram para uma renovação da didática e do cotidiano escolar, já que foram responsáveis pelo desenvolvimento de novas práticas, rituais e hábitos escolares, definindo o que hoje é chamado como cultura material escolar:

Los museos pedagógicos no sólo recopilarían, como otro tipo de museos, sino que fundamentalmente renovarían la didáctica y el cotidiano escolar. De esta manera intervinieron en lo que hoy definimos como “cultura material” escolar ya que incidieron en las teorías, ideas, principios, normas, pautas, rituales, inercias, hábitos y prácticas, es decir, en las formas de hacer y de pensar el cotidiano escolar. Cuando el modelo de “escuela normal” entró en decadencia a mediados del siglo XX, algunos museos desaparecieron y otros resignificaron sus funciones pasando a ser Museo sobre la Historia de la Educación (Linares, s.d., p. 3).

Percebe-se que mais do que indicar o uso de objetos, segundo Linares (s.d.), os museus pedagógicos alteraram a cultura material escolar, isso significa que a organização escolar do final do século XIX foi pautada e modificada de acordo com o que estes tipos de estabelecimentos disseminavam. Então, era mais do que indicar, era modificar uma lógica educacional até então vigente.

Em estudo sobre os museus técnicos portugueses e as Exposições Universais no século XIX, Matos (2010, p. 72) afirma que, neste país, no final do século XIX, os museus adquiriram um valor cultural, político e educacional e, por isso, foram considerados

importantes elementos ativos do desenvolvimento técnico e econômico dos países europeus.

Já Levin (2010, p. 115), em estudo de título *Modernizar Paris por meio de exposições e museus*, conta-nos que a cidade de Paris, tendo recebido três exposições entre os anos de 1898 e 1900, resolveu usar tais eventos para desenvolver a cidade de maneira científica e tecnológica. Segundo o autor, entre a décadas de 1880 e 1890, foram as exposições e os museus que ajudaram a moldar a cidade de acordo com os preceitos republicanos de progresso:

Sua verdadeira genialidade foi encontrar maneiras de aproveitar a sinergia de exposições universais e museus para gerenciar a mudança centrada na cidade. As três exposições universais montadas pela Terceira República (1878, 1889 e 1900) proporcionaram ocasiões para melhorar o transporte urbano, a circulação do tráfego e outras amenidades modernas que transformaram a própria cidade em um espaço para ver ciência e tecnologia. Simultaneamente, serviram como espaços de educação do público e de intercâmbio internacional sobre o progresso científico e tecnológico. Eles também produziram coleções, identificaram especialidades e deixaram prédios que se tornaram recursos para museus. O apoio aos museus refletia a necessidade do público de manter o controle de um passado parisiense em rápido desaparecimento e, de maneira mais ampla, de um mundo natural e construído pelo homem, por razões tão psicológicas quanto científicas e utilitárias (Levin, 2010, p. 116).<sup>5</sup>

Percebe-se que os museus pedagógicos eram mais do que espaços para educar o público, como menciona o autor; eram locais onde ocorriam intercâmbios internacionais sobre o desenvolvimento científico e tecnológico. Isso significa compreender que museus pedagógicos educavam por meio de encontros culturais e materiais diversos.

Verifica-se ainda que as exposições universais também estavam relacionadas as mudanças nas próprias cidades, como no caso de Paris, onde a realização dos eventos significava a mudança, o avanço tecnológico inclusive para a arquitetura da cidade.

---

<sup>5</sup> Tradução livre, segue trecho original: “Their true genius was to find ways to harness the synergy from universal expositions and museums into means for managing urban-centred change. The three universal expositions mounted by the Third Republic (1878, 1889, and 1900) provided occasions for improving urban transport, traffic circulation, and other modern amenities that turned the city itself into a space for viewing science and technology. Simultaneously, they served as sites for educating the public and for international exchanges regarding scientific and technological progress. They also produced collections, identified specialties and left buildings that became resources for museums. Support for museums reflected public need to keep hold of a fast disappearing Parisian past and more broadly of a human-built and natural world for reasons that were as much psychological as scientific and utilitarian”.

Segundo Levin (2010, p. 119), os museus mais importantes tinham coleções científicas e tecnológicas e contavam com uma formação específica.

Na introdução do livro *Modelling the future*, Martin Lawn (2009, p. 7) afirma que as grandes feiras e os museus, foram espaços poderosos para a modelagem da educação. Eles foram responsáveis por exibir objetos, métodos e espaços inovadores.

O autor ressalta que as exposições e feiras foram importantes espaços para a educação entre os séculos XIX e XX, e que a tecnologia educacional, desenvolvida e comercializada nesses espaços, construíram uma nova educação e uma nova escola:

A materialidade estava imbuída das regras de classificação e circulou como parte da indústria internacional da educação, usada em museus e salas de aula. Uma nova relação pedagógica entre o estado e o povo foi formada, na qual as exposições se tornaram os catalisadores e a narrativa de ligação entre novos sistemas, mídias, tecnologias e instituições. A comparação entre estados, baseada em identidade e produção, tornou-se cada vez mais transparente e organizada. Juntos, eles constituíram um novo modo de produção na educação, paralelo ao da escolarização. O futuro foi organizado e transformado em uma exibição de objetos e técnicas necessárias (Lawn, 2009, p. 8).<sup>6</sup>

Identifica-se que a chave para o entendimento dessa nova configuração escolar promovida pelas exposições e museus pedagógicos está na circulação industrial da educação conforme menciona o autor. Essa circulação formou uma nova relação entre estado e escola, onde as exposições e museus foram catalisadores e responsáveis por essa conexão internacional de um novo sistema escolar.

Lawn (2009) destaca que as exposições ligavam o nacional e o local e que existia uma tensão entre o nacionalismo e o internacionalismo:

A Exposição liga o nacional e o local. O nacionalismo e o internacionalismo estão em tensão no espaço, assim como a relação entre governo, negócios e mídia. Os museus assumiram esse dever adiante e em suas coleções educacionais, organização e atividades, representaram ativamente modelos do futuro, melhores práticas e novos padrões. (...) Museus eram catálogos do futuro. Eles não eram sozinhos; uma indústria editorial baseada em explicar e ilustrar como o mundo foi

---

<sup>6</sup> Tradução livre, segue trecho original: “Materiality was imbued with the rules of classification, and became circulated as part of the international industry of education, used in museums and classrooms. A new pedagogic relation between state and people was formed in which exhibitions became the catalysts and the linking narrative between new systems, media, Technologies and institutions. Comparison between states, based around identity and production, became increasingly transparent and organised. Together they constituted a new mode of production in education, parallel to that of schooling. The future was organised and turned into a display of required objects and techniques”.

organizado se desfez de perto com este novo modo de educação (Lawn, 2009, p. 8).<sup>7</sup>

Na verdade, essa tensão é um aspecto transnacional, já que esse nacionalismo, conforme vimos, era formado por meio dessa articulação multicultural ocasionada nas exposições e, sobretudo, nos museus pedagógicos. Estes funcionavam como catalisadores de modelos, práticas e novos padrões como identificou o autor. Tudo com base na circulação.

Lawn (2009) identifica também que as exposições moldavam práticas dentro das fronteiras e que os museus foram centros de treinamento de como usar os objetos e as tecnologias educacionais desenvolvidas e exibidas nas grandes feiras:

As exposições não eram eventos isolados. Eles moldaram as instituições e práticas culturais e sociais dentro das fronteiras, mas também as cercaram. As pessoas foram atraídas para vê-los e voltaram com novas ideias. As exposições produziram documentos, brochuras e imagens através das quais o efêmero se transformou em material de referência. Revistas especializadas ampliaram e desenvolveram os sistemas de exibição e combinaram maravilha com classificação. Uma nova visão cultural foi estendida por meio de impressão, museus e processos de formação. Os museus eram centros ativos de treinamento, ensinando mais a partir de objetos do que de textos (Lawn, 2009, p. 9).<sup>8</sup>

Era o encontro de saberes que promovia a criação de novas ideias, novas práticas. As Exposições materializam e divulgavam essa diversidade, a formação de Museus como centros ativos de treinamento que derrubava as fronteiras.

Em artigo com o título *Todo o mundo na escola: feiras mundiais e o surgimento do museu da escola no século XIX*, Fuchs (2009) observa que muitos desses museus foram erguidos em pequenas salas, e iniciaram com pequenas coleções advindas das grandes

---

<sup>7</sup>Tradução livre, segue trecho original: “The Exhibition links the national and local with the international and global. Nationalism and internationalism are in tension in the space, and so is the relation between government, business and media. Museums took this duty forward and in their educational collections, organisation and activities, they actively represented models of the future, best practices and new standards. (...) Museums were catalogues of the future. They were no talone; a publishing industry based on explaining and illustrating how the world was organised meshed closely with this new mode of education com o internacional e o global”.

<sup>8</sup>Tradução livre, segue trecho original: “Exhibitions were not stand-alone events. They shaped cultural and social institutions and practices within borders but also across them. People were drawn to see them and returned with new ideas. Exhibitions produced documents, brochures and images through which the ephemeral was turned into reference material. Specialist magazines extended and developed the exhibition systems and combined wonder with classification. A new cultural vision was extended through print, museums and training processes. Museums were active centres of training, teaching from objects rather than texts”.

feiras, ofereciam materiais especializados e, por isso, restringiam o acesso do público, já que seu público-alvo era professores e funcionários da escola:

Muitos desses museus inicialmente muito pequenos foram erguidos em edifícios escolares e consistiam em não mais do que uma e duas salas. As exposições foram doadas ou disponibilizadas por seus fabricantes. Acima de tudo, os museus possibilitaram o acesso a informações sobre materiais e métodos de ensino atualizados; na biblioteca, para a leitura de publicações especializadas e literatura sobre questões jurídicas e pedagógicas relacionadas com a escola; os museus também forneceram aconselhamento e treinamento adicional. Os objetivos profissionais específicos dos museus restringiam a sua disponibilidade ao público. Embora tivessem também o objetivo de formar o povo em geral, ou seja, orientar-se para as classes sociais mais baixas, os professores e os funcionários da administração escolar e também os alunos das classes altas, que muitas vezes desfrutavam de passeios organizados. A maioria dos museus não cobrava entrada, acontecia aos sábados e recebia bem as crianças. (...) Atuaram primordialmente como meio de profissionalização, possibilitando aos professores do ensino fundamental e médio a ascensão social em face das reformas escolares ocorridas na virada do século. Ao contrário de outros tipos de museus, os museus escolares exibiam objetos com relevância direta para a prática profissional e, portanto, apresentavam um potencial de modernização do sistema educacional que não deve ser subestimado (Fuchs, 2009, p. 66).<sup>9</sup>

Segundo o autor, toda a organização dos museus era pensada para a formação profissional de professores. Todavia, não era apenas isso, pois, segundo a citação, museus pedagógicos formavam o povo em geral, abertos ao público, eram espaços de divulgação da educação para professores e interessados. O objetivo era a formação para a modernização do sistema educacional, como temos visto em outros exemplos, mas era também um ponto cultural da cidade, um local de propaganda de políticas públicas. Podemos perceber que essa modernização acontecia por meio dos encontros. Sendo os

---

<sup>9</sup> Tradução livre, segue trecho original: “Many of these initially very small museums were erected in school buildings and consisted of not more than one two rooms. The exhibits were donations or made available by their manufacturers. Above all, the museums provided the opportunity to access information on up-to-date teaching materials and methods; in the library, to read expert publications and literature on legal and pedagogical matters pertaining to the school; the museums also provided advice and further training. The specific professional objectives of the museums restricted their availability to the public. Although they were also intended to serve the purpose of educating the people as a whole, that is, to be orientated towards the lower social classes, teachers and those employed in school administration as well as upper-class pupils, who would often enjoy organised outings to the museums, constituted the museums principal clientes. Most of the museums did not charge an admission fee, were on Saturdays, and welcome children. (...) They acted primarily as means of professionalism, thus enabling the teachers of the basic elementary and secondary schools to climb the social ladder in view of the school reforms around the turn of the century. Unlike other types of museums, school museums displayed objects with a direct relevance to professional practice, and thus held a potential for modernisation in the education system that is not to be underestimated”.

museus formados pelos objetos das exposições, o objetivo adiante é fazer com que os funcionários da educação aprendessem a ensinar a modernidade.

No percurso até aqui, compreende-se que os museus pedagógicos são uma tipologia de museu fundada quase que de maneira concomitante em diferentes continentes do mundo ao longo do século XIX e início do XX, formados em sua maioria a partir de eventos como as Exposições Universais. Isso significa que esses museus pedagógicos são resultados direto de uma circulação e do encontro de saberes, práticas e objetos, circulação essa transnacional. Nesse sentido, entende-se que museus pedagógicos, em diferentes partes do mundo, tinham um objetivo comum formar e divulgar métodos e objetos que circulavam nessas grandes feiras, em suas respectivas localidades. Isso garante aos museus pedagógicos um caráter transnacional pois: eram formados, em sua maioria, a partir de Exposições Universais e, portanto, tinham proximidade com a indústria e comércio especializado em educação; apresentavam objetos, práticas e saberes de diferentes partes do mundo; formavam professores e interessados na área a partir da circulação de objetos e ideais que viajavam produzindo uma coesão particular e local para a promoção de identidades nacionais renegociadas.

No entanto, os processos de instalação dessa tipologia de museus ocorreram de maneira diversa em cada local, constituindo relações distintas dessas instituições com seus respectivos estados, públicos e outros museus. Analisaremos o caso dos museus no eixo Ibero-americano.

#### **1.4 Museus Pedagógicos no eixo Ibero-americano**

Os Museus Pedagógicos do eixo ibero-americano: Portugal, Espanha, Argentina, Uruguai e, posteriormente Brasil, apresentam certas consonâncias entre si e com o caso de outros museus pedagógicos de outras partes do mundo, já apresentados anteriormente. O Museu Pedagógico Nacional da Espanha foi fundado em 1882 e fechado em 1941. De acordo com Martinez (2021)<sup>10</sup>, esse estabelecimento tinha como objetivos centrais renovar a educação, modernizar e transformar socialmente a Espanha. Fundado inicialmente como um museu de instrução primária de Madri, em 1894, a instituição foi

---

<sup>10</sup> Trabalhos apresentados no XIV Congresso Iberoamericano de História la Educación Latinoamericana – Lisboa, Portugal 20-23 de julho de 2021, no Painel intitulado “Museus Pedagógicos: Diálogos Ibero-americanos”, organizado por Vera Lucia Gaspar da Silva e Gabriel Scagliola, aprovado para publicação no periódico “Cadernos de História da Educação”. O uso dos textos foi autorizado pelos autores para uso exclusivo dessa tese.

transformada em Museu Pedagógico Nacional. Essa forma de organização deve ser levada em conta, considerando o contexto internacional de museus nesse período. (Martínez, 2021, p. 3).

Segundo Martinez (2021), o Museu de instrução primária, que foi transformado num estabelecimento nacional, foi fundado no mesmo ano do Congresso Nacional na Espanha e, posteriormente, recebeu objetos desse evento. O Museu Pedagógico Nacional da Espanha contava com os seguintes objetos:

Siguiendo la estela de tales museos la norma establecía que el Museo contendría: modelos, proyectos, planos y dibujos de establecimientos españoles y extranjeros de primera enseñanza, mobiliario y menaje escolar, material científico para la enseñanza, colecciones de objetos para las lecciones de cosas, dones de Froebel, juegos y una biblioteca de instrucción primaria. Entre sus funciones principales tendría las de publicar catálogos de los libros y objetos adquiridos, organizar conferencias, ser centro facultativo, contar con exposiciones, dar a conocer los objetos expuestos a los visitantes o ensayar la reproducción de aparatos y material de enseñanza. El Museo de Instrucción Primaria quedaba constituido como un organismo autónomo, de carácter técnico, con dependencia directa de la Dirección general de Instrucción primaria (Martínez, 2021, p. 4).

O autor ressalta que o museu espanhol seguia um padrão já estabelecido na constituição de seu acervo, por isso contava com projetos e modelos de estabelecimentos de ensino, material didático científico intuitivo e mobiliário de origens espanhol e estrangeiros. Além disso, sua função contava com a publicação de livros e organizar conferências formativas, além de contar com uma exposição de materiais didáticos. Tudo isso, segundo o autor, lhe configurava um caráter técnico.

O então diretor do museu pedagógico espanhol, Bartolomé Cossío, estabeleceu comunicação com museus pedagógicos estrangeiros com o objetivo de conhecimento e intercâmbio com essas instituições. Em uma viagem de quarenta dias, o diretor visitou os museus da Alemanha, Áustria, Bélgica, França e Suíça. Essas visitas teriam feito com que o diretor reafirmasse o caráter de formação de professores do museu espanhol. Nesse caminho, a instituição chegou, inclusive, à publicação de uma Revista Pedagógica (Martínez, 2021, pp. 6-7).

A pesquisadora Maria João Mogarro (2021)<sup>11</sup>, em texto sobre o Museu Pedagógico de Lisboa, dá destaque para a intencionalidade de modernização desta

---

<sup>11</sup> Trabalhos apresentados no XIV Congresso Iberoamericano de História la Educación Latinoamericana – Lisboa, Portugal 20-23 de julho de 2021, no Painel intitulado “Museus Pedagógicos: Diálogos Ibero-

instituição bem como de seu caráter de circulação transnacional de ideais. O Museu Pedagógico Municipal de Lisboa foi inaugurado em 1883, tendo como diretor Francisco Adolfo Coelho. A fundação da instituição teve como objetivo central comum da época a formação de uma cultura pedagógica moderna e afirmação da ciência (Mogarro, 2021, p. 2).

Segundo Mogarro (2021), o museu difundia orientações que propunham uma renovação de ensino:

O Museu foi uma instituição de formação, destinada aos professores e ao serviço da sua atualização pedagógica. Nele se realizaram cursos e adquiriu-se o material pedagógico e didático adequado aos contextos em que seria utilizado. Assim, o Museu Pedagógico de Lisboa integrava-se na corrente internacional da moderna pedagogia, que via, nos museus pedagógicos, as instituições fundamentais para o estudo dos assuntos relacionados com a educação e o ensino e para a formação profissional dos professores. Com este museu, Lisboa colocava-se a par de outras cidades de referência, como Londres, Toronto, S. Petersburgo, Washington, Roma, Viena, Zurique, Amsterdã, Bruxelas e Paris, que tinham já os seus museus pedagógicos; por seu lado, relacionava-se mais diretamente com os museus similares de Madrid e do Rio de Janeiro (Mogarro, 2021, p. 3).

Com esse objetivo de renovação do ensino e para a formação de professores, o Museu de Lisboa adquiriu material pedagógico e didático adequado e promovia a realização de cursos. Além disso, também estava inserido na rede internacional, buscando informações de estabelecimentos estrangeiros, relacionando-se diretamente com os museus de Madri e brasileiro, conforme menciona a autora.

Mogarro (2021) afirma ainda que a biblioteca da instituição pode ser classificada, de maneira transnacional. Isso porque, segundo a pesquisadora, o acervo da biblioteca fora constituído por livros de autores de diferentes nacionalidades, encontrando-se nomes de referência da pedagogia mundial entre eles, francês, português, inglês, alemão, castelhano, latim e dinamarquês.

Saindo da Europa, o Museu Pedagógico argentino teve origem a partir da Exposição Sul-americana Industrial, Agrícola e de Belas Artes de 1882, que resultou na

---

americanos”, organizado por Vera Lucia Gaspar da Silva e Gabriel Scagliola, aprovado para publicação no periódico “Cadernos de História da Educação”. O uso dos textos foi autorizado pelos autores para uso exclusivo nessa tese.

edição do Congresso Pedagógico. Um ano depois desse evento, foi fundado o Museu Escolar Nacional, com características de um museu pedagógico (Linares, 2021, p. 5)<sup>12</sup>.

Assim como os demais museus, a instituição argentina tinha como pretensão a renovação metodológica e de material:

Museo Pedagógico estuvo pensado como motor para la renovación metodológica y material de la educación, una educación para la mayoría, primaria o básica. Ello estaba enmarcado en una concepción progresista y evolutiva de la historia, de carácter positivista, para una sociedad que debía alcanzar los adelantos técnicos brindados por la ciencia y en el marco de un capitalismo industrial que se pretendía desarrollar dentro del territorio nacional. La educación era la que finalmente elevaría a la sociedad a un estado de “civilización” (Linares, 2021, p. 6).

Nota-se que entre os objetivos centrais do Museu Pedagógico da Argentina, estava a intenção de alcançar um desenvolvimento da técnica científica, marco do capitalismo industrial. A partir disso, dar-se-ia o desenvolvimento dentro do território nacional argentino. Isso significa compreender que o interesse do país latino-americano era inserir o território num contexto de modernidade e progresso promovido pelo sistema capitalista da época, ou seja, construir uma identidade nacional em consonância com um discurso mundial.

Para tanto, o acervo da recente instituição deveria ser formado por meio de ações governamentais, ou seja, era o Estado quem deveria obter objetos didáticos que garantissem a formação pelo método intuitivo, além disso, o estabelecimento ainda contava com as doações particulares (Linares, 2021, p. 7).

Já a fundação do Museu Pedagógico de Montevideú, no Uruguai, aconteceu em 1889 e, ao contrário de outros casos, não se deu após a realização de eventos como as Exposições Universais. Um ano antes da fundação, Alberto Gomez Ruano recebeu a missão de visitar instituições semelhantes em outros países, especialmente na Europa e, a partir disso, recebeu a orientação de fundar um Museu Pedagógico e uma biblioteca especial para a Escola Normal (Gaspar da Silva e Scagliola, 2021, p. 6)<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> Trabalhos apresentados no XIV Congresso Iberoamericano de História la Educación Latinoamericana – Lisboa, Portugal 20-23 de julho de 2021, no Painel intitulado “Museus Pedagógicos: Diálogos Ibero-americanos”, organizado por Vera Lucia Gaspar da Silva e Gabriel Scagliola, aprovado para publicação no periódico “Cadernos de História da Educação”. O uso dos textos foi autorizado pelos autores para uso exclusivo nessa tese.

<sup>13</sup> Trabalhos apresentados no XIV Congresso Iberoamericano de História la Educación Latinoamericana – Lisboa, Portugal 20-23 de julho de 2021, no Painel intitulado “Museus Pedagógicos: Diálogos Ibero-americanos”, organizado por Vera Lucia Gaspar da Silva e Gabriel Scagliola, aprovado para publicação no

Com relação às funções do Museu Pedagógico de Montevidéu destacam-se: disponibilizar materiais e mobiliários escolares locais e estrangeiros; disponibilizar material de estudo especialmente para professores; promover conferências pedagógicas para a difusão de novos conhecimentos; popularizar estratégias pedagógicas que favorecessem o progresso das escolas; apresentar modelos escolares enviados por representantes em doação e fornecer informações de preço e condições de venda; fomentar no país o desenvolvimento da literatura pedagógica e a criação de novos ramos da indústria ligados a escola pública; fornecer material para a representação do país em exposições nacionais e no estrangeiro; providenciar a publicação trimestral de uma Revista; contribuir com as escolas no ponto de vista higiênico com espaço exclusivo para esse fim no museu; ressaltar a importância do ensino popular. (Gaspar da Silva e Scagliola, 2021, pp. 7-9).

Todas essas funções deveriam ser cumpridas a partir da seguinte organização interna:

Quanto a organização interna, diversas seções compunham a instituição no início do século XX: Sección de produtos nacionales; Sección Jardines de la Infancia y Trabajos Manuales; Sección Geografía; Sección Higiene Escolar; Galerías; Sección Enciclopedia; Sección Histórica; Sección Arqueológica; Sección Iconográfica; Observatorio Meteorológico; Biblioteca Pedagógica (composta por duas seções: uma teórica – com publicações do Uruguai e do estrangeiro que tratam de matéria pedagógica -, e outra didática – contendo livros de textos já utilizados ou em uso em escolas do país e do estrangeiro); Sección Catálogos; Sala de Lectura y Trabajo; Sala de Conferencias Públicas; Laboratorio Fotográfico; Taller (Gaspar da Silva e Scagliola, 2021, p. 9).

Entre as atuações do diretor, estava a dedicação na busca por representantes uruguaios que atuavam em outros países na busca de materiais e documentos diversos. Um exemplo desse sistema de parcerias era o intenso intercâmbio de Revistas e catálogos, doações e correspondências; Entre os recebidos, destaca-se a procedência de diferentes países: França, Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra, República Oriental, Espanha, República Argentina, Brasil, Áustria, Suíça, Colômbia, Peru e Equador. Destaca-se também que, entre os materiais recebidos, um desses correspondentes era o Brasil, com materiais enviados pelo *Pedagogium* (Gaspar da Silva e Scagliola, 2021, pp. 10-12).

Por fim, segundo os pesquisadores (Gaspar da Silva e Scagliola, 2021, p. 14), o Museu Pedagógico de Montevidéu, estabelecendo uma íntima relação com o comércio

---

periódico “Cadernos de História da Educação”. O uso dos textos foi autorizado pelos autores para uso exclusivo nessa tese.

específico, buscava, sobretudo, a popularização da ciência e o fortalecimento da identidade nacional.

Percebe-se que os museus pedagógicos do eixo ibero-americano, possuíam semelhanças importantes que devem ser pontuadas. A primeira delas era o caráter transnacional, fazia parte das funções desses museus estabelecer relações com instituições semelhantes ou ligadas a educação de outros países. Estas relações estavam configuradas especialmente na formação do acervo e da biblioteca dos museus pedagógicos, sendo formados a partir de objetos, documentos e livros vindos de diferentes países.

Outra importante característica a ser ressaltada era o discurso de renovação e modernização da educação, repetitivamente. Todos os estabelecimentos justificam suas ações afirmando que, por meio da disseminação da ciência, da técnica e do progresso estaria garantida uma renovação escolar. Essa modernização, por sua vez, estava pautada na intencionalidade de legitimação de uma identidade nacional.

Por fim, identifica-se como semelhança a associação com o comércio e indústria na área educacional. Mesmo que alguns desses museus não tenham se originado de uma Exposição Universal, ainda assim, percebe-se que estes estabelecimentos estavam em contato com representantes comerciais, que lhe enviavam materiais e, em troca, o museu deveria fornecer informações de venda. Mais do que museus de formação de professores, os museus pedagógicos ibero-americanos eram espaços onde se estabeleciam negócios comerciais, prática que será mais bem detalhada ao longo do texto.

Ao longo desse capítulo, podemos perceber as diferentes tipologias de funcionamento de museus, especialmente no final do século XIX e início do XX. Percebe-se que, na dinâmica histórica, pelo desenvolvimento do capitalismo e pela união da ciência e técnica, houve alteração, dentre outros pontos, sobre a formação de museus, indicando de certa maneira suas diferentes tipologias, e sobre aquilo que deveria ser colecionado, dentro de um imaginário que, por um lado favorecia o universo burguês, por outro, distribuía conhecimento científico aos públicos.

Vimos que museus escolares e museus pedagógicos são tipologias de museus ligadas à educação. Museus pedagógicos estão espalhados pelo mundo inteiro materializando uma perspectiva de circulação de transnacional de mercadorias escolares, pessoas e saberes. Percebemos que o eixo ibero-americano apresenta semelhanças importantes no que diz respeito a organização de museus pedagógicos.

Museus pedagógicos e museus escolares estão inseridos nessa constituição de museus e, por isso, podem ser incluídos como novas tipologias de museus. Apresentam

semelhanças de composições de acervos e de difusão dessas coleções, tendo um caráter educacional que, de certa forma, como vimos, está presente nos diferentes tipos de museus que foram desenvolvidos ao longo dos anos analisados e nas diferentes localidades.

No capítulo seguinte será apresentada a origem de fundação do Museu Pedagógico Nacional, *Pedagogium*; a rotina de atividades deste estabelecimento, o que promovia, quem frequentava, quais os sujeitos envolvidos no cotidiano do *Pedagogium*.

## CAPÍTULO 2. MUSEU PEDAGÓGICO NACIONAL – PANORAMA GERAL

### 2.1 Antecedentes da Fundação do *Pedagogium*: um congresso frustrado

Embora o *Pedagogium* tenha sido formado no período republicano, as discussões e tentativas de criação de um Museu Pedagógico Nacional aparecem nos anos finais do Império. Em 1879, a Reforma Leôncio de Carvalho propôs fundar museus pedagógicos em todos os lugares onde tivessem Escolas Normais (Brasil, decreto n. 7247, 1879).

Apesar de ter sido determinado em decreto, o projeto não saiu do papel. Ao longo do tempo e de eventos pedagógicos, é possível identificar que grupos de pessoas ainda defendiam a criação de um museu pedagógico no país.

Rui Barbosa, em Parecer sobre a Reforma do Ensino Primário, realizado em 1882 e publicado em 1883, critica diretamente Leôncio de Carvalho, afirmando que fundar museus pedagógicos associados a Escolas Normais não seria o suficiente para o desenvolvimento sério da prática do ensino (Barbosa, 1883, p. 286).

Para Rui Barbosa, não precisávamos de vários museus pedagógicos, mas somente um, sendo que o Poder Executivo deveria ser obrigado a fundá-lo, ao invés de somente orientá-lo. O parecerista continua sua defesa afirmando que museus pedagógicos são encontrados por todo o mundo, especialmente nos países que colocam o ensino como prioridade (Barbosa, 1883, p. 286).

Após fazer um breve relato sobre museus pedagógicos em diferentes localidades, Rui Barbosa nomeou nove funções que um Museu Pedagógico Nacional deveria cumprir: apresentar objetos concretos e documentos autênticos sobre a história do progresso do ensino do país; demonstrar por meios análogos sua situação atual; reunir em coleções completas todos os instrumentos do material técnico do ensino; oferecer ao professorado os tipos e modelos mais aproveitáveis de mobília escolar; juntar numa exposição permanente as amostras de todas as invenções e aperfeiçoamentos produzidos pela indústria nacional e estrangeira sobre o material clássico; constituir mediante exemplificações gráficas, planos, amostras, conferências e investigações especiais no seu laboratório uma escola completa de higiene escolar; estabelecer com as províncias e países estrangeiros a permutação de objetos e documentação sobre o ensino público em todos os seus graus; formar uma completa biblioteca pedagógica; criar, manter e

desenvolver a estatística do ensino no país, coletar dados sobre a situação do ensino em países estrangeiros, publicar anualmente em edições populares o fruto deste trabalho (Barbosa, 1883, pp. 288-289).

Percebe-se que Rui Barbosa não somente critica a proposta de Leôncio de Carvalho como oferece um modelo de Museu Pedagógico Nacional ideal para um país que visa reformar o ensino. Para o parecerista, um museu pedagógico deveria reunir as informações educacionais de diferentes regiões do país e de outras nacionalidades, oferecer a exposição de modelos inovadores de materiais e mobílias e, principalmente, reunir todas essas informações em publicação única a ser distribuída. Entende-se que, para Rui Barbosa, um museu pedagógico deveria ser um órgão centralizador e direcionador do ensino para o país. Um estabelecimento público organizado de maneira a formatar e veicular um tipo de projeto educacional.

Ainda que Rui Barbosa tenha apresentado um modelo completo de estabelecimento de museu pedagógico, a fundação de uma instituição nesses moldes pelo governo não ocorreu. O que houve foi uma iniciativa particular de um grupo de pessoas que se dispuseram a constituir um museu escolar nacional, sobre esta associação veremos adiante seu histórico de formação.

Museus pedagógicos e outros temas relacionados ao ensino foram pautas de discussões do Congresso da Instrução programado para acontecer em junho de 1883. O evento havia sido programado por iniciativa do Ministro do Império Leão Velloso e debateria questões relativas à competência legislativa da União e das províncias, sobre liberdade e obrigatoriedade de ensino, criação de jardins de infância, organização do ensino primário, secundário, normal, de adultos, de cegos e deficientes auditivos, criação de uma universidade e outros (Collichio, 1987 p. 7).

Para este evento D. Pedro II designou Conde d'Eu como presidente, Visconde do Bom Retiro, o Conselheiro Manuel Francisco Correia, o Conselheiro Carlos Leôncio de Carvalho e o Conselheiro Franklin Américo de Meneses Dória. Para discutir os assuntos pautados foram convidados educadores, políticos e escritores destacados do Império que deveriam apresentar à mesa do Congresso antecipadamente os pareceres daquilo que defenderiam (Collichio, 1987 p.7).

Ficou determinado ainda que o Congresso deveria apresentar uma exposição de material didático, mobiliário escolar, laboratórios, livros, mapas, instrumentos científicos, aparelhos de ginástica e plantas arquitetônicas utilizados em colégios

brasileiros mais bem equipados. Foram convidados também expositores de materiais didáticos europeus e americanos (Collichio, 1987 p. 7).

No entanto, dias antes do evento o Ministro do Império Pedro Leão Velloso foi destituído e no seu lugar assumiu Francisco Antunes Maciel, liberal do Rio Grande do Sul que decidiu cancelar o evento pelo valor excessivo das despesas (Collichio, 1987 p. 7).

A comissão organizadora do evento, antes da sua dissolução, decidiu publicar as Atas e Pareceres do Congresso da Instrução. Esse documento apresentava os resultados de reuniões preparatórias realizadas pela comissão do Congresso, a fim de organizarem o evento. Os pareceres publicados foram produzidos por renovadores, educadores, políticos, escritores, professores da faculdade de medicina e politécnica e inspetores de ensino: Joaquim de Menezes Vieira, Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, João Pedro de Aquino, Rosalina Frazão, Benjamin Constant, Barão de Tautphoeus, Antonio Cândido da Cunha Leitão, Rodolfo Dantas, Sylvio Romero, Carlos de Laet, Joaquim Monteiro Caminhoá, Vicente Sabóia, André Rebouças, Paulo de Frontin, Herculano de Souza Bandeira e Uchoa Cavalcanti (Collichio, 1987 p. 9).

Entre os temas enviados pelos pareceristas destaca-se: Ensino Primário obrigatório; organização de jardins da infância; escolas primárias, disciplinas a serem ensinadas e material escolar; métodos e programas de ensino da escola primária; organização de bibliotecas, caixas escolares, museus escolares e museus pedagógicos (Collichio, 1987 p. 9).

### **2.1.1 Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro de 1883**

Com o Congresso cancelado, apareceram as dificuldades em lidar com os representantes de materiais que já estavam em viagem a caminho do Brasil e reunir todo o material que já havia chegado para o evento, estocado em caixas nos portos. Diante desse imbróglio, D. Pedro II, Conde d'Eu e Leôncio de Carvalho deliberaram a realização somente da Exposição Pedagógica, em local cedido pelo Imperador: a Tipografia Nacional, sem gastos para os cofres públicos. A Comissão formada para o Congresso se manteve a mesma para a Exposição Pedagógica, sendo que seus membros se dispuseram contribuir financeiramente para a realização da Exposição Pedagógica, que, de fato, aconteceu entre os dias 29 de julho e 30 de setembro de 1883 (Collichio, 1987, p. 8).

Em artigo sobre a seção da Espanha na Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro, Braghini e Lima (2019) afirmam que eventos como estes agregam ideias de progresso, transformando em espetáculo visual, a exposição de objetos, símbolos claros dos avanços tecnológicos. No caso específico da Exposição do Rio de Janeiro, a ideia era criar sujeitos visualizadores que adquiriam conhecimento enquanto percorriam a exposição, ou seja, um evento que privilegiava o sentido da visão a partir da educação dada pelas peças, materiais e diferentes objetos (Braghini e Lima, 2019, p. 87).

Neste evento, portanto, seriam exibidos materiais didáticos produzidos por empresas de diferentes nacionalidades, empresas brasileiras e exposição de colégios e espaços escolares privilegiados. Estiveram presentes nessa Exposição os seguintes países: Alemanha, Argentina, Áustria, Bélgica, Chile, Espanha, EUA, França, Holanda, Inglaterra, Itália, Suécia, Suíça e Uruguai, sendo que cada um deles apresentou seus entendimentos sobre a educação, documentos, projetos, livros e materiais didáticos (Braghini e Lima, 2019, p. 88).

Para as autoras, a Exposição Pedagógica pode ser entendida como um local que servia para que as nações aprendessem e se modificassem, olhando a si mesmas e as demais. Essa era a lógica da exibição para o conhecimento, já que eventos como esse permitiam e tinham por objetivo aperfeiçoar suas próprias práticas, criar métodos a partir do encontro com o outro (Braghini e Lima, 2019, p. 88).

Ainda segundo o texto, o objetivo da exposição acompanhava as orientações da Reforma Leôncio de Carvalho e, por isso, visavam reunir objetos voltados ao Ensino Primário, materiais escolares, livros didáticos e publicações. Assim sendo, era de interesse dos organizadores apresentar produtos que fossem inovadores e funcionais aos professores (Braghini e Lima, 2019, pp. 89-90).

Mas, sobretudo, a Exposição Pedagógica visava apresentar uma imagem de Brasil para o cenário internacional. Desde o planejamento do Congresso de Instrução, o plano era conhecer o que outros países estavam fazendo no âmbito educacional e inserir o país nesse diálogo, passando uma imagem de que também estávamos avançando nas deliberações educacionais no país, tentando estabelecer conexões no mesmo patamar de países civilizados, dentro do que era tido como moderno e avançado no momento. Portanto, eventos como estes demonstram que um grupo de pessoas trabalhou para estabelecer associações de interesses voltadas à educação (Braghini e Lima, 2019, p. 99).

O alemão Carl Von Koseritz<sup>14</sup>, um viajante que se mudou para o Brasil, descreve suas impressões do evento no livro “Imagens do Brasil”. Koseritz (1972) fez longas descrições e avaliações da exposição, a partir de sua visita ao evento. A exposição de suas observações tem por objetivo problematizar algumas considerações a partir do ponto de vista de um relato de visitante sobre uma exposição no Brasil, documento raro e que pode nos dar informações e produzir inferências pela perspectiva de quem olha o que está exposto. Ainda que não seja diretamente ligado à exposição do *Pedagogium*, aponta para a condução da educação do olhar e para educação dos sentidos que é particular ao período.

Koseritz (1972, p. 121) iniciou o relato de sua visita do dia 31 de julho de 1883, afirmando que a Exposição Pedagógica foi uma feliz ideia do Imperador, pois nela todos os professores iriam aprender e ver muita novidade. Relatou ainda que o evento foi inaugurado entre grandes edifícios da cidade e ocupava um lugar de honra no prédio da Imprensa Nacional.

O viajante relatou ainda os espaços percorridos ao longo de sua visita, narrando os objetos que via e comentando suas impressões. Iniciou com um detalhado relato sobre as salas de exposição da Bélgica:

A exposição não é especialmente rica, mas enche seis grandes salas e contém muitas coisas interessantes. A parte do leão coube desta vez à Bélgica, cujo mostruário não somente é um dos mais importantes, como também dá uma ideia de conjunto de todo o sistema educacional do país. Na grande sala, que se acha nos rés-do-chão do edifício, vê-se o mostruário completo organizado pelo Ministério da Instrução belga. Tudo está ali representado, desde os relatórios oficiais e os orçamentos das administrações escolares até os planos e as fotografias dos diferentes prédios das escolas. Todos os móveis, mapas, globos, instrumentos de toda ordem, coleções das mais diversas naturezas, livros escolares; enfim, tudo o que diz respeito à instrução na Bélgica está representado da maneira mais cuidadosa e brilhante. As Escolas Normais belgas enviaram provas de seus trabalhos, (costuras, bordados etc.). No fundo da sala está um busto do rei Leopoldo e se encontra também, lindamente executado, o escudo de armas da Bélgica. (...) Não menos interessante, ainda que menos confortador do que a exposição do liberal governo belga, é o mostruário do “Instituto dos Estudantes

---

<sup>14</sup> Carl Von Koseritz é filho do major e barão Von Koseritz e nasceu em 1830 na cidade de Dessau na Alemanha. Participou das revoluções liberais em 1848, partiu para o Brasil em 1851 na condição de grumete do veleiro Heinrich junto a 1900 soldados e 52 oficiais da Legião alemã contratada pelo Império brasileiro para lutar na fronteira contra Oribe e Rosas. Chegando ao Brasil decide abandonar a Legião, fixa residência em Pelotas no Rio Grande do Sul onde dá início a diferentes frentes de trabalho até a sua morte, em 1890. Se destacou como porta voz da colônia sendo eleito a deputado provincial entre 1883 a 1889. Dedicou-se nos estudos sobre o homem brasileiro, especialmente pela etnologia e arqueologia ligadas ao pensamento darwinista. Tinha também interesse especial pelos estudos sobre os indígenas (Ferreira, 2012, pp. 29-33).

Católicos Belga” da Bélgica, que é quase tão rico como o do seu governo. (Koseritz, 1972, p. 122)<sup>15</sup>

Para o visitante, a exposição belga é muito rica, sobretudo, pela diversidade de objetos e documentos que apresenta. Tratava-se de um mostruário organizado pelo Ministério de Instrução do país. Nessa sala, era possível conhecer como se dava o processo de ensino na Bélgica, segundo o visitante, um modelo exemplar.

Em seguida, o visitante fez um relato sobre a sala dos Estados Unidos, descreveu alguns aparelhos que encontrou e fez pequenos elogios, em seguida menciona a sala da Alemanha, e de Hamburgo, sua cidade natal:

A sala dos Estados Unidos, no andar superior, é também de grande interesse. Observa-se ali plenamente o espírito prático tão eficiente dos americanos. Seus excelentes mapas, seus quadros para o ensino da fisiologia, seus aparelhos de física, seus diversos instrumentos, seu mobiliário escolar, tudo é extraordinariamente prático e digno da maior atenção. A Alemanha, se bem que não compareça em conjunto está dignamente representada pelo mostruário coletivo de Berlim, Hamburgo e Karlsruhe. Lá estão todos os mapas possíveis, globo, quadros anatômicos, coleções de todo gênero de instrumentos de ensino, livros, móveis etc., e Hamburgo se acha especialmente representada, principalmente o Instituto Paulsem. A seção alemã é muito digna de atenção e me alegrou realmente. (...) A Alemanha enviou um importante contingente para a exposição, o mais importante talvez, se examinado o conjunto por um especialista sem preconceitos (Koseritz, 1972, pp. 122-123).

Percebe-se que, nessa primeira visita, as impressões sobre a exposição da Alemanha, são de maneira geral, boas. Cada país era responsável por trazer uma mostra do que era produzido em seus respectivos territórios. Chamava atenção não só aqueles que traziam a maior variedade, mas também aqueles que, segundo o visitante, apresentavam um chamado “espírito prático”.

Sobre as salas da Holanda, Portugal, Uruguai e Chile, o viajante relata que são as mais fracamente representadas, mas, ainda assim, enviaram coisas interessantes, as quais Koseritz (1972, p. 123) não relata. Já sobre a sala do Brasil, o expectador faz uma detalhada descrição:

A representação brasileira está distribuída em duas salas. Uma delas foi o Colégio Abílio com todos os objetos possíveis que se relacionam com o ensino. Ali se vê, como propriedade deste colégio, quase tudo que nas outras salas é exposto por países diferentes, e causam uma bela

---

<sup>15</sup> Todas as citações dessa edição foram transcritas a partir da atual ortografia.

impressão as instalações de ginásticas e esgrima do colégio. O Dr. Abílio (aliás, Barão de Macaúbas), sabe fazer valer sua mercadoria, e não cochilou. Não menos grandioso, e talvez mesmo mais importante é o mostuário do Colégio Menezes Vieira, que segue completamente o sistema alemão, e que por isto é o único a exhibir, em toda a exposição, uma bandeira alemã ao lado da brasileira. Este colégio apresenta excelentes instrumentos de ensino e ginástica, coleções etc., tudo de origem alemã e também todos os objetos usados no chamado Jardim de Infância. Um busto Fröebel orna o recinto e me interessou particularmente. Menezes Vieira será feito barão como Abílio? Não creio, pois ele não sabe se exhibir tão bem como o outro, que desta vez passará seguramente a visconde (Koreritz, 1972, pp. 123-124).

No relato sobre a sala do Brasil, nota-se que dois colégios particulares enviaram seus objetos para a Exposição. Segundo a percepção de Koseritz, o Colégio Abílio tinha tudo o que outros países apresentaram em suas respectivas salas. Isso significa que o estabelecimento dirigido pelo Barão de Macaúbas era um colégio de grande prestígio e muito bem equipado. O segundo Colégio mencionado fora o de Menezes Vieira, esse estabelecimento, dirigido pelo futuro diretor do *Pedagogium*, segundo o visitante, tinha uma boa parte da sua coleção de origem alemã e, em sua opinião, o respectivo diretor da instituição só não era designado visconde, pois não sabia se exhibir como o Barão de Macaúbas. Entende-se, portanto, que a coleção do colégio de Menezes Vieira era bem rica aos olhos do visitante, só, talvez, não estivesse tão bem organizada.

Esse é o único relato da presença brasileira, desse dia de visita do viajante, ou seja, não é possível saber se havia outras salas de exposição do país, o que era exposto e quem eram os responsáveis. O viajante finaliza o seu relato de visita desse dia, afirmando que de maneira geral, teve uma boa impressão da exposição e que ela irá exercer uma influência favorável sobre a instrução local e aos professores.

Em nova visita, realizada no dia 25 de agosto de 1883, o expectador faz um longo relato sobre o que encontrou exposto neste dia. Ele inicia o seu relato informando que o objetivo da nova visita era ver as recém-inauguradas exposições dos países da Alemanha, França e Inglaterra. O relato começa com a exposição da Alemanha, que segundo o expectador, embora a alta qualidade dos objetos, a quantidade era o principal problema:

A Alemanha está representada excelentemente quanto à qualidade e fracamente quanto à quantidade, e o pior é que nos trataram muito mal no que diz respeito à colocação. Em primeiro lugar a exposição alemã está dividida em várias partes, distribuídas em diferentes salas o que dificulta a apreciação decididamente a visão de conjunto. Assim, na sala da Espanha, se acham os mostuários dos estabelecimentos de

Hamburgo, Berlim e Karlsruhe, de que já falei. As novas coisas chegadas foram arrumadas numa parte separada do grande salão francês, isto é, cantinho separado da secção francesa por uma cortina tricolor. Tudo está amontoado e arranjado tão sem gosto quanto é possível, embora haja coisas realmente interessante. A sociedade “União dos Jardins-da-Infância”, de Hamburgo, preparou um mostruário que não podia ser mais brilhante e, no entanto, aqui ele é apenas perceptível. A Alemanha está representada de maneira absolutamente insuficiente, mas com o pouco que aqui existe se poderia ter feito muito menor, se as coisas estivessem reunidas em uma só sala e arranjadas com elegância. A responsabilidade disto incumbe aos representantes alemães na exposição, os quais deviam ser tanto mais ativos quanto eles sabem que a Alemanha não é em geral estimada. Se eles estivessem a postos e no local teriam conseguido o que não foi negado a nenhuma outra nação: um local separado para o mostruário do país que eles representam. Não sei quem são os representantes alemães, mas posso garantir que foram negligentes e que, principalmente, não seguiram o exemplo que lhe foi dado pelo sr. Gaston de Metz, o representante da maior parte das firmas francesas. (Koseritz, 1972, pp. 155-156).

Ao longo da descrição, o visitante faz diversas críticas, com relação a quantidade de objetos, a maneira como eles estavam expostos e, principalmente, sobre os representantes. Segundo Koseritz (1972), o problema central era a maneira como os visitantes foram tratados e a disposição dos objetos. A esse respeito, ele faz um elogio ao representante francês e ao seu trabalho. É importante ressaltar que as grandes exposições eram feiras de exposição e vendas. Nesse sentido, o trabalho dos representantes comerciais era essencial para chamar atenção sobre os seus produtos, apresentá-los e, quiçá, vendê-los. Por isso, era importante que os visitantes fossem bem atendidos, no sentido de que fosse explicado para o que servia aquele objeto.

Em seguida, o relato conta quem é o representante francês e como a eficiência do seu trabalho resulta na sala reservada à exposição da França:

Este sr. Gaston de Metz é um jornalista itinerante (que, aliás, foi denunciado pelos seus próprios compatriotas no “*Messenger du Brésil*” como sendo um personagem duvidoso), e soube, logo depois de chegar, organizar a propaganda que está na alma do seu ofício. Ele representa as mais importantes livrarias pedagógicas de Paris, e como frequenta o Conde d’Eu e provavelmente soube fazer-lhe a corte, recebeu uma enorme sala, na qual arranjou da melhor maneira possível a sua exposição. A França venceu a Bélgica e deve-se mesmo declarar que a secção francesa é brilhante. A belga é mais técnica e mais completa (é mesmo a única verdadeiramente completa e metódica), mas a francesa é sem dúvida a mais brilhante, e em matéria de brilho é sabido que os franceses podem muito (Koseritz, 1972, p. 156).

Antes de descrever a sala da exposição francesa, Koseritz faz elogios ao trabalho do representante de vendas que organizou o espaço. Gaston de Metz, segundo o visitante, representava um importante livraria francesa e tinha importante prestígio social, já que era amigo do Conde d'Eu. Percebe-se que Koseritz atribuiu o sucesso e o que chamou de brilhantismo da sala a estas características do representante responsável.

Em seguida, o visitante segue com uma detalhada impressão sobre o mostruário francês:

O mostruário francês contém em primeiro lugar uma quantidade colossal de obras pedagógicas e livros de estudo de toda a ordem; milhares de volumes, todos admiravelmente encadernados; além disto uma linda coleção de cartas, globos, esferas, instrumentos físicos e matemáticos, que demonstram admirável trabalho. Uma grande coleção de desenhos e moldagens em gesso chama muito atenção, assim como diversos aparelhos de cálculos e muitas outras coisas com grandes atlas, enormes trabalhos históricos, coleções de gravuras históricas em excelentes execuções. E por toda a parte o sr. Gaston de Metz, de casaca e gravata branca faz as honras da seção para o visitante, esclarece tudo e é de uma admirável amabilidade. O resultado nem precisa ser encarecido: a França, venceu, deixando mesmo a prática Bélgica na retaguarda. Da Alemanha nem é bom falar, pois ela desapareceu totalmente em face do seu brilhante rival. A França é naturalmente o prato do dia para a imprensa, e a Alemanha nada se fala agora, como antes. Somente o “Jornal do Comércio” (certamente de encomenda, dedicou às sociedades belgas de ensino grandes artigos de fundo que felizmente encontraram eco em excelentes artigos da “Gazeta de Notícias”. A Alemanha não deve esperar por nenhum agradecimento; era melhor que tivesse ficado em casa com a sua meia dúzia de coisas (Koseritz, 1972, p. 157).

Percebe-se, pelo relato, que o sucesso da exposição francesa se dá exclusivamente pela alta habilidade de organização do representante comercial daquele país. Além disso, o outro fator deve ser levado em consideração: o fato de o representante receber os visitantes, apresentar os materiais e, conforme relata Koseritz, ser extremamente amável com quem se aproximasse. Entende-se que a diferença da exposição se dava por aquele que sabia expor melhor seus produtos.

Koseritz finaliza seu relato de visita desse dia fazendo uma avaliação do evento como um todo. Ele afirma que para as escolas públicas tal exposição não fará nenhuma diferença, já para os estabelecimentos privados, o evento representa exatamente o contrário:

Se a exposição pedagógica, que teve realmente um brilhante sucesso, terá resultados práticos é uma outra questão, cuja solução ainda está aberta. Para as escolas do governo e os respectivos professores não haverá seguramente nenhuma utilidade. Estes senhores e senhoras se

apresentam ali com seus alunos e alunas que atravessaram a sala em fila dupla e a passo de ganso, de olhos baixos e sem parada, sem nada observar. Os professores também não veem nada; eles acompanham seus alunos no passeio e as coisas expostas não lhes provocam o menor interesse. Como o país tem 6000 escolas públicas e uma coleção completa para instrução não custa menos de 500\$00, seria necessária uma despesa anual de 3000 contos, porque os objetos no correr de um ano se estragam ou ficam fora de uso. Este é um encargo que o governo não pode assumir e assim as escolas públicas nada aproveitarão da exposição. Mais útil é ela para os colégios particulares e os seus diretores, que podem estudar e obter numerosos novos instrumentos de ensino. Aí estará o maior mérito da exposição (Koseritz, 1972, pp. 158-159).

Nota-se que, em todos os relatos do expectador, o que era mais valorizado era a maneira da exposição e como os visitantes eram recebidos, tais critérios eram mais importantes, inclusive mais do que a própria quantidade de objetos. Outra conclusão é a preocupação do visitante com relação ao uso de tal espaço pelas escolas públicas. Há uma crítica intensa e muito segregadora com relação a postura de professores e alunos nos espaços visitados. Koseritz é desdenhoso com o fato de que professores e alunos passam de maneira muito rápida pelas exposições. Como se não aproveitassem o que o evento tinha para oferecer. Mas também é possível inferir sobre a posição das novidades e as formas de condução do olhar, da parte de quem observa o grupo com o seu professor e da posição deste grupo diante da novidade. Seria possível dizer que o grupo não se interessa pelos materiais, porque ainda não havia tido contato com ele, não havendo mesmo uma significação formada, levando em conta as formas de educação do olhar.

Ferreira (2012) faz uma análise das imagens do Brasil representadas na narrativa de Koseritz sobre a Exposição do Rio de Janeiro de 1883. A autora destaca que o olhar de Koseritz era voltado para os organizadores e para os visitantes da exposição. Isso, segundo Ferreira (2012, p. 26), indica que as Exposições podem ter sido usadas como um recurso político do Estado imperial para pensar a instrução de cidadãos. Dessa forma, o comportamento dos sujeitos envolvidos naquele evento serviu de modelo para ações futuras do governo.

Além, disso, para a pesquisadora, a análise da narrativa do viajante permite conhecer aspectos de visuais utilizados ao longo do evento:

A Exposição Pedagógica, tomada como elemento norteador para o argumento que se pretende desenvolver, permitirá extrair da leitura que dela fez von Koseritz considerações acerca daquilo que compõe o universo da museografia, mas principalmente do mesmo ato de expor:

a forma como a exposição se desenvolve, quem se envolve com ela e a faz falas, que objetivos e expectativas se atrelam na elaboração e na montagem de uma exposição, bem como os interesses escamoteados que subjazem aos objetos expostos (Ferreira, 2012, p. 149).

Percebe-se que, segundo a pesquisadora, o viajante ao longo da visita se preocupou, sobretudo, com os aspectos visuais do evento. Nesse sentido, suas análises perpassam por como os objetos estavam dispostos e quais espaços eram destinados a tais objetos. Lembramos que muitas das críticas e elogios do viajante passavam por esses critérios.

Ferreira (2012, p. 150) ressalta que os objetos por si só pouco sinalizam sobre sua procedência. Por isso, o papel da exposição é operacionalizar, por meio dos objetos, uma conexão entre o espectador e o que se quer vender com aquelas peças.

Nesse sentido, percebe-se que o olhar do viajante segue essa lógica de exposição dos objetos. Já que Koseritz atrela o formato da exposição aos países responsáveis por cada sala, porém, sua avaliação em relação à qualidade de um país expositor, está para ele ligada diretamente à maneira como os objetos estão expostos.

A pesquisadora destaca ainda que Koseritz fora organizador de exposições, e por isso, seu olhar atento e crítico com relação as exposições de cada país. Segundo a pesquisadora, sua experiência como organizador não obteve o sucesso esperado:

Vale ressaltar que von Koseritz já fora ele mesmo o organizador de, ao menos, três exposições, sendo que a última exposição que coordenou, a Exposição Teuto-Brasileira (1882), à qual faz referência no comentário acima, se transformou em um grande fracasso, visto que cindiu comerciantes brasileiros e alemães e acirrou os desentendimentos entre von Koseritz e o cônsul alemão e, ainda, os jornalistas sulistas quanto a algumas propostas da mostra. O evento acabou por desagradar a todos e culminou com o incêndio dos pavilhões da exposição, o que acarretou a perda da coleção etnográfica de von Koseritz, composta por mais de duas mil peças. Apesar desta trágica experiência, merece ser destacado que o viajante, muito embora totalmente partidário dos interesses alemães em seus posicionamentos, deve ser reconhecido como detentor de um olhar minimamente crítico para assuntos referentes aos aspectos museográficos de uma exposição (Ferreira, 2012, p. 156).

Adiante, a pesquisadora ressalta a importância de se compreender o objetivo de uma narrativa de um viajante e sua função social e política:

Enquanto construtor de sua própria narrativa, von Koseritz tece um fio lógico que alinhava suas cartas de viagem e as une na forma de um

discurso maior que visa, como finalidade última, transmitir ao colono alemão, seu público leitor, uma panóplia de imagens do Império do Brasil. Os relatos de visita à Exposição Pedagógica envolvem não só uma narrativa construída sobre a narrativa da mostra a partir das impressões koseritzianas sobre a mesma. O autor, ao narrar este episódio, convoca seu leitor a partilhar de sua leitura sobre a exposição em questão, o que, por sua vez, gera uma nova leitura por parte do leitor feita a partir da interpretação do viajante. As visitas de von Koseritz à Exposição Pedagógica demonstram a preocupação do autor em narrar com minúcia suas observações sobre a prática e a política de elaboração de uma exposição e ressaltam a especial atenção que dispensou à análise do público que a visitou. A este viajante, imerso no mundo da política e do jornalismo, não poderia passar despercebido um elemento tão vital para sua atenção profissional quanto o olhar do outro, pois é a ele que se tem em mente, seja na hora de compor um artigo, escrever uma carta ou montar uma exposição (Ferreira, 2012, pp. 160-161).

Nota-se que a observação do texto de Koseritz em que retrata sua visita sobre a Exposição não é mero relato do que via. Existe um interlocutor para quem ele se dirige, no caso, os colonos alemães ou todos aqueles que se deparassem com seus escritos, sobretudo, estrangeiros, deveriam ter uma noção do que representava o evento para o país e para a população que a visitava. Por isso, Koseritz sempre dá destaque para aspectos políticos, principalmente, educacionais.

Uma das críticas mencionadas por Koseritz, ao longo de suas visitas, foi sua observação com relação à postura dos professores e alunos brasileiros ao longo do evento. Segundo ele, a Exposição de nada serviria aos estabelecimentos públicos do país. Segundo Ferreira (2012, p. 158), o viajante parecia desconhecer a existência do Museu Escolar Nacional, fundado em 1883, ano da Exposição, a partir de seus objetos e hospedado no prédio da Imprensa Nacional.

### **2.1.2 Museu Escolar Nacional**

No Brasil, assim como em outros países, uma Exposição Pedagógica resultou na fundação de um Museu Escolar Nacional, a partir do espólio dos objetos expostos. Segundo a Associação Mantenedora do Museu Escolar, registrada no Catálogo da Biblioteca do Museu Escolar Nacional, a Comissão Diretora da Exposição achou necessário o estabelecimento de um Museu Escolar Nacional, já que tal evento trouxe valiosos subsídios originários de outros países (Marchi da Silva, 2015, p. 84).

O Catálogo da Biblioteca do Museu Escolar Nacional (1885), organizado por Junior Lima Franco, relata o histórico de formação dessa instituição:

Assim como a primeira Exposição Pedagógica entre nós teve origem na convocação de um Congresso de Instrução, assim também a fundação do Museu Escolar se filia à Exposição Pedagógica. Havendo-se malgrado a criação de um Museu de Instrução Pública, cuja ideia tivera em 1880 o finado educador brasileiro D. Pedro de Alcântara Lisboa, o Museu Escolar é a primeira instituição desta espécie com o que foi dotado o nosso país e uma das primeiras instituições que tem possuído o mundo civilizado. Atendendo a que em diversos países estrangeiros a fundação de museus pedagógicos havia resultado, em geral, de exposições de objetos de ensino realizadas juntamente com exposições industriais, a Comissão Diretora da nossa mencionada Exposição entendeu que esta exposição oferecia ensejo ao estabelecimento do Museu Escolar. Além disto convinha aproveitar os valiosos subsídios que nos ofereciam vários países, entre os quais a Bélgica, cujas coleções mereceram preeminente distinção do júri da Exposição Pedagógica (Franco, 1885, pp. 6-7)<sup>16</sup>.

O documento relata, ainda, como foi a inauguração da instituição, quem esteve presente na solenidade e quem compunha a direção:

O Museu Escolar Nacional foi solenemente inaugurado, com a presença de Suas Majestades e Altezas Imperiais, no dia 2 de dezembro de 1883, fausto aniversário natalício de Sua Majestade o Imperador. A sua Diretoria compunha-se, como ainda hoje, dos mesmos membros da Comissão Diretora da Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro, a saber: Presidente, Sua alteza Real o Sr. Conde d'Eu; 1º vice-presidente, conselheiro de estado senador Visconde de Bom Retiro; 2º vice-presidente, conselheiro senador Manoel Francisco Correia; 1º secretário, conselheiro Dr. Carlos Leôncio de Carvalho, lente catedrático da Faculdade de Direito de São Paulo; 2º secretário, conselheiro Dr. Franklin Américo de Menezes Doria, atual presidente da Câmara dos deputados; tesoureiro, dr. Honório Augusto Ribeiro (Franco, 1885, p. 10).

Percebe-se que os mesmos membros da Comissão do Congresso de Instrução mantiveram-se na Exposição Pedagógica e agora na constituição do Museu Escolar Nacional. Embora a intenção fosse de que a instituição deveria ser gerida como um órgão do governo, ou seja, pelo Ministério de Instrução, na verdade, o Museu Escolar Nacional funcionou por meio de uma Associação Mantenedora particular, independente do subsídio do governo imperial. Isso porque, na incerteza de que o governo aceitasse fundar e gerir um Museu Escolar Nacional, a própria Comissão da Exposição decidiu fundar e

---

<sup>16</sup> Todas as citações desta edição passaram por uma atualização ortográfica.

manter o Museu sem caráter oficial, dessa forma seria formada uma associação a cargo da qual ficaria a sustentação do Museu (Franco, 1885, p. 8).

Além dos membros da Comissão como mencionado, a Associação era constituída por outras subcomissões. A comissão superior era formada por: Amanda Paranaguá Dória, Ernestina da Fonseca e Costa, Emilia Quintanilha Netto Machado, Laurentina Muniz Freire Netto, Carlota de Menezes Vieira, João Pedro d'Aquino, Antonio de Paula Freitas, Joaquim José de Menezes Vieira, Emygdio Adolpho Victorio da Costa e Joaquim Abílio Borges. Membros da comissão de contas: Josué Senador Correia de Mello, José Maria Alves da Silva e Luiz Alves da Silva Porto (Diário de Notícias, 29/7/1885, p. 1).

Tal empenho dessa Comissão Organizadora de fundar um Museu Escolar Nacional e mantê-lo, mesmo que independente do governo, combina com o histórico do Congresso de Instrução cancelado pela justificativa de falta de verba. Se a própria Exposição Pedagógica já havia acontecido pelos esforços particulares da mesma Comissão, com o Museu Escolar Nacional não seria diferente. Isso significa que o primeiro Museu de aspecto pedagógico no país surge a partir dos empreendimentos de um grupo de intelectuais, políticos e educadores que há anos pressionavam para o estabelecimento da instalação de uma instituição desse tipo no país e, diante da negativa do governo, decidem fundá-lo de maneira independente.

De acordo com o Relatório da Repartição dos Negócios do Império, a inauguração de um Museu Escolar Nacional serviria aos interesses de progresso do ensino e seria o meio mais fácil de conhecer o material técnico adotado pela pedagogia moderna (Relatório da Repartição dos Negócios do Império, 1883, p. 55).

A então direção da Associação Mantenedora do Museu Escolar Nacional organizou um Estatuto que previa: o fim da Associação, a organização do Museu Escolar, os associados, direção e administração, assembleia geral, patrimônio da associação e as disposições gerais. Segundo o Estatuto, o objetivo central dessa Associação Mantenedora era o de prover a conservação e o desenvolvimento do Museu Escolar Nacional, a fim de que fosse um estabelecimento vitrine de conhecimento da educação do país e de nações estrangeiras (Franco, 1883, p. 3).

Além das exposições permanentes, segundo o Estatuto, o Museu deveria oferecer conferências públicas sobre assuntos relacionados com a instituição. As coleções dos Museu poderiam ser formadas pelo fornecimento por ordem do Ministério do Império e ofertas de autoridades estrangeiras, pelos donativos de particulares, pelas doações de

fabricantes de autores, editores e fabricantes nacionais e estrangeiros e por aquisições provenientes de compra ou trocas (Franco, 1883, p. 4).

O Museu deveria organizar também exposições escolares onde seriam expostos trabalhos de professores e seus respectivos alunos e comerciantes nacionais e estrangeiros poderiam expor de maneira temporária seus produtos de venda nas dependências do Museu (Franco, 1883, p. 4).

Por ser uma Associação particular o Estatuto previa as normas para o ingresso de novos associados. De acordo com o documento, a Associação seria composta por associados de ambos os sexos, em número ilimitado, sendo classificados em efetivos, correspondentes, beneméritos e honorários (Franco, 1883, p. 5).

Cada associado efetivo pagaria uma quantia no momento da sua inscrição e depois valores anuais que poderiam ser divididos em prestações. Os associados correspondentes seriam aqueles que moravam fora da sede do Museu e poderiam contribuir com serviços pessoais ou donativos. No caso dos associados beneméritos, seriam aqueles que prestassem serviços ou fizessem doações de “avultado valor”. Por fim, o título de honorário estava destinado a quem merecesse receber tal distinção. Os associados teriam ainda o direito de visitar o Museu em qualquer dia útil e poderiam retirar e permanecer por um mês com as obras da biblioteca (Franco, 1883, p. 5).

Sobre o patrimônio da Associação, o artigo 29 definiu que os objetos exibidos na Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro de 1883 e que, tendo sido oferecidos pelos expositores ao Governo, foram por estes aplicados ao Museu Escolar Nacional com dependência de aprovação do poder legislativo (Franco, 1883, p. 9).

Podemos conhecer um pouco da organização desse Museu Escolar pela descrição dos espaços dos estabelecimentos feitos por Lima Franco e publicados no Catálogo da Biblioteca do Museu Escolar Nacional. Dividido em três andares, o primeiro espaço, segundo o documento era destinado à leitura:

Governo, ocupa cinco salões do pavimento superior do edifício da Imprensa Nacional. Em cada um destes salões os objetos acham-se discriminados por grupos, de modo que o visitante pode facilmente examiná-los. No primeiro salão, que é destinado especialmente a leitura, além de várias cartas geográficas e espécimes de cartas do Brasil, encontram-se dois valiosos porta-cartas do sistema belga e vários modelos ingleses de carteiras para monitores ou para adjuntos, e das carteiras usadas na escola da Imperial Quinta da Boa Vista (Franco, 1885, p. 11).

Nota-se que o salão da leitura, além de apresentar uma coleção de cartas geográficas brasileira, expunha mobílias escolares inglesas e porta carta do sistema belga. Em seguida, o documento relata o que havia exposto no segundo salão:

No segundo salão, onde foi colocada a biblioteca por falta de uma sala adequada e disponível para este fim, estão os modelos de mobílias inglesas, americanas, alemães, belgas e francesas, para escolas do 1º e 2º graus, coleções de planos de arquitetura de edifícios escolares e métodos de escrita e de desenho, também de vários autores, esparsos em uma apropriada mesa (Franco, 1885 p. 12).

Segundo o documento, a biblioteca está no segundo salão por falta de um espaço adequado. Além da biblioteca, neste espaço estavam também mais modelos de mobílias europeus, planos arquitetônicos escolares e métodos de desenho. Isso significa, que nesse espaço o visitante teria contato sobretudo com modelos estrangeiros de organização escolar. O documento continua relatando os objetos e a suas disposições no terceiro e quarto salão:

No terceiro salão é logo despertada atenção do visitante por uma variedade de globos terrestres e celestes, de autores e procedências diferentes, planisférios, aparelhos para o estudo da física, da química, do desenho, do sistema métrico e para o ensino intuitivo, duas importantes cartas-relevo, uma representando a Bélgica, a outra a França, aritmômetros de vários autores, minerais, fotografias e gravuras reproduzindo algumas das principais escolas brasileiras e estrangeiras, fatos da história, uma riquíssima coleção cartográfica, a mais bem sortida talvez que entre nós existe, taboas, pretas, fixas e móveis, ainda alguns espécimes de mobília e muitíssimo outros objetos, cuja enumeração encheria muitas páginas. Contém o quarto salão uma mobília sistema Hachette para jardim de infância, caixas-compêndios do sistema inglês, cartas de anatomia, de fisiologia, de física, de história natural, de mecânica aplicada, de leitura, de geografia e de música, contadores aritméticos, pequenos museus para o ensino de lições de coisas, coleções completas para os jardins de infância, entre as quais caixinhas com os afamados dons de Fröebel, aparelhos para o estudo de taximetria de agulha executados na escola normal de Namur. Finalmente, o quinto salão, devidamente mobiliado e decorado, é onde a associação celebra as suas sessões e onde também algumas conferências já se têm feito (Franco, 1885, p. 12).

Percebe-se que nesses dois espaços estavam as coleções e objetos de ensino, além destes, mais uma vez o Museu exhibe objetos e documentos que revelam a organização de países europeus, principais expositores da Exposição de 1883. O quinto salão era o espaço reservado para as conferências e eventos ocorridos no estabelecimento.

O Museu Escolar Nacional funcionou por meio de uma Associação Mantenedora particular até 14 de maio de 1890, quando o Inspetor Geral da Instrução Primária e secundária, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, tomou posse em nome do governo do Museu Escolar Nacional. Ficava a partir daquele momento extinta a Associação Mantenedora e o estabelecimento ficava condicionado ao governo, com todo o seu acervo. Tal manobra política foi feita com o devido aceite dos membros da diretoria da Associação (*Diário de Notícias*, 14/5/1890, p. 2).

Observamos que, desde os anos finais do Império, existe uma discussão e tentativas de instauração de um tipo de Museu Pedagógico no país. Diferentes personagens se envolveram nessas discussões, Leôncio de Carvalho, Benjamin Constant e Joaquim Menezes Vieira são figuras que estavam presentes em todos os eventos em que se discutiu em algum momento o desenvolvimento de um estabelecimento desse tipo. Pode-se dizer que de certa maneira, estas três pessoas foram importantes para fazer pressão política, pensando a instalação de um museu pedagógico nacional.

É preciso ressaltar ainda que o estabelecimento almejado só fora de fato estabelecido pelo governo no primeiro ano da República, em maio de 1890. Associações particulares destinadas ao ensino eram comuns ao final do Império e funcionavam dessa forma porque o governo se recusava em assumir essas ações alegando falta de verba. Isso significa que grupos pressionavam o governo e, diante de uma resposta negativa, fundavam por conta própria o empreendimento, o que não deixava de ser uma maneira de marcar posição e fazer oposição. Ao mesmo tempo, o governo imperial se abstinha de responsabilidade deixando que iniciativas privadas tomassem conta de tais assuntos.

Essa marcação da data no momento que o governo assumiu o controle do Museu Escolar Nacional é importante não somente porque aconteceu dentro do período republicano. Quando confrontamos essa informação com a data de fundação do *Pedagogium*, veremos que tal estabelecimento foi organizado por lei em agosto de 1890, por Benjamin Constant, por meio do decreto de lei n. 667.

De acordo com relatório de Menezes Vieira, apresentado ao Sr. João Barbalho Uchoa Cavalcanti, então Ministro da Instrução Pública, a Associação Mantenedora do Museu Escolar Nacional já sofria com questões financeiras especialmente entre os anos de 1887-1889. Após o governo assumir o Museu Escolar Nacional, o então inspetor Benjamin Franklin Ramiz Galvão, diante da criação do Ministério da Instrução Pública, submeteu ao novo ministro um projeto que previa a organização do Museu Pedagógico,

o projeto foi aceito por Benjamin Constant, e o *Pedagogium* foi criado em agosto de 1890 (Revista Pedagógica, Tomo 3, n.18, 1892, p. 311).

Ainda segundo o documento, o *Pedagogium* receberia todos os objetos do agora extinto Museu Escolar Nacional e o inventário da antiga Associação Mantenedora do museu. Menezes Vieira se queixa inclusive do mal estado de alguns instrumentos e coleções herdadas (Revista Pedagógica, Tomo 3, n. 18, p. 313).

O nascimento do *Pedagogium* é resultado de articulações e pressões de um grupo que discute a fundação de um estabelecimento do gênero desde o final do Império. O Museu Pedagógico Nacional já nasce num ambiente em que nem todos os setores são favoráveis que ações deste tipo fossem controladas pelo Estado.

Conforme mencionado, o Museu Pedagógico Nacional – *Pedagogium* foi fundado em 1890 pelo Decreto de Lei nº 667. Porém, foi na Reforma Benjamin Constant, de 1890, que seu funcionamento foi plenamente estabelecido, bem como seus objetivos e organização. O Museu Pedagógico Nacional – *Pedagogium* – foi criado em 1890 pelo Decreto nº 981 que previa a reforma das instruções primárias e secundárias. De acordo com o artigo 24 do título quarto, o *Pedagogium* era “destinado a oferecer ao público e aos professores em particular os meios de instrução profissional de que possam carecer, a exposição dos melhores métodos e do material de ensino mais aperfeiçoado” (Decreto nº 981 de 1890).

O decreto orientava ainda os seguintes objetivos da instituição: a) boa organização e exposição permanente de um museu pedagógico; b) conferências e cursos científicos adequados ao fim da instituição; c) gabinetes e laboratórios de ciências físicas e História Natural; d) exposições escolares anuais; e) direção de uma escola primária modelo; f) instituição de uma classe, tipo de desenho e uma oficina de trabalhos manuais; g) organizações de coleções, modelos para o ensino concreto nas escolas públicas; h) publicação de uma revista pedagógica.

O inciso segundo estabelecia que a instituição deveria manter estreitas relações com as autoridades e instituições congêneres dos demais estados da República e dos países estrangeiros, a fim de fazer-se constante permuta de documentos e aquisições de espécimes de todas as invenções e melhoramentos. Orientava, ainda, para constante aquisição de obras para a biblioteca visando a sua modernização. Já o inciso terceiro determinava que o estabelecimento de tal instituição seria franqueado aos membros do professorado público e particular, mediante autorização de seu diretor os gabinetes e laboratórios poderiam ser usados pelos professores e normalistas.

Compreende-se que as origens do *Pedagogium* e seus critérios de formação estão totalmente inseridos no contexto de fundação de museus da época. O século XIX foi um período de exaltação da pátria, da nação e do progresso, nesse sentido, foram criados dezenas de museus, em diversas partes do mundo que deveriam exaltar tais características sendo que os Museus Pedagógicos estavam inseridos nessa lógica.

## **2.2 O endereço do *Pedagogium* – um objeto social da cidade**

A decisão sobre o endereço de um estabelecimento como um museu pedagógico não era algo que deveria ser feito ao acaso. Era necessário pensar no aspecto arquitetônico, mas, sobretudo, no local da cidade onde esse aparelho seria construído. Afinal, um Museu Pedagógico, conforme vimos, deveria ser um estabelecimento que iria ajudar a constituir uma identidade nacional. No caso do *Pedagogium*, sua construção mexeu com a rotina das decisões públicas. Seus edifícios, estavam em importantes espaços da cidade na época. Para Viñao Frago, a análise de uma instituição escolar, deve considerar primeiro o uso de espaço como território:

Um dos elementos-chave na configuração da cultura escolar de uma determinada instituição educativa, juntamente com a destruição e os usos do tempo, os discursos e as tecnologias da conversação e comunicação nela utilizados, é a distribuição e os usos dos espaços, ou seja, a dupla configuração deste último como lugar e como território. A constituição do espaço como lugar “salto qualitativo” que implica o passo do espaço ao lugar, é o resultado de sua ocupação e utilização pelo ser humano. O espaço se projeta, se vê ou se imagina, o lugar se constrói. É, pois, uma construção realizada a partir do espaço como suporte sempre disponível para converter-se em um lugar, para ser construído e utilizado (Viñao Frago, 2005, p. 17).

Para o autor, o espaço educativo é transformado em lugar a partir do que se projeta, e vice-versa, a partir dos seus diferentes usos e pelos usos dados a partir da relação humana ali estabelecida. Essa análise pode ser utilizada para observar os diferentes espaços e instituições escolares.

Nesse sentido, a instituição escolar ocupa um espaço que se torna, por isso, lugar. Um lugar específico, com características determinadas, aonde se vai, onde se permanece umas certas horas de certos dias, e de onde se vem. Ao mesmo tempo, essa ocupação do espaço e sua conversão em lugar escolar leva consigo sua vivência como território por aqueles que com ele se relacionam. Desse modo é que surge, a partir de uma noção objetiva – a de espaço-lugar -, uma noção subjetiva, uma

vivência individual ou grupal, a de espaço-território (Viñao Frago, 2005, p. 17).

Compreende-se que um espaço escolar ou um estabelecimento para o ensino como o caso de um museu pedagógico deve ser compreendido como um local com características determinadas que contém uma noção subjetiva individual e grupal, conforme ressalta o autor. Deve-se levar em consideração qual o sentido daquele espaço para a cidade e para as pessoas que a frequentavam.

Para o autor é importante o espaço ao redor em que esta instituição educacional está inserida. Qual a relação da instituição com a vizinhança é fundamental para a compreensão da sua importância e, no caso, o pensador destaca a posição de escolas.

Considerado como território, o espaço-lugar escolar implica uma tripla dialética entre o interno e o externo – o que é escola e o que fica fora dela, o que está na sala de aula ou em outro espaço escolar e o que está fora dele – o fechado e o aberto – estruturas cortantes ou herméticas frente a estruturas de transição ou porosas (Viñao Frago, 2005, p. 18).

Por fim, o autor chega à conclusão de que a lógica de análise do espaço escolar é entendê-lo como um objeto social:

Com efeito, a análise do espaço escolar (seja a partir de uma macroperspectiva geral ou a partir de outra, concreta, centrada em algum dos espaços nos quais se divide) implica considerar de forma conjunta os três aspectos indicados: sua morfologia ou estrutura, seus diferentes usos e funções, e sua organização ou relações existentes entre seus diferentes espaços e funções. Tudo isso com a finalidade de mostrar como essa morfologia e essa organização refletem ideias ou concepções determinadas sobre a natureza, a importância e o papel das funções ou usos atribuídos a cada espaço concreto (Viñao Frago, 2005, p. 44).

Embora o texto trate do espaço escolar, o tipo de análise apontada também pode ser útil para pensarmos os endereços e prédios ocupados pelo *Pedagogium*. Dentro da perspectiva de análise apontada, um espaço escolar, ou no nosso caso, um estabelecimento de ensino, deve ser analisado pensando em sua relação com o “espaço-lugar” ocupado. O estabelecimento de ensino, no caso, o Museu Pedagógico, só se torna um lugar a partir das relações estabelecidas com as pessoas que o frequentam naquele espaço. Para entender o Museu Pedagógico como um objeto social da cidade é preciso compreender qual posição social ele ocupa, qual relação os moradores da cidade estabeleciam, qual o seu significado para a cidade e como esse espaço também se

transforma a partir da frequência do público. Veremos que o *Pedagogium* ocupou lugares de grande circulação de pessoas, conhecidos da cidade, o que, por si só, já lhe configurava um papel de destaque social.

Vale pensar para além das configurações arquitetônicas, as quais veremos adiante nem sempre foram pensadas para abrigar um Museu, mas especialmente, em quais lugares geográficos na cidade do Rio de Janeiro o Museu esteve presente e qual a relação das pessoas com aquele espaço, bem como a localização influenciava ou não na rotina do estabelecimento.

Ao longo dos 29 anos de existência, sabe-se que o *Pedagogium* ocupou três endereços diferentes na cidade do Rio de Janeiro. Do ano de sua fundação, 1890 até 1891 consta que a instituição funcionava no edifício da Imprensa Nacional na rua Guarda Velha n. 2 (*Almanak*, 1891, p. 1628), ou seja, no endereço onde antes era o Museu Escolar Nacional visto anteriormente. A partir de maio de 1891 até 1895, o *Pedagogium* esteve instalado na rua Visconde do Rio Branco n. 13, conforme divulga a Revista da instituição, por fim, de 1895 até 1919, a instituição permaneceu na rua do Passeio n. 66.

As más condições dos prédios, os diferentes pedidos e apelos por mudança de edifício e outros assuntos relacionados aos endereços ocupados pela instituição, foram publicados nos jornais da cidade e na própria revista oficial do Museu.

No dia 30 de agosto de 1890, o *Jornal do Comércio* em pequena nota afirmou que estava sendo construído um novo prédio onde funcionaria o *Pedagogium* (*Jornal do Comércio*, 30/8/1890, p. 1). Em 11 de janeiro de 1891, o jornal *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro publicou pequena nota, sem título, destacando a necessidade de “urgência para a construção de um edifício próprio para o *Pedagogium*” (*Gazeta de Notícias*, 11/01/1891, p. 2).

Dias depois, os dois impressos, *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Comércio* (*Jornal do Comércio*, 16/01/1891, p. 1), publicaram nota sobre a colocação da pedra fundamental na construção do novo edifício. Enquanto o *Jornal do Comércio* destina não mais do que cinco linhas na descrição do fato, o concorrente *Gazeta de Notícias* publica uma longa nota, contando detalhadamente a cerimônia, tal nota fora reproduzida na publicação oficial da instituição a *Revista Pedagógica*:

Ontem, as 11 horas da manhã, no terreno sito à rua dos Inválidos perto da Relação, efetuou-se a cerimônia da colocação da primeira pedra do edifício destinado ao *Pedagogium* e a inspetoria geral de instrução primária e secundária da capital. Por parte do Sr. Ministro da instrução

pública, que não pode comparecer por enfermo, esteve presente seu oficial do gabinete o Sr. Major João Luiz de Bittencourt Costa, o qual assinou com vários dos circunstantes o seguinte auto: “Aos quinze dias do mês de janeiro de 1891, 3º República, sendo chefe do governo provisório o generalíssimo Marechal Deodoro da Fonseca e ministro da instrução pública, correios e telégrafos o general da brigada Dr. Benjamin Constant Botelho de Magalhães, nesta Capital Federal, foi lançada a primeira pedra para o edifício destinado à inspetoria de instrução pública e Pedagogium, mandado construir pelo ministro, de acordo com as indicações dadas pelo inspetor da instrução pública Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, e diretor do Pedagogium Dr. Joaquim José de Menezes Vieira e planos organizados pelos engenheiros do mesmo ministério Dr. Evaristo Xavier da Veiga e Henrique José Alvares da Fonseca. E para constar lavrou-se o presente auto que vai assinado pelas pessoas presentes encerrado juntamente com um exemplar dos jornais do dia e diversas moedas do país, em uma caixa de madeira dentro de uma de chumbo soldada e depositada na referida pedra. (...) Concluído com as cerimônias do estilo o assentamento da pedra fundamental, o Sr. Dr. Ramirez Galvão, inspetor geral da instrução pública, dirigiu a seguinte breve alocução ao representante do governo: Sr. Major Bitencourt Costa – representante neste momento ilustre ministro da instrução pública, Dr. B. Constant Botelho de Magalhães, que deixa um traço luminoso na administração brasileira e uma recordação indelével no coração do magistério público. Peço-vos lhe digas que em nome das autoridades do ensino, dos professores públicos e da mocidade que estuda, nós daqui dirigimos nossos protestos de profunda estima e sincero reconhecimento, neste dia em que se coroa brilhantemente a sua obra, assentando a primeira pedra do Pedagogium (Revista Pedagógica, 1890, pp. 319-321).

A pena de ouro mencionada pelo diretor Menezes Vieira e utilizada na assinatura dos papéis para a construção do Museu está no acervo da Escola Normal do Rio de Janeiro – CEMI ISERJ. Na placa<sup>17</sup> consta o seguinte texto: “Pena oferecida ao senhor Ministro da instrução General Dr. Benjamin Constant pelo Dr. Menezes Vieira para a assinatura de assentamento da fundamental pedra para o edifício do *Pedagogium* em 15 de janeiro de 1891”.

---

<sup>17</sup> A placa está numa base de madeira que pode ficar apoiada sobre uma mesa. Sobre a placa com a inscrição está a pena da assinatura. Percebe-se que falta uma parte da pena, além de ela estar desbotada por marcas do tempo.

**Figura 1** – Pena da assinatura de fundação do *Pedagogium*. s.d.



Fonte: CEMI-ISERJ. Foto: Camila Marchi da Silva (2018)

O endereço mencionado na matéria sobre a colocação da pedra fundamental do edifício não aparece em nenhum outro documento, por isso, é possível que o Museu não tenha de fato ocupado esse prédio, ou que sua construção nem tenha sido finalizada. Na *Revista Pedagógica* de 15 de abril de 1891, uma nota da seção Crônicas do Interior, informa a transferência do *Pedagogium* para a rua do Visconde do Rio Branco n. 13:

Mudança do *Pedagogium* – comunicando aos nossos colegas que brevemente será transferido este *Pedagogium*, do prédio em que provisoriamente funciona, para o da rua do Visconde do Rio Branco n. 13, para aqui transcrevemos os ofícios que esta diretoria dirigiu ao Sr. Ministro da Instrução Pública, Correios e Telégrafos, demonstrando a necessidade dessa transferência, que foi autorizada por aviso de 23 de fevereiro do corrente ano. Assim verão nossos colegas que não nos poupamos a esforços, para dar a este Estabelecimento as condições que lhe determina o seu regulamento (*Revista Pedagógica*, Tomo 2, 1891 pp. 51-52).

Na edição de maio de 1891 da *Revista Pedagógica*, já consta o novo endereço conforme mencionado na nota acima. Entende-se que essa mudança estava condicionada ao pleno funcionamento da instituição, pois, ao que parece, até o momento, estando

funcionando no prédio da Imprensa Nacional, não estaria funcionando de acordo com o que previa o seu regulamento.

O novo endereço do *Pedagogium* era no centro da cidade, entre a praça da República e a atual praça Tiradentes, antiga praça da Constituição, segundo consta, primeiro local do Brasil onde foi instalada uma escultura pública, um monumento que representava D. Pedro I. Isso significa que o estabelecimento que tinha por objetivo também reforçar esse caráter instrutivo de instituição para identidade nacional, pautada nos princípios republicanos, estava entre dois importantes espaços da cidade do Rio de Janeiro. Embora estivesse num lugar de supostamente prestígio e importância simbólica para a cidade e o país, Menezes Vieira, então diretor do museu, reclamou muito das condições em que o estabelecimento estava instaurado.

A edição n. 18 de 15 de agosto de 1892 da *Revista Pedagógica*, publicou um relatório minucioso do Museu feito pelo seu diretor Menezes Vieira. No relatório, o diretor presta contas da instituição entre os dias 15 de maio de 1891 a 30 de abril de 1892, ou seja, um ano da mudança da instituição para o endereço da Visconde do Rio Branco.

Menezes Vieira iniciou o relatório reclamando das más condições do prédio em que o Museu estava instalado no momento e fez uma comparação com as condições de outros Museus Pedagógicos que visitou em outros países:

Não era empresa fácil instalar convenientemente o *Pedagogium* em um edifício arruinado, construído a mais de meio século. Valeu-me, porém, a lição recebida nas visitas que em 1889 fiz aos museus pedagógicos de Paris e Madrid, cujos diretores acharam-se na mesma situação, e julgo não ter sido infeliz executando o seguinte plano, apresentado no meu primeiro relatório. No pavimento térreo organizei a exposição permanente do material escolar estrangeiro e nacional: modelos de bancos, carteiras, mesas para professores, adjuntos e alunos; estrados, quadros negros, contadores, arithmômetros, cabides, lavatórios, compêndios de sistema métrico decimal, quadros com vistas e plantas de edifícios escolares. Uma inspeção superficial descobre a importância que os países europeus e americanos ligam a esta parte da organização escolar. Cada um dos objetos expostos prova e explica o progresso que tanto admiramos nos Estados Unidos, na Confederação Argentina, na França, na Bélgica, na Alemanha e na Itália. Na diversidade dos modelos de mobília percebe-se ao mesmo tempo o respeito escrupuloso dos preceitos fundamentais da higiene e o desejo de uma adaptação inteligente. As fotografias, as plantas dos edifícios escolares com indicação da área, número de alunos, valor da construção atestam de modo eloquente que as casas escolares são hoje os verdadeiros monumentos da civilização de um povo. Detenha-se o visitante brasileiro no estudo desses quadros e reconhecerá que todas as reformas devem começar pela construção de tais edifícios. A quantia que a Capital Federal despense anualmente com o aluguel das casas

acanhadas, sem ar e sem luz, é prova tristíssima do nosso atraso. Não se trata de erguer palácios, trata-se de edificar escolas modestas, porém dignas de um povo pretende os foros de civilizado (*Revista Pedagógica*, n.18, Tomo 3, 1892, pp. 324-325).

Logo no início do relatório está claro que, mesmo com a mudança, o Museu ocupa um prédio, de acordo com seu diretor, velho e sem condições estruturais. Nota-se também, que os museus pedagógicos de Paris e Madrid foram inspiração para Menezes Vieira organizar o *Pedagogium*, já que segundo o relato eles também passaram por dificuldades semelhantes. De maneira semelhante a outros diretores, Menezes Vieira visitava museus pedagógicos de outros países buscando interlocuções para a construção do museu brasileiro. Percebe-se também que toda a organização do Museu era de responsabilidade e escolha do seu diretor, conforme apontado pelo texto. Ao entrar no museu o visitante iria ter contato em primeiro lugar com a exposição de mobília escolar, esta seção também sofre influências de outros países conforme indica o texto de Menezes, materializando essa interlocução transnacional entre estabelecimentos de mesmas características. Além da mobília, o visitante poderia apreciar fotografias e plantas de diferentes edifícios escolares, nesse trecho Menezes Vieira não perde a oportunidade de criticar governo federal, responsável pela manutenção do estabelecimento, salientando a importância do investimento que, segundo ele, não era muito para a construção de edifícios escolares. Para o diretor só investimento na educação poderia trazer a população brasileira à categoria de civilizados.

O documento faz uma detalhada descrição de cada seção do prédio ocupado pelo Museu Pedagógico neste endereço. Ao longo da leitura, o leitor consegue ter uma noção do espaço, quais objetos eram expostos e como estavam organizados. O texto de Menezes Viera reproduz um caminhar, uma visita por cada andar, cada sala do museu. Tem como objetivo apresentar o interior da instituição ao leitor. A descrição é iniciada pela seção de História Natural do Museu:

A seção de História Natural ocupa a sala da frente e um gabinete do primeiro andar. As coleções metodicamente classificadas e contidas em armários envidraçados, abrangem o que me pareceu necessário para a instrução do nosso professorado primário. Ali existem: um esqueleto humano articulado, um homem clástico (l'écorché) completo, com as vísceras, em caoutchoue; um coração de adulto, uma laringe humana, um olho humano (peça clástica), três quadros de ovologia humana, (17 peças aumentadas), três bacias humanas com os órgãos de reprodução (trabalho em cera e cautchouce), um tronco de homem (tamanho natural, dissecado para mostrar principalmente o pneumogástrico),

treze cérebros dos principais grupos de vertebrados (fac-símile em cera), treze tipos de sistema nervoso das principais subdivisões do reino animal, seis ditos do sistema circulatório, trinta e cinco tipos de mamíferos empalhados ou em esqueletos, cinquenta e quatro tipos de aves, dezessete répteis e batrachios, trinta e seis dito peixes, quatrocentos e trinta e quatro insetos, crustáceos, moluscos e vermes, três quadros: metamorfoses dos peixes, das aves, dos batrachios; três peças clásticas: anatomia do bicho da seda, do caramujo e da abelha; três herbários completos, treze peças anatômicas de flores, dez modelos de enxertos em arvores frutíferas; cem amostras de madeira brasileira, rochas, fosseis, minerais e formas cristalinas em madeira. Anexo ao gabinete de História Natural encontra-se um pequeno laboratório completo de micrografia. Todo este material foi fornecido ao Pedagogium pelo conhecido naturalista Mr. Emile Deyrolle, preferindo-se nas coleções os tipos da fauna e flora do Brasil. Acredito que os professores estudiosos continuarão a colher grande vantagem visitando esta seção e consultando o respectivo catálogo, disposto de acordo com o fim que deseja alcançar o Pedagogium (Revista Pedagógica, n.18, Tomo 3, 1892, pp. 325-326).

Toda a imensa coleção de objetos de História Natural que ocupava dois espaços do Museu, sala no térreo e primeiro andar fora fornecida pelo naturalista Emile Deyrolle, conforme aponta o relatório. O documento informa ainda que, ao final da visitação ao espaço, o professor poderá consultar as peças em seus respectivos catálogos. Essa descrição já mostra a relação intrínseca entre o Museu com as casas comerciais. Os objetos serviam para a formação de professores e o Museu servia como vitrine dos objetos. Ao final da visita, o professor poderia consultar o catálogo respectivo e encomendar diretamente com a empresa o objeto escolhido.

Compreende-se que, além de espaço de formação de professores, conforme indica o diretor em seu relatório, a seção de História Natural era uma grande vitrine da empresa francesa Deyrolle. Veremos no capítulo três como se dava essa relação entre o museu e as casas comerciais.

A seguir, Menezes Viera descreve o gabinete de Física:

O gabinete de física ocupa uma sala e uma alcova do primeiro andar e possui as peças necessárias para o curso experimental. Em oito armários envidraçados acham-se classificados e cuidadosamente conservados os instrumentos e aparelhos para as noções de mecânica; gravitação, hidrostática, calor, eletricidade, magnetismo, acústica e ótica. Estes objetos foram fabricados pelos Srs. Ch. Noé e A. Picart, fornecedores das escolas normais e dos liceus da França. A máquina pneumática, a máquina Carré, a bobina de Rhumkorff, os modelos de locomotiva e de um barco a vapor, as balanças de precisão, os termômetros, os barômetros, higrômetros, um fonógrafo, um microfone etc., demonstram a incontestável superioridade da indústria francesa. Na aquisição dos instrumentos de física convém preferir os fabricantes

mais conscienciosos, porque não é raro sermos logrados pela aparência e seduzidos pela modicidade dos preços. Felizmente a opinião de uma autoridade, respeitável e respeitada pela ciência e pela prática, tranquiliza-me a este respeito. Refiro-me ao Sr. Dr. Martins Teixeira, que honrando este *Pedagogium* com a sua visita, teve a bondade de felicitar-me pela organização do gabinete de física. Nesta seção julguei conveniente incluir o material necessário para trabalhos de galvanoplastia, cujo conhecimento é hoje tão necessário, em razão de suas variadíssimas aplicações industriais (*Revista Pedagógica*, n.18, Tomo 3, 1892, pp. 326-327).

Segundo o relatório, o Gabinete de Física não era menos importante do que o de História Natural. Ao contrário, conforme demarca Menezes Vieira, ele foi formado com o material, julgado por ele, de mais qualidade também fabricado por empresas francesas. Porém, a organização dessa sala, segundo consta, foi feita por um visitante do *Pedagogium* que se dispôs na arrumação dos objetos. Segundo o relatório, este visitante era um especialista científico e com prática no manuseio em instrumentos de ciência. Nota-se ainda que esse espaço era dotado dos objetos necessários para a realização de curso experimental. Isso significa que os objetos ali reunidos não estavam somente para serem expostos, e sim utilizados em suas funções de demonstração, ou seja, os visitantes poderiam utilizar os objetos e aprender na prática noções de mecânica, gravitação, hidrostática, calor, eletricidade, magnetismo, acústica e ótica.

O próximo espaço descrito no relatório por Menezes Vieira fora o laboratório de Química:

O laboratório de química está colocado na parte posterior do pavimento térreo e possui não só um material completo para as lições experimentais, como também uma série de laboratórios para manipulações individuais, segundo o plano Mr. Boudreaux, professor da Escola Politécnica e da Escola Normal de Fontenay aux Roses. Creio ter prestado um pequeno serviço aos estudiosos, tornando conhecidos os excelentes laboratórios do notável professor. A ideia presidiu à constituição destes laboratórios, diz ele, era realizar uma economia tal que a arte do químico fosse acessível a todas as bolsas, conseguindo resolver ao mesmo tempo, em favor dos mestres e da mocidade das escolas, o problema de vulgarizar uma ciência que abre as portas de diversas profissões. Efetivamente os pequenos laboratórios de Mr. Boudreaux permitem que a experiência individual grave para sempre as afirmações dos compêndios. Com pequena quantidade de matéria, alguns tubos de experiência, pequenos balões, um bico de Bunsen, uma lâmpada, dispensamos toda a bateria atravancadora e custosa de fornos e retortas, chegando ao ideal: - que o estudante possa ter um laboratório como tem uma biblioteca (*Revista Pedagógica*, n.18, Tomo 3, 1892, p. 328).

O laboratório de Química do *Pedagogium*, conforme descrição, foi montado para exibir objetos que visavam o ensino prático experimental. Nele, os estudantes poderiam compreender as noções de Química a partir de um laboratório prático, ou seja, mais um espaço de uso do que de exposição. Além disso, o material que compunha tal espaço também era importado da França. O relatório apresenta posteriormente a descrição da sala de leitura:

A sala de leitura, amplamente iluminada e arejada, está situada no primeiro andar. O visitante ali encontra uma boa mesa de escrita, cadeiras confortáveis, papel, pena, tinta e uma escolhida coleção de publicações periódicas estrangeiras e nacionais, de assunto pedagógico, além do grande dicionário enciclopédico de Larousse, da grande enciclopédia francesa, a geografia universal de Réclus, biblioteca das ciências contemporâneas, documentos escolares, álbuns ilustrados, cadernos de trabalhos dos alunos das escolas francesas, belgas, italianas, etc. Deste material tem-se utilizado alguns professores no correr do ano letivo de 1891 e neste último período de férias. Quando os fatos tiverem conseguido dissipar completamente a prevenção alimentada pela calúnia e pela intriga ao serviço da inveja; quando o professorado reconhecer que o *Pedagogium* não quer subjugar, porém atrair, não quer persuadir, porém convencer; quando compreender que esta instituição é a maior prova do interesse, do apreço que lhe deu o sempre lembrado Dr. Benjamin Constant: nesse dia em diante a sala de leitura será insuficiente para o número de visitantes (*Revista Pedagógica*, n.18, Tomo 3, 1892, pp. 328-329).

O mais interessante deste trecho é o posicionamento de Menezes Vieira com relação ao uso deste espaço. Ao final da descrição, o professor deixa transparecer que, mesmo em plenas condições de materiais, livros modernos, cadernos de alunos de outros países, cadeiras e mesas confortáveis, ainda assim, o espaço não era muito frequentado. Segundo o diretor, a falta de professores e visitantes fazendo uso da sala de leitura do *Pedagogium* era, na verdade, por conta do preconceito da classe ao espaço ou por ainda não ter dado o real valor aos serviços fornecidos pelo Museu.

No relatório, consta ainda uma longa descrição sobre a chamada seção Fröebel, nessa sala as condições não eram as melhores como nos espaços anteriormente citados:

A seção Fröebel foi pessimamente aquinhoadada, ocupa uma alcova do primeiro andar e resente-se da falta de luz. O material criado pelo grande educacionista e os diversos objetos auxiliares inventados por seus sectários estão dispostos em três prateleiras e nas paredes da sala. Estudando esta seção, verificara o visitante a influência que tem exercido o sistema Fröebeliano, baseado nos grandes princípios que devem dirigir a educação humana. Os dons, os brinquedos ali expostos representam para o educador uma série gradual, racional e harmônica de instrumentos de aperfeiçoamento da humanidade. Nessa pequena

alcova sente-se o espírito que anima o ensino moderno: cada objeto revela a alma bondosa e amável de Fröebel (*Revista Pedagógica*, n.18, Tomo 3, 1892, p. 329).

Percebe-se que, embora a coleção estivesse em um local não totalmente apropriado, sofrendo inclusive com a falta de luz, conforme menciona o trecho, o relatório permite entender que era grande a quantidade de materiais de concepção Fröebeliana.

Além da coleção de Fröebel, o relatório cita também uma sala com a presença de modelos de museus escolares, dois de empresas francesas e um de uma empresa italiana, a Paravia. No trecho, Menezes Vieira dá total importância a formação de museus escolares por professores, alunos e suas respectivas escolas, e cita o modelo francês onde foram criados, segundo ele, treze mil museus escolares.

Em uma sala contigua figuram as coleções tecnológicas ou museus escolares de Saffray, Emile Deyrolle, Paravia, para servirem de modelo aos museus que os nossos professores tiverem de criar com os seus alunos para as respectivas escolas. Servirem de modelo, porque o grande mérito destas coleções consiste em que sejam feitas pelos alunos e mestres, demonstrando a iniciativa, o zelo, o interesse em sua organização. Compreende-se que isto requer muito boa vontade, muito amor a profissão, porém não é um trabalho irrealizável. A prova temos em França, onde em 1889 havia treze mil museus escolares, notando-se que, a contar de 1878, foram criados na média mil e duzentos anualmente (*Revista Pedagógica*, n.18, Tomo 3, 1892, p. 330).

Destaca-se que Menezes Vieira chama museus escolares de coleções tecnológicas. É interessante notar que, após a descrição de vários espaços e materiais didáticos diversos, os museus escolares são denominados de coleções tecnológicas. É possível que essa seja uma referência da sua real importância para o momento, já que tecnologia aqui era usado para se referir ao ato de colecionar objetos de ensino. Porém, Menezes Vieira enfatiza que esses seriam “somente” modelos para os professores, já que o correto era que alunos e professores montassem seus próprios museus escolares, ou seja, um museu escolar para ser usado em seu sentido amplo deveria ser formado por professores e alunos e não simplesmente comprado pronto. Mas sabe-se que eram vendidas pequenas coleções chamadas de museus escolares. Talvez a intenção de Menezes Vieira fosse alcançar, justamente, a parcela que não pudesse adquirir tal tecnologia de ensino.

Na parte anterior do segundo andar, estava o salão destinado aos cursos e conferências:

O salão destinado aos cursos práticos e conferências ocupa a parte anterior do segundo andar. Está preparado para receber mais de cem

ouvintes. No lugar de honra figura um quadro com o retrato de Benjamin Constant, criador do *Pedagogium* (...) ao lado dos retratos e na parede fronteira, pretendo estabelecer uma galeria de educacionistas notáveis nacionais e estrangeiros. Com este intuito adquiri os retratos dos brasileiros Francisco Sotero dos Reis, Victório da Costa, José Manoel Garcia, Barão de Macahubas, Barão de Tautphoeus (*Revista Pedagógica*, n.18, Tomo 3, 1892, p. 22).

Um salão onde caberiam mais de cem pessoas, para a época, não era um salão pequeno. O lugar onde seriam feitos os cursos e conferências para a formação de professores, objetivo este o principal na lei de fundação da instituição, tinha como destaque aquele que foi um dos responsáveis pela instituição do Museu – Benjamin Constant. Nota-se que Menezes Vieira, sempre ao se referir à figura política, faz questão de enaltecer este e outros feitos do ministro, os textos do diretor ao ministro, beiram a adoração irrestrita.

Além das coleções de Física, Química e História Natural, o *Pedagogium* tinha um espaço reservado para o material geográfico:

O material geográfico acha-se disposto em um gabinete próximo do salão das conferências. Compreende uma preciosa coleção de globos terrestres e celestes de Ch. Smith, Jouvett, Baker & Pratt, Ch. Vetter, Dieu, Delagrave, Paravia, etc., o cosmógrafo Mouret, o planetário de Newton e uma grande quantidade de atlas e cartas, entre as quais a série das antigas províncias do Brasil, trabalho dos alunos da classe de cartografia do colégio Menezes Vieira, diversos aparelhos porta-cartas de origem belga e francesa. Esta seção oferece indicações metodológicas de grande utilidade. Os trabalhos de Sluys, Dufief, Genoneaux, Vidal Lablache, Levaasseur, Schrader, Nioux, Monteith, Swinton, Guyot, etc., contribuirão para que abandonemos os soporíferos compêndios-ladainhas, adotados, infelizmente, em nossos colégios e escolas (*Revista Pedagógica*, n.18, Tomo 3, 1892, pp. 331-332).

A quantidade de globos terrestres e celestes citada dá dimensão da importância dessa sala. Além da quantidade de globos, a quantidade de fornecedores especializados, dão indício do tamanho do mercado didático envolvido na confecção de tais objetos. Ao fim da descrição do espaço, Menezes ressalta a importância da coleção afirmando ser essa melhor do que aquilo que ele chama de “compêndios-ladainhas”, ou seja, os livros e compêndios traziam somente a parte teórica, enquanto os objetos eram classificados como mais eficientes para o ensino.

A próxima descrição feita é sobre a sala de trabalhos manuais, que segundo o relatório representava uma miniatura de uma oficina de carpinteiro ou marceneiro:

A sala de trabalhos manuais representa em miniatura uma oficina de carpinteiros e marceneiro, como existem anexas às escolas francesas. O material foi encomendado ao estabelecimento Aux Forges de Vulcain, fornecedor das escolas de França. Uma série de modelos tipos da escola de Naas, e outra da escola da rua de Tournefort mostram a orientação dos sistemas pedagógico e econômico, aplicados ao ensino dos trabalhos manuais. Ao lado desses espécimes figura brilhantemente a coleção de trabalhos em madeira e ferro, executados pelos alunos da escola Rodrigues Sampaio, anexa ao Museu Pedagógico de Lisboa, e oferecidos a este *Pedagogium*, a pedido do Sr. Professor Luiz Augusto dos Reis (*Revista Pedagógica*, n.18, Tomo 3, 1892, pp. 332-333).

Percebe-se que o modelo de sala para trabalhos manuais, estabelecido pelo *Pedagogium*, é parecida, como o próprio relatório ressalta, com uma oficina de carpinteiros ou marcenaria. Nesse sentido, as escolas deveriam seguir este padrão ao formar uma sala de trabalhos manuais em seus respectivos espaços. Por sua vez, novamente, o *Pedagogium* segue o modelo francês, além de ter recebido materiais do Museu Pedagógico de Lisboa.

O relatório do diretor Menezes Vieira segue trazendo informações sobre a biblioteca da instituição:

A biblioteca pedagógica e escolar, situada no terceiro andar, acha-se expurgada dos discursos, relatórios, catálogos e prospectos que lhe aumentavam o volume e diminuía o valor. Além das obras oferecidas pelos Srs. Professores D. Amélia Fernandes da Costa e Luiz dos Reis e das que foram remetidas da Italia pelo Sr. Professor Manoel José Pereira Frazão, tem adquirido publicações de incontestável utilidade para a instrução do professorado. Entre as preciosidades bibliográficas possui: *El libro de la Reduccion de las letras y arte para enseñar a hablar los mudos* – por Juan Pablo Bonet. – 1620 (*Revista Pedagógica*, n.18, Tomo 3, 1892, p. 333).

A pequena descrição feita sobre a biblioteca da instituição presente no relatório, o diretor faz apenas uma descrição dos tipos de documentos que compunham o acervo da biblioteca.

No terceiro andar do prédio, estava destinado um espaço a exposição escolar permanente, conforme relata Menezes Vieira:

No terceiro andar acha-se também a exposição escolar permanente de autores e editores nacionais e estrangeiros. Ali existem atualmente os objetos remetidos ao *Pedagogium* pelo *Sindicat français du materiel d'enseignement* (Paris) e da *American Book Company* (New York).

Examinando os atlas geográficos, os livros escolares, principalmente os readers norte-americanos, o visitante verá quanto estamos atrasados nesta matéria (*Revista Pedagógica*, n. 18, Tomo 3, 1892, p. 334).

Nesta sala, mais do que os materiais expostos, o que chama atenção é a origem deles. Parte destes materiais são enviados pelo Sindicato francês de material de ensino de Paris e pela empresa norte-americana de livros. Nesse caso, vemos mais uma vez empresas estrangeiras enviando material ao *Pedagogium*, a fim de que estes sejam expostos e conhecidos por seus visitantes. Novamente, ao fim da visita, o professor poderá adquirir tais materiais didáticos diretamente das empresas expositoras.

Por fim, o último espaço relato por Menezes Vieira são os espaços de transição, os corredores do Museu:

Todas as paredes internas do edifício, escadas, salas, corredores estão revestidos de quadros para o ensino pelos olhos. As estampas de Emilie Deyrolle, Paravia, Armengaud, Reynold, Appleton, Pape Carpentier, Callawert, Johnson etc., ali estão para mostrar que em França, na Italia, na Bélgica, na Inglaterra, etc., este meio de vulgarização é geralmente empregado. A geografia, a história universal e pátria, os processos industriais, a história natural ensinadas deste modo gravam-se no espírito infantil, as palavras do mestre são, por assim dizer, estereotipadas pela memória da vista (*Revista Pedagógica*, n.18, Tomo 3, 1892, p. 334).

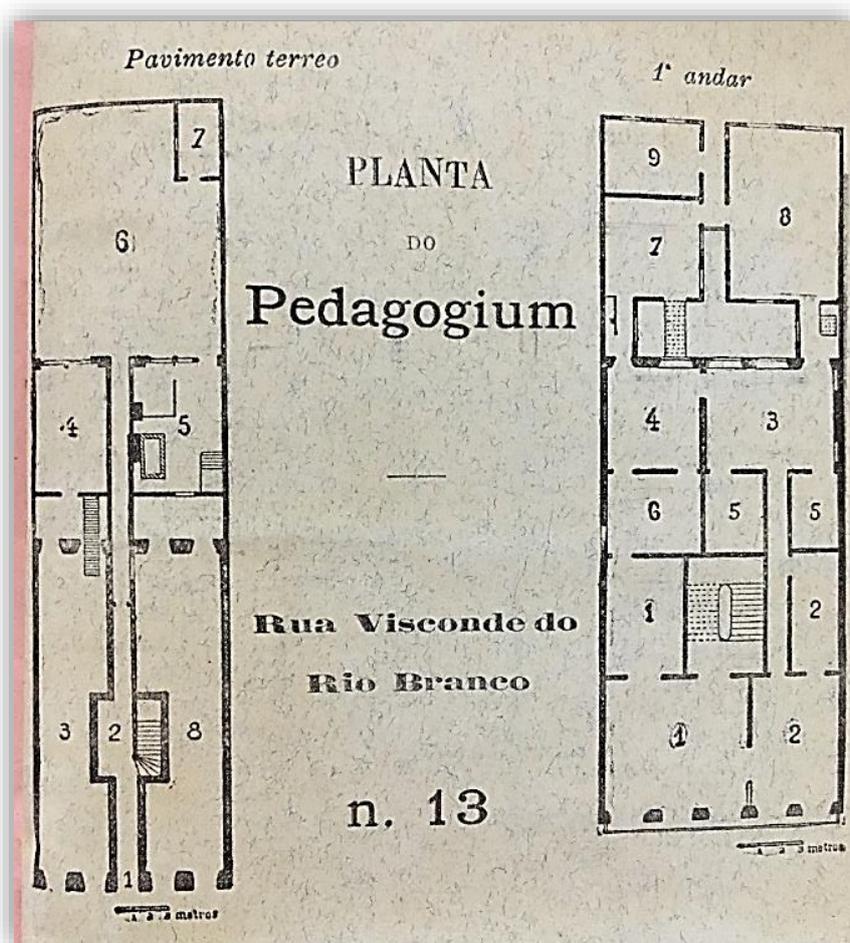
O longo relatório sobre o primeiro ano de funcionamento do *Pedagogium* no novo endereço traz uma detalhada descrição das salas e espaços do Museu. Por meio dessa descrição, percebe-se o edifício, mesmo que fosse velho – como o próprio diretor Menezes Vieira se queixa – ainda foi capaz de abrigar a coleção de materiais didáticos. Pelo relatório, observa-se que o acervo do Museu era bastante diversificado, apresentando grande quantidade de materiais. O diretor da instituição deixa claro em vários momentos que a organização das salas e dos objetos em seus respectivos espaços era de sua responsabilidade.

Menciona ainda que sua inspiração foram os Museus Pedagógicos de outros países, em especial os da Europa. Outro importante aspecto que deve ser levado em consideração presente nesse relatório é quanto ao caráter, a função do Museu. Toda a sua organização foi pensada para que se cumpra o objetivo fundamental que era de formação de professores, por isso muitas das salas foram pensadas para que houvesse o uso prático de seus objetos didáticos, a fim de que se aprendesse pela exposição, por isso, tem relação direta com as exposições universais no sentido de que espaços educam pela exibição ao

olhar. Era o caso dos gabinetes de Física e Química por exemplo. No entanto, nota-se que outro objetivo do Museu era apresentar aos professores e interessados da educação o que tinha de mais moderno fora do país em relação aos materiais didáticos. Neste caso, nota-se que a sala de História Natural, por exemplo, tinha como objetivo apresentar tais modelos científicos-didáticos. Para tanto, empresas especializadas nesse tipo de venda enviavam seus produtos para serem expostos nesses espaços. Ou seja, o objetivo dessa sala era, além de expor, vender, criar a necessidade de aquisição daquele objeto que poderia ser útil e o diferencial no ensino nas escolas. Entende-se, portanto, que o Museu Pedagógico Nacional era mais do que uma instituição de formação de professores; era uma vitrine da modernidade, apresentada sim, na forma de produtos.

Na edição de Tomo 4, n. 22,23 e 24, de 1893, a *Revista Pedagógica* publica a planta do prédio descrito no relatório de Menezes Vieira:

**Figura 2** – Planta *Pedagogium* térreo e primeiro andar. 1893

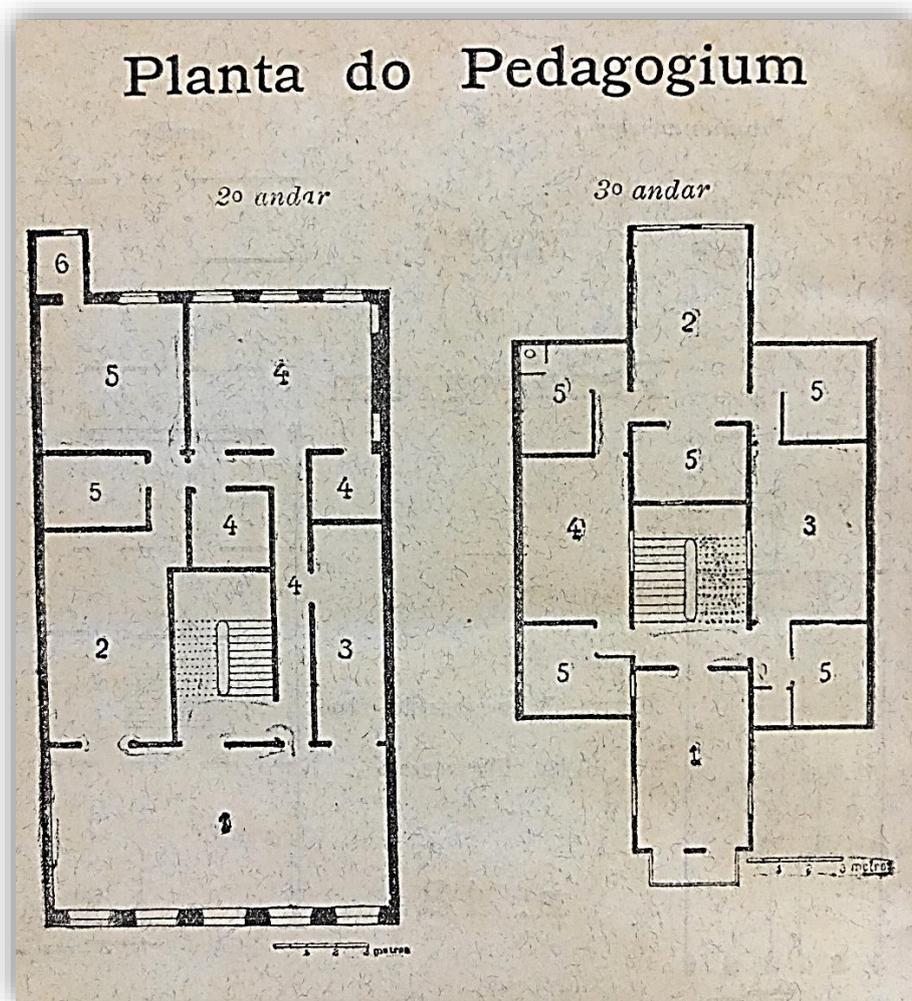


Fonte: *Revista Pedagógica*, Tomo 4, 1893, n. 22, 23, 24.

No pavimento térreo, conforme consta em informações da *Revista Pedagógica*, estavam: 1. Entrada; 2. Portaria; 3. Exposição permanente de mobílias, plantas, planos de escolas, nacionais e estrangeira; 4. Laboratório de química; 5. Não consta na descrição; 6. Pátio descoberto (aparelhos de ginástica); 7. Arrecadações; 8. Residência do porteiro.

No primeiro andar: 1. Sala de história natural e museus escolares; 2. Gabinetes de física; 3. Secretaria; 4. Diretoria; 5. Arrecadações; 6. Sala Fröebel; 7. Exposição temporária de aparelhos e instrumentos de ensino; 8. Sala de leitura; 9. Banheiros.

**Figura 3** – Planta *Pedagogium* 2º e 3º andar. 1893



Fonte: *Revista Pedagógica*, Tomo 4, 1893, n. 22, 23, 24.

No segundo andar: 1. Sala de cursos e conferências; 2. Material geográfico e galeria histórica; 3. Gabinete do preparador; 4. Sala de desenho e anexos; 5. Sala de trabalhos manuais; 6. Banheiro. No terceiro andar: 1, 3, 4. Biblioteca pedagógica escolar; 2, 5. Exposição permanente de livros e material didático de editores nacionais e estrangeiros.

Percebe-se que, no pavimento térreo, os maiores espaços estavam ocupados pela exposição permanente, a casa do porteiro e o pátio externo. O item cinco, que fica imediatamente em frente ao laboratório de Química, não consta na descrição da revista. Alguns dos espaços deste pavimento não foram descritos no relatório de Menezes Vieira, é o caso do pátio externo com aparelhos de ginástica, e a sala de arrecadação, espaço este que aparece em outros andares do edifício. Além disso, há uma divergência entre o informado na planta e o relatório do diretor. Neste documento, o laboratório de Química está descrito no primeiro andar do prédio, e não no pavimento térreo, conforme consta na planta publicada.

Cabe ressaltar que a publicação dessa planta ocorreu numa edição diferente daquela onde fora publicada o relatório. Nesse pavimento, os visitantes teriam contato primeiro com a sala de exposição permanente de mobílias escolares e plantas de escolas, em seguida ele irá visitar o gabinete de Química e, por fim, o pátio externo com os aparelhos de ginástica. Nesse sentido, este pavimento era reservado para que os visitantes pudessem ter contato com os diferentes modelos de organização de seus respectivos espaços escolares. Ao fim da visita, os professores e interessados poderiam ter uma noção dos tipos de mobílias ideais para suas escolas.

No primeiro andar, o maior espaço ocupado era pela sala de leitura, ambiente este em que Menezes Vieira lamenta não ser tão frequentado pelos visitantes. A sala de História Natural tem dois anexos, assim como o gabinete de Física, e ficam imediatamente um na frente do outro. Neste andar, estão também a diretoria e a secretaria, nota-se que os espaços de administração do Museu ocupam o mesmo andar dos maiores gabinete e da sala de estudo. Neste andar, o visitante tinha contato com as coleções do Museu, tanto as exposições permanentes presentes no gabinete de História Natural, Museus Escolares, Sala Fröebel e gabinete de Física quanto as exposições temporárias, organizadas por empresas específicas. Enquanto no pavimento térreo o visitante teria a oportunidade de conhecer a mobília escolar, no primeiro andar ele era apresentado aos materiais de ensino mais modernos e as empresas de vendas mais populares do período.

Já no segundo andar, o maior espaço estava reservado para a sala de cursos e conferências, era o espaço onde poderiam caber mais de cem pessoas, de acordo com o relatório de Menezes Vieira. Nota-se que a sala de conferências e cursos tinha acesso ao gabinete do preparador.

As salas de material geográfico e histórico, as salas de desenho e a sala de trabalhos manuais, apresentavam anexos, por isso também eram espaços relativamente grandes. Neste andar, o visitante, poderia além de participar dos cursos e conferências, ainda ter o contato com mais algumas coleções do Museu, presentes nos outros espaços. Os cursos e conferências serão objeto de estudo do capítulo quatro.

Por fim, o terceiro andar era destinado para a biblioteca a exposição permanente de livros. Isso significa que, neste andar, o visitante – além do acervo fixo do Museu, que poderia, inclusive, ser retirado para consulta, teria contato com a exposição de livros e materiais didáticos impressos expostos por empresas nacionais e estrangeiras, conforme nos conta o relatório do diretor do Museu.

Portanto, ao fim de uma visita completa ao *Pedagogium*, um professor teria contato com tudo o que havia de mais moderno relacionado ao ensino e à escola no período. Os modelos de mobília e materiais didáticos seguiam padrões de ensino europeus e norte-americanos, isso significa que o professor brasileiro poderia usar os mesmos materiais de ensino e a mesma mobília e organização escolar que era utilizada em diversos países da Europa e EUA. Essa era uma característica dos museus pedagógicos, serem as novas fronteiras entre os países, já que nesse espaço era possível encontrar um pouco de diversos locais do mundo, mostrando a eficiência do mercado pedagógico do período.

Embora bem equipado de coleções, vale lembrar que uma das primeiras queixas de Menezes Vieira no relatório é a idade do prédio no qual o Museu estava instalado. De acordo com o diretor, um prédio velho do século passado. As más condições do prédio eram tão graves que, em 11 de junho de 1895, o jornal *Gazeta de Notícias* publicou uma nota alertando para essa questão:

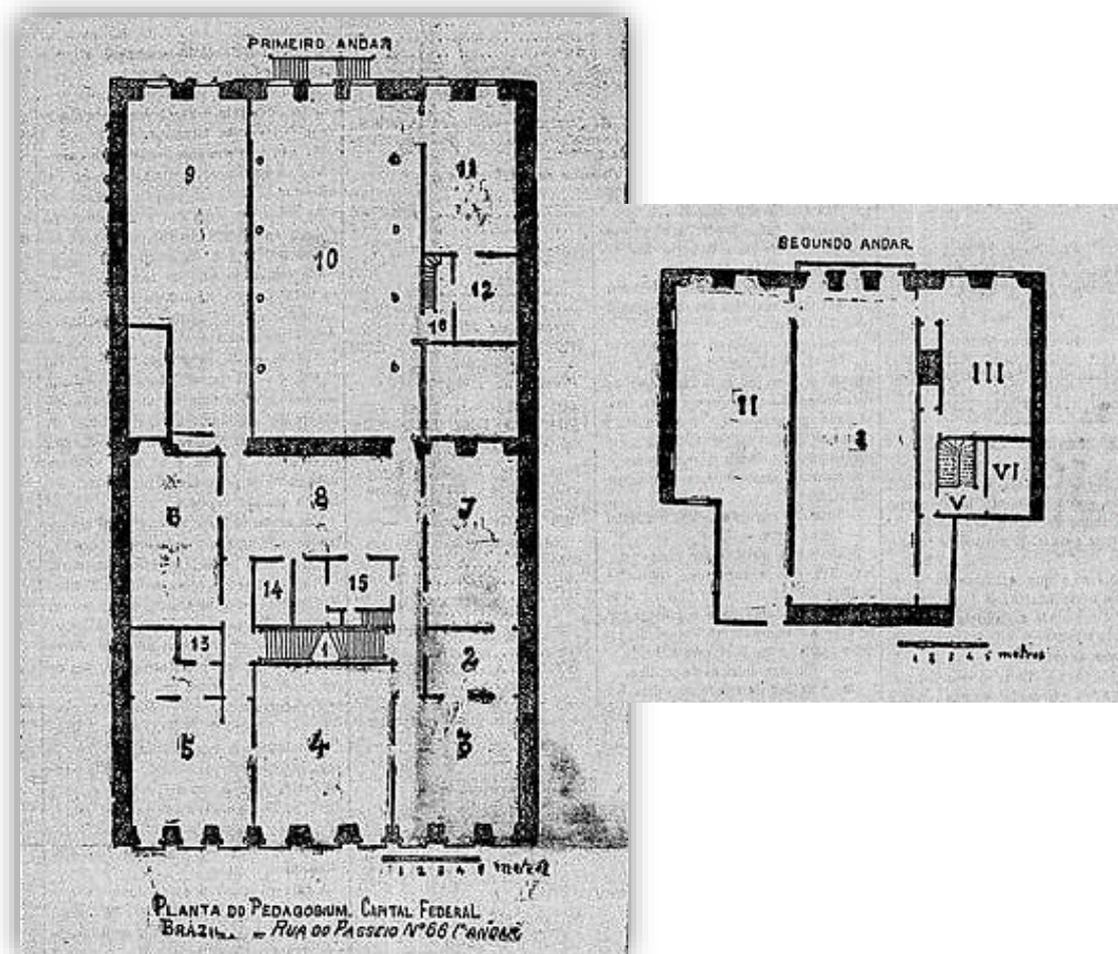
Para demonstrar a urgente necessidade da mudança do *Pedagogium* do edifício em que atualmente se acha, é suficiente reproduzir aqui o seguinte trecho do relatório apresentado ao Sr. Presidente da República ao Sr. Ministro da justiça e negócios interiores: “funciona o *Pedagogium* em edifício, além de acanhado, em péssimas condições de conservação, a ponto mesmo de constituir sério perigo a permanência ali desse estabelecimento. Sua mudança impõe-se, portanto, já como medida de conveniência, determinada pela necessidade de melhor e mais completo funcionamento, já como medida de segurança as vidas

de seu pessoal e de resguardar aos consideráveis valores ali existentes.” Felizmente S. Ex. acrescenta: brevemente providenciarei a esse respeito. Expostas como se acham com louvável franqueza as péssimas condições do edifício, estamos certos de que o Sr. Ministro do interior não demorara em realizar a espontânea promessa feita em seu relatório (*Gazeta de Notícias*, 11/6/1895, p. 1).

Três meses após a denúncia do jornal e o pedido de transferência do Museu por motivos de segurança, em 17 de setembro de 1895, o mesmo *Gazeta de Notícias* publicou a autorização de transferência do *Pedagogium* para o prédio da rua do Passeio, este, segundo o jornal, com melhores condições de funcionamento (*Gazeta de Notícias*, 17/9/1895, p. 2).

Em 12 de outubro de 1895, o mesmo jornal publica a planta do Museu do novo edifício na rua do Passeio n. 66:

**Figura 4** – Planta do *Pedagogium* Novo Edifício. 1895



Fonte: *Gazeta de Notícias*, 12/10/1895, p. 1.

Junto com a publicação da planta, o impresso apresenta um texto dando destaque a mudança do Museu para a nova localidade, informando que a inauguração contará com uma palestra de História Natural ministrada pelo professor do *Pedagogium*, J. J. Pizarro.

Embora as plantas da publicação do jornal estivessem com os espaços numerados para uma possível legenda, esta informação não foi localizada no jornal. Aliás, nem a *Revista Pedagógica* publicou a planta do novo edifício. O periódico oficial do Museu se ocupou em replicar as matérias saídas em alguns jornais da cidade a respeito da cerimônia de inauguração do novo endereço. Algumas dessas matérias dão pistas da nova formatação e organização das coleções no museu, é o caso do texto publicado no jornal *Gazeta de Notícias* replicado pela *Revista Pedagógica*:

Inaugura-se hoje o novo edifício da rua do Passeio n.66, onde passa a funcionar o Pedagogium. (...) O Pedagogium, que até aqui se achava em uma casa particular, imprópria para seus fins, lucrou consideravelmente com a ceção que lhe foi feita do prédio nacional da rua do Passeio, pelo honrado Sr. Ministro do interior, cuja solicitude nesse particular merece o mais caloroso aplauso. No novo prédio, com seus salões vastos e quase todos colocados em um só pavimento que se pode bem apreciar a importância das coleções pedagógicas existentes. Ganham muito sobretudo as seções de física, química e história natural, a de desenho, a de trabalhos manuais e a biblioteca (*Revista Pedagógica*, Tomo 8, pp. 359- 360).

Nota-se que, embora o prédio da rua Visconde do Rio Branco tivesse três pavimentos, mais o térreo, segundo o relato do jornal, o edifício da rua do Passeio conseguia abrigar quase que toda coleção, aquela grandiosa coleção que vimos anteriormente, em um só pavimento. Por isso, entende-se que o metro quadrado deste novo endereço era muito maior do que o local anterior. Mesmo não tendo certeza de sua organização por falta de documentação, especula-se, a partir do que foi apresentado, que o segundo andar poderia estar ocupado pela biblioteca e sala de exposição permanente de materiais didáticos. Isso se a nova organização seguir, mais ou menos, a organização do edifício anterior, onde tais espaços ficavam no último pavimento, de salas menores.

O mesmo jornal fez brevemente um relato de como fora a cerimônia e a inauguração do novo prédio:

Efetou-se ontem a instalação oficial do Pedagogium, no edifício da rua do Passeio, para onde foi recentemente transferido. Começou a solenidade à chegada do Sr. Ministro da justiça e negócios interiores, que foi recebido pelo Sr. Dr. Menezes Vieira, diretor do

estabelecimento. Em brilhante discurso, o Sr. Dr. Menezes Vieira fez o histórico da instituição, salientando os serviços que tem prestado o Pedagogium com relação ao desenvolvimento do ensino escolar. Depois de haver declarado inaugurado o novo edifício o Sr. Ministro da justiça e negócios interiores concedeu a palavra ao Sr. Dr. Pizarro, que fez uma conferência sobre história natural. Terminada a conferência o Sr. Ministro e mais pessoas presentes, acompanhados do Sr. Diretor e de todo o pessoal docente e administrativo, visitaram as várias seções do Pedagogium. Na sala da biblioteca foi servido champagne, sendo erguidos brindes a memória de Benjamin Constant, a cuja iniciativa se deve a criação do Pedagogium, ao Sr. Dr. Menezes Vieira, que grande impulso tem dado a essa útil instituição, ao Sr. Ministro do interior, tendo levantado o brinde de honra ao Sr. Presidente da República o Sr. Dr. Menezes Vieira (*Revista Pedagógica*, Tomo 8, pp. 358-359).

Quatro anos mais tarde, em 1899, uma das salas do Museu foi concedida para o funcionamento da Academia Nacional de Medicina, conforme relatou notícia do *Jornal do Comércio*:

Ao presidente da Academia Nacional de Medicina, Dr. Antônio José Pereira da Silva Araújo, comunicando que é concedida pela Prefeitura à Academia Nacional de Medicina, a fim de nela funcionar uma das salas do edifício em que está montado o Pedagogium; podendo Academia ali instalar-se mediante prévio acordo com a diretoria da instrução pública, a fim de se harmonizarem os interesses dos dois institutos (*Jornal do Comércio*, 23/7/1899, p. 4).

Os jornais não trazem maiores informações sobre essa medida. Ou se essa sala foi realmente cedida para a Academia Nacional de Medicina. O fato é que o *Pedagogium* permaneceu nesse espaço, na rua do Passeio, até a sua completa extinção em 1919 e apresentou algumas modernizações nesse período como a instalação de um aparelho telefônico e de energia elétrica.

A revista *Eu sei tudo* magazine mensal ilustrado, publicou uma fotografia da fachada do Museu no Passeio Público e, pela foto, percebe-se que o prédio era bem amplo, com bastantes janelas nos dois pavimentos.

**Figura 5** – Fachada *Pedagogium* no Passeio Público. 1922



Fonte: Revista *Eu sei tudo*, 1922, edição 00063, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro Digital.

Por estar na rua do Passeio Público, era um espaço arborizado, de muita importância para a população carioca:

Esse espaço, importante para o Rio de Janeiro do século XIX, seja pelos usos que proporcionava (caminhadas, conversas, usufruto dos jardins e das áreas sombreadas pelas árvores frondosas, contemplação do mar, da cidade, da paisagem e dos canteiros ajardinados e arborizados), seja pelo significado que adquiriu dentro da malha urbana, foi registrado em textos literários, pinturas e fotografias do período – além, evidentemente, dos relatos de viagem em que muitas vezes se enfatizava o número restrito de usuários apesar de todas as possibilidades de uso e da ideia motriz de sua concepção como local de sociabilidade (Aragão e Sandeville Jr., 2012, p. 188).

De 1895 até 1919, o *Pedagogium* ocupou um espaço de bastante importância para a cidade do Rio de Janeiro. Passou a maior parte estabelecido no Passeio Público, lugar de ampla circulação, ponto turístico da época. Nesse sentido, o povo do Rio de Janeiro tinha a possibilidade de fazer uma caminhada no Passeio Público e entrar para conhecer o Museu Pedagógico, onde ele teria contato com um rico acervo de materiais

internacionais, sobretudo. Ou o professor, com seus alunos, após um curso no *Pedagogium*, poderia dar um passeio no importante lugar da cidade. Percebe-se que a instalação desta instituição neste local da cidade, um local conhecido, poderia dar ainda mais destaque ao ensino do país naquele momento. Nesse sentido, o Museu funcionava também como um objeto social da cidade do Rio de Janeiro.

### **2.3 Defesas e críticas – as discussões sobre o *Pedagogium* e os processos de municipalização**

Os diferentes endereços e esse processo conturbado de mudanças pelas quais passou o *Pedagogium* refletem uma história paralela. A existência do Museu nunca foi uma unanimidade entre os personagens que participavam das discussões sobre a sua funcionalidade. Boa parte desses debates sobre a continuidade da instituição foi publicada em jornais.

Já no primeiro ano de seu funcionamento apareceram os primeiros críticos. Na edição de 17 de outubro de 1890, o *Jornal do Comércio* publica uma nota em que reproduz uma fala do Dr. Maximiano Marques de Carvalho afirmando que o país não precisaria de um *Pedagogium*, mas sim de universidades (*Jornal do Comércio*, 17/10/1890, p. 28).

Em 31 de outubro de 1891, o mesmo jornal publicou um texto enviado pelo deputado Severino Vieira, um dos personagens mais críticos com relação à continuidade do Museu. Neste texto, o deputado afirma que é um desperdício manter funcionando a Escola Normal e o *Pedagogium*, já que os dois mantinham a função. Por isso, ele defendia a extinção do Museu.

Não só políticos escreveram textos e tomaram posição contra o Museu. Em abril de 1891, a *Gazeta de Notícias* publicou uma nota assinada pelos “professores públicos”. O texto, assinado pelos professores públicos, faz uma crítica sobre o Novo Regimento das escolas públicas primárias, medida essa que também estabeleceu o *Pedagogium*:

Pela Revista Petalógica chegam ao nosso conhecimento alguns artigos do já celebre regimento forricado pelo tartufíssimo Mal das Vinhas (M.V.) que foi longamente discutido e unanimemente aprovado pelo Conselho de Destruição. O primeiro artigo de que nos dá notícia, é o sétimo (número fatídico!), no qual se exige que o professor tenha na escola nada menos de oito (8) livros (viva o papelorium) rubricados pelo inspetor escolar, e escriturados com a maior correção do professor.

Só faltava marcar o castigo que o diretor do Pomadogium destina aos professores que não escriturarem os oito livros com a tal maior correção. Cuidado senhores professores, o diretor do Petalogium é uma serpente que sabe preparar botes certos, quando deseja ferir os que não são venas; e não foi senão para intimidar os professores que, ao fazer o ardiloso regulamento do Petalogium, estabeleceu entre os seus deveres (ou direitos?) – o de visitar as escolas públicas e sobre elas emitir parecer. (...) Mas continuemos das poucas disposições transcritas na picante revista. O livro 5º é destinado a biblioteca e ao museu escolar. É preciso que se note que até hoje que as escolas não têm biblioteca, nem museu escolar. Perdão: os professores já estão colecionando milho, arroz, café, batatas, abóbora, melancias, jacas moles e duras. (...) Mas continuemos a mostrar ao público o regulamento onça de Menenio Vetrúvio. (...) as carteiras devem ser do tipo apresentado pelo diretor do Pedagogium A-q-u-i qui meneres! Quanto aos aparelhos, vemos na grande lista apresentada que o aparelho métrico há de ser de Level e o arithmometro será o de Ahrens. Serão aparelhos fornecidos pelo sindicato francês? Que pechincha! Não há quem não vá ao Petalogium que não ouça o Mal das Vinhas fazer os maiores elogios ao tal sindicato, do qual dizem ser o agente ou o caixeiro do Brasil. (*Gazeta de Notícias*, 9/4/1891, p. 3).

Para além dos apelidos atribuídos a *Revista Pedagógica* e ao diretor do *Pedagogium*, a crítica assinada por “professores” está restrita ao que eles chamam de intimidação por parte do regulamento do Museu ao professorado. Segundo a crítica, ao cumprir com suas funções, o *Pedagogium* estaria intimidando e fiscalizando o trabalho dos professores e escolas. Isso aconteceria por meio de pareceres dados pelo próprio Menezes em visitas aos estabelecimentos de ensino. Isto é, o diretor iria averiguar se as escolas seguiam o padrão desejado e divulgado pelo Museu. Nesse sentido, o documento faz uma crítica ao representante de materiais didáticos do sindicato francês. De acordo com o texto, o material o qual Menezes de Vieira era grande entusiasta e fazia questão de divulgar nas visitas ao Museu, era extremamente caro. Aliás, nesse trecho, o texto enfatiza bem o papel de Menezes Vieira com relação à divulgação desses materiais, chamando-o, inclusive, de agente ou cacheiro viajante do sindicato; essas denominações irônicas dão o tom ao trabalho que o diretor do *Pedagogium* tinha com relação a essa coleção de materiais didáticos do Museu.

Outro ponto ironizado pelo texto era a dificuldade dos professores em montar museus escolares. Essa dificuldade contradiz os preceitos de que, para se montar um museu escolar, bastava a força de vontade de professores e alunos, por isso o texto ironiza que os professores já estavam juntando arroz, feijão, milho etc.

No dia 4 de abril de 1891, o mesmo *Gazeta de Notícias* publica outra nota de título “Pomadogium” endereçada ao Sr. Ministro da Instrução, dessa vez sem assinatura:

Sr. Ministro do Instrução, em bem da moralidade do ensino mandai fechar o Pomadogium. Os próprios defensores do decreto que o criou, assinado por Benjamin Constant, são os primeiros a declarar que a instituição do Petalogium não poderia ter sido ideada pelo grande patriota. (...) o pedantogium sr. Ministro é uma instituição inútil quando não seja atendatoria a dignidade do inspetor geral da instrução, do conselho diretor, e da Escola Normal principalmente. Que significa ser o Pomadogium o centro impulsor do ensino? Do inspetor geral auxiliado pelo conselho, com a alta direção do ministro da instrução, não é que devem partir as reformas e melhoramentos de que carecem o ensino público? A quem compete dirigir os concursos para os livros e material clássico das escolas primárias senão no conselho diretor? (...) onde deve ser estabelecido o Museu Pedagógico senão ao lado da Escola Normal? Que o atual museu é inútil não há quem o conteste. Ali comparece apenas um ou outro professor que receia do enfatuado e afortunado diretor, que até em um dos artigos do regulamento petalogium se arroga o direito de visitar as escolas públicas e dar parecer sob o modo por que são dirigidas. Que papel então representam os inspetores do distrito? (...) a instituição da classe, tipo de desenho anexa ao pedantogium, por quem será frequentada? Para que o petalogium ter laboratório de física e química? Oh! Quantas espécimes!... finalmente não seria da mais imprescindível necessidade que a Revista Pedagógica fosse dirigida por pessoa competente, como o inspetor geral, auxiliado por alguns membros do conselho, como se dá na República Argentina ou mesmo pelo diretor da Escola Normal? Pelo menos não presenciáramos o desfruto de uma publicação do governo, que não discute seriamente as questões do ensino, e que se limita a ridículos artigos laudatórios ao Sr. Ramiz Galvão e ao sr. Olavo Freire, esse gênio nos trabalhos manuais! Sr. Ministro: Fechai o Pedagogium. Expulse do templo da instrução os mercadores de ensino! O especulador que o professorado apelida – O mal das vinhas, não tem capacidade nem prestígio! (*Gazeta de Notícias*, 4/4/1891, p. 3)

Embora esse texto não tenha sido assinado, ele mantém a mesma perspectiva de crítica do outro documento. Pelo tipo de escrita e crítica atribuída, é possível que tenham sido escritos pela mesma pessoa ou conjunto de “professores”. O autor da carta não vê razão na existência do Museu, já que ele teria as mesmas funções da Escola Normal, por isso pede a sua extinção. Reclama ainda da Revista da instituição, dizendo que ela não publicava nada de interesse aos professores e que seria mais bem utilizada se fosse dirigida pelo inspetor geral. Faz duras críticas ao diretor Menezes Vieira e ao seu posicionamento de visitar a dar parecer nos estabelecimentos escolares, para o autor do texto isso seria função já cumprida pelos inspetores e não para o diretor do Museu. Por fim, o texto faz alusão a uma passagem bíblica, pedindo que o ministro expulse os “mercadores do templo sagrado da instrução”, em referência às empresas que expunham e divulgavam seus materiais e mobílias escolares no Museu.

É interessante notar que os discursos tentam afastar o mercado da instrução pública, pois, ao que parece pelos discursos, estava impondo condições e práticas ao ensino, além de mercantilizá-lo. Para além disso, caracteriza o espaço escolar e da educação com algo sagrado, que não deveria, portanto, ser profanado pela especulação comercial. No caso, a profanação significa interferência direta do mercado didático na prática de ensino. Finaliza o texto chamando Menezes Vieira de especulador e “mal das vinhas”, o que significa que o diretor do Museu, na visão dos críticos, estava ganhando algo com a presença dos representantes comerciais na instituição.

Os jornais do século XIX publicavam um Boletim Parlamentar. Nesta seção, o leitor poderia saber o que fora discutido, defendido e criticado por cada um dos parlamentares. Por diversas vezes, o assunto discutido pelos parlamentares era o caso do *Pedagogium*. Nos primeiros anos de funcionamento da instituição, a discussão política sobre o Museu era principalmente uma questão orçamentária sobre a viabilidade de sua existência. Em 17 de setembro de 1892, o Boletim Parlamentar da *Gazeta de Notícias*, apresentou a discussão sobre a necessidade de existência do Museu.

Ao longo da discussão um dos parlamentares a se posicionar contra a continuidade da instituição fora Rangel Pestana<sup>18</sup>. De acordo com esse parlamentar, o museu escolar e o *Pedagogium* eram um mero luxo e nada acrescentava à educação, sendo inclusive alvo de críticas de muitos estudiosos da pedagogia. Afirmou ainda que manter a instituição era um gasto excessivo à União, e que caso ainda funcionasse deveria acontecer na esfera da municipalidade. Por fim, o parlamentar afirma que a Escola Normal poderia cumprir com as funções do Museu Pedagógico (*Gazeta de Notícias*, 17/09/1892p. 1).

Dentro desse cenário de personagens críticos à existência do *Pedagogium*, aquele que mais se destacou foi João Köpke<sup>19</sup>. Este publicou diversos textos criticando o Museu

---

<sup>18</sup> Rangel Pestana foi um intelectual defensor da inovação pedagógica por meio do método intuitivo. Republicano, foi um dos principais agentes da renovação escolar paulistana, atuando como jornalista, utilizava esse meio de comunicação como veículo de disseminação de seu projeto educacional. Para o político, a escola deveria ser diretiva e dogmática, um instrumento de inovação e reprodução de uma nova ordem. Rangel Pestana afirmava ainda que o ensino moderno caberia às escolas particulares e não as escolas públicas, devendo ser as escolas particulares responsáveis por oferecer um ensino científico, prático, intuitivo e igual para todos (Hilsdorf, 1987, pp. 52-60).

<sup>19</sup> João Köpke (1852-1926) bacharelou-se em Direito pela Academia do Largo de São Francisco em 1875, mas dedicou a maior parte da sua vida ao ensino, uma vez que foi por mais tempo professor, diretor e autor de material didático do que advogado. Envolveu-se com a causa republicana e educacional, tendo sua atuação marcada pela inquietação criadora e renovadora tanto quanto pela coerência de princípios e pelo pioneirismo na divulgação de suas ideias modernas e práticas. Pertenceu a um grupo de intelectuais que, além de defender a reforma social pela reforma da educação, empreendeu experiências de escolarização apropriando-se de referenciais internacionais, destacadamente os norte-americanos. João Köpke não foi, porém, um “homem de partido”, em sentido estrito, e, ainda que comungasse dos ideais republicanos, não se converteu em porta voz de um grupo ou em liderança de um movimento. Köpke foi, antes de tudo, um

e o seu diretor Menezes Vieiras. As discussões entre os dois, entre ataques e respostas, foi toda publicada em jornais da época. João Köpke era um intelectual, pensador dos procedimentos de leitura e pedagógicos de seu tempo. Um especialista em assuntos educacionais, circulando entre produtores, criadores, e difusores do saber pedagógico (Warde e Panizzolo, 2010, p. 136).

Em artigo sobre o Ensino Secundário oficial publicado no *Jornal do Comércio* no dia 24 de julho de 1892, João Köpke discute a questão da extinção ou municipalização do *Pedagogium*. Ao longo do texto, critica o que ele chamou de “industrialismo pedagógico”; para isso, cita a fala de inspetores de Cambridge que são contra o uso de materiais industrializados, defendendo que o ensino por meio de objetos criados por professores e alunos eram mais eficientes. Nesse sentido, Köpke mostra incômodo sobre a relação das empresas francesas de materiais didáticos e o *Pedagogium*:

E a compreensão de tal, tem impellido os verdadeiros amigos das ciências a esforços inauditos para mostrarem que ela está para a natureza e não nos laboratórios, gabinetes ou coleções pedagogo-industriais, e que, portanto, só a não cultiva, só por ele se não educa, quem não quer. A tamanho descredito cresceu mesmo o industrialismo pedagógico que já sindicatos se formam e, por todos os meios, exploram a mania dos aparelhos do ensino intuitivo. O nosso próprio país disso pode dar testemunho no fato com que encerro essas ligeiras considerações, e que só o muito que prezo os créditos de minha pátria e verdadeira orientação do ensino me leva a invocar. Em 1891, Ms. Charles Vautelet, representante do Sindicato de material e mobiliário do ensino francês, a quem foi concedida a exposição de sua mercadoria em uma sala do nosso *Pedagogium*, e que se incumbiu de mandar buscar às fabricas de Ch. Noé, A. Picart, e Emile Deyrolle, as coleções do mesmo *Pedagogium*, mostrou-nos, muito satisfeito, uma carta deste último senhor, presidente, se bem nos recorda, do sindicato, anunciando-lhe que conseguira para o diretor desse nosso estabelecimento o título de Oficial da Academia, e que nutria ainda a esperança de obter também as Palmes acadêmiques. Mais e maiores honras goza no conceito dos que bem o conhecem o diretor do *Pedagogium*: mas a satisfação do representante do sindicato francês mostra o empenho que o industrialismo tem pela propagação pelos

---

pedagoga que dedicou parte significativa de sua vida à criação de teorias, práticas e instrumentos para educar os cidadãos da República. Expressou seu pensamento político-pedagógico pondo em circulação, na imprensa, nas escolas, nos livros para crianças e nas conferências, uma pedagogia moderna, sinônimo de científica e republicana. Foi uma figura-chave para a realização da educação inovadora vivida e difundida por São Paulo durante a transição do Império para a República. Teve, ao longo das décadas de 70 e 80 do séc. XIX, uma atuação intensa, profunda e coerente abrangendo experiências com o ensino elementar e secundário em estabelecimentos de vanguarda como o Colégio Pestana, o Colégio Florence, o Culto à Ciência, a Escola Primária Neutralidade – Instituto Henrique Köpke. Além de se dedicar à abertura e manutenção de escolas, bem como para a definição de um novo campo pedagógico, João Köpke foi pioneiro na divulgação e implantação do método analítico para o ensino da leitura e dedicou-se a uma profícua produção de livros de leitura (Warde e Panizzolo, 2010, pp. 129-130).

meios de ensino intuitivo e a complacência com que as honras oficiais se põem ao alcance dos presidentes das companhias em detrimento dos interesses do ensino sério de ciência, feito em vista dos fatos reais e neste laboratório riquíssimo, que se desdobra pelo céu, terra e mar, diária e eternamente, a contemplação de nossos filhos e a admiração do gênero humano, sem ilusão, sem artifício e sem pedantaria (*Jornal do Comércio*, 24/7/1892, p. 3).

Nota-se que João Köpke fez insinuações graves a respeito da relação entre o diretor do *Pedagogium* Menezes Vieira com o Sindicato de material e mobiliário do ensino francês. Köpke relata que teria visto uma carta mostrada pelo representante comercial, na qual o presidente do sindicato afirma que Menezes Vieira receberia um título de Oficial da Academia e, possivelmente, obteria a Palmes Academiques. Isso, segundo João Köpke, devia-se aos esforços do diretor do *Pedagogium* em promover o uso dos materiais franceses, lembrando que a instituição tinha uma sala destinada à exposição destes materiais. Fica claro que João Köpke levanta suspeitas sobre essa relação comercial, de que o diretor do museu pedagógico estaria sendo beneficiado.

Embora João Köpke faça críticas a Menezes Vieira por incentivar o que ele denominou “industrialismo pedagógico”, ao analisarmos com calma sua trajetória educacional, identificamos que Köpke, ao trabalhar em colégios de Campinas, entre eles o Culto a Ciência, foi responsável pela montagem de um museu pedagógico, mandando importar da Europa aparelhos, mapas, quadros e coleções de objetos necessários ao ensino intuitivo. Seu gabinete era constituído de instrumentos modernos de Física e Química que serviam para experiências, entre eles um telescópio, tido como um importante museu pedagógico da região (Golombek, 2016, p. 38).

Entende-se que, para Köpke, o problema em questão era a interferência comercial nos ditames pedagógicos na época. Havia interferência direta do comércio pedagógico e da indústria escolar nos discursos e organização do *Pedagogium* e na constituição da chamada modernidade pedagógica ou ensino intuitivo. Mais do que isso, ele joga suspeita sobre as relações entre um oficial do poder público e uma corporação representada pelo sindicato francês.

João Köpke continuou, por anos, firme no seu posicionamento contrário ao Museu. Em 2 de dezembro de 1895, o *Jornal do Comércio* publicou artigo a pedido do intelectual. Ao longo do texto, Köpke afirma que pretende contribuir com as discussões parlamentares sobre a votação de orçamento para o estabelecimento no ano seguinte, e por isso, se dispôs a dar uma conferência no Palácio do Catete das 19 h até as 21h, quando,

segundo ele, pretendia mostrar que: o *Pedagogium* era contrário à orientação do ensino moderno e que sua ação é pedagogicamente funesta a cultura intelectual da primeira idade (*Jornal do Comércio*, 2/12/1895, p. 4).

No mesmo dia e seção, foi publicado pelo jornal nota escrita por Menezes Vieira em defesa da instituição que dirige:

Querem a República dos Estados Unidos ou pretendem a congene dos Estados Desunidos do Brazil? No primeiro caso, sustentem, desenvolvão o Pedagogium e não lhe recusem pyrrhonicamente os meios necessários para estreitar os laços da família brasileira. No segundo caso, suprimindo-o desaparecerá, o caráter, o cunho brasileiro, destruído pelo italiano, alemão, espanhol ou japonês, conforme a preponderância do elemento imigrantista nos Estados. Não aproveitem, assimilando, abasileirando este agente e terão trabalhado para o plano sacrílego de esfacelar a Pátria! Em qualquer das hipóteses, resta a satisfação de que: - não haverá garras, nem patas capazes de destruir o que fez o Pedagogium, nestes quatro anos de tormentosa existência (*Jornal do Comércio*, 2/12/1895, p. 5).

Percebe-se que, para defender a instituição, Menezes Vieira destacou a importância do museu para a manutenção da pátria ameaçada pela imigração. A esse respeito, vale destacar que a cidade do Rio de Janeiro recebeu, só no ano de 1891, cerca de 166.321 imigrantes. Nesse período, cerca de 28% da população da cidade era do exterior, destes mais do que o dobro era de homens (Carvalho, 2001, pp. 16-17). Essa característica, portanto, poderia ser uma ameaça a constituição da identidade nacional, por isso, muitos defendiam a importância de garantir a existência de uma instituição como o *Pedagogium*.

No dia 5 de dezembro de 1895, o *Jornal do Comércio* volta a publicar a discussão entre Menezes Vieira e João Köpke. Em novo texto, Menezes Vieira informa que mesmo que não estivesse ruim de saúde, não perderia o tempo dele assistindo as tais palestras de Köpke sobre a situação do *Pedagogium* (*Jornal do Comércio*, 5/12/1895, p. 4).

Em resposta, publicada pelo jornal, logo abaixo da nota de Menezes, João Köpke ironiza a doença do diretor da instituição e afirma que as conferências no Catete são para esclarecer os parlamentares das verdadeiras relações que o Museu estabelece:

Os dois artiguetes, supratranscritos em composição entrelinhada, deixam a toda evidência ver: que o ilustre diretor do Pedagogium está, de fato, e, ai da Pátria! Infelizmente, muito doente; e que não é a política de congraçamento de espíritos e respeito a lei, que o governo vai patrioticamente levando a cabo, mas a ação do Pedagogium, que há de

abrasileirar este congerie de Estados, que o imigrantismo ameaça de esfacelamento. Portanto, entre um enfermo e a salvação da Pátria, o silêncio e a expectativa. Quanto as conferências da rua do Catete, destinada exclusivamente a esclarecer os senhores deputados e senadores, tranquilize-se o supremo pontífice da pedagogia Noé-Picart-Delagrave-Deyrolle & C.: em tempo será publicada a estatística de sua frequência e o resumo das doutrinas nela expendidas. Uma coisa lhe posso, porém, antecipar para que veja que me estio em boas opiniões: e o meu guia na argumentação sobre a intervenção do Estado na organização, direção e tutela do ensino, será o Sr. Dr. Menezes Vieira, Atas e pareceres do Congresso da instrução em 1883. E garanto-lhe que não hei de esquecer aquela imagem de fogo de vistas, em que, acabada a ruidosa exibição, a alma se contrista diante do que resta: muita fumaça e uns postes esbraseados (*Jornal do Comércio*, 5/12/1895, p. 4).

Nota-se que Köpke não só desdenha da doença de Menezes Vieira como ironiza o seu papel com relação à defesa da pátria por meio de seus trabalhos. João Köpke afirma que os trabalhos de Menezes com relação aos altos índices e imigração na cidade, não são mais importantes do que os trabalhos já feito pelo próprio governo. O intelectual paulista ainda destaca a pretensão de abrasileirar a população por meio da estranha associação de Menezes Vieira com empresas de material didático francesas, chamando-lhe de Papa do sindicato francês. Lembrando que João Köpke já havia mencionado o fato de que a educação deveria priorizar o mercado nacional e a produção de professores e alunos, ao invés da importação estrangeira. Não deve se perder de vista também que o próprio João Köpke era escritor de livros didáticos.

Vale ressaltar que Köpke ironizou também a intervenção do Estado na educação, mencionando o evento Congresso da Educação de 1883, que resultou na Exposição Pedagógica e, posteriormente, no Museu Escolar Nacional, conforme vimos no histórico. Em todo o processo, Menezes Vieira esteve envolvido nos assuntos sobre a educação, inclusive nas atas e pareceres do Congresso, conforme mencionou João Köpke.

Nessa continuação de críticas, Köpke manteve suas conferências sobre o *Pedagogium*, com o objetivo do que ele chamou de esclarecimento aos parlamentares sobre a instituição. Novamente, o intelectual fez duras críticas sobre a relação entre Menezes Vieira e as empresas de materiais francesas, o que significa, na prática, que Menezes era visto como um representante no país destas empresas estrangeiras, ou seja, um representante de suas vendas.

No ano seguinte, João Köpke continuou enviando seus textos contra o *Pedagogium* ao *Jornal do Comércio*. No dia 20 de agosto de 1896, o jornal publicou novo artigo sobre o Museu enviado por Köpke. Já no início do artigo, ao autor afirma que o

*Pedagogium* desvirtua o ensino no Brasil. Apresentou que, desde o início da instituição, ocorreram discussões sobre os valores de verbas destinados ao Museu e, por isso, seu funcionamento era sempre alvo de questionamento. Nessa linha, diante da possibilidade de municipalização do *Pedagogium*, João Köpke neste artigo tinha como objetivo provar ao município que o Museu Pedagógico era uma inutilidade quanto ao seu caráter de atendimento nacional (*Jornal do Comércio*, 20/8/1896, p. 1).

Por isso, Köpke afirmou ainda que o *Pedagogium* não era útil em todos os Estados do país e que, dentre todas as suas funções no último ano, a única que corroborava com o seu caráter de ensino profissional são os cursos que promoveu ao longo dos anos, porém, esses cursos não alcançavam todos os professores do país inteiro, por isso, a municipalização da instituição faria mais jus as suas funções cumpridas:

Se, pois, em sua própria organização, o *Pedagogium* não pode agir proficuamente como instituto profissional fora do Distrito Federal; e se o estudo do desenvolvimento, que, desde a sua fundação, tem o ensino alcançado no resto do Brasil, não acusa a sua influência próxima; nem remota, a conclusão, quanto ao ponto de vista prático, coincide com o jurídico, para demonstrar o acerto da sua transferência ao Governo Municipal. Esta deliberação do congresso estaria, aliás, de acordo com o que se observa nas nações cultas, onde a maior parte dos museus escolares, e centros congêneros do *Pedagogium*, é função de empreendimento particular ou de manutenção municipal. O relatório do National Bureau of Education para o ano de 1895, alista vinte neste caso contra onze pelo poder central, em países que não se regem pelo sistema federativo, exceção feita dos Estados Unidos da América do Norte. Convencidos de que o *Pedagogium* é de ação puramente local, defendem alguns a sua manutenção federal com equiparação ao National Bureau of Education, de que querem fazer uma espécie de mediador plástico para preservar a integridade da educação nacional contra os perigos da imigração. Em artigo próximo mostrarei que a equiparação é descabida, concorrendo assim para o esclarecimento do assunto para que o Congresso deve, em breve, deliberar, e cumpre que, definitivamente, delibere (*Jornal do Comércio*, 20/8/1896, p. 1).

Em resposta ao artigo, Menezes Vieira escreveu ao *Jornal do Comércio* no dia 25 de agosto de 1896. Sem citar João Köpke, o diretor do *Pedagogium* também segue na comparação com o National Bureau of Education:

Quanto a valor da exposição permanente que o *Pedagogium*, o Bureau of education e todos os museus pedagógicos – trinta e tantos, disseminados pela Europa, América, Ásia, Oceania – possuem; basta notar que os adversários do ensino por meio da intuição indireta racional são os mesmos que enchem de gravuras os seus livros de leitura e manuais didáticos. Finalmente. O *Pedagogium* brasileiro foi criado por Benjamin Constant no governo do marechal Deodoro aos 16 de

agosto de 1890: O Bureau of Education de Washington foi votado pelo congresso norte americano, a pedido da Associação Nacional da Educação, aos 2 de março de 1867. A bagatela de seis para vinte nove anos em dois países que se chamam Brasil e Estados Unidos. O Bureau só em 1870 conseguiu organizar-se graça ao apoio ilimitado que o presidente Crant prestou ao ilustre John Eatono primeiro diretor pressionado pela guerra que lhe movia a inveja, preferira demitir-se. O Pedagogium brasileiro entrou imediatamente em ação e, a despeito da guerra que todos os anos e por todos os meios lhe tem feito no parlamento, funciona e funcionará até o fim do corrente ano (*Jornal do Comércio*, 25/8/1896, p. 2).

Sem citar João Köpke, o diretor do *Pedagogium* respondeu o último artigo de seu principal crítico. De acordo com Menezes Vieira, o *Pedagogium* estava sim equiparado ao Bureau, assim como outros museus pedagógicos espalhados pelo mundo. Além disso, Menezes atribuiu os problemas de funcionamento das instituições a perseguições seja contra os museus, seja contra os seus respectivos diretores.

No dia seguinte a esta resposta de Menezes, 26 de agosto de 1896, João Köpke enviou outro texto ao *Jornal do Comércio*. Neste artigo, ele reafirmou a função local do Museu, mostrando que somente os moradores do Distrito Federal frequentavam os cursos profissionais. Por conta disso, alertou Köpke, o Museu mandava reeditar em monografias o conteúdo dos cursos para enviá-los ao professorado, o que, segundo o intelectual, era um gasto duplo para o governo. Além das monografias, Köpke afirma que os cursos noturnos eram ainda mais caros aos cofres públicos por conta dos honorários do turno. Köpke finalizou o artigo reafirmando que o *Pedagogium* deveria ser municipalizado (*Jornal do Comércio*, 26/8/1896, p. 2).

Imediatamente Menezes Vieira saiu em defesa aos cursos oferecidos pelo *Pedagogium*. Seu texto foi publicado no *Jornal do Comércio* no dia 29 de agosto de 1896. Novamente, sem mencionar o nome de João Köpke, o diretor do Museu Pedagógico Nacional afirmou que os cursos noturnos oferecidos desde 1895 já tiveram mais de 4 mil expectadores. Menezes conclui que os cursos do *Pedagogium* se assemelhavam em qualidade aos cursos oferecidos pelas instituições similares do exterior (*Jornal do Comércio*, 29/8/1896, p. 1).

Essa foi a última nota localizada da briga entre João Köpke e Menezes Vieira. Köpke se manteve em muitas discussões pedagógicas ao longo desse período, como fez no caso do *Pedagogium*, respondia e defendia seu ponto de vista apresentando projetos alternativos ou dedicando parte do seu tempo em conversar e esclarecer as pessoas seu ponto de vista (Warde e Panizzolo, 2010, p. 149).

Sendo este o principal crítico do *Pedagogium*, ninguém tem mais notas publicadas e esclarecimentos aos parlamentares do que João Köpke. É possível que a municipalização do Museu tenha ocorrido muito por seus esforços, já que sua principal defesa era de que a instituição não fosse nacional, pois ela não conseguiria cumprir com seus objetivos em todo território do país. Ainda assim, sua crítica é mais contundente ao posicionamento do diretor do Museu, Menezes Vieira. Mais do que a ação local do Museu, só isso já servindo de subsídio para municipalizá-lo, João Köpke tinha mesmo uma crítica à prática do diretor da instituição e a ligação deste com os representantes comerciais estrangeiros.

Nota-se que João Köpke não estabelecia uma crítica ao método pedagógico divulgado pelo Museu, era a relação internacional de mercado, protagonizada pela figura de Menezes Vieira e por seus possíveis benefícios pessoais a partir dessa parceria que o incomodava, por isso, as críticas foram sempre endereçadas ao diretor da instituição.

Diante da iminência de extinção, o Museu conseguiu tornar obrigatória a presença em sua instituição das alunas da Escola Normal. Esta obrigação estava ligada diretamente à formação destas alunas. Tal obrigatoriedade também foi alvo de críticas. O *Jornal do Brasil*, no dia 12 de abril de 1902, publicou longa nota com o subtítulo que já dá o tom do texto: *Pedagogium – meios empregados para dar-lhe vida*. O texto assinado por J. B. Magno de Carvalho criticava o novo regulamento do *Pedagogium*, que previa que as alunas da Escola Normal cumprissem uma parte de sua jornada no Museu. Tal medida fez com que as alunas protagonizassem uma greve com o intuito de revogação do regulamento, o que não aconteceu.

Mas nem só de críticas o *Pedagogium* viveu; muitos se dedicaram à defesa do estabelecimento pedagógico, tanto nas discussões parlamentares como os próprios jornais e políticos de alto escalão. O jornal *Gazeta de Notícias*, em 20 de agosto de 1890, encheu de elogios a então recém instituição. O jornal afirmou ser totalmente oportuno que a coleção do Museu Escolar Nacional tenha se transformado no *Pedagogium*. Exaltou a criação deste estabelecimento, equiparando tal acontecimento aos eventos similares no que ele chama de países desenvolvidos, já que em todos havia um Museu Pedagógico. Finaliza a nota dizendo que o *Pedagogium* era de grande importância para os professores e a Escola Normal (*Gazeta de Notícias*, 20/8/1890, p. 1).

No dia 31 de outubro de 1891, o mesmo impresso publicou duas longas notas sobre o *Pedagogium*. Sobre estes dois textos, o primeiro foi um editorial do próprio jornal em defesa do estabelecimento, criticando as propostas de supressão do Museu ocorridas

nas discussões parlamentares sobre orçamentos. O segundo texto foi a resposta ao editorial feita pelo parlamentar Severino Vieira que era um dos políticos mais críticos ao *Pedagogium* (*Gazeta de Notícias*, 31/10/1891, p. 1).

O editorial do jornal criticou, sobretudo, a proposta de fechamento do *Pedagogium*. Para o jornal, o estabelecimento trazia benefícios à sociedade, aos professores e à instrução, por isso sua extinção seria um erro. O jornal fez crítica, ainda, à proposta de envio das coleções do Museu para outras instituições, como o Museu Nacional e a Escola Normal. Em resposta, o parlamentar Severino Vieira afirmou que manter o *Pedagogium* era um gasto excessivo para União e que a proposta de envio das coleções para o Museu Nacional, coleções de História Natural, demais coleções e biblioteca para a Escola Normal seria vantajosa para a economia de dinheiro. Severino Vieira é um dos parlamentares mais favoráveis a extinção do Museu, afirmando que a Escola Normal e o próprio Museu Nacional poderiam cumprir com as funções do *Pedagogium* (*Gazeta de Notícias*, 31/10/1891, p. 1).

Em 27 de julho de 1892, ainda na *Gazeta de Notícias*, foi publicado um texto enviado por Ramiz Galvão em defesa da memória de Benjamin Constant e seus feitos. Em parte do seu texto Ramiz Galvão dialoga com aqueles que são contra o *Pedagogium*:

Fingem não compreender que o *Pedagogium* é um estabelecimento do ensino concreto, e que, portanto, ele representa coisa diametralmente oposta as teorias e dissertações de uma cadeira da pedagogia. E outra gloria que por ali se recusa Benjamin Constant, e que, todavia, lhe cabe inteira. O inspetor geral propusera-lhe simplesmente a organização de um Museu Pedagógico, e ele clarividente devolveu a ideia, deu outro espírito a criação imaginou a fundação de um grande e utilíssimo estabelecimento do ensino, e por fim deu-lhe até o nome (*Gazeta de Notícias*, 27/7/1892, p. 1).

O texto de Galvão defende o *Pedagogium* com o intuito de manter preservada a memória de Benjamin Constant. Além disso, ao longo do texto, Galvão afirma que a pretensão de Benjamin Constant era fundar uma instituição que servisse de apoio ao ensino concreto, para além de seguir ditames pedagógicos; o intuito era formar para o ensino intuitivo. Isso significa que não caberiam as comparações com a Escola Normal, ou dizer que o *Pedagogium* cumpria as funções daquela. A verdade é que tudo o que este Museu oferecia era com o objetivo de suprir as necessidades do método intuitivo.

Em 1897, o debate sobre a continuidade do *Pedagogium* persistia. O *Jornal do Comércio* publicou um parecer do parlamentar Duque Estrada, em 17 de março do

corrente ano. De acordo com Duque Estrada, a existência de um Museu Pedagógico era essencial para os professores aprenderem a utilizar o que ele classificou de difícilíssimo método intuitivo. Para tanto, nada melhor do que uma instituição que tivesse gabinetes e ensinasse como deveriam ser utilizados (*Jornal do Comércio*, 17/3/1897, p. 3).

Percebe-se que boa parte das discussões sobre a permanência ou não do Museu passaram pelas discussões de municipalização da instituição. Tal medida funcionaria como uma manobra para desonerar os cofres da União e, ainda sim, manter um estabelecimento que, na prática, era mais utilizado pelo professorado do município, não atendendo todo o território nacional. Nesse sentido, a municipalização, que ocorreu de fato em 1896, foi um ganho para aqueles que defendiam a continuidade do *Pedagogium* (*Gazeta de Notícias*, 16/9/1896, p. 1). Antes permanecesse funcionando no município do que extinto.

Mas, em uma análise sobre as críticas e defesas pela instituição, fica claro que aqueles que eram contra o *Pedagogium* foram bastante contundentes em pedir sua extinção e a declarar que o Museu não era nada funcional e não contribuía em nada na qualidade do ensino e formação de professores. As notas publicadas ainda mostram um desconforto majoritário com a existência concomitante do Museu Pedagógico e de uma Escola Normal, o questionamento comum era porque manter dois estabelecimentos, cujo princípio básico apresentava o mesmo objetivo: de formar professores. Ainda com esse desconforto, o *Pedagogium* permaneceu funcionando até 1919, ou seja, os poucos defensores, sendo o principal deles o seu diretor Menezes Vieira, conseguiram vencer seus opositores nesse quesito.

## **2.4 Função social e pedagógica: funcionários, rotina e formação**

O Museu Pedagógico Nacional tinha como objetivo central estabelecido por lei a formação de professores. Portanto, essa era a sua função social principal, formar professores competentes para o exercício da profissão. No entanto, numa análise mais atenta da rotina estabelecida e das atividades oferecidas pelo estabelecimento, percebe-se que *Pedagogium* era símbolo da modernidade do ensino. Isso significa que toda rotina do Museu era para formar professores, mas era uma formação para um ensino dito moderno, um ensino praticado no mundo inteiro: o método intuitivo. Dentro dessa lógica, o Museu, sendo um estabelecimento previsto em regulamento, público e nacional, promoveu de maneira gratuita atividades como: exposição escolar anual; visitas guiadas; cursos e

conferências; produção de uma revista pedagógica. Tudo isso em conjunto era o que formava o Museu Pedagógico.

Mas, para fazer funcionar esta rotina intensa, era necessário um conjunto de funcionários, em especial diretores que, além de especialistas na área, tivessem notoriedade e prestígio social. Vimos que um dos principais defensores, responsável inclusive pela permanência da instituição fora o seu primeiro diretor, Menezes Vieira. No entanto, outros diretores, não menos renomados, e outros funcionários foram responsáveis por manter o Museu e defender sua continuidade.

#### **2.4.1 Funcionários do *Pedagogium***

As principais funções dentro do Museu Pedagógico eram: diretor, subdiretor-secretário, conservador e porteiro.

De acordo com o decreto de fundação do *Pedagogium*, n. 667 de 16 de agosto de 1890, o artigo 13 estabeleceu que as funções do diretor eram: dirigir as conferências e os cursos científicos; fixar a disposição geral do Museu e o plano de classificação das coleções; adquirir livros, periódicos, instrumentos, aparelhos e quaisquer outros objetos aplicáveis ao Ensino Primário e Secundário; aceitar, emprestar, permutar, alienar, eliminar os objetos, segundo as necessidades do Museu; mandar imprimir catálogos, notícias, programas etc.; dirigir a *Revista Pedagógica*; propor o assunto e o plano para os livros clássicos, assim como as normas, planos ou modelos de edifícios escolares, móveis, quadros decorativos, mapas, museus tecnológicos, instrumentos ou aparelhos que o Conselho Diretor tenha de mandar fazer para as escolas públicas; representar o Museu no júri incumbido de julgar esses objetos, corresponder-se regularmente com os estabelecimentos congêneres; dirigir, de acordo com as disposições do Conselho Diretor e do Inspector Geral, os trabalhos da escola modelo e das oficinas; realizar as exposições escolares anuais, de conformidade com o programa aprovado pelo Conselho Diretor; visitar as escolas públicas primárias, quando isso lhe for determinado pelo Inspector Geral, e informá-lo do que houver observado e julgar conveniente, aplicando-lhes quanto à organização material e pedagógica; prestar ao Inspector Geral e ao Conselho Diretor as informações que lhe forem exigidas; convocar, quando ao Inspector Geral parecer conveniente, os professores e as professoras de instrução pública primária, e familiarmente, discutir os métodos, sistemas, modos, formas e processos de ensino, empregados no país e no estrangeiro; recomendar-lhes a leitura dos melhores autores da

biblioteca pedagógica do Museu, demonstrar-lhes a utilidade dos instrumentos, aparelhos e coleções ali existentes; apresentar ao Inspector Geral um relatório anual e o balanço da receita e despesa do *Pedagogium*; propor a nomeação e demissão do porteiro e dos serventes ou guardas do estabelecimento.

Com relação às atribuições do subdiretor-secretário, o decreto estabelecia: auxiliar o diretor; substituí-lo quando o impedimento não exceder de oito dias; organizar o catálogo da biblioteca e das coleções do Museu. Já ao conservador caberia ser responsável pelo material do estabelecimento, cujo asseio e boa ordem devia manter escrupulosamente. O auxiliar era substituto natural do secretário. Tinha a seu cargo o serviço das bibliotecas fixa e circulante. Perante uma comissão de um membro nomeado pelo Conselho Diretor, do diretor do *Pedagogium* e de um empregado da Inspetoria Geral, procedia ao balanço do material, pelo menos uma vez por ano.

Para o cargo de conservador, destaca-se o nome de Olavo Freire, o primeiro a ocupar esse cargo. Olavo Freire foi conservador do *Pedagogium* na diretoria de Menezes Vieira, sendo os dois grandes parceiros de trabalho. Embora a posição próxima ao diretor do Museu, não existem detalhamentos sobre o desempenho da função de conservador do *Pedagogium* na documentação. Olavo Freire é mais conhecido pelos seus trabalhos paralelos à função de conservador.

De acordo com Fernandes (2013), o conservador citado é um nome destacado algumas vezes nas Revistas Pedagógicas pela publicação de seus trabalhos e menos pelo cargo que ocupava no *Pedagogium*. Olavo Freire era formado em humanidades no Colégio Menezes Vieira e estudou na Escola Politécnica. Foi professor de trabalhos manuais da Escola Normal da Capital Federal e da Casa São José; escreveu *Método para o ensino de desenho elemental* (1892), *Geometria prática* (1895), *Curso de caligrafia* (1896) e *Corografia do Brasil* está última obra adotada pelas Escolas Normais de São Paulo e Rio de Janeiro, publicou também mapas escolares (Fernandes, 2013 p. 5). É possível que tenha sido convidado ao cargo por ter sido aluno na escola de propriedade do diretor.

Segundo D'Esquivel (2019 p. 55), Olavo Freire participou de um cenário de transformações educacionais, sendo que sua trajetória profissional e de formação esteve ligada a nomes e instituições de referências do período.

D'Esquivel (2019) apresenta um estudo sobre a publicação de livro para o ensino de Geometria e sobre a trajetória intelectual de Olavo Freire. Para o pesquisador (D'Esquivel, 2019, pp. 63-65), Freire fez parte de um grupo socioprofissional que reunia

professores e autores de livros escolares, que destacando-se em assuntos educacionais, foi convidado a emitir julgamentos e a produzir diagnósticos sobre temas relacionados ao ensino. D’Esquivel (2019 p. 65) considera Olavo Freire um experto que guiou a prática profissional de professores primários em vários estados, sendo que os seus saberes produzidos responderam a uma demanda de ordem prática estatal. Portanto, tratava-se de um profissional que trabalhava como conservador, fazendo trabalhos auxiliares na instituição.

Por fim, o porteiro tinha como função ser imediatamente responsável pelos objetos existentes no *Pedagogium*. Deveria manter sempre em dia a escrituração do livro dos visitantes e um registro diário de entrada e saída dos objetos, ofícios etc.

Percebe-se que a maior parte das tarefas cabia ao diretor da instituição, basicamente toda a organização interna, constituição de acervo, cursos, revista e divulgação do museu estava a cargo do diretor. Nesse sentido, quem daria vida ao estabelecimento era o diretor. O Museu era uma representação daquilo que prescrevia a lei, mas, principalmente, seguia os princípios do seu diretor.

Analisando a documentação, contabilizou-se que ao longo do seu funcionamento o *Pedagogium* teve seis diretores:

**Quadro 3 – Diretores do *Pedagogium***

<b>Diretor</b>	<b>Período</b>
Menezes Vieira	1890 até 1895, 1896
Felisberto Rodrigues Pereira de Carvalho	1895
Manuel Bomfim	1897 até 1910
	1912 até 1919
Olavo Bilac (diretor interino)	1906 até 1907
Sérvulo José de Siqueira Lima (diretor interino)	1908
José de Barbosa Rodrigues	1910 e 1911

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em 10 de janeiro de 2020.<sup>20</sup>

As duas pessoas que mais tempo ocuparam o cargo de diretor do Museu foram Menezes Vieira, por cinco anos e Manuel Bomfim, por 16 anos no total. Ao analisarmos o quadro de maneira mais atenta, percebemos que algumas datas estão cruzadas.

Menezes Vieira foi o primeiro diretor e teve uma atuação bastante influente, como já podemos perceber anteriormente. Permaneceu no total cinco anos no cargo, porém, entre novembro de 1894 e março de 1895, ficou fora do Museu devido a uma aposentadoria que, segundo ele, nunca havia pedido. Após reclamações, muitas delas enviadas aos jornais, ele retorna ao cargo. No curto período de sua aposentadoria compulsória, quem ocupou a vaga de diretor foi Felisberto Rodrigues Pereira de Carvalho, antes secretário do Museu (*Jornal do Comércio*, 6/11/1894, p. 1).

Após este retorno, Menezes permanece no cargo até o final do ano de 1896, quando em 1897 foi demitido. A especulação dos jornais é de que essa demissão ocorrera por conta da municipalização do Museu. Muitos jornais se posicionaram contra a saída de Menezes, que faleceu em agosto de 1897, sem retomar o posto (*Gazeta de Notícias*, 14/10/1897, p. 1).

Com a demissão de Menezes Vieira, assumiu o cargo o Manuel Bomfim, em março 1897, que até o momento era subdiretor-secretário, desde o final de 1896. Em maio de 1898, Bomfim foi nomeado diretor da Escola Normal e foi demitido do cargo de diretor do *Pedagogium* somente em 1899, quando os jornais relatam que o Museu estava fechado (*Gazeta de Notícias*, 19/5/1899, p. 1).

A partir de agosto de 1900, os jornais já relatavam a reintegração de Manuel Bomfim novamente como diretor do *Pedagogium*, permanecendo no cargo até 1910 (*A imprensa*, 1910, p. 12).

Nesse primeiro período, Manuel Bomfim se afastou duas vezes do cargo. O primeiro entre 1906 e 1907, para assumir uma função na Comissão da Diretoria de

---

<sup>20</sup> Todas as citações que aparecem dessa forma são resultadas de uma reunião de diferentes documentos e datas. Tal método foi utilizado, a fim de se comparar informações e, muitas vezes, identificar repetições de informações. Alguns documentos se complementam, trazendo novos dados, por isso, optamos nessa forma de citar alguns quadros. Seguem os nomes dos periódicos consultados neste repositório: *Gazeta de Notícias* (1890-1919); *O país* (1890-1919); *Jornal do Brasil* (1890-1919); *Jornal do Comércio* (1890-1919); *Almanak Laemmert* (1890-1919); *A imprensa* (1890-1919); *A notícia* (1890-1919); *O tempo* (1890-1919).

Instrução Pública. Nesse período, assumiu como diretor interino Olavo Bilac, que já era professor de poesia do Museu. O segundo afastamento de Bomfim foi em 1908, quando foi deputado federal pelo estado de Sergipe. Neste ano assumiu como diretor interino Sérvulo José de Siqueira Lima. Entre 1910 e 1911, o diretor do Museu foi José de Barbosa Rodrigues e, em 1912, Bomfim retornou ao cargo e permanece até o fechamento da instituição (*Almanak*, 1910, 1911, 1912, pp. 417, 543, 625, 683, 727).

Percebe-se que o cargo de direção do Museu ficou instável, principalmente, depois da morte de Menezes Vieira. Essa instabilidade de encontrar alguém que se dedicasse totalmente ao cargo, talvez seja um dos motivos do curto período de vida do Museu, diante de tanta pressão para o seu fechamento. Destes seis diretores, dois merecem destaque, não somente por ocuparem mais tempo no cargo, mas por serem importantes personagens para a época e por terem protagonizado as principais ações no *Pedagogium*: são Menezes Vieira e Manuel Bomfim.

#### **2.4.2 Menezes Vieira**

Em estudo sobre Menezes Vieira, Bastos (2002) faz um longo mapeamento da trajetória pessoal e profissional do intelectual. Sobre a vida pessoal e início da trajetória acadêmica de Vieira, Bastos (2002) afirma que a documentação é esparsa:

Poucos são os dados disponíveis sobre a vida de Menezes Vieira e, quando existente, divergem. Para Sacramento Blake (1970), Menezes Vieira nasceu no Rio de Janeiro. Já para Luiz dos Reis (1914), teria nascido em São Luís do Maranhão, em 10 de dezembro de 1848, era filho do Sr. Dr. João José Vieira – não consta o nome da mãe. No necrólogo, publicado na Gazeta de Notícias em 14 de agosto de 1897, constam as duas informações confirmando que cursou Humanidades, em São Luís do Maranhão, vindo para a Corte cursar Medicina (1868-1873). Bem cedo revelou vocação para o magistério, começando a lecionar nos cursos preparatórios. Ainda estudante, publica *Pontos de Rethorica e Poetica* (1868), segundo o programa do imperial Colégio D. Pedro II e doutrinas dos senhores Freire de Carvalho e Borges de Figueiredo (Bastos, 2002, p. 39).

Percebe-se que, embora poucos e contraditórios sejam os dados do seu nascimento e início de carreira, ainda assim, sua trajetória profissional já de início estava ligada ao campo educacional, dedicando-se desde sempre à metodologia de ensino.

Ainda dentro do campo de metodologia de ensino, foi grande incentivador da adoção do método intuitivo, por experiência própria:

As motivações para o magistério também podem ter advindo de suas vivências escolares, como podemos perceber em carta que escreve, em 1883, para o Sr. Dr. Souza Bandeira. Ao incentivar a adoção do método intuitivo, cujas vantagens há oito anos tentava demonstrar, afirma como justificativa ter sido *vítima dos métodos e processos do ensino no meu tempo escolar*. Enquanto estudava Medicina no Rio de Janeiro, além da atuação como professor, exercia a função jornalística, editando periódicos – *O Acadêmico*, periódico da Associação Acadêmica, que redigiu com Lopes Trovão, Mata Machado, Ramiro Barcelos; *Leitura para Domingo*, periódico de instrução e recreio (1871), destinado à instrução popular; e estimulava a vida cultural da cidade, criando algumas sociedades – Associação Científica e Literária União Acadêmica. Também organiza um curso em educação literária e intelectual aos operários – Escola de Domingo, na Glória -. Imitação das escolas existentes na França (1866) e Bélgica (1854), organizadas pela *Ligue de l'enseignement* (Bastos, 2002, pp. 40-41).

Nota-se que Menezes sempre esteve ligado às novidades metodológicas da época, pensando em adotá-las em sua carreira no magistério. Por isso, logo foi um defensor do método intuitivo, este guia de organização do *Pedagogium*.

Ainda segundo Bastos (2002), foi professor no Instituto de Surdos e Mudos:

Parece que não exerceu a profissão por muito tempo, mas trabalhou durante anos no Instituto de Surdos-Mudos, desde 1872, como professor de linguagem articulada. Amorim de Carvalho nos dá indicações de que mantinha um consultório instalado em uma farmácia na rua da Carioca. (...) Casa-se com Carlota de Menezes Vieira, que participa ativamente de sua atividade educacional. Juntamente com a esposa, funda o Colégio Menezes Vieira em 1875, na rua dos Inválidos 26, onde instala o primeiro jardim de infância do Brasil. Menezes Vieira era o diretor e proprietário; J. Pereira Pinto, diretor da parte disciplinar e econômica; D. Carlota, diretora e professora do Jardim de Crianças. O símbolo do Colégio e de todos os escritos de Menezes Vieira foi *Pro Patria Laboremus*, compreendido como uma atuação voltada à *Pátria e pela Pátria* – seu lema e mote de vida (Bastos, 2002, p. 42).

Segundo Almeida (2018, p. 115) Menezes Vieira foi grande difusor do método de educação para surdos, quando foi professor do Instituto de Surdos-Mudos. Especializado em metodologias de ensino por meio das visitas aos estabelecimentos de ensino na Europa. Menezes Vieira defendia que as crianças surdas poderiam ser ensinadas também pelo método intuitivo, mesmo método de ensino aplicado em seu colégio. Durante o período em que foi professor do Instituto, Menezes Vieira foi responsável por ajudar a montar um museu escolar e importar materiais de ensino voltados para aplicação do método intuitivo. Em seu colégio, Menezes aderiu ao que era conhecido como mais

moderno na época, por isso foi grande divulgador e incentivador do método intuitivo no seu empreendimento escolar:

Para imprimir no seu colégio o que mais moderno havia na época, Menezes Vieira buscou subsídios na literatura especializada, sendo um conhecedor profundo da ciência pedagógica, (...) um discípulo aproveitado de Pestalozzi, Fröebel, Girard, Mme. Pape Carpentier e outros importantes apóstolos da educação popular. Para que isso se efetivasse, realizou viagens à Europa (1882, 1888, 1889), para conhecer e visitar os principais centros educacionais. Nessas viagens entra em contato com o que mais moderno havia na França, Itália, Bélgica, Alemanha, Suíça (Bastos, 2002, p. 43).

Nesse período de sua carreira no magistério, nota-se que Menezes Vieira esteve ligado com o que estava sendo utilizado em outros estabelecimentos de ensino no mundo, especialmente na Europa. Para tanto, realizou diversas viagens, a fim de conhecer de perto tais métodos e aplicá-los no colégio de seu nome. Nota-se ainda que, pouco antes da fundação do *Pedagogium*, Menezes fez uma nova visita aos empreendimentos escolares da Europa. Essas visitas e essa relação que Menezes estabeleceu com os estabelecimentos estrangeiros ficam muito evidentes nos documentos do *Pedagogium*, já que, por vezes, os relatórios escritos por ele, dão conta de como a organização e composição do Museu havia sido pensada nesse diálogo com os museus pedagógicos de países que visitara, conforme vimos anteriormente.

A influência de Menezes no campo do magistério e sua atuação nessa área foi bastante ampla:

Menezes Vieira foi sócio-fundador de diversas instituições beneficentes e de ensino – Associação Promotora da Instrução do Rio de Janeiro (1874), Associação Mantenedora do Museu Escolar Nacional (1883), Sociedade Liga do Ensino (1884), Associação Promotora da Infância Desamparada. Nos últimos anos de vida, lutava pela criação de um Asilo dos Inválidos do Ensino. Também participava da Sociedade Amante da Instrução, instituição fundada em 5 de abril de 1829, sob o nome de Sociedade Jovial e Instrutiva, com a finalidade de manter um asilo de órfãos. Participa ativamente de vários eventos educacionais da época. Por exemplo, das Conferências Populares da Freguesia da Glória, onde profere uma conferência, na reunião de 2 de agosto de 1874 (...) No Congresso de Instrução pública do Rio de Janeiro, previsto para ser realizado junto com a Exposição Pedagógica (1883), participa com várias teses (Bastos, 2002, p. 45).

Além de se infiltrar em diversos órgãos ligados à instrução, Bastos (2002) identificou que Menezes Vieira conviveu muito de perto com várias personalidades de

seu tempo. Esse tipo de convivência pode ser um dos fatores de permanência e defesa do *Pedagogium* durante o período que fora diretor:

Menezes Vieira conviveu ativamente com várias personalidades de seu tempo – Benjamin Constant, que o convida para dirigir o *Pedagogium*; Rui Barbosa, que o convida para integrar a Sociedade Liga do Ensino. Dr. Manoel Francisco Correia, com quem atua na Associação Mantenedora do Museu Nacional e a quem dedica o livro com a Conferência Literária realizada na reunião de 2 de agosto de 1874; Félix Ferreira, que escreve o livro sobre o Colégio Menezes Vieira na Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro (1885) comemorativo ao primeiro decênio do colégio; Dr. J. J. de Amorim de Carvalho, colega de faculdade e professor do colégio (...) também algumas correspondências dirigidas às autoridades – Menezes Dória, Ramiz Galvão – evidência, uma aproximação significativa com as esferas de poder (Bastos, 2002, p. 49).

Menezes conviveu com essas personalidades políticas ligadas à educação, além de toda a sua atuação no campo do magistério desde muito cedo e, inclusive, pela grande visibilidade e sucesso de seu colégio, Menezes Vieira foi convidado a ser diretor do *Pedagogium* por Benjamin Constant, em 1890:

Em 20 de agosto de 1890, Benjamin Constant nomeia o Dr. Menezes Vieira como diretor do *Pedagogium*, que pode ser considerado o seu criador e grande estimulador. No dia seguinte à nomeação, Menezes Vieira envia carta a Benjamin Constant pedindo o favor de dispensar-lhe do cargo, com a justificativa de que “nos tempos do regulamento dessa instituição e nos limites do seu orçamento falece-me a capacidade para corresponder à honrosa confiança que V. Exa. em mim deposita”. Aqui estava registrado o início de uma luta constante e bastante desgastante, vinculada a orçamento, prédio, recursos, que Menezes Vieira empreendeu com as autoridades federais para a manutenção e desenvolvimento do *Pedagogium*. Era considerado a cabeça que pensara o *Pedagogium*, e os demais eram os braços que executaram (Bastos, 2002, p. 274).

É interessante que Menezes já sabia das dificuldades que teria na administração do Museu e, por isso, inicialmente recusa o cargo. Não se sabe o motivo que o fez mudar de ideia, mas sabemos que, nos primeiros cinco anos, o Museu foi usado e organizado de acordo com aquilo que Menezes Vieira acreditava ser o melhor para o ensino da época. Por isso, os anos iniciais do Museu Pedagógico devem ser levados em consideração as ações e o papel social exercido pelo seu primeiro diretor.

Percebe-se que Menezes Vieira circulou bastante em busca de conhecimento de novos métodos, práticas e materiais de ensino. Sua trajetória profissional, especialmente

no *Pedagogium*, seus relatórios, sempre ressaltam esse intercâmbio de saberes e coisas. Pode-se dizer, que Menezes Vieira era um entusiasta, um incentivador e um divulgador. Essa característica de reunir saberes, práticas e objetos de diferentes localidades foi aplicada no *Pedagogium* no período em que foi diretor da instituição.

Nos primeiros cinco anos da instituição havia um esforço em colocar o estabelecimento no mesmo patamar de museus pedagógicos de outros países, em especial àqueles da Europa. Menezes promoveu eventos como as exposições escolares nacionais, editou um periódico do Museu, estabeleceu contato com outros museus pedagógicos e estabelecimentos de ensino de dentro e fora do Brasil, firmou parcerias com casas de materiais de ensino, colocou o *Pedagogium* na imprensa, foi alvo de críticas e debates públicos por conta de sua atuação. Pode-se dizer que os primeiros anos de funcionamento do *Pedagogium* têm especial ligação com o tipo de educação que o professor Menezes Vieira defendia.

### **2.4.3 Manuel Bomfim**

Embora Menezes Vieira seja talvez o mais conhecido diretor do *Pedagogium*, e tenha seu nome associado à instituição de maneira direta, Manuel Bomfim ocupou o cargo por mais tempo, cerca de dezesseis anos. Seu período no comando do Museu foi concomitante a outras ações na área da educação e na política.

Segundo Gontijo (2010), Manuel Bomfim teve uma trajetória profissional também bastante extensa:

Ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia em 1886. Lá tornou-se amigo de Alcindo Guanabara (1865-1918), que posteriormente seria um dos grandes nomes do jornalismo carioca. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1888. Obteve o diploma na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1890, e logo começou a exercer a profissão. Atuou como médico da Secretaria de Polícia e tenente-cirurgião da Brigada Policial, de 1891 a 1892. Em 1893, foi viver em Mococa, no interior paulista. De acordo com o biógrafo Ronaldo Conde Aguiar, a saída repentina da então capital federal ocorreu devido a perseguições políticas. Bomfim estaria entre os intelectuais antimilitaristas que apoiaram eleições imediatas para presidente, contra a permanência de Floriano Peixoto (1839-1895) no poder. Em 1894, após a morte da filha, deixou São Paulo e a medicina. Voltou ao Rio disposto a recomeçar a vida como jornalista. Quando ainda era estudante, frequentara a redação do jornal *Cidade do Rio*, fundado por José do Patrocínio (1853-1905), onde muitos jovens iniciaram a carreira como escritores. Além disso, publicara artigos nos jornais *Correio do Povo* e *O Republicano*. O

jornalismo era, então, uma porta de entrada para o mundo literário. Além disso, propiciava a remuneração necessária para a sobrevivência dos escritores e abria possibilidades para que esses se tornassem conhecidos, ou ainda, para que ocupassem um lugar na burocracia oficial ou no mundo da política. No final do século XIX e início do século XX, Manoel Bomfim era frequentador das palestras na Livraria Garnier, dos cafés e das conferências do Instituto Nacional de Música. Também participava da roda boêmia de Coelho Neto (1864-1934) (Gontijo, 2010, pp. 2-3).

A biografia sobre Manuel Bomfim, escrita por Aguiar (2000) traça o seu perfil como um rebelde intelectual e menciona os seus posicionamentos e ações como divergentes de pontos tidos como comum no período em que viveu. Um dos pontos de oposição de Bomfim foi o seu posicionamento crítico em relação ao que ele denominava de “racismo científico”.

De acordo com Aguiar (2000, pp. 184-85), Bomfim classificava o colonialismo como parasitismo e afirmava que o racismo científico dividia a sociedade entre indivíduos capazes e incapazes, superiores e inferiores. Por isso Bomfim classificava essa teoria como “ciência barata”, “sofisma abjeto do egoísmo humano” e “etnologia privativa das grandes nações salteadoras”. Segundo Bomfim, essas teorias estavam ligadas aos interesses de grupos exploradores, internos e externos.

Assim como muitos de sua época, estudou Medicina, área na qual fez carreira inicialmente. Posteriormente, ingressou no jornalismo, também lugar onde muitos se fizeram conhecidos, assim como ele. Ao largar a Medicina, Bomfim atuou como professor particular ministrando aulas de Português, Ciências e História Natural (Aguiar, 2000, p. 187).

Em 1896, foi convidado para ser subdiretor do Museu Pedagógico:

Manoel Bomfim foi apresentado pelo amigo Alcindo Guanabara – que era deputado federal naquele momento – ao então prefeito do Distrito Federal, Werneck de Almeida, que o convidou para o cargo de subdiretor do Pedagogium. (...) Foi nomeado em 1896 e assumiu o cargo no ano seguinte. A preocupação com a instrução pública marcou a trajetória intelectual de Manoel Bomfim. (...) Durante essa época, fundou e dirigiu o mensário *Educação e Ensino* (1897) – revista oficial da Diretoria de Instrução Pública; e dirigiu a *Revista Pedagógica*, criada em novembro de 1890. Em [1906] criou um laboratório de psicologia experimental no Pedagogium. Em 1898, ingressou no magistério ensinando Moral e Cívica na Escola Normal, onde logo começou a dar aulas de Pedagogia e Português. Dirigiu a Escola por um curto período (de maio a outubro), até que, no mesmo ano, substituiu Medeiros e Albuquerque na Diretoria da Instrução Pública – onde permaneceu até 1900 –, a convite do novo Prefeito, Cesário Alvim (1839-1903). No ano

seguinte passou a fazer parte do Conselho Superior de Instrução Pública do Distrito Federal. Ainda em 1899, publicou o *Livro de composição para o curso complementar das escolas primárias*, escrito em parceria com Olavo Bilac (1864-1934), com quem ainda escreveria dois livros. Iniciava, com este trabalho, uma série de publicações relativas à educação, que incluíam livros contendo compilações de outros autores, manuais escolares, livros de leitura e trabalhos teórico-metodológicos dedicados à formação do professor (Gontijo, 2010, pp. 4-5).

Percebe-se que sua entrada no Museu Pedagógico ocorrera por suas amizades na área, mais do que já uma atuação no campo do magistério. Sua carreira na educação advém justamente da entrada no *Pedagogium* e na Escola Normal. De acordo com Aguiar (2000, pp. 196-197), falando de Bomfim, o *Pedagogium* não poderia ser somente um museu, mas, principalmente, um “centro cultural”, superior, aberto ao público.

Perseguindo esse objetivo, Bomfim dedicou-se a qualificar o corpo docente e a diversificar os cursos e conferências oferecidos pelo *Pedagogium* ao longo do período de sua gestão, transformando o estabelecimento em um centro de estudos e pesquisa de renome (Aguiar, 2000, p. 203). Veremos que os cursos e as conferências oferecidos pelo Museu tratavam desde conteúdos escolares até debates políticos, fazendo com que o *Pedagogium* se tornasse um espaço de discussões e disputas políticas e educacionais.

Bomfim, dedicou-se também à produção de material didático e jornalismo:

Em fins do século XIX, a formação escolar das crianças no Brasil fazia amplo uso de literatura estrangeira como material didático. No início do século XX, muitos homens de letras lamentavam a ausência de um “sentimento nacional”. Por isso o empenho da intelectualidade no sentido de produzir um material mais adequado às necessidades locais, o que implicava *abrasileiramento* dos temas, personagens e histórias, dando origem a uma nova modalidade literária, dirigida aos alunos da escola primária: a chamada literatura escolar nacional. Manoel Bomfim conquistou espaço como um importante autor desse tipo de literatura, além de exercer cargos públicos, por meio dos quais lhe era permitido opinar ou intervir na escolha e produção de livros dessa especialidade. Em 1901, fundou, com Tomás Delfino (1860-[1947]) e Rivadávia Correia (1866-1920), a revista quinzenal *A Universal*, apresentada em cada número como a “*revista das revistas, resenha da vida nacional e estrangeira*”, que sobreviveu até o ano seguinte. Foi redator de *Leitura para todos* (1904) e colaborou com os jornais: *A Notícia*, *Tribuna*, *Jornal do Commercio*, *O Paiz*, *A Nação*, *A Academia*, *O Correio da Semana*, *Correio do Brasil*, *A Crônica* e *A Rua*. E revistas: *Ilustração Brasileira*, *Os Annaes* e *Kosmos*. Em comissão pedagógica nomeada pela Prefeitura, seguiu para a Europa em 1902, onde estudou psicologia com Alfred Binet (1857-1911) e George Dumas (1866- 1946). Retornou ao Rio em 1903. Em 1904, apoiou a criação da Universidade Popular de Ensino Livre (UPEL). Ele seria encarregado de administrar os cursos de Psicologia e Pedagogia. Elysio de Carvalho (1880-1925)

foi o idealizador do empreendimento, que acabou tendo vida curta. Fundada em março, durou até outubro do mesmo ano. Em 1905, foi convidado pelo prefeito Pereira Passos (1836-1913) para assumir novamente a Diretoria da Instrução Pública. Exerceu o cargo até 1907, quando foi nomeado deputado federal por Sergipe. Sua curta atuação como parlamentar foi dedicada à causa da instrução pública (Gontijo, 2010, pp. 5-6).

De acordo com Gontijo (2010), como muitos de sua época, Bomfim tem uma produção acadêmica em diferentes assuntos:

Polígrafo, como boa parte dos intelectuais de seu tempo, autor de trabalhos sobre educação e ensino, também escreveu sobre zoologia e botânica, psicologia e psiquiatria. Entre seus trabalhos mais conhecidos, além dos citados *A América Latina* e *Através do Brasil*, estão os livros da trilogia, dedicada à análise da formação da nacionalidade brasileira e das causas que teriam perturbado seu pleno desenvolvimento. A série é composta por: *O Brasil na América*, escrito em 1925 e publicado em 1929; *O Brasil na história*, escrito em 1926 e publicado quatro anos depois; e *O Brasil nação*, publicado em 1931 (Gontijo, 2010, p. 8).

Um dos principais feitos de Bomfim, durante o período em que foi diretor do *Pedagogium* foi a instalação de um laboratório de Psicologia Experimental. Segundo Gontijo (2010), a ideia do laboratório surge após uma viagem para a Europa onde estudou Psicologia:

Como assinalado, foi como diretor do *Pedagogium* que Bomfim viajou à Europa em 1902, em comissão pedagógica nomeada pela prefeitura do Distrito Federal. Lá estudou psicologia com Alfred Binet, um dos criadores da pedagogia experimental, fundada na observação de fatos, base para a elaboração de métodos práticos destinados à avaliação da aprendizagem, à medição da inteligência e das aptidões das crianças. Retornou ao Rio em 1903 e algum tempo depois, ajudou a criar um laboratório de psicologia experimental no *Pedagogium*. A criação desse laboratório insere-se no contexto de difusão da pedagogia experimental, observada por meio da organização de laboratórios similares por todo o mundo, que, de modo geral, promoviam pesquisas com o objetivo de solucionar os problemas do ensino, de acordo com as leis das ciências biológicas e sociológicas, a partir de experimentos, análises estatísticas e observação sistemática (Gontijo, 2010, pp. 17-18).

Pouco se sabe sobre a constituição desse Laboratório de Psicologia no *Pedagogium*. De acordo com Penna (1992, p. 57), o próprio Manuel Bomfim pouco publicou sobre seus trabalhos desenvolvidos no laboratório, o pesquisador mostra um relato de Bomfim sobre as experiências no espaço:

Durante 12 anos tive a minha disposição um laboratório de Psicologia; nas pastas, ainda estão acumuladas anotações, traçados, fileiras de cifras... e nunca tive coragem para organizar uma parte qualquer desses dados e de os publicar, porque nunca obtive uma elucidação satisfatória. Afigurava-se-me um problema aparentemente simples. – Efeitos de sugestão sobre o esforço muscular; realizava uma série de experimentações e delas resultavam, ao lado de escassas indicações positivas, novos aspectos de pesquisas, isto é, novos problemas (Penna, 1992, p. 57).

Embora pouco relatado, sabe-se que o laboratório de Psicologia do *Pedagogium* foi bastante frequentado, sobretudo, pelas normalistas formandas, estudantes e pessoas interessadas. O *Pedagogium* promoveu ainda cursos dentro do espaço desenvolvido, foi o caso do curso ministrado por Antonio Austregésilo, sobre a Fisiologia do sistema nervoso (Penna, 1992, p. 57).

A instalação de um laboratório de Psicologia nas dependências do *Pedagogium*, espaço este destinado à Psicologia Experimental na área de Educação, ressalta como o Museu se modificou de acordo com a pessoa que o administrava. Se nos anos iniciais, o *Pedagogium* era conhecido principalmente pela sua coleção de materiais didáticos estrangeiros, muito por conta da influência e da ligação de Menezes Vieira com as empresas estrangeiras de vendas, os anos finais do Museu esteve ligado à figura de Bomfim e sua atuação específica na área de Medicina e Psicologia Experimental, e a transformação do *Pedagogium* num centro de estudos e cultura.

Bomfim, porém, não apagou o caráter comercial do Museu. Veremos que nos anos de sua atuação, manteve contato com representantes de venda, trazendo uma nova empresa – alemã – para exibir os objetos nos salões do Museu. Nessa perspectiva de continuidade, Bomfim acrescenta e atualiza as funções do estabelecimento no sentido de mantê-lo como divulgador de modernidades pedagógicas, mas também um espaço de formação cultural.

#### **2.4.4 Exposição Escolar Anual – verificação da qualidade escolar**

Uma das funções do *Pedagogium* prevista por lei era a promoção das exposições escolares anuais. De acordo com o Decreto n. 667 de criação do *Pedagogium*, o artigo sétimo determinou que as exposições escolares anuais iriam realizar-se durante as grandes férias e teriam por principal objetivo expor o progresso realizado nas escolas num determinado período. Deveriam, especialmente, estabelecer paralelo ou confronto entre

os expositores, porém verificar e apreciar o zelo, a dedicação, a solicitude de cada professor em benefício da escola.

O regulamento do Museu, publicado no Decreto nº 980 de 1890, determinou que a função das Exposições anuais eram:

As exposições escolares anuais realizar-se-ão durante os oito últimos dias do ano letivo e terão por principal objeto demonstrar o progresso realizado nas escolas em um certo e determinado período [...] Os exercícios de caligrafia, desenho linear, redação, análise, significados, traduções, dissertações, problemas, cartas geográficas, quadros sinópticos, deverão abranger no mínimo o período letivo de três meses, apresentar uma disposição progressiva, trazer as corrigendas, notas ou observações dos respectivos professores, a fim de exprimirem o trabalho real, constante e consciencioso da escola, o método, a qualidade e a gradação dos deveres. Os trabalhos serão recebidos até à véspera da abertura da exposição. Serão excluídos os que já tiverem figurado em outras exposições, ou forem apresentados depois de inaugurada a exposição. Devem trazer em caracteres bem legíveis o nome do autor, idade, naturalidade, tempo de frequência escolar e a indicação do estabelecimento a que pertenciam ou somente o nome e a naturalidade do expositor, conforme a secção em que devam figurar. Uma relação em duplicata deverá acompanhar os objetos. O conselho diretor nomeará um júri para estas exposições, o qual apresentará um relatório, que será enviado ao Governo. Neste relatório o júri poderá propor para cada grupo dos trabalhos indicados no art. 32 três diplomas de 1ª classe, seis diplomas de 2ª classe e doze menções honrosas. Os nomes dos premiados nessas exposições serão incluídos no quadro de honra do *Pedagogium*. Os objetos, que não forem reclamados pelos expositores até oito dias depois de encerrada a exposição anual, terão o destino que o diretor do *Pedagogium* julgar mais conveniente (Decreto n. 980 de 1890).

As exposições escolares anuais mantiveram certa regularidade. Ocorreram durante todos os anos de direção de Menezes Vieira, entre 1891 e 1896, sendo que os pareceres, descrições e impressões desse evento eram publicados em jornais e na *Revista Pedagógica*. Em 1899, os jornais publicam que naquele ano a exposição escolar haveria sido cancelada (*Jornal do Comércio*, 8/2/1899, p. 2). Após esse período, não consta na documentação menção sobre as Exposições Anuais. O evento só voltou a ser documentado em 1905, 1906, 1911 e 1914, período em que Manuel Bomfim era diretor.

A primeira exposição escolar anual do *Pedagogium* aconteceu em 1891, conforme a prescrição, no fim do ano, período de férias. A *Revista Pedagógica* publicou na seção Crônicas do Interior quem seriam os membros do júri do evento daquele primeiro ano, foram escolhidos pelo Conselho Diretor os professores D. Amélia Fernandes da Costa e Luiz dos Reis (*Revista Pedagógica*, n. 15, Tomo 3, 1891, p. 147).

No ano seguinte, a *Revista Pedagógica* publicou parecer dos júris a respeito da primeira edição anual do evento. O longo parecer do professor Luiz dos Reis foi publicado na íntegra pela seção Crônicas do Interior do periódico.

Logo de início, Luiz dos Reis classifica a exposição como fraca e lamenta que, de um total de 120 escolas públicas primárias do 1º ao 6º do 2º grau, da Capital Federal, somente 16 participaram do evento (*Revista Pedagógica*, n. 16-7, Tomo 3, 1892, p. 263). Elogia especificamente as escolas cujos objetos eram fabricados por professores e alunos, explicando que se tais objetos não tinham o mesmo acabamento refinado daqueles comprados nas fábricas, eram melhores, pois tinham a vantagem de terem sido confeccionados pela comunidade escolar (*Revista Pedagógica*, n. 16-7, Tomo 3, 1892, p. 264).

Menciona especialmente a exposição de desenhos e de cartografia, afirmando que os mapas geográficos apresentados pelo professor Augusto de Miranda eram uma brilhante promessa (*Revista Pedagógica*, n. 16-7, Tomo 3, 1892, p. 265).

Em contrapartida com relação a exposição de compêndios, cartas, quadros, mapas, instrumentos e aparelhos, livros de leitura, quadros históricos, estampas, poesias e cânticos, todos esses de acordo com o júri, não poderiam ser piores, classificando como triste o processo de produção nessas áreas (*Revista Pedagógica*, n. 16-7, Tomo 3, 1892, p. 266).

Quanto à seção de materiais de ensino que compreendia coleções de animais, vegetais e minerais, móveis utensílios, peças de ornamentação escolar e aparelhos de ginástica, segundo o professor nada foi apresentado (*Revista Pedagógica*, n. 16-7, Tomo 3, 1892, p. 266).

Por fim, na avaliação de Luiz dos Reis, a exposição de 1891 teve apenas uma vantagem: a de pensar em melhoras para o ensino:

Enfim, a exposição escolar de 1891 apenas teve uma vantagem: servir de assinalar uma nova orientação pedagógica nas escolas públicas e isso mesmo com uma certa hesitação bem manifesta da parte de alguns professores que já começam a descobrir o rumo a seguir, mas que ainda vacilam sem a certeza plena da estrada que devem ousadamente pisar. Entreviram o ideal na encruzilhada em que se encontram, não sabem perfeitamente qual dos caminhos devem escolher para atingir o objeto achado e tanto os atraí. A exposição de 1891 é, quanto a mim, uma bela promessa de futuros procedimentos (*Revista Pedagógica*, n. 16-17, Tomo 3, 1892, p. 266).

Após esse relato, o texto do júri indicado menciona todas as escolas participantes e seus respectivos professores responsáveis em cada seção fazendo uma breve análise dos trabalhos apresentados por tais escolas. As categorias de trabalhos apresentados nessa exposição escolar de 1891 foram: escrita, ditado, caligrafia, desenho, contabilidade, língua materna, deveres mensais, geografia, música, contabilidade e trabalhos manuais.

Em seguida, o texto menciona os prêmios e classificação das escolas premiadas por cada categoria:

#### **Quadro 4 - Premiação Exposição Escolar Anual – 1891**

##### **Cadernos de Escrita**

<b>Escola</b>	<b>Prof. Responsável</b>	<b>Premiação</b>
2ª escola masculina Santa Rita	Prof. Ezequiel	2º prêmio
3ª escola feminina Lagoa	Prof. Eulalia Cruz	3º prêmio
1ª escola feminina Santa Rita	Prof. Azambuja	3º prêmio
<b>Ditados</b>		
3ª escola feminina Santa Rita	Prof. Paiva Mendes	1º prêmio
3ª escola feminina Lagoa	Prof. Eulália Cruz	2º prêmio
1ª escola feminina Santa Rita	Prof. Azambuja	3º prêmio
<b>Caligrafia</b>		
Masculina Paquetá	Julia Costa	3º prêmio
<b>Desenho</b>		
3ª escola masculina Glória	Augusto Miranda	1º prêmio
3ª escola feminina Lagoa	D. Eulália Cruz Santos	2º prêmio
3ª escola masculina Santa Rita	Ezequiel	2º prêmio
2ª escola masculina Paquetá	D. Julia Costa	2º prêmio
3ª escola feminina Sant'Anna	D. Francisca Pamplona	3º prêmio
1ª escola feminina Santa Rita	Prof. Azambuja	3º prêmio
1ª escola feminina Santo Antônio	D. Guilhermina Barradas	3º prêmio
<b>Contabilidade</b>		
3ª escola feminina Santa Rita	Paiva Mendes	2º prêmio

3ª escola feminina Lagoa	D. Eulalia Cruz	2º prêmio
3ª escola feminina Sant'ana	D. Francisca Pamplona	3º prêmio
<b>Língua materna</b>		
1ª escola feminina Santa Rita	D. Maria Peçanha	2º prêmio
3ª escola feminina Lagoa	D. Eulália Cruz	3º prêmio
<b>Deveres Mensais</b>		
1ª escola feminina Santo Antônio	Prof. Barradas	2º prêmio
3ª escola feminina Sant'anna	Prof. Pamplona	2º prêmio
3ª escola masculina Glória	Prof. Augusto Miranda	2º prêmio
<b>Geografia</b>		
3ª escola masculina Glória	Augusto Miranda	2º prêmio
3ª escola feminina Lagoa	D. Eulalia Cruz	3º prêmio
<b>Trabalhos Manuais</b>		
2ª escola masculina Santa Rita	Ezequiel	1º prêmio
3ª escola masculina Glória	Augusto Miranda	1º prêmio

Fonte: *Revista Pedagógica*, n. 16-7, Tomo 3, 1892.

Nota-se que a escola mais premiada nesta exposição foi a escola feminina Santa Rita, lembrando que, segundo a publicação oficial que estabeleceu o evento, o júri poderia propor para cada grupo dos trabalhos indicados, três diplomas de 1ª classe por categoria, seis diplomas de 2ª classe e doze menções honrosas. Ainda segundo o relatório, os nomes de todos os premiados seriam incluídos no quadro de honra do Museu ao final do evento. O relatório não deixa claro se essa premiação informada segue os critérios oficiais estabelecidos.

Além das escolas, os trabalhos de professores também foram premiados na exposição escolar de 1891:

### Quadro 5 – Premiação de Professores Exposição Escolar Anual 1891

Professor	Prêmio
Prof. Ezequiel de Vasconcelos (trab. manuais)	1º prêmio
Prof. Santos Cruz (desenho)	3º prêmio
Prof. Lacé Brandão (contabilidade)	3º prêmio
Prof. D. Heloisa Lacé Brandão (música)	3º prêmio

Fonte: *Revista Pedagógica*, n. 16-17, Tomo 3, 1892.

A exposição escolar de 1892 teve o parecer do professor Manoel José Pereira Frazão publicado na *Revista Pedagógica* em sua íntegra. De acordo com Frazão, pouco professores enviaram seus trabalhos para a exposição daquele ano, não especificando a quantidade. Porém, destes trabalhos, segundo ele, foi possível observar os progressos que teria feito a instrução pública primária (*Revista Pedagógica*, n. 19-20-21, Tomo 4, 1893, p. 160).

Faz elogio ao zelo dos professores com relação aos cadernos de escrita, ditado, composição, análise e desenho. Elogia ainda a boa vontade dos professores com relação aos trabalhos de cartonagem, tecidos e trançados (*Revista Pedagógica*, n. 19-20-21, Tomo 4, 1893, p. 160).

Em seguida, o parecer faz uma breve descrição dos trabalhos apresentados por cada escola nas categorias da análise mencionadas por ele acima. O parecer não apresenta lista de premiação das escolas e professores, como ocorreu na edição primeira de 1891.

De acordo com Bastos (2002, p. 285), os trabalhos apresentados nessa exposição escolar de 1892 foram selecionados para a Exposição preparatória à Exposição Universal de Chicago e, segundo consta, o *Pedagogium* foi premiado neste evento, porém nunca recebeu o prêmio nem qualquer notificação oficial da premiação, assim como os objetos enviados para a exposição internacional, também não haviam sido devolvidos.

Enquanto as duas primeiras exposições contaram com a participação mesmo que pequena das escolas e professores, a terceira exposição escolar anual ocorrida em 1893 não teve as mesmas características. Segundo consta na *Revista Pedagógica*, em consequência da crise que o país atravessava, apenas uma escola enviou os trabalhos para a Exposição.<sup>21</sup> O texto publicado no periódico lamenta o ocorrido:

---

<sup>21</sup> Essa crise mencionada pela documentação que impediu a realização do evento de 1893 era na verdade a agitação na cidade que culminou na Revolta Armada de 1893. Segundo Carvalho (2001, pp.70-71), esse

O período anormal, que infelizmente atravessamos, impediu que outras escolas do Distrito Federal enviassem ao Pedagogium os resultados do ano letivo, o que é deveras para lamentar, sabendo-se que tais certames não há o intuito de apurarem-se competências profissionais, e sim o nobre patriótico desejo de apreciarem-se os progressos de nossa educação primária (*Revista Pedagógica*, nº 30-31-32, Tomo 6, 1894, p. 89).

É interessante notar que o texto além de lamentar o não envio de materiais, culpando a chamada crise do país, ressaltou que a intenção do evento não era a de julgar escolas e professores, mas sim, celebrar os trabalhos da educação. Informação essa que contradiz o caráter das duas edições anteriores, sendo que a primeira inclusive premiou escolas e professores, e a segunda enviou trabalhos para a Exposição no exterior. Além disso, eram nomeados júris, que iriam avaliar cada um dos trabalhos enviados, sendo que, em muitos comentários, eles eram duros com as escolas, e com os respectivos professores, conforme vimos nas descrições anteriores. Por fim, as premiações e avaliações estavam previstas no regulamento geral do evento.

Diferentemente do ano anterior, a exposição escolar de 1894 ocorreu normalmente, sendo que foi solicitada, inclusive, a prorrogação do tempo de visitação, conforme informa o periódico do Museu (*Revista Pedagógica*, n. 40-41-42, Tomo 8, 1894, p. 81). Neste evento, foram nomeados como júri D. Hortência Cardoso de Povoas Pinheiro, professora particular; Dr. Feliciano Pinheiro de Bittencourt, diretor da 1ª escola de 2º grau, e o paisagista Dr. Antônio Parreiras (*Revista Pedagógica*, n. 40-41-42, Tomo 8, 1894, pp. 81-82).

Os pareceres, de maneira geral, elogiaram os trabalhos enviados pelas escolas, mas não trouxeram tantos detalhes para além somente de elogios pontuais. No entanto, o parecer do Dr. Feliciano Pinheiro de Bittencourt, mais do que um panorama geral dos trabalhos enviados pelas escolas, fez bastante elogios aos materiais expostos por editoras e empresas de mobília e material de ensino, jogando luz a uma característica do evento que não havia sido mencionada em nenhum outro relatório:

---

foi o período de ascensão do jacobinismo florianista que ameaçava os portugueses e as correntes conservadoras menos liberais do republicanismo. Segundo o historiador, durante a Revolta Armada, o maior medo dos representantes estrangeiros nesse período era com a anarquia generalizada na cidade, seguida de assaltos e saques. Sendo por isso, preparado um plano de intervenção militar destinada a retirar da cidade os estrangeiros.

Antes de concluir devo lembrar que a incansável casa editora Alves & C apresentou também alguns livros recomendáveis para o ensino primário. A casa de Moreira Santos & C expos um excelente modelo de banco-carteira, que preenche todas as condições de higiene escolar, e que pode com vontade ser adotado nas escolas públicas. Um aparelho elétrico, do Sr. Augusto Laudenne, interessante e de certa utilidade prática; um bom Compendio de Geografia, do Sr. Dr. Novais; o bom livro “Exercício de análise” do Sr. Costa Brito, e alguns outros livros completaram a exposição, tão modesta quanto elevada em seus intuítos (*Revista pedagógica*, n. 40-41-42, Tomo 8, 1894, pp. 85-86).

Essa informação do parecer mostra que, além dos trabalhos dos alunos, eram exibidos nas exposições escolares anuais materiais modelos, ou seja, livros, mobílias e instrumentos. A exibição desses objetos era feita por empresas especializadas na venda e fabricação destes objetos. Ora, mais uma vez a ação do Museu está ligada ao mercado pedagógico da época, já que o estabelecimento, assim como as empresas, aproveita a circulação de pessoas no evento para exibirem e possivelmente estimularem a venda de seus produtos.

A exposição escolar de 1895 foi publicada no jornal *Gazeta de Notícias* no dia 24 de dezembro de 1895. A matéria inicia fazendo uma comparação do evento anual do *Pedagogium* com a Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro de 1883. O texto do jornal faz uma breve análise do material enviado pelas escolas, elogiando-as de maneira geral. Finaliza afirmando que existe um grupo de professores que está comprometido em acompanhar o que classifica como movimento progressivo do ensino (*Gazeta de Notícias*, 24/12/1895, p. 2).

Nos eventos dos anos seguintes, os jornais passam a fazer breves considerações sobre a data da exposição, o recebimento de materiais para a realização da exibição e pequenos relatos do que fora exposto. A exposição de 1899 foi adiada, conforme menciona o *Jornal do Comércio* do dia 8 de dezembro de 1899. Segundo a notícia, a exposição escolar deste ano precisou ser adiada devido à realização de obras no estabelecimento (*Jornal do Comércio*, 8/12/1899, p. 2). O jornal *Gazeta de Notícias*, em 7 de janeiro de 1906, publicou fotos de salas das exposições escolares de 1905.

Embora a qualidade das imagens prejudique uma identificação precisa do que é retratado na fotografia, ainda assim percebe-se que o jornal publicou dois espaços diferentes. O espaço da esquerda é uma fotografia dos trabalhos da 1ª escola do sexo masculino do 3º distrito, cujo professor responsável era Augusto Miranda. Numa análise atenta, podemos perceber que foram fixados nas paredes, ao fundo da imagem, trabalhos manuais de diferentes formas geométricas. Sobre a mesa, foram exibidos também

trabalhos manuais de formas geométricas tridimensionais. Na fotografia da direita, a legenda informa que estava sendo retratada a face esquerda da sala de exposição. Ao que parece, essa foto retrata o mesmo espaço, ou seja, ainda os trabalhos cujo responsável era o professor Augusto Miranda, mas agora de outro ângulo. Na imagem, pode-se identificar que antes da parede, ao fundo da sala, sobre a mesa foram exibidos séries de trabalhos, ao que parece cadernos, e alguns desenhos encostados sob a parede.

**Figura 6** - A exposição de trabalhos escolares no *Pedagogium*.1906



Fonte: *Gazeta de Notícias*, 7/1/1906, p. 1

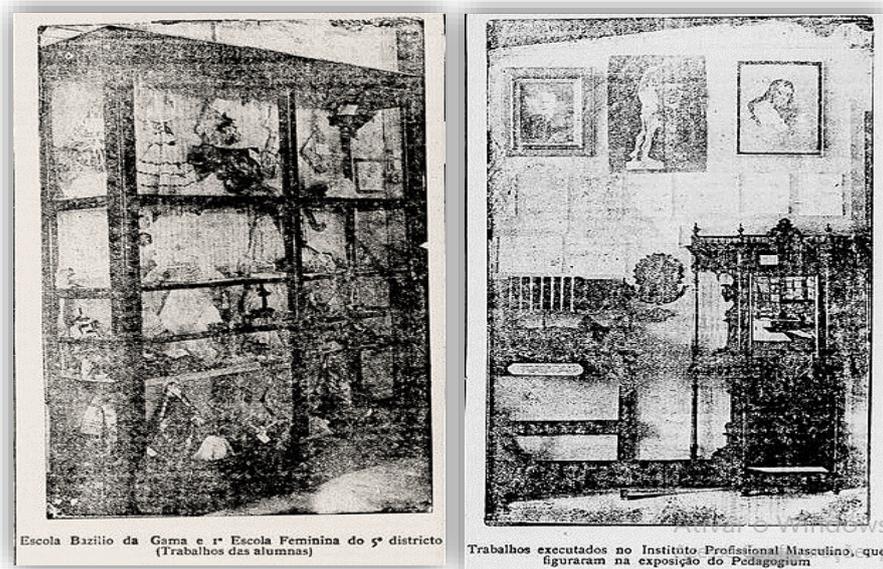
A mesma edição do jornal publicou outras fotografias de trabalhos desenvolvidos por outras escolas. A Figura 7 corresponde aos trabalhos da Escola Bazílio da Gama e 1ª escola feminina do 5º distrito.

Embora a qualidade da foto também esteja ruim, é possível identificar que os trabalhos das alunas estão alocados num armário envidraçado, o que possibilitava a exibição. O armário possuía quatro prateleiras diferentes e era dividido ao meio. Por conta da baixa qualidade da imagem publicada no jornal, não é possível identificar quais eram os trabalhos exibidos pela escola. O jornal exibiu ainda fotografia dos trabalhos executados no Instituto Profissional Masculino.

A Figura 8 exhibe dois móveis não identificados. Entre essa mobília, é possível identificar um adorno pendurado na parede semelhante a um brasão. Acima da mobília, na parede, estão fixados três quadros cujos personagens não são identificados. Percebe-se que o espaço é diferente dos anteriores exibidos. Enquanto aqueles estavam repletos

de trabalhos exibidos, nas paredes, sobre mesas e nos armários de vidro, este espaço dá destaque somente aos móveis, com a parede praticamente livre.

**Figura 7 e 8** – Exposição Escolar Escola Bazílio da Gama -1906



Fonte: *Gazeta de Notícias*, 7/1/1906, p. 2.

**Figura 9** - Exposição Escolar Anual 8ª escola do 9º distrito



Fonte: *Gazeta de Notícias*, 7/1/1906, p. 2.

A Figura 9, publicada pelo impresso, retratou a exibição dos trabalhos da 8ª escola do 9º distrito em que a professora responsável era Maria C. Gabriel. Na imagem também não é possível identificar com precisão os trabalhos exibidos. Talvez sejam trabalhos de costuras. Percebe-se que a foto exhibe um canto dos trabalhos, que estão sobre uma mesa. Em uma das mesas, acima, está um vaso de flores, deixando o ambiente mais atrativo e, ao fundo da fotografia, identifica-se um armário envidraçado com um objeto acima.

Embora as fotos estejam de difícil identificação por conta do desgaste do papel do jornal, ainda assim, é possível ter uma ideia do que realmente era exposto por essas escolas, além de identificar como esses trabalhos eram exibidos pelo Museu Pedagógico. Percebe-se que a exposição destes trabalhos não era muito diferente da maneira de expor do próprio museu. Os trabalhos estavam nas paredes, sobre as mesas e dentro de armários envidraçados, estes também usados como museus escolares.

Percebe-se que as exposições escolares anuais seguiram um padrão e certa periodicidade. Embora não tenha sido localizada na documentação, de impressos especificamente, a publicação do evento em alguns anos, percebe-se que ela ocorreu com bastante frequência, pelo menos nos anos iniciais de funcionamento do Museu e nos anos finais. As escolas enviavam trabalhos relativos à produção do ano letivo, sobretudo ligado aos trabalhos manuais, cadernos de caligrafias e ditados.

Nota-se pelos textos dos pareceristas mencionados que, ao longo dos anos, houve um progresso na qualidade de trabalhos enviados e, ao mesmo tempo, criou-se uma tradição de envio, com exceção ao fato de 1893, conforme vimos anteriormente. Outro ponto marcante das exposições escolares promovidas pelo Museu são os espaços destinados para a exibição de empresas de materiais didáticos. Isso significa que o *Pedagogium* disponibilizava espaço no evento anual para exibir mercadorias de empresas especializadas na área pedagógica, editoras de livro, marcenarias de mobília escolar e instrumentos didáticos. Portanto, além das exposições fixas no Museu, este destinava uma outra possibilidade de exibição para que os produtos fossem exibidos, enquanto os trabalhos da escola eram expostos.

Para além, entende-se que as Exposições Escolares no *Pedagogium* tinham por objetivo incentivar, classificar e divulgar trabalhos e acervos dos estabelecimentos de ensino participantes. O tom dos comentários e avaliações das exposições indicam que escolas eram classificadas como “boas” ou “ruins”, a depender do que era exibido pelos alunos e da quantidade e diversidade de trabalhos e objetos. Nesse aspecto, o papel do

*Pedagogium* era promover o evento, a fim de incentivar uma verificação e classificação de qualidade de ensino, além de, evidentemente, dar vistas aos trabalhos produzidos pelos estabelecimentos escolares.

#### **2.4.5 Visitas – o uso escolar do Museu Pedagógico**

Ao longo do seu funcionamento, o *Pedagogium* recebeu diferentes visitas. Sendo um Museu de exposições pedagógicas com espaços destinados para a visualização, aprendizagem e prática, o maior número de visitas eram das escolas. Os documentos, tanto a Revista Pedagógica quanto os jornais, relatam com frequência o uso dos espaços do Museu por professores e seus respectivos alunos. Mas além do público escolar, eram frequentes também as visitas de políticos e chefes de estado, como o prefeito da cidade, e o Presidente da República.

A edição da *Revista Pedagógica* de setembro de 1894 apresenta um quadro com o número total de visitas ao *Pedagogium* desde a sua inauguração. Segundo o periódico, visitaram o Museu entre sua inauguração até 1894, 5.158 pessoas (*Revista Pedagógica*, n. 37-38-39, Tomo 7, 1894).

Assim como no caso das Exposições escolares anuais, os períodos mais retratados pelos documentos a respeito das visitas, seja de alunos e professores, seja de políticos, chefes de estado e outros, são referentes aos anos iniciais e os anos finais do Museu.

Vale destacar que muitos dos visitantes eram pessoas conhecidas da época para o meio escolar. A primeira edição da *Revista Pedagógica* de novembro de 1890 publicou uma lista de nomes de visitantes do *Pedagogium* até aquele período, entre os nomes, os ilustres visitantes foram: Dr. Benjamin F. Ramiz Galvão, inspetor geral da instrução primária e secundária da capital federal; os professores Elias F. Nazareth e a diretora do Jardim de criança anexo à Escola Normal da Bahia; Dr. João Köpke, diretor do Instituto Köpke; Professor Pereira Frazão; professor Francisco Alves, editor proprietário da livraria clássica; Mr. Ch. Vautelet, representante de vários editores franceses; e o diretor de imprensa fluminense (*Revista Pedagógica*, n. 1-2, Tomo 1, 1890, p. 126-27).

Identifica-se que dentre os visitantes ilustres estavam políticos da área de educação, diretores de escola, editores, representantes de vendas e representantes da imprensa. Destes, dois eram de fora do Rio de Janeiro, sendo um deles João Köpke, da cidade de São Paulo, um dos mais fortes críticos do *Pedagogium* e de Menezes Vieira,

como vimos anteriormente. Dentre esses, voltaram a visitar o Museu, em novembro de 1890, o professor José Pereira Frazão e Ch. Vautelet, representante do sindicato de materiais franceses (*Revista Pedagógica*, n. 3, Tomo 1, 1890 p. 193). No ano seguinte, em fevereiro de 1891, a *Revista Pedagógica* publicou uma longa lista de professores e diretores que visitaram o *Pedagogium*, novamente apareceram como visitantes os nomes de João Köpke e de Vautelet (*Revista Pedagógica*, n. 5, Tomo 1, 1891, p. 327).

Além de visitas de professores de outros Estados e de representantes comerciais, o *Pedagogium* recebia com certa constância a presença de professores acompanhados de alunos. Muitas dessas visitas não aconteciam somente para a visita das exposições, mas principalmente para fazer uso dos acervos na prática. O *Jornal do Comércio* de 27 de outubro de 1892 relatou a visita do Dr. Duque Estrada com suas alunas. Segundo o jornal, Dr. Duque Estrada, professor de lições de coisas do Colégio Militar, visitou o Museu, com uma turma de 46 alunos e, acompanhado do diretor, percorreu todas as seções, demorando-se no gabinete História Natural, sobre a qual deu diversas explicações aos alunos (*Jornal do Comércio*, 27/10/1892, p. 2).

O jornal *O paiz* faz relato de visita semelhante ao Museu. Segundo o impresso, no dia 5 de setembro de 1893, as alunas adiantadas da 2ª escola do 2º grau para o sexo feminino visitaram o *Pedagogium* e foram recebidas pelo diretor Menezes Vieira e pelo professor de Física e História Natural, Brício Filho. O jornal informa que, depois de percorrerem todas as seções, as alunas assistiram às explicações do professor Brício que deu uma aula de Física na sala principal do edifício e fez funcionar os aparelhos de hidrostática e hidrodinâmica. Segundo o jornal, alguns professores de escola pública acompanharam a demonstração (*O paiz*, 5/7/1893, p. 2).

Mas não somente os professores do Museu poderiam utilizar o espaço e os objetos para fazerem demonstrações e explicações aos alunos presentes. O mesmo impresso relata que no dia 24 de novembro de 1894 o *Pedagogium* recebeu a visita de 13 alunas da 3ª escola do 2º grau, acompanhadas da diretora Olimpia Proença e do professor Soares Rodrigues, que fez diversas experiências com a máquina pneumática e com a força centrífuga (*O paiz*, 24/11/1894, p. 1).

Em 1896, o professor Duque Estrada esteve mais duas vezes no Museu Pedagógico, onde fez apresentações às suas alunas visitantes. Em 3 de março de 1896, o *Jornal do Comércio* noticiou a visita do professor, acompanhado de uma turma de alunos do Instituto Didático. Desta vez, Duque Estrada fez uso dos aparelhos do gabinete de Física para uma lição de hidrostática (*Jornal do Comércio*, 3/3/1896, p. 2).

Em 21 de abril do mesmo ano, Duque Estrada retorna ao *Pedagogium* também com sua turma de alunos do Instituto Didático. Nesta terceira visita do professor à instituição, ele realizou uma aula de História Natural utilizando os modelos ali existentes, fazendo uma aula de botânica (*Gazeta de Notícias*, 21/4/1896, p. 2).

Em 1 de outubro de 1905, no período de direção de Manuel Bomfim, o museu recebeu a visita da diretoria e do professor de Física do Colégio Brasileiro. Recebidos pelo diretor do *Pedagogium*, conheceram o gabinete de Física, onde o preparador José Ferreira de Paiva fez experiências de hidrostática e pneumática (*Gazeta de Notícias*, 1/10/1905, p. 5).

Ao longo de seu funcionamento, o *Pedagogium* recebeu visitas de professores e chefes de estados, de estrangeiros, mas, sobretudo, de alunos e seus professores. Sendo um estabelecimento de exposição pedagógica com instrumentos de demonstração, os professores poderiam fazer uso do espaço e objetos para ensinarem seus alunos a ciência por demonstração, validando o método intuitivo. Nota-se pelos documentos que os espaços mais utilizados eram as seções de História Natural e Física, sendo que as demonstrações com as máquinas de hidrostática e pneumática eram as mais utilizadas. Os documentos contam ainda que não só os professores do Museu poderiam manusear o acervo, mas também os professores visitantes. Isso indica que o professor, na falta de um objeto específico na sua escola de origem, poderia fazer uso do que havia exposto do Museu. Além disso, o uso desses objetos, muitos deles fornecidos por casas específicas de vendas, não deixava de ser uma propaganda.

#### **2.4.6 Concurso para Materiais: um incentivo ao método intuitivo**

O concurso para materiais, embora previsto pelo regulamento do Museu, dada a escassez de documentação, pode-se dizer que não aconteceu conforme o previsto. Segundo o regulamento, o objetivo do Museu com esse concurso era:

Art. 24. O *Pedagogium* abrirá anualmente um concurso com o fim de criar ou melhorar o material clássico: mobílias, coleções tecnológicas, quadros decorativos, mapas, instrumentos, aparelhos das escolas públicas primárias. Art. 25. O assunto e o plano desses trabalhos serão propostos pelo diretor do *Pedagogium* e aprovado pelo conselho diretor. Art. 26. Este conselho dará instruções para o julgamento dos trabalhos por uma comissão que nomeará e será presidida pelo diretor do *Pedagogium*. Art. 27. O autor do trabalho premiado receberá uma recompensa pecuniária previamente fixada pelo conselho diretor. Art. 28. O trabalho premiado ficará sendo propriedade do museu

pedagógico, que lhe dará a aplicação mais conveniente, podendo ceder ao autor o direito de exploração durante um certo período (*Revista Pedagógica*, n. 3, Tomo 1, 1890, pp. 162-163).

A ideia era incentivar a produção de materiais para as escolas, disponibilizando um prêmio para o inventor e produtor do material mais bem avaliado pela comissão criada no Museu. A edição de 15 de janeiro de 1891 da *Revista Pedagógica* publicou na seção Parte Oficial quais as condições para o professor apresentar seus materiais no Concurso. Foram estabelecidas 11 condições as quais o concorrente deveria estar ciente.

A primeira condição determinava que os professores deveriam informar quais espaços do *Pedagogium* seus materiais iriam ocupar, paredes ou mesas, por exemplo. No caso dos quadros, a segunda condição especificava quais as medidas máximas estes deveriam ser confeccionados, 0,70 sobre 0,50. Os quadros deveriam ser de cartão tela, fundo pardo, branco ou preto e sem moldura. Sobre as caixas das coleções, deveriam ser de madeira nacional lixadas (*Revista Pedagógica*, n. 4, Tomo 1, 1891, p. 208).

A terceira condição previa que os trabalhos deveriam ser desenhados, pintados ou manuscritos com a maior nitidez, atendendo a facilidade de reprodução por preço módico. A quarta e quinta condições estabeleciam as datas de entregas dos materiais e da exposição pública dos materiais enviados naquele ano. Informava ainda que os materiais recusados seriam enviados de volta para seus respectivos donos (*Revista Pedagógica*, n. 4, Tomo 1, 1891, p. 209).

Na sexta condição, ficou determinado que os materiais eleitos após a exposição deveriam ser adotados na 1ª classe das escolas públicas primárias de 1º grau. Esses expositores ganhadores poderiam optar por um prêmio em dinheiro ou pelas vantagens resultantes da adoção garantida por três anos nas escolas públicas primárias do Distrito Federal. Neste caso, o regulamento deixa claro que o professor do material escolhido deveria estar ciente que o valor seria estipulado pela comissão julgadora e, caso o professor preferisse o prêmio em dinheiro, estaria cedendo todos os direitos de uso do material desenvolvido ao *Pedagogium* (*Revista Pedagógica*, n. 4, Tomo 1, 1891, p. 209).

A oitava condição informava que a comissão julgadora iria fornecer um detalhado parecer sobre cada um dos materiais, enquanto a nona condição, afirmava que os trabalhos seriam restituídos aos seus donos quando não fossem adotados pela exposição (*Revista Pedagógica*, n. 4, Tomo 1, 1891, p. 209).

A nona condição afirma que, no caso de não aparecerem concorrentes, o prazo de inscrição seria prorrogado, ainda assim, não havendo interessados, o regulamento determinava que o próprio *Pedagogium* poderia se encarregar de produzir esses materiais e que, nesse caso, a comissão julgadora não contaria com a participação do diretor nem de nenhum dos empregados do Museu (*Revista Pedagógica*, n. 4, Tomo 1, 1891, p. 209).

Por fim, a última condição, determinava que, para ser adotada a coleção, era necessário que pelo menos dois terços dos respectivos grupos fossem aprovados, obrigando o autor a modificar os outros, conforme as indicações da comissão (*Revista Pedagógica*, n. 4, Tomo 1, 1891, p. 209).

Em seguida, o regulamento indicava sobre quais temas deveriam ser produzidos os materiais para a participação do concurso. O regulamento estabeleceu coleções dos seguintes temas: lições sobre objetos; História da Pátria; noções de Agronomia; Desenho; Música; Trabalhos Manuais; Instrução Moral e Cívica e Geografia.

Dentro de cada um desses temas foi estabelecido o que era esperado para ser desenvolvido. Lições sobre objetos previa: primeiro grupo – educação dos sentidos: cores, formas, som, timbre, cheiro, sabor, temperatura e estados dos corpos; segundo grupo – objetos naturais e artificiais: principais produtos; terceiro grupo – principais formas de animais: mamíferos, aves, répteis, peixes, de preferência os mais conhecidos, reprodução em estampas coloridas, ou figuras de cartão; quarto grupo – estampa mural colorida do corpo humano, esta coleção será acompanhada de um sucinto manual explicativo para os professores (*Revista Pedagógica*, n. 4, Tomo 1, 1891, p. 210).

A segunda coleção de História da Pátria previa um ensino intuitivo por meio de estampas murais, teatro infantil ou pequena lanterna mágica. Já a terceira coleção de Agronomia selecionou três subgrupos: primeiro grupo – modelos reduzidos dos principais instrumentos usados na agricultura; segundo grupo – amostras de terras e rochas da zona agrícola do Distrito Federal; terceiro grupo – quadros murais, representando as principais árvores frutíferas do Brasil, e os animais que prestam serviço à agricultura (*Revista Pedagógica*, n. 4, Tomo 1, 1891, p. 210).

A quarta coleção estaria inserida no tema Desenho e indicava que fossem feitos quadros murais segundo o método de Gisors, para o ensino de desenho da 1ª classe, do curso elementar. A quinta coleção, do tema Música, previa a produção de cânticos escolares, letras e música para serem apresentados de outiva. A sexta coleção de Trabalhos Manuais, indicou a confecção de álbuns-modelos para trabalhos manuais na 1ª classe do curso elementar. A sétima coleção, de Instrução moral e Cívica, indicou a

confeção de fábulas, anedotas, provérbios e contos que deveriam seguir o programa para a 1ª classe do curso elementar. Por fim, a oitava coleção, de Geografia, prescreveu como ideal a produção de: primeiro, cartas murais do Distrito Federal – a) das freguesias urbanas, b) das freguesias suburbanas. Indicação de pontos cardeais e dos limites, ruas e edifícios notáveis dos distritos escolares. Um estudo feito sobre o mapa, da situação do Distrito Federal e dos estados limítrofes; conhecimento das estradas de ferro que partem do Distrito Federal e da direção de cada uma delas (*Revista Pedagógica*, n. 4, Tomo 1, 1891, p. 211).

As únicas menções a respeito do Concurso de Materiais nos jornais do período datam de 1890 e 1891 e tratam do presente regulamento descrito. Nenhum outro documento, incluindo os jornais, mencionou informações posteriores sobre o Concurso de Materiais, o que pode ser um indicativo de que não houve interessados na confecção de materiais.

É interessante notar que o *Pedagogium* pretendia que os professores produzissem os materiais para a prática de ensino intuitivo que ele mesmo expunha das casas de vendas de materiais didáticos nacionais e, sobretudo, estrangeiras. Partindo do princípio de que os “melhores materiais seriam aqueles feitos por professores e alunos”, o Museu exibia, difundia e incentivava o uso e a venda desses materiais, mas, ao mesmo tempo, propôs um concurso de produção destes feitos por professores. Nota-se ainda que os materiais que, por escolha, fossem agraciados, serviriam ao uso do ensino público no Distrito Federal por três anos, sendo paga uma comissão ao professor inventor. Quanto a essa, provavelmente, muito menor do que o governo gastaria adquirindo os materiais importados expostos no Museu.

Aqui percebe-se que o Museu, embora importasse objetos didáticos, abria uma outra frente, incentivando a produção e invenção de objetos pelos professores e intelectuais brasileiros. A noção de invenção e desenvolvimento de materiais didáticos diversos e instrumentos científicos voltados também para os saberes escolares era uma característica das Grandes Feiras de exposições. O Museu Pedagógico, ao mesmo tempo que exibia objetos, abria o acervo para sua utilização, divulgava as casas de importação, dava possibilidade à criação para desenvolver materiais que fossem voltados às necessidades nacionais. Era um meio de incentivar as inovações e invenções e ajudar a ensinar pelo método intuitivo.

### 2.4.7 Eventos Externos – o uso social do *Pedagogium*

A última parte deste capítulo tratará dos diferentes usos do *Pedagogium* feito por pessoas e comunidades que não estavam ligadas imediatamente à educação escolarizada, ou seja, o uso do *Pedagogium* pela sociedade carioca do período.

Os jornais mencionam que os espaços do *Pedagogium* foram usados de maneira recorrentes por diferentes atividades que não estavam diretamente ligadas à escola, desde o uso do prédio para votações em período eleitoral, congressos de medicina, reuniões ordinárias da Academia Brasileira de Letras e conferências políticas. Essas atividades eram anunciadas em jornais, dando o devido endereço do *Pedagogium* como local de execução.

No dia 2 de fevereiro de 1910, o jornal *O Paiz* noticiou a realização de uma conferência política do partido republicano nas dependências do *Pedagogium*. No dia 13 de fevereiro do mesmo ano, a Revista da Semana publicou fotografias de conferências políticas realizadas nos salões do Museu:

**Figura 10** - Conferência Pública no *Pedagogium*. 1910



Fonte: *O Paiz*, 2/2/1910, p. 2.

Na foto, parte do salão está ocupada por homens engravatados, em sua maioria brancos. Na mesa, cinco homens estão sentados atrás dela; sobre a mesa, alguns adornos, papéis e fitas penduradas. Importante notar, no canto esquerdo da foto, em cima de um

armário, vemos uma espécie de peixe, ou taxidermizado, ou embalsamado. A mesma edição da Revista publicou outra fotografia do evento agora do ângulo da plateia:

**Figura 11** - Conferência Pública no *Pedagogium*. 1910



Fonte: *O Paiz*, 2/2/1910, p. 2.

A foto do mesmo evento, de outro ângulo, deu destaque para a plateia: o enorme salão estava completo de pessoas, todos homens, em sua grande maioria brancos. Na parte direita da fotografia, é possível identificar que, sobre os armários, existiam outros grandes animais taxidermizados, mas devido à péssima qualidade de conservação do documento, não foi possível identificar a espécie. Conforme já mencionado, o evento foi uma conferência do Partido Republicano. A notar pela quantidade de pessoas na sala, uma possibilidade da escolha do local era o seu tamanho amplo. Mas não podemos perder de vista que, neste período, o *Pedagogium* já ocupava o prédio do Passeio Público, importante local da cidade e de fácil acesso. Além disso, em 1910, o diretor do Museu era, como vimos, Manuel Bomfim, que tinha ideias republicanas bastante avançadas para seu tempo, fazendo com o que uso do *Pedagogium* para este tipo de evento colocasse o estabelecimento na rota de destaque de decisões políticas do país.

O uso por diferentes categorias de profissões e eventos de grande porte como esses retratados na fotografia denota que os espaços do *Pedagogium* eram vistos como referência para estes acontecimentos.

Ao longo deste capítulo apresentamos um panorama geral da rotina do *Pedagogium* com base nas determinações legais que o regulamentaram. Fazendo uma comparação com as prescrições, foi possível mapear as atividades do Museu durante os anos de seu funcionamento.

Em semelhança com outros museus pedagógicos, pensando especialmente dentro da perspectiva de análise do eixo ibero-americano, o *Pedagogium*, assim como os demais, era uma instituição que tinha como função central promover modernidade e renovação pedagógica. Sendo uma instituição pública, inicialmente de âmbito nacional, as prescrições e os discursos dos diretores do *Pedagogium* apontavam para um fazer que se destinava a ajudar na construção de uma identidade nacional que visava à transformação do país.

Para tanto, o *Pedagogium* desenvolveu, ao longo dos anos, ações que visavam à formação de professores e adequação das escolas para aplicação do método intuitivo. Por isso, promoveu cursos, conferências, publicou uma *Revista Pedagógica* para ser enviada gratuitamente ao professorado público, e mantinha a disposição uma biblioteca e um acervo de materiais pedagógicos e mobiliários escolares com uma exposição permanente aberta à visitação pública.

Nota-se que essa modernidade pedagógica era materializada pela própria constituição do acervo do museu, que no caso do *Pedagogium* foi constituído a partir da transferência de objetos do extinto Museu Escolar Nacional, por sua vez o receptor do espólio da Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro.

Nesse sentido, nesse capítulo, destacam-se alguns pontos. O primeiro deles é a disputa, os conflitos intelectuais e políticos gerados em torno da manutenção ou não da instituição. Desde o nascimento da instituição, assistiu-se a um intenso debate em torno da relevância e funcionalidade de um Museu Pedagógico Nacional destinado à formação de professores, mas que, na prática, tinha somente alcance local. Além disso, os embates giravam em torno dos gastos de uma instituição com tais objetivos diante da existência das Escolas Normais.

Nesse capítulo, portanto, pode-se observar que esse era um terreno com mais disputas do que acordos. Outro aspecto que deve ser levado em consideração é que, por conta desse embate, a figura dos diretores do Museu foram fundamentais para a sua manutenção. Para além disso, percebe-se já pelas atividades desenvolvidas ao longo dos anos que o *Pedagogium* muda de características conforme a mudança de direção. Por fim, a associação do estabelecimento ao mercado didático, alvo inclusive de muitas críticas,

segundo apontam os debates dos jornais. Veremos no próximo capítulo como se dava essa relação entre o *Pedagogium* e o mercado didático.

## CAPÍTULO 3. O acervo do *Pedagogium* – Um Museu de grandes novidades

### 3.1 As coleções do *Pedagogium*: os objetos do Museu

As constantes mudanças do *Pedagogium* podem ter influenciado tanto na perda de parte de sua documentação como na divisão dessas informações em várias instituições. Na falta de uma documentação oficial e a partir da investigação em diferentes fontes, foi possível fazer uma reconstituição daquilo que teria sido um inventário das coleções do *Pedagogium*.

Mapeando as publicações de jornais e, especialmente, a *Revista Pedagógica*, textos como relatórios anuais de funcionamento do museu, correspondências, anuário do ensino e comunicações diversas dos diretores da instituição, identificou-se quais objetos faziam parte do acervo da instituição. Entre esses documentos citados, dois serviram de base, pois trazem a maior quantidade de informações sobre o acervo, são eles: Relatório anual de 1892, publicado na *Revista Pedagógica* Tomo 3 n. 18 de 1892; e Anuário do Ensino de 1895, que republicou este relatório acrescentando novas informações.

A partir dessa investigação foi montado um quadro com os objetos que compunham o acervo do museu, separados em coleções e dentro de seus respectivos espaços. O quadro completo pode ser verificado na parte de Apêndice e Anexos.

Percebe-se na documentação que os objetos são mencionados dentro de coleções específicas: História Natural; materiais escolares estrangeiros e nacionais; gabinete de Física; laboratório de Química; material geográfico; quadros parietais; seção Fröebel; sala de desenho; sala de trabalhos manuais e laboratório de Psicologia Experimental. Dentre essas, daremos destaque para as coleções de História Natural, Física, laboratório de Química e material geográfico, pois a documentação destaca algumas peças destes conjuntos. Nesta primeira parte do capítulo pretendemos apresentar quais eram esses objetos que mereciam destaque na documentação sobre o acervo e as coleções, para que ramo de estudo esses objetos serviam e quais eram as suas funcionalidades, analisando os objetos didáticos mapeando o caminho, suas origens e possíveis ressignificações ao longo do tempo e no Museu Pedagógico.

Começando pela Coleção de História Natural, segundo Possas (2013, p. 163), possuir objetos ligados à História Natural no século XVI e XVII era sinônimo de poder e

glória por meio do conhecimento; para além disso, personificavam um caráter científico de valorização das ciências, o que significa atribuir um valor para as coleções que era além de simplesmente possuir um objeto.

Uma coleção de História Natural deve ser percebida como algo que foi transformado em objeto de estudo e, portanto, sofreu uma ressignificação simbólica de função. Pearce (1994, p. 10), afirma que esse processo transforma um “objeto natural” em uma peça humanamente definida, dessa maneira, objetos de História Natural em museus devem ser compreendidos como construções sociais.

Observando a lista de objetos da coleção de História Natural do Museu, é de se notar não somente a diversidade de peças, mas a quantidade de algumas delas:

**Quadro 6 - Coleção de História Natural**

<b>Objeto</b>	<b>Quantidade</b>
insetos, crustáceos, moluscos e vermes	434
amostras de madeira brasileira, rochas, fosseis, minerais e formas cristalinas em madeira	100
aves	54
peixes	36
mamíferos empalhados ou em esqueletos	35
ovologia humana, (peças aumentadas)	17
répteis e batrachios	17
cérebros dos principais grupos de vertebrados (fac-símile em cera)	13
tipos de sistema nervoso das principais subdivisões do reino animal	13
peças anatômicas de flores	13
modelos de enxertos em arvores frutíferas	10
ditos do sistema circulatório	6
quadros: metamorfoses dos peixes, das aves, dos batrachios	3

peças clásticas: anatomia do bicho da seda, do caramujo e da abelha	3
herbários completos	3
quadros de ovologia humana	3
bacias humanas com os órgãos de reprodução (trabalho em cera e cautchouce)	3
esqueleto humano articulado	1
homem clástico (l'écorché) completo, com as vísceras, em caoutchoue	1
coração de adulto	1
laringe humana	1
olho humano (peça clástica)	1
tronco de homem (tamanho natural, dissecado para mostrar principalmente o pneumogástrico)	1
<b>Total</b>	<b>769</b>

Fonte: *Revista Pedagógica*, n. 18, Tomo 3, 1892.

Ao longo da investigação foi possível identificar que a coleção de História Natural do *Pedagogium* possuía cerca de 769 tipos de objetos<sup>22</sup>. Observa-se que vários tipos de objetos tinham mais de dez exemplares, sendo que muitos destes estão descritos como objetos de cera e peças do tipo anatômicas. Destaca-se a quantidade de peças taxidermizadas<sup>23</sup>, sendo 54 tipos de aves, 36 peixes e 35 mamíferos, dentre esses, alguns eram do tipo esqueletos. Mas a maior coleção dentro do gabinete de História Natural do museu era de insetos, crustáceos, moluscos e vermes, sendo contabilizadas 434 espécies. As amostras de madeiras, rochas, minerais e formas cristalinas também representavam

<sup>22</sup> Curiosamente a documentação menciona com precisão somente a quantidade de objetos de História Natural, especificação essa que não acontece com relação às outras coleções presentes no museu, conforme apontam os quadros em anexo. Além disso, cabe ressaltar que esse número de objetos pode ter aumentado ao longo dos anos, isso porque, nem todos os relatórios anuais e outros documentos, relatavam com precisão a quantidade de objetos. Por isso, entende-se que o *Pedagogium* teve no mínimo, 769 objetos de história natural.

<sup>23</sup> Sobre o uso escolar de animais taxidermizados ver a pesquisa de mestrado intitulada: Animais taxidermizados como material de ensino em fins do século XIX e começo do século XX, de José Maurício Madi Filho, 2013.

uma grande parte desse gabinete, com 100 peças relatadas. De acordo com o Relatório anual de 1892, todos os objetos dessa coleção foram enviados pela empresa francesa de materiais didáticos Mayson Deyrolle<sup>24</sup> (*Revista Pedagógica*, n. 18, Tomo 3, 1892, p. 326).

Destaca-se a presença de um objeto específico na documentação, trata-se da peça anatômica: “homem clástico completo com as vísceras”. Ao comparar essa descrição, com a fotografia do Gabinete de História Natural do Museu, o qual iremos analisar no próximo subitem deste capítulo, percebemos que se trata do objeto Deyrolle conhecido como “homem esfolado”. Pesquisas apontam que era possível encontrar exemplares desse objeto em diversas escolas do Brasil e do exterior como Uruguai, Europa e Indochina (Braghini, 2011). Um modelo idêntico ao que tinha no *Pedagogium*, foi localizado no acervo do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo:

**Figura 12** – Peça anatômica O corpo humano



Fonte: Coleção de História Natural do Museu Escolar Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo – Exposição Permanente.

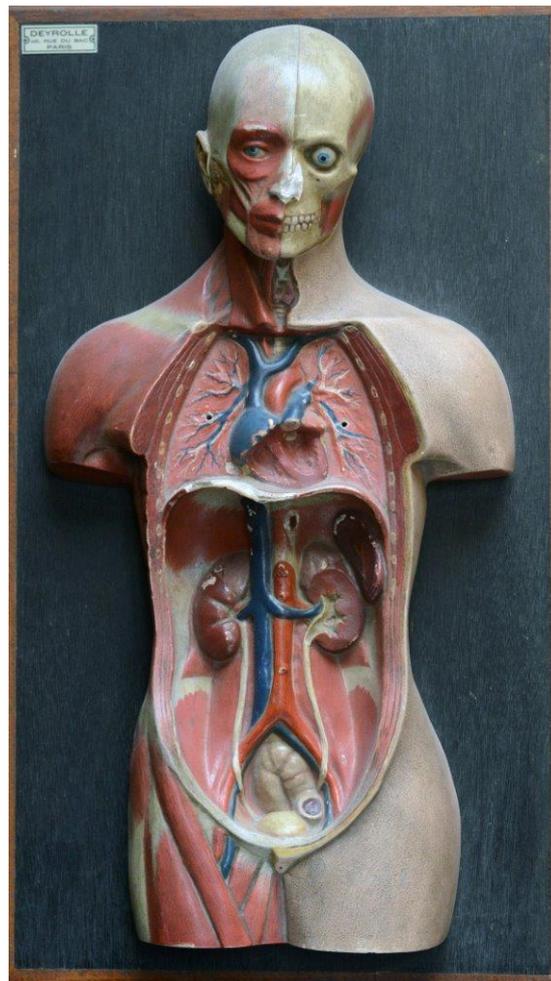
---

<sup>24</sup> Sobre a Mayson Deyrolle e outras casas de materiais didáticos, trataremos no próximo subtítulo desse capítulo.

Segundo Braghini (2011), esse modelo era oferecido em escalas variadas e poderia ser desmontado das partes superficiais às mais profundas. Ainda segundo a pesquisadora, a confecção do objeto remete às ilustrações do corpo humano reproduzidas por Leonardo da Vinci e Versalius com o seu trabalho *De Humani Corpori Fabrica*, do século XVI. Percebe-se que a peça é rica em detalhes, reproduzindo praticamente de maneira fiel um corpo humano. O fato de ser manuseável faz com que a interação com os observadores determina inclusive sua posição no espaço, já que o objeto poderia ser montado, desmontado, girado etc. (Braghini, 2011, n. p.).

Outra peça citada pela documentação presente no gabinete de história natural foi o “tronco de homem (tamanho natural, dissecado para mostrar principalmente o pneumogástrico)”, esse modelo foi localizado no site da empresa fabricante Deyrolle:

**Figura 12** - Peça anatômica – Tronco de Homem



Fonte: Imagem extraída do site Maison Deyrolle – <https://www.deyrolle.com/la-vocation-pedagogique/une-tradition-historique>

Observando a peça de maneira atenta, nota-se que o objeto está sobre uma base de madeira, portanto, poderia ser pendurado na parede para o estudo. Trata-se de um recorte do corpo humano; assim como o “Homem esfolado”, a peça enfatiza o estudo interno. No caso dessa peça, deveria ser usada para o estudo da parte interior do tórax como um todo, sendo possível analisar parte do coração e pneumogástrico. Mais uma vez, percebe-se que o ser humano foi retratado em tamanho real, sendo de bastante precisão a reprodução de órgãos, veias e músculos. Ao contrário da peça anterior, esta não é desmontável.

Percebe-se que o gabinete de História Natural do museu não era só constituído de peças anatômicas fabricadas especificamente para o estudo escolar, a quantidade de peças taxidermizadas configurava a maior parte dessa coleção, ou seja, animais que foram retirados da natureza e transformados em objetos de coleção, nesse caso, em objetos didáticos.

Como dito anteriormente, somente na Coleção de História Natural foram indicadas todas as peças de maneira nominal e quantidades. O fato dessa especificação aparecer na documentação, de ser o primeiro espaço a ser mencionado no relatório, pode significar a importância dada à essa coleção pelo então diretor do Museu, Menezes Vieira.

Ao observarmos o quadro com mais atenção, percebemos que as peças dessa coleção serviam para o estudo de Zoologia comparada, Botânica, Geologia e Mineralogia. É possível inferir que a maior parte dessa coleção servia para o estudo de Zoologia comparada, porém o relatório não é preciso quando menciona alguns grupos de objetos, misturando peças que serviam para áreas diferentes na mesma quantidade, por isso, não podemos dimensionar ao certo qual sub-ramo disciplinar reunia a maior parte de objetos. O fato é que o visitante desse acervo teria contato com quantidade significativa de peças que servia para os diferentes ramos de estudo da disciplina de História Natural.

A respeito do Gabinete de Física, a documentação menciona a presença de objetos ligados aos temas de estudo: mecânica, gravitação, hidrostática, calor, eletricidade, magnetismo, acústica e ótica. Para o estudo desses temas, a documentação cita a presença de modelos de locomotiva e de um barco a vapor, balanças de precisão, termômetros barômetros, higrômetros, microfones, material de galvanoplastia e projeções luminosas. Além dessas coleções, a documentação cita a presença de alguns objetos em específico, é o caso das seguintes peças: máquina pneumática, fonógrafo Edson, microscópio solar, máquina de Carré e bobina de Ruhmkorff.

A máquina pneumática também pode ser localizada pela seguinte denominação: bomba pneumática; bomba a vácuo, bomba de vazío e máquina de rarefacção. Essa peça era destinada à observação de estudos acerca das áreas de mecânica e mecânica dos fluídos. Consultando as informações do Inventário de objetos científicos do Colégio Marista Arquidiocesano<sup>25</sup>, foram localizados cinco tipos distintos de máquinas pneumáticas, algumas delas funcionando de maneiras diferentes, de acordo com sua tipologia. Ainda que pudessem ser localizados diferentes tipos do mesmo objeto, todos eles tinham basicamente a mesma função: eram utilizados para rarefazer o ar, ou outro gás contido num espaço fechado. Embora a documentação cite a presença da máquina pneumática, não há menções sobre a exata tipologia do objeto presente no acervo do Museu.

Outra peça destacada pela documentação sobre o acervo de Física do *Pedagogium* foi o fonógrafo Edson. O objeto foi inventado pelo americano Thomas Alba Edson (1847-1931)<sup>26</sup>, sendo possível também localizar diferentes tipologias do mesmo objeto. Segundo informações do Inventário de objetos científicos do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, o fonógrafo Edson era um cone acústico utilizado para captar som e fazer vibrar um diafragma localizado no final do cone. Vibra-se o diafragma com uma agulha que passa pelo cilindro marcado com a representação do som, de modo que o som se propagava. Esse objeto, portanto, servia para os estudos de acústica.

A documentação deu destaque também para a presença de um exemplar de microscópio solar no *Pedagogium*. Inventado por Johann Nathanael Lieberkühn (1711-1756), o objeto projeta a imagem observada por meio da luz solar ou usando uma lanterna mágica como fonte de luz. Inventados no século XVIII, os microscópios solares eram usados em feiras e exposições, onde eram vendidos ingressos para a exibição de projeções de insetos e minúsculos organismos<sup>27</sup>. No uso escolar, o objeto serviu para os estudos de ótica e como um instrumento científico de observação, sendo também localizadas diferentes tipologias do mesmo objeto. A seguir um esquema apresenta as peças básicas que compunham o objeto e seu funcionamento em uso:

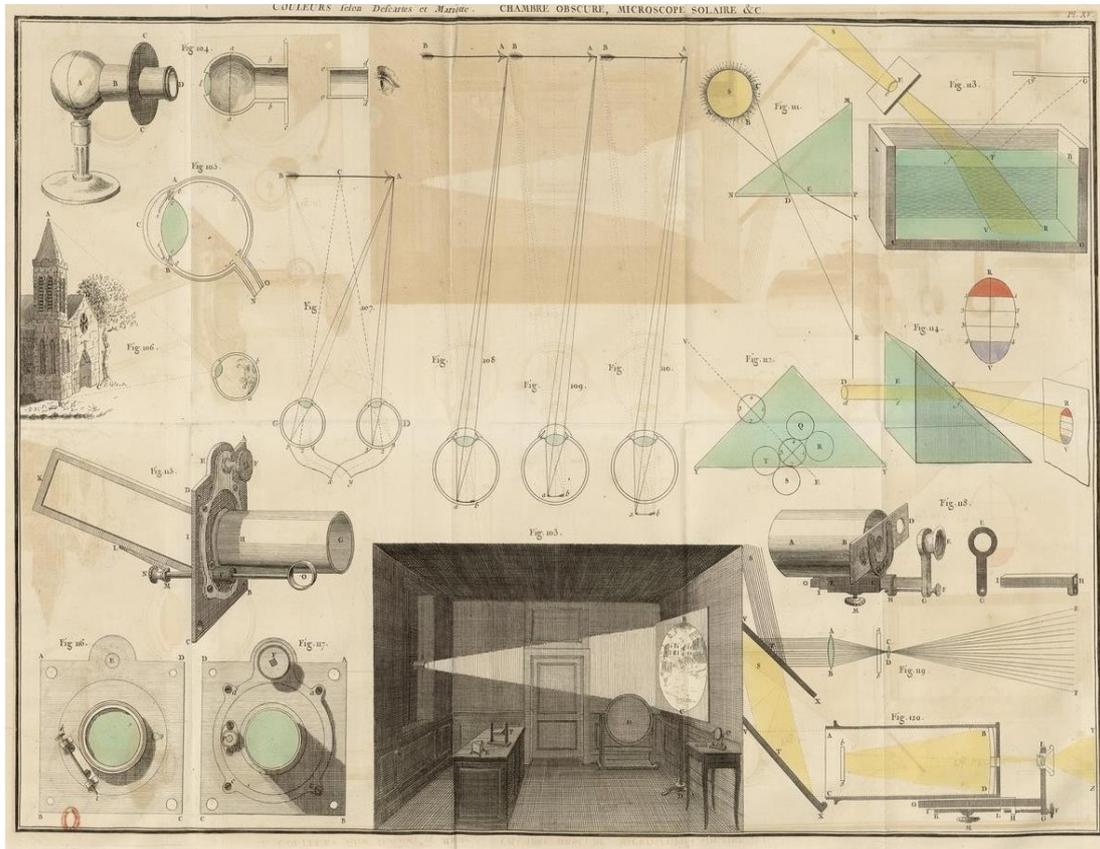
---

<sup>25</sup> O trabalho de inventário dos instrumentos científicos do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, foi desenvolvido pelo Núcleo de Estudos Escola e seus Objetos (NEO) entre 2015 a 2019 sob coordenação da Profa. Dra. Katya Braghini, sob financiamento do CNPq, e está disponível para consulta pública no site: <https://biblioteca.grupomarista.org.br/pergamum/biblioteca/index.php>

<sup>26</sup> Cf. <http://museocabrerapinto.es/blascabrera/museo-virtual/instrumentos?id=17/> Acessado em 7 set. 2020.

<sup>27</sup> Cf. <http://www.museocabrerapinto.es/blascabrera/museo-virtual/instrumentos?id=15/> ; <https://www.antiguedadestecnicas.com/productos/C-404.php> Acessados em 7 set. 2020.

**Figura 13 - Microscópio Solar**



Fonte: Physique du monde par M. le baron de Marivetz et par M. Goussier 1780-1787. Gálica.bnf.fr/Bibliothèque Nationale de France.

Outro objeto disponível no acervo de Física do *Pedagogium* era a máquina de Carré. A máquina de Carré<sup>28</sup> é denominada pela descrição do Laboratorium Bergara, como uma máquina que eliminava dores de cabeça.

<sup>28</sup> Na página do youtube foram localizados dois vídeos explicativos sobre a Máquina de Carré: Video 1 – Máquina de Carré, Máquina Carré detallada, Construcción de máquina Carré, Dialétrica Carré. Canal José Martin Roldán - <https://www.youtube.com/watch?v=JljXM-1h-Rw> Video 2 – Máquina de Carré. Canal EscPrepJal - <https://www.youtube.com/watch?v=N6VUCKW7Dec>

**Figura 14 - Máquina de Carré**

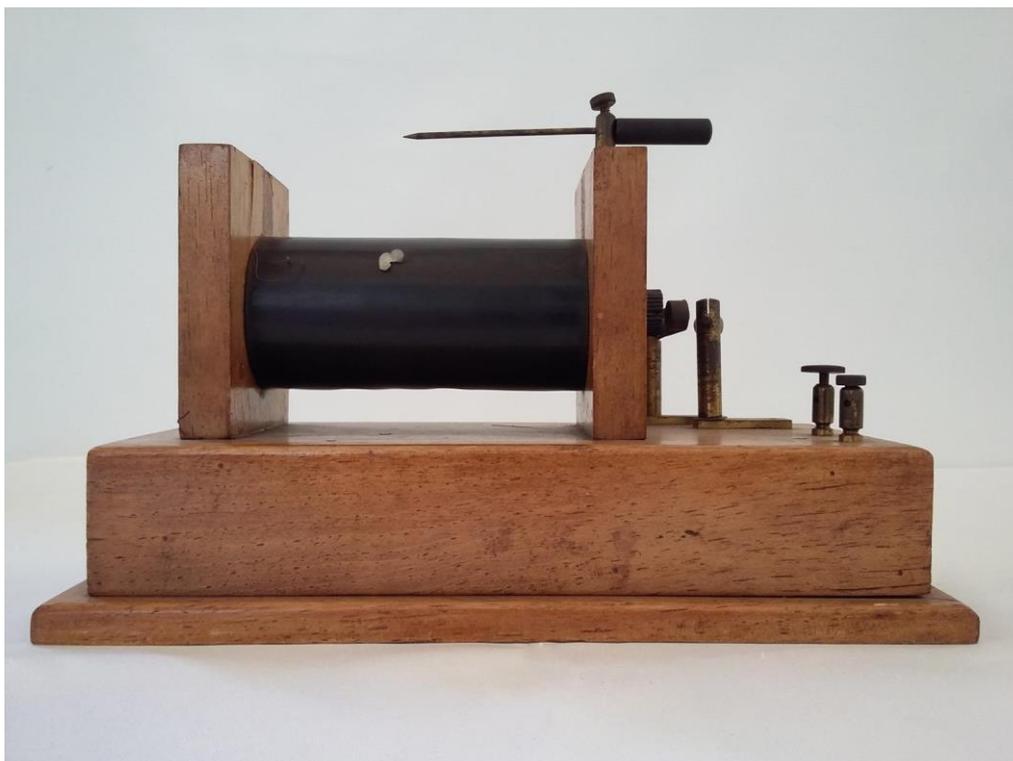


Fonte: Informações do site Laboratorium Bergara – <https://www.laboratorium.eus/en/erakusgai/carres-machine-instrument-gets-rid-headaches>. Acessado em 3/7/2020.

Segundo o Laboratorium, seu funcionamento gera eletricidade estática usando atrito e indução. Foi criada em 1868, pelo engenheiro francês Ferdinand Felipe Carré (1824-1900) e foi utilizada, principalmente, para aplicações médicas durante a segunda metade do século XIX.

A bobina de Ruhmkorff, também destacada na documentação sobre o acervo do museu, tinha como função principal a transformação de correntes elétricas de baixa tensão, em correntes de tensão elevada (Gonçalves, 2020, p. 179). Segundo informações do Inventário de objetos científicos do Colégio Marista Arquidiocesano, a bobina de Ruhmkorff é um dispositivo que permite a obtenção de uma tensão alternada elevada, a partir de uma baixa tensão contínua, sendo um antecessor dos atuais transformadores. A sua invenção deve-se ao físico alemão Heinrich Ruhmkorff (1803-1877).

**Figura 15** - Bobina de Ruhmkorff



Fonte: Coleção de Física do Museu Escolar Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, número do aparelho 444176.

Este dispositivo passou a ser construído em 1851, por Henrich Daniel Ruhmkorff, um mecânico alemão. Foi muito utilizado em laboratórios, já que são de fácil reprodução e manuseio. Foi utilizado ainda para ignição de automóveis durante o século XIX. Era comum encontrar esse objeto em coleções de materiais didáticos para o ensino de eletricidade dinâmica (Gonçalves, 2020, p. 183).

Por esses exemplos, percebe-se que o gabinete de física do *Pedagogium* era constituído por objetos que, dentre tantas utilidades, poderiam servir para o estudo escolar de demonstração de áreas de conhecimento do respectivo saber escolar. Objetos que foram construídos para outros fins, é o caso da Máquina de Carré e a Bobina Ruhmkorff, mas foram transformados em materiais didáticos.

O laboratório de Química do museu era composto por materiais elaborados pelo professor Mrs. Boudréaux, dirigente dos cursos da escola politécnica de Paris e das Escolas Normais de Fontenay Aux Roses e do Sena (*Revista Pedagógica*, n. 28-29-30, Tomo 5, 1893, p. 197).

Segundo explicação de Boudréaux, o laboratório de Química era voltado para alunos de liceus, colégios, escolas normais e estabelecimentos de ensino nos quais era

ensinada Química elementar. Para o professor francês, os jovens poderiam utilizar o laboratório em seus momentos de lazer, podendo ter contato com recreações científicas por meio de experiências rápidas (*Revista Pedagógica*, n. 28-29-30, Tomo 5, 1893, p. 198).

Ainda de acordo com Boudréaux, a vantagem de seu laboratório é que ele tornava as manipulações químicas mais acessíveis, especialmente aos professores e escolas, isso porque usava material simples, algo difícil de encontrar nas grandes empresas de vendas desses objetos (*Revista Pedagógica*, n. 28-29-30, Tomo 5, 1893, p. 200).

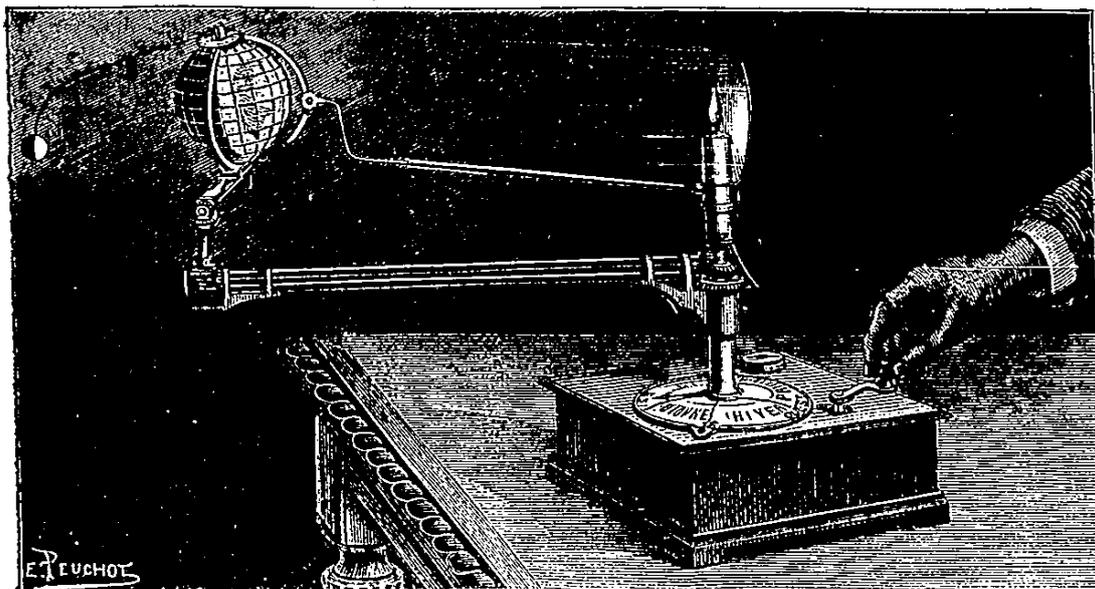
O laboratório de Química organizado por Boudréaux era composto por oito conjuntos de materiais: material n. 1 para as escolas primárias voltados para experiências de química elementar; material n. 2 permitia experiências de decomposição da água e dos sais pela pilha; material n. 3 voltado para o curso superior das escolas primárias para iniciar experiências mais simples; material n. 4 permitia efetuar experiências sobre os metalloides seguindo os programas de liceus, colégios e escolas normais; material n. 5 permitia o estudo completo dos principais metalloides e metais correspondendo a parte do curso secundário, clássico especial dos liceus e colégios e do curso do 2º ano da escola normal; material n. 6 servia para o estudo completo de toda química elementar para os alunos dos liceus, colégios e escolas normais; material n. 7 junto aos quatro primeiros conjuntos formava um pequeno laboratório para o estudo dos metalloides; material n. 8 servia para o emprego do gás, iluminação com utensílios para realizar grandes simplificações de experiências para decomposições que exigiam temperatura rubra, para trabalhos de vidro e para operações de solda de metais pelo cobre ou pela prata (*Revista Pedagógica*, n. 28-29-30, Tomo 5, 1893, p. 211).

Os professores e interessados encontrariam no *Pedagogium* seis laboratórios Boudréaux, prontos para manipulações das oito séries cada um. Segundo o periódico do Museu, os interessados deveriam apenas enviar uma declaração simples para diretoria solicitando o uso (*Revista Pedagógica*, n. 28-29-30, Tomo 5, 1893, p. 213).

Foram localizados nos documentos descrições a respeito da coleção de material geográfico do museu. Composta por globos terrestres e celestes, atlas e cartas de antigas províncias do Brasil, trabalhos de alunos e materiais didáticos explicativos, os documentos destacam a presença no acervo dos Cosmógrafo Girod e Cosmógrafo de Mouret.

O Cosmógrafo de Girod foi criado por Pierre Leon-Girod (1837-1903), um relojoeiro francês. A peça consiste numa vela de ignição central que representa o sol, cujos raios são projetados na esfera terrestre por um refletor<sup>29</sup>. O exemplar presente no *Pedagogium* era de fabricação da empresa francesa Delagrave, que publicou o objeto em seu catálogo de venda:

**Figura 16 - Cosmógrafo Girod**



Fonte: Catálogo de materiais Delagrave, 1892, p. 81.

Segundo o catálogo de venda da empresa, a peça possuía aprovação do Ministro de Instrução Pública da França, tendo sido premiada três vezes, na Exposição Universal de Liverpool de 1886, na Exposição Universal de Havre de 1887 e na Exposição de Boulogne-Sur-Mer de 1887 (Catálogo de materiais Delagrave, 1892, p. 81).

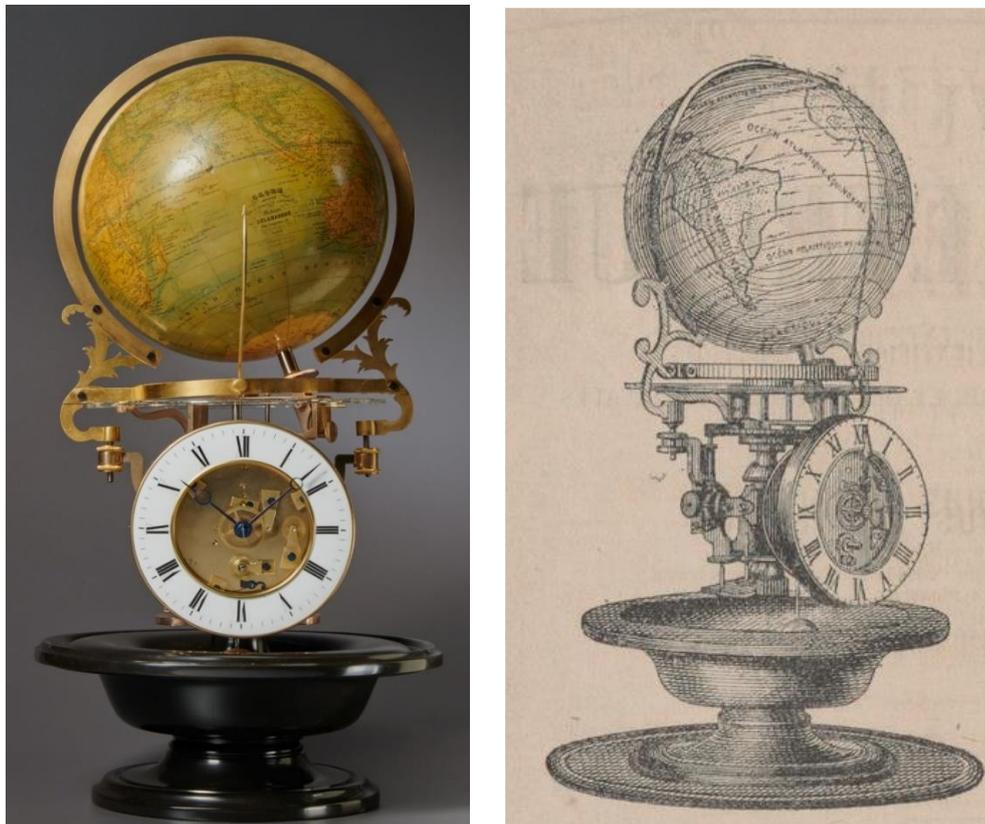
Ainda de acordo com a empresa de venda, o objeto servia para a observação dos movimentos rotacionais da Terra sobre si em 24 horas. Desse modo, era possível observar o dia e a noite em diferentes pontos do planeta, a variação da distância do Sol, ano sideral e tropical, movimento da lua, inclinação do Sol, eclipses lunares e solares. A representação do objeto pelo catálogo de venda demonstra, ainda, que ele funcionava a partir da movimentação de uma manivela, conforme indicação do próprio desenho, ou seja, o catálogo de venda orienta como manipular e fazer funcionar o objeto.

---

<sup>29</sup> Cf. <http://museocabrerapinto.es/blascabrera/museo-virtual/astronomia/cosmografo-de-girod.php>  
Acessado em 7 set. 2020

O Dictionnaire Encyclopédique et Biographique de l'industrie et des arts industriels, tomo V, de 1885, faz uma breve descrição do chamado Pêndulo Cosmográfico Mouret ou relógio Mouret, outro objeto com destaque na documentação do Museu. De acordo com o Dicionário (1885, pp. 691-692), o objeto era uma combinação engenhosa de um pêndulo que permitia que o globo fizesse movimentos rotacionais e translacionais. Conforme o avanço do tempo pelo relógio, é possível observar a parte da Terra que é iluminada pelo sol e aquela que fica sob a sombra, quando então o ponteiro marca 12h, sabe-se onde é meio-dia e onde será meia-noite. O relógio indica com precisão, segundo o documento, o tempo e duração exatas do amanhecer e crepúsculo, assim como as condições climáticas e as consequências da marcha do sol entre os dois solstícios.

**Figura 17 - Cosmógrafo de Mouret**



Fonte: Richard Redding Antiques LTD; Revue Chronométrique. Journal des horlogers, scientifique et pratique organe des societés d'horlogerie et des chambres syndicales. Paris, 1878. Disponível em <https://www.richardreddingantiques.com/>. Acessado em 4/7/2020.

Comparando o tipo de acabamento das peças, nota-se que são modelos diferentes, indicando a diversidade de fabricação e tipos. Na imagem da direita, observa-se uma representação do cosmógrafo, identificando parte de sua engenharia de

funcionamento que servia para fazer funcionar a peça, ou seja, girar o globo conforme o relógio avançava. Essa representação foi publicada num periódico específico da categoria de relojoeiros de Paris, no final do século XIX. Segundo o documento, esse cosmógrafo pode ser chamado de pêndulo do futuro e garante que em breve deverá ser procurado por todas as escolas e instituições de educação (*Revue Chronométrique*, 1878, p. 13).

Foram localizadas informações sobre o Pêndulo de Mouret no Trocadéroscope álbum-journal de l'exposition universelle (1878, pp. 304-305). De acordo com esse documento, o objeto representava a popularização da ciência, afirmando que a aprendizagem feita por demonstração visual era superior àquele feito sem a observação física. Por isso, o Pêndulo Cosmográfico Mouret, segundo o documento, era ao mesmo tempo uma peça elegante de mobiliário e um instrumento precioso.

Percebe-se que as coleções do *Pedagogium* eram formadas por peças científicas que foram escolarizadas. Serviam à observação e para demonstração em diferentes disciplinas escolares. Alguns desses objetos eram inventos do século XIX, como o caso do Fonógrafo Edson, da Máquina de Carré, da Bobina Ruhmkorff e dos Cosmógrafos. Possivelmente por se tratar de invenções recentes é que estes objetos eram destacados na documentação.

Nota-se ainda que o *Pedagogium* tinha um rol de objetos que serviam para diferentes áreas de estudo, sendo que algumas dessas coleções eram retratadas com maior riqueza de detalhes, como é caso da Coleção de História Natural e do Laboratório de Química. Pelo histórico dos objetos destacados, percebe-se também que tinham origem no mercado didático europeu. Ainda neste capítulo, veremos como circulavam essas empresas produtoras de objetos didáticos. Sabendo que tais objetos são modelagens que mostram o que havia de mais recente, podemos entender esse museu como uma instituição demarcadora de um tipo de ensino científico, o demonstrativo, como uma expressão cultural daquele presente.

### **3.2 As Exposições do *Pedagogium*: a organização visual do museu**

As exposições e as configurações dos espaços onde estavam alocados esses objetos respeitaram uma certa ordem de visualidade comum no período. Por isso, veremos que a organização visual adotada pelo *Pedagogium* apresentava semelhanças com as grandes feiras expositivas e vitrines comerciais.

As exposições universais tinham de maneira geral um objetivo instrutivo na sua maneira de organização visual. A ideia era constituir um novo tipo de observador, formado por uma estética visual construída na chamada “sociedade do espetáculo”, ou seja, um observador que deveria obedecer a doutrina do espetáculo, tendo de seguir regras determinadas de comportamento (Barbuy, 1999, p. 50).

De acordo com Barbuy (1999, pp. 57-58), existia uma associação visual entre museus e exposições universais no século XIX, essa associação visual tinha origem no caráter instrutivo do plano visual de organização dos objetos. Por essa semelhança, segundo a pesquisadora, caberia perguntar o que é uma exposição, uma feira ou um museu.

Nota-se então que existia tipo de visualidade característica do século XIX:

A exposição-instrução está na ordem do dia, inclusive como instrumento de ensino escolar. Como vetor da noção mais ampla de “ensino pelo aspecto”, a “lição de coisas”, na França, no final do século XIX, torna-se doutrina pedagógica oficial. Vitrines com pequenas coleções de exemplares minerais, vegetais, de animais empalhados ou de instrumentos científicos passam a fazer parte das salas de aulas e são chamadas de “museus de lições de coisas”, associando-se a outras estratégias de ensino pela visão, como os painéis ilustrados e as projeções luminosas, que também se disseminam nas escolas, como recursos didáticos (Barbuy, 1999, p. 58).

Além de vender, as grandes feiras comerciais estavam organizadas visualmente para instruir. A exposição-instrução era uma composição visual comum no século XIX e estava ligada com essa forma de organizar os objetos, a fim de se ensinar pelo aspecto visual. Há uma ligação íntima entre a exposição e as lições de coisas, sendo que a instrução começa quando os objetos são posicionados em armários e vitrines, a fim de passar alguma informação específica ou, como menciona a autora, organização marcada por “estratégias de ensino pela visão” (Barbuy, 1999, p. 58).

Ainda de acordo com Barbuy (1999), a Exposição Universal de 1889 pode ser associada a essa lógica de instrução pelo aspecto das lições de coisas, graças ao seu caráter marcadamente retrospectivo:

Propunha-se um sistema didático para a apreensão do mundo em sua globalidade: a exposição panorâmica dos caminhos da evolução para que tivesse podido chegar ao tempo presente; e, como objetivo maior, a exposição panorâmica do tempo presente, do mundo moderno, como paradigma (Barbuy, 1999, p. 59).

Percebe-se que há uma influência mútua entre o modo visual das lições de coisas e das exposições universais. No caso da Exposição Universal de 1889, a pesquisadora menciona que existia uma característica, uma ideia panorâmica evolutiva por trás da organização dos objetos, ou seja, os objetos estavam dispostos de uma maneira global para que o visitante pudesse comparar as possíveis evoluções ou mudanças dessa materialidade. Segundo a pesquisadora, esse tipo de exposição pode ser chamado de instrutiva, pois pretende ensinar, passar uma mensagem específica. Portanto, entende-se que exposições universais exibiam objetos e, ao mesmo tempo, formavam uma ideia de mundo, sendo essa maneira visual de exposição uma característica daquele período.

Outra característica visual das Exposições Universais era o acúmulo de objetos, a quantidade que impressionava imediatamente o expectador, suportes de vitrines totalmente preenchidos por objetos semelhantes faziam do conjunto o grande objeto da exposição. Mas esses objetos similares eram agrupados conforme critérios pré-estabelecidos, organizados por classes de produtos, sendo cada classe organizada pelas exposições por fabricantes cada um com seu *stand* (Barbuy, 1999, p. 62).

Ainda que houvesse um acúmulo de objetos similares e que esse fosse o primeiro impacto visual das grandes feiras, em um olhar atento, percebe-se que os produtos respeitavam critérios de organização. Um destes critérios era a separação por *stands* de vendas, sendo que cada empresa agrupava seus objetos em vitrines únicas. Portanto a marca visual das Exposições Universais era o acúmulo e a exposição-instrução cujo objetivo era apresentar uma visão global e evolutiva.

Ao que parece, essa identidade visual está presente no *Pedagogium*, a começar pelo Gabinete de História Natural da instituição:

**Figura 18** – Gabinete de História Natural do *Pedagogium* - 1892<sup>30</sup>



Fonte: Anuario do Ensino do Rio de Janeiro, 1895. Hemeroteca BN, s.p.

A foto retrata parte do Gabinete de História Natural do *Pedagogium*, no ano de 1892, no segundo endereço que a instituição ocupou. Fica nítido que a foto só apresenta uma parte do espaço, pois não aparecem nem a metade dos objetos mencionados da documentação.

Observando atentamente, identifica-se três armários do tipo vitrine e prateleiras vazadas fixas no canto direito. O armário envidraçado no canto esquerdo apresenta, pendurado na parte central superior, um quadro parietal com a ilustração de uma figura de tartaruga. Com três prateleiras repletas de objetos, na primeira de cima para baixo estão dispostas aves taxidermizadas; na prateleira seguinte, é possível identificar uma grande quantidade de objetos, sendo que muitos também são aves taxidermizadas; na última prateleira desse armário, estão objetos fixos em bases de madeira que podem ser pendurados na parede.

---

<sup>30</sup> É possível localizar o mesmo documento em Anexos e Apêndices. Uma vez que se trata de um documento inédito, pretende-se expô-lo em amplos detalhes.

Entre os dois armários, está um esqueleto humano em tamanho real, montado e preso por um fio que está fixo no teto. Esse objeto é retratado na documentação como parte do acervo desse gabinete.

Seguindo para o outro armário, ao lado do esqueleto, observa-se a presença de dois esqueletos montados de animais na parte superior do armário. Este armário também apresenta um quadro parietal em sua parte central superior, que retrata um tipo de pássaro. Também são identificadas três prateleiras: na primeira superior, identifica-se esqueletos montados e espécies de macacos taxidermizados, sendo que no canto direito observa-se a presença de um pequeno quadro parietal representando uma ave; na prateleira imediatamente abaixo, estão mais animais taxidermizados não identificados; por fim, na prateleira inferior, observa-se peças taxidermizadas e esqueletos e crânios de animais.

Imediatamente ao lado direito desse armário, está um novo armário vitrine, com a presença da peça descrita na documentação como um “homem clástico completo com as vísceras”. Conforme dito anteriormente, trata-se de um modelo anatômico humano. Percebe-se que essa peça ocupa um armário sozinha e, assim como o esqueleto humano, está em escala ampliada.

Por fim, no canto direito, observa-se prateleiras vazadas fixadas na parede. Nessas prateleiras, identifica-se três objetos mencionados pela documentação. São as “peças clásticas”: da abelha, na primeira prateleira de cima para baixo; do bicho da seda, uma peça numa base de madeira que poderia ser pendurada na parede e do caramujo.

Mesmo que não seja possível ver o gabinete por completo, uma vez que o Anuario de Ensino não publicou a continuação desse espaço e não foram localizadas outras fotos em outra documentação, é possível ter noção da diversidade de peças presente no museu.

Ao observamos a organização visual do Gabinete de História Natural, percebe-se imediatamente que os objetos seguem uma certa ordem por categorias, os pássaros por exemplo, estão todos na mesma prateleira, com uma característica de exposição-instrução. O visitante do Gabinete de História Natural do *Pedagogium*, ao observar os armários vitrines desse espaço, poderia compreender de maneira visual as diferentes ordenações por categorias de maneira instrutiva: as aves, os mamíferos, por exemplo, todos agrupados nas suas respectivas prateleiras.

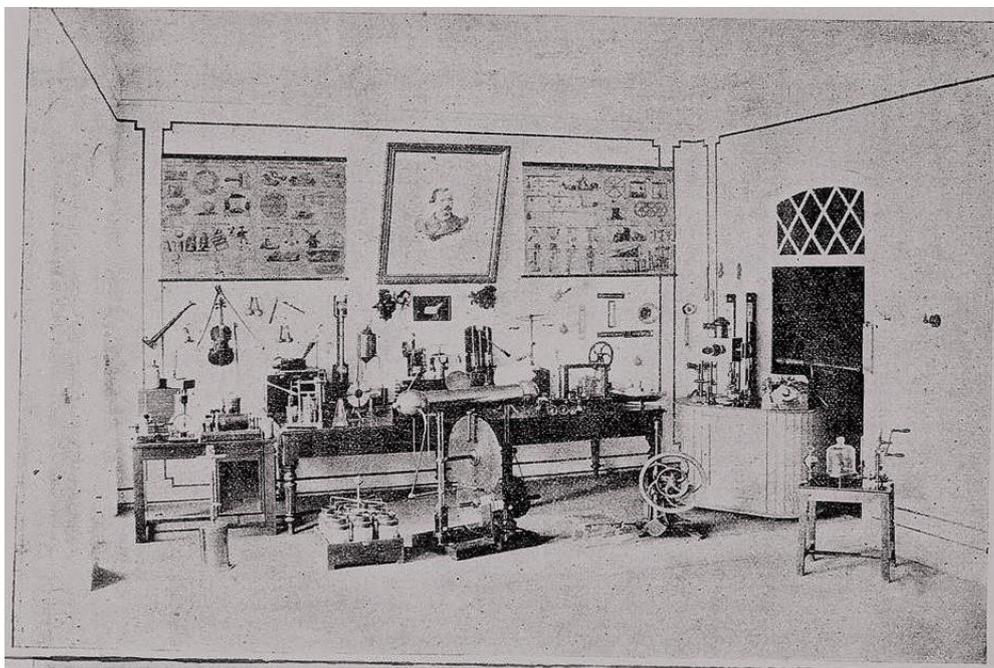
De acordo com Possas (2013, p. 165) esse processo de ordenação e classificação foi identificado no momento da transição dos gabinetes de curiosidades para a formação de coleções mais específicas, que eram usadas para o estudo de espécimes e culturas, e

com a classificação veio a especialização. Com o aumento das coleções, foi necessário desenvolver espaços de estudo que mantivessem esses objetos conservados, além de amplos para que fossem classificados e ordenados de maneira correta. Os museus então tornam-se lugares essenciais nesse processo, por conta da visualidade (Possas, 2013, p. 166).

No caso do gabinete de História Natural do *Pedagogium*, percebe-se de imediato que os armários estão completamente lotados de objetos, ao ponto de que, neste primeiro momento, seja de difícil identificação do tipo de peça ali exposta. Essa é outra das características de exposição das grandes feiras, suportes e vitrines estavam totalmente preenchidos por objetos similares ou seriados, fazendo do conjunto o grande objeto da exposição (Barbuy, 1999, p. 62).

O próximo espaço a ser analisado será o Gabinete de Física que, segundo descrição do Anuario do Ensino de 1895, era composto por oito armários envidraçados com objetos para o ensino experimental. A foto publicada no documento retrata apenas parte desse espaço:

**Figura 19** - Gabinete de Física do *Pedagogium* - 1892<sup>31</sup>



Fonte: Anuario do Ensino do Rio de Janeiro, n.p.,1895. Hemeroteca BN.

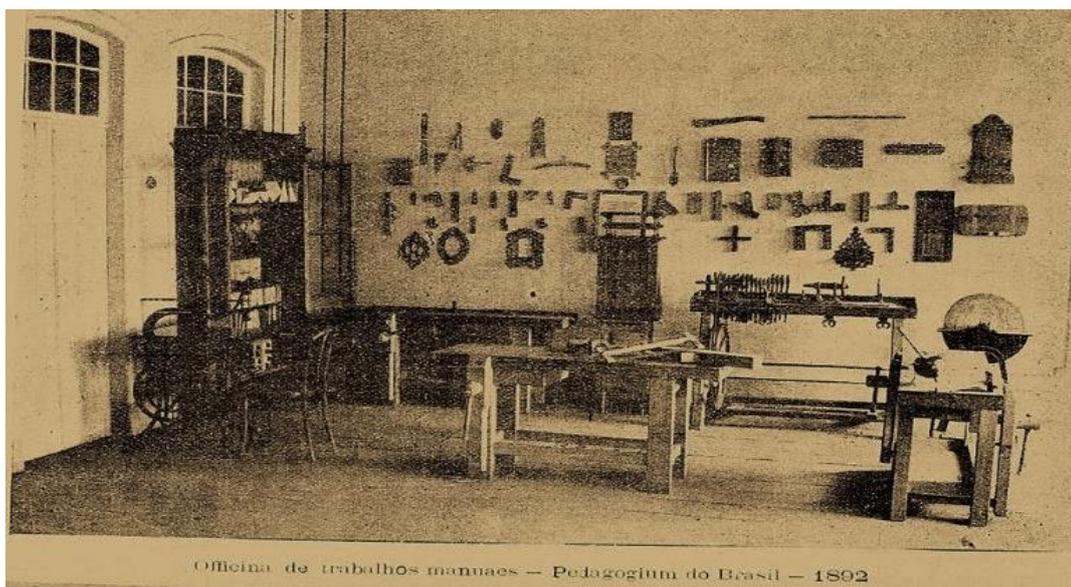
<sup>31</sup> É possível localizar o mesmo documento em Anexos e Apêndices. Uma vez que se trata de um documento inédito, pretende-se expô-lo em amplos detalhes.

Observando a foto, percebemos pendurados na parede dois quadros parietais representando objetos de Física e a foto de um homem não identificado na documentação. Abaixo desses quadros, vemos alguns objetos pendurados na parede, sendo possível identificar que um deles é um violino. Nesse espaço retratado na imagem, não identificamos os armários envidraçados mencionados pela documentação, mas sim, algumas mesas com muitos objetos dispostos. Entre esses objetos, identifica-se bobina Ruhmkorff, disco de Newton, máquina pneumática, prisma de cristal, entre outros. No chão, observa-se a presença dos objetos maiores, entre eles, bem ao meio, identifica-se a máquina de Carré apresentada anteriormente, ao centro, um conjunto de garrafas de Leyden e, no canto direito, um outro modelo de máquina pneumática.

Enquanto o gabinete de História Natural adotara uma exposição que respeitava uma classificação de tipologias de objetos, no caso do gabinete de Física, ao menos nesta ilustração, percebe-se que a organização não estava totalmente definida por sub-ramos da Física, já que os artefatos de um mesmo grupo se encontram separados, como é o caso do prisma (ao fundo, à direita) e um disco de Newton (a frente, à esquerda), ambos usados para o ensino de ótica. A escolha visual optou por dar destaque às tecnologias em geral e de maneira aleatória. Percebe-se ainda que a organização desse espaço coloca em evidência peças muito comuns em acervos de escolas secundárias, a começar pela própria máquina de Carré colocada ao centro da foto. Lembrando que este espaço tinha sido organizado por um professor, conforme indicou Menezes Vieira, em seu relatório sobre o Museu quando ocupava esse endereço (*Revista Pedagógica*, n. 18, Tomo 3, 1892).

O Anuario do Ensino também apresentou uma imagem da chamada sala de Trabalhos Manuais do *Pedagogium*:

**Figura 20** – Oficina de Trabalhos Manuais do *Pedagogium* – 1892<sup>32</sup>



Fonte: Anuario do Ensino do Rio de Janeiro, 1895. Hemeroteca BN.

Também mencionada na documentação como Oficina de trabalhos manuais, o relatório anual de 1892 afirma que esse espaço representa em miniatura uma oficina de carpinteiro e marceneiro, tal qual existem nas escolas francesas (*Revista Pedagógica*, n.18, Tomo 3, 1892, p. 332).

Nota-se pela imagem que realmente o espaço se parece com uma oficina pela configuração dos objetos pendurados na parede, os quais poderiam ser facilmente localizados em caso de necessidade de uso, e pelas diversas ferramentas distribuídas pelo espaço.

Identifica-se ainda, no canto esquerdo da foto, a presença de armário com objetos diversos que parece tratar-se da coleção de objetos em madeira e ferro fabricados pelos alunos da Escola Rodrigues Sampaio, anexa ao Museu Pedagógico de Lisboa (Anuario do Ensino 1895, p. 470).

Essa técnica de exposição de organiza quase que de maneira teatral um espaço também era comum nas exposições universais, tanto para apresentar as grandes fábricas em funcionamento quanto para a reprodução de vilas operárias (Barbuy, 1999, p. 69). Essa opção de exposição sugere oferecer um modelo de organização escolar. Dessa

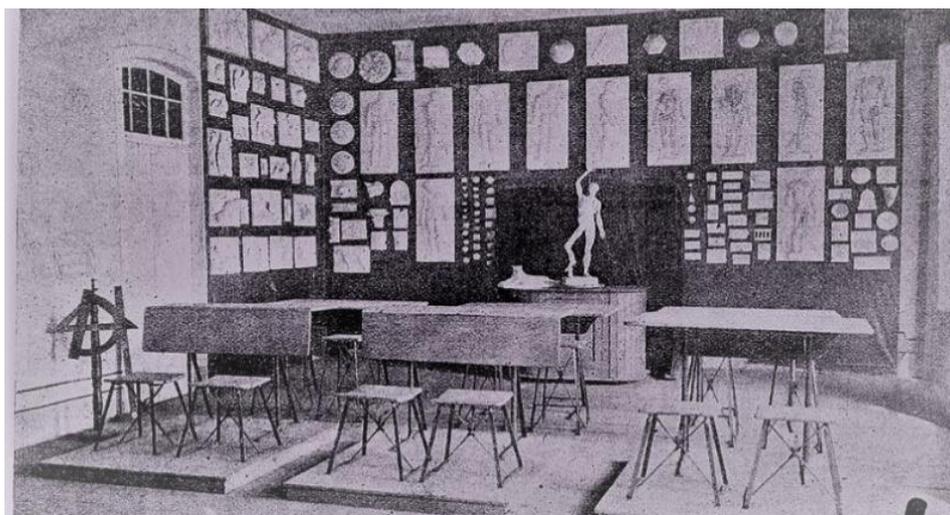
---

<sup>32</sup> É possível localizar o mesmo documento em Anexos e Apêndices. Uma vez que se trata de um documento inédito, pretende-se expô-lo em amplos detalhes.

forma, o visitante consegue ter ideia de como reproduzir esse espaço em sua unidade escolar, incluindo os objetos.

O Anuario do Ensino do Rio de Janeiro publicou também um retrato da sala de desenhos do *Pedagogium*. Assim como a oficina de trabalhos manuais, a sala de desenhos era um espaço de prática escolar, mas também de exposição.

**Figura 21** – Sala de desenhos do *Pedagogium* – 1892<sup>33</sup>



Fonte: Anuario do Ensino do Rio de Janeiro, 1895.

Pela imagem, vemos em posição central um modelo de corpo humano sob a mesa, de material desconhecido, cópia de figuras humanas do tipo “clássico”, similar a Adonis, mas que também nos remete ao “homem esfolado” presente no Gabinete de História Natural. Na parede atrás do modelo humano, numa observação mais atenta, identifica-se uma série de, talvez, desenhos ou relevos, que reproduziam posições diferentes do modelo anatômico humano. Também colado à parede, no canto direito, observa-se a presença de peças, possivelmente em gesso. Ao longo do painel, percebe-se a presença ainda de diferentes formas geométricas.

Em comparação com a documentação escrita, percebe-se que a imagem publicada mostra apenas uma parte do espaço. A sala de desenhos do museu contava com uma coleção de peças em gesso, álbuns, estampas, cartas, coleções de modelos em gesso de flores, frutos e folhas (*Revista Pedagógica*, n. 18, Tomo 3, 1892, p. 332).

---

<sup>33</sup> É possível localizar o mesmo documento no Anexos e Apêndices. Uma vez que se trata de um documento inédito, pretende-se expô-lo em amplos detalhes.

Vimos que a organização visual do *Pedagogium* apresenta elementos presentes também nas Exposições Universais, o primeiro deles é o chamado de “exposição-instrução”. Mais do que mostrar os objetos, as exposições estavam organizadas para transmitir uma concepção de ciência classificatória, evolutiva, comparativa. E mesmo quando apresentada de maneira mais aleatória, são destacadas as peças de caráter tecnológico-científicas.

Outro elemento de semelhança visual é a profusão de objetos, a variedade que causa uma confusão visual de imediato e revela ainda o caráter das inúmeras invenções e oferta de objetos diversos propostos pelo progresso industrial e pela educação pelo aspecto. A questão da profusão de coisas pelas vitrines também foi percebida em exposições de museus como é o caso do Museu do Ipiranga em seus primeiros anos após 1922 (Cf. Grola, 2014 e Stepanenko, 2016).

A ideia de panorama geral também pode ser uma aproximação visual entre as exposições do *Pedagogium* e as exposições universais; essa diversidade de objetos que, de maneira individual ou em pequenos subgrupos, indica ramos de ensino como zoologia, botânica, mecânica etc., ou seja, ao percorrer visualmente a organização, o observador pode ter um conhecimento de conjunto sobre uma dada situação ou disciplina.

Por fim, o aspecto teatral, de indicação de maneiras de se organizar espaços em estabelecimentos de ensino é o caso de todos os espaços de exposição do Museu, mas, em especial, da oficina de trabalhos manuais e da sala de desenhos. Espaços teatralizados eram uma marca das grandes feiras, onde empresas indicavam como os produtos poderiam ser organizados, indicando uma sugestão de como seriam os objetos em uso. Aliás, a “teatralização” é um dos fundamentos da confecção de animais taxidermizados para o ensino, já que é transposto o seu comportamento de habitat natural, enquanto apresentados como artefatos para o ensino (Cf. Madi Filho, 2013).

Sendo o *Pedagogium* um museu de grandes novidades, entende-se que os objetos eram signos de um futuro progressivo, mediadores para a construção do conhecimento. E que, dessa maneira, a organização visual escolhida se tratava na verdade de uma forma moderna, mercadológica, para além disso, classificatória e científica de apresentação dos modelos pedagógicos (Munakata e Braghini, 2020, pp. 52-53).

### **3.3 *Pedagogium*: uma vitrine comercial**

Se o *Pedagogium* era um museu que expunha as grandes inovações isso significa que ele atribuía um novo sentido e um valor às coisas. Em primeiro lugar, não pode se perder de vista que havia todo um contexto histórico e cultural que forçava o uso desses objetos também escolares. Miller (2010, p. 126) afirma que, sob a lógica de uma força promotora do uso de certos objetos, percebe-se muitas vezes a população sendo forçada a adesão desses artefatos.

No caso escolar, veremos que vai mesmo existir uma pressão institucional e mercadológica que encheu as escolas de objetos, mas nem sempre esse processo gerou unanimidade. Nesse sentido, é preciso perceber quais são os valores que foram atribuídos aos objetos escolares e quais forças determinavam ou estimulavam seus usos (Miller, 2010, p. 157).

Para tanto, Kopytoff (2008, p. 1) destaca que a produção de mercadorias é também um processo cognitivo e cultural e, sendo assim, mercadorias são produzidas como coisas também de maneira cultural. Dessa forma, um objeto pode ser tratado como uma determinada mercadoria num momento e não ser mais em outro período.

Pensando a produção de mercadorias como resultado de um processo cultural e que pode ou não perder o seu valor de mercado com o tempo, Kopytoff (2008, p. 4) propõe que se faça uma biografia cultural das coisas, percebendo o objeto como uma entidade culturalmente construída, dotado de significados específicos, classificado e reclassificado dentro de categorias culturais constituídas. Especificamente no caso dos objetos escolares, percebe-se a existência de um movimento que, além de construir objetos escolares, ou seja, artefatos que já nasciam com uma função escolar, também percebemos alguns outros objetos transformados em objetos didáticos que, por sua vez, foram vetores de uma cultura, um novo saber escolar.

É necessário ter cautela, pois não é a produção mercadológica sozinha que força o consumo. Trata-se de uma relação. Roche (2000, p. 12) afirma que a produção é imediatamente consumo e consumo é imediatamente produção. No caso dos materiais escolares, estamos falando sobre a possibilidade de a produção ter criado as necessidades e que isso aconteceu concomitantemente à ascensão do progresso científico, como “necessidades de ensino”. Mas, que também o mundo escolar foi marcado com a ideia de que só é possível obter um conhecimento “prático” mediante o uso de coisas. Sim, há importância pedagógica no conhecimento das coisas. Mas, neste caso, coisas são

mercadorias. A dimensão capitalista das “lições de coisas” ainda necessita de maiores explicações.

Por tudo isso Roche orienta (2000, p. 13) para a necessidade de se perceber as redes de abstração e sensibilidade essenciais para a compreensão de fatos sociais que interferiram nos processos de produção e consumo.

Roche (2000, p. 75) destaca a relevância do papel das escolas nesse processo, afirmando que a escola e o colégio difundiam normas de vida social que também eram regras de consumo das coisas. O autor continua dizendo que novas formas de pedagogia foram sendo apresentadas:

Escolas de desenho, pensionatos com programas renovados e mais abertos que os dos colégios, escolas militares, internatos de padres das Escolas cristãs que aceitavam os interesses do comércio e da técnica, cursos das academias. Inúmeras fórmulas pedagógicas apareceram, mostrando as novas necessidades e expectativas da parte das famílias que colocavam as escolhas educativas numa estratégia mais ampla do desenvolvimento: a educação das meninas cresceu (Roche, 2000, p. 75).

Entende-se que a escola acabou se transformando no local que validava e promovia as mudanças sociais ocasionadas pelo avanço científico. O progresso e o mercado adentram à escola, mas também são alimentados por essa dinâmica, e ultrapassando os muros da escola, passam a ser difundidos por ela.

Meda (2015, pp. 18-19) afirma que ao longo do século XIX, assiste-se à entrada maciça de empresas comerciais que veem uma oportunidade de lucro no mercado escolar. Assim, essas empresas atuaram não somente para satisfazer necessidades tecnológicas, mas, principalmente, para fomentar tais necessidades.

Outros fatores como a obrigatoriedade do ensino e a disseminação internacional do método intuitivo favoreceram o desenvolvimento de uma indústria escolar, dada a necessidade de abastecer a escola, que agora atingia um público ainda maior (Vidal, 2017, p. 13).

De certa maneira, diante do exposto, frente à dinâmica de mercado que perpassa à história da escola, de forma duplamente vetorizada, fomenta o consumo e é estimulado por novas necessidades e invenções criadas pela escola e para a escola, cabe perguntar o quanto o método intuitivo não é uma invenção que surge dessa sensibilidade, em vez de ser pensado, somente, como um método pedagógico cuja invenção é atribuída a Pestalozzi. Pessoas e objetos, juntos, condensam a ideia de progresso e técnica e uma

inovação pedagógica, não passaria ileso a este movimento histórico, simplesmente como um conjunto de ideias pedagógicas. Não parece plausível que esse mercado tenha sido estimulado somente por necessidade de abastecimento da escola, e menos ainda que um método pedagógico tenha sido estimulado isolado dessa conformação social, cultural, em torno do industrialismo.

Todo esse debate inicial servirá como base e será retomado na tentativa de compreender quais as relações do *Pedagogium* com o mercado didático e, principalmente, com as empresas fornecedoras desses objetos escolares. Percebe-se até aqui que a instituição estabeleceu relações com diversas empresas internacionais, inclusive divulgando o trabalho de algumas delas. Veremos a seguir de que forma ocorreu uma parceria comercial, configurando o museu numa grande vitrine.

Vimos que o acervo do *Pedagogium* estava formatado para exibir as grandes novidades pedagógicas da época. Os objetos didáticos chegaram à instituição por três caminhos diferentes: espólio do Museu Escolar Nacional de 1883<sup>34</sup>; e por meio de aquisição e recebimento de objetos enviados por representantes comerciais.

É o Relatório anual de 15 de maio de 1891 a 30 de abril de 1892 (*Revista Pedagógica*, n. 18, Tomo 3, 1892, p. 324) escrito pelo então diretor Menezes Vieira, que dá maiores informações a respeito da procedência empresarial dos objetos presentes no *Pedagogium*. O relatório identifica, em alguns casos iniciais, o tipo de aquisição do objeto, se foi enviado pela empresa ou se foi comprado pelo museu, conforme aponta o quadro a seguir:

**Quadro 7** - As empresas de materiais didático no *Pedagogium* 1892

<b>Autor/Empresa</b>	<b>País</b>	<b>Tipos de objetos</b>	<b>Tipo de aquisição dos objetos</b>
Deyrolle	França	História Natural	Enviados pela empresa
Ch. Noé Constructeur	França	Física	-

<sup>34</sup> No capítulo um apresentamos que o Museu Escolar Nacional tenha sido formado a partir de doações de objetos por parte de empresas e governos, que estiveram presentes na Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro de 1883, conforme consta no capítulo VI, artigo 29 do Estatuto da Associação Mantenedora do Museu Escolar Nacional. Além do recebimento de coleções da Exposição Pedagógica de 1883, o Museu Escolar Nacional tinha entre suas coleções: documentos legislativos, administrativos, estatísticos relativos à instrução; obras didáticas; construções de edifícios escolares; mobília escolar; instrumentos e aparelhos de ensino (Catálogo da Biblioteca do Museu Escolar Nacional, 1885, pp. 4-8-9).

A.Picart	França	Física  Coleção para projeção luminosa	-  Compra
Saffray	França	Museus escolares	-
Jouvet	França	Globos terrestres e celestes	-
Dieu	França	Globos terrestres e celestes	-
Delagrave	França	Globos terrestres e celestes  Coleções de peças em gesso	-
Pape Carpentier- Delagrave	França	Quadros parietais	Compra
Dorangeon-Delagrave	França	Museus escolares	-
Armengaud- Delagrave	França	Quadros parietais	Compra
Jonhson & Regnard- Delagrave	França	Quadros parietais	Compra
Aux Forges de Vulcain	França	Material para oficina de marcenaria e carpinteiro	Compra
Callewaert	Bélgica	Quadros parietais	Compra
Paravia	Itália	Globos terrestres e celestes  Museus escolares  Quadros parietais	-
Ch. Smith & Son	Londres	Globos terrestres e celestes	-
Baker Pratt & Comp.	Nova York	Globos terrestres e celestes	-
Ch. Velter	Alemanha	Globos terrestres e celestes	-

James Reynold & Son	Inglaterra	Quadros parietais	Compra
Appleton	EUA	Quadros parietais	Compra

Fonte: *Revista Pedagógica*, n. 18, Tomo 3, 1892, p. 324

O relatório indica a presença de objetos de autores e empresas<sup>35</sup> diferentes, a maioria de procedência europeia, especificamente francesa. O tipo de aquisição de alguns desses objetos foi por meio de compra; outros, não se sabe como chegaram ao museu. Pode ser, inclusive, que essas peças sejam do espólio do antigo Museu Escolar Nacional, porém, não foram encontradas documentações que comprovem ou não essa informação. Ao longo da descrição e de outras edições da *Revista Pedagógica*, percebe-se que muitas vezes o então diretor da instituição fez grandes elogios aos produtores e comerciantes desses materiais, fazendo uma espécie de divulgação dessas empresas e incentivando a aquisição de seus produtos, indicando, inclusive, a compra de determinados objetos e o catálogo de venda para tal aquisição.

São apresentadas quais e como as empresas de materiais didáticos eram mencionadas pela documentação do Museu, especialmente pela *Revista Pedagógica* entre 1890 até 1896, fazendo um histórico dessas empresas, pesquisando catálogos de vendas, almanaques de comércio estrangeiros, relatórios de exposições e outros documentos que nos falam sobre suas procedências e sobre os objetos que eram comercializados.

Vimos que a Deyrolle foi responsável por enviar pelo menos 769 peças de História Natural ao *Pedagogium*, talvez, por isso, ela seja uma das empresas mais divulgadas por Menezes Vieira. Na *Revista Pedagógica* n. 4 Tomo I, localiza-se uma breve nota na seção Crônicas do Interior, que entre os objetos recebidos, recomenda especialmente “as preparações do conhecido naturalista Mr. Deyrolle<sup>36</sup>” (1891, p. 251).

Na edição n. 1 de 15 de abril de 1891 do Tomo II da *Revista Pedagógica*, uma nota denominada Museus escolares, cita novamente a Deyrolle, afirmando que os materiais dessa empresa têm servido de modelo aos professores que visitam a instituição e, posteriormente, podem preparar os museus de suas escolas (1891, p. 54).

<sup>35</sup> Das empresas mencionadas no relatório, não foram localizadas maiores informações sobre as francesas Dieu e Jouvét. O Guia de visitantes da Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro de 1883 apresenta alguns indícios sobre as empresas Ch. Velter, James Reynold & Sons já que essas foram expositoras no evento. Sobre a alemã Ch. Velter, sabe-se que além de materiais geográficos, ela vendia modelos anatômicos para o estudo do corpo humano, objetos para o ensino de história natural e objetos para o ensino de física. (1883, p.352) A empresa inglesa James Reynold & Sons vendia diagramas astronômicos, geológicos de História Natural, geométricos, geográficos e de estudos da Física (1883, p. 400).

<sup>36</sup> Nos anexos constam um pequeno histórico dos catálogos dessa empresa e suas diferentes temporalidades.

O incentivo e a divulgação dos museus escolares como modelo foi feito novamente pela *Revista Pedagógica*. Na edição de 15 de maio de 1891 n. 2 Tomo II, a seção de Crônicas do interior publicou nova nota a respeito dos museus escolares, afirmando que o ideal seria que tais recursos pedagógicos fossem montados pelos professores individualmente e, para isso, os museus escolares Deyrolle presentes no *Pedagogium* seriam um importante guia nessa tarefa (1891, p. 135).

A divulgação dos materiais Deyrolle acontecia também nas conferências temáticas oferecidas pelo museu. A *Revista Pedagógica* n. 18 de 15 de agosto de 1892 Tomo 3 informa que as conferências de agronomia realizadas pelo museu contavam com o auxílio dos instrumentos agrícolas, dos espécimes do Museu Deyrolle e de quadros parietais (1892, p. 365).

Todas as recomendações, elogios, e divulgações dos materiais Deyrolle foram feitos pelo diretor Menezes Vieira nos anos em que esteve à frente da direção do museu. Nota-se que não se tratava de simples informações sobre a presença de tais materiais na instituição, já que existia uma clara intenção de apresentar esses materiais e essa casa aos professores.

Segundo informações do site institucional, atualmente conhecida como Deyrolle Nature Art Education<sup>37</sup>, a casa ainda está em funcionamento. Foi criada em 1831 por Jean-Baptiste Deyrolle e repassada posteriormente para seu filho Achille. Inicialmente, a empresa era voltada para venda de insetos e equipamentos de caça para a coleção de História Natural, além de desenvolverem atividades de taxidermia. Em 1866, Émile Deyrolle assume a direção da empresa criada por seu avô, continuando a atividade de taxidermia e desenvolvendo a venda de equipamentos de caça e coleta de inseto, finalmente inserindo a venda de obras especializadas em flora e fauna.

A partir de 1871, a empresa passou a investir na área educacional, produzindo também todo tipo de material didático para aulas, mobiliário escolar, modelos anatômicos, instrumentos de Física, placas de vidro fotográfico, peças de Biologia e quadros parietais.

Em 1888, Émile Deyrolle instalou seu escritório e lojas na 46 rue du Bac e, a partir de então, a empresa expandiu sua atuação na área educacional, vendendo material científico. Segundo informações do site institucional, os materiais Deyrolle chegaram a mais de 120 países. Em 2001, a empresa foi comprada por Louis Albert de Broglie, que

---

<sup>37</sup> Todas as informações sobre essa empresa foram retiradas do site da própria instituição: <https://www.deyrolle.com/histoire/historique-de-la-maison-deyrolle/naissance-la-famille-deyrolle>

reforçou o caráter educacional reeditando e comercializando placas antigas e reconstituindo coleções. Animais taxidermizados continuam sendo comercializados, porém não são mais frutos de caças, mas sim, trazidos de zoológicos após falecimento por velhice ou doença.

A divulgação empresarial não se restringiu apenas para Deyrolle, Menezes Vieira fez elogios também aos objetos das empresas Ch. Noé Constructeur e a A.Picart. No relatório do então diretor, consta que essas empresas eram fornecedoras das escolas normais e dos liceus franceses e, segundo Menezes Vieira, os objetos dessas empresas “demonstram a incontestável superioridade da indústria francesa” (*Revista Pedagógica*, n. 18, Tomo 3, 1892, p. 326).

Ainda de acordo com o diretor da instituição, na aquisição de instrumentos de Física devia-se dar preferência aos fabricantes mais conscienciosos e não se deixar seduzir pela aparência ou preços (*Revista Pedagógica*, n. 18, Tomo 3, 1892, p. 327).

De acordo com o *Laboratorium Begara*<sup>38</sup>, a casa Ch. Noé foi fundada por Charles-François Noé, em 1862, e era uma empresa voltada para a fabricação de instrumentos científicos, permanecendo ativa até 1930. Nos anos finais da década de 1870, as instalações crescem e se desdobram em duas filiais, uma na 8 rue Amyot e outra oficina na 9 rue Laromiguière, estabelecendo-se dessa maneira como uma empresa de construção de instrumentos de precisão. Recebeu uma medalha de ouro na Exposição Universal de Paris de 1889, a partir de então aumentou a produção de material científico para o ensino e experimentação, especializando-se na produção de instrumentos científicos eletrostáticos, eletromagnéticos e dispositivos para a produção de raio X.

O relatório de Menezes Vieira faz uma descrição separada para os materiais adquirido da A. Picart. Segundo o diretor, a aquisição do material completo para a projeção luminosa, deu-se pela modernidade dos objetos oferecidos por essa empresa. Dessa forma, de acordo com o diretor, o *Pedagogium* poderá realizar importantes sessões do mesmo gênero de outros países (*Revista Pedagógica*, n. 18, Tomo 3, 1892, p. 327).

A empresa A. Picart<sup>39</sup> foi fundada por Alexandre August Picart e funcionou entre 1875 e 1907, conhecida inicialmente como A. Picart produzia instrumentos de ótica, estava situada na 20 rue Mayet, podendo ser encontrada na documentação também como Picart et Fils.

---

<sup>38</sup> Cf. <https://www.laboratorium.eus/es/ekoizle/ch-noe-constructeur-dinstruments-de-precision>. Acessado em 17 jul. 2020

<sup>39</sup> Cf. <http://microscopist.net/PicartA.html>. Acessado em 17 jul. 2020.

Segundo o *Annuaire-almanach du commerce, de l'industrie, de la magistrature et de l'administration* de 1901, a empresa fabricava instrumentos para ciência, ótica, polarização, iluminação, projeção, microscópios solares e elétricos, luz oxídrica, espectroscópios de todos os gêneros. Foi premiada com uma medalha de prata na Exposição Internacional do Centenário de 1888, em Melbourne, na Austrália, com uma de ouro e mais duas de prata pela Exposição Universal de 1889 de Paris, e recebeu mais dois prêmios na Exposição de Bruxelas, em 1897.

Os museus escolares Saffray também foram recomendados pela *Revista Pedagógica*. Assim como no caso da Deyrolle, os museus Saffray deveriam servir de modelos ou guias para os professores (*Revista Pedagógica*, n. 2, Tomo 2, 1891, p. 135). Os museus escolares Saffray eram organizados pelo Dr. Charles Saffray (1833-1890), médico, botânico e professor de fisiologia.

O professor Saffray organizou modelos de museus escolares que poderiam ser adquiridos por meio da compra de casas de materiais didáticos. D'Ascenzo (2018, p. 944) identificou que uma das coleções assinadas pelo professor francês, a *Saffray Collection Natural Sciences Industries*, era composta por dez caixas contidas em um armário de madeira carvalho e poderia ser comprada na sua totalidade ou vendido separadamente por assunto: do reino animal que tinha 203 objetos organizados em duas caixas; do reino vegetal com 439 objetos divididos em quatro caixas; e ginástica sensorial com 144 objetos em uma caixa; o material acompanhava um manual explicativo.

O *Catalogue Raisonné ou Musée des écoles – comprenant le matériel nécessaire pour les, leçons de choses et l'enseignement des sciences naturelles* de 1885 era produzido pelo próprio Saffray. O manual explicava detalhadamente cada uma das peças que o compunha, dessa forma, se adquirisse só uma parte do museu, em outro momento era possível comprar os objetos restantes e completar a coleção. A seguir, vê-se um modelo de museu escolar organizado por Saffray. Na imagem ilustrativa da peça, vemos que o museu escolar poderia ser montado num móvel de gavetas, onde constam os assuntos em cada uma dessas partes. No topo do armário, vemos por quem o museu era organizado e por quem ele era vendido. Essa peça especificamente era produzida Hachette & Cia<sup>40</sup>.

---

<sup>40</sup> A Librairie Hachette & Cie foi fundada em 1826 em Paris sendo quem em 1864 tornou-se a primeira editora europeia em livros escolares. Em 1870 era um monopólio de livros didáticos e em 1896 já possuía cerca de 1.200 bibliotecas. Assumiu as coleções escolares de outra editora francesa a Armand Colin em 1900 e continua sendo atualmente uma grande editora de livros na França distribuindo milhões de livros

Observando essa tipologia de museu escolar, percebe-se que o intuito de Menezes Vieira ao indicá-lo como modelo é que os objetos de sua composição não necessariamente deveriam ser os mesmos, ao contrário disso, poderiam ser escolhidos por professores e alunos formando dessa forma museus escolares particulares e variados de acordo com o interesse de cada professor. Mas o interessante dessa peça é que não era obrigatório ser adquirida de maneira completa, o professor poderia escolher a peça que desejasse, de assunto e quantidades variadas. A seguir, na ilustração, vemos que tipo de objeto compunha o Museu Escolar Saffray: uma coleção de ginástica dos sentidos; produtos de animais vertebrados; produtos de animais vertebrados e invertebrados; produtos da floresta; produtos têxteis; produtos de mineralogia; cerâmicas, fósseis e combustíveis; minerais e metais.

**Figura 22** – Museu Escolar Saffray. 1885



Fonte: Catalogue Raisonné ou Musée des écoles – comprenant le matériel nécessaire pour les, leçons de choses et l’enseignement des sciences naturelles de 1885.

por ano. Cf. [https://fr.wikipedia.org/wiki/Hachette\\_Livre](https://fr.wikipedia.org/wiki/Hachette_Livre). Acessado em 25 jul. 2020; <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb118764627>. Acessado em 25 jul. 2020.

As Revistas Pedagógicas fazem breves menções sobre a empresa francesa Delagrave. Na primeira menção, é citado o recebimento de edições do “afamado editor Mr. Delagrave” (*Revista Pedagógica*, n. 1-2, Tomo 1, 1890, p. 251).

A segunda menção sobre a empresa é localizada no relatório de Menezes Vieira, ao registrar os materiais geográficos do museu, afirmando que os globos terrestres e celestes da Delagrave e de outras empresas são uma preciosidade (*Revista Pedagógica*, n. 18, Tomo 3, 1893, p. 331).

Fundada em 1865, por Charles Delagrave <sup>41</sup>, a casa era especializada na venda de material científico, educacional e especialmente de livros escolares. A empresa foi vendida em 1995 para Flammarion e depois para Abin Michel, em 2010. Podem ser encontradas informações sobre essa empresa pelos nomes: Delagrave, Ch Delagrave et Cie, Delagrave & Cie, Charles Delagrave, Editions Delagrave, Librairie Delagrave.

Segundo o relatório da Exposição Universal de Saint-Louis de 1904, a livraria Delagrave expandiu o escopo de suas publicações. Até então, seu catálogo tinha mais de 5 mil volumes assinados por pessoas famosas da educação, publicava uma média de 150 volumes e colocava mais de um milhão de cópias em circulação, sendo que os livros de Educação Primária estavam em todos os colégios da França. O documento afirma ainda que a casa Delagrave também tinha um departamento de materiais escolares, fabricados pela empresa em larga escala, produzindo desde objetos pequenos, até mesas e bancos de classes (Ministère du Commerce, de l'industrie, des postes et des télégraphes. Exposition internationale de Saint-Louis (USA) 1904, p. 61).

Segundo o anuário do comércio francês, entre os materiais de especialidade da casa, estavam os relógios geográficos e relógios cosmográficos (*Annuaire-almanach du commerce, de l'industrie, de la magistrature et de l'administration* de 1901, p. 4817).

De acordo com o catálogo de venda da empresa de 1886, a Delagrave vendia onze tipos de globos terrestres e celestes: levasseur; perigot et moureux; larochette et bonfont; parquet; celeste Simon; terrestre scolaire perigot; elementaire larochette et bonfont; miniature globes ardoises; montes cosmographique Hernard (*Catalogue special, Mobilier, Materiel Scolaires et accessoires de classes, Librairie Delagrave*, 1886).

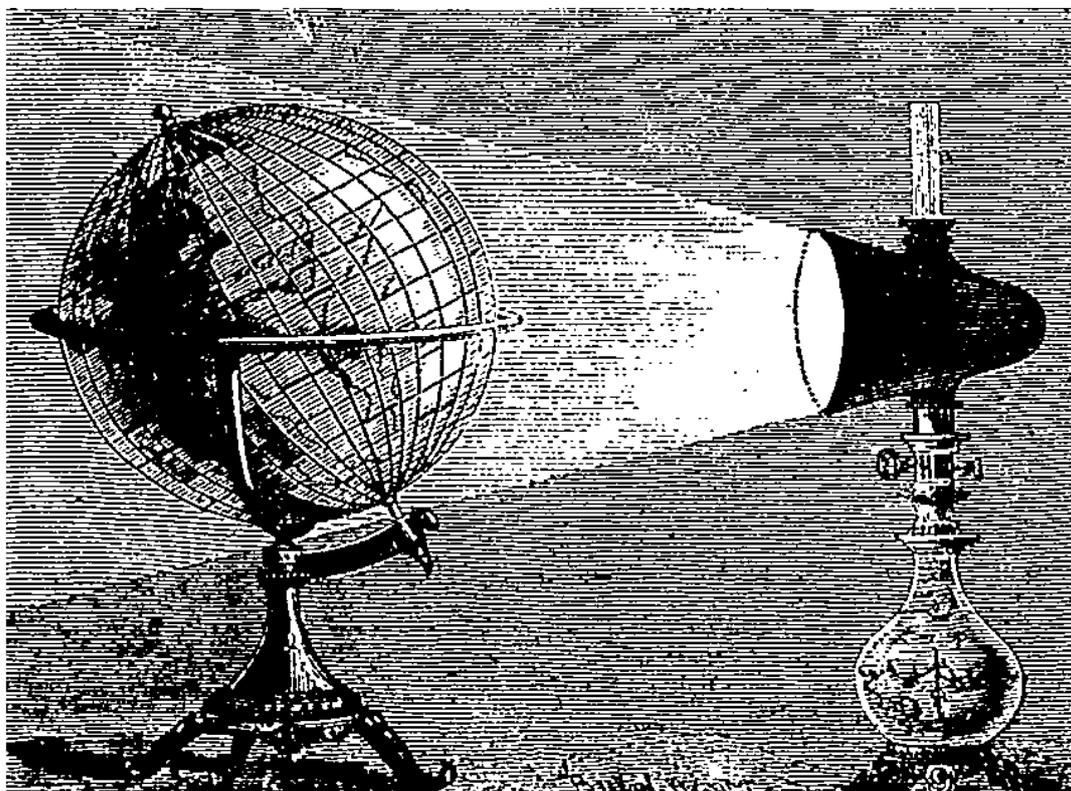
De acordo com o catálogo da empresa, o globo terrestre Levasseur, por exemplo, era vendido em dois tamanhos diferentes e seria usado de acordo com a

---

<sup>41</sup> Cf. <https://www.britishmuseum.org/collection/term/BIOG199625>. Acessado 15 jul. 2020.

ilustração do catálogo, já que o professor deveria adquirir junto com o globo terrestre alguns acessórios:

**Figura 23** – Globo terrestre Levasseur Delagrave. 1892



Fonte: Catálogo de mobília e material escolar Delagrave, 1892, p. 80.

Os acessórios para serem utilizados junto com o globo terrestre eram vendidos em quatro kits distintos. Dentre os acessórios, o professor poderia adquirir: um círculo com planta eclíptica; os signos do zodíaco; os meses e as estações do ano; um abajur de formato cônico; bonecos de chumbo para demonstrar as descobertas pelo globo terrestre, entre outros (Catálogo de mobília e material escolar Delagrave, 1892, p. 80).

É interessante notar como a empresa criou a necessidade de aquisição dos acessórios para ter o equipamento completo da maneira como está divulgado na imagem. Comprar o globo terrestre tal qual o catálogo indica estava condicionado à aquisição de kits vendidos separadamente, com valores distintos entre si. Para se ter o equipamento da foto, era necessária a aquisição do kit completo, portanto, do tipo mais caro. Para Mora (2018, p. 71), essa é uma estratégia comum de alguns catálogos de vendas de materiais didáticos. Segundo o pesquisador esses catálogos indicavam os professores o que fazer, como ensinar e como adquirir essas peças, a partir disso, o professor readaptava seu uso.

No caso, entende-se que a Delagrave mostra o objeto completo em uso, mas separa kits de vendas apartados para que o professor compre aqueles que lhe interessem de acordo com os seus objetivos de ensino. Esse movimento não deixa de ser uma tentativa de interferência pedagógica na prática de professores e uma indicação de temas que poderiam ser desenvolvidos.

A Delagrave comercializava também objetos de autoria de especialistas da educação. Esse foi o caso da produção de materiais de autoria da professora francesa Marie Pape Carpentier, cujo quadros parietais foram adquiridos pelo *Pedagogium*.

Segundo D'Ascenzo e Vignoli (2008 p. 16), Carpentier foi uma das responsáveis por disseminar o método intuitivo pela Europa, compartilhando sua prática de atuação nas classes do jardim de infância, mostrando como ensino poderia ser mais produtivo partindo do concreto. Percebe-se que, em semelhança com o professor Saffray, Carpentier, na verdade, era a autora da coleção, no caso de quadros parietais, e não uma empresa fabricante ou fornecedora.

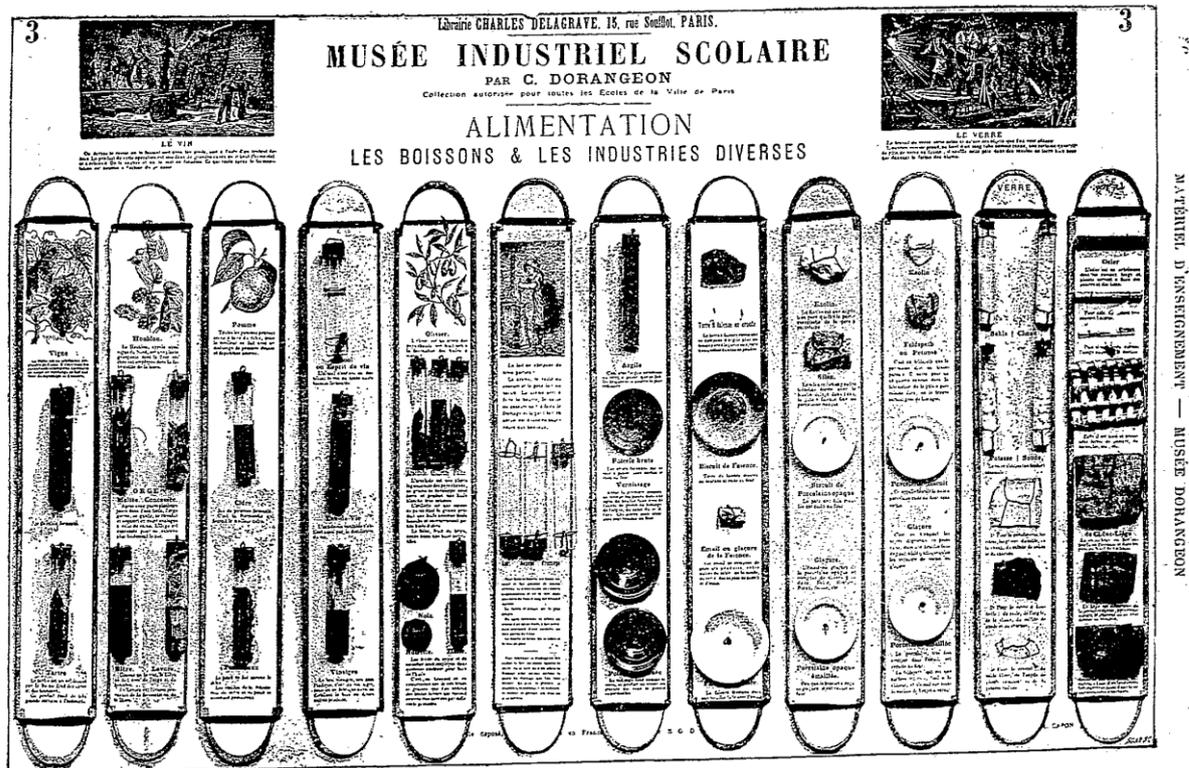
Porém Carpentier não produzia somente quadros parietais. A casa Delagrave vendia o chamado Material Especial de Marie Pape Carpentier. Esse material era composto por livros e objetos: um caderno de notícias sobre a educação e instrumentos pedagógicos; instrumentos pedagógicos; demonstrações aritméticas e métricas; peças geométricas e sólidos (Catálogo de mobília e material escolar Delagrave, 1892, p. 42).

Assim como os museus escolares Saffray e Deyrolle, os modelos Dorangeon também são indicados como guia que deveriam ser seguidos por professores (*Revista Pedagógica*, n. 1, Tomo 2, 1891 p. 54).

Desenvolvido pelo professor de tecnologia industrial A. M. Dorangeon, os museus escolares de sua autoria foram vendidos pela Delagrave, podendo ser comprado pelo nome de “Museu industrial escolar Dorangeon” (Archives de la Chambre de Commerce de Rouboaix XXII, 1897, p. 192).

O catálogo de venda da empresa Delagrave (1898, pp. 56-57), que também editava os materiais do professor Dorangeon, informa detalhadamente como era formado esse produto. O museu industrial escolar Dorangeon era composto por 12 pranchas em cartão divididos em quatro assuntos: 3 pranchas de alimentação; 5 pranchas de vestimentas; 3 pranchas de habitação e uma prancha sobre necessidades intelectuais. Assim como o museu escolar Saffray, o exemplar organizado pelo professor Dorangeon também poderia ser adquirido em conjunto com um manual explicativo sobre o material vendido.

Figura 24 – Museu Industrial Escolar Dorangeon. 1892

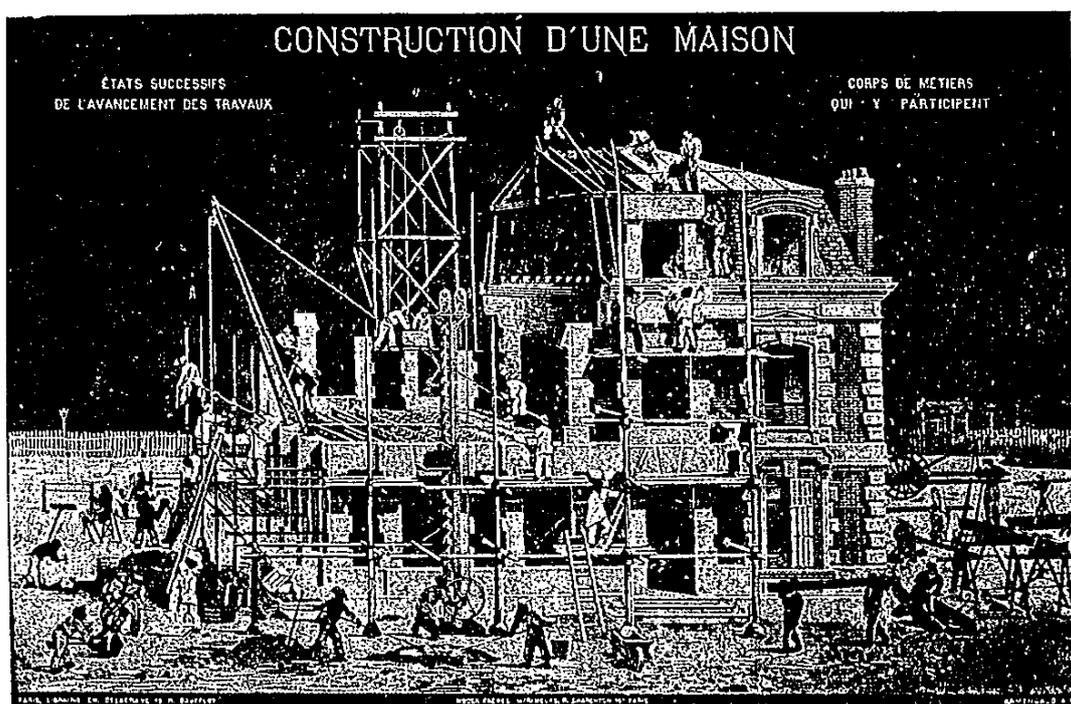


Fonte: Catálogo de materiais Delagrave, 1892.

O *Pedagogium* adquiriu também os quadros parietais produzidos pelo engenheiro Armengaud. No relatório sobre os materiais coletivos para escolas do 2º grau, escrito por Menezes Vieira, o então diretor do museu fez uma lista de materiais os quais as escolas de segundo grau deveriam adquirir. Dentre esses materiais, indicou os quadros murais decorativos de Armengaud, especificamente editados pela empresa Delagrave (*Revista Pedagógica*, n. 4, tomo 1, 1891, p. 257).

Segundo o catálogo de venda Delagrave (1892, p. 55), Armengaud era engenheiro e ex-aluno da escola de Artes e Manufaturas, e produziu uma coleção chamada “Quadros de educação escolar e pinturas decorativas”. A coleção de quadros produzidas por Armengaud era composta por: uma coleção sobre habitação com 7 grandes quadros e 11 quadros simples; e uma coleção sobre agricultura e indústria; sobre história natural e sobre lições de coisas.

**Figura 25** – Quadros de educação escolar e pinturas decorativas Armengaud. 1892



Fonte: Catálogo de materiais Delagrave 1892.

O quadro da coleção exibido pelo catálogo de venda representava a construção de uma casa. É possível identificar duas informações impressas: a do lado esquerdo informa que o quadro retrata estados sucessivos de progresso de trabalho, já a frase do lado direito informa quem são as partes envolvidas nesse processo. Isso significa compreender que as frases impressas no quadro dão indicativos do que se deve ter atenção ao observar esse objeto. O professor poderia, portanto, discutir com seus alunos as fases da construção de uma casa e quem estaria envolvido nesse processo.

O relatório indicativo de materiais escolares do segundo grau de Menezes Vieira indicou também a aquisição dos quadros murais organizados pelo professor Paul Regnard, diretor adjunto da escola de autos estudos e pelo pintor Henry Johnson, editados pela Delagrave (*Revista Pedagógica*, n. 4, Tomo 1, 1891, p. 257).

Os quadros murais de anatomia e fisiologia Johnson & Regnard editados pela Delagrave eram organizados em duas séries de assuntos diferentes. A primeira série era composta por quadros sobre: corpo aberto e face; esqueleto e diagrama. Já a segunda série de quadros abordava os seguintes temas: cérebro, coração, denteição ouvido, laringe e olhos (Catálogo de materiais Delagrave, 1892, p. 55).

Percebe-se que a empresa francesa Delagrave não editava somente livros, mas sim, trabalhos desenvolvidos por professores e especialistas não somente da educação.

Isso significa que nem sempre a empresa é a autora daquele objeto vendido. E muitas vezes esses objetos são referenciados pelo seu autor, e não pelo seu editor, como no caso dos quadros Carpentier, Dorangeon, Armengaud e Johnson & Regnard, citados nas Revistas Pedagógicas. Embora no caso desses autores em específico, Menezes Vieira tenha feito questão de mencionar a editora Delagrave. Nesse caso, existe uma propaganda dupla, do trabalho desses autores e da empresa que os editava e comercializava.

Finalizando a lista de autores e empresas francesas, identifica-se uma empresa de produção de materiais bastante diferente das relacionadas até agora. A coleção de objetos para carpintaria e marcenaria da sala de trabalhos manuais do *Pedagogium* foram adquiridos da empresa francesa Aux Forges de Vulcain. São poucas as informações a respeito dessa empresa e não há outras menções nas Revistas Pedagógicas, a não ser a única informação de compra de uma importante fornecedora de escolas francesas (*Revista Pedagógica*, n. 18, Tomo 3 n. 18, 1893, p. 332).

Segundo o Anuário do Comércio francês, a empresa era especializada na venda de: ferragens, aços, lima, cobre, fios de ferro, aço e latão, pedras de amolar e pedras de toda a natureza, ferramentas para artes e fábricas, torres e acessórios para oficinas e amadores, fabricação de ferramentas de carpinteiros e serras mecânicas (*Annuaire-almanach du commerce, de l'industrie, de la magistrature et de l'administration de 1901*, p. 2408).

Analisando o catálogo da empresa, identifica-se que Emile Chouanard era o engenheiro administrador e Henry Bres-Chouanard era o diretor geral da Aux Forges de Vulcain também conhecida como uma sociedade anônima francesa, sendo que a produção da casa poderia ser adquirida em quatro magazines em cidades distintas da França: Paris, Lyon, Bordeaux e Lille. No cartaz de venda ilustrado a seguir, percebe-se que a empresa era especialista a venda de máquinas diversas, não era uma empresa de venda de materiais didáticos, mas de objetos que poderiam ser utilizados para demonstração ou para práticas então escolarizadas, era o caso da oficina de trabalhos manuais do Museu.

Figura 26 – Catálogo Aux Forges de Vulcain. 1923

**AUX FORGES DE VULCAIN**  
 SOCIÉTÉ ANONYME AU CAPITAL DE 6.000.000 DE FRANCS  
 SIÈGE SOCIAL : 3, RUE SAINT DENIS, PARIS

**OUTILLAGE MECANIQUE**  
 FILETAGE  
 PERÇAGE  
 TARAUDAGE  
 ALÈSAGE  
 AJUSTAGE  
 TRAÇAGE  
 MESURAGE  
 CALIBRAGE  
 FRAISAGE

**APPAREILS DE LEVAGE ET DE MANUTENTION**  
 CRICS  
 VÉRINS  
 PALANS  
 TREUILS  
 MOUFLES  
 GRUES  
 PONTIS ROULANTS

**SOUDURE ELECTRIQUE**  
 MATERIEL PNEUMATIQUE  
 INSTALLATION de HAUTS-FOURNEAUX  
 ACIERIES  
 FONDERIES  
 LAMINOIRS  
 TREFILERIES  
 ETC... ETC...

**MACHINES-OUTILS**  
 MACHINES-OUTILS PERFECTIIONNÉES  
 POUR LE TRAVAIL DES MÉTAUX  
 MACHINES-OUTILS POUR LE TRAVAIL DU BOIS

**FORGES ET OUTILLAGES DE FORGE**

**MAISONS et MAGASINS de VENTE**  
 PARIS 3, Rue St Denis. Tel. Gutenberg 44-43, 44-49, 44-62  
 203 Av. du Prt Wilson. In Plaine St Denis. Tel. Nord 11-83  
 LYON 1-3 5, Place de l'Abondance. Tel. Vaudrey 2-23, 26-25  
 BORDEAUX 4, Rue Buhan. Tel. 31-21  
 LILLE 27, Rue Deschoot. Tel. 25-15

**EMILE CHOUANARD**  
 Ing. A. & M. et E. C. P. Administrateur  
 HENRY BRES-CHOUANARD  
 Ing. E. C. P. et E. S. E. Directeur General

**DEMANDEZ NOS CATALOGUES ENVOI FRANCO**  
 E. ARNAUD et MAQUARD, PARIS

PARIS. — IMP. E. DESPOSSÉS.

Fonte: Catálogo Aux Forges de Vulcain, 1923.

A coleção de quadros parietais foi formada também pelos produtos da casa belga Callewaert. De acordo com o relatório da Exposição de Paris de 1878 (1878, p. 934), a casa Callewaert exibiu nessa exposição: uma série completa de atlas de Geografia política e física; dois dicionários holandês-francês e francês-holandês; vários livros escolares utilizados em escolas primárias da França; um método completo de escrita comercial e administrativa; coleções industriais de linho, algodão, lã, seda couro, papel; uma coleção de minerais; álbum Humanité et barbarie; atlas de zoologia; um dispositivo de suporte de cartão, modelo especial contendo cartões magníficos; consoles de regulação.

Ainda segundo o relatório da Exposição de Paris (1878, p. 935), a casa Callewaert foi fundada em 1853 pelos irmãos Callewaert e era uma das mais importantes

do gênero na Bélgica, sendo que seus materiais alcançaram a Holanda, Alemanha, oeste e norte da França. Inicialmente, a casa vendia objetos e suprimentos clássicos como papel, caneta, tinta, cadernos de escrita, ardósia, lápis, quadro-negro, cadeira de escola, ábaco e contadores. Com o crescimento da empresa, a casa se especializou na série de atlas geográficos de todos os tamanhos e preços. O documento finaliza a descrição sobre a empresa afirmando que a casa Callewaert ganhou uma medalha de prata pelo júri da Exposição de Paris (1878, p. 936).

Quebrando a hegemonia francesa de divulgação, foi localizado uma menção de divulgação dos museus escolares da empresa italiana Paravia na *Revista Pedagógica*. Assim, como os demais museus escolares citados, a indicação do periódico do Museu é de que as caixas da Paravia deveriam servir de guia e modelos para professores (*Revista Pedagógica*, n. 2, Tomo 2, 1891, p. 135).

De acordo com as informações do Museo Torino<sup>42</sup>, a empresa nasceu em 1802 quando Giovanni Batista Paravia (1765-1826) assumiu a Tipografia Avondo, dedicando-se a textos religiosos e escolásticos. Segundo Bianchini (2008, p. 2), as atividades da empresa continuaram pela direção do filho do fundador Giorgio Paravia, quando a empresa aumentou a atuação no mercado escolar.

A partir de 1850, após a morte de Giorgio e sob a direção de Innocenzo Vigliardi, que até então era um tipógrafo especialista assistente da loja, a empresa passou a se chamar G. B. Paravia e se concentrou na produção de livros escolares de gramáticas, antologias, livros de Aritmética, Geometria, textos científicos e manuais de desenho; e apesar da concorrência em Turim, a empresa abriu filiais em Milão (1860), Florença (1864) e Roma (1870) (Bianchini, 2008, p. 2).

Ainda segundo Bianchini (2008, p. 2) após a unificação da Itália, a casa Paravia controlava o mercado nacional, tanto nas escolas primárias quanto nas escolas secundárias, ampliando a diversidade de produção de materiais para a produção de alfabetos, ábacos, murais de história natural e, sobretudo, mapas geográficos e globos.

Entre os anos de 1914 e 1915, a editora controlava cerca de 12% do mercado nacional, na década de 1930 a empresa abandonou a tipografia passando a se dedicar à área editorial e ampliou a produção de materiais didáticos e científicos da escola primária para a secundária, sendo que em meados de 1962 a empresa passou a se dedicar exclusivamente ao Ensino Médio. Em 2000, a Paravia associou-se à editora milanese

---

<sup>42</sup> cf. <http://www.museotorino.it/view/s/711631f47c004a09b5d48afdb2459324>. Acessado em 16 jul. 2020

Bruno Mondadori, fundando o Grupo Paravia-Bruno Mondadori; em 2006, ingressou no grupo Pearson e sua produção está voltada desde a infância até a universidade (Bianchini, 2008, p. 3).

Ainda dentro dos fornecedores de globos terrestres e celestes europeus, a empresa londrina Ch. Smith & Son<sup>43</sup> era uma das empresas que assinava esse tipo de material do Museu. Charles Smith era produtor e vendedor de mapas e globos em Londres, por volta de 1800. Entre 1827 e 1852, a venda desse tipo de material foi feita pela empresa Charles Smith & Son; a partir de 1853, dirigida por William Smith, a empresa passou a se chamar Smith & Sons. Então, passa a produzir grande número de mapas, globos e atlas, todos caracterizados por gravuras lúcidas, finas e coloridas.

Saindo do cenário europeu, a norte-americana Baker Pratt & Comp. também assinou parte do material geográfico do Museu. Com sede na cidade de Nova York, a empresa vendia mesas, cadeiras, globos, borrachas, armários de livros, materiais de papelaria, canetas, lápis, capas de livros, sinos, relógios, materiais de ginástica, tinta, entre outros (Catálogo Ilustrado Baker Pratt & Comp., 1879).

O Catálogo ilustrado da empresa (1879, p. 47) destaca a importância dos globos terrestres e afirma que essa peça era como um bom dicionário que o professor precisava ter por perto, ratificando que o ensino por meio de objetos era algo indispensável. O documento registra, ainda, que as imagens são as melhores formas para educar os jovens, mas que o globo era mais do que uma imagem, era um objeto tangível a ser manipulado. Dessa forma, o catálogo afirma que nenhum mapa pode substituir o globo, já que ele mostra as posições relativas de países e lugares em suas respectivas latitudes e longitudes.

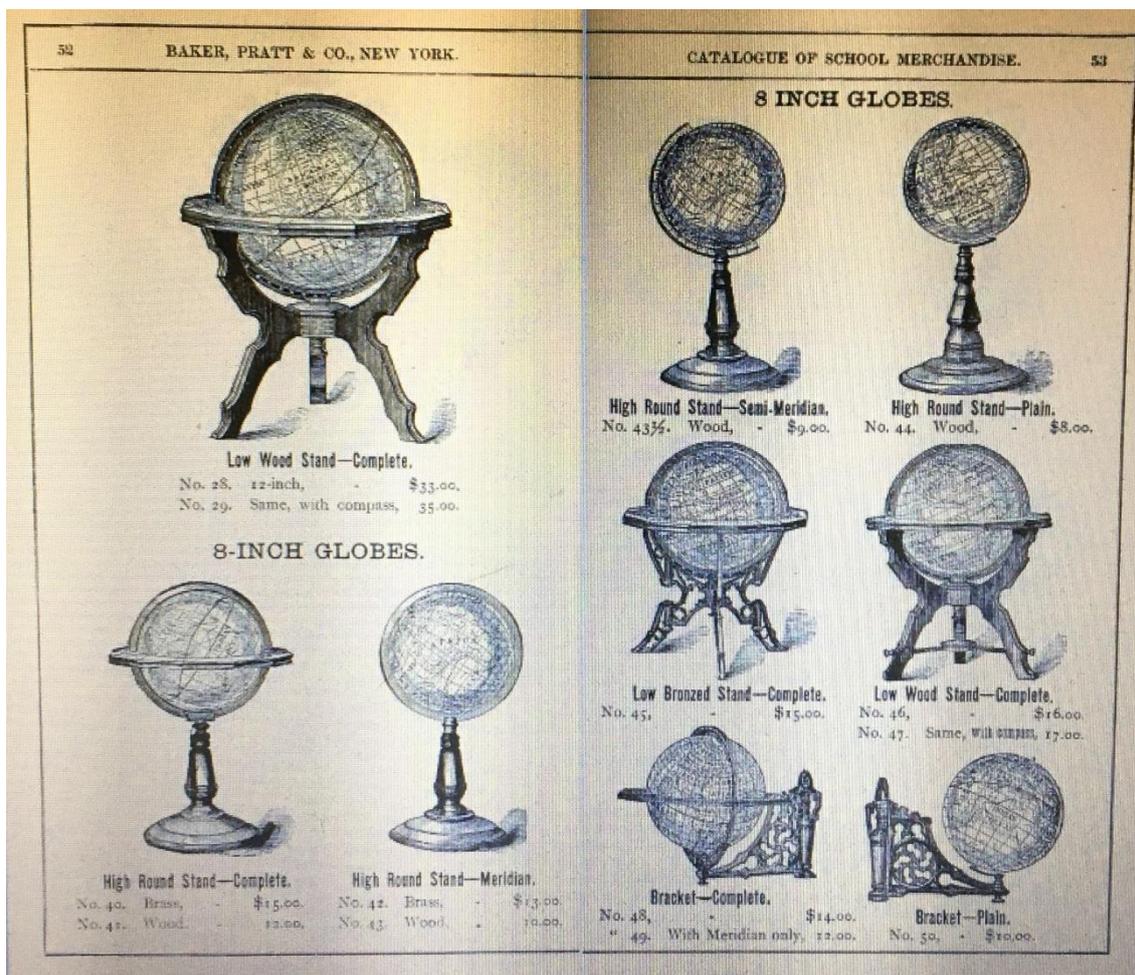
A descrição sobre os globos terrestres produzidos pela casa segue informando que eram vendidos muitos estilos incluindo globos de bibliotecas e globos esféricos para o estudo de geometria. Todos eles apresentavam as seguintes vantagens: mostravam as últimas mudanças políticas e as principais características topográficas; contornos naturais e divisões políticas; correntes oceânicas; eram feitos de papel machê e cobertos por um produto que dificilmente seria quebrado; eram impermeáveis a água, podem ser limpos com um pano úmido ou esponja (Catálogo ilustrado Baker Pratt & Comp. 1879, p. 48).

A seguir uma amostra dos modelos vendidos pela empresa:

---

<sup>43</sup> cf. <https://www.abebooks.com/SMITH%C2%92S-TERRESTRIAL-GLOBE-Containing-Recent-Discoveries/4857542387/bd>. Acessado 16 jul. 2020.

**Figura 27** – Coleção Globos Terrestres Baker Pratt & Comp. 1879

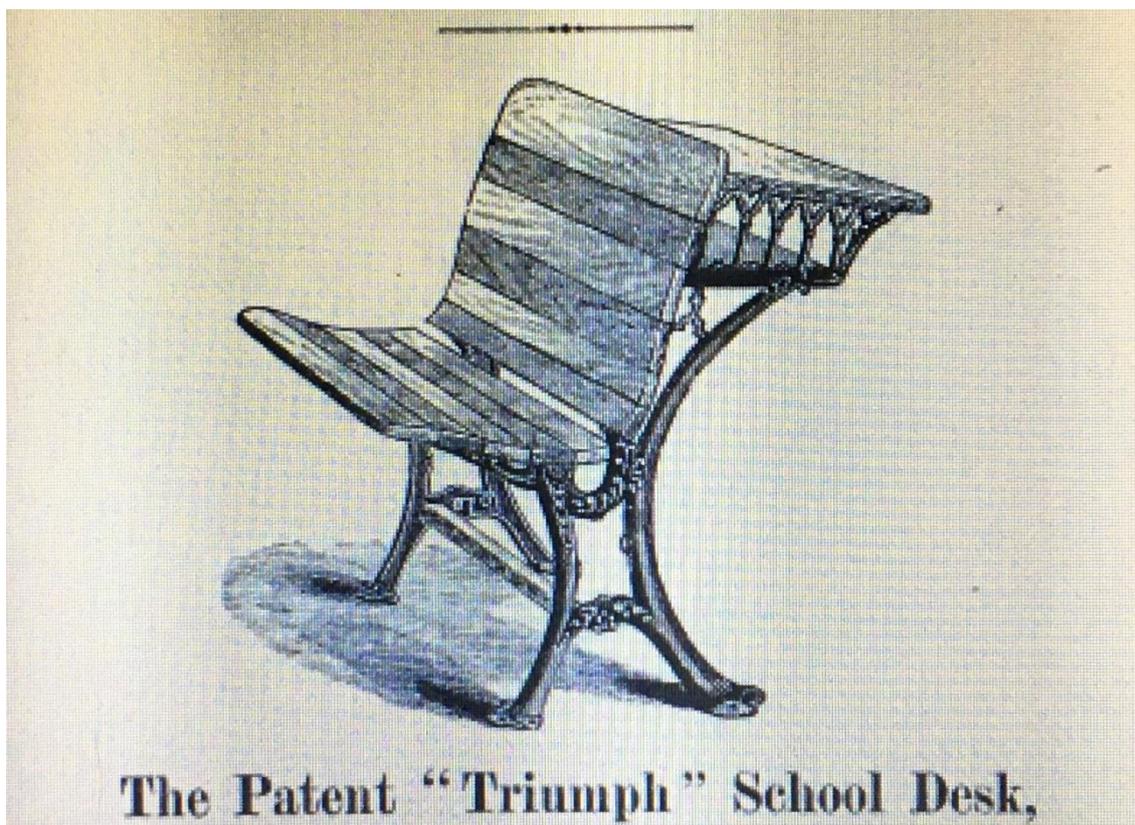


Fonte: Catálogo ilustrado Baker Pratt & Comp. 1879, pp. 52-53.

No relatório sobre o material coletivo para as escolas do segundo grau, Menezes Vieira indicou em primeiro lugar os bancos-escrivaninhas para um aluno, do modelo chamado “Triumph School Desk” da empresa Baker Pratt (*Revista Pedagógica*, n. 4, Tomo 1, 1891, p. 257).

De acordo com o catálogo de vendas da empresa, o modelo de carteiras Triumph School Desk era usado em milhares de salas de aula e estão de acordo com todas as reivindicações de formatação. Foram vendidas ao público pela primeira vez em 1870, tendo a sua forma aprimorada em 1875. Recebeu o prêmio por resistência, durabilidade e boa forma da Exposição do Centenário da Filadélfia em 1876 e da Exposição de Paris de 1878 foi a única que recebeu uma menção honrosa (Catálogo ilustrado Baker Pratt & Comp. 1879, p. 15).

**Figura 28** – Triumph School Desk Baker Pratt & Comp. 1879



Fonte: Catálogo ilustrado Baker Pratt & Comp. 1879, p. 9.

As primeiras dezesseis páginas do catálogo de vendas de material da empresa tratam dos modelos de bancos-escrivainhas Triumph: school desk; box desk; normal ou collegiate desk; study desk.

O catálogo descreve com minúcias cada produto de venda, indicando especialmente o modo como os bancos eram fabricados, um diferencial que configurava em maior durabilidade da aquisição. Segundo o catálogo, a linha Triumph school desk era mais forte e durável, sendo os seus assentos e encostos tão curvos que permitiam o aluno manter uma postura ereta e saudável para executar seu trabalho com conforto e facilidade<sup>44</sup> (Catálogo ilustrado Baker Pratt & Comp. 1879, pp. 9-10).

O relatório indicativo de Menezes Vieira citou também limpadores para quadro negro de modelo Alpha Patent Chamois Eraser fabricados pela Baker Pratt (Revista Pedagógica, n.4, Tomo 1, 1891, p. 257).

---

<sup>44</sup> Sobre o uso e configuração de carteiras escolares ver o trabalho: Por uma história econômica da escola: a carteira escolar como vetor de relações (São Paulo, 1874-1914) escrito pela Profa. Dra. Wiara Rosa Rios Alcântara.

Segundo o catálogo de venda da empresa, seus modelos de limpadores de quadro eram os melhores do mercado, isso porque eram confeccionados com a melhor borracha, tinham tamanho adequado e eram duráveis. Ainda segundo informações da empresa, os modelos da Patent Eraser eram exigidos em todas as partes dos Estados Unidos sendo que a Baker Pratt recebia grandes encomendas de outras fabricantes que afirmavam a qualidade de seus produtos (Catálogo ilustrado Baker Pratt & Comp. 1879, p. 69).

Os modelos de limpadores eram feitos de tecido, pela maneira como eram produzidos limpavam a placa por completo sem desgastar o apagador, eram facilmente limpos quando batidos levemente e, por fim, de acordo com a empresa, deixariam a sala de aula livre por completo da poeira de giz (Catálogo ilustrado Baker Pratt & Comp. 1879, p. 69).

**Figura 29** – Limpadores Eraser Baker Pratt & Comp. 1879



Fonte: Catálogo ilustrado Baker Pratt & Comp. 1879

A empresa que encerra a lista também é dos Estados Unidos. A editora de livros e quadros parietais D. Appleton & Company <sup>45</sup> que foi fundada por Daniel Appleton, em 1831, e vendia artigos em geral e livros. A editora publicou livros de cientistas contemporâneos como Herbert Spencer, John Tyndall, Thomas Huxley e Charles Darwin.

O catálogo descritivo de livros didáticos da empresa, o *School, Academic and Collegiate* (1871, p. 1), agradece aos professores do país pela apreciação dos livros e informa que o presente catálogo estava organizado por título e com um pequeno resumo de cada sobre cada um deles. Os catálogos não mencionam a venda de quadros parietais, conforme informações da *Revista Pedagógica*.

<sup>45</sup> Cf. [https://en.wikipedia.org/wiki/D.\\_Appleton\\_%26\\_Company](https://en.wikipedia.org/wiki/D._Appleton_%26_Company) Acessado em 29 jul. 2020.

**Figura 30** – Livraria D. Appleton & Company



Fonte: D. Appleton & Co., stereoscopic views and implements. Library of Congress. Disponível em: <https://www.loc.gov/pictures/item/2010646521/>. Acessado em: 02 de fevereiro de 2021.

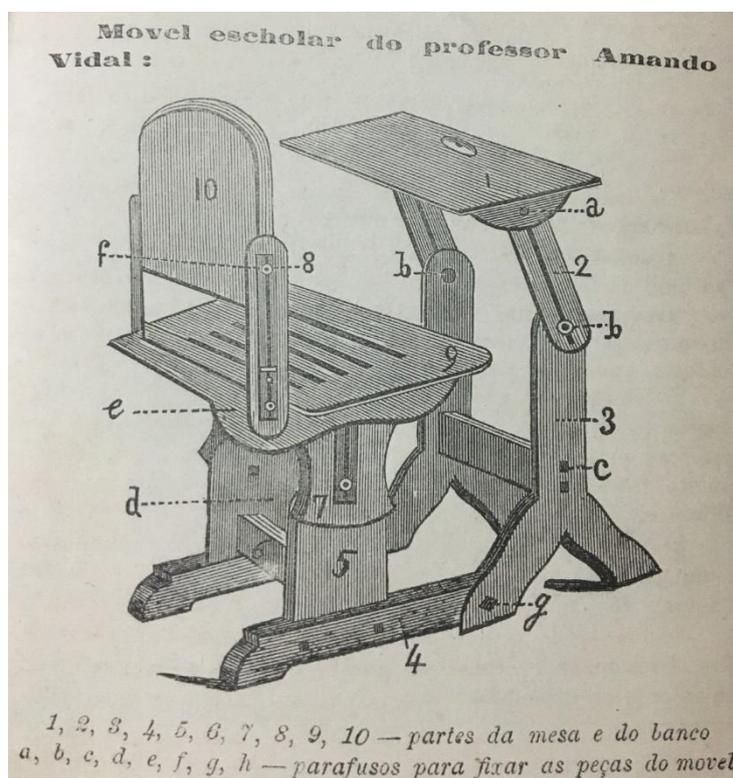
Observando essa fotografia de uma loja da empresa, identifica-se que Appleton não vendia somente livros didáticos, mas também instrumentos fotográficos. Na imagem, vemos algumas máquinas fotográficas do lado direito, algumas imagens do lado esquerdo e muitas peças nas prateleiras. Segundo informações da Biblioteca do Congresso

Washington<sup>46</sup>, a foto mostra o *show room* interno da loja, que ficava na 346 e 348 Broadway, Nova York.

As ações de divulgação de objetos e mobílias escolares feitas no *Pedagogium* e pela *Revista Pedagógica*, não se restringiram somente em empresas estrangeiras. Ainda que não tenha dado a mesma evidência para as produções brasileiras, na verdade foram localizadas somente duas indicações de modelos de carteiras escolares de fabricação, nacional. Mesmo assim, percebe-se que houve também um processo de propaganda e incentivo de compra.

Na *Revista Pedagógica* n. 22,23 e 24 de 1893, a seção de Crônicas do interior publicou a imagem do móvel escolar do professor Armando Vidal:

**Figura 31** – Móvel escolar Armando Vidal. 1893



Fontes: *Revista Pedagógica*, n. 22-23-24, Tomo 4, 1893, p. 333.

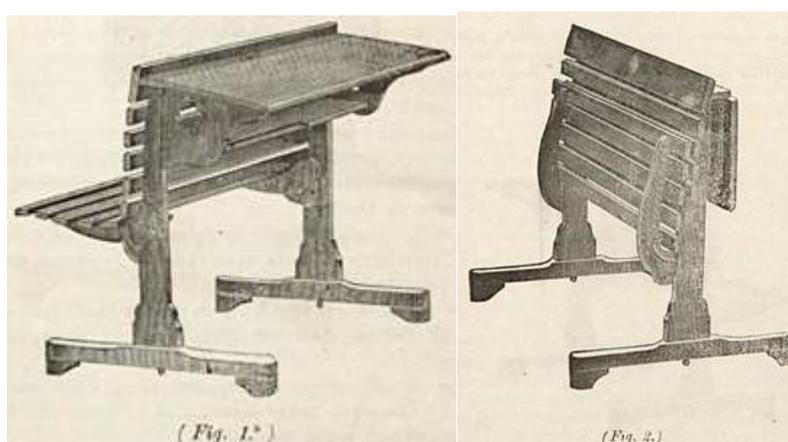
<sup>46</sup> <https://www.loc.gov/pictures/item/2010646521/>. Acessado em 30 jul. 2020. As coleções digitais da Biblioteca pública de Nova York. Também é possível ter acesso a uma ilustração do interior da loja Appleton <https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47e1-05db-a3d9-e040-e00a18064a99>. Acessado em 30 jul. 2020.

Em parecer feito sobre a carteira, Menezes Vieira, menciona cinco motivos pelos quais esse modelo poderia ser adquirido pelas escolas: 1) é higiênico, porque pode ser fácil e comodamente adaptado a qualquer aluno de 7 a 13 anos de idade; 2) é favorável a disciplina escolar, porque pertence ao sistema individual e suas peças, uma vez fixadas pelo professor, não podem ser deslocadas pelo educando; 3) é sólido, elegante, de fácil concerto e transportável em pequeno volume; 4) é asseado, porque a disposição do tinteiro permite retirar apenas o líquido indispensável e facilita a frequente e completa limpeza do vaso; 5) finalmente, deve ser econômico, porque todas as peças podem ser feitas em qualquer serraria de primeira ordem (*Revista Pedagógica*, n. 22-23-24, Tomo 4, 1893, p. 334).

Já nas edições n. 31,32 e 33 de 1894 da *Revista Pedagógica*, foi publicada uma nota na seção Crônicas do Interior sobre a Marcenaria Brasileira. O pequeno texto afirma que essa marcenaria, conhecida como a antiga fábrica Moreira Santos, apresentou um modelo de banco-carteira superior aos modelos adotados nas escolas norte-americanas. O texto afirma ainda, que as mudanças feitas pela indústria brasileira respeitam a higiene escolar e permitem o fácil conserto ou reparo dos móveis (*Revista Pedagógica*, n. 31-32-33, Tomo 6, 1894 p. 146).

A edição de dezembro de 1894 publicou os modelos de bancos-carteiras produzidos pela Marcenaria Brasileira:

**Figura 32** – Banco-carteira Marcenaria Brasileira. 1894



Fonte: *Revista Pedagógica*, n.40-41-42, Tomo 8, 1894, pp. 312-313.

Afirma ainda que eram de fácil conserto e que não precisavam ser presos ao assoalho por meio de parafusos, o texto destaca como vantagem também o fato de o banco

ser dobrável, como demonstra a segunda imagem (*Revista Pedagógica*, n. 40-41-42, Tomo 8, 1894, po. 312-313).

É interessante notar como o *Pedagogium* articulou seu meio de atuação com o mercado didático. A maneira como as empresas são citadas na documentação, especialmente na publicação dos periódicos publicados pela instituição, mostra que o museu condicionava o bom desempenho do professorado ao uso de objetos de determinadas empresas. Essa ação se confirma quando observamos o uso de determinadas palavras como: “modelos, guias, preciosidades, melhores equipamentos, modernos, fabricantes conscienciosos”. Isso significa que não bastava o professor ter objetos, ele poderia escolher os objetos das melhores empresas.

Percebe-se que existe todo um trabalho de divulgação desses objetos escolares e dessas empresas por parte do *Pedagogium*, que não pode ser compreendido como um simples relato, mas sim, como uma ação de indução, que indica a propaganda. Mas também, deve-se notar que essa divulgação não é feita para todas as empresas da mesma maneira. Embora só o fato de ser mencionado pela documentação oficial do museu já possa ser considerado como uma forma de divulgação, observando atentamente, identifica-se que há uma certa preferência pelas empresas e materiais franceses, especialmente a Deyrolle, Delagrave, Saffray, Dorangeon, A. Picart e Ch. Noé.

É muito significativa a ação de Menezes Vieira nesse processo, a maioria das menções sobre as empresas são feitas exclusivamente por ele, chegando ao ponto de indicar os catálogos onde tais objetos poderiam ser adquiridos, como no caso das indicações dos objetos editados pelas empresas Delagrave e Baker Pratt.

Essa ação de divulgação comercial feita pelo *Pedagogium* ganha outra dimensão quando a instituição destina uma sala para a exposição permanente de representantes comerciais. O relatório do diretor Menezes Vieira anuncia que o Museu teria um espaço para a exposição escolar permanente de autores e editores nacionais e estrangeiros, informando que ali existiam objetos remetidos ao *Pedagogium*, dando destaque para duas representações comerciais estrangeiras, a francesa Syndicat Français du matériel d’enseignement de Paris, e a American Book Company de Nova York (*Revista Pedagógica*, n. 18, Tomo 3, 1893, p. 334).

A primeira menção sobre o Syndicat Français du matériel d’enseignement na *Revista Pedagógica* aparece na seção de Crônicas do interior e relata o recebimento da

A importante coleção de livros, material de escrita, modelos de desenho, mapas e globos geográficos, instrumentos de física e química oferecidos por Mr. Charles Vautelet, representante do Syndicat Français du materiel d'enseignement (*Revista Pedagógica*, n. 3, Tomo 1, 1890, p. 193).

Na edição seguinte da *Revista Pedagógica*, novamente o periódico faz um novo anúncio de materiais recebidos desse representante, dessa vez destacando os objetos remetidos e a importância desse tipo de ação:

Mr. Charles Vautelet, representante deste sindicato, teve a gentileza de vir oferecer ao *Pedagogium*, para uma exposição permanente, alguns objetos de sua especialidade. Entre eles recomendamos as edições do afamado editor Mr. Delagrave, as preparações do conhecido naturalista Mr. Deyrolle, as cartas geográficas em relevo da casa Bertaux, um interessante pórtico ginástico do fabricante Freté, um modelo de mobília escola Savary e o excelente cosmógrafo Girod. Reiterando os nossos agradecimentos ao sindicato francês, esperamos que o seu exemplo seja imitado pelos editores nacionais e estrangeiros (*Revista Pedagógica*, n. 4, Tomo 1, 1891, p. 251).

Na mesma edição do periódico, foi publicada uma nota na seção Correio informando o endereço do escritório do Syndicat Français du materiel d'enseignement que ficava na Rua Hospício n. 105, Rio de Janeiro (*Revista Pedagógica*, n. 4, Tomo 1, 1891, p. 256).

Além de informar o endereço e os objetos enviados pelo Syndicat Français du materiel d'enseignement, a *Revista Pedagógica* publicou também a realização de uma compra de materiais feita por um colégio da cidade:

A iniciativa particular – consta-nos que o colégio da Tijuca, dirigido pelo provector educacionista Dr. J. Pedro de Aquino e o Externato da Empresa Educadora, presidida pelo ilustrado Dr. Valentim de Magalhães, ex-professor de Pedagogia da Escola Normal, encomendaram todo o material clássico ao representante do Sindicato francês (*Revista Pedagógica*, n. 1, Tomo 2, 1891, p. 53).

Segundo Alcântara (2014, p. 151), Charles Vautelet era um dos mais importantes representantes desse ramo sediado no Rio de Janeiro, chegou a abrir uma firma própria a E.Charles Vautelet & Cia. Essa firma era, na verdade, uma Sociedade Mercantil Solidária feita entre Charles Etienne Joseph Vautelet (60%); Paulo Moreira da Silva e João Pedro Fausto de Alcantara e poderia ser usada por qualquer um dos sócios.

A empresa trabalhava com importação, comissões, consignações, representações de drogarias e fábricas estrangeiras.

Em 1894, o nome de Charles Vautelet foi publicado no *Almanak Laemmert Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* (1894, p. 1341) como fornecedor de mobílias e materiais escolares com um endereço em Paris e outro no Rio de Janeiro. A nota informa ainda que a representação tem uma exposição permanente no edifício do *Pedagogium*.

Em 1896, o nome de Charles Vautelet aparece novamente no *Almanak*, dessa vez como agente da empresa francesa Paul Rosseau & Cia. O anúncio publicado traz informações sobre essa empresa os trabalhos de Vautelet.

Figura 33 – Casa Paul Rosseau & Cie. 1896

**Casa PAUL ROUSSEAU & C<sup>ie</sup>**  
Sociedade em commandita por Accões. — Capital, Fr. 400,000.  
**16, Rue des Fossés-Saint-Jacques, Paris**  
OUTR'ORA : 17, Rue Soufflot

**Agentes : E. Charles VAUTELET & C<sup>ia</sup>**  
Rua do Hospicio, 107, Rio de Janeiro

Instrumentos de Physica  
Productos chimicos, scientificos e industriaes  
Utensilios de Chimica  
Placas e aparelhos photographicos — Material escolar.

**PAUL ROUSSEAU**  
Commissario delegado do Estado de Minas Geraes na Exposição Universal de Paris, em 1889  
Membro do Jury do Brazil (Clase 45) na mesma exposição.

**HORS CONCOURS**  
Fornecedor privilegiado do *Governo Brasileiro* para os diversos estabelecimentos seguintes :

*Rio de Janeiro.* — Hospitaes da Guerra e da Marinha, Escola Polytechnica, Pedagogium, Faculdade de Medicina, Laboratorio de Bromatologia.  
*Ouro Preto.* — Escola de Minas, Escola Normal, Escola de Pharmacia.  
*São Paulo.* — Escola Polytechnica, Escola Normal, Instituto Bacteriologico.  
*Bahia.* — Faculdade de Medicina, etc.

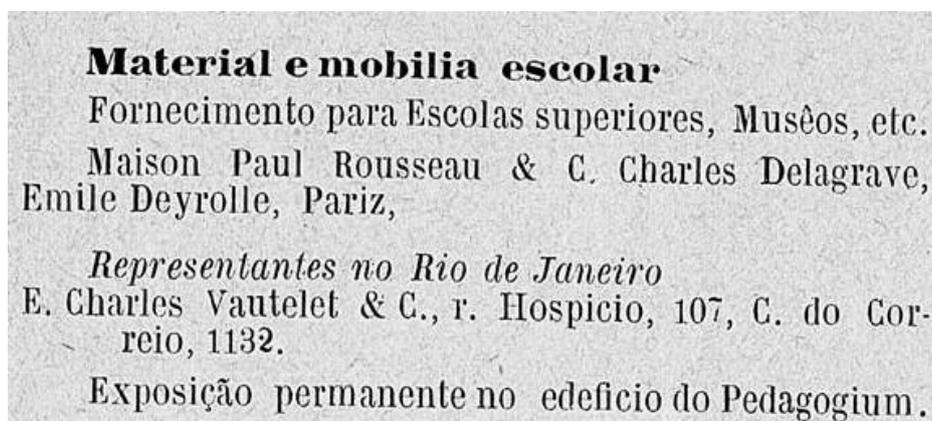
**Unica Casa ROUSSEAU**  
Agente e depositario exclusivo dos MICROSCOPIOS da CASA CARL ZEISS de IENA  
à **PARIS**  
**16, Rue des Fossés-St-Jacques, 16**

Fonte: *Almanak Laemmert Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, 1896, p. 1721.

A Casa Paul Rousseau & Cie era uma sociedade com sede em Paris. Segundo o anúncio, Paul Rousseau era um comissário delegado no Estado de Minas Gerais, na Exposição Universal de Paris de 1889, e fornecedor privilegiado do governo brasileiro, fornecendo material para diversos estabelecimentos no Rio de Janeiro, em Ouro Preto, São Paulo e Bahia, inclusive para o *Pedagogium*, conforme observa-se no anúncio. Embora a casa francesa se autodenomine fornecedora do *Pedagogium*, não foi localizada nenhuma menção sobre sua presença na publicação oficial do museu na *Revista Pedagógica*. O anúncio publica, ainda, que o agente responsável por essa empresa era Charles Vautelet, detalhando o endereço do agente e as atividades dele, que trabalhava como agente de: instrumentos de Física, produtos químicos científicos e industriais, utensílios de química, placas e aparelhos fotográficos e material escolar.

Em outro anúncio publicado no *Almanak Laemmert Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, Charles Vautelet menciona a parceria com outras empresas francesas de materiais escolares:

**Figura 34** – Charles Vautelet. 1897



Fonte: *Almanak Laemmert Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, 1897, p. 769

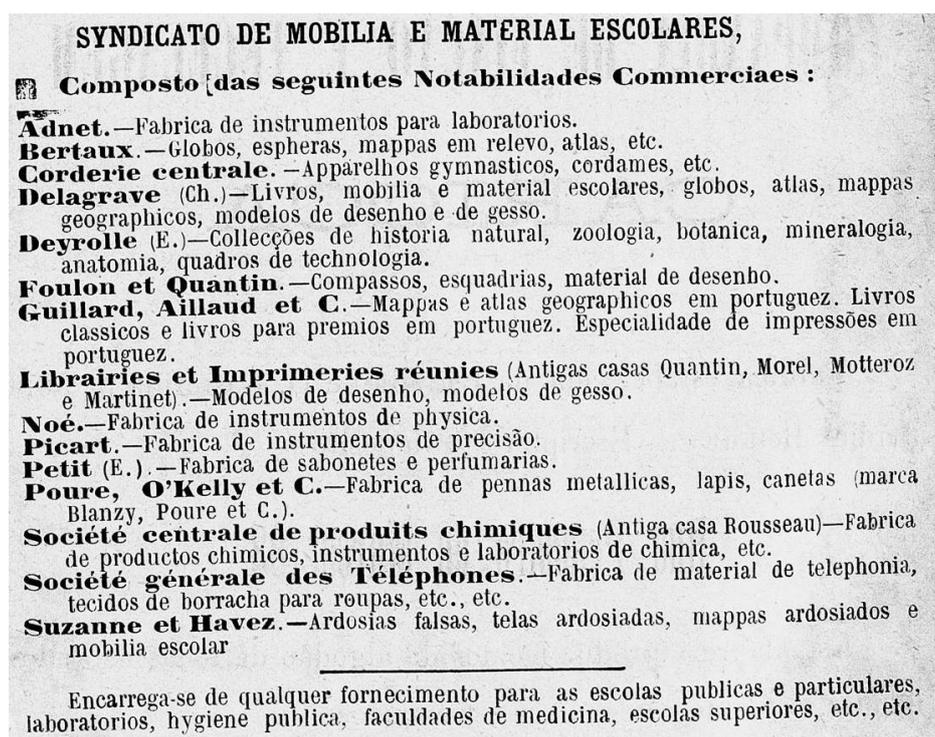
Nesse anúncio, foi publicado que Charles Vautelet era representante no Rio de Janeiro e fornece materiais para escolas superiores, museu e outros, das empresas francesas Maison Paul Rousseau & Cie, Charles Delagrave e Emile Deyrolle. A nota finaliza informando que o representante tem uma exposição permanente no edifício do *Pedagogium*.

Nos relatórios de Menezes Vieira e nas publicações da *Revista Pedagógica*, o nome de Charles Vautelet aparece sempre associado ao Syndicat Français du materiel

d'enseignement. Segundo Alcântara (2014, p. 155), este sindicato tinha sede social na rua Saint-Benois em Paris, e era representado no Rio de Janeiro por Charles Vautelet e por Etienne Collet<sup>47</sup>.

Segundo o *Almanak Laemmert* Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (1893, p. 1893), o Syndicat Français du materiel d'enseignement era composto pelas seguintes empresas:

**Figura 35** – Sindicato de Mobília e material escolar. 1893



Fonte: *Almanak Laemmert* Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro 1893, p. 1893.

Percebe-se que entre as empresas estão aquelas que tinham materiais no *Pedagogium*, Delagrave, Deyrolle, Noé e Picart, todas elas também aparecem nos relatórios de Menezes Vieira como tendo sido ofertadas pelos trabalhos de Charles Vautelet, no respectivo Sindicato.

<sup>47</sup> Segundo Alcântara (2014, p. 155) Etienne Collet era representante que importava materiais da Deyrolle e Delagrave para o colégio Caetano de Campos em São Paulo. Seu nome, no entanto, não é mencionado em nenhum documento sobre os trabalhos do Syndicat Français du materiel d'enseignement no Pedagogium, o que nos leva a crer, que no caso do Rio de Janeiro, o responsável por essas empresas seja Charles Vautelet, ou pelo menos, que tenha sido ele quem tenha negociado com o diretor Menezes Vieira, recebendo, portanto, todos os créditos nas documentações.

Segundo Alcântara (2014), o trabalho de representação comercial e agência era algo consideravelmente rentável:

A representação comercial e a agência integram a categoria dos chamados contratos de colaboração empresarial. São contratos entre empresários, um representante e o outro, representado. Um fabricante, e o outro, distribuidor. Considerando as somas das importações no fim do século XIX, ser agente ou representante de casas comerciais estrangeiras era um bom negócio. A comissão de Charles Vautelet & Cia pela representação comercial de Paul Rosseau, por exemplo, era de 5% (Alcântara, 2014, p. 157).

Os negócios eram tão rentáveis que Charles Vautelet abriu uma empresa própria, como vimos anteriormente, além de trabalhar para o sindicato francês. Isso significa que ele fazia representações comerciais por meio de duas outras empresas. Se para uma casa comercial a comissão era de 5%, multiplicando esse valor por cada acordo com empresas diferentes, o negócio era realmente lucrativo.

De acordo com Alcântara (2014, p. 157), o trabalho dos representantes tornou-se cada vez mais imprescindível no âmbito escolar. Sendo em sua maioria imigrantes, eles facilitavam as transações, pois detinham o domínio da língua estrangeira, o que facilitava na aquisição e encomenda de objetos.

Segundo Mora, (2018, pp. 71-85), representantes comerciais funcionavam como mediadores culturais pois facilitavam a circulação de objetos, saberes e pessoas. Eram, portanto, intermediadores e fundavam um padrão de educação científica transnacional.

O trabalho de representantes, agentes e negociantes de casas importadoras envolvia uma série de atividades complexas. Eles deveriam fretar navios, fazer consignações, despacho de mercadorias e armazenamento. Além disso, deveriam fazer o agenciamento de vapores na cidade, pensando ainda que essas mercadorias circulavam em diferentes rotas de comércio e portos pelo mundo, o trabalho dos importadores consistia em estabelecer relações comerciais entre brasileiros e outras nacionalidades (Pedro, 2015 p. 63).

Segundo Pedro (2015), as casas importadoras e seus respectivos agentes consideravam toda uma complexa rota comercial marítima dos transportes de objetos:

Existiam ainda outras formas de trânsito comercial, conhecidas como reexportação e baldeação, nas quais as mercadorias importadas com destino ao Brasil eram reexportadas para outro porto nacional ou estrangeiro, antes de pagar os devidos impostos de consumo. (...) A atividade de importação, portanto, tinha início no comércio de longo

curso que se realizava por mar entre países de nacionalidades diferentes, sendo que, ao chegar aos portos brasileiros, os produtos ainda poderiam ser transportados para outras praças do país pelo comércio de cabotagem, realizado por mar entre as diversas províncias do Estado e pelo costeiro ou de pequena cabotagem, realizado por mar entre as praças diferentes da mesma província (Pedro, 2015, p. 64).

Nesse sentido, o trabalho de casas importadoras e seus representantes eram imprescindíveis, consideravam toda uma rota complexa dos objetos que circulavam por vários portos antes de chegarem ao seu destino. Muitas vezes, depois de desembarcar nesses portos, deveriam ainda fazer longos trajetos por ferrovias, tudo isso, era um complicador e o produto comprado poderia ser facilmente extraviado. Por isso, a importância de os representantes serem da mesma nacionalidade dos países os quais importavam mercadorias (Pedro, 2015, p. 65).

A presença de Charles Vautelet chegou a ser mencionada na imprensa carioca, em publicação da *Gazeta de Notícias*. Uma nota sem autoria informa a importância dos trabalhos desse representante:

Está entre nós o sr. Charles Vautelet, que veio de Paris comissionado por vários livreiros e editores franceses. Traz copiosa coleção de artigos escolares, dos quais pretende fazer exposição, a qual talvez se realize nas salas do *Pedagogium*. Vem muito a propósito semelhante fato, quando parece que o governo da república está empenhado em dotar nossas pobres escolas do material de ensino que tanto lhes falece (*Gazeta de notícias*, 1890, p. 1).

Na publicação da nota percebe-se que houve um empenho para que tivesse no *Pedagogium* um espaço de divulgação de materiais importados e, principalmente, que Charles Vautelet gozava de certo prestígio entre a sociedade. O jornal ressalta ainda a importância dos esforços do estado em promover esse tipo de ação. Dessa forma, o *Pedagogium* se concretizou num espaço público onde comissionados poderiam fazer a divulgação de materiais didáticos. Não há qualquer documentação que mencione se o Museu ou mesmo seu diretor, neste caso, Menezes Vieira, tinham alguma participação na comissão de vendas dos objetos de empresas expostas no *Pedagogium*. Pode ser que o Museu somente fornecesse o espaço e que todo o lucro ficasse na mão de representantes; pode ser que representantes e o Museu tivessem estabelecido uma parceria; não se sabe, não há documentos que nos contem sobre isso. O fato é que o Museu funcionava imediatamente como vitrine e a *Revista Pedagógica* fomentava ainda mais essa função. Segundo Mora (2018, p. 86), o papel dos representantes era importante, pois eles

facilitavam a aplicação de políticas públicas educacionais. Isso explica o papel do Museu e a menção do jornal sobre a presença de Charles Vautelet no Brasil e seu trabalho no *Pedagogium*. Ao que parece, havia uma associação entre Estado e representantes, estes facilitavam a entrada de objetos importados, enquanto o Estado garantia a visibilidade e propaganda destes objetos, no caso, expostos no Museu.

Outra representante comercial presente no *Pedagogium* foi a American Book Company de Nova York, o relatório de Menezes Vieira publicado na Revista Pedagógica, faz elogios aos trabalhos da representante norte-americana:

Examinando os atlas geográficos, os livros escolares, principalmente os readers norte-americanos, o visitante verá quanto estamos atrasados nesta matéria. No acetinado do papel, no primor das encadernações reconhecerá o amor, o carinho, a solicitude pela infância, o desejo de agradar-lhe e, o que mais é, a preocupação de educá-la. Julgam certos indivíduos que esta questão de forma não tem importância; acreditam que o aluno vai buscar no livro unicamente a doutrina e que tudo mais é secundário. É um engano, o livro bem impresso, ornado de boas ilustrações, bem vestido ou encadernado, conquista a benevolência, fica a atenção, não estraga a vista e habitua o jovem leitor a conhecer, admirar e apreciar o belo (*Revista Pedagógica*, n. 18, Tomo 3, 1893, p. 334).

A empresa American Book Company<sup>48</sup> (ABC) era uma editora educacional de livros que publicava livros didáticos para os níveis fundamental e médio. A editora foi formada em 1890, a partir da junção entre as empresas Van Antwerp, Bragg e Co, As Barnes e Co, D. Appleton e Co, Iveson, Blakeman e Co. Atuou por mais de setenta anos em parceria com o sistema escolar público e outras instituições de ensino, publicando livros das áreas de contabilidade, agricultura, arte e educação cívica.

Nas décadas de 1960 e 1970, a marca foi adquirida pela Litton Industries e depois para a International Thomson Organization. Em 1981, foi adquirida pela DC Heath and Company. O catálogo descritivo de livros para o Ensino Médio da empresa publicava de maneira detalhada na contracapa informações a respeito de correios, envios, pedidos, trocas e pagamento. No final das informações, a empresa destaca que gostaria de receber correspondências relativa aos melhores livros didáticos e sobre outros assuntos (*Catalogue of High School and College – Text Books*, 1902).

A editora informa também como estava organizado o catálogo. De acordo com a nota, o documento apresentaria um resumo das principais características de cada livro.

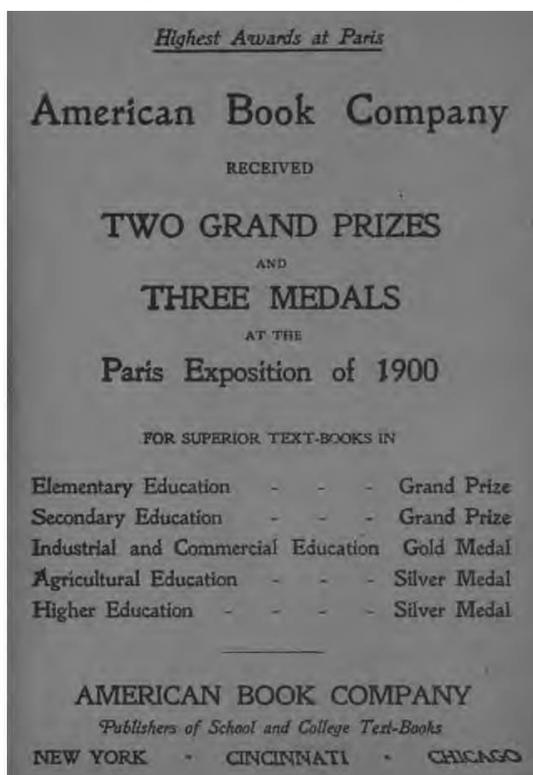
---

<sup>48</sup> Cf. [https://library.syr.edu/digital/guides/a/amer\\_book\\_co.htm](https://library.syr.edu/digital/guides/a/amer_book_co.htm). Acessado em 21 de jul. 2020.

Esse resumo, na verdade, tratava-se de depoimentos que foram selecionados pela editora, que por sua vez, tinham sido selecionados pela sua qualidade descritiva e pelos elogios aos produtos anunciados (Catalogue of High School and College – Text Books, 1902).

A mesma nota informa ainda que foram apontados planos, métodos e características peculiares de todos os livros, com o intuito de oferecer um serviço aos professores que procuravam os melhores livros para as suas aulas (Catalogue of High School and College – Text Books, 1902). Em seguida, o catálogo apresenta a lista de livros com seus respectivos preços, para só então apresentar os resumos dos livros vendidos, com depoimentos e elogios, conforme explicado em nota. Ao final desses resumos, a empresa publicava as premiações recebidas na Exposição Universal de Paris de 1900 (Catalogue of High School and College – Text Books, 1902). Segundo o catálogo, a American Book Company ganhou dois grandes prêmios e três medalhas. Além disso, os livros Elementary Education e o Secondary Education receberam o grande prêmio; o Industrial and Commercial Education recebeu uma medalha de ouro; o Agricultural Education e Higher Education receberam uma medalha de prata cada (Catalogue of High School and College – Text Books, 1902).

**Figura 36** – Catálogo American Book Company. 1902



Fonte: Catalogue of High School and College – Text Books, 1902.

Em 1911, quando Manuel Bomfim era diretor do Museu, outra representante que passou a expor objetos nas dependências do *Pedagogium* foi a Luiz Hermann & C., responsável pela exposição dos materiais da casa Volckmar de Leipzig da Alemanha.

Segundo o *Almanak Laemmert* Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (1913, p. 1892) a casa Louis Hermann & C, conhecida como Casa Hermann, tinha sua matriz na Rua Gonçalves Dias, 67, no Rio de Janeiro, com mais duas filiais na cidade. A empresa trabalhava com a venda de: instrumentos e materiais para dentista, perfumarias finas, artigos para toilette, objetos de fantasia e de arte, charutos de Havana, cutelaria fina, chá de Ceilão Mazawatte, máquinas de escrever Oliver, máquinas de somar Comptograph, máquinas de calcular Brunsviga, arquivos de aço Berger e aparelhos modernos para escritório, cadeiras Archer e mais artigos para barbeiros, artigos para uso doméstico (*Almanak Laemmert* Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1913, p. 1892).

Ainda segundo o *Almanak*, a casa Hermann era a única concessionária em todo o Brasil do afamado dentifrício Odol e dos sifões Prna-Sparklets, para o preparo instantâneo de água gasosa e dos automóveis Stoewwer e Lloyd. Faziam ainda instalações completas de laboratórios de Química e Física e do material escolar da casa Volckmar de Leipzig. Por fim, segundo o documento, vendiam caixas registradoras American (*Almanak Laemmert* Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1913, p. 1892).

A casa de material escolar Volckmar Leipzig era uma grande empresa de venda de material escolar alemão, especializada em objetos para jardim da infância, sistema Fröbel, Geografia, História, anatomia, microscopia, zoologia, botânica, mineralogia, gabinete de Física, gabinete de Química, gabinete de tecnologia e materiais para desenho (*Revista Educação e Pediatria*, 1913).

Fundada em 1887, a casa alemã era especializada inicialmente na produção dos modelos de plantas de Robert Brendel, na coleção de cogumelos e nos quadros parietais de anatomia de Schreiber. Em 1918, a casa Volckmar se associou a outra empresa alemã Koehler, formando a Koehler & Volckmar com sede na cidade de Leipzig (Mayoni, 2019 p. 207; Martínez Ruiz-Funes e Marín Murcia, 2020 p. 66). Em 1910, a casa Volckmar publicou um catálogo de venda na língua espanhola, a capa do catálogo trazia a ilustração de bandeiras de países hispano-americanos e do Brasil:

**Figura 37** – Catálogo Volckmar. 1910



Fonte: Catálogo general de material de enseñanza y útiles para escuelas F. Volckmar, 1910. Colégio Nacional de Buenos Aires<sup>49</sup>.

No jornal *O Paiz*, em dezembro de 1911, foi publicado o deferimento do pedido de permissão para instalar no *Pedagogium* uma exposição permanente de material escolar da empresa alemã Volckmar feito pelo seu representante Luiz Hermann & C (*O Paiz*, 16/12/1911, p. 8). A exposição foi inaugurada no ano seguinte, em junho de 1912, já pela direção de Manuel Bomfim, sendo que notícias sobre o evento foram publicadas em vários jornais da cidade. O jornal *O Paiz* publicou uma longa nota descrevendo o evento e a importância dessa exposição para o *Pedagogium*. Segundo o jornal, a iniciativa de doação feita pelos representantes Luiz Hermann & C ocorreu após ao decreto de lei que determinou a criação de um museu escolar internacional <sup>50</sup>no *Pedagogium* (*O Paiz*, 28/6/1912, p. 5).

<sup>49</sup> Agradecemos a generosidade da Profa. Dra. María Gabriela Mayoni por nos ter enviado as imagens do Catálogo de vendas da Casa Volckmar e de outros documentos.

<sup>50</sup> O decreto de lei n. 1328 de 12 de junho de 1911 que instituiu uma reforma da lei do ensino primário, normal e profissional, previu também alterações na regulamentação do *Pedagogium*. O artigo n.38 dessa reforma, estabeleceu que o *Pedagogium* deveria organizar um museu escolar internacional. O artigo n.41 informa que esse museu escolar internacional deveria ser constituído com seções dos principais países, dos estados e do Distrito Federal. O artigo n.42 informa que em cada seção, seja ela brasileira ou estrangeira, deveriam estar expostos aparelhos de ensino, livros didáticos usados em todos os tempos, a legislação sobre

A partir dessa lei, os srs. Hermannы ofereceram para Diretoria de Instrução Pública Municipal uma coleção de material escolar da casa Volckmar de Leipzig, que, segundo o jornal, era um retrato de uma escola alemã no *Pedagogium* (*O Paiz*, 28/6/ 1912, p. 5). A nota do jornal descreveu ainda como foi o evento de inauguração desse museu escolar alemão no *Pedagogium*, que contou com a presença do prefeito municipal Gen. Bento Ribeiro, o seu secretário Dr. Gregório da Fonseca, o diretor do *Pedagogium* Dr. Manuel Bomfim, o diretor da instrução municipal Dr. Ramiz Galvão, os representantes e sócios da casa Hermannы Louis Hermannы Filho e Otto Schilling, além de muitos professores:

O catálogo do interessantíssimo museu divide-se em treze partes ou seções: utensílios para a escola, objetos de entretenimento, systema Fröbel, ensino das coisas por meio da contemplação, leitura, ensino de idiomas e aritmética, geografia, história, anatomia, microscopia, zoologia, botânica, mineralogia, desenho, física, química e tecnologia (*O Paiz*, 28/6/1912, p. 5).

Em seguida, a notícia continua com a publicação do discurso de Marcello Gama, escolhido pela casa Hermannы para dar uma impressão sobre a exposição. Em sua fala, Gama menciona a importância dos trabalhos da casa Hermannы para o comércio didático:

Haverá quem veja nesta doação, intuitos mercantis dos Srs. Louis Hermannы & C, e eles muito lealmente, não fogem a esta confissão, que não prejudica, antes beneficia, os interesses do ensino público do Brasil. (...) Trazendo para aqui esta coleção, entram eles em franca concorrência com a indústria pedagógica das outras nações e contribuem de modo positivo, para a educação dos homens de amanhã. (...) A indústria pedagógica é hoje o maior colaborador do professor. Se é verdade que não se modificam os espíritos com a modificação dos programas, não é menos verdade que aos governos cumpre prestigiar o professor com todos os elementos de que ele carece para, das crianças de hoje, formar homens aptos para enfrentar firmemente amanhã as dificuldades da vida (*O Paiz*, 28/6/1912, p. 5).

---

o ensino e notas e documentos referentes a instrução primária e profissional. No artigo n. 43 ficou estabelecido que o *Pedagogium* deveria manter relações estreitas com as autoridades e com as instituições congêneres dos demais estados da República e dos países estrangeiros a fim de se manter a constante permuta de documentos e aquisição de objetos e invenções. Percebe-se que na verdade o decreto regulamenta uma prática que já estava estabelecida no *Pedagogium* desde o início de seu funcionamento, muito pelo empenho de seu primeiro diretor Menezes Vieira. Vimos que o museu já mantinha contatos com os demais estados do país e de outras nacionalidades, assim como os processos de permuta de documentação eram constantes e mencionadas na Revista Pedagógica, conforme veremos no próximo capítulo. A criação de um museu escolar internacional no *Pedagogium* também não está distante das atividades que ele estabelecia, especialmente quando analisamos a procedência de seus objetos, e a maneira como as indústrias e casas comerciais por trás de tais materiais são mencionados na documentação oficial do museu, conforme podemos ver em todo presente capítulo. Na verdade, esse decreto só oficializou uma prática já efetivada (Collecção de leis municipais e vetos do Rio de Janeiro, 1897 a 1931, p. 63).

A associação mercantil era algo que, para o orador, não teria qualquer problema, já que, segundo ele, as ações da indústria pedagógica auxiliavam no trabalho do professor. Sobre esse ponto, Gama (1912) afirma, inclusive, que a indústria pedagógica era a maior colaboradora do professor e que os governos procuravam fornecer aos professores com todos os elementos necessários para uma prática escolar.

A inauguração da exposição de materiais Volckmar também foi noticiada pelo *Jornal do Comércio*. Em nota intitulada “novos métodos de ensino”, em que o jornal faz uma longa matéria descrevendo a exposição e elogia os trabalhos da empresa negociante e os benefícios dessa exposição para a educação.

É com vivo prazer que registramos a louvável iniciativa da casa Hermann, pois essa exposição visa trazer, sem dúvida, uma completa remodelação do nosso sistema de ensino. Na primeira parte consagrada a utensílios para as escolas, figuram carteiras as mais cômodas e modernas, quadros negros, tinteiros, giz, régua, compassos, estantes e tudo o que diz respeito a mobiliário. Os objetos de entretenimento constituem uma seção interessante, pois consta de jogos infantis, brinquedos e uma infinidade dessas pequenas coisas (...) Os diversos reinos da natureza estão ali representados, com as devidas classificações, além dos objetos de uso doméstico. A escola, o liceu, a aula, a aldeia no inverno, a fazenda na primavera, a montanha e o mar também estão figurados nessa seção de maneira a mais perfeita e admirável. A seção com os quadros para o ensino prático das línguas, também encerra um método prático para o ensino de aritmética e sistema métrico. As lições de geografia são dadas em quadros, mapas e imagens, não só dos países da Europa como da América. (...) A história da civilização é representada por figuras e por aspectos de templos, construções antigas e exércitos dos diversos países. Na seção de anatomia vê-se desde o esqueleto humano e seus diversos órgãos até as principais enfermidades que afligem a humanidade. Nada falta na exposição e material escolar: a microscopia, a botânica, a mineralogia, a física e a química. A parte de zoologia é completa: preparados zootômicos e anatômicos, mamíferos, aves, répteis, anfíbios, peixes, insetos e animais inferiores. (...) a instalação do material escolar vem a concorrer, sem dúvida, para uma ampla remodelação do ensino primário no Rio de Janeiro (*Jornal do Comércio*, 28/6/1912, p. 3).

Ao longo da nota antes de fazer uma detalhada descrição dos materiais expostos pela casa Hermann, o jornal afirma que o objetivo da empresa era remodelar completamente o sistema de ensino. Essa alteração seria feita pela diversidade de objetos expostos. Percebe-se que eram muitos e diversos tipos de materiais trazidos pela representante, objetos esses que abrangiam diferentes disciplinas e práticas. Após essa longa descrição de objetos, a nota finaliza, afirmando que, sem dúvida, o Ensino Primário

do Rio de Janeiro seria remodelado com esses objetos em mãos. Os dois jornais associam o trabalho da indústria pedagógica à remodelação de métodos de ensino. Por essas notas, entende-se o esforço de incluir o comércio didático como ação com poder de ditar, ou pelo menos, promover os novos métodos para que eles fossem estabelecidos de fato.

A *Revista Careta*, em 1912, publicou uma fotografia da exposição de materiais Volckmar. A imagem do espaço estava junto com um anúncio da exposição presente no *Pedagogium*, informando que aquela era a maior coleção de utensílios escolares presentes no Brasil. Em seguida, o anúncio relata brevemente as coleções de objetos presentes na exposição, registrando, por fim, que o visitante teria acesso aos catálogos da empresa comerciante e poderia, inclusive, fazer encomendas de materiais aos representantes presentes no *Pedagogium*:

**Figura 38** – Anúncio Exposição Material Escolar Volckmar. 1912.

**Quem se interessa pelo Ensino deve visitar,  
no PEDAGOGIUM, á rua do Passeio,  
a Exposição de material escolar Volckmar.**



**É a mais completa colleção de utencilios escolares existente no Brasil:**

**ELLA ABRANGE:**  
Moveis e utencilios para aulas, ensino elementar, leitura e escripta,  
collecção Fracbel para jardins da  
infancia, lições de cousas, geographia, ensino technico, zoologia, botanica,  
anatomia humana, microscopia, mineralogia, physica e  
chimica, geometria, desenho, quadros muraes para todos os ramos de ensino, etc.

**Fornecem catalogos e dão todas as informações  
necessarias, assim como se encarregam de mandar vir todo  
material necessario para a  
installação de escolas elementares ou superiores,  
gabinetes de physica, chimica, biologia,  
etc.; institutos e tudo mais que se relacione com o ensino.**

Os unicos representantes de L. Valckmar no Brazil

**LOUIS HERMANNY & C.<sup>1ª</sup>**  
67, Rua Gonçalves Dias, 67 — Rio de Janeiro

Fonte: *Revista Careta*, 1912.

Percebe-se que a o anúncio da revista faz um chamado, afirmando que os interessados em educação não poderiam deixar de conferir a exposição no *Pedagogium*. Após a publicação de uma foto dos materiais, o anúncio faz uma descrição dos objetos presentes, afirma que o visitante poderá encomendá-los ali mesmo, e encerra com o endereço dos representantes responsáveis, os únicos no Brasil.

Fazendo um recorte da foto, podemos identificar melhor quais peças estavam expostas no *Pedagogium*:

**Figura 39** – Material Escolar Volckmar. 1912



Fonte: *Revista Careta*, 1912.

Em uma breve descrição do espaço, identificamos à frente: espécies para entomologia, conchas de diferentes tamanhos, abertas e fechadas, modelos geométricos, há diferentes vasos, provavelmente réplicas de modelos arqueológicos; na lateral ao fundo há uma Roda de Barlow; acima, um mostruário herbário e uma galheira.

Na imagem, percebe-se que o material está num espaço amplo, sendo que a maior parte deles está disposta sobre uma mesa central. A quantidade de peças é tamanha que dificulta a identificação mais completa. Sobre a mesa, com um olhar mais atento, percebe-se a presença de peças anatômicas, pequenos quadros para o estudo de borboleta e folhas e peças taxidermizadas. Ao fundo da sala, identifica-se quadros parietais pendurados nas

paredes e outros objetos dispostos em mesas que permeiam toda a lateral da sala. Dentre esses objetos, destaca-se a presença de globos terrestres e, no canto direito da foto, um modelo anatômico humano em tamanho real.

Outro aspecto interessante que deve ser ressaltado é a maneira como os objetos estão expostos neste ambiente. Diferentemente dos outros espaços do Museu, os quais vimos anteriormente, a disposição dos materiais aqui parece não seguir uma ordem ou um agrupamento por áreas de estudo. Sendo esse espaço um lugar de venda, como confirma o anúncio, dizendo que o professor poderia realizar a encomenda do material desejado após a visitação, a sua organiza o não necessariamente deveria seguir uma exposi o didática. A questão era mostrar o produto. Talvez esse modo de organiza o visual, de profusão de objetos, não fosse bem aceito por professores, dado que   de difícil identifica o, pois fica realmente, numa primeira vista, mais complexo perceber, escolher e conhecer os detalhes da exposi o.

Esse tipo de organiza o era um padrão da empresa alemã. Todos os seus estandes de vendas apresentavam semelhanças de organiza o. Tal modelo era inclusive publicado no seu catálogo de venda:

**Figura 40** – Estande de vendas Volckmar .1910



Fonte: Catálogo general de material de ense anza y útiles para escuelas F. Volckmar, 1910. Colégio Nacional de Buenos Aires.

De acordo com o catálogo de vendas da empresa, esta é a vista parcial de uma exposição de materiais alemães. Os objetos retratados representam apenas uma parte do que era vendido pela empresa relacionados no catálogo de venda (1910).

Percebe-se que o tipo de exposição é semelhante. Aqui os objetos estão agrupados por categoria, sendo que as peças de anatomia humana estão agrupadas todas na mesma mesa. Observa-se também a presença de alguns quadros de botânica e quadros parietais pendurados na parede. Ao fundo da sala, estão os globos terrestres. Algumas peças percebemos que também se encontram no estande do *Pedagogium*, é caso do modelo anatômico humano.

Ao longo desse capítulo vimos quais foram os diferentes fatores que nos permitem dizer que o *Pedagogium* pode ser também chamado de uma vitrine comercial de grandes novidades. Em primeiro lugar, pelo tipo de objetos e os tipos de coleções presentes na instituição. Vimos que esses objetos representavam sobretudo os avanços tecnológicos da época. Isso significa que os objetos do Museu estavam ligados às representações de avanço, modernidade, tecnologia e progresso. A partir disso, percebe-se que a organização espacial dessas coleções foi pensada para reafirmar esses valores agregados. Nesse sentido, o plano visual adotado nas salas de História Natural, Física e de Trabalhos Manuais, está disposto de uma maneira em que os objetos ganham um maior destaque.

A documentação também nos conta como a ação de diretores do Museu colaborou para configurar um caráter comercial à instituição. Nesse caso, João Köpke não estava totalmente errado em afirmar um certo entusiasmo de Menezes Vieira e a sua aproximação com o mercado didático francês. Ao longo desse capítulo, ficou claro como o primeiro diretor do *Pedagogium* agiu usando relatórios e o próprio periódico do Museu para dar espaço aos trabalhos de empresas específicas. Essa ação ganha ainda notoriedade quando se identifica a presença de uma sala no Museu onde ficariam representantes comerciais, que mantinham uma exposição permanente de produtos e catálogos de venda.

Mas esse caráter de exposição comercial do Museu não foi exclusividade dos anos de direção de Menezes Vieira. Quando Manuel Bomfim esteve à frente, a sala de representantes ganha uma nova empresa, tendo esse fato sido retratado na imprensa com divulgação ampla da presença e importância desses objetos para o acervo do Museu, fato esse que aponta como o *Pedagogium* era visto, um espaço que dava abertura para se conhecer as principais empresas de materiais didáticos do mundo, ou seja, uma característica que, com o tempo, esteve para além das ações de seus diretores.

Outro aspecto relevante desse capítulo é o mercado para a produção de objetos. Percebe-se que nesse sistema estavam envolvidos: empresas comerciais responsáveis por vender todos os tipos de objetos, algumas vezes fabricando materiais didáticos; editoras de objetos e livros, empresas que fabricavam e revendiam objetos e livros de autores específicos; autores de livros e objetos, estes autorizavam que empresas produzissem e comercializassem objetos de sua autoria; representantes comerciais, pessoas ou associações responsáveis por facilitar a importação de objetos diversos de seus países de origem. Tudo isso configura em um grande sistema comercial transnacional de produção e disseminação de materiais didáticos diversos que, no Brasil, teve como ponto de encontro o *Pedagogium*, o qual por meio de suas ações, convergiu e facilitou a circulação desse sistema comercial, funcionando como uma grande vitrine.

### **3.4 Inovação e Tecnologia: as imagens de ciência e técnica difundidas pelo *Pedagogium***

Vimos até aqui que as exposições pedagógicas estavam ligadas à divulgação de tecnologias e imagens da ciência. Os termos “inovações técnicas”, “modernidade”, “tecnologia educacional”, “objetos didáticos modernos”, são comuns quando são relatados espaços de exposições pedagógicas, especialmente nas descrições feitas por Menezes Vieira, sobre os espaços e coleções do Museu, conforme já analisado no início deste capítulo. Desde a Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro, em 1883, objetos didáticos eram apresentados como a nova tecnologia escolar necessária para se fazer aplicar os novos e eficazes métodos de ensino.

Museus pedagógicos, particularmente o *Pedagogium*, eram criados com o objetivo de apresentar essas “novidades pedagógicas”, divulgá-las e educar, ensinar a manipular esses novos objetos. Por isso o chamamos de vitrine comercial pedagógica, pois foi necessário que todo esse aparato fosse apresentado e explicado ao público escolar.

Cabe então pensar quais as imagens de ciência e técnica são difundidas pelo *Pedagogium*. Sabemos que os objetos apresentados acompanham um progressivo desenvolver de disciplinas científicas especializadas por suas fronteiras de estudos da natureza. Retomemos à ideia de inovação veiculada ao método intuitivo e a esses objetos didáticos, no sentido de compreender essa instituição como um museu de grandes novidades.

Inovações são responsáveis por destruir um hábito e gerar novas formas de relações. Entende-se que progresso tecnológico altera a maneira como as pessoas se relacionam (Paiva, Cunha, Souza Jr., Constantino, 2017, pp. 157-159). É preciso ficar claro, porém, que um objeto pode nascer como um invento, mas nem sempre como uma “inovação”. Tornam-se inovações. E uma das formas de passar esse caráter às coisas é feito, pensando em economia, pelo *marketing* (Varela, Medeiros, Silva Jr., 2012, p. 3).

Isso significa dizer que é necessário um empreendimento para criar o senso de novidade, uma circulação específica e uma aceitação do fato. Museus pedagógicos podem ser vistos como um tipo de instituição responsável por fomentar a ideia de “tecnologia educacional inovadora”. Como vimos ao longo deste capítulo, é necessário fazer circular representações que organizam imaginários de “modernidade”, “inovações” e que, em grande medida, estão condensados nas tecnologias.

Winner (1985, pp. 1-7) nos adverte que objetos técnicos tem o poder de organizar a vida, inclusive, influenciando diretamente sobre o trabalho das pessoas, a maneira como se comunicam, como viajam, como consomem. Ressalta que objetos possuem qualidades políticas intrínsecos aos seus desenhos, o que significa que cultura material pode encarnar certas formas de poder e autoridades específicas.

Portanto, objetos devem ser analisados dentro de contextos políticos, considerando além de aspectos tecnológicos o que eles representam social e economicamente.

De acordo com Barbuy (1999, p. 71), a valorização da tecnologia era algo muito comum nas exposições universais. As fábricas apresentavam a maneira pela qual as máquinas transformavam a matéria, mostrando como é fascinante a apresentação do engenho humano. Nesse caso, as demonstrações tecnológicas são na verdade instrumentos pedagógicos de visualidade que impõem o entendimento de transformações de coisas em outras coisas.

Pesavento (1994, p.151), ao estudar as imagens de nação, progresso e tecnologia presentes na Exposição Universal da Filadélfia, indica que estes eventos, ao longo do tempo, disseminaram ideias e imagens de representação coletiva, desenvolvendo um imaginário social, sendo geradoras de novas práticas sociais, inclusive na maneira de manipular esses novos objetos.

No século XIX, Exposições Universais divulgavam imagens de nação, progresso e tecnologia, passando uma ideia de progresso ilimitado, difundindo um imaginário burguês de que o desenvolvimento da técnica resultaria num mundo melhor e

o futuro se apresentava como a concretização da sociedade do bem-estar (Pesavento, 1994, pp. 154-155). “Imaginário burguês” porque esses mesmos aparatos, vistos como mercadorias e como bens de consumo, podem contar uma outra história sobre a modernidade: de lucro sobre o tempo de trabalho e uma ampla história de expropriação generalizada.

Pesavento (1994, p. 155) ressalta ainda que o progresso técnico estava imediatamente ligado ao pensamento racional, fazia parte de uma concepção libertadora que adotava a ciência como uma maneira libertadora de ser no mundo. Desse conhecimento científico, aliado às técnicas, produzia-se uma infinidade de novas máquinas. Não apenas máquinas, tudo o que seria necessário à vida também dita “moderna”.

Destaca-se que, para além das mudanças de imagem de ciência divulgadas pelas grandes feiras, o que de fato estava em processo de alteração era a autonomia de pensamentos. Uma concepção racional de se posicionar, de se relacionar no mundo, daí uma necessidade de reeducação de como lidar com todo esse aparato tecnológico que adentrava em todos os segmentos da sociedade, não apenas na escola. Existe uma mudança na ciência tradicional despertada pelas novas preocupações sociais e políticas dos cientistas (Hobsbawm, 2016, p. 386).

Sobre os objetos do *Pedagogium*, percebe-se que estão embutidos em suas especificidades valores pedagógicos, imagens de ciência e progresso técnico. Voltando aos objetos já apresentados acima, vemos que a valorização da ciência e da técnica não eram apenas conteúdos valorizados, mas próprios à existência física dos materiais.

Os objetos de História Natural, já apresentados aqui, em especial o “homem esfolado” peça desmontável para o estudo do corpo humano e o “tronco de homem dissecado” para o estudo do pneumogástrico, revelam em primeiro lugar a valorização do corpo humano que pode ser estudado detalhadamente. Mas objetos de História Natural, neste caso modelos, são desenhados, em primeiro lugar, para ditar de maneira ampliada uma representação sobre aquele corpo, normalmente, modelos étnicos europeus e brancos.

As peças “o homem esfolado” e o “tronco de homem dissecado”, especificamente eram ricas em detalhes, coloridas, apresentando diferentes texturas em partes dos corpos, feitas para serem diferenciadas visualmente e quando tocadas. No caso do “homem esfolado”, peça desmontável, indica que deveria ser manipulada, fazendo com que os alunos percebessem exatamente o lugar de cada órgão, e seus encaixes. A

tecnologia embutida nessas peças era a aproximação com a realidade, uma peça do tipo “teatral”, que visava desenvolver habilidades de observação, olhando e tateando.

Já a peça Máquina de Carré, presente do acervo de Física do *Pedagogium*, foi desenvolvida para demonstrar fenômenos da eletrostática. Também chamada de “máquina para curar dores de cabeça”, a peça exibida era feita de madeira, vidro e metal. As correntes elétricas percorriam o circuito desenhado pela máquina, quando uma pessoa girava uma manivela lateral. Ao girar essa manivela, os círculos volviam e eram produzidas correntes elétricas na parte superior do objeto, que poderiam ser olhadas e escutadas. No caso do seu uso, para curar dores de cabeça, deveria ser acoplado uma espécie de capacete que conduziria as correntes elétricas da máquina para a cabeça do paciente.

O acervo de material geográfico do *Pedagogium* também trazia exemplares com significados tecnológicos que indicavam o domínio da natureza pelos seres humanos. A peça Cosmógrafo de Girod servia para a observação dos movimentos de rotação e translação da Terra e do Sol, indicava os movimentos da Lua, o ano sideral, eclipses lunares e solares. Para funcionar, a peça deveria ser movimentada por uma manivela. Mas do que uma curiosidade, essa peça indicava a ação do Homem para o conhecimento do desconhecido. O desenho da peça exalta o conhecimento visual daquilo que poucos estudiosos tinham controle. Materializa um aspecto da natureza que nem todos tinham acesso e compreensão. Populariza um conhecimento científico restrito, indica um novo tipo de posicionamento do ser humano diante da natureza e do conhecimento sobre o que era até então obscuro.

O desenho da peça Cosmógrafo de Mouret, além de também indicar os movimentos de rotação da Terra, revela ainda ação do homem quando quantifica o tempo. O globo terrestre acima do relógio possibilita o entendimento do artificial com o natural, o domínio do homem sobre a natureza. Seu desenho é constituído para mostrar todo o aparato de funcionamento do relógio, passando uma imagem de progresso científico.

O que vemos sobre as tecnologias escolares apresentadas é que elas são um repositório de composições gestuais. O fato de objetos didáticos indicarem o seu manuseio ou mesmo observação controlada faz com que os alunos procurem compreender as ações corporais mediante às demonstrações, visando a novas formas de apreensão do conhecimento, por meio dos gestos. As exposições escolares e as formas de expor objetos de ciência, são testemunhos do progresso, mas também de maneiras específicas de relacionamento do corpo com o conhecimento e, até mesmo, de diferentes

relações entre as pessoas. O progresso técnico escolar não é apenas a história dos conteúdos científicos que passam pelos objetos, tendo-os como “recursos” para um outro conhecimento, também diz respeito ao que está intrínseco neles, como conhecimento que passa pelo corpo e que indica um significado de prática.

Como se vê acima, há sempre a necessidade de uma pessoa para que elas sejam postas em ação: para mostrar o corpo humano, para a produção de correntes elétricas, para a dar movimento ao sistema solar. A tecnologia estava literalmente nas mãos dos envolvidos.

Não se trata de discutir aqui se o professor ou o aluno manuseavam esses objetos. Não se trata nem de discutir se tais objetos eram realmente usados em sala de aula etc. Trata-se de pensar que as tecnologias possuem desenhos que significam algo, sejam eles para representar, para controlar, para manipular, para induzir comportamentos, entre outras coisas. Essa é a dimensão testada por Braghini (2020, p. 65), quando nos conta sobre os brinquedos científicos quando eles revelam significados de infância instigada à curiosidade por uma ciência curiosa, registrada nos elementos lúdicos firmados nos próprios artefatos científicos.

Brinquedos científicos são desenvolvidos para transmitir procedimentos específicos de comportamento, indicar o que deveria e como deveriam ser vistos, apreendidos, manipulados, ou seja, objetos são constituídos para produzir um certo tipo de consequência (Braghini, 2020, pp. 66-67). Trata-se de ver o potencial metodológico de estudo a partir da tecnologia inscrita nos objetos, seus desenhos e políticas, e não necessariamente e tão somente dos contextos em que estão inseridos.

Mora (2018, p. 158) reforça o poder de atração do olhar instituídos em artefatos científicos destinados a captar a atenção do público e construir um catálogo de imagens estandardizadas. Assim, objetos escolares eram produtores de fenômenos e chamavam a atenção da plateia, constituindo muitas vezes um tipo de educação por atração.

Para além dessa divulgação de uma ciência estandardizada e uma tecnologia performativa, feita a partir do treino corporal em relação à utilização dos objetos, percebe-se que o *Pedagogium* difundiu também uma tecnologia diagnóstica com ciência aplicada com a abertura do Laboratório de Psicologia em 1906, pelo então diretor Manuel Bomfim, e a entrada dos saberes psicológicos para análise dos processos de ensino e aprendizagem.

De acordo com Warde (2004), laboratórios de Psicologia podem ser entendidos como espaço de aplicação de uma pedagogia científica, em que professores teriam acessos

a diagnósticos e classificações de alunos, podendo dessa maneira reorganizar seus conhecimentos e práticas em sala de aula.

A respeito do uso do laboratório de Psicologia do Museu, Penna (1992) publica um relatório escrito por Manuel Bomfim, contando sobre uma experiência desenvolvida no espaço no ano de 1916:

No correr do ano de 1916, o laboratório do *Pedagogium* foi muito frequentado por um grupo de estudiosos, inteligentemente interessados pelas questões de psicologia. Depois de algumas experimentações quanto à articulação da palavra, ação e vontade sobre o esforço muscular, associação de ideias... pareceu possível estudar e pesquisar – a função do tempo da percepção pela vista. O mais difícil, na disposição do material e da aparelhagem das experimentações, era obter um obturador seguro permitindo uma visão em condições aproximadas do normal. Conseguimos um, que dava abertura de oito centímetros por quatro, durante, praticamente, dois centésimos de segundo (1/49). As experimentações eram assistidas por quatro pessoas que tinham seguido o curso de conferências e os dois preparadores do laboratório. Fizeram-se duas séries de experimentações: uma para a visão de objetos em natureza, a outra para a visão de desenhos. Das primeiras participaram seis dos assistentes, e que eram, além dos preparadores, dois estudantes de engenharia e duas normalistas diplomadas (Penna, 1992, p. 70).

A abertura do relatório o então diretor do *Pedagogium*, Manuel Bomfim, indica o objetivo da experimentação, a função do tempo da percepção da vista. Para a realização de tal experimento, era necessário que se tivesse um objeto, um obturador que permitisse a visão dos objetos que seriam mostrados aos estudantes no momento do estudo. Esse obturador é, na verdade, uma espécie de lanterna mágica, que apresenta de maneira rápida os objetos.

Segundo Bomfim, esse obturador era preciso o suficiente para que fosse feita a observação desejada, metrificada. As experimentações seriam assistidas por alunos que frequentavam os cursos do Museu e por dois preparadores, ou seja, dois técnicos responsáveis por manusear os objetos do laboratório. Além do obturador, o experimento usaria objetos da natureza e apresentação de imagens:

Os objetos dados eram coisas comuníssimas, cuja percepção em condições ordinárias se fez sem nenhuma hesitação: livro, tinteiro, copo, ... peixe (empalhado), pássaro ... flor, fruto comum ... instrumentos usais no laboratório ... Assim foi composta a coleção de 60 objetos. O obturador estava disposto no fundo afunilado de uma caixa piramidal, e cuja base, aberta, ficava em face do sujeito; este se colocava sentado, confortavelmente, à cabeceira de mesa, de tal sorte que, na ambiência comum do Laboratório, com a luz ordinária, só se

oferecia para a sua visão o fundo opaco da caixa, ou o que aparecia além do obturador quando este se abria. O obturador funcionava, aproximadamente, a 25 centímetros do plano dos olhos; para trás dele, em plena luz do dia, a um metro e meio de distância, ficava um plano inclinado que ocupava todo o campo visual descortinado no obturador, e, sobre ele, os objetos que deviam ser percebidos. (Penna, 1992, pp. 70-71)

O relatório indica os objetos utilizados no experimento, peças que faziam parte do acervo do Museu, portanto, tidas como comum. Ao todo, o experimento contava com 60 objetos, segundo o documento, além do obturador, e das pessoas que fariam a experiência. O relato indica, ainda, os procedimentos para que ocorresse o experimento, a posição do obturador, dos objetos que seriam mostrados, da pessoa que faria a experiência, a quantidade de luz, o local da sala, uma série de passos que deveriam ser seguidos e anotados, pois influenciavam nos resultados da pesquisa.

Ainda no campo dos procedimentos, Manuel Bomfim segue com a descrição:

Antes de registrar os resultados, cada assistente passou pela cadeira, e ensaiou ver e perceber através da abertura do obturador o bastante para que a visão assim perdesse o caráter de novidade. Começamos experimentando a percepção de um novo objeto, e verificamos que, nesse tempo de dois centésimos de segundo, um objeto comum, nas condições dadas, é sempre reconhecido. Apenas três das pessoas – uma vez cada uma – deixaram de ver; não foi o não reconhecer; mas o não estar devidamente atento para olhar. Tanto que a resposta foi mais ou menos – ‘Ah! Não vi!’... Em tais condições, podemos desprezar essas três falhas, que, aliás, não foram com o mesmo objeto. Com dois objetos – da mesma coleção: 8% das vezes foram percebidos ou reconhecidos os dois objetos; 13% das vezes, não foi reconhecido nenhum dos objetos. No restante das vezes, foi reconhecido apenas um dos objetos representados (Penna, 1992, p. 71).

Para além dos resultados, o que nos interessa e o que pretendemos ressaltar nesse trecho da tese é mais uma etapa dos procedimentos para que uma experiência fosse realizada. Era necessário que se treinasse o experimento antes de iniciá-lo, pois o despreparo poderia interferir nos resultados. Entende-se que para a realização de uma experiência, todos os aspectos contam e interferem no resultado, tudo deve ser anotado, a fim de que se interprete cada passo. Especificamente no caso do Laboratório de Psicologia, os procedimentos deveriam ser detalhadamente marcados e testados, a fim de que se obtivesse resultados claros daquilo que era observado, pois se tratava de um experimento diagnóstico. Isso implica que qualquer que fosse a interferência, poderia mudar a conclusão do estudo.

Vimos que o *Pedagogium* era um estabelecimento que tinha dois modos diferentes de operar e apresentar a tecnologia. O primeiro apresentava a ideia de ciência legitimada, estandardizada, representada por objetos já atestados em experimentos conhecidos, de ampla circulação em escolas, universidades e museus naquele momento, com uma tecnologia performativa; representada pelos gabinetes e acervo de objetos em geral, pensando a prática de ensino por demonstração como desenvolvimento dos sentidos, a partir de diferentes objetos científicos pensados também à escola: aparatos, maquinários, modelos, taxidermizados etc. O segundo, com ciência metrificadora, observadora de regularidades, diagnóstica, aplicada e uma tecnologia por instrumentação de precisão, apresentada por experimentos no Laboratório de Psicologia.

## CAPÍTULO 4. Conhecimento: os espaços e as ações para a formação de professores

### 4.1 A biblioteca do *Pedagogium*: um espaço de organização do conhecimento

Conforme já visto anteriormente, o decreto de organização do *Pedagogium* determinava que a instituição deveria oferecer ao público e aos professores meios de instrução profissional, expondo os materiais didáticos mais aperfeiçoados e os melhores métodos de ensino. Dessa maneira, a instituição disponibilizou espaços e ações, a fim de cumprir com a determinação de divulgação dos ditos melhores métodos de ensino.

O conhecimento do Museu foi difundido de diferentes maneiras sendo uma delas pela organização de uma biblioteca circulante. Os primeiros volumes da biblioteca do *Pedagogium*, assim como todo o seu acervo, foram herdados do extinto Museu Escolar Nacional. Sendo o *Pedagogium* uma instituição cujo objetivo era a instrução profissional e pedagógica do professorado, interessa saber aqui que tipo de conhecimento era difundido por tal biblioteca.

Carvalho (2007, p. 19) chama a atenção para a formação de estilos distintos de configuração de saberes pedagógicos. Nesse sentido, as bibliotecas destinadas à formação e à leitura profissional de professores constituem um *corpus* do saber, uma cultura pedagógica.

A biblioteca do Museu Escolar Nacional que foi transferida para o *Pedagogium* contava com mais de dois mil exemplares, entre documentos, revistas e livros, conforme consta em seu Catálogo:

**Quadro 8** – Acervo da Biblioteca do Museu Escolar Nacional

Assuntos	Quantidade
Documentos legislativos, administrativos e estatísticos, concernentes à instrução	1069
Educação geral	502
História Geral	168
Gramática	133

Aritmética	122
Geografia	120
Linguística	112
Anuários, Revistas e Catálogos	100
Instrução Cívica	75
Métodos de ensino	68
História natural	59
Crítica e História Literária	58
Agricultura	54
Física	46
Instrução Religiosa	42
Geometria	33
Moral	33
Higiene	24
Indústria	17
Química	14
Álgebra	9
Mecânica	9
Astronomia	5
Psicologia	1
<b>total</b>	<b>2873</b>

Fonte: Catálogo da Biblioteca do Museu Escolar Nacional, organizado por Júlio Lima Franco, 1885. Organização da autora.

Percebe-se que o *Pedagogium* recebeu um grande acervo da instituição extinta, com uma certa variedade de assuntos. Dentre as coleções de livros herdadas, a de maior número foi a coleção de livros cujo tema era Educação Geral, com um acervo de 502 exemplares. Dentro dessa temática, estavam inseridos títulos como: *Dictionnaire de pédagogie et d'instruction primaire* de Buisson; *Manual de lecciones sobre objetos, e um curso graduado para el desarrollo primário y com programas de grados y pasos*, de Calkins, traduzido da versão inglesa por Emilio Romero e José Pedro Varela; *Conseils sur la Direction des salles d'asile, Enseignement pratique dans les salles d'asile ou premières leçons à donner aux petits enfants, suivies de chansons et de jeux pour les récréations de l'enfance e Introduction de la méthode des salles d'asile dans l'enseignement primaire. Conférences faites aux instituteurs réunis à la Sorbonne à l'occasion de l'exposition universelle*, de 1867, todos de M. Pape Carpentier.

Na coleção Método de Ensino, foram encontrados títulos como: *Manuel des maitres, comprenant l'application des principes pédagogiques et le guide pratique de la période élémentaire*, *Manuel des maitres, comprenant l'exposé des principes de la pédagogie naturel et le guide pratique de la première année préparatoire*, *Manuel des maitres, comprenant l'application des principes pédagogiques et le guide pratique de la deuxième année préparatoire, avec la collaboration M. Ch. Defodon*, todos esses de autoria de M. Pape Carpentier; *Curso graduado de instruccion y manual de métodos para o uso de los maestros* de autoria de Harrison Kiddle e Calkins; *Comment Gertrude instruit ses enfants* de autoria de Pestalozzi.

Observa-se que todos os livros destacados se destinam à formação e orientações práticas aos professores, no entanto, chama a atenção a autoria destes livros pois, M. Pape Carpentier, Buisson, Calkins e Pestalozzi foram todos divulgadores do método intuitivo. Além desses títulos, uma observação atenta do catálogo permite perceber que a maior parte dos livros era estrangeira, de diferentes nacionalidades da Europa e América Latina.

Segundo Carvalho (2007, p. 23), nos últimos anos do século XIX, existiu uma cultura pedagógica necessária para a formação de bons mestres, uma diversidade de repertório e informações com função de modelo na formação de professores.

Partindo do recebimento dessa coleção, o Regulamento para o *Pedagogium* de 1890 determinou, no artigo 12º do decreto n. 980, que a biblioteca seria circulante para o empréstimo gratuito e temporário em domicílio das obras que exigiam uma leitura meditada e reflexiva. Além disso, o mesmo artigo previa um catálogo especial que seria enviado de maneira gratuita a todos os professores públicos da capital.

A *Revista Pedagógica* n. 5, de fevereiro de 1891, informou na seção Crônicas do interior que a biblioteca circulante do *Pedagogium* foi inaugurada por Augusto Cony, o qual apresentou um estudo de diferentes plantas de edifícios escolares (*Revista Pedagógica* n. 5, 1891, p. 323).

O periódico oficial do Museu publicou, ainda, um catálogo dos periódicos, revistas e jornais de educação e ensino presentes na instituição. Neste catálogo, constavam 142 exemplares sendo a imensa maioria de origem estrangeira:

**Quadro 9** – Catálogo dos periódicos, revistas e jornais de educação e ensino – 1894.

<b>Nacionalidade</b>	<b>Quantidade</b>
França	40
Brasil	27
Argentina	11
Itália	9
Espanha	7
México	6
Uruguai	5
EUA	5
Venezuela	4
Alemanha	4
Peru	3
Bruxelas	3
Portugal	3
Suíça	3
Suécia	2
Não identificado	2
Paraguai	1
Chile	1
Colômbia	1

Canadá	1
Guatemala	1
Costa Rica	1
Inglaterra	1
Viena	1
<b>Total</b>	142

Fonte: *Revista Pedagógica*, n. 34-35-36-37-38, Tomo 7 e 8, 1894. Organização da autora.

Percebe-se que, do total mencionado pelo Museu, a maior parte do acervo era estrangeira, sendo as origens de maior incidência os materiais franceses, brasileiros e argentinos, respectivamente. Entre os materiais relacionados no catálogo, estavam boletins educacionais, revistas de ciências e anuários de ensino. Somente duas edições da *Revista Pedagógica* publicaram catálogos da biblioteca.

Os demais exemplares do periódico oficial do Museu relataram com frequência listas de doações e recebimentos. Observando tais listagens, percebe-se que o *Pedagogium* recebia: livros, revistas, documentos oficiais, relatórios, fotografias e catálogos. Além de publicar o material recebido, as Revistas Pedagógicas mencionavam muitas vezes o autor de tais doações. Entre os doadores estavam políticos e intelectuais, casas de materiais didáticos, diretores de estabelecimentos de ensino, autoridades de outros países, órgãos públicos e autores de livros:

#### **Lista 1 - Doadores**

Dr. Ramiz Galvão
Menezes Vieira
Olavo Freire
Ministério da Instrução Pública
Satyro de Oliveira Dias
Chile
Venezuela
Delagrave - França
Deyrolle - França

José Veríssimo diretor do primeiro externato do Ginásio Nacional
Ligação Brasil/Portugal -Ministro
Buenos Ayres
Inspetoria geral da Instrução Pública de Pernambuco
Boletim de educacion de Salta
Pelo diretor Alfredo Piragibe
H. M. Hubner, vice-consul do Brasil em Vienna
Instituto Agrônômico de S.Paulo
Escola nacional de Belas Artes
Alfredo Gomes
Alfredo Soares
José H. Figueira inspetor técnico das escolas do Uruguai
Dr. Domingos Freire
Diretoria do Liceu de artes e ofícios
Governador do estado da Bahia
Dr. Silvano Brandão
Secretário de Negócios do interior, Dr. Francisco Silviano de Almeida Brandão - Ouro Preto
Relatório do diretor da escola normal e do liceu de Niterói Dr. Antonio Aydano Gonçalves de Almeida – Rio de Janeiro
Sr. Dr. João Brasil Silvado – inspetor escolar em comissão na Europa
Dr. Cupertino do Amaral, Diretor geral da secretaria da Justiça e Negócios Interiores
J. Barboza Rodrigues diretor do Jardim Botânico
Sr. Felisberto de Carvalho, sub-diretor secretario do Pedagogium
Sr. Francisco de Oliveira Chagas inspetor do 18º distrito escolar de Itu
Editor J. G. Azevedo
Sr. Dr. F.A.Berra, de Montevideo

---

Sr. Carlos Barreto

---

Sr. Dr. Paulo Freitas

---

Oferecidos pelo Sr. Dr. Cezário Motta Junior – Secretário dos  
Negócios do Interior no Estado de São Paulo

---

Fonte: *Revista Pedagógica*, Tomo 1,2,3,4,5,6. (1890-1896). Organização da autora.

Entre as pessoas que fizeram doações à Biblioteca do *Pedagogium*, aparecem os nomes de Ramiz Galvão, Inspetor Geral da Instrução Primária e Menezes Vieira. Nota-se, também, que as empresas de materiais didáticos Deyrolle e Delagrave fizeram doações de materiais impressos. Percebe-se que alguns materiais chegaram de países estrangeiros, os casos mencionados foram do Chile, Uruguai e Venezuela. Toda a listagem de materiais impressos recebidos pela biblioteca do *Pedagogium* foi relacionada no periódico oficial da instituição. Nesta listagem, constam mais de 300 itens. Nem todos aparecem seus respectivos doadores.

Boa parte deste material, mesmo aqueles que foram doados por brasileiros, era a respeito da educação de outros países. Seria necessária uma pesquisa mais aprofundada a respeito dos conteúdos de tais materiais. Observando os títulos destes livros, percebe-se que muitos enquadram-se nos chamados “guias de aconselhamento”, ou seja, livros que visavam moldar o trabalho do professor, algo comum em bibliotecas de escolas normais e na literatura profissional a partir da década de 1880 (Carvalho, 2007, p. 25).

Além disso, a outra grande parte destes recebidos tratavam da educação de Estados e países, servindo como uma espécie de relatório geral da situação pedagógica de cada localidade. Isso significa, que é possível classificar a Biblioteca do *Pedagogium* como um espaço de conhecimento sobre o que estava se fazendo nas escolas do país e do mundo. O professor que visitava a Biblioteca do *Pedagogium* poderia conhecer um panorama geral do que estava sendo feito nas escolas do país e de outros países, o que mostra, mais uma vez, o caráter transnacional de circulação de informações promovido pelo Museu.

#### **4.2 *Pedagogium* como um centro educacional: captação de difusão de conhecimentos para o professorado e o “público em geral”**

Percebemos que o fato de o *Pedagogium* ter sido criado como um centro de formação de professores foi motivo de debates em torno de seu funcionamento, tanto para justificar a defesa de continuidade da instituição como também para aqueles que foram contra o *Pedagogium*, alegando que as escolas normais já cumpriam com essa função.

Ao longo dos conturbados anos de funcionamento do estabelecimento, o Museu ofereceu aos professores cursos e conferência com a finalidade de aprimorar o desempenho destes profissionais na aplicação dos ditos novos programas escolares modernos.

É importante lembrar que a fundação e organização do *Pedagogium* foi determinada na mesma lei que instituiu a reforma da instrução primária e secundária. O decreto 981, de 1890, reorganizou os ensinos primários e secundários e determinou as funções do *Pedagogium*, como já dissemos em outro momento. Não é à toa que a organização do Museu foi detalhada na mesma lei que reformou o ensino do país. Percebe-se no decreto que a intenção era fazer do *Pedagogium* um diretor da instrução republicana nacional, que fora modificada a partir dessa reforma de ensino.

De acordo com o decreto, o ensino primário deveria oferecer entre o primeiro e segundo ano os cursos de: Leitura e Escrita, ensino prático da Língua Portuguesa, Aritmética, Sistema Métrico, Geografia, História, Lições de Coisas, Instrução Moral e Cívica, Desenho, elementos da Música, Ginástica e Exercícios Militares, Trabalhos Manuais para meninos, Trabalhos de Agulha para meninas, noções de Agronomia, Caligrafia, Francês, elementos de Ciências Físicas e História Natural aplicáveis às indústrias, à agricultura e à higiene.

De acordo com o inciso segundo do decreto, todos estes cursos deveriam ser empregados por meio do método intuitivo. Já o artigo nono, determinava que todas as escolas primárias deveriam contar com um museu escolar provido de coleções mineralógicas, botânicas e zoológicas, além de instrumentos para o ensino concreto, um ginásio para exercícios físicos, um pátio para jogos e recreios e um jardim preparado seguindo preceitos pedagógicos.

Com relação ao Ensino Secundário, o mesmo decreto determinou que este deveria oferecer os cursos de: Português, Latim, Grego, Francês, Inglês, Alemão, Matemática, Astronomia, Física, Química, História Natural, Biologia, Sociologia e Moral, Geografia,

História Universal e do Brasil, Literatura nacional, Desenho, Ginástica, evoluções militares, esgrima, Música.

Além de estabelecer os cursos que seriam oferecidos nos cursos primários e secundários, o decreto determinou, ainda no artigo vinte e um, que os professores catedráticos e professores adjuntos tinham por dever executar fielmente os programas de ensino e concorrer as conferências do *Pedagogium* sempre que para isso fossem avisados pela Inspeção Geral. Isso significa, na prática, que os professores poderiam ser convocados para assistirem as conferências oferecidas pelo *Pedagogium*.

O decreto determinou também, no inciso três, que o professorado público e particular, assim como as normalistas, poderia utilizar os gabinetes e laboratórios do *Pedagogium* para realizarem as aulas práticas, desde que fossem em horários diferentes dos cursos e conferências.

Percebe-se que o *Pedagogium* é instituído como uma espécie de complementação da formação de professores que deveriam frequentar os cursos oferecidos pelo Museu, assim como frequentar os espaços para a realização de aulas práticas. Nesse caso, as escolas normais ainda seriam o local principal de formação, servindo o *Pedagogium* como um espaço de atividades complementares, porém, indispensáveis.

Segundo Villela (2005, p. 105), neste período, identifica-se uma tendência dos Estados Nacionais em homogeneizar formas dispersas de educação, sendo possível observar, assim, políticas públicas que criavam um sistema mais centralizado, regulado e controlado pelo poder estatal. Deve-se levar em consideração ainda, que o avanço do liberalismo, a abolição da escravatura, a chegada de imigrantes e a necessidade de assimilação de novas técnicas de produção tinham uma intersecção direta com as questões educacionais (Villela, 2005, p. 106).

Dentro dessa perspectiva, a criação do *Pedagogium* e a sua função de formação de professores devem ser vistas como uma ação educativa do governo republicano no sentido de centralizar a educação no país.

Tudo isso, em conjunto, coloca as ações do *Pedagogium* como um órgão direcionador do governo que deveria apresentar modelos e oferecer formação, colaborando com o Ensino Primário e Secundário do país. Veremos que tipo de cursos e conferências eram oferecidos aos professores e público em geral e quais os conhecimentos transmitidos pelo Museu.

Este mesmo decreto n. 980, de 1890, estabeleceu que as conferências e cursos científicos do *Pedagogium* versariam sobre métodos de ensino e sobre ciências

matemáticas, físicas e História Natural. Para ministrar tais atividades, seriam convidadas pelo inspetor geral pessoas idôneas, aquelas que, durante três anos, destacassem-se, receberiam o título de professor honorário do *Pedagogium*. Os cursos seriam oferecidos no período noturno e sua frequência era livre, reservando apenas os melhores lugares para os professores. Vimos que um dos objetivos centrais era fazer com que o professor estivesse apto para lidar e ensinar pelo método intuitivo e com o uso de objetos. Dessa forma, os cursos e conferências oferecidos pelo *Pedagogium* deveriam ensinar os professores a utilizarem esse novo método e, possivelmente, a lidar com os materiais.

De acordo com Valdemarin (2004, pp. 103-104), em meados do século XIX, o método intuitivo era entendido como um método pedagógico capaz de reverter a ineficiência do ensino escolar, como a insuficiência de leitura e escrita e com noções de cálculo insatisfatórias. Para tanto, a escola primária foi considerada uma peça fundamental para a difusão do sistema de valores burgueses e, por isso, deveria ser adequada culturalmente.

Valdemarin (2004, p. 104) também afirma que havia um clima de descontentamento geral o que propiciou uma adesão maior a discursos que tinham a intenção de promover uma renovação pedagógica:

o movimento de renovação pedagógica que começa a despontar na metade do século XIX, tenta investir contra o caráter abstrato e pouco utilitário da instrução, prescrevendo-lhe novo método de ensino, novos materiais, a criação de museus pedagógicos, variação de atividades, excursões pedagógicas, estudos do meio, entre outras. (...) Diante dessas proposições inovadoras, torna-se compreensível o surgimento de manuais destinados a orientar o uso dos novos materiais na prática pedagógica. Nesse contexto, o livro assume uma função diferenciada na instrução: passa a ser menos utilizado pelo aluno como depositário primordial das lições e torna-se o material essencial para o professor, expondo um modelo de procedimentos para a elaboração de atividades que representem a orientação metodológica geral prescrita, justificando a proliferação desses manuais no período (Valdemarin, 2004, pp. 104-105).

Nota-se que a aplicação do método intuitivo vem acompanhado do forte discurso de necessidade de renovação e modernização do ensino. O método intuitivo é transformado, portanto, na principal política educacional e representava os valores republicanos de transformação da sociedade.

Porém, percebe-se, ainda, que o método intuitivo, embora privilegiasse o uso de objetos, fez com que os professores necessitassem do apoio de compêndios pedagógicos,

a fim de aplicar com eficiência tal método em sala de aula. Neste aspecto é que o trabalho do *Pedagogium* se tornava imprescindível, pois ao frequentar os espaços, cursos e conferências do Museu, os professores teriam contato com modelos de ensino à época dito “prático”, não somente pela leitura dos livros.

Os cursos e conferências do *Pedagogium* eram destinados aos professores, mas também eram abertos ao público em geral, sendo que a sua programação era amplamente divulgada nos jornais da cidade. Segundo o Anuário de Ensino do Rio de Janeiro (1895, p. 470), a sala de cursos livres e das conferências tinha capacidade para 120 pessoas.

Segundo Braghini (2017, p. 75), a apresentação de experimentos científicos para grandes plateias era algo bastante comum no século XVIII, na Europa tais apresentações aconteciam em salões, auditórios, saraus, espetáculos públicos, sendo que estes eventos se tornaram um divertimento e uma curiosidade aristocrática que foi se popularizando com o tempo.

Nieto-Galan (2011, pp. 81-82) classificou estes eventos de “ciência do espetáculo”, afirmando que no final do século XVIII era comum uma filosofia da demonstração, uma cultura do entretenimento. A “ciência do espetáculo” ou “ciência teatral”, apresentada para grandes públicos, transcendia as aulas universitárias e chegava ao grande público, também era publicada nos jornais na cidade, como no caso de Paris, e abrangia temas como: matemática, física, história natural, geometria, química e farmácia (Nieto-Galan, 2011, pp. 105-109).

Ao longo do século XIX, apresentar instrumentos científicos em exposições, aulas, apresentações públicas ou em armários envidraçados tornou-se de certa maneira comum, demarcando um aspecto vindo de outros períodos, como uma certa curiosidade que se tinha dessas máquinas (Braghini, 2017, p. 69).

Nesse sentido, o fato de os cursos e conferências no *Pedagogium* serem abertos ao público em geral e divulgados nos jornais das cidades, confere ao Museu um papel de divulgador científico, repercutindo uma prática que acontecia na Europa desde meados do século XVIII. Esse é um movimento histórico de grandes proporções que faz do discurso científico algo que necessita da ampliação de públicos e de testemunhas que atestem e validem os experimentos.

Embora com um amplo espaço para receber muitas pessoas, um relatório de 1893 publicado na edição de 15 de março de 1894 da *Revista Pedagógica*, reclamou que uma lei havia impossibilitado a continuidade da realização de cursos noturnos no Museu. De acordo com o relatório da revista, tal medida foi responsável pela baixa frequência dos

curtos e conferências, já que estes ocorreram no período diurno, momento em que a maioria dos professores estaria exercendo sua profissão (*Revista Pedagógica*, n. 31-32-33, Tomo 6, 1894, p. 82).

Na edição de 15 de junho de 1894, a *Revista Pedagógica* publicou nota a respeito do esforço empreendido por parte do governo, a fim de reforçar a iluminação noturna do estabelecimento para que possam voltar a funcionar no horário noturno os cursos e as conferências (*Revista Pedagógica*, n. 34-35-36, Tomo 6, 1894, p. 265).

Na edição de 15 de setembro de 1894, em pequeno relatório sobre os quatro anos de funcionamento do Museu, foi publicada uma lista dos professores que haviam feito conferências regulares no *Pedagogium*: Jayme Pombo Bricio Filho, professor de escola do 2º grau; Raymundo Monteiro da Silva; Joaquim José de Menezes Vieira, diretor do Museu; José Parga Nina; Ulysses Cabral, diretor do Colégio Atheneu Brasileiro; Themistocles Savio, professor do Colégio Militar; e Luiz Carlos Duque Estrada, professor do Colégio Militar (*Revista Pedagógica*, n. 37-38-39, Tomo 7, 1894, p. 136).

As informações sobre o horário, dia, tema e professor dos cursos e conferências apareciam com frequência nos jornais da cidade, mais do que nas Revistas Pedagógicas da instituição, que publicava somente sobre conferências específicas e informações gerais, conforme apresentado anteriormente.

Ao analisarmos os jornais da cidade no período de funcionamento do Museu, foi possível rastrear os cursos ofertados e os professores destes cursos e conferências dos seguintes anos: 1892, 1895, 1896, 1897, 1902 até 1911. Observa-se que alguns anos não aparecem nos jornais. Não foram localizadas documentações que dão conta deste período.

Sabe-se que entre 1890 até maio de 1891 o Museu ocupou o espaço da Imprensa Nacional, o que provavelmente inviabilizou a realização de cursos nesse período. Entre 1893 até pelo menos meados de 1894, o Museu sofreu com a falta de energia e com a impossibilidade de realizar os cursos no período noturno.<sup>51</sup> Vale lembrar ainda que Menezes Vieira foi diretor do Museu entre 1890 e 1896, com uma pequena pausa em 1895, e Manuel Bomfim, no primeiro período entre 1897 e 1910, com pequenas pausas entre 1906, 1907 e 1908. Portanto, o maior índice de ocorrências de notícias sobre os cursos e conferências do *Pedagogium* ocorreu nos períodos de direção das duas pessoas

---

<sup>51</sup> Até o final de 1894, o Museu sofreu com a falta de energia, o que impossibilitou a realização dos cursos noturnos. A *Revista Pedagógica* de dezembro daquele ano informou que a energia havia sido solucionada e que, por isso, os cursos poderiam acontecer novamente (*Revista Pedagógica* n. 40, 1894, p. 293).

que mais tempo estiveram no cargo. Considera-se, por fim, que era o Museu muitas vezes o responsável por enviar as informações das atividades ocorridas nas dependências do estabelecimento. Logo, o fato de alguns anos não aparecerem nos jornais não significa que os cursos não tenham ocorrido, muito embora outros documentos e arquivos consultados também não forneçam tais informações.

Sobre o ano de 1892, os jornais da cidade noticiaram com frequência a realização de duas conferências: uma sobre Agronomia, ministrada por Monteiro da Silva e outra sobre História Natural, ministrada pelo professor Parga Nina. Sobre estes temas e com estes professores, aconteceram 14 conferências de Agronomia e 5 conferências de História Natural ao todo. Os jornais anunciavam que tais conferências eram elaboradas de acordo com o programa das escolas públicas primárias.

De acordo com a *Revista Pedagógica*, as conferências de Agronomia ministradas pelo professor Monteiro da Silva contavam com a presença de inspetores escolares, inspetor geral e professores primários do ensino público. Além disso, o professor utilizava instrumentos agrícolas, espécimes do Museu Deyrolle e quadros parietais (*Revista Pedagógica* n. 18, Tomo 3, 1892, p. 365).

Uma carta enviada ao Ministro da Justiça e negócios interiores pelo diretor interino do Museu Felisberto Rodrigues Pereira de Carvalho, em agosto de 1894, solicitou que fossem ampliadas as cadeiras de ensino do *Pedagogium*. Dessa forma, o diretor propôs a criação dos cursos de Pedagogia, Ciências Físicas, História Natural, Agronomia, Música e Desenho. Afirmou ainda que o ensino de Matemática não era necessário, pois muitos colégios da capital já o faziam (*Revista Pedagógica*, n. 40-41-42, Tomo 8, 1894, p. 293).

Em outubro do mesmo ano, o Ministério respondeu o ofício enviado pelo então diretor do Museu, informando que os novos cursos poderiam funcionar no *Pedagogium*, a partir de maio de 1895. Dessa maneira, foram publicadas novas instruções para regerem as conferências e os cursos do *Pedagogium* (*Revista Pedagógica* n. 40-41-42, Tomo 8, 1894, p. 297).

O artigo segundo da nova regulamentação determinou que os cursos aconteceriam às quartas-feiras e sábados à noite, sendo que as primeiras conferências tratariam dos seguintes assuntos: Ensino Técnico ou Profissional; Trabalho Manual e escolas de aprendizagem; Educação Cívica e cursos noturnos especiais para adultos; internatos correccionais; educação dos surdos, dos cegos, dos apoucados de inteligência; jardins de infância e escolas maternais (*Revista Pedagógica*, n. 40-41-42, Tomo 8, 1894, p. 298).

O artigo terceiro definiu que as conferências realizadas no *Pedagogium* deveriam ser registradas e publicadas pela Revista Pedagógica, periódico oficial do Museu. Neste ponto, vale ressaltar que tal determinação não aconteceu na prática, veremos adiante que poucas conferências foram de fato publicadas pelas revistas nos anos seguintes (*Revista Pedagógica*, n. 40-41-42, Tomo 8, 1894, p. 298).

Os artigos sexto e sétimo definiram que os cursos deveriam ter caráter prático, dando uma maior ênfase aos assuntos tratados no ensino primário e infantil. Assim, estabeleceu a criação das seguintes matérias: Pedagogia, Física e Química, História Natural, Agronomia, Música, Trabalhos Manuais e Desenho (*Revista Pedagógica* n. 40-41-42, Tomo 8, 1894, p. 298).

Percebe-se que a instrução divide os temas entre cursos e conferências, sendo que estes teriam a opção de abordar temas diversos, conforme estabelecido pela mesma regulamentação. Nota-se, ainda, que todos eles estavam respaldados pelo próprio currículo dos ensinos primários e secundários.

O artigo nove garantia, ainda, que os professores dos cursos e conferências teriam toda a autonomia nos métodos de ensino e no desenvolvimento dos programas. Por fim, o último artigo da nova instrução determinou que os trabalhos de manipulação e experiência nos laboratórios seriam feitos sob a fiscalização do conservador do Museu que comunicaria qualquer irregularidade ou abuso (*Revista Pedagógica*, n. 40-41-42, Tomo 8, 1894, pp. 298-299).

Após essa regulamentação, o ano de 1895 apareceu com uma grande frequência nos anúncios de jornais da cidade, que indicavam os cursos, conferências e professores respectivos:

**Quadro 10** - Relação de cursos e professores em 1895

<b>Curso/Conferência</b>	<b>Matéria/Tema</b>	<b>Professor</b>
Curso	Física	Oliveira Menezes
Curso	História Natural	Parga Nina
Curso	Agronomia	Monteiro da Silva
Curso	Pedagogia e Metodologia	José Veríssimo
Conferência	História Natural	J. J. Pizarro
Conferências	Literárias	

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em 12 de janeiro de 2020.<sup>52</sup> Organização da autora.

Neste ano, além dos cursos de Agronomia e História Natural, foram incluídos os cursos de Física, Pedagogia e Metodologia, conforme determinou a nova regulamentação. Nota-se que aparecem dois nomes para o curso de História Natural: Parga Nina e J. J. Pizarro. Além dos cursos, segundo os jornais, ocorriam, ainda, as chamadas Conferências Literárias, mas não era informado o professor responsável. A frequência atingiu 4187 ouvintes, sendo os cursos de História Natural e Física com os maiores públicos, 1914 e 1651, respectivamente. Em seguida, o curso de Pedagogia teve 361 ouvintes e o curso de Agronomia contou com 261 ouvintes (*Revista Pedagógica*, n. 46, 1895, p. 317).

O curso de Pedagogia e Metodologia, ministrado pelo professor José Veríssimo, e a conferência de História Natural, dada por J. J. Pizarro, foram publicados na *Revista Pedagógica* n. 44, de 1895.

A lição inaugural do curso do professor José Veríssimo foi publicada em sua íntegra na *Revista Pedagógica* n. 44 de 1895. Nesta aula inaugural, José Veríssimo fez uma discussão sobre a importância da Pedagogia (*Revista Pedagógica*, n. 44, 1895, p. 139-148).

O professor José Veríssimo iniciou sua fala dizendo que não tinha pretensões de ensinar teorias ou práticas, mas sim, dialogar sobre os problemas da educação e seus métodos (*Revista Pedagógica*, n. 44, 1895, p. 140).

Ao longo da fala, o professor discutiu porque a Pedagogia não pode ser definida como uma ciência e faz uma crítica às políticas nacionais positivistas por terem excluído a Pedagogia da grade curricular da Escola Normal.

Segundo Veríssimo, a Pedagogia não pode ser definida como ciência pois:

Ela não pode pretender nem determinar os fenômenos uns pelos outros, nem coordenar sistematicamente os fatos, nem prever. (...) o seu campo de ação certo é o homem e principalmente o homem na infância (*Revista Pedagógica*, n. 44, 1895, p. 141).

Para dizer que Pedagogia não é uma ciência, o professor faz uma comparação com outros saberes já determinados científicos, cita o caso da botânica, mineralogia, zoologia,

---

<sup>52</sup> Os jornais acessados para compilação destas informações do quadro foram *Jornal Gazeta de Notícias* (de maio a outubro de 1895), e *Jornal do Comércio* (1895), sem ser possível ver a especificidade da data, devido à má digitalização.

e afirma que a Pedagogia não opera da mesma forma, já que o homem na infância é seu principal campo de ação.

No entanto, segundo Veríssimo, embora a Pedagogia não possa ser chamada de ciência, ela deve fazer uso das regras estabelecidas por outras áreas ditas científicas, como a Fisiologia, Psicologia, Sociologia e moral. Estas forneciam as bases do conhecimento exato da natureza humana, além de fornecer os critérios seguros dos modos e fins da educação (*Revista Pedagógica*, n. 44, 1895, pp. 142-143).

José Veríssimo prossegue em sua fala, afirmando que, se a Pedagogia não pode ser chamada de ciência, ela, na verdade, deve ser compreendida como uma arte, sendo que seu valor social consiste porque é a arte de ensinar:

a educação constitui a primeira das artes, a única inteiramente geral, a que aperfeiçoa a ação, melhorando o agente. (...) a pedagogia que é a sistematização dessa arte merece que se lhe dê a importância a que tem direito e que a estudemos. (...) a medicina é a arte de curar a pedagogia é a arte de ensinar, as duas são baseadas em ciências (*Revista Pedagógica*, n. 44, 1895, p. 143).

Após definir o que era Pedagogia, o professor passou para o segundo momento de sua fala, em que faz críticas às políticas nacionais que, segundo ele, colocaram em descrédito a Pedagogia. Afirma que, após a reforma do ensino público, durante a República, a Pedagogia foi banida da Escola Normal e que esse fato se deu por conta das ideias positivistas nos quais foram baseadas tais reformas (*Revista Pedagógica*, n. 44, 1895, p. 143).

Neste ponto, é interessante ressaltar que o professor não hesitou em criticar as reformas educacionais republicanas que, entre outras mudanças, determinaram a criação do próprio *Pedagogium*.

De acordo com Tambara (2005, p. 170, 173, 175), o positivismo entrou em algumas camadas de decisão do país, dentre eles as pessoas e intelectuais que tinham poder de decisão sobre a educação, entre eles Benjamin Constant. De acordo com o pesquisador, o ideal positivista para a educação era o ensino de caráter técnico, sendo as reformas educacionais de 1890 conduzidas por Constant, tendo sido inspirada nesses ideais.

Sendo Benjamin Constant um entusiasta do positivismo no país, é bastante significativo que a aula inaugural do curso de Pedagogia e Metodologia do *Pedagogium*, ministrada por José Veríssimo, fizesse tamanha crítica ao idealizador do Museu. Desperta

atenção o fato de que, se as reformas positivistas colocaram de lado o ensino de Pedagogia, a presença do curso no *Pedagogium*, fundado por um positivista, pode significar que o Museu, talvez, não cumprisse totalmente tal preceito.

José Veríssimo prossegue sua fala na aula inaugural, afirmando que o positivismo era nocivo e queria impor sua própria pedagogia:

O positivismo não é, ou pelo menos não se quer, apenas um sistema filosófico (...) ele pretende ser um sistema completo e definitivo, abrangendo todas as relações entre homem na terra, sendo ao mesmo tempo uma filosofia, uma religião, uma política, e representa definitivamente o papel que o catolicismo, a quem afirma veio a substituir (...) o positivismo condena toda a nossa organização atual do ensino e todas as disciplinas que contrariam seu advento. (...) a pedagogia, ensinada naturalmente consoante princípios que não são os da escola positivista, é, portanto, para os adeptos dessa escola um vão palavreado, inútil senão nocivo. O positivismo tem a sua própria pedagogia (*Revista Pedagógica*, n. 44, 1895, p. 144).

O palestrante finalizou sua aula inaugural afirmando que todos os países cultos davam à Pedagogia, no ensino oficial ou particular, um digno lugar, e que em países como Alemanha e EUA, a Pedagogia ocupava lugares na universidade. Mesmo a França criou uma cadeira de Pedagogia na universidade de Letras. José Veríssimo defende que muitos países possuem uma longa tradição pedagógica e preocupação com a educação e seus métodos, o que, segundo ele, parece não ser o caso do Brasil (*Revista Pedagógica*, n. 44, 1895, p. 148).

Percebe-se que a aula inaugural do curso de Pedagogia dada por José Veríssimo não se ocupou de apresentar um método de ensino, uma orientação aos professores, uma formação especializada. José Veríssimo fez, na verdade, um posicionamento político a respeito do ensino de Pedagogia, fazendo uma clara defesa desse ensino e criticando aqueles que o retiraram. Entende-se aqui que o *Pedagogium* também poderia ser um espaço de debate político sobre o ensino, palco de disputas políticas que perpassam pelas discussões educacionais.

A conferência pública dada por J. J. Pizarro, em 8 de junho de 1895, no *Pedagogium*, também foi publicada no periódico do Museu. Com o título: “A voz da palavra sob o ponto de vista da linguagem”, a conferência pública ministrada por J. J. Pizarro abordou o funcionamento da voz e a elaboração da linguagem na espécie humana em diferentes povos (*Revista Pedagógica*, n. 45, 1895, p. 194).

J. J. Pizarro iniciou sua palestra afirmando que a formação da linguagem estava ligada aos órgãos do sentido, especificamente à região do aparelho respiratório formado pela laringe, esta responsável pela formação e emissão da voz (*Revista Pedagógica*, n. 45, 1895, p. 194).

A palestra continuou com uma explicação detalhada sobre o que o palestrante chamou de “os benefícios da laringe”, explicando como funcionava, sendo que estava diretamente relacionada com a função pulmonar. A publicação da palestra no periódico do Museu não especifica se foram utilizados objetos didáticos para complementar a explicação detalhada sobre a laringe. Vimos, no capítulo anterior, que existiam objetos no acervo de História Natural do Museu que poderiam servir para tal explicação. É possível que, como em outras oportunidades, o palestrante fizesse uso dos materiais para, de forma demonstrativa, mostrar a voz como um processo fisiológico.

Após explicar sobre os pontos principais e funções da laringe, o professor continuou sua conferência com uma longa apresentação das diferentes formações de palavras, fonemas e linguagem em diferentes países e idiomas (*Revista Pedagógica*, n. 45, 1895, p. 196).

No ano de 1896, aumenta consideravelmente o número de cursos e conferências oferecidos, além do número de pessoas que frequentaram, um total de 4916:

**Quadro 11** – Relação de cursos e professores em 1896

<b>Curso/Conferência</b>	<b>Matéria/Tema</b>	<b>Professor</b>
Curso	Física	Oliveira de Meneses
Curso	Agronomia	Campos da paz
Curso	Pedagogia	José Veríssimo
Curso	Ed. cívica	Valentim Magalhães
Curso	História natural	J. J. Pizarro
Curso	História Natural	Campos da Paz
Curso	Desenho	Vasquez
Curso	Música	
Conferências	Literárias	
Conferência	Sobre Rui Barbosa	Duque Estrada

Conferência	Sobre a evolução do casal humano	Erico Coelho
Conferência	Pátria em geral	Erico Coelho
Conferência	Pátria Movimento literário atual	Erico Coelho
Conferência	Utilidade social da monogamia	Erico Coelho
Conferência	O endereço das cartas	Marques de Souza

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em 12 de janeiro de 2020<sup>53</sup>. Organização da autora.

Neste ano, foram incluídos os cursos de Desenho, Música e Educação Cívica, conforme indicação da nova regulamentação. O curso de História Natural permaneceu com dois professores, J. J. Pizarro e o professor Campos da Paz, que também ocupou o cargo de professor no curso de Agronomia, os outros cursos mantiveram os professores do ano anterior.

A *Revista Pedagógica* publicou a frequência somente do mês de maio deste ano, a respeito de quatro lições. Os cursos de Física e Química tiveram 565 participantes; História Natural, 489; Agronomia, 248; Pedagogia, 217; Instrução Cívica, 226; e Desenho 58. Totalizando somente nesse mês, 1803 pessoas (*Revista Pedagógica*, n.48, 1896, p. 359).

O Museu também ofereceu mais conferências do que no ano anterior, sendo a maior parte ministrada pelo professor Erico Coelho, que se dedicou a uma série de apresentações cujas temáticas eram ligadas ao ensino de moral. Embora nenhuma destas conferências tenha sido publicada na *Revista Pedagógica*, percebe-se que seus conteúdos estavam relacionados à formação moral da sociedade, pois versavam sobre a formação da família, da monogamia e a valorização da pátria. Tais temas estavam diretamente ligados aos objetivos republicanos de reforma da ética, portanto, eram comuns, conforme mencionou José Veríssimo em sua conferência sobre Pedagogia no ano anterior.

---

<sup>53</sup> Os jornais acessados para compilação destas informações do quadro foram *Jornal Gazeta de Notícias* (de fevereiro a outubro de 1896) e *Jornal do Comércio* (1896), sem ser possível ver a especificidade da data, devido à má digitalização.

Além das conferências sobre a Moral, neste ano, o Museu contou com uma apresentação sobre Rui Barbosa oferecida por Duque Estrada, já mencionado no trabalho, além de uma apresentação de Marques de Souza, contando também com conferências literárias e musicais. Nenhuma destas conferências foi publicada no periódico do Museu.

A *Revista Pedagógica* n. 48 de 1896 publicou os cursos dos professores Campos da Paz, de Agronomia; José Veríssimo, de Pedagogia e do professor Valentim Magalhães, de Educação Cívica.

Campos da Paz era professor de Química Orgânica e Biológica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e apresentou a primeira conferência do curso de Agronomia sobre o tema: “Agronomia, importância e necessidade urgente de vulgarizar o ensino agrícola”. Antes de apresentar a temática, agradece o convite feito pelo diretor do Museu, Menezes Vieira.

O professor afirma que a Agronomia é a arte de cultivar a terra e, por não ser uma ciência, faz uso de outros saberes científicos, portanto, Agronomia é a aplicação da: Física, da Meteorologia, da Geologia, da Mineralogia, Microbiologia, Fisiologia, Mecânica, Zoologia, Botânica, Economia Social e da Química (*Revista Pedagógica*, n.48, 1896, p. 238).

No entanto, Campos da Paz afirma que o agricultor não precisa dos ensinamentos da Agronomia, ele já conhece a arte da lavoura. Quem precisa conhecer a Agronomia, na verdade, é o cidadão comum que, segundo o professor, precisa conhecer por que a Agronomia é tão necessária (*Revista Pedagógica*, n. 48, 1896, p. 238).

Ao longo de sua conferência, Campos da Paz faz muitas críticas aos trabalhos de imigrantes nas lavouras brasileiras. Entre os problemas ressaltados pelo professor, apontou que os imigrantes largavam as fazendas, dando prejuízo ao Estado, que havia financiado a vinda deles ao país; afirma que muitos eram fugitivos da polícia no seu país de origem, ou velhos demais para lidar com o serviço do campo e, por isso, acabavam nas ruas vivendo de caridade; identifica, ainda, que existiam os imigrantes de profissão, aqueles que vinham para o país, mas, chegando às fazendas, reclamavam das condições de trabalho, dizendo que eram explorados e exigiam do Estado a repatriação ao país de origem, para em seguida repetir o processo em outro país. Por conta dessas desvantagens, o professor garantia que o sistema de imigração não convinha ao Estado, a não ser que fosse da forma espontânea (*Revista Pedagógica*, n. 48, 1896, p. 244).

Além dos imigrantes, Campos da Paz também identificou como uma problemática a questão da monocultura de café, afirmando que o cultivo de apenas um produto era uma

ameaça de uma possível crise no futuro. Por isso, defendeu o cultivo de outras culturas como cereais, forragens, vinha e produtos que fornecessem alimentos ao homem e ao gado (*Revista Pedagógica*, n. 48, 1896, p. 248-250).

Após essa série de apontamentos, o professor de Medicina defendeu o desenvolvimento do ensino agrícola, dizendo que essa era uma tarefa urgente. Por isso, propôs a criação de “campos de ensino prático”:

Na nossa situação é preciso transformar a lavoura pelo ensino e esse não pode ser aproveitado senão pela criação de campos de ensino prático, campos de experiência, onde o lavrador possa ver trabalhar para muitos e obter as informações de que carecer e as que lhes forem espontaneamente ministradas. Algumas escolas práticas para a formação de regentes agrícolas, que substituam os atuais administradores ignorantes e basta uma escola superior para criar as competências especiais (*Revista Pedagógica*, n. 48, 1896, p. 250).

Percebe-se que o professor defendeu uma proposta para a resolução do problema, a criação de campos de experiências agrícolas, ou escolas práticas. Nestes locais, seriam formadas pessoas aptas a lidar com o campo a partir da troca de experiência e observação.

Até o momento, vimos que os cursos e conferências oferecidos pelo *Pedagogium* publicados em sua íntegra pelo periódico do Museu faziam discussões de temáticas educacionais em voga na época. No caso do curso de Agronomia, apresentado pelo professor Campos da Paz, existe novamente uma posição política clara, de crítica às ações do governo republicano, que termina com uma proposta de superação do que foi colocado em discussão, a criação de campos do ensino prático. O *Pedagogium* se confirma como palco de disputas políticas.

A *Revista Pedagógica* publicou também a 2ª lição do curso de Pedagogia ministrado pelo professor José Veríssimo. Após abrir o curso, afirmando que Pedagogia não era uma ciência, mas sim, a arte de ensinar, José Veríssimo prossegue na segunda aula, afirmando que a Pedagogia se dividia entre teoria e prática (*Revista Pedagógica* n. 48, 1896, p. 201).

Como a Pedagogia não era considerada uma ciência pelo professor, ele afirma que ela deveria se valer dos princípios abstratos da Fisiologia, da Psicologia, da Sociologia e da moral, para observação e até certo ponto para experimentação. Nesse sentido, a Pedagogia aplica regras gerais de outras ciências, e essa aplicação é, na verdade, uma metodologia (*Revista Pedagógica*, n. 48, 1896, pp. 201-202).

O professor continuou sua explanação discutindo a teoria pedagógica. Segundo José Veríssimo, a Pedagogia é formada por um conjunto de preceitos que constitui a teoria pedagógica. Para o professor, uma lei ou preceito pedagógico era, por exemplo, o fato de uma criança não ter atenção sobre uma mesma tarefa por muito tempo. Outro preceito citado por José Veríssimo é o uso fatigante e exclusivo do recurso de memorização. As diferenças entre os alunos e, por consequência, de aprendizagens também deveria ser considerado um preceito pedagógico. Ou seja, preceitos e leis pedagógicas, eram saberes que se aprendia na prática de sala de aula (*Revista Pedagógica*, n. 48, 1896, p. 235).

José Veríssimo finaliza sua conferência apresentando o que era educar, ou educação:

O fim da educação é aperfeiçoar a ação melhorando o agente, isto é, visa conseguir o aperfeiçoamento da sociedade, tornando cada vez melhores as gerações que vão por sua influência doméstica ou cívica, particular ou pública, agir sobre ela. Por isso, a educação é, quer exercida pelo Estado, quer deixada a iniciativa particular, uma obrigação eminentemente social. A sociedade não pode desprezá-la ou menosprezá-la, e por seus diversos órgãos é sua obrigação indeclinável consagra-lhe a mais escrupulosa e ininterrupta atenção (*Revista Pedagógica*, n. 48, 1896, pp. 205-206).

Neste ponto, o professor deixa claro que o fim da educação é melhorar a sociedade, por isso o Estado tem uma função cívica e social na educação. Fica claro mais uma vez como a educação no período republicano ganhou esse vulto de modelação da sociedade. Mais uma vez, um curso não apresenta modelos e planos de aula, mas faz uso de um discurso político do momento.

A *Revista Pedagógica* n. 48, de 1896, publicou também duas conferências do curso de Educação Cívica, ministrado por Valentim Magalhães. A primeira conferência de Educação Cívica teve como tema “A educação cívica: sua importância e necessidade”.

Valentim Magalhães inicia sua fala agradecendo o convite do diretor Menezes Vieira e diz que, para ele, o *Pedagogium* funcionava como um auxiliar da instrução pública e gratuita (*Revista Pedagógica*, n. 48, 1896, p. 227).

Feitas tais considerações, Valentim Magalhães abre a temática ligando o civismo à ideia de religião além da necessidade de se criar meios de levar tais preceitos adiante:

Da religião civismo não temos ainda nem templo, nem sacerdotes, nem fiéis. (...) Concorrer para preparar o cidadão para vulgarizar as nações mais necessárias dos deveres sociais do homem, é obra do patriotismo, a qual ninguém, nas condições de auxiliá-la, deve ou pode eximir. (...) A educação cívica é um ramo da educação moral. (...) Que instrui o

homem nos seus deveres com o Estado e a Pátria. (...) a fim de cumprir seu papel no organismo social (*Revista Pedagógica*, n. 48, 1896, p. 227).

Além de ligar o civismo a um tipo de serviço religioso, o professor destacou a necessidade de difundir o patriotismo e a moral, sendo, na verdade, a educação cívica um ramo da educação moral. Por fim, afirma que o Estado e a Pátria devem promover esses ensinamentos para que os homens possam cumprir com o seu papel na sociedade. Após essa abertura, o professor discute o que é moral para alguns autores, afirmando que muitos deles ligam a ideia de moral ao sobrenatural, muito semelhante com a religião e o preceito de bem e mal (*Revista Pedagógica*, n. 48, 1896, p. 230).

Para compreender a moral, o palestrante diz que prefere a definição de Spencer. Segundo o professor, o pensador deixa implícito em seus estudos sobre a moral que esta serve para a conservação da ordem e da preservação da comunidade contra incursões estrangeiras. Por isso, com o tempo, a moral foi concebida como uma espécie de filosofia utilitária (*Revista Pedagógica*, n. 48, 1896, p. 231).

Na segunda conferência de Educação Cívica, Valentim Magalhães continua na mesma temática da moral, mas procura aprofundar o tema, tratando dos deveres dos indivíduos. Com a conferência de título: “O dever; sua nação. Classificação dos deveres.”, Magalhães continua utilizando como base os estudos de Spencer (*Revista Pedagógica*, n. 48, 1896, p. 232).

De acordo com o professor, o fenômeno da moral só aparece depois do fenômeno social. Para ele, isso significa que moral é, portanto, um fenômeno social. Em seguida, o professor fez uma longa apresentação das diferentes concepções de moral nos povos pelo mundo, apontando que, na verdade, ela pode ser um fruto de construções sociais diversas (*Revista Pedagógica*, n. 48, 1896, pp. 233-235).

Neste ponto, Valentim Magalhães retoma Spencer ao afirmar que a moral científica, natural, evolucionista, decorrente da natureza humana, é a única que deveria ser aceita. Ligando a moral aos deveres, o professor encerra a segunda conferência dizendo que sem a ideia de sociedade não pode conceber-se a de moral. Por isso, quando o homem se considera parte da sociedade, ele concebe deveres para consigo mesmo (*Revista Pedagógica*, n. 48, 1896, pp. 236-237).

O ano de 1897 também foi intenso e com grande número de cursos e conferências oferecidas:

**Quadro 12** – Relação de cursos e professores em 1897

<b>Curso/Conferência</b>	<b>Matéria/Tema</b>	<b>Professor</b>
Curso	Matemática elementar	João Bernardo de Azevedo Coimbra
Conferência	Subtração Algébrica	João Bernardo de Azevedo Coimbra
Curso	História	Fausto de Aguiar Cardoso
3ª Conferência	Pessimismo como fator de progresso	Fausto Cardoso
4ª Conferência	Naturalismo em refutação à do Padre Júlio Maria	Fausto Cardoso
Conferência	Percurso das Ciências Naturais	Fausto Cardoso
Curso	História Natural e agronomia	Sebastião Tamborim Peixoto Guimarães
Curso	Instrução moral e cívica	José Antônio Pedreira Magalhães Castro
Curso	Trabalho manual	Leopoldo Avelino
Curso	Pedagogia	José Veríssimo de Matos
Curso	Trabalhos manuais	Leopoldo de Carvalho
Curso	Física e química	José Parga Nina
Conferência	O endereço das cartas	Marques de Souza

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em 12 de janeiro de 2020<sup>54</sup>. Organização da autora.

Em 1897, foram incluídos os cursos de Matemática, Trabalhos Manuais e História, além das diferentes conferências oferecidas em sua maioria pelo professor Fausto Cardoso. No curso de História Natural, houve uma mudança de professor, sendo ministrado, neste ano, por Sebastião Tamborim Peixoto Guimarães. O curso de Física foi incluído e o tema Química também, sendo dessa vez o professor responsável José Parga Nina. O curso de Educação Cívica é chamado nesse ano de Instrução Moral e Cívica, cujo professor responsável foi José Antônio Pedreira Magalhães Castro. Os cursos de Agronomia, Desenho e Música não são mencionados pelos jornais desse ano.

<sup>54</sup> Seguem os nomes dos periódicos consultados neste repositório: *Jornal Gazeta de Notícias*: 16/5/1897; 15/6/1897; 30/9/1897; 1/10/1897; 4/12/1897; 10/12/1897.

Os cursos voltam a aparecer nos jornais no ano de 1902, porém nem todos os cursos constam o nome dos professores:

**Quadro 13** – Relação de cursos e professores em 1902

<b>Curso/Conferência</b>	<b>Matéria/Tema</b>	<b>Professor</b>
Curso	Física e química	-
-	História da arte nacional	-
Conferência	Encerramento sobre a história da arte nacional	Ernesto de Araújo Viana
-	Literatura nacional do século XIX	-
-	História natural e higiene	-
-	Antropologia	-
-	Matemática	-
-	Escrituração mercantil	-
-	Higiene tropical	-
-	Mecânica	José Eulalio da Silva Oliveira
-	Italiano	Elisa Rizzo
-	Português	Hemérito José dos Santos
-	Desenho	-
-	Geografia	Arthur de Oliveira Magioli
Curso	História	Olavo Bilac
Conferência	Higiene Tropical	

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em 12 de janeiro de 2020<sup>55</sup>. Organização da autora.

<sup>55</sup> Seguem os nomes dos periódicos consultados neste repositório: *Jornal Gazeta de Notícias*: 25/2/1902; 9/3/1902; 23/3/1902; 2/4/1902; 10/5/1902; 6/7/1902; 27/7/1902; 14/8/1902; 24/8/1902; 4/9/1902; 23/9/1902; 11/12/1902; 26/11/1902; *A Notícia*: 24/9/1902; 2/10/1902; 3/12/1902; *Jornal do Brasil*: 4/4/1902; 3/7/1902; 29/8/1902; *O Paíz*: 9/8/1902; *Jornal do Comércio*: 23/9/1902.

O ano de 1902, já na gestão de Manoel Bomfim, desde 1897, os novos cursos oferecidos foram: História da Arte Nacional, Literatura nacional do século XIX, Escrituração Mercantil, Higiene Tropical e Mecânica. Os nomes dos professores quase não foram mencionados, mas, dentre eles, vale destacar o nome de Olavo Bilac, que ministrava o curso de História. Posteriormente, o próprio Bilac foi diretor interino do Museu na ausência de Manoel Bomfim por dois anos, entre 1906 e 1907.

Sobre o ano de 1903 foram divulgados nos jornais os seguintes cursos:

**Quadro 14** – Relação de cursos e professores em 1903

<b>Curso/Conferência</b>	<b>Matéria/Tema</b>	<b>Professor</b>
Curso	Física e química	Paiva Coelho ou Oscar Lessa
Curso	História da arte nacional	Ernesto da Cunha Araújo Viana
Curso	Economia política	Manuel Cruvelo de Mendonça
Curso	História natural	Sebastião Edmundo Mariano e Silva
Curso	Antropologia	Márcio Felaphiano Nery
Curso	Matemática elementar estudo sintético	Luis Carlos Zamith
Curso	Escrituração mercantil	Antonio Tavares da Costa
Curso	Higiene tropical	Antonio Austregesilo
Curso	Mitologia	José Medeiros e Albuquerque
Curso	Italiano	Elisa Rizzo
Curso	Estenografia	Francolino Cameu
Curso	Trigonometria	Luis Pedro Drago
Curso	Inglês	Jasper Lafayett

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em 12 de janeiro de 2020<sup>56</sup>. Organização da autora.

<sup>56</sup> Seguem os nomes dos periódicos consultados neste repositório: *Gazeta de Notícias*: 18/2/1903; 26/2/1903; 1/3/1903; 2/3/1903; *A Notícia*: 30/10/1903.

Os cursos de Economia Política, Mitologia, Italiano, Estenografia e Inglês foram os assuntos incluídos nesse ano letivo. Assim, como o quadro de professores, é bem diferente dos anos anteriores. Não foi mencionada qualquer conferência nesse ano.

No quadro a seguir, foram reunidos os cursos anunciados pelos jornais, mas somente o curso de Poesia indicou o nome do professor responsável:

**Quadro 15** – Relação de cursos e professores em 1904

<b>Curso/Conferência</b>	<b>Matéria/Tema</b>	<b>Professor</b>
Curso	Fitologia	-
Curso	Matemática	-
Curso	Inglês	-
Curso	Escrituração Mercantil	-
Curso	Física e química	-
Curso	Arqueologia americana	-
Curso	Estenografia	-
Curso	Poesia do brasil	-
Curso	Medicina doméstica	-
Curso	Italiano	-
Curso	Alemão	-
Curso	Fisiologia geral	-
Curso	História da língua portuguesa	-
Curso	Noções de direito público brasileiro	-
Curso	Literatura neolatina	-
Curso	Economia política	-

Curso	Fisiologia do sistema nervoso	-
Curso	Poesia	Olavo Bilac

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em 12 de janeiro de 2020<sup>57</sup>. Organização da autora.

Novamente, Olavo Bilac aparece como professor de curso oferecido pelo *Pedagogium*, dessa vez ministrando o curso de Poesia. Somente o professor dessa cadeira foi mencionado pelos impressos daquele ano. Entre os novos cursos incluídos na grade estavam: Fitologia, Arqueologia Americana, Poesia do Brasil, Medicina Doméstica, Alemão, Fisiologia Geral, História da Língua Portuguesa, Noções de Direito público brasileiro, Literatura neolatina e Fisiologia do sistema nervoso. Nota-se que a maior parte da grade era formada por novos cursos.

No ano de 1905, não foi localizado o nome de qualquer professor, somente a grade de cursos, e Mineralogia e Zoologia foram os novos cursos inclusos:

**Quadro 16** – Relação de cursos e professores em 1905

Curso/Conferência	Matéria/Tema	Professor
Curso	Zoologia	-
Curso	Fisiologia do brasil	-
Curso	Medicina doméstica	-
Curso	Matemática	-
Curso	Inglês	-
Curso	Química mineral	-
-	Mineralogia	-

<sup>57</sup> Seguem os nomes dos periódicos consultados neste repositório: *Jornal Gazeta de Notícias*: 13/2/1904; 14/2/1904 2/3/1904; *Jornal do Comércio*: fevereiro, março de 1904; *Jornal A notícia*: 6/6/1904; 26/10/1904.

-	História das belas artes	-
-	Alemão	-
-	Poesia no brasil	-
-	Direito constitucional brasileiro	-
-	Economia política estenografia	-

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em 10 de janeiro de 2020<sup>58</sup>. Organização da autora.

O ano de 1906 foi o último a aparecer nos jornais com uma variedade de cursos oferecidos pelo Museu. Neste ano, os novos cursos oferecidos foram os cursos de Francês e Esperanto:

**Quadro 17** – Relação de cursos e professores em 1906

<b>Curso/Conferência</b>	<b>Matéria/Tema</b>	<b>Professor</b>
Curso	Zoologia	-
-	Aritimética e aritmologia	-
Curso	Fisiografia do brasil	-
-	História da Civilização	-
-	Antropologia	-
-	História da língua portuguesa	-
Curso	Literatura francesa	-
Curso	Morfologia e fisiologia geral	-
Curso	Economia política	-

<sup>58</sup> Periódico consultado para elaboração do quadro: *Gazeta de Notícias*: 10/02/1905; 12/02/1905; 26/02/1905.

Curso	Química mineral	-
-	Mineralogia	-
-	Artes plásticas no brasil	-
-	Economia política estenografia	-
-	Esperanto	-
-	História da Arte nacional	-

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em 12 de janeiro de 2020<sup>59</sup>. Organização da autora.

Nos anos de 1907 até 1911, os cursos e as conferências quase não são anunciados nos jornais da cidade. Em 1907, os jornais mencionam somente o curso de Jardinagem; em 1908, foi oferecido o curso de Instrução Militar; em 1909, História Natural; em 1910, Esperanto e, por fim, em 1911, Esperanto e Matemática.

Percebe-se que os cursos oferecidos pelo *Pedagogium*, ao longo do seu funcionamento, abrangeram mais temas do que aqueles previstos pela lei de fundação do Museu: Física, Química e História Natural, embora estes cursos tenham ocorrido com maior regularidade, sendo oferecidos mais de uma vez por semana. Pautados no programa escolar oficial dos ensinos primários e secundários, os cursos seguiam o método intuitivo e utilizavam o próprio acervo do Museu para o encaminhamento das aulas. Além dos cursos, o *Pedagogium* ofereceu conferências, dadas também em série ou de forma única.

Os cursos eram voltados para a formação de professores, sobretudo, daqueles do ensino público que davam aula no primário e secundário, mas também era aberto ao público geral. Vimos que, nos anos de funcionamento noturno, houve um grande público anual, chegando a mais de 4 mil expectadores, às vezes, mais de mil por mês.

Percebe-se que houve uma maior variedade de conferências e temáticas a partir de 1896 e 1897. É preciso lembrar que, nesse período, assumiu como diretor do Museu Manoel Bomfim, que tinha como objetivo transformar o *Pedagogium* em uma espécie de centro de cultural. Ao analisarmos a diversidade de áreas abordadas entre cursos e

<sup>59</sup> Periódicos consultados neste repositório: *Gazeta de Notícias*: 23/9/1906; 27/09/1906 e *A Notícia*: 28/3/1906.

conferências, percebe-se que, por ano, o Museu oferecia uma média de mais de quinze cursos e conferências por ano. Analisando ainda o quanto isso foi uma prática recorrente do Museu, percebe-se que há uma queda nessa diversidade a partir de 1906. Ainda que essas informações possam ter sido omitidas pelos jornais da cidade, em comparação com outras documentações, veremos que nesse período, mesmo que se tenha mantido o mínimo de cursos oferecidos, o funcionamento do Museu estava mais uma vez bastante ameaçado.

Ao analisarmos com mais cuidado os conteúdos proferidos nas conferências e cursos oferecidos pelo *Pedagogium*, confirma-se o fato de que o Museu cumpria o papel de centralizador e direcionador de um modelo republicano de educação. Mesmo que os temas abordados fossem além daqueles determinados nos currículos, observa-se uma forte presença de temas ligados ao ensino moral e cívico, assuntos de muita relevância para a formação de uma nova sociedade e para o fortalecimento da unidade nacional. Embora fosse garantida a liberdade de cátedra dos professores e palestrantes, percebe-se que eles não vão muito além dos objetivos nacionais.

Sobre o corpo docente do Museu, sabe-se que uma parcela desses docentes eram professores da Escola Normal, do Ginásio Nacional, de escolas primárias e de segundo grau. Outros eram professores do Liceu de Artes e Ofícios, era o caso do professor de Física, Francisco Xavier de Oliveira Menezes, que também chegou a dar aulas no Instituto Benjamin Constant; do professor de Matemática João Bernardo de Azevedo Coimbra; e do professor de Física e Química Candido Paiva Coelho (*Anuário de Ensino*, 1895; *Almanaque Laemmert*, 1891; *Jornal do Brasil*, 9/7/1891).

Outros docentes atuavam em cargos políticos em outros estados, e dirigiam estabelecimentos de renome da cidade, era o caso do professor e conferencista José Veríssimo de Mattos, professor de Pedagogia e Metodologia do Museu, que já havia sido Diretor de Instrução Pública do Estado do Pará e Reitor do externato do Ginásio Nacional, do professor de Geografia Arthur de Oliveira Magioli que era inspetor escolar, e do professor de Mitologia José Medeiros e Albuquerque que foi Diretor de Instrução Pública (*Revista Pedagógica*, n. 3, 1891; *Almanaque Laemmert*, 1913, p. 814; *Almanaque Laemmert*, 1897).

Alguns professores do Museu exerciam outras profissões, atuando como médicos ou professores da Escola de Medicina do Rio de Janeiro, era o caso do professor de História Natural, João Joaquim Pizarro, e do professor de Agronomia, Campos da Paz (*Revista Pedagógica*, 1890 a 1896).

Por fim, boa parte do quadro docente do Museu também atuava no Instituto Comercial do Rio de Janeiro. Era o caso dos professores: Manuel Curvello Mendonça, professor de Economia política no *Pedagogium* e diretor e professor do Instituto Comercial do Rio de Janeiro; Sebastião Edmundo Mariano e Silva, professor de História Natural; Luiz Carlos Zamith, professor de Matemática; Antônio Tavares da Costa, professor de Escrituração mercantil; Francolino Cameu, professor de Estenografia; Luiz Pedro Drago, professor de Matemática; e Jasper Lafayett, professor de Inglês (*Almanaque Laemmert*, 1895).

As conferências publicadas na *Revista Pedagógica* nos mostram que tais eventos serviam também para defender posicionamentos políticos, educacionais e políticos, usando a educação como plataforma. O que mostra e confirma o papel, a relevância que o *Pedagogium* ocupava na cidade, por ser espaço tanto de conhecimentos variados, como ambiente de posicionamento político, com público cativo. Isso significa compreender que o Museu iria além da formação de professores aptos a lidar com o método intuitivo, ele era palco e difusor de diálogos e disputas políticas no âmbito educacional.

#### **4.3 A *Revista Pedagógica*: a circulação do conhecimento**

Na primeira edição do periódico 15 de novembro de 1890, data da comemoração de um ano da Proclamação da República, o então diretor Menezes Vieira publica um texto sobre quais eram os objetivos da publicação oficial do Museu:

Nosso programa está claramente traçado na seguinte disposição regulamentar do *Pedagogium*: a Revista Publicará: os atos oficiais relativos à instrução primária e secundária, as conferências e lições dos cursos do *Pedagogium*, memórias de Pedagogia, especialmente prática, de autores nacionais e estrangeiros. Juízos críticos sobre os métodos e processos de ensino, todas as informações de reconhecida utilidade para o progresso do professorado nacional. Dos trabalhos dignos de nota será conservada a composição tipográfica para imprimirem-se fascículos ou volumes destinados a formar a biblioteca especial do *Pedagogium*. A Revista será distribuída gratuitamente aos professores públicos de ensino primário, e aos estabelecimentos públicos de instrução, nacionais e estrangeiros. Havemos de cumpri-lo, inspirando-nos sempre no exemplo das melhores publicações congêneres, que transmitem os resultados produtivos do estudo, da observação e da experiência, sem admitir estranhas ao seu intento: contribuir pela educação recíproca dos mestres para o engrandecimento e felicidade da Pátria. O caráter oficial da publicação nada tem de imperativo, é uma prova de que o governo reconhece, aprecia e quer auxiliar tão generosos

esforços. Assim deve ser compreendido, enquanto tiver a honra de dirigi-la (*Revista Pedagógica*, 1890, tomo 1, p. 1).

Nota-se que o periódico seria um canal de comunicação importante com o professorado. Nele, o professor poderia encontrar leis e atos oficiais educacionais, cursos e conferências ocorridas no *Pedagogium*, textos de especialistas e intelectuais da área nacionais e estrangeiros. Entende-se que o documento seria uma extensão das práticas do museu e daquilo que a instituição propunha à categoria. A *Revista Pedagógica* tinha como função fazer circular conhecimentos pedagógicos para além do próprio Museu. Um prolongamento de suas ações. Porém, não era qualquer conhecimento, Menezes Vieira fazia questão de destacar que a *Revista Pedagógica* iria contribuir para o engrandecimento da pátria.

A *Revista Pedagógica* foi publicada somente entre os anos de 1890 e 1896, período de direção de Menezes Vieira, acompanhando as três mudanças de endereço da instituição. Tal período pode explicar a falta de regularidade de publicações de seus exemplares, conforme aponta o trabalho de Fernandes (2013, p. 168). De acordo com a pesquisadora, o estudo das revistas mostrou que essas podem ser compreendidas como instituições que promoviam um discurso homogêneo especializado (Fernandes, 2013, p. 166).

Embora publicada sem regularidade específica, ora mensal ou trimensal, a Revista apresentou algumas seções fixas, publicadas em todos os números: Parte oficial: onde eram apresentados, decretos, atos oficiais, nomeações, licenças, jubilações, exonerações, regulamentos; Pedagogia: que publicava textos pedagógicos chamados de “memórias de pedagogia”; Crônicas do Exterior: com notícias educacionais de outros países; Crônicas do Interior: com notícias educacionais internas, do país (Fernandes, 2013, pp. 169-170).

O caráter irregular de publicações do periódico era tamanho que a pesquisadora identificou não havia um padrão percentual de publicação dessas seções. O que significa na prática que a cada edição da Revista uma dessas seções ocupava mais, ou menos espaço no total do periódico:

De fato, parece evidente que a Revista concentrava esforços em divulgar a parte legislativa (Parte oficial e legislação), uma parte formativa (Pedagogia) e notícias nacionais e estrangeiras (Crônicas do Interior e do Exterior). Entretanto, parece não haver um padrão ou uma tendência que possa explicar os critérios que norteavam a composição do espaço destinado a cada uma das seções, o que se pode verificar

quando se compara, em termos percentuais, o número de páginas de cada seção com o número total de páginas de cada número da revista (Fernandes, 2013, p. 177).

Além da irregularidade das seções publicadas, a revista não contava com colaboradores fixos, muitos contribuíram para a produção de conteúdo do periódico, alguns com maior presença, conforme identificou a pesquisadora:

Foi possível identificar, no grupo dos colaboradores, nomes como os de Felisberto de Carvalho, José Veríssimo, João Köpke, Presciliano Leal, Maximino Maciel e Alfredo Alexander que parecem ser os que efetivamente contribuíram para a Revista com textos de sua própria autoria e que poderiam ser identificados como efetivos autores/produtores/colaboradores, configurando o núcleo de produção da revista. Além desses, foram considerados na mesma situação Olavo Freire, conservador do *Pedagogium*, e Joaquim José Menezes Vieira, diretor que aparece como principal impulsionador da publicação e uma espécie de editor, tendo sido o autor dos editoriais e também de diversos artigos além de Alambary Luz, Valentim Magalhães, Arthur de Sá, Manoel Frazão e Luiz Augusto dos Reis (Fernandes, 2013, p. 190).

Nota-se que importantes nomes da educação e da intelectualidade da época contribuíram com seus textos para a Revista, dentre eles, aquele se tornou um importante crítico do Museu, o paulista João Köpke.

Ainda assim, a pesquisadora destaca que o nome mais forte da Revista era de Menezes Viera. Nesse sentido, a Revista pode ser compreendida em partes como uma personificação do diretor, assim como a organização do Museu em seus primeiros anos de funcionamento.

Segundo Gondra (1997), a *Revista Pedagógica* era uma publicação em que circulavam modelos e discursos pedagógicos defendidos pelo poder público republicano. Sendo o *Pedagogium* um local de promoção, exposição e divulgação do progresso, a *Revista Pedagógica* era um recurso para fazer circular esse projeto de maneira gratuita a todo professorado das esferas pública e privada.

Diante das constantes tentativas de fechamento do Museu Pedagógico, a Revista Pedagógica acaba sendo utilizada como um instrumento de divulgação das ações do Museu. Nesse modo de convencimento de uma parcela de parlamentares que era favorável ao fechamento do *Pedagogium*, a *Revista Pedagógica* passou a publicar a importância do museu e de suas ações para a sociedade (Gondra, 1997, p. 381).

Para Gondra (1997, p. 383), as seções da *Revista Pedagógica* tinham um compromisso claro com a instauração de um determinado padrão de escola, isso porque a maioria das seções permanentes ocupava-se em publicar experiências pedagógicas bem-sucedidas, especialmente aquelas oriundas de outros países.

De acordo com o pesquisador (Gondra, 1997, p. 383), as seções Crônicas do exterior e Crônicas do interior valorizavam os modelos modernos de educação aplicados em outros estados e países. Já a seção Pedagogia tinha por objetivo transmitir um novo modo de ensinar. Tudo isso, segundo o autor, faz com que a *Revista Pedagógica* possa ser entendida como um dispositivo de padronização administrativa e pedagógica da escola, atendendo aos interesses republicanos.

Poucas foram as menções da *Revista Pedagógica* nos impressos da cidade. Quando mencionada, aparecia em notas pequenas, informando apenas uma nova edição do periódico.

Nessa primeira análise das Revistas, pode-se compreender que sua inconstância, tanto de publicação irregular de suas edições quanto da própria configuração de conteúdos da Revista, conforme apontou pesquisa mencionada, reflete a própria rotina do Museu que, no período da vida do periódico, teve três endereços diferentes, sendo um deles bem precário, sofreu com falta de luz nas dependências, passou por uma licença conturbada do seu primeiro diretor, Menezes Vieira, seu maior defensor, além de uma longa e dificultosa luta por continuidade de existência da instituição, passando por um processo de municipalização para escapar da extinção. É possível que todo esse percurso do Museu tenha refletido na sua publicação oficial. Por fim, com a saída de Menezes Vieira da instituição e com as mudanças de diretores nos anos vindouros, a *Revista Pedagógica* não foi mais publicada.

#### **4.3.1 Os conteúdos divulgados pela *Revista Pedagógica***

Como foi apontado, embora com certa inconstância, algumas seções aparecem como fixas nas publicações da *Revista Pedagógica* e uma dessas seções era chamada de Pedagogia. Nesta seção, eram publicados: métodos; orientações aos professores; orientações aos pais; planos de aula; artigos pedagógicos e tudo o que fosse relacionado ao ensino.

Fazendo uma análise mais aprofundada do que foi publicado nesta seção, identificou-se a publicação de textos sobre os seguintes temas: Português e Alfabetização;

Educação dos Sentidos e Lição de Coisas; Matemática; História e Geografia; Ginástica; Trabalhos Manuais; Agronomia; Educação de cegos e surdos; Educação Moral e Cívica; Música; Posicionamentos Políticos. Os temas Português e Alfabetização foram os mais publicados ao longo dos anos de existência da Revista Pedagógica:

**Quadro 18** – Seção Pedagogia – Português e Alfabetização

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Fonte</b>
O livro das mães – ensino de leitura analítica	-	Tomo1, n.1-2, 1890, p. 78 a 83.
Marcha geral do método – 1º passo: ouvir o som e identificar a forma (do conhecido a forma fônica, para o desconhecido, a forma gráfica)	João Köpke	Tomo 1, n.1-2, 1890, p. 83 a 86
O ensino de Gramática na escola primária	F.C.	Tomo 1, n.1-2, 1890, p. 87 a 91
O livro das mães - continuação	-	Tomo 1, n.1- 2, 1890, p. 175 a 180
O ensino de gramática na escola primária	F.C.	Tomo1, n.3, 1890, p. 180 a 186
O livro das mães - continuação	-	Tomo1, n.4, 1891, p. 212 a 214
Observações	João Köpke	Tomo 1, n.4, 1891, p. 214 a 217
O ensino de Gramática na escola primária 1º grau.	F.C.	Tomo 1, n.4, 1891, p. 224 a 228
Synclese	M. A. Maciel	Tomo 1, n.5, 1891, p. 275 a 281
O ensino da gramática na escola primária 1º grau	F. C.	Tomo 1, n.6, 1891, p. 355 a 358
Synclise	Maximino Maciel	Tomo 2, n.1 1891, p. 30 a 35
As primeiras lições – do livro La novela de um maestro – extração de	Edmundo de Amicis	Tomo 2, n.1, 1891, p. 35 a 37

alguns capítulos – Os pais dos alunos		
Synclese	Maximino de A. Maciel	Tomo 2, n.4, 1891, p. 261 a 265
Método de aprender a ler	R. Ribeiro de Almeida	Tomo 3, n.16 -17, 1892, p. 233 a 236
Os elementos tradicionais da educação	F. Adolpho Coelho	Tomo 4, n. 19-20-21, 1893, p. 103 a 116
Momento didático - Ensino simultâneo da leitura, da escrita e da ortografia na escola primária	L.P.	Tomo 4, n.22-23-24, 1893, p. 279 a 286

Fonte: Revista Pedagógica. 1890-1896, Hemeroteca digital. Organização da autora.

Observando o Quadro 18, percebe-se que a maioria dos textos se destinava ao ensino de Gramática e métodos para aprender a ler. Numa análise mais atenta a respeito dos conteúdos destes textos, identifica-se que se tratava de métodos de leitura e escrita; planos de aula com orientação aos professores; indicação do que era necessário para o ensino de linguagem.

Dentre os autores desses textos, damos destaque à presença de João Köpke, com a publicação do texto *Marcha Geral do Método*, publicado na primeira edição da Revista em 1890. Neste texto, o autor apresenta um plano de aula com o objetivo de desenvolver a escrita e oralidade das palavras. João Köpke inicia o plano de aula indicando que a professora comece a aula colocando um quadro relativo ao conto que será estudado. Segundo Köpke, o quadro representaria o interior: “Sobre uma mesa está um poleiro. Um cão abocanha uma arara, que se debate no chão. Um menino entra correndo: revela no rosto a expressão de dor e de indignação” (*Revista Pedagógica*, n. 1-2, 1890, p. 83).

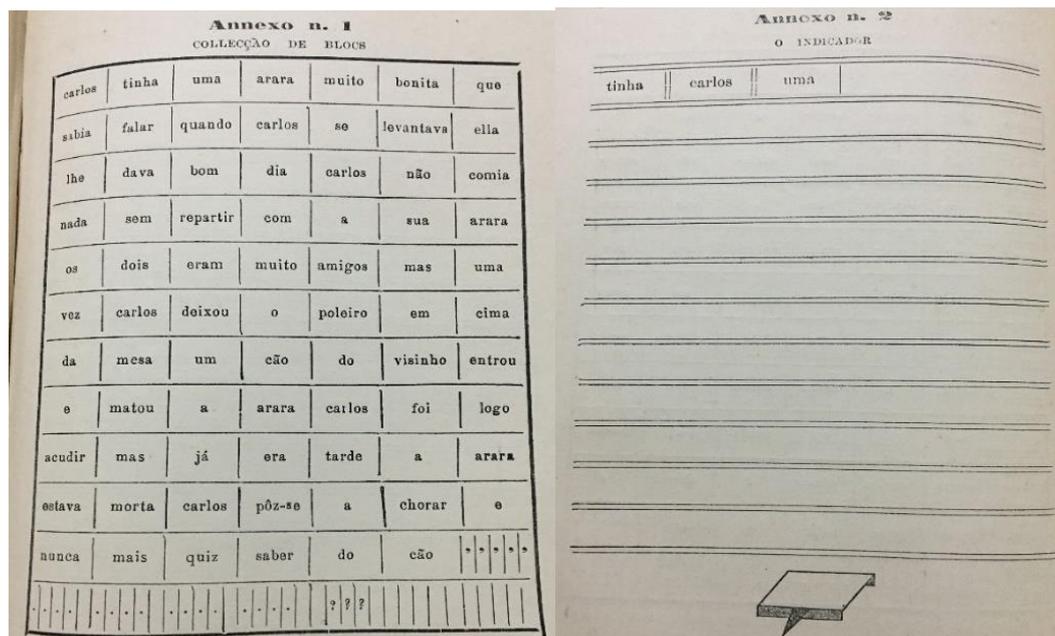
É interessante notar que, apesar do plano de aula ser destinado ao ensino leitura, ainda assim, o autor indica o uso de um objeto, nesse caso, um quadro que representaria o conto. Os sentidos são colocados em uso pelo autor já no preâmbulo do método, quando ele diz: “1º passo ouvir o som e identificar a forma”. Ou seja, o método faz uso dos sentidos do olhar e da audição dos alunos para apreensão do conteúdo (*Revista Pedagógica*, n.1-2, 1890, p. 83).

O autor segue o plano orientando que, após a observação atenta do quadro, a professora deveria escrever o conto na lousa, repetindo em voz alta cada palavra na medida em que fosse escrevendo. Em seguida, o aluno deveria tirar da caixa a coleção de blocos correspondentes a este conto. Apontando uma palavra e recitando-a, o aluno deveria procurar em sua coleção, deixando marcada com um indicador, continuando até finalizar todas as palavras. Nesta publicação, não foi especificado o que eram exatamente estes blocos, mas percebe-se que, mais uma vez, há indicação de algum tipo de material tridimensional para compor o processo de aprendizagem (*Revista Pedagógica*, n.1-2, 1890, p. 84). O plano de aula de João Köpke continua com a indicação de cinco séries de exercícios para os quais os alunos usariam os blocos, formando diferentes frases com as mesmas palavras do conto. Ao final, o autor indica que, quando a professora estiver convencida de que os alunos estivessem familiarizados, ela poderia então passar para a próxima fase (*Revista Pedagógica*, n.1-2, 1890, pp. 85-86).

Em 1891 a *Revista Pedagógica* pública uma ilustração do que era o material indicado por João Köpke em seu método. Segundo as observações publicadas na *Revista Pedagógica*, o material poderia ser consultado no Instituto H. Köpke e as ilustrações em anexo davam uma ideia do que era esse material (*Revista Pedagógica*, n.4, 1891, p. 214).

Conforme descrição do anexo, percebe-se que os objetos eram de madeira, coloridos de maneira a distinguir os lados que poderiam ser utilizados. Outro objeto da coleção era uma base em que as palavras eram encaixadas, a terceira peça era um quadro articulado em que as peças de palavras se moviam (*Revista Pedagógica*, n.4, 1891, pp. 215-216-217).

**Figura 41 – Material João Köpke – 1891**

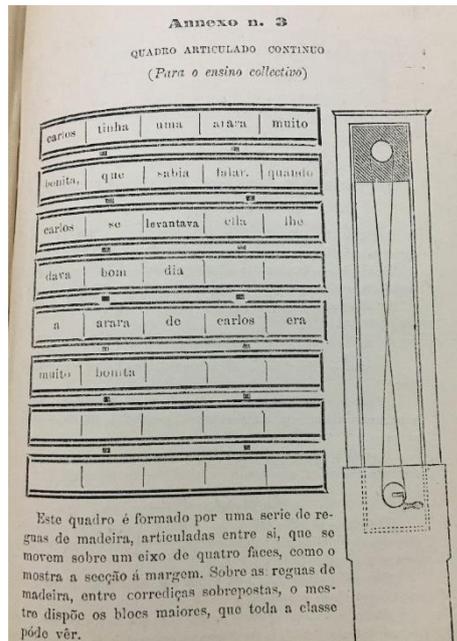


Fonte: Revista Pedagógica, Tomo 1, n. 4, 1891, pp. 215-216.

O material foi apresentado em três partes, sendo que essa apresentação já era um indicativo de como deveria ser utilizado. No Anexo 1, a coleção está completa com todas os blocos de palavras. Segundo explicação da própria revista, estes blocos de madeira continham em cada uma de suas faces uma das palavras dos contos 1º e 2º, escritos sobre fundo de cor diversa, distintos um dos outros. Os blocos corriam entre as régua da mesa, conforme mostra o Anexo 2. Todos os blocos teriam o mesmo tamanho, com algumas pequenas mudanças, a depender das palavras. No Anexo 2, observa-se o indicador e, segundo a descrição da Revista, esse indicador era uma corredeira metálica que se movia ao longo das régua entre as quais eram dispostos os blocos, significando que o aluno poderia transportá-lo de régua em régua (*Revista Pedagógica*, Tomo 1, n. 4, 1891, pp. 215-216).

O Anexo 3 indica o quadro articulado contínuo para o ensino coletivo. Segundo descrição de uso da Revista, este quadro era formado por uma série de régua de madeira, articuladas entre si, que se moviam sobre um eixo de quatro faces, conforme mostrado, a seção a margem. Sobre as régua de madeira, entre corredeiras sobrepostas, o mestre poderia dispor os blocos maiores, para que toda classe tivesse visão do material (*Revista Pedagógica*, Tomo 1, n. 4, 1891, p. 217).

**Figura 42** – Material João Köpke – 1891



Fonte: Revista Pedagógica, Tomo 1, n. 4, 1891, p. 217.

Percebe-se que João Köpke indica o uso de um material, sendo que o periódico do Museu indica exatamente as maneiras de uso desse material pelo professor e aluno em sala de aula. Os objetos presentes no estabelecimento de ensino de Köpke parecem ter sido desenvolvidos especialmente para a aplicação do método criado pelo professor. Vimos anteriormente que João Köpke defendeu o uso de objetos que fossem desenvolvidos por professores e alunos, muito embora ele seja conhecido pela formação de acervo de artefatos de ensino importados. Nota-se que o professor Köpke parece ter um posicionamento duplo: em diferentes momentos critica o que ele mesmo chamou de “industrialismo pedagógico”, mas mantinha um acervo de objetos europeus, e indicava o uso do seu próprio objeto.

Outra temática bastante recorrente na seção Pedagogia do periódico eram as orientações e lições de Educação dos Sentidos e Lição de Coisas:

**Quadro 19** – Seção Pedagogia: Educação dos Sentidos e Lição de Coisas

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Fonte</b>
Curso graduado de instrução e manual de métodos para uso dos mestres. Como se devem ensinar as matérias do primeiro grau.	Kiddle e Calkins	Tomo 1, n. 1-2, 1890, p. 93 a 102
Curso graduado de instrução e manual de métodos para o uso dos mestres. Como se devem ensinar as matérias do segundo grau.	Kiddle e Calkins	Tomo 1, n.4, 1891, p. 218 a 224
Ginástica dos Sentidos	Constantino Delhez	Tomo 1, n.4, 1891, p. 229 a 232
Curso graduado de instrução e manual de métodos para o uso dos mestres. Continuação 3º grau	Kiddle e Calkins	Tomo 1, n.6, 1891, p. 343 a 355
Curso graduado de instrução e manual de métodos para o uso dos mestres.	Kiddle e Calkins	Tomo 2, n.1, 1891, p. 35 a 44
Manual de Métodos - continuação	Kiddle, Harrison e Calkins	n.25-26-27, 1893, p. 98 a 110
Linguagem em lições de coisas	Extraído da Escola Pública S. São Paulo	Tomo 6, n. 30-31-32, 1894, p. 115 a 118
Linguagem de lições de coisas continuação	Extraído da escola pública de S. Paulo	Tomo 7, n.37-38-39, 1894, p. 59 a 67
Linguagem em lições de coisas - continuação	Extraído da escola pública de S. Paulo	Tomo 8, n.40-41-42, 1894, p. 265 a 270

Fonte: Revista Pedagógica. Hemeroteca Digital. Organização da autora.

Nota-se que, ao longo dos anos, o periódico oficial do Museu publicou vários trechos de orientações escritas por Kiddle e Calkins. Os métodos publicados pela *Revista Pedagógica* foram divididos de maneira seriada, ou seja, o leitor poderia acompanhar a continuação do método ao longo das edições do periódico. Também buscava conhecimentos para republicá-los, a partir de outras revistas pedagógicas, no caso, de A Escola Pública de S. Paulo.

As orientações de Kiddle e Calkins publicadas apresentavam métodos para as matérias do primeiro, segundo e terceiro grau: Linguagem, Aritmética, Lição sobre objetos, Desenho e escrita. Todas as orientações indicavam o uso de objetos.

Na edição n. 4 de 1891 da *Revista Pedagógica*, foi publicado o Curso Graduado de Instrução e Manual de Métodos para as Matérias do Segundo Grau. Os autores iniciam apresentando quais temas e objetos serão utilizados para cada matéria:

#### **Quadro 20** – Curso Graduado de Instrução e Manual de Métodos

---

##### ***Linguagem***

*Leitura – No primeiro livro – Fonética, reconhecer e produzir os sons das letras com palavras de uma sílaba.*

*Definições – Prática de ilustrar o sentido das palavras usando-as em proposições curtas e dizendo o que significam.*

*Soletração – Palavras da lição de leitura e palavras de uso comum.*

---

##### ***Aritmética***

*Soma – Objetos e algarismos, dois, três, quatro e cinco.*

*Algarismos – Números de dois e três algarismos, lidos à primeira vista, sem numeração; escrevê-los ditados nas ardósias.*

*Números romanos – I, V, X, L em suas combinações até sessenta inclusive, seu uso no mostrador do relógio.*

---

##### ***Lição sobre objetos***

*Forma – Continuação das formas comuns e as de rombo, romboide, círculo, semicírculo, esfera, semiesfera com posição das linhas.*

*Cor – Sombras de cores comuns, vermelho claro e escuro, azul claro e escuro.*

*Corpo humano – Nome e uso dos membros e de suas partes, formas e nomes dos ossos principais.*

---

***Desenho e escrita***

*Nas ardósias – Unir pontos por meio de linhas, traçar quadrados, retângulos, rombos; dividir linhas em partes iguais – Escrever frases com letras minúsculas.*

---

Fonte: *Revista Pedagógica*, Tomo 1, n. 4, 1891, pp. 218-219.

O método indica que o tempo em que estes temas deveriam ser trabalhados era pouco mais de cinco meses. Percebe-se que, nas matérias em que não é indicado o uso de algum objeto, privilegia-se pelo menos algum sentido, é o caso de Linguagem, em que o aluno deveria reconhecer e reproduzir os sons das letras (*Revista Pedagógica*, Tomo 1, n.4, 1891, p. 218).

Os autores continuam o método, detalhando como os professores deveriam ensinar cada matéria do segundo grau. No caso das lições sobre os objetos, pedia-se que, quando os alunos já soubessem reconhecer uma forma por meio dos objetos para o ensino das formas e sólidos, o professor deveria fazer com que eles procurassem a mesma forma em outros objetos (*Revista Pedagógica*, Tomo 1, n.4, 1891, p. 218).

Sobre o corpo humano, o método orientava que os alunos deveriam apontar nas partes do seu próprio corpo, seus nomes, seus usos, partes do braço, da mão, da perna e do pé. No caso de uso de objetos, os alunos indicariam as partes dos objetos e o professor diria seus nomes e usos; depois os alunos diriam os nomes e usos à medida que o professor indicasse os objetos. Ao final das orientações sobre essa matéria, aparece uma orientação para que os professores consultassem o *Manual de Lições de Coisas* escrito por Calkins e traduzido por Rui Barbosa (*Revista Pedagógica*, Tomo 1, n.4, 1891, p. 223).

Percebe-se que o método da matéria Lição sobre objetos, no caso dos estudos sobre o corpo humano, considera que tal temática possa ser desenvolvida sem a utilização de algum modelo anatômico. No entanto, não descarta a observação visual atenta, quando orienta que na falta do objeto o corpo dos próprios alunos serviria de exemplo. Isso significa, que o uso dos sentidos é essencial para a aplicação e desenvolvimento das aulas.

Ao final das orientações para o ensino das matérias do segundo grau, Calkins e Kiddle deixam uma orientação específica de como os professores deveriam pensar a ocupação dos alunos:

O professor que souber dar uma ocupação regular e constante de modo que mantenha viva a atenção de todos os alunos durante os diversos exercícios do dia, dirá com isto a melhor prova de aptidão para a boa direção de uma escola. A verdade é que o segredo de manter boa disciplina depende principalmente disto. (...) O ponto objetivo do professor será aprender a dirigir uma classe ou escola de modo que todos os alunos tenham ocupação constante e prestem a todos exercícios uma atenção contínua. Serão muito uteis ao professor, para conseguir este resultado, as mudanças apropriadas no modo de apresentar as diferentes lições sobre uma mesma matéria e as mudanças no modo de conduzir os exercícios de uma mesma lição (*Revista Pedagógica*, Tomo 1, n. 4, 1891, pp. 223-224).

Nota-se que o sucesso das aulas era atribuído pelos autores ao intenso número de atividades, pois os alunos não poderiam ficar ociosos, como também era indicado que houvesse uma diversificação desses exercícios. Mesmo que os objetos não apareçam nessa orientação final, sabe-se que seu uso era tido como essencial, conforme vimos até o momento.

Em seguida da publicação do Método de Calkins e Kiddle, a *Revista Pedagógica* publicou o texto “Ginástica dos Sentidos”, escrito por Constantino Delhez. Ao longo do texto, o autor procura defender o uso dos sentidos para o processo de aprendizagem e indica material geral utilização em exercícios.

Segundo Delhez, os órgãos do sentido não receberam a devida importância para os processos de ensino:

Ora, a educação, que tem por fim cuidar do desenvolvimento do homem no ponto de vista de seu aperfeiçoamento e de sua felicidade, deve especialmente velar em que todos os seus órgãos sejam o objeto de uma atenção particular e de um desenvolvimento progressivo e harmônico, correspondente às diversas faculdades desta inteligência e as funções que lhes são assinadas pela natureza na economia. Até o presente vemos no homem um grupo de faculdades e de órgãos abandonados em seu desenvolvimento a simples ação das circunstâncias fortuitas, como se estes instrumentos nenhuma utilidade tivessem na marcha de seu aperfeiçoamento. Queremos falar dos sentidos e de seus órgãos (*Revista Pedagógica*, Tomo 1, n.4, 1891, p. 229).

Para o autor, os órgãos do sentido não só deveriam ser valorizados somente porque seriam úteis para aprendizagem, mas também porque era necessário que fossem aperfeiçoados. Como se os órgãos do sentido até o momento estivessem sendo subutilizados em seu potencial máximo.

O texto continua afirmando que os sentidos poderiam ser desenvolvidos por meio de uma série de exercícios graduados e progressivos e que seriam úteis a toda comunidade escolar inclusive para as famílias:

Compenetrado deste pensamento e convencido por uma longa experiência no ensino de que um tal esquecimento é prejudicial ao progresso dos estudos, e principalmente mui sensível no começo da instrução; o autor deste pequeno trabalho aplicou-se em procurar porque meio seria possível remediar esta falta de cultura e fazer com que os sentidos contribuíssem para o benefício geral da educação. Esta pesquisa levou-o a um sistema de desenvolvimento dos sentidos por meio de exercícios graduados e progressivos que intitula Ginástica dos sentidos e que apresenta e submete a atenção e apreciação daqueles que seriamente se ocupam da educação infantil - das mães de família, dos chefes de jardins, dos diretores de escolas primarias e muito especialmente das autoridades da instrução publica, as quais incumbe o dever sagrado de velar pela educação da mocidade (*Revista Pedagógica*, Tomo 1, n.4, 1891, pp. 229-230).

Após a defesa de que a ginástica dos sentidos seria importante para remediar os males da cultura, trazendo um benefício geral para a educação, o autor apresenta o método e processo do que ele chama de sistema de educação. Afirma que os exercícios da ginástica dos sentidos deveriam ser aplicados no ensino infantil e deveriam ser feitos com base no desenvolvimento da intuição e comparação:

A intuição que tem por instrumentos os sentidos, dá as sensações, desperta o sentimento e fornece os materiais sobre os quais se exerce a comparação, que a seu turno, prepara o espírito os primeiros elementos destas operações: ideias. Este método que domina e penetra todo o sistema da Ginástica dos sentidos, é natural e essencialmente intuitivo, chamando constantemente os sentidos, em seus exercícios, a receber as impressões exteriores para transmiti-las depois ao espírito em ideias claras e precisas. E, si podemos considerar o método intuitivo como a verdadeira base de toda a instrução racional, analítica, experimental; podemos igualmente considerar os exercícios da Ginastica dos sentidos, visto o caráter natural, simples e geral que os distingue como os primeiros e verdadeiros meios desta instrução. (...) As coisas, que na vida prática consideramos como absolutas, são na realidade pontos convencionais de comparação. A maneira de adquirir estes conhecimentos e de combiná-los entre si, repousa igualmente sobre a comparação (*Revista Pedagógica*, Tomo 1, n. 4, pp. 230-231).

É interessante perceber como o autor explica o que para ele era método intuitivo e como ele poderia ser aprimorado. Para o autor, os sentidos são os principais instrumentos da intuição e, por isso, deveriam ser treinados, sendo que esse desenvolvimento se faz por meio da comparação. O autor segue afirmando que isso

configurava um caráter extremamente racional, analítico e experimental ao método intuitivo. Essa descrição dá uma dimensão maior da importância da grande profusão de objetos didáticos nesse período. A observação e a comparação sistemática de diferentes objetos e fenômenos confirmam esse fazer racional e analítico apontado pelo autor.

Em seguida, o autor propõe uma lista de objetos para o desenvolvimento de cada sentido:

### **Quadro 21 – Material geral para Ginástica dos Sentidos**

---

#### ***Para a vista***

1 *Taboinhas pintadas de vermelho, amarelo e azul, 3 nuances de cada cor:*

- a) *Distinção das cores.*
- b) *Distinção das nuances.*

2 *Taboinhas graduadas de 1 a 10 centímetros de comprimento:*

- a) *Comprimento comparativo.*
- b) *Direção.*
- c) *Distância.*
- d) *Número.*

3 *Formas: triângulo, quadrado, paralelogramo, octógono, círculo, elipse.*

4 *Quadro para exercícios de recapitulação.*

---

#### ***Para o ouvido***

1 *Ruídos diversos:*

- a) *Ruído.*
- b) *Timbre.*
- c) *Voz.*

2 *Discos metálicos: ferro, cobre, estanho, 3 nuances de cada um (com dois bastonetes, um de madeira para suspender os discos e outro de vidro para fazê-lo vibrar):*

- a) *Distinção de sons metálicos ou timbres.*
- b) *Distinção de sons.*

3 *Voz humana.*

- a) *Voz, a-i-u.*
- b) *Articulação, p-t-k.*

---

#### ***Para o Tato***

1 *Peso: três cilindros de diferentes pesos.*

2 *Temperatura: quatro frascos para outras tantas nuances.*

3 *Superfícies: polidas, ásperas e médias.*

---

---

*Para o gosto*

*1 Sabores principais: azedo, salgado, doce e amargo.*

---

*Para o olfato*

*Perfumes de flores, cheiros de frutos, de bebidas etc.*

---

Fonte: *Revista Pedagógica*, n. 4, Tomo 1, 1891, pp. 231-232.

Além de indicar os materiais, o autor dá uma noção do uso que deveria ser feito a partir desses objetos e coisas. Observando tais indicações e o tipo de material, percebe-se que se destinavam ao treinamento dos sentidos na educação infantil. O texto sobre a ginástica dos sentidos encerra com essa lista e, segundo a Revista, seria publicada uma continuação, no entanto, não foi localizado nos números posteriores do periódico.

Vale a pena destacar também a publicação do texto “Linguagem em Lição de Coisas”, extraído das orientações da Escola Pública S. Paulo. A primeira parte dessa publicação faz uma orientação geral aos professores, informando que as lições indicadas serviram para muitos dias e que teriam duração de 15 minutos diários (*Revista Pedagógica*, n. 30-31-32, Tomo 6, 1894, p. 115).

Após essa breve orientação, o texto publicado pela *Revista Pedagógica* segue cinco rápidos modelos de lições em que cada um deles consta uma pequena lista de objetos, o método e os resultados.

Em dezembro do mesmo ano, em nova edição da *Revista Pedagógica*, o texto “Linguagem em Lições de Coisas” voltou a ser publicado. Neste trecho, foram publicados novos modelos de lição, incluindo planos de aula sobre: o sentido do ouvido; o sentido do gosto ou paladar; o olfato; natureza; vestuário; materiais; localidades familiares; palavras que dizem alguma coisa a respeito do objeto; comparação dos objetos; qualidades e opostos dela; arranjar palavras que expressem ideias opostas; ideias e qualidades opostas; palavras e seus opostos; relação de qualidades; grau de qualidades (*Revista Pedagógica*, n. 37-38-39, Tomo 7, 1894, pp. 60-67).

Vale ressaltar que nas duas publicações do texto “Linguagem em Lições de Coisas” foram indicadas um total de 22 lições, sendo que destas, somente as mencionadas acima constavam uma temática específica.

Observando atentamente os planos de aula indicados percebe-se que Lições de Coisas poderia tratar de temas bastante variados, é o caso das lições sobre natureza, comparação dos objetos e grau de qualidades:

### **Quadro 22 – Linguagem em Lições de Coisas**

---

#### ***Lição XI***

#### ***Natureza***

*Objeto. Dar nome de coisas naturais.*

*Método. Chamar atenção as belezas do mundo em que nós vivemos e as muitas que nos deleitam e admiram.*

*Resultados. O céu, a lua, a chuva, as nuvens, o vento, a luz do sol, o ar do trovão, o relâmpago etc.*

---

#### ***Lição XVI***

#### ***Comparação dos objetos***

*Objeto. Mencionar qualidades opostas.*

*Método. Distribuir objetos que tenham qualidades opostas. Faça a criança ver a qualidade ou grau de qualidade em algum outro objeto. Assim se compararmos pão com pedra: o pão é leve, a pedra é pesada; porém, se compararmos pedra com ferro: a pedra é leve e o ferro é pesado. O pão é mais leve do que a pedra; a pedra é mais pesada do que o pão, porém mais leve do que o ferro.*

*Resultado. O livro de João é grande; o meu é pequeno. A fita de Francisco é comprida; a minha é curta. Vosso lápis não tem ponta; o meu tem. Este livro é pesado; aquele é leve.*

---

#### ***Lição XXII***

#### ***Grau de qualidades***

*Objeto.*

*1 Sugerir uma qualidade que pertença a diversos objetos.*

---

*Método.*

1 *Que é que pode ser fino? Que é que pode ser grosso? Que é que pode ser comprido?*

2 *Escolher dois artigos, como fios de seda e de algodão. Perguntar: qual é o mais fino? Qual é o mais grosso?*

3 *Tomar três artigos, como fios de seda, de algodão e de linho. Pergunta: qual é o mais fino? Qual é o mais grosso? Qual é o mais fino do que o outro? Qual é o mais grosso do que o outro? Eis aqui duas pinturas: qual é a mais bonita? Eis aqui uma outra: qual é a mais bonita das três? Qual delas não é mais bonita nem menos bonita?*

*Resultado. Uma fatia de pão pode ser fina. O pano pode ser fino. O papel pode ser fino. Uma agulha pode ser grossa. Um cordão comprido. A seda é mais fina do que o algodão. O algodão é mais grosso do que a seda. O linho é o mais grosso. A seda é a mais fina. O algodão é mais grosso do que a seda, porém mais fino do que o linho.*

---

Fonte: *Revista Pedagógica*, n. 37-38-39, Tomo 7, 1894, pp. 61,64,67.

Percebe-se que a Lição de Coisas aborda temáticas que vão além do treinamento dos sentidos literalmente, como é o caso da lição sobre natureza, que deve ser apreciada por meio dos treinos dos sentidos. O que fica evidente é que o método consiste, sobretudo, em fazer comparações diversas, uma análise dependente de uma observação minuciosa que, no fim, serve para estabelecer semelhanças ou diferenças.

A seção de Pedagogia da *Revista Pedagógica* publicou também orientação e plano de aula de matemática, porém, ao longo de todas as publicações, somente duas vezes apareceram textos referentes a este ensino no periódico:

**Quadro 23** – Seção Pedagogia – Matemática

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Fonte</b>
Observação aos professores que se ocupam do ensino da aritmética nas classes elementares das escolas do 1º grau	J. F. Velho da Silva	Tomo 4, 1893, p. 287 a 302

Teoria das quantidades imaginadas	Ernesto Luis d'Oliveira – professor normalista de Paraná	Tomo 9, n.47, 1896, p. 15 a 35
-----------------------------------	--	--------------------------------

Fonte: *Revista Pedagógica*, 1890-1896.

O primeiro texto era uma orientação aos professores das escolas de primeiro grau sobre como ensinar Aritmética e, no final da orientação, o professor propunha uma série de exercícios. O segundo texto também tratava de propostas de exercícios enviados por um professor normalista de Paraná. Esse fato indica que o periódico recebia orientações e propostas pedagógicas de professores.

Foram localizadas também publicações relacionadas aos ensinamentos de História e Geografia:

#### Quadro 24 – Seção Pedagogia – História e Geografia

Título	Autor	Fonte
O ensino da História – extrato das instruções aos professores	Mr. Tempels – escola modelo de Bruxelas	Tomo 2 n.1, 1891 p.27 a 30
O ensino de História nas escolas	R.F.Charles – mestre em Artes	Tomo 8 n.46, 1895 p.305 a 316
A geografia como matéria de ensino escolar	Miss. H. Bush	Tomo 9, n.47, 1896, p.2 a 15

Fonte: *Revista Pedagógica*, 1890-1896.

Vimos até aqui que algumas matérias privilegiaram publicações de autores estrangeiros, é caso do ensino de História e Geografia. Ao longo de todo o periódico, foram localizados três textos, dois de História e um de Geografia, todos de pensadores estrangeiros.

Em 1891, a *Revista Pedagógica* publicou um texto com instruções aos professores a respeito do ensino de História, escrito por uma professora da escola modelo de Bruxelas. Ao longo do texto, Mr. Tempels ressalta a importância do ensino de História na escola primária, devendo esta preparar as bases e o espírito dos alunos para um aprofundamento dessa matéria nos anos seguintes (*Revista Pedagógica*, n.1, Tomo 2, 1891, p. 27).

Para Mr. Tempels, a noção mais importante sobre o ensino de História que deveria ser passada para os alunos é sobre a transformação dos costumes na humanidade. Destaca,

ainda, que era importante saber da noção de continuidade, ou seja, que a transformação é lenta e só pode ser observada a partir de um longo intervalo do ocorrido. Por isso, era importante para a autora que as crianças desenvolvessem a compreensão do tempo em História (*Revista Pedagógica*, n.1, Tomo 2, 1891, p. 28).

Por fim, o texto traz uma breve indicação de método:

Façamos que criança procure lembrar-se dos fatos de sua vida pessoa e compreenda que estes fatos passados constituem a sua própria história. Podemos impressionar-lhe a imaginação com a ideia de procurar as origens de sua família, as datas e lugares de nascimento e morte de seus ascendentes, suas profissões, os acontecimentos de sua vida, seus talentos, seus bens etc. Interrogará seus pais, lerá, aproximará os papéis, vindos de longe, porém que se prestam a estas conclusões. Colherá informações e pensará nas fontes de que elas dominam. Os alunos conhecerão a história da Escola, seus fundadores, sua inauguração, seus progressos (...) Podemos contar a história de Bruxelas, de sua configuração, de seus monumentos, mostrar cartas antigas, fixar o lugar dos antigos baluartes, reconstruir o antigo bairro anterior aos boulevards, ver o aspecto antigo do Rio Sena na antecâmara do burgomestre, interrogar aos pais a este respeito. Assim compreendido, o ensino da história ocupa lugar distinto na escola primária (*Revista Pedagógica*, n.1, Tomo 2, 1891, pp. 29-30).

Mesmo se tratando do ensino primário, a professora de Bruxelas compartilha maneiras como os professores poderiam já preparar os alunos para compreenderem como é o fazer histórico. É preciso ressaltar que a *Revista Pedagógica* não faz nenhum comentário ou tentativa de adaptações para os casos nacionais, quando são publicados os textos de planos e métodos estrangeiros, não havia também julgamentos de valores como apresentações de melhores métodos, por exemplo.

A única publicação sobre o ensino de Geografia da *Revista Pedagógica* também foi importada de países estrangeiros e, segundo o periódico, havia sido lido numa seção londrina da corporação de professores. Assim, como no caso dos textos sobre o ensino de História, a publicação a respeito do ensino de Geografia também era uma orientação geral aos professores.

Por duas vezes foram publicados textos com orientações sobre o ensino de Ginástica. As duas publicações eram de autores brasileiros, a primeira de 1891 escrita pelo Conselho de Instrução Pública. Um longo e detalhado texto sobre os jogos ao ar livre, tratando da necessidade das atividades ao ar livre, da adaptabilidade dos jogos, sobre o local e tempo dos recreios, além de jogos principais: cricket, futebol, beisebol, lacrosse, hockey, hare and hounds (lebre e galgos), lawn tênis e croquet. O texto

apresenta ainda possibilidades de jogos de salão para dias chuvosos. Vários dos exemplos de jogos eram acompanhados de ilustrações.

O segundo texto sobre Ginástica, publicado no periódico do Museu era de autoria de um professor do Colégio Menezes Vieira. Nesta edição da *Revista Pedagógica*, publicou o programa de Ginástica e o método desenvolvido pelo professor de um colégio particular. Nota-se que o diretor do Museu tinha influência na escolha de autoria e temáticas que apareciam na seção Pedagogia da revista.

**Quadro 25** – Seção Pedagogia – Ginástica

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Fonte</b>
Jogos ao ar livre para a mocidade brasileira	Alfredo Alexander – do Conselho da Instrução Pública	Tomo 1, 1891, p. 282 a 311
Trabalho do professor Arthur de Sá	Arthur de Sá no Colégio Menezes Vieira	Tomo 7, 1894, p. 38 a 46

Fonte: *Revista Pedagógica*, 1890-1896. Organização da autora.

Ao longo dos anos de funcionamento da *Revista Pedagógica*, foram publicados sete textos sobre os desenvolvimentos de Trabalhos Manuais na seção de Pedagogia. A maioria de autoria nacional. entre eles do próprio diretor do museu, Menezes Vieira e um de seu conservador, Olavo Freire:

**Quadro 26** – Seção Pedagogia: Trabalhos Manuais

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Fonte</b>
Trabalhos manuais – curso elementar 1ª classe – Modelo de uma lição de dobrado	Olavo Freire	Tomo 3, 1891, p. 45 a 48
O trabalho manual nas escolas primárias	-	Tomo 3, 1892, p. 241 a 244
A Pedagogia do trabalho manual	E. Schmitt (tradução de Arthur de Sá, professor de trabalhos manuais da 1ª escola do 2º grau)	n.25-26-27, 1893, p. 69 a 97

Pedagogia do trabalho manual (conclusão) método dos elementos técnicos e método dos objetos usuais	-	Tomo 5, 1893, p. 228 a 335
O trabalho manual como meio de educação formal	Otto Salomon – extr. Le travail Manuel th. Calozet Bruxeles	Tomo 6, n. 34-35-36, 1894, p. 207 a 209
Trabalhos Manuais nas escolas do segundo grau	Manuel Frazão	Tomo 6, n.34-35-36, 1894, p. 231 a 251
Trabalhos Manuais	Menezes Vieira	Tomo 8, 1895, p. 2 a p.7

Fonte: *Revista Pedagógica*, 1890-1896. Organização da autora.

O conservador do *Pedagogium*, Olavo Freire, escreveu e publicou no periódico do Museu um texto com um modelo de lição de trabalhos manuais. Nessa publicação, ele indicou um modelo de dobradura para uma rosácea e para a construção de uma caixa:

#### Quadro 27 – Modelo de uma lição de dobradura

---

##### *Rosáceas*

*Material necessário ao mestre e ao discípulo – Alguns hexágonos regulares, de papel branco ou de jornais que serão mais tarde substituídos por papel de diversas cores, para serem nele reproduzidos os melhores trabalhos, servindo deste modo como prêmio aos alunos.*

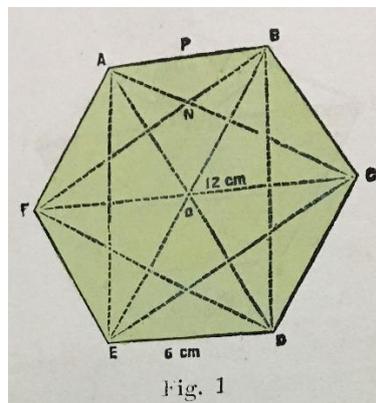
*Conselho ao mestre – a lição será dada no quadro preto e o mestre executará o exercício ao mesmo tempo que seus discípulos, os quais mais facilmente compreenderão as explicações, tendo a vista o próprio modelo. Convém que cada discípulo tenha um caderno onde cole só trabalhos, registrando assim as lições. Neste caderno o mestre fará a sua apreciação sobre boa ou má execução do trabalho, e não deverá consentir que nele sejam arquivados somente os bons trabalhos.*

*Lição – Dobremos primeiramente o hexágono de maneira que cada lado caia sobre o lado oposto, e obteremos assim as dobras AD, BE, CF, (fig. 1); depois dobremos para o centro todos os ângulos do hexágono tendo o cuidado de restabelecer a primitiva forma do papel,*

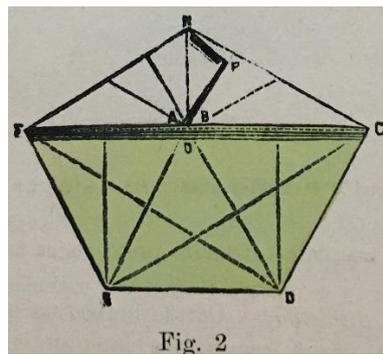
---

---

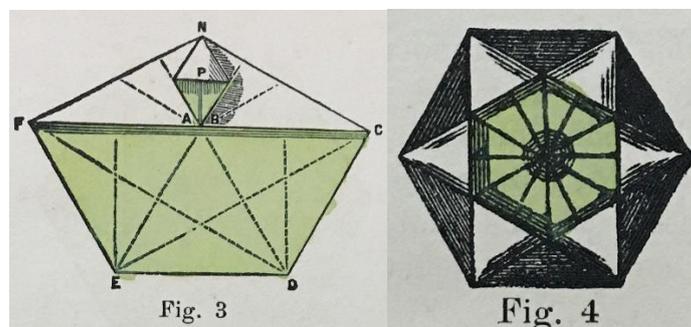
*volvendo para fora cada ângulo que já tinha sido dobrado; e assim determinaremos as linhas AC, CE, EA, BD, DF, FB.*



*Volvamos a intercessão de duas dobras que se cortem, a direita e a esquerda, como indica o detalhe (fig. 2)*



*Abramos a dobra PN e calquemos o ponto P sobre a linha NO (fig. 3); façamos a mesma coisa com os outros ângulos e obteremos a belíssima rosácea representada pela figura 4.*



---

**Construção de uma caixa**

---

---

*Material do mestre – Quadro preto, régua métrica, grande esquadro.*

*Material do discípulo – Cartão branco ou de cores, uma faca ou canivete, régua, esquadro e duplo decímetro.*

*Lição – Construamos um retângulo com 12 centímetros de comprimento sobre 6 de largura (e) prolonguemos em todos os sentidos os lados deste retângulo, apliquemos sobre estes prolongamentos a medida de 3 centímetros, unamos os pontos f e g, h e i, j e k, l e m, e deste modo formaremos os retângulos a, b, c, d (fig. 5)*

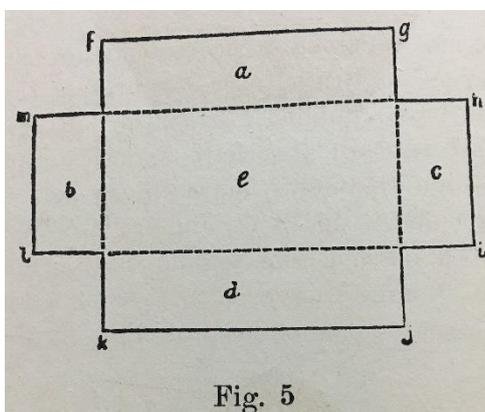


Fig. 5

*Recortaremos a figura pelas linhas cheias, e sobre as linhas interrompidas (lado do retângulo e) passemos algumas vezes levemente a faca ou o canivete, quanto baste para cortar metade da espessura do cartão; juntemos os pontos f e m, g e h, i e j, k e l e grudemos nestas quatro arestas tiras de papel preparadas anteriormente com uma camada de goma arábica em uma das faces, da mesma sorte que se preparam os selos do correio. Feito isto, a caixa estará pronta, restando unicamente a ornamentação ou revestimento com o papel de cores, o que convém quando findar o curso de cartonagem nesta mesma classe.*

*Nota: está bem claro que o professor quando traçar no quadro preto o desenvolvimento da caixa ou outra qualquer de cartonagem, deve fazê-lo em uma escala de três ou quatro vezes maior, conforme o modelo.*

---

Fonte: *Revista Pedagógica*, n.1, Tomo 3, 1891, pp. 45-47.

Após as indicações de materiais e conselhos, Olavo Freire mostra passo a passo a construção das rosáceas e da caixa, sendo que o primeiro trabalho era indicado para a primeira classe e o segundo trabalho para a segunda classe.

As demais publicações sobre os Trabalhos Manuais tratam de assuntos e orientações diversas sobre o ensino dessa matéria. “O trabalho manual nas escolas

primárias”, sem autoria. Cita diversos pensadores e intelectuais que defenderam o ensino de trabalhos manuais nas escolas; “A pedagogia do trabalho manual”, escrito por E. Schmitt e traduzido por Arthur de Sá, professor de trabalhos manuais da 1ª escola do 2º grau, foi dividido em duas publicações. Além de dar orientações gerais sobre o ensino da matéria, apresentava a divisão temática por nível de ensino, indicando o uso de materiais específicos e, por fim, apresentava a situação do ensino sobre trabalhos manuais em outros países; “O trabalho manual como meio de educação formal” foi escrito por Otto Salomon, de Bruxelas e dava orientações gerais sobre o ensino; “Trabalhos manuais nas escolas do segundo grau” foi escrito por Manuel Frazão, que se preocupou em compartilhar orientações gerais aos professores e dar especificações sobre o estudo das principais madeiras presentes na indústria brasileira; por fim, o texto de Menezes Vieira tratava sobre cartonagem escolar, um dos temas de ensino de trabalhos manuais.

Percebe-se que o professor leitor da *Revista Pedagógica* teria conhecimento com um panorama diverso sobre o ensino de Trabalhos Manuais, além de poder contar com planos de aula os quais poderiam ser utilizados e adaptados a sua realidade. Os leitores do periódico do Museu conheceriam como era desenvolvida a disciplina em outros países.

Até agora vimos que as publicações sobre outras matérias na seção Pedagogia do periódico publicaram principalmente formas de ensinar, orientações e planos de aula. ao observarmos as publicações de Trabalhos Manuais, percebemos que ela é mais diversa.

O ensino de Agronomia não ficou de fora da seção de Pedagogia da Revista do museu.

#### Quadro 28 – Seção Pedagogia – Agronomia

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Fonte</b>
Noções sobre agricultura aos alunos da 1ª classe do curso elementar das escolas primarias – programa oficial		Tomo 2, n.5, 1891, p. 270 a 277
Programa de Agronomia – Curso elementar		Tomo 3, 1892, p. 348 a 355
Agronomia	Dr. Ramosil	Tomo 7, 1894 p.26 a 32

Fonte: *Revista Pedagógica*, 1890-1896

O ensino de Agronomia, que contou com diversas conferências nos salões do *Pedagogium*, apareceu na Revista do museu somente três vezes. O primeiro texto sobre esse ensino era destinado aos alunos do curso elementar das escolas primárias. Era um plano de aula feito com base no programa oficial para o ensino desta matéria.

O texto inicia apresentando o tema dessa proposta, o ensino sobre a pá, enxada, ancinho, sacho, foice etc. Antes de explicar cada um desses objetos, o texto aborda primeiro a importância dos jardins, hortas e pomares, contando rapidamente o que poderia ser cultivado em cada uma dessas variações de plantações, dando dicas de como proceder (*Revista Pedagógica*, n. 5, Tomo 2, p. 271).

Em seguida, o texto mostra que o professor deveria apresentar os instrumentos à classe, descrevendo, primeiramente, de que material cada ferramenta era feita e, depois, qual era sua função. Após a descrição de cada um dos instrumentos indicados no início do texto, o plano de aula apresenta um questionário que o professor poderia utilizar:

#### **Quadro 29 - Questionário Agronomia**

---

##### ***Jardins, Hortas e Pomares***

*Qual de V. já viu um jardim? Onde? Quando? O que havia nele? O que se cultiva nos jardins?*

*Carlos! Que flores conheces? Diz-me a cor de cada uma. Dize o nome das plantas que dão estas flores. De que flores gostas mais? Todas as flores têm cheiro? Todas tem cheiro forte ou ativo? Cita algumas cujo cheiro (aroma) é suave.*

*Quem já viu uma horta? Onde? Quando? O que havia nessa horta? Que hortaliças conheces? De que hortaliças gosta mais? Para que servem as hortaliças? E a flores? Que hortaliças servem para tempero? E para salada? Que nome damos ao homem que cultiva flores? Por que o chamamos de floricultor? Por que o chamamos de jardineiro?*

*E um pomar... Aposto que nenhum conhece um pomar. Vejamos, o que se cultiva no pomar? Muito bem, e o que significa arvore frutífera? Sim, senhor, diga-me então que arvores frutíferas conhece. Bravo! Será capaz de dizer-me a forma de cada uma desses frutos? Experimentemos, qual é a forma da laranja? Do abio? Da tangerina? Da pera? E o gosto desses frutos, quem será capaz de dizer-me? O abio é ácido? A laranja é adstringente? A goiaba amarga? É muito feio responder; sim, não. Responde em proposição completa. Deste modo: Não, senhor, o abio é doce. Se eu perguntar: o limão é doce, como deves responder? Perfeitamente, disseste bem: Não, senhor, o limão é ácido, ou Sim, senhor, alguns limões são doces. Continuemos. Para que servem os frutos? Gostas dos frutos? Qual preferes?*

---

---

*Vejamos: quais frutos que vocês mais apreciam? A laranja? A banana? A goiaba? A manga? Gostem de todos, eu já o sabia; porém, meus amigos, é prudente não ser guloso, esperar que os frutos amadureçam e principalmente, não comê-los todos em um dia, guardar alguns para amanhã. Se o não fizerdes, vem a indigestão, as cólicas ou dores de barrigas, o médico, os remédios e a dieta...*

*Esse é o caso dos glotões.*

*Isto não se entende com vocês que tem muito juízo, continuemos a nossa conversa.*

*Já vimos o que é um jardim, uma horta, um pomar e sabemos que ali trabalha o jardineiro ou hortelão. Alguns de vocês tem visto o jardineiro ou o hortelão trabalhar Luiz! É capaz de dizer-nos o que viste fazer?*

*Muito bem! Mostras que és curioso. A curiosidade quando bem dirigida é uma excelente qualidade; tem o nome de observação e torna-se indispensável para que possamos aprender.*

*Repito: dou-te os meus parabéns.*

*Perfeitamente, o jardineiro traça as ruas, alisa os terrenos, levanta os canteiros, enche-os de terra, revolve-a e retira as pedras, as raízes, as plantas ruins.*

*Mas para esse trabalho não emprega instrumentos?*

---

### ***Enxada***

*De que partes se compõe? Que forma tem o cabo? Por que é cilíndrico? É curto? É de madeira? Por que não é de ferro? A lâmina que forma tem? De que é? Por quê?*

*Para que serve? De que modo prende-se ao cabo? Para que serve a enxada?*

*Imitemos os movimentos que o operário faz com a enxada. Qual é o instrumento companheiro inseparável da enxada? Uma espécie de irmã cuidadosa que apanha o que a outra deixa cair? A pá.*

*Muito bem, desenhem esses instrumentos, algumas linhas cinco ao todo, mostram o cabo da pá, a lâmina.*

*O cabo da pá e da enxada tem o mesmo tamanho? Por quê? A lâmina da enxada e a lâmina da pá a mesma forma? Para que serve a pá? Que operários empregam esse instrumento? Imitemos os movimentos que faz com a pá.*

*Estas duas irmãs tem um irmão também muito cuidadoso que vai juntar, reunir as folas secas desse modo o trabalho da pá.*

*Conhecem esse irmão?*

---

### ***Ancinho***

*(mostra ou desenha)*

---

---

*Sim, é o ancinho.*

*Dize-me como se chama esta parte do ancinho; e está? Que nome tem estas pontas?*

*Esse nome foi bem aplicado? Que nome lhe devíamos dar? Para que serve o ancinho? Imitem os movimentos que se faz com o ancinho.*

*Com estes instrumentos tudo iria muito bem se não houvesse pedras, raízes que é necessário remover.*

*Felizmente, o jardineiro tem no alvião um amigo forte, seguro, que não o deixa ficar mal.*

*Aqui o tendes.*

*E semelhante a enxada? O cabo é mais comprido e mais leve que o da enxada? Para que serve a ponta do alvião? A lâmina? Imitemos os movimentos que o operário faz com ele.*

*Temos visto os instrumentos que servem para cavar, cortar, remover, mexer a terra, vejamos aqueles que servem para cortar as plantas.*

---

### ***Foice, tesoura, o alfange***

*Quem será capaz de desenhar-me uma foice? Uma tesoura? Um alfange? De que partes consta a foice? A tesoura? O alfange? De que é a tesoura? O alfange? A foice? Para que serve a tesoura? O alfange? A foice?*

---

### ***O regador, a vassoura o carrinho***

*Bom, mas eu vejo ainda alguma coisa que pertence ao jardineiro... Sim, o regador, a vassoura, o carrinho.*

*O regador é um vaso de filha, tem uma asa e um bico terminado em um ralo ou crivo. Para que serve? Para que tem o ralo ou chuveiro? Justamente, para a água cair como cai a chuva.*

*É isso mesmo.*

*E a vassoura, para que serve? De que é feita? Resta-nos o carrinho, de que partes se compõe? Mostra a caixa, os varais, a roda. De que é feito? Para quem foi feito? Para que serve? Muito bem, alguns imitem o movimento que o jardineiro faz quando rega; outros imitem o que ele faz quando varre e finalmente finjam empurrar o carrinho.*

*Gostaram da lição? Pois bem, não se esqueçam do que aprenderam e até breve.*

---

Fonte: *Revista Pedagógica*, n. 5, Tomo 2, 1891, pp. 274-277.

O longo questionário apresenta vários aspectos com que podemos dialogar e destacar, pensando em tudo o que foi apresentado até o momento. O primeiro deles é a sua forma, o fato de um plano de aula estar organizado em maneiras de perguntas, fazendo com o professor cumprisse o papel de arguidor, remonta ao método socrático, que fora muito utilizado como metodologia na aplicação do ensino intuitivo e Lição de Coisas. O que aparece de diferente, nesse caso, é que esse plano de aula não indica a possibilidade de resposta dos alunos. Talvez porque o texto tenha sido iniciado com uma proposta de apresentação do tema, descrevendo cada um dos instrumentos, conforme já mostramos.

Outro ponto de relevância nesse plano de aula de Agronomia é a clara observação sobre ser organizado dentro da metodologia proposta pelo ensino intuitivo. Isso fica claro não só pela forma de questionário como ele é apresentado, mas em todo processo de ensino proposto, sobre o qual os alunos eram orientados a observar e descrever de maneira minuciosa, quase que excessivamente, cada tema proposto: jardim, pomar, horta, enxada, foice, e assim por diante. Ressalta-se ainda o caráter utilitário de tudo o que era abordado, sendo a pergunta “para que serve?” essencial para grande parte da lição.

A educação dos sentidos não fica de fora da proposta, identificada notoriamente quando o questionário trata das frutas. Nessa parte, a lição consistia em descrever o gosto de cada uma das frutas citadas, diferenciando como doce, amargo, ácido, adstringente e assim por diante. Percebe-se ainda um caráter moralista, quando o professor deve advertir para que os alunos não fossem gulosos.

Por fim, a utilização do objeto – ou, na falta dele, uma ilustração – parece essencial em todo o plano de aula. A presença do objeto não é somente para conhecimento visual, os alunos deveriam observar, descobrir de que eram feitos, comparar materiais e os objetos entre si e até simular uma ação de seu uso prático. Tudo isso comprova que o método intuitivo era a base do ensino em diferentes matérias e, principalmente, que o “sucesso” desse método dependia de um comportamento ativo dos alunos, isso implica que os alunos deveriam: observar, analisar, comparar e simular. Há, portanto, uma “história das práticas” pelo método intuitivo que pode e merece ser desvelada.

A seção de Pedagogia publicou orientações também para o ensino de cegos e surdos-mudos:

**Quadro 30** – Seção Pedagogia: Educação de cegos e surdos-mudos

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Fonte</b>
Manual da primeira educação dos cegos – vós que tendes a suprema ventura de ver, compadecei-vos dos pobres cegos, lêde e vulgarisae estes conselhos – aos pais	Mr. M. de la Sizeranne (cego)	Tomo 3, n.16-17, 1892, p. 227 a 232
A Chronofotografia no ensino da palavra aos surdos-mudos		Tomo 3, n. 16-17, 1892, p. 232 a 233

Fonte: *Revista Pedagógica*, 1890-1896.

Em 1893, a *Revista Pedagógica* publicou um texto de M. de la Sizeranne que, segundo o periódico, era um conde, autor de conselhos e que ficou completamente cego aos nove anos de idade, passando a dedicar-se na ajuda de crianças com a mesma deficiência (*Revista Pedagógica*, n. 16-17, Tomo 3, 1892, p. 232).

O texto de Sizeranne era voltado aos pais de alunos cegos e tinha por objetivo preparar as crianças para uma vida adulta autônoma, pois, segundo o autor, os pais deveriam educar seus filhos, a fim de que estes não se tornassem um estorvo para a sociedade (*Revista Pedagógica*, n. 16-17, Tomo 3, p. 228).

Partindo disso, o autor apresenta 18 propostas. Dentre elas, ele indica que os pais deveriam ensinar seus filhos a andarem na mesma idade que uma criança sem deficiência faria; explica que a fala é essencial, por isso os pais não deveriam economizar em palavras, já que as crianças não poderiam identificar expressões e gestos; orienta o desenvolvimento dos outros sentidos da criança, especialmente o tato e o ouvido; finaliza afirmando que a criança deveria ser matriculada numa escola assim que atingisse a idade, pedindo ao professor que o ensino fosse habilitado para a leitura e escrita de Braille. Neste ponto, Sizeranne observa que a educação de cegos e surdos-mudos na mesma escola que alunos sem deficiência é muito importante e uma conquista da ciência (*Revista Pedagógica*, n. 16-17, Tomo 3, 1892, pp. 228-230-231).

O texto Chronophotographia no ensino da palavra aos surdos foi publicado logo em seguida ao texto de Sizeranne. O texto faz elogios ao zootropo<sup>60</sup>, um aparelho inventado pelo professor Marey que tornava possível observar movimentos diversos: cavalo, corredor, pássaro (*Revista Pedagógica*, n. 16-17, Tomo 3, 1892, p. 232).

Segundo o periódico, o professor-inventor fotografou os lábios de uma pessoa enquanto ela falava a frase “Eu vos amo”; as fotografias foram colocadas no aparelho e entregues ao surdo-mudo, que poderia observar o pronunciar da frase de maneira perfeita. Ainda de acordo com a Revista, essa experiência foi realizada na Estação Fisiológica, estabelecimento fundado em Boulogne e mantido pelo Estado e municipalidade de Paris (*Revista Pedagógica*, n. 16-17, Tomo 3, 1892, pp. 232-233).

Percebe-se que o texto sobre o ensino de surdos-mudos é além de uma propaganda de material, também uma orientação ou um plano de aula.

Encontramos também três textos que remetem ao ensino de Educação Moral e Cívica na seção Pedagogia:

**Quadro 31** – Seção Pedagogia – Educação moral e cívica

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Fonte</b>
Série de lições dadas pela professora D. Eulália Cruz Santos Filha, em obediência à disposição regulamentar, e de acordo com as modernas exigências oficiais sobre a educação cívica	Eulália Cruz Santos Filha	Tomo 8, n.40-41-42, 1894, p. 248 a 260
Como se ensina a mentir (tradução do espanhol)	Maria de Milhe Mésple	Tomo 8, n.40-41-42, 1894, p. 260 a 262

Fonte: *Revista Pedagógica*, 1890-1896. Organização da autora.

A edição de dezembro de 1894 publicou duas orientações relacionadas ao ensino de Educação Cívica. A primeira, escrita pela professora Eulália Cruz Santos, era um longo texto em que explica que o professor deve estar atento aos alunos com

<sup>60</sup> De acordo com a Revista Pedagógica o zootropo é “um instrumento de cartão que se vende nas lojas de brinquedos e consiste em um cilindro com uma série de fendas, pelas quais o observador vê passar as imagens em movimento” (*Revista Pedagógica* Tomo 3 n.16 e 17, 1892, p. 233).

manifestações de sentimentos que ela chamou de embrionários do comportamento humano. Dessa forma, o professor deveria explicar aos alunos os cuidados com: a generosidade, egoísmo, inveja, avareza, preguiça, ira, amor e ódio, hipocrisia, prazer e dor, bem e mal (*Revista Pedagógica*, n. 40-41-42, 1894, Tomo 8, p. 248).

Ao longo do texto, a autora vai descrevendo cada um desses sentimentos embrionários, ressaltando seus aspectos positivos e negativos, num modelo em que o professor-leitor poderia utilizar o texto para replicar em sala de aula com seus próprios alunos.

A tradução do texto de Maria de Milhe Mésple segue na mesma linha, abordando o tema como se ensina a mentir. Em forma de orientação aos professores, o texto faz uma análise dos problemas de pessoas mentirosas e como os professores devem agir.

O periódico do Museu também publicou, na seção Pedagogia, orientações para o ensino de Música. Em 1894, foi publicada a partitura do Hynno Escolar sem qualquer orientação adicional. Já no ano seguinte, o periódico do museu publicou a tradução de “A marselhesa da paz”:

**Quadro 32** – Seção Pedagogia – Música

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Fonte</b>
Hynno escolar	Gaston Bousquet e Assis Pacheco	Tomo 8, n.40-41-42, 1894, p. 263 a p.264
A marselhesa da Paz	Tradução Luiz dos Reis	Tomo 8, n.43, 1895, p.7 a p.9

Fonte: *Revista Pedagógica*, 1894-1895.

Para além dos planos de aulas e orientações de disciplinas específicas, conforme apresentamos até aqui, a seção Pedagogia publicou diversos textos de assuntos diversos relacionados à temática educacional ao longo dos anos de publicação da Revista:

**Quadro 33** – Seção Pedagogia – Diversos

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Fonte</b>
Razão de ser do ensino público	Mr. Salicis	Tomo 2, n.2, 1891, p. 115 a 118

Métodos e programas – notas de inspeção escolar	P.L.Bianconi, Inspetor d'Academia	Tomo 3, n.14, 1891, p. 100 a 103
O pedagogium	José Veríssimo	Tomo 3, n.16-17, 1892, p. 214 a 220
Discurso proferido na ocasião da distribuição de prêmios aos alunos do 2º distrito escolar	José Carlos D'Alambary Luz	Tomo 3, n.16-17, 1892, p. 220 a 227
Alocução proferida pela diretora do externato Andrade, por ocasião dos exames das aulas elementares de seu estabelecimento no dia 13 de dezembro de 1891	Maria G. L. de Andrade	Tomo 3, n.16-17, 1892, p. 237 a 241
Notícia histórica da instrução primária na capital federal	Felisberto R.P. de Carvalho (sub-diretor secretário do Pedagogium)	Tomo 4, n.19-20-21, 1893, p. 116 a 151
Os elementos tradicionais da educação	F. Adolpho Coelho	Tomo 4, n.19-20-21, 1893, p. 226 a 253
Notícia Histórica da instrução primária na capital federal	Felisberto R. P. de Carvalho (sub-diretor secretário do Pedagogium)	Tomo 4, n.19-20-21, 1893, p. 253 a 278
Ensino Obrigatório	F.F de Vilhena Alves	Tomo 6, n.30-31-32, 1894, p.73 a 81
O Pedagogium de Viena		Tomo 6, n. 34-35-36, 1894, p. 210 a 231
Congresso internacional no ensino técnico, comercial e industrial em Paris	Menezes Vieira	Tomo 7 n.37-38-39, 1894, p. 33 a 38
A educação na escola	Manoel José Pereira Frazão	Tomo 7, n.37-38-39, 1894,

		p. 46 a 59
Influência da escola sobre a educação dos alunos – meios de alcance do professor para a formação de caráter	Luiz dos Reis	Tomo 8, n.44, 1895, p. 98 a 139
O exame da madureza no Brasil	diversos	Tomo 9, n.48, 1896, p. a 201
A instrução secundária	José Veríssimo – discurso em colação de grau	Tomo 9, n.48, 1896, p. 209 a 218
O hipnotismo como meio de educação	D. Waterson	Tomo 9, n.48, 1896, p.251 a 256
Educação técnica		Tomo 9, n.48, 1896, p. 256 a 258
O professorado – um emprego ou uma profissão	J.G.Schurman	Tomo 9, n.48, 1896, p.270 a 290
Bureau de educação dos estados	W. T. Harris	Tomo 9, n.48, 1896, p.290 a 291

Fonte: *Revista Pedagógica*, 1890-1896

O professor leitor da *Revista Pedagógica* encontrava na seção Pedagogia, além de planos de aula e orientações específicas, tudo o que fosse relacionado à educação no país e no mundo. Percebe-se que a maior parte se trata de textos a respeito de programas oficiais de ensino, outros são discursos proferidos em eventos educacionais, outros eram impressões ou opiniões a respeito da educação e, por fim, encontramos também alguns relatórios de determinadas visitas a instituições ou a respeito da situação educacional de determinados locais do mundo.

Desse modo, compreende-se que a seção Pedagogia do periódico era a versão impressa do que era praticado nas próprias dependências do Museu. Nesse caso, o professor que não pudesse frequentar pessoalmente as atividades e cursos oferecidos pelo *Pedagogium*, tinha a possibilidade, por meio da Revista, de se apropriar das informações e conhecimentos divulgados pelo Museu.

Além dos planos de aula e notícias internas sobre a educação, a *Revista Pedagógica* publicava também informações internacionais. Por meio do periódico os

leitores puderam acompanhar os relatórios de viagens de professores que foram enviados para a Europa e Estado Unidos, a fim de coletarem informações educacionais destes países. E da seção Crônicas do Exterior, que trazia informações sobre a educação praticada em outros países. Este é o assunto do nosso próximo tópico.

#### 4.3.2 Práticas que viajam e a circulação transnacional do conhecimento

Vimos que o *Pedagogium* reunia objetos de várias partes do mundo, vimos também que os cursos oferecidos pelo Museu trataram de assuntos e temas variados, presentes em estabelecimentos educacionais em outros países. A biblioteca do Museu tinha uma boa parte da composição de seu acervo de livros estrangeiros, tendo recebido ao longo dos anos diversos envios de diferentes partes do mundo. Por fim, na seção anterior, estudamos a seção Pedagogia da *Revista Pedagógica* do Museu, que publicou diversos artigos, trechos de livros e estudos de professores estrangeiros.

Tudo isso configura uma característica ao *Pedagogium* de reunir tudo o que fosse relevante e o que estava acontecendo no sistema educacional pelo mundo. Não se tratava só de importar conhecimento, a ideia era fazer circular, num movimento de conhecer, aprender, adaptar e expor.

Nesse sentido, a *Revista Pedagógica* publicou em todas as suas edições uma seção chamada Crônicas do Exterior. Nessa seção, eram publicadas notícias educacionais de diversos países.

**Quadro 34** - Crônicas do Exterior

País	Número de menções
França	26
Alemanha	20
Inglaterra	20
Argentina	17
Bélgica	14
Itália	13
Suíça	12

Espanha	11
Chile	11
EUA	11
Uruguai	10
Rússia	8
Áustria	7
México	7
Japão	6
Guatemala	6
Suécia	5
Peru	5
Turquia	4
Portugal	4
Costa Rica	4
Paraguai	4
Venezuela	4
Dinamarca	3
Canada	3
Holanda	2
Romênia	1
Saxônia	1
Grécia	1
Noruega	1
Hungria	1
Prússia	1
Países baixos	1
Montenegro	1
Sérvia	1
Bolívia	1
Equador	1

Colômbia	1
Honduras	1
Coréia	1
Sião	1
Austrália	1

Fonte: *Revista Pedagógica*, 1890-1896. Organização da autora.

Na seção Crônicas do Exterior, eram encontradas notícias diversas sobre a educação de outros países. As informações mais comuns tratavam sobre: estatísticas escolares; publicações de decretos educacionais; relatórios; situação funcional de professores; aplicação de métodos; objetivos educacionais; notícias sobre escolas; ações dos governos na educação, entre outros. Tudo o que fosse relacionado à educação era publicado.

Percebe-se que havia uma preferência por notícias da França, país que teve o maior número de menções nesta seção. Em seguida, os países mais publicados foram a Alemanha, Inglaterra e Argentina, sendo este último o país da América Latina com maior número de informações divulgadas.

Embora os países europeus liderem a lista, aparecendo com maior frequência, outros países da América Latina, melhor dizendo, do Sul, além da Argentina, foram citados mais de dez vezes, é o caso do Chile e Uruguai. Chama atenção também que há a menção de lugares que geralmente não eram divulgados, mas que não foram esquecidos pela *Revista Pedagógica*, o que indica que a circulação não era somente entre a Europa e a América, já que os professores poderiam, por meio do periódico, ter contato com informações de todos os continentes.

As informações sobre a educação na França, país que aparece em quase todas as edições da *Revista Pedagógica*, eram muito variadas, tendo sido publicado textos sobre: exposição universal; viagens de professores; escolas primárias; revistas; construções e concertos em escolas; atribuições de inspetores de escolas primárias; ginástica nas escolas; resoluções; exposições de trabalhos escolares em museus pedagógicos; sobre o ensino no país; discursos de ministros sobre a educação (*Revista Pedagógica*, 1890-1896).

Nota-se que a seção Crônicas do Exterior era, na verdade, um jornal, com a publicação de *briefing* sobre o que estava sendo feito na educação em todo o mundo.

Nesse sentido, o periódico segue a lógica da circulação transnacional das informações. O leitor poderia conhecer, aprender e comparar sem precisar viajar até estes lugares. Mais do que isso, a seção Crônicas do Exterior está inserida no contexto da época de promover o maior número de informações possível sobre o outro: como agiam, solucionavam, inovavam, aprimoravam etc. Era uma exposição, não apenas de objetos, mas de ideias, conhecimentos.

É nesse mesmo contexto que ocorreram as viagens pedagógicas, no final do século XIX, cujos relatórios dos professores viajantes foram divulgados publicamente pela *Revista Pedagógica*. A viagem dos professores primários, encarregados de estudar a organização pedagógica das escolas primárias de países da Europa e dos Estados Unidos, foi publicada na *Revista Pedagógica* em 1891, numa breve nota informando que em 29 de novembro daquele ano embarcaram para Gênova os professores D. Amélia Fernandes da Costa e M. J. P. Frazão, e para Lisboa, no dia 30 de novembro, o professor Luiz dos Reis (*Revista Pedagógica*, n. 4, Tomo 1, 1891, p. 249).

O Ministério da Instrução Pública, Correios e Telégrafos determinou que a comissão de professores deveria: 1º - visitar as principais escolas primárias de Paris, Londres, Bruxelas, Berne, Genebra, Zurich, Milão e Turim, estudando tanto a organização das escolas urbanas como suburbanas; 2º - visitar as escolas de Naas na Suécia e acompanhar o curso de trabalhos manuais professado naquele estabelecimento; 3º - visitar as principais escolas de Nova York, Boston, Filadélfia e Washington nos Estados Unidos; 4º - estudar cuidadosamente os métodos e material de ensino adotados em todos esses estabelecimentos, já quanto a educação física, já quanto a intelectual e moral; 5º - remeter a Inspetoria Geral de Instrução Primária e Secundária da Capital Federal, com quem se corresponderá diretamente, os programas minuciosos, os livros escolares, e quando possível as plantas e fachadas de todas as boas escolas que tiver examinado, acompanhando-os das observações que entender convenientes; 6º - organizar e remeter tri mensalmente a mesma Inspetoria Geral, um relatório circunstanciado do trabalho feito e de tudo quanto houver observado e estudado (*Revista Pedagógica*, n.1-2, Tomo 1, 1890, pp. 21-22).

Muitos pesquisadores já se dedicaram sobre esse tema, estudando detalhadamente tanto os relatórios de viagens como a trajetória dos professores viajantes. O livro *Viagens Pedagógicas*, organizado pelos professores Mignot e Gondra (2007), é um bom exemplo disso, trazendo artigos sobre as viagens dos professores brasileiros e outras expedições pelo mundo.

Para além da análise das informações contidas nesses relatórios, o que nos interessa, nesse momento, é compreender o que essas viagens pedagógicas representavam no cenário político-educacional da época e qual a relação dessa representação com o *Pedagogium*.

Mignot e Gondra (2007, p. 7) identificam que o processo de afirmação da escola moderna ocorreu dentro de um processo transnacional, no qual devemos observar que discursos, livros e materiais foram difundidos para além das fronteiras nacionais. Nesse intuito, as viagens pedagógicas foram um movimento global, sendo que essa circulação de professores viajantes aconteceu na Espanha, Portugal, França e diversos outros países (Mignot e Gondra, 2007, p. 9).

De acordo com Gondra (2007 pp. 65-66), as viagens pedagógicas eram necessárias para compreender e conhecer aquilo que não era possível perceber por meio de documentos e livros; as viagens serviam para estabelecer uma comparação. Para além disso, as viagens serviam, nas palavras do pesquisador “para desmanchar imagens mentais de culturas estrangeiras formadas por outras fontes”.

É preciso ter em mente que a literatura de viagem foi um gênero literário bastante comum nesse período, caracterizado por um estilo de redação com muita observação e totalmente voltado ao público leitor. Esse estilo de observação e de comparação foi bastante vinculado pelas Exposições Universais, que intensificou essa circulação de pessoas e ideias e, por sua vez, deu margem à criação de um gênero de escrita específico (Gondra, 2007, p. 67).

Ao analisar os relatórios do professor Manuel Frazão, a pesquisadora Schueler (2007, p. 91) afirma que o relatório do viajante constrói representações sobre o papel da escola e do trabalho de professores. Além disso, a pesquisadora entende o relatório como produto dessa circulação de ideias na medida em que faz apropriações e difusões de saberes.

Para Schueler (2007), essa ampla circulação de ideias e pessoas, característica do século XIX, pode ser compreendida como uma “história conectada”, sendo, dessa forma, possível compreender as conexões continentais e intercontinentais. Para além disso, as viagens pedagógicas produziam um discurso pautado na “mediação cultural”, ou seja, apropriavam-se e reinterpretavam ideias e saberes pedagógicos.

Percebe-se que as viagens pedagógicas também eram representantes dessa cultura transnacional de intensa circulação de pessoas, ideias, objetos e práticas. Assim, como no caso do *Pedagogium*, essa ação não se tratava de importação das “melhores

práticas”, as viagens e os respectivos relatórios dos professores viajantes tinham um outro significado para o período em que o mundo estava conectado.

Vimos que o decreto de organização das tarefas dos professores viajantes, entre outras determinações, orientou que fossem enviados para Inspeção Geral de Instrução Primária e Secundária da Capital Federal programas de ensino, plantas, livros, objetos e tudo o que pudesse interessar e fosse importante para conhecer sobre a pedagogia dos países visitados. Ao acompanharmos os relatórios de viagens publicados na *Revista Pedagógica*, identificamos que os professores viajantes encaminharam muitos materiais ao *Pedagogium*, a lista na íntegra dos materiais enviados consta no Apêndice A.

Começando pela professora D. Amélia Fernandes da Costa, a viajante enviou uma lista imensa de material que foi recebido pelo *Pedagogium*: cadernos de caligrafia; modelos de mobília escolar como bancos e mesas; materiais didáticos incluindo materiais fröebelianos; papelaria; trabalhos de alunos diversos e fotografias. A maior parte dos objetos, a professora não especifica a maneira como foram adquiridos, mas estima-se que uma boa parte tenha sido doação, especialmente os trabalhos de alunos.

De acordo com Mignot e Silva (2011, pp. 440-443), a professora Amélia, diferentemente de seus colegas viajantes, é tratada com certo esquecimento pelos pesquisadores, já que não são encontradas a mesma quantidade de pesquisas sobre os seus relatórios. Apesar disso, D. Amélia tinha certo prestígio nos meios educacionais o que certamente a fez ser escolhida para a missão junto aos colegas. Os relatórios de D. Amélia permitem concluir que a professora tinha por objetivo sugerir mudanças para o sistema educacional de seu país. Além disso, transparece interesse especial pelos museus pedagógicos, pela instrução feminina, infantil e de adultos, além da preocupação com os horários alternativos de funcionamento das escolas, incluindo os horários noturnos e até aos domingos.

Dentre os materiais remetidos ao *Pedagogium* pela professora Amélia, chama atenção alguns cujo destaque será dado. O primeiro deles foi a compra de um quadro negro que servia para o ensino de cálculo e geografia. A compra desse objeto chama atenção não somente pela sua função pedagógica, mas, especialmente, porque ele foi encomendado no Museu Pedagógico de Genova, indicando que museus pedagógicos em outras partes do mundo tinham por função produzir e vender materiais didáticos (*Revista Pedagógica*, n. 6, Tomo 1, 1891, p. 361).

A *Revista Pedagógica* publicou na seção Crônicas do Interior um pequeno relato da professora a respeito da aquisição do objeto no Museu de Genova e outros materiais de interesse:

Tendo visitado o Museu Pedagógico de Genova, tomei nota de diversos objetos que comprarei e terei a satisfação de remeter para o Rio de Janeiro. (...) Visitando a aula primaria anexa ao Museu Pedagógico vi e mandei fazer, em ponto pequeno, um quadro preto que serve para cálculo, gravura e geografia. (...) Não imagina o desprazer que tenho sentido vendo grandes ardósias naturais servindo nas mesas de cosinha. Não seriam convenientes que as importássemos para servirem de quadro preto em nossas escolas? O preço é insignificante e com o transporte talvez ainda ficassem mais barato do que os quadros pretos feitos de taboas cobertas de verniz. (*Revista Pedagógica*, n. 6, Tomo 1, 1891, pp. 361-362)

É interessante perceber que a professora toma conhecimento do objeto comprado ao visitar a escola modelo do Museu de Genova. Além disso, adquiriu o objeto sob encomenda específica, o que indica que esse museu fabricava peças para venda.

Em maio de 1891, a *Revista Pedagógica* publicou nova lista de materiais remetidos ao *Pedagogium* pela professora Amélia. Entre os objetos dessa remessa o periódico deu destaque a coleção de nove quadros murais confeccionada pelo Professor Antônio Gera; junto à coleção, foi enviado um folheto explicativo para utilizar os quadros do professor:

Este folheto de noventa páginas e os quadros murais constituem talvez a aquisição mais importante do *Pedagogium* pela influência que certamente hão de exercer no ensino da moral em nossas escolas primárias. Os quadros muraes em chromolithographia imitando aquarelas representam cenas familiares, destinadas a fornecer variados exercícios para o ensino da língua e para a educação do sentimento. Estão publicados: Os emigrantes – o tocador de realejo – o cão terranova – o médico de aldeia – o exemplo dos passarinhos – a mamãe está doente – o pequeno artista – a verdadeira nobreza – a perda de um ator. Destacaremos: os emigrantes – a mamãe está doente, a perda de um ator, notáveis pela felicidade com que o artista lithographo traduzio o belo ideal educativo do prof. Gera. Neste gênero nada conhecemos melhor e, digamos com franqueza, bastaria a escolha desses quadros para corroborar o elevado conceito do critério pedagógico da Sra. D. Amélia Fernandes, a quem sentimos imenso prazer em reiterar os nossos cordiais agradecimentos (*Revista Pedagógica*, n. 2, Tomo 2, 1891, pp. 128-129).

Não há especificações de onde a professora Amélia tenha adquirido essa coleção de quadros tão elogiada. O que o relatório dessa remessa aponta é que tal coleção foi

enviada da Itália, não detalhando se foi compra ou doação nem mesmo se teve contato com os quadros em visita a uma escola ou museu.

Em junho de 1891, a *Revista Pedagógica* informa a chegada de nova remessa enviada pela professora Amélia. Dessa vez, os materiais remetidos vinham das visitas aos estabelecimentos de ensino da França, Bélgica e Itália. Sem mencionar especificamente a procedência de cada um dos objetos e materiais recebidos, damos destaque ao envio de uma coleção de quadros representando pássaros úteis com o respectivo livro de explicações escrito por Mr. Paul Robert e, um quadro de folhas secas e cascas de árvores feito por duas professoras de Brescia (*Revista Pedagógica*, n. 4, Tomo 2, 1891, p. 258).

O professor Luiz Augusto dos Reis também enviou ao *Pedagogium* diversos materiais e objetos oriundos da sua expedição pela Europa. A primeira grande lista de remessa feita pelo professor foi publicada na *Revista Pedagógica*, em 1891. Nessa remessa, constava o envio de boletins de instrução; livros didáticos; catálogos de bibliotecas; regulamentos de escolas e uma coleção de quadros murais. Essa primeira remessa foi enviada das viagens do professor feitas por Lisboa (*Revista Pedagógica*, n. 4, Tomo 2, 1891)

É provável que o professor Luiz Augusto dos Reis tenha sido o viajante que mais enviou materiais ao *Pedagogium*. As listas de remessas feitas pelo professor foram publicadas em diversas edições da revista e a diversidade de materiais enviados é bastante interessante. Conforme já mencionado, o professor enviou, boletins, livros, regulamentos e catálogos, mas, além disso, podemos observar que Luiz dos Reis enviou também: muito quadros de plantas de escolas; relatórios de diretores de escolas; programas de classes; coleção de músicas escolares; livros de estatísticas; livros de exercícios; um quadro com a planta do Museu Pedagógico de Madrid; catálogos da biblioteca, de objetos e documentos sobre a história desse mesmo museu; trabalhos de alunos; fotografias escolares; cadernos escolares; trabalhos de madeira e coleção de carpintaria feita por alunos. Todas essas remessas foram feitas a partir das viagens do professor por Lisboa, Porto, Espanha, França e Bélgica (*Revista Pedagógica*, 1890-1896).

O professor Luiz Augusto dos Reis foi além de professor primário, secretário da Comissão Executiva Permanente do Professorado, sócio fundador da Associação Alfa literária e da Sociedade Beneficente e Instrução e da Associação dos professorados de Lisboa. Foi também um dos redatores do jornal *O Prisma*, além de ter colaborado com muitos periódicos e revistas. Luiz Augusto dos Reis ainda era poeta, escritor, professor primário, redator de jornal e funcionário público (Mignot e Silva, 2011, pp. 438-439).

Sobre essa enorme remessa, daremos destaque ao envio da coleção de trabalhos em madeira e ferro, executados pelos alunos da Escola Modelo Rodrigues Sampaio, anexa ao Museu Pedagógico de Lisboa.

Em outubro de 1891, a *Revista Pedagógica* publicou a lista de objetos contidos na coleção de trabalhos em madeira e ferro feita pelos alunos da Escola Modelo Rodrigues Sampaio. A longa lista menciona exatamente a quantidade peças feita pelos alunos e remetidos ao *Pedagogium*. A coleção era dividida em pequenos conjuntos de peças e, dessa forma, o Museu recebeu: exercícios da oficina de obra de ferro; figuras de chapa de ferro; peças polidas de ferro e de aço; ligações de chapa de ferro; exercícios da oficina de obras de madeira; objetos de uso comum e utilidade permanente; exercícios preliminares de torno de madeira; ferramentas feitas ao torno; objetos e uso comum feitos ao torno (*Revista Pedagógica*, n.13, Tomo 3, 1891, pp. 52-54).

Faziam parte dessa coleção de trabalhos de alunos, além das peças em madeira, muito parafusos, placas de ferro e objetos geométricos. Mais uma vez, uma grande coleção é adquirida a partir da visita a uma escola modelo anexa a um Museu Pedagógico, neste caso, o de Lisboa. Tal coleção era tão notória que ganhou destaque no relatório do diretor Menezes Vieira de 1892 (*Revista Pedagógica*, n. 18, Tomo 3, 1892, p. 333).

Por fim, os objetos enviados pelo professor M. J. Pereira Frazão aparecem em menor quantidade nas Revistas Pedagógicas, dando a impressão de que talvez este tenha sido o professor que tenha feito menos remessas ao *Pedagogium*.

Pereira Frazão escrevia intensamente para a imprensa, ministrava conferências pedagógicas, participou do Instituto Profissional de Professores, da Sociedade dos Amantes da Instrução e articulou o Manifesto dos Professores Público em 1871. Foi ainda autor de “Cartas do Professor da Roça” publicados no jornal *O Constitucional*, criado pelo partido conservador (Mignot e Silva, 2011, p. 439).

Em viagem à Nápoles, Turim e Milão o professor Frazão remeteu coleções de livros; regulamentos de instituições; coleções de provas escritas; coleções de diários de professores e desenhos de mobília escolar. Ainda que em menor quantidade, percebem-se os materiais enviados pelo professor Frazão tinham como objetivo compartilhar a rotina diária de professores e alunos, mantendo a característica de conhecer e comparar práticas escolares para além das fronteiras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que foi fundado, em 1890 o Museu Pedagógico Nacional conviveu com tentativas de fechamento do estabelecimento. Ao mapearmos os jornais da cidade, percebemos que, a partir do ano seguinte de sua fundação, deputados pediram a extinção do *Pedagogium*.

No dia 28 de outubro de 1891, foi colocada em debate na Câmara dos deputados do Rio de Janeiro, uma emenda de autoria de Severino Vieira, deputado pela Bahia. O deputado propôs que as verbas destinadas ao *Pedagogium* fossem suprimidas e que o acervo do Museu deveria ser dividido entre: Ciências Naturais para o Museu Nacional; a biblioteca para a Biblioteca Pública e a seção de Química, Física e os materiais escolares enviados para a Escola Normal. A proposta de emenda foi colocada em votação tendo obtido 43 votos a favor e 49 votos contra. Nesse dia, o presidente da Câmara decidiu que os números não eram suficientes e a votação foi adiada (Annaes da Câmara dos Deputados do RJ, 1891, p. 694).

O autor da emenda enviou texto ao *Jornal do Comércio* no dia 31 de outubro, justificando a elaboração de tal proposta. Para Severino Vieira, a fundação do *Pedagogium* era um desperdício de dinheiro público, já que as funções do Museu poderiam ser cumpridas pela Escola Normal (*Jornal do Comércio*, 31/10/1891, p. 2).

Ainda em meio às discussões de extinção do Museu, o deputado voltou a enviar justificativa para a imprensa, dessa vez para o jornal *Gazeta de Notícias*. Neste texto, o deputado Severino Vieira defende que tem por objetivo expandir as iniciativas particulares ao invés das públicas, como uma maneira de cortar gastos do governo. Severino voltou a defender a proposta de unificar as funções do *Pedagogium* com a Escola Normal e afirma que a fundação do Museu foi um erro da Reforma Benjamin Constant. Para o deputado, o dinheiro gasto com o *Pedagogium* poderia ser utilizado para melhorar a própria Escola Normal e até as escolas primárias (*Gazeta de Notícias*, 2/11/1891, p. 1).

Essa disputa política em torno do fechamento do Museu terminou em 1916, quando foi publicado um decreto de lei que autorizava o prefeito da cidade do Rio de Janeiro a extinguir o *Pedagogium* (*Jornal do Comércio*, 31/12/1916, p. 6).

No entanto, o Museu continuou fechado sem ter dado destino ao seu acervo até meados de 1919, o que, segundo uma pequena nota publicada no *Jornal do Comércio*, dava imensos prejuízos financeiros ao governo (*Jornal do Comércio*, 2/6/1919, p. 10).

No mês seguinte, o Ministério da Guerra foi transferido para o edifício onde funcionava o *Pedagogium*, na rua do Passeio. De acordo com nota publicada no *Jornal do Comércio*, o material do Museu seria transferido para o Instituto João Alfredo:

**Figura 43** – Transferência do acervo do *Pedagogium*. 1919



Fonte: *Gazeta de Notícias*, 1/7/1919, p. 2.

Embora a notícia indique o destino do acervo do *Pedagogium*, não se sabe ao certo para onde foi enviada toda a coleção do Museu. Segundo o *Jornal do Brasil*, após a transferência do Ministério da Guerra para o edifício onde funcionou o *Pedagogium*, o acervo do Museu teria sido levado para o albergue da limpeza pública (*Jornal do Brasil*, 4/9/1919, p. 11).

O *Jornal do Comércio* publicou em setembro de 1919 uma nota da Biblioteca Municipal informando que este estabelecimento teria recebido várias centenas de livros do *Pedagogium* e reclamou das condições do material:

O fechamento do *Pedagogium* criou uma situação para a Biblioteca da Prefeitura (...). Não há ali nenhuma estante vazia, nenhum lugar disponível, de forma, que a biblioteca do *Pedagogium*, já toda escangalhada pela ação do tempo e, talvez, mesmo, pelos maus tratos, teve de ser atirada pelos cantos e meios de salas (*Jornal do Comércio*, 6/19/1919, p. 8).

Nota-se que a transferência da biblioteca do *Pedagogium* não considerou se o destinatário poderia receber o material, gerando danos aqueles que receberam e possivelmente ao espólio, que, conforme indica a nota, já estava bastante prejudicado.

Com relação ao acervo do Gabinete de História Natural do Museu, o relatório do Instituto de Educação do Rio de Janeiro informa que o Gabinete de História Natural da Escola Secundária recebeu o espólio do *Pedagogium*. No entanto, o documento não especifica quais materiais, nem detalha se o que recebeu foi uma parte ou todo acervo do antigo Museu (Relatório do Instituto de Educação do Rio de Janeiro – CEMI-RJ, 1936, p. 162).

Toda essa disputa para manter ou não o *Pedagogium*, as mudanças de endereço, e depois a divisão e o destino incerto do seu acervo, dificultou reconstituição da história do estabelecimento e impediu a localização de pelo menos parte do acervo que um dia pertencera ao Museu.

Em meio a estas dificuldades, mapeando os jornais da cidade, o periódico do Museu e esmiuçando relatórios e documentos diversos, ainda assim, foi possível apresentar a organização de um Museu Pedagógico Nacional no Brasil, no início da República, com a sua estrutura apresentando um amplo rol de objetos.

O *Pedagogium* nasceu como um símbolo desse novo governo do país com um objetivo claro de servir como difusor da modernidade e do progresso, um centro de apoio e desenvolvimento e renovação da educação nacional e, por isso, foi alvo de disputas políticas.

Vimos que o plano de construir um Museu Pedagógico Nacional foi um projeto desenvolvido por um grupo de professores e intelectuais que, desde o Império, buscaram viabilizar esse tipo de estabelecimento no país, seguindo como modelo a constituição de museus semelhantes em outras localidades do mundo. Mas percebe-se que essa não foi uma tarefa nem simples, nem unânime. A instalação do Museu Escolar Nacional e posteriormente do *Pedagogium*, se deu por meio de manobras políticas dessas pessoas interessadas nesse tipo de ação. Políticas educacionais passaram a ser discutidas de maneira ampla na passagem do Império para a República e, com isso, cresceu o embate

sobre quem deveria financiar esses projetos, se o Estado ou a iniciativa privada. Aqueles que defendiam o fechamento do Museu Pedagógico Nacional, muitas vezes defendiam que a iniciativa privada tomasse conta, foi o caso do Deputado Severino e de professores-empresários do ramo, como João Köpke e Rangel Pestana, donos de estabelecimentos privados de ensino os quais garantiam que o *Pedagogium* causava grandes gastos ao governo, criticavam seu caráter mercadológico, mas que, ao mesmo tempo, mantinham ricos e importados acervos em seus estabelecimentos.

O estabelecimento do Museu não era unanimidade nem entre o próprio professorado, a quem ele se destinava. As cartas e críticas tornadas públicas de grupos de professores criticando o *Pedagogium* e o seu então diretor Menezes Vieira deixam indícios da insatisfação dos professores com a existência de um órgão que tinha também como função uma fiscalização e indicação de métodos, práticas e objetos. Os professores sinalizam o quanto eram caros e inviáveis a aquisição e montagem de museus escolares. Isso mostra o quanto parcela do professorado tinha resistência e dificuldades de lidar com as novas indicações do método intuitivo, inclusive no sentido de aquisição de peças, que não era algo possível a todos, se levarmos em consideração os valores dos produtos, suas importações e até mesmo suas manutenções do espaço escolar.

Vimos também que o movimento de fortalecimento das nações e constituição de uma identidade nacional foi um movimento comum em diversos países. A criação de museus pedagógicos pelo mundo acompanha essas transformações políticas e estão especialmente ligadas ao caráter transnacional de circulação de pessoas e de conhecimento, sendo, portanto, locais que representam esse transbordamento das fronteiras nacionais, ainda que ele mesmo represente a montagem de um caráter de “educação nacional”.

No caso específico do *Pedagogium*, esse museu detinha todas essas características e iria além. O Museu Pedagógico Nacional era um espaço para formação de professores, sem dúvida, mas era também espaço de apresentação de inovações pedagógicas, amplamente de caráter tecnológico; era centro de divulgação de empresas de materiais didáticos; ambiente de exposição de objetos imediatamente postos ao consumo, como produtos, ou seja, era um museu com caráter comercial.

Podemos dizer que esta constatação confirma a hipótese originalmente esboçada. O caráter comercial do *Pedagogium* pôde ser observado em diversos pontos de suas ações ao longo do seu funcionamento, especialmente pela visualidade adotada por seus espaços expositivos, pelos objetos que compunham a sua coleção e pela relação que

ele, principalmente pela mão de Meneses Vieira, estabeleceu com as empresas de materiais didáticos.

Vimos que o acervo do Museu foi formado inicialmente pelo espólio do Museu Escolar Nacional que já havia recebido parte da composição de objetos advindos da Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro. Ao longo dos anos, o Gabinete de História Natural, de Física, o laboratório de Química, a oficina de Trabalhos Manuais, a sala de desenhos, os materiais geográficos, as coleções de quadros parietais, os modelos de mobília escolar, e os materiais escolares, tudo fora organizado dentro de uma condição visual que tinha por referências grandes feiras, ainda que, como vimos, nem sempre as apresentações fossem tão criteriosas assim, como foi o caso esboçado pelo gabinete de Física.

A visualidade das grandes feiras foi marcada pelo número excessivo e de acúmulo dos objetos expostos nas vitrines comerciais, pois foi reproduzido nos espaços do *Pedagogium*. Os espaços expositivos do *Pedagogium* eram irregulares. Às vezes, havia a impressão de amontoado de coisas. Certas mostras pareciam ter maior clareza em relação às classificações científicas, como era o caso da exposição de História Natural. Mas isso não se repetiu, ao menos em relação à única foto disponível em relação ao espaço de Física, como já dito acima.

Essa característica era ainda mais evidente na sala de representantes de vendas. Vimos nas fotografias da exposição dos materiais alemães Volckmar, que a visualidade adotada tinha por objetivo apresentar a diversidade de objetos produzidos e vendidos pela empresa. No caso desse espaço, a preocupação não necessariamente era instruir por uma organização cientificamente definida, mas sim como mostruário para apresentar ao público os materiais e, é possível, vendê-los pela exibição das diferentes tecnologias.

É preciso ressaltar que esse tipo de exposição, para além do seu caráter formativo do tipo escolarizado, tinha como objetivo central destacar o objeto, a novidade e a tecnologia em meio ao exercício pleno do capitalismo industrial, em que a ciência se une a técnica como expressão de modernidade que perpassa toda uma série de materiais criados ou adaptados à escola. O que significa que, na prática, exposições de tipo comercial pretendem criar a necessidade de aquisição de objetos. Era mais do que a apresentação, a divulgação; era o incentivo à compra, sendo que esse incentivo acontecia tanto na organização das exposições como nos textos do seu periódico oficial, até mesmo nos cursos oferecidos pelo Museu.

Se as coleções do Museu estavam organizadas para criar a necessidade de compra, era preciso então ensinar a manipular esses materiais didáticos. Empresas de materiais didáticos, em alguns casos, desenvolveram catálogos bem explicativos sobre uso e manipulação de objetos, indicavam os temas de estudo como cada material poderia ser utilizado, confeccionava conjuntos seriados, de modo que cada um deles era desenvolvido para um tipo de estudo. Objetos científicos passaram a ser escolarizados, sendo que casas de materiais didáticos passaram a reproduzir esses objetos especificamente para as escolas. Vimos que houve uma ampliação das inovações; professores e outros diferentes especialistas criavam objetos que passaram a ser vendidos para as escolas. Isso tudo significa que havia uma interferência comercial nos ditames pedagógicos. Empresas e indivíduos passam a desenvolver objetos que agora servem para o ensino de diferentes saberes escolares também dados pela ação: ler, escrever, contar, observar, demonstrar, acionar, montar, desmontar, ou seja, havia uma interferência tanto da produção, que desenvolve esses objetos, quanto das necessidades, que estimulam o comércio, naquilo que deveria ser entendido como o melhor tipo de ensino, divulgados como modernidade pedagógica.

Essa modernidade pedagógica era o eixo central do *Pedagogium*, toda a sua organização era voltada para a divulgação dessas novidades tecnológicas educacionais. Desde a organização do acervo, como mencionamos, até criação de cursos de formação de professores para divulgar e ensinar a utilizar essa modernidade.

Sobre o caráter comercial do Museu, a documentação não deixa explícita que pudesse se fazer compras ou mesmo encomendar objetos diretamente nas dependências do Museu. Todavia mostra que há relação de parcerias, comodato e abertura para exposições de tipo privado em um espaço público, indicando que essas tais representações comerciais podiam se instalar nesse espaço com relativa facilidade. Essas condições de relacionamento com o público apresentam fortes sinais de que talvez fosse possível tal ação, mas não se pode afirmá-la categoricamente.

Vimos que o primeiro diretor do *Pedagogium*, Menezes Vieira foi um grande entusiasta e divulgador das relações comerciais do Museu, tendo sido inclusive acusado de obter privilégios por isso. Ficou notório o empenho do diretor Menezes Vieira em apresentar as empresas de materiais didáticos presentes no estabelecimento. Percebeu-se que ele tinha uma certa proximidade com representantes comerciais, especialmente no caso do sindicato de materiais franceses, importante fornecedor de objetos de casas

conhecidas. Ao que parece, essa relação era baseada nos elogios e divulgação de Menezes Vieira, e no envio de objetos ao Museu para exposição.

Manuel Bomfim, diretor que esteve mais tempo no cargo, não só manteve essa relação de vitrine comercial do Museu, com a instalação de uma nova representação e exibição de objetos alemães da casa Volckmar, como transformou o *Pedagogium* em uma espécie de centro cultural para formação. Claramente percebe-se um aumento de diversidade de cursos e certa regularidade nos anos em que esteve à frente do cargo. Mais do que um espaço de formação de professores, o Museu nesse período se constituiu num espaço de debate político, debates sobre a educação, onde políticos em geral e reformadores ligados à instrução e professores renomados utilizavam esse espaço para apresentar e discutir seus respectivos posicionamentos.

Foi também na direção de Manoel Bomfim que foi instalado o primeiro Laboratório de Psicologia do país. Este espaço ampliou o caráter científico e técnico do Museu, de formação de procedimentos para manipulação de tecnologias para a aplicação do método intuitivo e Lição de Coisas e uso de uma pedagogia científica diagnóstica. Podemos constatar que o *Pedagogium* era um lugar onde as principais concepções pedagógicas do período eram testadas, aplicadas e divulgadas, fazendo do Museu um espaço de experimentação.

Por fim, rastreamos uma considerável lista de empresas de materiais didáticos, podendo compreender um pouco desse panorama de comércio didático transnacional. Vimos que as empresas francesas eram as mais presentes no *Pedagogium*, mas essa presença do comércio francês não estava representada somente pela já conhecida Deyrolle. As empresas A. Picart, Ch. Noé e Delagrave estavam entre as grandes empresas francesas que compunham o acervo do Museu. Ainda no cenário europeu, a italiana Paravia também merece destaque. Embora não tenha sido identificados muitos objetos deste local, essa também era uma conhecida empresa do ramo. Assim como a já mencionada, a casa alemã Volckmar, cuja exposição de objetos foi amplamente divulgada pelos jornais e periódicos da cidade, expondo sua importância e empenho para ocupar o mercado concorrido na América Latina. Mas o mercado não estava restrito só à Europa, já que a estadunidense Baker & Pratt foi amplamente divulgada por Menezes Vieira, chegando, inclusive, a indicar os objetos e catálogos de venda. Além da representante de livros American Book Company, grande fornecedora do mercado editorial também estadunidense. E pelas datas das fundações dessas empresas, todas elas emergem em

meados do século XIX, percebe-se, portanto, um aumento de demanda e expansão de mercado.

Embora se comprove a hipótese do *Pedagogium* como um centro de apresentação de produtos, podemos ver que o *Pedagogium* formava professores centralizando diferentes formas de apreensão, circulação e difusão de conhecimentos. Ele não era apenas um mercado de inovações pedagógicas, mesmo que isso fosse também um destaque na sua existência. Suas palestras eram variadas, tinham apelo multicultural, zelava por conteúdos variados, buscando uma amplificação da cultura, não apenas dos professores, mas do público interessado. Era espaço de confraternização e de reuniões de cunho político, além de ambiente expositor. Fomentava intercâmbios internacionais, era captador de conhecimentos, organizador e publicizador de conhecimentos, sejam eles explanados ao vivo, gerando uma rotina de atividade cultural na cidade, inclusive noturna, seja por meio de sua revista, que compilava, e distribuía esses saberes por meio de replicação impressa. Tinha características de espaço amplo de formação cultural, com biblioteca, sala de leitura, espaço expositivo, ambiente de inovações e anfiteatro. E considerando que um dos seus endereços era ao lado do Passeio Público da cidade do Rio de Janeiro, isso significa muita coisa, se levarmos em conta a unificação de aparelhos urbanos para a utilização do público.

Ainda assim, entende-se que embora não se descartem da história, as ideias pedagógicas e a posição do Museu em relação ao seu amplo histórico de formação do professorado é impossível pensá-las apartadas do desenvolvimento industrial voltado à educação que muito pressionou para o fomento e a manutenção de propostas pedagógicas que necessitassem desses materiais de maneira sistemática e internacional.

Imaginamos, portanto, que muitas são as formas, explícitas e implícitas, abertas e invisíveis de se formar professores. Se nos dias atuais nos assombramos com a perspectiva de que a educação pode ser amplamente entendida como “um negócio” empresarial, já que se perdeu o pudor de relacionar imediatamente a educação pública ao mercado, lembremos que essa relação já existia no final do século XIX, fazendo-nos questionar o caráter histórico de tais relacionamentos, em vez de fazer de conta que isso não existia no passado, como se a relação público-privado não fizesse parte do que pretendemos como uma história da educação, principalmente a respeito do ensino público.

Por tudo isso, o Museu Pedagógico Nacional – *Pedagogium*, pode ser chamado de um museu de grandes novidades.

## Referências Bibliográficas

AGUIAR, Ronaldo Conde. **O rebelde esquecido, tempo, vida e obra de Manoel Bomfim**. TopBooks editora e distribuidora de livros, Rio de Janeiro-RJ, 2000.

ALCÂNTARA, Wiara Rosa Rios. **Por uma história econômica da escola: a carteira escolar como vetor de relações São Paulo (1874-1914)**. Tese de doutoramento. Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2014.

ALMEIDA, Aline Martins. **“Ver” pelo mundo do toque e “ouvir” pelo silêncio da palavra: a educação de crianças cegas e surdas no Brasil (1854-1937)**. Tese de doutoramento. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2018.

ALVES, Claudia Maria Costa. Benjamin Constant e o Pedagogium: memórias positivistas em disputa. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. (org) **Pedagogium Símbolo da modernidade educacional republicana**. Rio de Janeiro: Quartet Editora, 2013.

ARAGÃO, Solange de. Sandeville Jr, Euler. O passeio público no Rio de Janeiro na literatura, na pintura e na fotografia no século XIX. Paisagem Ambientes: **Ensaio. n. 30**. São Paulo, pp.187-202, 2012.

ASPERTI, Clara Miguel. A vida carioca nos jornais: Gazeta de notícias e a defesa da crônica. **Revista Contemporânea**. Rio de Janeiro, n .7, 2006.

BARBUY, Heloisa. **A exposição Universal de 1889 em Paris**: visão e representação na sociedade industrial. São Paulo: Loyola, 1999.

BASTOS, Maria Helena Camara. **Pro pátria laboremus**: Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897). Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

\_\_\_\_\_ Ideias que viajam: Menezes de Vieira, peregrino da educação brasileira. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (org.). **Pedagogium Símbolo da modernidade educacional republicana**. Rio de Janeiro: Quartet Editora, 2013.

\_\_\_\_\_ Pedagogium: la storia del museo pedagógico brasiliano (1890-1919). In: BARAUSSE, Alberto; ERMEL, Tatiane de Freitas; VIOLA, Valeria. **Prospettive incrociate sul Patrimonio Storico Educativo**. Molise: Pensa MultiMedia Editore s.r.l. 2018.

BIANCHINI, Paulo. **Paravia. Storia**. Centro online storia e cultura dell'industria il nord ovest dal 1850. Luglio, 2008.

BORGES, Maria Eliza Linhares. Exposições Universais e Museus Comerciais: entre o efêmero e o permanente. In: BORGES, Maria Eliza Linhares (org.). **Inovações, coleções, museus**. São Paulo: Autêntica, 2011.

BRAGHINI, Katya Mitsuko Zuquim. **O que os instrumentos científicos dos Museus Escolares nos contam sobre a educação dos sentidos, na passagem do século XIX para o século XX?** Relatório Técnico de Pós-Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, 2011

\_\_\_\_\_. O que os objetos científicos nos contam sobre a educação dos sentidos, na passagem do século XIX para o século XX? In: BRAGHINI, Katya; MUNAKATA, Kazumi; TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus. **Diálogos sobre a história da Educação dos sentidos e das sensibilidades** (orgs.). Curitiba: Editora UFPR, 2017.

\_\_\_\_\_. Museus tecnológicos, mercado, ciências e ensino (1890-1940). In: **XIII Encontro Maranhense de História da Educação**. Evento online. Maio de 2021. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S2QjC6UsNIo&t=8215s> .

\_\_\_\_\_. LIMA, Danielle Barreto. A seção da Espanha na primeira Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro (1883). In: **Revista Olhares**, v. 7, n. 3, Guarulhos, 2019.

\_\_\_\_\_. Brinquedos científicos: máquinas de brinquedo ou a revolução técnica para as crianças? In: **Revista Humanidades e Inovação**, v. 8, n. 32, 2020.

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. Os primórdios do Museu: da elaboração conceitual a constituição pública. **Projeto História**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1998, pp. 281-315.

BUISSON, F. **Dictionnaire de Pédagogie et d'instruction primaire**. Paris: Librairie Hachette, 1888.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**. O Rio de Janeiro e a República que não foi. Editora Schwarcz Ltda: São Paulo, 2001.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Uma biblioteca pedagógica francesa para a Escola Normal de São Paulo (1882): livros de formação profissional e circulação de modelos culturais. In: BENCOSTTA, Marcus Levy. **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**. Cortez Editora: São Paulo, 2007.

COGGIOLA, Osvaldo. **História do Capitalismo, das origens até a primeira guerra mundial**. São Paulo. 2015.

COLLICHIO, Therezinha A. Ferreira. Dois eventos importantes para a história da educação brasileira: a Exposição Pedagógica de 1883 e as Conferências Populares da Freguesia da Glória. In: **Revista Faculdade de Educação**. São Paulo, 13 (2), jul./dez., 1987, pp. 5-14.

D'ASCENZO, Mirela. I musei didattici nella storia scolastica italiana tra esperienze pionieristiche e modelli commerciali (1860-1945). In GONZÁLEZ, Sara; MEDA, Juri;

MOTILLA, Xavier; POMANTE, Luigiaurelio. **La pratica educativa História, memoria y patrimônio**. Salamanca: Fahren House, 2018.

\_\_\_\_\_; VIGNOLI, Roberto. **Scuola, didattica e musei tra otto e novecento Il museo didattico Luigi bombicci di Bologna**. Clueb: Bologna, 2008.

D'ESQUIVEL, Márcio Oliveira. **Primeiras Noções de Geometria prática (1894-1966) a obra e as mudanças no saber profissional do professor que ensina geometria**. Tese de Doutorado no Departamento de Educação da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da UNIFESP, São Paulo, 2019.

ESCOLANO BENITO, Agustín. Etnohistória e cultura material da escola: a educação nas exposições universais. In: GASPAR DA SILVA, Vera. SOUZA, Gizele de. CASTRO, César Augusto (org.). **Cultura Material Escolar em perspectiva histórica: escritas e possibilidades**. Vitória: Edufes Editora, 2018.

FERNANDES, Ana Lucia Cunha. **O campo pedagógico no Brasil no final do século XIX: lugares, pessoas e instituições na construção de uma nova sociedade**. Comunicação ANPUH, 2013.

\_\_\_\_\_. A Revista Pedagógica e a configuração do campo pedagógico no Brasil no final do século XIX. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (org.). **Pedagogium Símbolo da modernidade educacional republicana**. Rio de Janeiro: Quartet Editora, 2013.

FERREIRA, Maria de Simone. **Museus Imperiais: uma viagem às imagens do Brasil na narrativa de Carl von Koseritz**. Rio de Janeiro: Cassará, 2012.

FUCHS, Eckhardt. All the world into the school: world's fairs and the emergence of the school museum in the nineteenth century. In: LAWN, Martin. **Modelling the Future: Exhibitions and the materiality of education**. Oxford: Symposium Books, 2009.

GASPAR DA SILVA, Vera. SOUZA, Gizele de. Objetos de utilidade prática para o ensino elementar: museus pedagógicos e escolares em debate. In: GASPAR DA SILVA,

Vera. SOUZA, Gizele de. CASTRO, César Augusto (org.). **Cultura Material Escolar em perspectiva histórica**: escritas e possibilidades. Vitória: Edufes Editora, 2018.

\_\_\_\_\_. SCAGLIOLA, Gabriel. **Museu e Biblioteca Pedagógicos**: um grande gabinete experimental de ciência popular. (Montevideu/Uruguai, 1889 ...). Trabalhos apresentados no XIV Congresso Iberoamericano de História la Educación Latinoamericana – Lisboa, Portugal 20-23 de julho de 2021, no Painel intitulado “Museus Pedagógicos: Diálogos Ibero-americanos”, organizado por Vera Lucia Gaspar da Silva e Gabriel Scagliola, aprovado para publicação no periódico “Cadernos de História da Educação”. O uso do texto foi autorizado pelos autores para uso exclusivo nessa tese. 2021

GOLOMBEK, Patrícia. **Caetano de Campos a escola que mudou o Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2016.

GONÇALVES, Brunno Bianchi Lopes. **O ensino de eletricidade no estado de São Paulo (1890-1930)**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo 2020.

GONDRA, José Gonçalves. O veículo de circulação da pedagogia oficial da República: a Revista Pedagógica. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 8, n.188/189/190, Brasília, 1997, pp. 374-395.

\_\_\_\_\_. Exercício de comparação: um normalista na Europa. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; GONDRA, José Gonçalves. (orgs.). **Viagens Pedagógicas**. Cortez Editora: São Paulo, 2007.

GONTIJO, Rebeca. Manoel Bomfim, educador e cientista da educação. In: Rebeca Gontijo. (org.). **Manoel Bomfim**. Recife: Massangana - MEC, 2010, pp. 1-31.

GROLA, Diego Amorim. **Coleções de História Natural no Museu Paulista, 1894-1916**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **Francisco Rangel Pestana: o educador esquecido**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1988.

HOBBSAWM, ERIC J. **A era do capital (1848-1875)**. São Paulo: Paz & Terra, 2016.

KAHN, Pierre. Lições de Coisas e ensino das ciências na França no fim do século XIX: contribuição há uma história da cultura. In: **Revista História Educação Online**. Porto Alegre, v.18 n° 43, maio/ago. 2014, pp. 183-201.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**. Eduff: Niterói, 2008.

KOSERITZ, Carl Von. **Imagens do Brasil**. São Paulo: Livraria Martins Editora/Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. **As grandes festas didáticas: A educação brasileira e as exposições internacionais 1862-1922**. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1996.

\_\_\_\_\_ O Pedagogium: sua criação e finalidades. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. (org.). **Pedagogium Símbolo da modernidade educacional republicana**. Rio de Janeiro: Quartet Editora, 2013.

LAFUENTE, Antônio. **El Museo como casa de los comunes. Nuevas tecnologías y nuevos patrimonios**. VIII Jornadas de Museologia (Museo Arqueologico de Alicante). Espanha, 2004.

LAWN, Martin. **Modelling the Future: Exhibitions and the materiality of education**. Oxford: Symposium Books, 2009.

LEVIN, Miriam R. Modernizing Paris through Expositions and Museums, 1878-1914. In: MATOS, Ana Cardoso de. GOUZÉVITCH, Irina. LOURENÇO, Marta C. (org.). **Expositions universelles, musées techniques et société industrielle**. Lisboa: Edições Colibri, 2010.

LINARES, Maria Cristina. **Museos Pedagógicos – Museos Escolares – Museos de Historia de la Educación**. S.d.

\_\_\_\_\_. **El Museo Pedagógico em Argentina: nacimiento y avatares de una Institución innovadora**. Trabalhos apresentados no XIV Congresso Iberoamericano de História la Educación Latinoamericana – Lisboa, Portugal 20-23 de julho de 2021, no Painel intitulado “Museus Pedagógicos: Diálogos Ibero-americanos”, organizado por Vera Lucia Gaspar da Silva e Gabriel Scagliola, aprovado para publicação no periódico “Cadernos de História da Educação”. O uso do texto foi autorizado pela autora para uso exclusivo nessa tese. 2021

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. São Paulo: Editora Hucitec, 2009.

MACHADO, Ana Maria Alves. Cultura, ciência e política: olhares sobre a história da criação dos museus no Brasil. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves. **Museus dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna**. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2013.

MADI FILHO, José Maurício Ismael. **Animais taxidermizados como materiais de ensino em fins do século XIX e começo do século XX**. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MARCHI DA SILVA, Camila. **Museus Escolares no Estado de São Paulo (1879-1942)**. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015.

\_\_\_\_\_, BRAGHINI, Katya Mitsuko Zuquim. Museu Paulista, a instrução pública, e o provimento de materiais para as escolas do estado de São Paulo: uma história dos museus escolares. In: GRANATO, Marcus; RIBEIRO, ARAUJO (org.). **Coleções do Patrimônio da Ciência e da Tecnologia: instituições, trajetória e valores**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia Ciências e Afins, v.12, 2017, pp. 255-280.

MARTINEZ, Pedro L. Moreno. **El Museo Pedagógico Nacional de España. 1882-1941 um balance historiográfico**. Trabalhos apresentados no XIV Congresso Iberoamericano de História la Educación Latinoamericana – Lisboa, Portugal 20-23 de julho de 2021, no Painel intitulado “Museus Pedagógicos: Diálogos Ibero-americanos”, organizado por Vera Lucia Gaspar da Silva e Gabriel Scagliola, aprovado para publicação no periódico “Cadernos de História da Educação”. O uso do texto foi autorizado pelo autor para uso exclusivo nessa tese. 2021.

MARTÍNEZ RUIZ-FUNES, Maria José; MARÍN MURCIA, José Pedro. **España entre Europa e Iberoamérica em la comercialización de material escolar em el primer tercio del siglo XX**. Sarmiento, n. 24, 2020, pp. 43-74.

MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tânia Regina de. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

---

\_\_\_\_\_. **Extra, Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

MATOS, Ana Cardoso de. Les musées techniques portugais et les expositions universelles au XIX siècle. In: MATOS, Ana Cardoso de; GOUZÉVITCH, Irina; LOURENÇO, Marta C (org.). **Expositions universelles, musées techniques et société industrielle**. Lisboa: Edições Colibri, 2010.

**MATASCI, Damiano. *L'école républicaine et l'étranger. Une histoire internationale des réformes scolaires en France, 1870-1914***. Lyon: ENS Éditions, coll. Sociétés, Espaces, Temps, 2015.

MAYONI, María Gabriela. **Colectores, museos y enseñanza de la historia natural en los colegios nacionales argentinos (1870-1900)**. Tese de doutorado. Universidade de Buenos Aires. Buenos Aires, 2019.

MEDA, Juri. A história material da escola como fator de desenvolvimento da pesquisa histórico-educativa na Itália. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 16, n.30, jan./abr. 2015, pp. 7-28.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; GONDRA, José Gonçalves. Viagens de educadores e circulação de modelos pedagógicos. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; GONDRA, José Gonçalves. (orgs.). **Viagens Pedagógicas**. Cortez Editora: São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. SILVA, Alexandra Lima da. Tão longe, tão perto: escrita de si em relatórios de viagens. **Educação em revista**. Belo Horizonte, v. 27, n.01, abr. 2011, pp. 435-458.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MOGARRO, Maria João. **O Museu Pedagógico de Lisboa**: num tempo de modernização educativa e de circulação transnacional de ideias. Trabalhos apresentados no XIV Congresso Iberoamericano de História la Educación Latinoamericana – Lisboa, Portugal 20-23 de julho de 2021, no Painel intitulado “Museus Pedagógicos: Diálogos Ibero-americanos”, organizado por Vera Lucia Gaspar da Silva e Gabriel Scagliola, aprovado para publicação no periódico “Cadernos de História da Educação”. O uso do texto foi autorizado pela autora para uso exclusivo nessa tese. 2021

MOLINA, Matías M. **História dos Jornais do Brasil, da era colonial à Regência (1500-1840)** V.1. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MORA, Victor Guijarro. **Artefactos y acción educativa**. Madrid: Dykinson, 2018.

MUNAKATA, Kazumi. BRAGHINI, Katya Mitsuko Zuquim. **Fontes para a história da educação dos sentidos, numa abordagem transnacional**. XVIII jornadas argentinas de historia de la educación. *historia de la educación: usos del pasado y aportes a los debates educativos contemporáneos* universidad nacional de general sarmiento – sociedad argentina de historia de la educación, 2015.

\_\_\_\_\_, BRAGHINI, Katya. Saberes transnacionais para uma educação dos sentidos: impressos, reformas, museus. In: BRAGHINI, Katya; MUNAKATA,

Kazumi; OLIVEIRA, Marcus Tabora, de. **Novos diálogos sobre a História da Educação dos sentidos e das sensibilidades**. EDUC: São Paulo, 2020.

NIETO-GALAN, Agustí. **Los públicos de la Ciência. Expertos y profanos a través de la historia**. Madrid: Fundación Jorge Juan, 2011.

OSSENBACH, Gabriela. POZO, Maria del Mar del. Postcolonial models, cultural transfers and transnational perspectives in Latin American: a research agenda. **Paedagogica Historica**, 47:5, 579-600. In <http://dx.doi.org/10.1080/00309230.2011.606787>

PAIVA, Matheus Silva de; CUNHA, George Henrique de Moura; SOUZA JUNIOR, Celso Vila Nova; CONSTANTINO, Michel. Inovação e os efeitos sobre a dinâmica de mercado: uma síntese teórica de Smith e Schumpeter. In: **Interações**, Campo Grande, MS, v. 19, n. 1, p. 155-170, jan./mar. 2018.

PEARCE, Susan M. Museum objects. In: PEARCE, Susan M. **Interpreting Objects and Collections**. New York: Taylor & Francis e-Library, 1994.

PEDRO, Carina Marcondes Ferreira. **Casas importadoras de Santos e seus agentes**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2015.

PENNA, Antonio Gomes. **História da Psicologia no Rio de Janeiro**. Imago: Rio de Janeiro, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições Universais**. Espetáculos da modernidade do século XX. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. Imagens da nação, do progresso e da tecnologia: a Exposição Universal de Filadélfia de 1876. In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v. 2, jan./dez., 1994, pp. 151-167.

PETRY, Marília Gabriela. **Da recolha a exposição**: a constituição de museus escolares em escolas públicas primárias de Santa Catarina (Brasil 1911-1952). Dissertação de mestrado. Universidade do Estado de Santa Catarina, Santa Catarina, 2013.

POSSAS, Helga Cristina Gonçalves. Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidades e a História Natural. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (orgs.). **Museus dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna**. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2013.

POULOT, Dominique. **Museu e Museologia**. São Paulo: Autêntica, 2013.

ROCHE, Daniel. **História das coisas banais**. Nascimento do consumo séc. XVII-XIX. Rocco: Rio de Janeiro, 2000.

SANTOS, Pedagogium e Escola Normal: Inventário de um espólio. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (org.). **Pedagogium Símbolo da modernidade educacional republicana**. Rio de Janeiro: Quartet Editora, 2013.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez. A longa peregrinação de um professor da roça na Europa. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; GONDRA, José Gonçalves (orgs.). **Viagens Pedagógicas**. Cortez Editora: São Paulo. 2007.

SCHRIEWER, Jürgen. Comparación y explicación entre causalidad y complejidad. In: SCHRIEWER, Jürgen. KAELBLE, Hartmut. **La comparación en las ciências sociales e históricas**. São Paulo: Editora Cortez Octaedro, 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das raças**. Cientistas, Instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SEIGEL, Micol. Beyond Compare: **Comparative Method after the transnational turn**. Radical History Review, 2005, pp.62-90.

SOUZA, Gizele de. GASPAR DA SILVA, Vera. Objetos de utilidade prática para o ensino elementar: museus pedagógicos e escolares em debate. In: **IV Seminário Internacional Cultura Material e Patrimônio C&T**. Rio de Janeiro. RJ. 2016.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In BENCOSTTA, Marcus Levy (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**. Itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007.

STEPANENKO, Igor. **O Museu do Ipiranga e a instrução pública do Estado de São Paulo. Um estudo sobre o atendimento público. (1895-1915)**, Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016

TAMBARA, Elomar. Educação e positivismo no Brasil. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). **Histórias e Memórias da educação no Brasil**. V. II Século XIX. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.

VALDEMARIN, Vera Teresa. **Estudando as Lições de Coisas**. São Paulo: Editora Autores Associados, 2004.

VARELLA, Sérgio Ramalho Dantas; MEDEIROS, Jefferson Bruno Soares de; SILVA JUNIOR, Mauro Tomaz da. O desenvolvimento da teoria da inovação schumpeteriana. **XXXII Encontro Nacional de Engenharia de Produção**. Bento Gonçalves, 2012.

VIDAL, Diana. História da Educação como Arqueologia: cultura material escolar e escolarização. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 18, n. 36, jan./abr., 2017, pp. 254-272.

VILLELA, Heloisa de Oliveira Santos. Do artesanato à profissão – Representações sobre a institucionalização da formação docente no século XIX. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). **Histórias e Memórias da educação no Brasil**. V. II, Século XIX. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Espaços, usos e funções: a localização e disposição física da direção escolar na escola graduada. In BENCOSTA, Marcus Levy (org.). **História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.

WARDE, Mirian. O futuro está nas mãos da psicologia e da pedagogia científica. (São Paulo, dos anos dez aos anos trinta do século XX). In: **Anais do XVII Encontro regional de História – ANPUH-SP**. Unicamp. 2004.

WARDE, Mirian; PANIZZOLO, Claudia . As fontes do método analítico de leitura de João Köpke (1896-1917). **HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (UFPEL)**, v. 14, 2010, pp. 127-151.

WINNER, Langdon. **Tienen politica los artefactos?** In: D. MacKenzie *et al.* (eds.), *The Social Shaping of Technology*, Philadelphia: Open University Press, 1985. Disponível em: <https://www.oei.es/historico/salactsi/winner.htm>

## Documentação Consultada

### Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro

Série Instrução Pública Contas do *Pedagogium* 1894 a 1908.

### Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro – Hemeroteca

*Almanak Laemmert* 1891 a 1922.

Annaes da Camara dos Deputados 1891 a 1919.

Coleção de leis municipais e vetos 1897 a 1931.

Relatórios do Ministério da Fazenda 1891 a 1926.

Relatórios do Ministério da Justiça 1891 a 1927.

Revista *A Semana* 1885 a 1910.

Revista *Careta* 1909 a 1964.

Revista *O Malho* 1902 a 1953.

*Revista Pedagógica* 1891 a 1896.

Anuário do Ensino do Rio de Janeiro de 1895

### Impressos

*A Imprensa* 1898 a 1914.

*A notícia* 1894 a 1916.

*Cidade do Rio de Janeiro* 1887 a 1902.

*Gazeta de Notícias* 1890 a 1919.

*Jornal do Brasil* 1890 a 1919.

*Jornal do Comércio* 1890 a 1919.

*O Paiz* 1890 a 1919.

*O Tempo* 1891 a 1894.

## **CEMI ISERJ**

Arquivos do Instituto de Educação v. 2, jun. de 1936.

### **Legislação**

Decreto n.667 16 de agosto de 1890.

Decreto n.981 8 de novembro de 1890.

### **Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo**

Fotografias Coleção de História Natural e Física.

Inventário dos instrumentos científicos do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo.

### **Biblioteca Nacional da França**

Physique du monde par M. le baron de Marivetz et par M. Goussier 1780-1787.

Catálogo de materiais escolares Delagrave, 1892.

Dictionaire Encyclopédique et Biographique de l'industrie et des arts industriels, tomo V, de 1885.

*Revue Chronométrique*, 1878.

Trocadéroscope álbum-journal de l'exposition universelle, 1878.

Annuaire-almanach du commerce, de l'industrie, de la magistrature et de l'administration de 1901.

Catalogue Raisonné ou Musée des écoles – comprenant le matériel nécessaire pour les, leçons de choses et l'enseignement des sciences naturelles de 1885.

Ministère du Commerce, de l'industrie, des postes et des télégraphes. Exposition internationale de Saint-Louis (USA) 1904.

Catalogue special, Mobilier, Materiel Scolaires et accessoires de classes, Librairie Delagrave, 1886.

Archives de la Chambre de Commerce de Rouboaix XXII, 1897.

Relatório da Exposição de Paris de 1878.

### **Biblioteca internacional do Catálogo de Ferramentas**

Catálogo Aux Forges de Vulcain, 1923.

### **The Library of Congress – A biblioteca do Congresso**

Catálogo Ilustrado Baker Pratt & Comp, 1879.

### **Biblioteca Universidade de Harvard**

Catalogue of High School and College – Text Books, 1902.

Reformas do Ensino Primário de Rui Barbosa, 1883, Tomo 1, 2, 3, 4.

## ANEXOS E APÊNDICES

### APÊNDICE A – Objetos do *Pedagogium*

#### Gabinete de História Natural

esqueleto humano articulado	1
homem clástico (l'écorché) completo, com as vísceras, em caoutchoue	1
coração de adulto	1
laringe humana	1
olho humano (peça clástica)	1
quadros de ovologia humana	3
ovologia humana, (peças aumentadas)	17
bacias humanas com os órgãos de reprodução (trabalho em cera e cautchouce)	3
tronco de homem (tamanho natural, dissecado para mostrar principalmente o pneumogástrico)	1
cérebros dos principais grupos de vertebrados (fac-símile em cera)	13
tipos de sistema nervoso das principais subdivisões do reino animal	13
ditos do sistema circulatório	6
mamíferos empalhados ou em esqueletos	35
aves	54
répteis e batrachios	17
peixes	36

insetos, crustáceos, moluscos e vermes	434
quadros: metamorfoses dos peixes, das aves, dos batrachios	3
peças clássicas: anatomia do bicho da seda, do caramujo e da abelha	3
herbários completos	3
peças anatômicas de flores	13
modelos de enxertos em arvores frutíferas	10
amostras de madeira brasileira, rochas, fosseis, minerais e formas cristalinas em madeira	100

### **Material Escolar Estrangeiro**

Modelos de bancos

Carteiras

Mesas para professores

Adjuntos e alunos

Estrados

Quadros negros

Contadores

Arithmometros

Cabides

Lavatórios

Compêndios de sistema métrico decimal

Quadros com vistas

Plantas de edifícios escolares

## **Gabinete de Física**

Objetos para o curso experimental

Instrumentos e aparelhos para as noções de mecânica gravitação, hidrostática, calor  
eletricidade, magnetismo, acústica e ótica

Máquina pneumática

Máquina Carré

Bobina de Ruhmkorff

Modelos de locomotiva e de um barco a vapor

Balanças de precisão

Termômetros

Barômetros

Higrômetros

Um fonografo Edison

Um microfone

Material de galvanoplastia

Projeções luminosas

Microscópio solar

Lanternas e vistas coloridas com e sem movimento

## **Laboratório de Química**

Material completo para as lições experimentais com vidrarias e produtos químicos

Gásômetros

Alambiques

Seis laboratórios para manipulações individuais, segundo o plano Mr. Boudreaux  
professor da Escola Politécnica de Paris e da Escola Normal de Fontenay-aux-Roses

Seis bocas de gás corrente

Uma torneira e reservatório d'água

## **Laboratórios Boudréaux**

### **Material 1**

*Para as escolas primárias elementares*

14 produtos químicos:

Ácido sulfúrico – ¼ de litro

Clorídrico – ½ litro

Álcool – ½ litro

Enxofre – 250 gramas

Bióxido de manganês – 250 gramas

Azotato de potassa – 100 gramas

Cobre em limalha – 100 gramas

Zinco em lâmina – um frasco de ½ litro

Fósforo – alguns pedacinhos em tubo de chumbo

Tourne sol – em pães

Fio de ferro para queimar oxigênio

Limalha de ferro

*Vidrarias e utensílios diversos*

13 frascos para produtos químicos

500 gramas de tubos para o trabalho do vidro compreendendo:

1º tubo de 0,60 de comprimento pouco mais ou menos a saber:

1 tubo para fazer agitadores

6 tubos para curvar – tubos de desprendimento

1 tubo de vidro verde espesso e pouco fusível para decomposição de óxidos

2 tubos para fabricar tubos de experiencias de diâmetro interior igual a 0,016 pouco mais ou menos

2º tubos de comprimento e diâmetro diversos

1 frasco de detonação com rolha de cortiça

Uma cuba d'água (de vidro) com 0,20 de diâmetro

2 balões de 120 cc

3 tubos de experiencias de 0,016 diâmetro interior

1 lâmpada de álcool  
1 dita de essência de petróleo  
2 tubos de combustão  
1 suporte com rolha de cortiça  
1 vaso para recolher o gás  
1 lima triangular  
1 agulha imantada  
1 tela metálica  
0,40 tubos de cautochoe em dois pedaços de diâmetros diferentes  
1 rolha de cautochoe com dois buracos para aparelho hidrogeneo  
1 dita de um só buraco para balões e tubos de experiências de 0,016  
1 frasco de gargalo direito (375 cc) para recolher o oxigênio  
1 frasco para preparar o hidrogeno  
1 dito de 500 cc para recolher oxigênio  
2 provetes para o gas  
1 pinça de madeira  
1 funilzinho para aparelho de hidrogênio  
1 termômetro de álcool  
1 suporte metálico para balões e tubos de experiências compreendendo: um pedestal, um ventrante girante na coluna, uma pinça para segurar o gargalo dos balões e os tubos de experiências, dois anéis, um maçarico, uma chaminé, um leque para lâmpada de álcool um triangulo de ferro.

## **Material 2**

Seis produtos químicos:

Bicromato de potassa – 200 gramas

Ácido azotico – ¼ de litro

Sulfato de soda – 200 gramas

Sulfato de cobre – 100 gramas

Mercúrio – 150 gramas

Flores de malva

*Vidrarias e utensílios diversos*

6 frascos para produtos químicos  
2 elementos Bunsen  
1 martelo  
1 metro  
1 campana para preparar o azoto  
1 pinça de cortiça  
1 voltmetro e provetes  
1 fio de cobre coberto de algodão  
1 rolha de caoutchouc de um buraco para tubos de experiências de balões  
1 obturador  
1 limpador para os tubos de experiências

### **Material 3**

15 produtos químicos  
Ácido pirogallico  
Isca  
Antimônio  
Borax fundido pulverizado  
Cal viva  
Estanho  
Arame de latão  
Glucose  
Mármore  
Magnesium  
Gesso  
Chumbo  
Potassa em cilindro  
Oxido rubro de mercúrio

#### *Vidrarias e utensílios diversos*

15 frascos para produtos químicos

3 tubos de experiencias de 0,016  
2 balões idem de 120 cc  
1 funil  
1 grossa  
1 dita meio redonda  
1 vidro de experiências  
1 dito para precipitados  
1 pinça química de ferro  
5 filtros  
1 tubo em espectral  
4 folhas de papel de filtrar  
1 pires  
1 combustor  
10 rolhas de cortiça sortidas  
1 cadinho de ferro

#### **Material 4**

35 produtos químicos:

Ácido sulfúrico de Nordhausen

Ácido tartrico

Ácido azotico monohidratado

Ácido oxálico

Azotito de soda

Acetato de soda fundido

Azotato de amoníaco

Bicarbonato de soda

Cal

Cloreto de sódio fundido

Cloridrato de amoníaco

Clorureto de cal

Fluorureto de cálcio

Ferro

Arame de cobre

Índigo  
Iodo  
¼ livrinho de ouro  
Licopódio  
Oxido de cobre  
Oxalato de amoníaco  
Fosfato ácido de cal  
Oxalato de ferro (em um tubo de chumbo)  
Fosforeto de cálcio  
Permanganato de potassa  
Fosfora vermelho  
Pirite de ferro  
Areia  
Sulfureto de ferro  
Sulfureto de antimônio  
Sódio  
Sulfureto de carbono  
Solução de azotato de prata  
Flores de enxofre

*Vidrarias e utensílios diversos*

34 frascos para produtos químicos:  
2 cadinhos de barro com tampa  
1 capsula de porcelana  
500 gramas de tubos de vidro  
1 capsula de chumbo  
1 rolha de caoutchoe de dois buracos para balões e tubos de experiência  
1 retorta de 200 cc  
2 anéis de ferro  
1 suporte para balões  
1 tubo de ferro e duas espirais  
1 fio de ferro para limpa-lo  
1 grelha para brasas

## Material 5

60 produtos químicos (60 frascos)

Ácido plumbico

Azotato de prata

Azotato stronciana

Azotato baryta

Azotato cal

Azotato soda

Alumínio em folhas

Alumen de potassa

Acetato de chumbo

Liga fusível de Darcet

Bromureto de potássio

Biclorureto de mercúrio

Barita hidratada

Coaltar

Alvaiade

Calomelanos

Clorureto de ouro – 1 grama

Dito de platina – 1 grama

Dito de níquel – 1 grama

Dito de prata

Clorureto de potássio

Carbonato de soda

Carbonato de barita

Carbonato de amoníaco puro

Carbonato de stronciana

Carbonato de magnésia

Carbonato de cobre artificial

Emético em dissolução

Sulfato de bióxido de mercúrio

Giz

Galeno pulverizado

Kaolin  
Litargírio  
Minium  
Negro de fumo  
Nikel  
Oxido de zinco  
Fosfato de soda  
Fotoclorureto de estanho  
Prussiato amarelo de potassa  
Prussiato rubro de potassa  
Potássio  
Sesquiclorureto de cobalto  
Sulfiidrato de amoníaco  
Soda  
Sulfato de amoníaco  
Sulfato magnésia puro  
Sulfato zinco puro  
Sulfato barita pulverizado  
Sulfato alumina puro  
Sulfato manganês puro  
Sulfato potassa  
Sulfo cianureto de potássio  
Sesquiclorureto de cromo hidratado  
Hipossulfito de soda  
Bissulfito de soda  
Nitrato de cobre  
Perclorureto de ferro  
Sulfato de protoxido de mercúrio  
Sulfato de chumbo

## **Material 6**

51 produtos químicos (51 frascos)  
Albumina solida

Ácido acético cristalizável  
Ácido fórmico  
Ácido cítrico  
Ácido pícrico  
Ácido fênico  
Ácido lático  
Ácido gálico  
Ácido salicílico  
Ácido benzoico  
Ácido tânico  
Amido  
Alizarina  
Antracena  
Acetato de cal  
Anilina purificada  
Álcool a 36° puro  
Álcool metálico  
Álcool amílico  
Aldeide ordinário  
Acetona  
Benzina cristalizável  
Betume de judea  
Benjoim  
Canfora  
Carmin n. 40  
Clorofórmio  
Cochonilha  
Colofonia  
Caoutchoue natural  
Dextrina  
Éter  
Essência de terebentina  
Fuschina  
Gelatina

Alcatrão  
Glicerina  
Guta perca  
Nafitalina  
Nóz de galha  
Opio  
Pergaminho vegetal  
Parafina  
Potassa (a álcool)  
Açúcar de leite  
Sulfato de quinina  
Stearina  
Urea  
Violeta Hoffman  
Vaselina  
Verde (anilina)

### **Material 7**

18 produtos químicos  
Arsênico  
Amianto  
Ácido arsênico  
Ácido fosfórico  
Ácido sulfúrico puro  
Azotato de chumbo  
Bromo  
Biozido de barium  
Cianureto de mercúrio  
Clorureto de cálcio (dessecado)  
Esponja de platina – 2 gramas  
Metafosfato de soda  
Fosfato de amoníaco  
Pirofosfato de soda puro

Subclorureto de cobre

Sulfato de ferro puro

Silicato de potassa

*Vidrarias e utensílios*

18 frascos para os produtos químicos

0,15 de fio de platina para edimetro

0,15 de fio de platina muito fino

Um almofariz de vidro e mão

1 banho maria

**Material 8**

1 fogareiro Bunsen circulado com espiral

1 coroa para o mesmo

1 leque para o mesmo

1 maçarico de esmaltador com torneira

1 tubo de porcelana

1 banho de areia

1 grelha para tubo de porcelana

2 rolhas de borracha para tubo de porcelana

2,40 tubo de borracha

2 pequenas mesas de ferro para gasômetro

1 gasômetro compreendendo 2 frascos de 2 litros cada um

2 pequenas mesas de ferro, grande modelo para gasômetro

3 rolhas de borracha para gasômetro

1 fogareiro circulado com espiral

1 coroa para o mesmo

1 leque

1 maçarico

1 folle

1 tubo de porcelana

1 banho de areia

1 grelha para o tubo  
2 rolhas para o dito de tubo  
2,40 tubo de caoutchoue para folle e gasometro  
Gasômetro de 2 frascos de 2 litros cada um  
1 mesa de ferro para o gasômetro  
1 mesa pequena, pequeno modelo  
3 rolhas de caoutchoue para o gasômetro  
1 serra de metais  
1 coleção de 35 reativos (contendo cada frasco 90 cc)  
1 tubo de ferro com dois espirais  
1 tubo de lantejola  
1 martelo  
1 provete para dessecar gases  
1 pipete  
1 cadinho de barro  
1 cadinho de ferro  
1 pinça chata  
1 elemento Bunsen  
1 suporte químico  
1 coluna  
1 bobina Rhumkorff

### **Material Geográfico**

Globos terrestres e celeste

Cosmógrafo Mouret

O planetário de Newton

Atlas e cartas, entre as quais a serie das antigas províncias do Brasil

Trabalho dos alunos da classe de cartografia do colégio Menezes Vieira

Diversos aparelhos porta-cartas de origem belga e francesa  
Indicações metodológicas de grande utilidade Os trabalhos de Sluys, Dufief, Genoneeaux, Vidal Lablache, Levaasseur, Schrader, Nioux, Monteith, Swinton, Guyot

Cartas geográficas em relevo Bertaux

Cosmógrafo Girod

## **Quadros Parietais**

Geografia

História universal

Pátria

Processos industriais

História natural

## **Seção Fröebel**

Material educativo das salas de asilo

Dons de Fröebel

Alfabetos móveis

Álbuns de imagens,

Estampas murais para o ensino pelo aspecto (cenas domésticas, história sagrada, história pátria)

## **Sala de Desenhos**

Coleção de pelas em gesso

Série de modelos da école de martinère de lyon

Coleção em gesso de frutos e flores nacionais

## **Oficina de Trabalhos Manuais**

Uma oficina de carpinteiro e torneiro

Série de modelos tipo das escolas de Näss

Coleção de objetos em madeira e ferro

**ANEXO A – Viagens Pedagógicas envio de objetos por Professor**

**D. Amélia Fernandes da Costa**

<b>Objeto</b>	<b>Tipo Aquisição</b>	<b>Origem/local</b>	<b>Fonte</b>
Quadro preto que serve para cálculo, gravura e geografia; Objetos diversos	Compra	Museu Pedagógico de Genova	Revista Pedagógica, n.6, Tomo 1, 1891, p. 361
Dois exemplares de caligrafia artística	Doação	Escola Duchessa Galliéra	Idem
1 banco carteira sistema duplo, adaptando-se aos trabalhos de escrita, desenho e costura;  1 mesa quadriculada e cadeirinha para Jardim da Infância;  1 modelo de quadro negro;  3 caixas – insegnamento oggettivo (coleções tecnológicas);  1 caixa – Frederico e Angiolini;  1 dita – Buonzioni;	Não especifica	Itália	Revista Pedagógica, n. 2, Tomo 2, 1891, p.128,129

<p>4 ditas – L’architecte dans le jardin des enfants;</p> <p>1 dita- Alfabeto mobile;</p> <p>1 dita Alfabeto fonografo per insegnare a leggere;</p> <p>1 dita – piccolo compositore;</p> <p>1 dita – Nuovo e delettevolo gioco chineze;</p> <p>1 dita – Material para exercícius Fröebelianos;</p> <p>1 dita- Utensis de cosinha;</p> <p>17 folhas de papel para passa-tempo instrutivo;</p> <p>9 folhas de cartão com desenho – constructo- mania;</p> <p>9 quadros murais – coleção do prof. Antonio Gera;</p> <p>La piccola recamatrice;</p> <p>1 folheto – Osservare e ragionare – para</p>			
---	--	--	--

<p>explicar os quadros do prof. Gera;</p> <p><i>Este folheto de noventa páginas e os quadros murais constituem talvez a aquisição mais importante do Pedagogium pela influência que certamente hão de exercer no ensino da moral em nossas escolas primárias. Os quadros mudares em chromolithographia imitando aquarelas representam cenas familiares, destinadas a fornecer variados exercícios para o ensino da língua e para a educação do sentimento. Estão publicados: Os emigrantes – o tocador de realejo – o cão terra-nova – o médico de aldeia – o exemplo dos passarinhos – a mamãe está doente – o pequeno artista – a verdadeira nobreza – a perda de um ator.</i></p>			
--	--	--	--

<p><i>Destacaremos: os emigrantes – a mamãe está doente, a perda de um ator, notáveis pela felicidade com que o artista lithographo traduzio o belo ideal educativo do prof. Gera.</i></p>			
<p>Uma coleção de quadros representando pássaros uteis, com respectivo livro de explicações, por Mr. Paul Robert;</p> <p>Trabalhos escritos das escolas urbanas e suburbanas de Brescia;</p> <p>Desenhos e deveres escritos, da escola Carlo Montanari, de Verona;</p> <p>Um quadro de folhas secas e cascas de arvores feito por duas professoras de Brescia;</p> <p>Fotografias e planta do jardim infantil de Maurizio Quadrio, em Milão;</p>	<p>Não especifica</p>	<p>França, Itália, Bélgica</p>	<p>Revista Pedagógica, n. 4, Tomo 2, 1891, p. 258,259</p>

<p>Fotografias da escola Carlo Montanari, de Verona;</p> <p>Trabalhos de agulha da escola profissional e menagére da rua Fondary em Paris;</p> <p>Trabalhos de agulha e deveres escritos da escola do sexo feminino da rua Tanger, em Paris;</p> <p>Mapas geográficos feitos pelos alunos da escola do sexo masculino, rua Tanger, Paris;</p> <p>Exercícios de desenho da escola feminina da rua tanger;</p> <p>Trabalhos de agulha e deveres escritos, exercícios de desenho e de geografia da rua Ampère, em Paris;</p> <p>Exercícios Fröebelianos da escola maternal da rua do General Foy, em Paris;</p>			
--	--	--	--

<p>Ditos da escola maternal da rua Voluntários, em Paris;</p> <p>Trabalhos de agulha, desenho e deveres escritos, da rua General Foy, em Paris;</p> <p>Exercícios Fröebelianos do jardim infantil da rua des Fleuristes, em Bruxelas;</p> <p>Trabalhos de agulha, deveres escritos, ensino de geografia e desenho, da escola da rua Vautour em Bruxelas;</p> <p>Exercícios Fröebelianos do jardim infantil da rua de la Roue, em Bruxelas;</p> <p>Deveres escritos, desenho e uma pequena coleção de botânica da escola do sexo masculino da rua Eburons, em Bruxelas;</p> <p>Trabalhos de agulha, desenho e deveres escritos da escola feminina da rua des Eburons, em Bruxelas;</p>			
---	--	--	--

Exercícios Fröebelianos da escola maternal da Avenue Rapp, em Paris.			
--	--	--	--

**Professor Luiz Augusto dos Reis**

<b>Objeto</b>	<b>Tipo de Aquisição</b>	<b>Origem/local</b>	<b>Fonte</b>
Coleção de trabalhos em madeira e ferro, executados por alunos.	doação	escola Rodrigues Sampaio, anexa ao Museu Pedagógico de Lisboa	Publicado no relatório de Menezes Vieira de 1892.
27 Boletim da instrução publica da câmara municipal de Lisboa, de outubro de 1886 a setembro de 1888;  1 E. A. Noções de Chorographia de Portugal;  2 C. de F. Noções de Chorographia de Portugal;  3 A. C. B. Figueiredo. A Biblioteca índice e catálogos – S. de Geog. de Lisboa;	Não especifica	Lisboa	Revista Pedagógica, n.5, Tomo 2, 1891, p.3 45,346,347

<p>3 Luciano Cordeiro.</p> <p>As publicações – índice e catálogos – S. de Geog. de Lisboa;</p> <p>1 catálogo das publicações da Academia R. Ciências de Lisboa;</p> <p>2 Regulamento da escola Maria Pia;</p> <p>2 Regulamento da escola Marquez de Pombal;</p> <p>1 Regulamento da escola Municipais do Porto;</p> <p>1 Regulamento da escola Oficinas de S.José;</p> <p>1 Regulamento da escola Normal do sexo masculino do Porto;</p> <p>4 Conjugações dos verbos – Escola Municipais de Lisboa;</p> <p>2 A. M. de Almeida. Exercícios de</p>			
--	--	--	--

<p>aritmética e leitura de manuscrito;</p> <p>2 J. Q. F. Lopes. Resumo de Aritmética e Sistema métrico;</p> <p>2 Compendio de história Sagrada;</p> <p>2 compendio de história pátria;</p> <p>2 compendio de geometria;</p> <p>1 gramática elementar da língua portuguesa;</p> <p>2 Augusto José da Cunha. Arte de contar – para uso das escolas primarias;</p> <p>1 aritmética;</p> <p>1 José A. A. S. Raposo, primeiro livro de leitura;</p> <p>1 segundo livro de leitura;</p> <p>1 terceiro livro de leitura;</p> <p>2 primeiro livro de leitura;</p>			
---	--	--	--

<p>2 segundo livro de leitura;</p> <p>2 C. C. Dias, Ex. prep.: de composição;</p> <p>2 Rud. De gramática portuguesa;</p> <p>1 M. P. Chacas. Portugueses ilustres;</p> <p>1 Camões Lusíadas;</p> <p>1 E.A. Monteverde. História Sagrada (mimo a infância);</p> <p>1 João Diniz. Novo livro de leitura;</p> <p>2 F. Adolpho Coelho. Leitura corrente;</p> <p>2 João de Deus. Deveres dos filhos;</p> <p>3 J.C. Aulete. Seleta Nacional;</p>			
---	--	--	--

<p>3 A.B. Santos Miranda. Gramática elementar da língua portuguesa;</p> <p>4 V. Salgado. livros de história – 1ª e 2ª parte;</p> <p>1 A.M. Freitas. Noções práticas de aritmética e sistema métrico;</p> <p>2 B. do Povo. Geografia geral;</p> <p>1 Alfabeto natural;</p> <p>2 A.A. Vasconcelos. Novo Resumo da história de Portugal;</p> <p>2 Vianna &amp; Abreu. Bases da ortografia portuguesa;</p> <p>2 J.C.C. Saavedra. Rudimento de física e química;</p>			
---	--	--	--

<p>2 O. Figueiredo. Manual dos direitos e deveres;  2 P. A. Monteiro. Rudimento de Moral;</p> <p>2 Abbade de Arcozelho. Método leografico pelo alfabeto natural;</p> <p>2 Freitas &amp; Roio. Exercícios graduais d'escrita;</p> <p>1 F. da Motta. Desenho linear;</p> <p>1 J.M. Abreu. Desenho linear;</p> <p>1 A.S. Lopes. Desenho linear;</p> <p>1 Antonio Ferreira Jesus. Desenho geométrico;</p> <p>1 C. Figueiredo. História de Portugal;</p>			
---	--	--	--

<p>1 Abbade de Argozello. Método pedagoga encartado;</p> <p>1 Dr. M. Veiga. Resumo da história moderna de Portugal;</p> <p>1 A. Argozelho. História dos Métodos de ensino da língua portuguesa;</p> <p>1 A.A.F. Mascarenhas. Verbo da língua portuguesa;</p> <p>1 J.C. Aulete. Cart. Nacional;</p> <p>2 J. Deus. Cart. Maternal;</p> <p>1 A. Silva Dias. Aritmética;</p> <p>1 Cänel As mães e as filhas (contos);</p> <p>1 Brito Aranha. Leituras</p>			
---	--	--	--

<p>populares morais e instrutivas;</p> <p>1 Varella &amp; Barreto. Leituras escolares;</p> <p>1 E. V. Salgado. Ciências para escolas;</p> <p>1 A.J. Valle. Novo epitome da história de Portugal;</p> <p>1 J.F.S. da Motta. Quadros de história de Portugal;</p> <p>1 A.B. Miranda. Rudimento Moral;</p> <p>1 J.M.C. Seixas. Elementos de Moral;</p> <p>1 B.E.S. Dias. Gramática portuguesa;</p> <p>1 F.J.C. Aulete. Gramática nacional;</p> <p>2 F. Ferreira. Relatório do</p>			
--	--	--	--

<p>pelouro da instrução da C.M. de Lisboa;</p> <p>3 Est. Da instrução primária de 1885 a 1888;</p> <p>1 Breve notícia da Typ. De A.R. de Ciências de Lisboa;</p> <p>1 Compendio de doutrina cristã;</p> <p>1 A. S. Lopes. Seleta das escolas;</p> <p>1 Regulamento geral do serviço de instrução publica no município de Lisboa;</p> <p>1 A. F. Jesus. Catálogo de todas as palavras que se escrevem com consoantes;</p> <p>Um lote de modelos impressos para escolas (para</p>			
---	--	--	--

<p>escritos escolares);</p> <p>Uma coleção de diários do governo (sobre instrução pública);</p> <p>Uma coleção de quadros murais.</p>			
<p><b>Exercícios da oficina de obras de ferro:</b></p> <p>pedaço de ferro quadrado encaixado numa extremidade;</p> <p>exercícios para a construção de um parafuso;</p> <p>bico quadrado em varão;</p> <p>parafusos de 16m/m de cabeça quadrada e competente porca;</p> <p>parafusos de 13 m/m de cabeça sextavada;</p> <p>escopros de aço fundido;</p>	<p>Não especifica</p>	<p>Escola Superior Rodrigues Sampaio</p>	<p>Revista Pedagógica, n. 13, Tomo 3, 1891, p. 52,53,54</p>

<p>buril de aço fundido;</p> <p>pedaços de varão tendo numa extremidade um prisma hexagonal e na outra um prisma quadrangular;</p> <p><b>Figuras de chapa de ferro:</b></p> <p>círculos;</p> <p>quadrados;</p> <p>pentagonos;</p> <p>hexagonos;</p> <p>octogonos;</p> <p><b>Peças polidas de ferro e de aço:</b></p> <p>pedaços de varão de ferro torneado;</p> <p>ricador de aço fundido;</p>			
--	--	--	--

<p>prisma octagonal com 37 m/m, de face a face;</p> <p>prismas octagonal de 30 m/m;</p> <p>prisma quadrangular de 39 m/m;</p> <p>prismas octagonal de 31 m/m;</p> <p>torcido de vergalhão;</p> <p>parafusos de 16 m/m de cabeça sextavada;</p> <p>parafusos de 13 m/m com cabeça e porca quadrada;</p> <p>cruseta de vergalhão de 37 m/m e varão de 22;</p> <p>cruseta de vergalhão de 30 m/m imaltada;</p> <p>mandril de tornear porcas de 16 m/m;</p> <p>palma de ferro forjado;</p>			
--	--	--	--

<p>cubo de ferro forjado;</p> <p>planos de ferro fundido vedados;</p> <p>ligação de prismas octogonaes com respiga retangular;</p> <p>punção redondo de aço fundido;</p> <p>esquadro de ferro (ângulo 45°);</p> <p>esquadros de prumo de ferro;</p> <p>escantilhão para porcas de 16 a 19 m/m (forja);</p> <p>pirâmide cônica truncada;</p> <p>escantilhão para acertar a lima porcas de 19 m/m;</p> <p>setta de ferro com língua de aço;</p> <p>paralelepípedo de ferro fundido;</p> <p>punção redondo de aço fundido;</p>			
---	--	--	--

<p>roda de engrenagem torneada e escantillada;</p> <p>graminho com a base de ferro fundido e a haste de aço;</p> <p>porca quadradas de 13 m/m;</p> <p>Aza para punho de limas;</p> <p><b>Ligações de chapa de ferro:</b></p> <p>tubo de cravação embutida e rebordo de um lado;</p> <p>junta cintada e cravação a face;</p> <p>junta sobreposta;</p> <p>direita de chapa virada em esquadria;</p> <p>em esquadilha por meio de cantoneira;</p> <p>em esquadria com o canto curvo;</p>			
---	--	--	--

<p>em esquadria com o canto em aresta;</p> <p><b>Exercício da oficina de obras de madeira:</b></p> <p>exercício preliminar de serração em linha resta;</p> <p>exercício preliminar de serração em linha curva;</p> <p>exercício preliminar de serração em linha curva;</p> <p>exercício preliminar de furações;</p> <p>exercício preliminar de aparelho de madeira;</p> <p>Coleção mostrando as principais ligações da madeira;</p> <p><b>Objetos de uso comum e utilidade permanente:</b></p>			
--	--	--	--

<p>escarrador;</p> <p>banco;</p> <p>cantoneira;</p> <p>limpa ardósia;</p> <p>grampo (ferramenta);</p> <p><b>Exercícios preliminares de torno de madeira:</b></p> <p>exercício de torno;</p> <p><b>Ferramentas feitas ao torno:</b></p> <p>Cabo;</p> <p>Parafuso;</p> <p>Maço;</p> <p><b>Objetos de uso comum feitos ao torno:</b></p> <p>Maçaneta;</p>			
--	--	--	--

Argola; Moldura			
<p>1 quadro planta da escola central n.1;</p> <p>1 alçado da mesma escola;</p> <p>1 grupo do batalhão escolar de Lisboa;</p> <p>1 fachada da Escola Modelo e Planta da mesma;</p> <p>1 A escola Fröebel e a planta da mesma;</p> <p>1 Revista Fröebel, de Lisboa Vol. 1;</p> <p>1 Método de leitura por professor Alfredo Julio de Brito;</p> <p>1 Relatório do diretor da Escola Rodrigues Sampaio (1885);</p> <p>2 programas das classes das escolas centrais de Lisboa;</p> <p>1 Regulamento da Escola Maria Pia;</p>	Não especifica	Lisboa e Porto	Revista Pedagógica, n.15, Tomo 3, 1891, p. 149,150,151,152,153

<p>1 Cantos e coros infantis adotados em algumas escolas de Lisboa;</p> <p>Coleção Método de leitura e escrita de Branco Rodrigues, aprovado pelo governo;</p> <p>Coleção de trabalhos da Escola Fröebel de Lisboa;</p> <p>1 Regulamento dos Jardins de infância de Lisboa;</p> <p>1 Manual de tecnologia para uso da Escola Rodrigues Sampaio, por Pinto Ferreira;</p> <p>1 Estatística da Instrução Primária de 1885 a 1886;</p> <p>1 Estatística da Instrução Primária de 1886 a 1887;</p> <p>1 Estatística da instrução primária de 1887 a 1888;</p>			
--	--	--	--

<p>1 Idem (Apendice do governo) de 1888 a 1889;</p> <p>5 Elementos para um relatório;</p> <p>1 Regulamento geral do serviço de Instrução do Município de Lisboa;</p> <p>3 Bases de ortografia Portuguesa, por Gonçalves Vianna e Vasconcelos Abreu;</p> <p>2 Relatórios do Pelouro da Instrução do ano de 1882;</p> <p>1 Legislação de Instrução Primária, impresso em 1889;</p> <p>3 Catálogos e Indices da Sociedade de Geografia, 1889;</p> <p>3 Indices e catalagos (A biblioteca);</p> <p>1 catalago das publicações da Academia;</p>			
--	--	--	--

<p>1 Breve noticia sobre tipografia da Academia;</p> <p>1 A escola Rodrigues Sampaio;</p> <p>1 Programa das classes das escolas de Lisboa;</p> <p>27 Boletins do serviço da instrução;</p> <p>1 Noções da chorographia de Portugal, por E.A. Bettencourt;</p> <p>2 idem por C. de F.;</p> <p>2 Regulamentos da escola Maria Pia;</p> <p>2 Regulamentos da escola Marquez de Pombal (Porto);</p> <p>1 Regulamento das escolas municipais do Porto;</p> <p>1 Regulamento das escolas – Oficinas de S.José, Porto;</p> <p>1 Regulamento da escola Normal do</p>			
--	--	--	--

<p>sexo masculino do Porto;</p> <p>4 Conjugações dos verbos – Escola Municipais de Lisboa;</p> <p>2 Exercícios de aritmética e leitura de manuscrito, por A.M. de Almeida;</p> <p>2 Resumo de aritmética e sistema métrico por J.Q.Lopes;</p> <p>2 compendios de História Sagrada, do mesmo autor;</p> <p>2 Compendios de História Patria, pelo mesmo;</p> <p>1 compendio de geometria, pelo mesmo;</p> <p>1 Gramatica elementar da língua portuguesa, pelo mesmo;</p> <p>2 Arte de contar, por Augusto José da Cunha;</p>			
--	--	--	--

<p>1 Aritmética prática, pelo mesmo;</p> <p>1 Primeiro livro da escola, por J. A. A. Simoes Raposo;</p> <p>1 Segundo livro da escola pelo mesmo;</p> <p>1 Terceiro livro da escola, pelo mesmo;</p> <p>4 Silabarios de Simões Raposo (1ª e 2ª parte);</p> <p>2 Exercícios preparatórios de composição, por Cláudio Dias;</p> <p>2 Rudimentos de gramática portuguesa, pelo mesmo autor;</p> <p>1 Portugueses ilustres, por Pinheiro Chagas;</p> <p>1 Lusíadas de Camões;</p> <p>1 História Sagrada, Mimo a infância, por E. A. Monteverde;</p>			
--	--	--	--

<p>1 Novo livro de leitura, por João Diniz;</p> <p>2 Leitura Corrente, por Adolfo Coelho;</p> <p>2 Deveres dos filhos, por João de Deus;</p> <p>3 Seleta Nacional, por Carlos Aulete;</p> <p>3 Gramática elementar da língua portuguesa, por A. B. Santos Martins;</p> <p>4 Livros de história (1ª e 2ª parte) por V. Salgado;</p> <p>1 Noções práticas de aritmética e sistema métrico, por S.M.Freitas;</p> <p>2 Geografia geral (biblioteca do povo);</p> <p>1 Alfabeto natural (biblioteca do povo);</p> <p>2 Novo resumo da história de Portugal, por A. A. Marcarenhas;</p>			
---	--	--	--

<p>1 Rudimentos de Física, por J. C. C. Saavedra;</p> <p>1 idem de Quimica, pelo mesmo;</p> <p>2 Manual dos direitos e deveres, por C. de Figueiredo;</p> <p>1 Rudimentos da Moral, por A. B. Santos Martins;</p> <p>1 Alfabeto Natural, pelo Abbade de Arcozello;</p> <p>1 História dos métodos de ensino da língua portuguesa, pelo mesmo;</p> <p>1 Método e pedagoga encartados, pelo mesmo;</p> <p>2 exercícios graduais de escrita, por Freitas e Rodrigues;</p> <p>1 Desenho linear, por T. da Mota;</p>			
--	--	--	--

<p>1 idem, por J. M. Abreu;</p> <p>1 Desenho geométrico, por A. Ferreira de Jesus;</p> <p>1 História de Portugal, por C. de Figueiredo;</p> <p>1 Resumo da História moderna de Portugal, pelo Dr. M. Veiga;</p> <p>1 Verbos da língua portuguesa, por A. A. T. Mascarenhas;</p> <p>1 Cartilha Nacional, por Caldas Aulete;</p> <p>1 Cartilha Maternal, por João de Deus;</p> <p>1 Aritimética, por A. Silva Dias;</p> <p>1 A's mães e ás filhas, por Caiel (Contos);</p> <p>1 Leituras populares, moraes e instrutivas, por Brito Aranha;</p>			
---	--	--	--

<p>1 leituras escolares, por Varella e Barreto;</p> <p>1 Ciência para as escolas, por Vidigal Salgado;</p> <p>1 Sistema métrico da infância, por F. M. H. S. Pereria;</p> <p>1 Novo epitome da História de Portugal, por A. J. Viale;</p> <p>1 Quadros da História de Portugal, por I. F. Silveira da Motta;</p> <p>1 Elementos de moral, por J. M. Cunha Seixas;</p> <p>1 Gramática portuguesa, por Epiphanio Dias;</p> <p>1 Gramática Nacional, por Caldas Aulete;</p> <p>1 Seleta das escolas, por Simões Lopes;</p> <p>1 Catalogo de quase todas as palavras que se escrevem</p>			
--	--	--	--

<p>com consoantes dobradas, etc. por A.F. de Jesus;</p> <p>2 Seleta portuguesa, por Felipe Leite e Moreira;</p> <p>2 Leituras para escola primaria, edição da livraria Ferreira, de Lisboa;</p> <p>2 Rudimentos de Moral, por Pedro A. Monteiro;</p> <p>1 Cartilha maternal (1ª parte) por João de Deus;</p> <p>4 Tabuadas das classes elementares;</p> <p>1 Doutrina cristã;</p> <p>2 Noções elementares de geometria, segundo o programa;</p> <p>1 Programa das escolas officiais do Porto;</p> <p>1 Estatutos da Oficina de S. José, do Porto;</p>			
---	--	--	--

<p>1 Compendio de aritimética e sistema métrico, por Travassos Lopes;</p> <p>Um lote de modelos impressos para escrituração escolar;</p> <p>Uma coleção de quadros murais cartonados para o estudo do método do abbade de Arcozellos;</p> <p>18 quadros e exposição do mesmo método em manuscrito, pelo autor.</p>			
<p>1 quadro planta Museu pedagógico de Madrid;</p> <p>1 Catálogo do mesmo Museu;</p> <p>1 Regulamento e catálogo da biblioteca circulante do mesmo Museu;</p>	<p>Não especifica</p>	<p>Espanha</p>	<p>Revista Pedagógica, n.15, Tomo 3, 1891, p.156</p>

<p>1 Documentos para a história do mesmo Museu;</p> <p>1 A segunda colônia escolar, publicação do mesmo Museu;</p> <p>1 Os pedagogos do Renascimento, publicação do mesmo Museu;</p> <p>1 El colégio de Surdo-mudo e Cegos de Madrid;</p> <p>1 Regulamento do mesmo colégio;</p> <p>3 A coleção de três trabalhos de alunos do colégio dos Sudos-mudos e Cegos de Madrid</p>			
<p>1 Método Regimbeau, adotado;</p> <p>1 La citologie, método de leitura por H. Dupont;</p> <p>12 Quadros método de leitura por E. Toussaint;</p>	<p>Não especifica</p>	<p>França</p>	<p>Revista Pedagógica, n.15, Tomo 3, 1891, p. 156, 157, 158, 159, 160.</p>

<p>20 Métodos de leitura por L. C. Michel;</p> <p>18 Métodos de leitura por Sarradon;</p> <p>20 Quadros de leitura (método) por vários professores;</p> <p>1 Os termos geográficos, por Felix Hement;</p> <p>1 Trabalho manual por E. Faivre;</p> <p>1 Escolas primárias e salas de asilo (construção e instalação), por Felix Narjoux;</p> <p>1 A instrução primária nos Estados Unidos, por Paul Passy;</p> <p>1 La future ménagère, por Mlle. Ernestine Wirth;</p> <p>1 Manual de ginástica (1ª parte);</p> <p>1 Manual de ginástica (2ª parte);</p>			
---	--	--	--

<p>1 Manual de instrução militar para uso das escolas;</p> <p>1 Ensino militar para uso dos batalhões escolares;</p> <p>1 Manual do Instrutor;</p> <p>1 Caixa Guide-chant de madeira forte, acompanhado das instruções para seu uso;</p> <p>1 Catálogo de pianos e órgão da casa E. Derwingle;</p> <p>3 Catálogos de obras e documentos publicado pelo Museu Pedagógico de Paris;</p> <p>1 Publicação do ministério da instrução pública – material de ciências físicas e naturais e ensino agrícola;</p> <p>1 idem – material de ciências físicas e naturais;</p>			
--	--	--	--

<p>1 Regulamento para as escolas públicas (1889) em vigor;</p> <p>2 Cadernos de deveres escolares da Escola da rua Ampère;</p> <p>12 Desenhos feitos (d'après nature) por alunos da mesma escola;</p> <p>1 Quadro fotografia (grupo de alunas, diretora e professoras da escola maternal da rua Ampère);</p> <p>1 Caixa – método intuitivo francês, por Mme. Monternault, adotado na mesma escola;</p> <p>1 Caixa – Petites plaquettes metriques – da mesma autora, adotado na mesma escola;</p> <p>1 Caixa com uma grande coleção de trabalhos manuais de</p>			
--	--	--	--

<p>alunos da mesma escola;</p> <p>1 Quadro fotografia (grupo do diretor e professores da escola da rua Tandou;</p> <p>6 Quadros desenhos (d'après nature) por alunos da mesma escola;</p> <p>9 Cadernos de deveres escolares por alunos da mesma escola;</p> <p>5 Trabalhos manuais em madeira por aluno da mesma escola;</p> <p>16 Trabalhos de desenho (cópias por alunos da escola infantil do Boulevard de Malesherbe;</p> <p>27 Trabalhos de trançado em papel por alunos da mesma escola;</p> <p>5 Trabalhos elementares do</p>			
---	--	--	--

<p>mesmo gênero por alunos da mesma escola;</p> <p>4 Exemplares de flores de lã, trabalho dos alunos da mesma escola;</p> <p>1 Fotografia (grupo) da mesma escola;</p> <p>10 Cadernos de deveres escolares da escola infantil da rua Tanger;</p> <p>10 Desenhos de alunos da mesma escola;</p> <p>15 Trabalhos de alunos da mesma escola (trançado);</p> <p>10 Trabalhos de gesso pelos alunos da escola da rua Tournefort;</p> <p>2 Cadernos de deveres escolares de alunos da mesma escola;</p> <p>1 Fotografia da mesma escola (grupo dos alunos);</p>			
---	--	--	--

<p>1 Fotografia do atelier da Escola do Boulevard Montparnase;</p> <p>1 Caderno de deveres escolares da Escola da rua General Foy;</p> <p>3 Desenhos de alunos da mesma escola;</p> <p>3 Trabalhos em madeira de alunos da mesma escola;</p> <p>1 Exemplar da Marselheza, adotado nas escolas francesas;</p> <p>1 Coleção de 23 trabalhos em ferro feitos por alunos da escola da rua Tournefort;</p> <p>1 Coleção de 32 trabalhos de capintaria feitos por alunos da escola da rua Tournefort;</p> <p>1 Coleção de 14 trabalhos de torno (madeira) por alunos</p>			
--	--	--	--

<p>da escola da rua Tournefort;</p> <p>1 Caixinha de madeira por alunos da mesma escola;</p> <p>1 Cofre;</p> <p>1 Quadro de madeira;</p> <p>1 Colher de pau;</p> <p>1 Pequena estante de madeira;</p> <p>1 Cálice de madeira;</p> <p>1 Coluna de madeira;</p> <p>1 Cabo de rebote;</p> <p>2 Facas para papel de madeira;</p> <p>1 Maçaneta de madeira;</p> <p>1 Jarro de madeira;</p> <p>1 Pequeno jarro de madeira;</p> <p>1 Porta jóias de madeira;</p> <p>1 Porta papéis de madeira;</p>			
---	--	--	--

<p>1 Coleção de 14 desenhos feitos por alunos da escola da rua Tanger;</p> <p>1 Coleção de 10 cadernos (deveres escolares) por alunos da mesma escola;</p> <p>1 Coleção de 8 quadros (prêmios) adotados na mesma escola;</p> <p>1 Coleção de 12 quadrinhos (prêmios semanais) idem;</p> <p>1 Hino francês;</p> <p>1 Canção francesa;</p> <p>1 Estampa – A república – cópia da estátua que se encontra em todas as escolas francesas;</p> <p>4 Fotografias, grupos de alunos da escola da rua Tanger;</p> <p>12 Trabalhos em madeira, feitos por alunos da escola da rua Tanger;</p>			
--	--	--	--

<p>1 Fotografia da escola comunal de Montreuil;</p> <p>1 Coleção de 8 fotografias da escola comun do sexo feminino da rua Tanger;</p> <p>1 Fotografia, grupo da diretora e professora da mesma escola;</p> <p>4 Exemplares – A prospecto da escola Municipal Diderot;</p> <p>1 Coleção de 6 cadernos (deveres escolares) da escola do sexo feminino da rua Tanger;</p> <p>1 Coleção de 4 trabalhos de costura da mesma escola;</p> <p>1 Coleção de 3 trabalhos de marca da mesma escola;</p> <p>2 Fotografias do atelier da escola da rua Tournefort;</p>			
---	--	--	--

<p>1 Fotografia (grupo de alunos da mesma escola) com o antigo diretor, Mr. Laubier;</p> <p>1 Coleção de 11 trabalhos (bordado sobre papel por alunos da escola maternal de rapazes do boulevard Malesherbes);</p> <p>2 Cadernos (deveres escolares) da escola maternal da rua Ampère;</p> <p>1 Coleção de 10 desenhos de alunos da escola da rua Tandou;</p> <p>1 Extrato do regulamento da Associação Escolar de Socorro Mutuos;</p> <p>1 Modelo impresso da inspeção médica (boletim) nos estabelecimentos escolares comunais;</p> <p>1 Coleção de 8 trabalhos em madeira pelos alunos</p>			
---	--	--	--

<p>da escola da rua Tanger;</p> <p>1 Caderno especial de deveres mensais (modelo impresso)</p>			
<p>1 Coleção de 17 cadernos de geografia da Bélgica (Geografia elementar das escolas);</p> <p>1 Método de trabalhos manuais completo (Sistema Boogaerts, método moderno);</p> <p>1 Congrès international de l'enseignement (Bruxelas, 1880) Rapports preliminaires, publicação da Sociedade Liga do Ensino;</p> <p>1 Organisation de l'Épargne dans les écoles primaires;</p> <p>1 Higiene escolar – Instruções aos professores;</p>	<p>Não especifica</p>	<p>Bélgica</p>	<p>Revista Pedagógica, n.15, Tomo 3, 1891, p.160, 161, 162.</p>

<p>1 Organização dos jardins infantis em Bruxelas;</p> <p>1 Regulamento das escolas em Bruxelas;</p> <p>1 Regulamento dos alunos e meios de instrução para o povo;</p> <p>1 Regulamento e programas dos cursos de adultos;</p> <p>1 Tratado de Cosmografia, por A. Sluys;</p> <p>1 Método de leitura, escrita e ortografia, por A. Sluys;</p> <p>1 Catálogo especial da administração de Bruxelas na Exposição Universal de Anvers em 1885;</p> <p>1 Quadro mural com os objetos necessários para uma escola;</p> <p>1 Lista (manuscrito) do Mobiliário e material necessário</p>			
---	--	--	--

<p>para uma escola de 700 alunos e Cartas e papéis explicativos sobre o preço do material escolar, acompanhando a lista acima citada;</p> <p>1 Plano escolar de Bruxelas e arredores (mapa);</p> <p>1 A escola modelo, publicação da Liga do Ensino;</p> <p>1 Coleção de 8 trabalhos sobre cartão pelo sistema Boogaerts;</p> <p>1 Coleção de 15 trabalhos feitos por alunos da escola n.3, da rua Nouveau Marché aux Grains;</p> <p>4 Trabalhos de contas do jardim infantil n.5, da rue des Fleuristes;</p> <p>2 Trabalhos em papelão, por alunos da mesma escola;</p> <p>1 Coleção de 22 desenhos (5º ano)</p>			
---	--	--	--

<p>dos alunos da escola n.3;</p> <p>1 Planta do 1º andar da mesma escola;</p> <p>1 Caderno de deveres escolares da mesma escola;</p> <p>1 Planta de uma sala de aula da mesma escola;</p> <p>1 Coleção de 35 desenhos a auto-copista da mesma escola;</p> <p>1 L’instruction integrale a l’Orphelinat Prevóst por Alexis Sluys, director da escola normal de Bruxelas;</p> <p>1 Les jardins d’enfants d’Anvers, por A.Sluys;</p> <p>1 Notícia sobre os trabalhos manuais pelo sistema Boogaerts;</p> <p>1 Modelos impressos de escrituração escolar;</p>			
--	--	--	--

1 Idem sobre higiene escolar.			
-------------------------------	--	--	--

**M. J. Pereira Frazão**

<b>Objeto</b>	<b>Tipo de Aquisição</b>	<b>Origem/local</b>	<b>Fonte</b>
1 Regulamento do Instituto Casanova	Não especifica	Nápoles	Revista Pedagógica, n.3, Tomo 2, 1891, p.169
1 coleção de provas escritas de exames 1 coleção de diários de professores	doação	Turim	Revista Pedagógica, n.3, Tomo 2, 1891, p.182
1 coleção de diários de professores	doação	Milão	Revista Pedagógica, n.3, Tomo 2, 1891 p.182
Desenhos de modelos de mobília escolar	Não específica	Turim	Revista Pedagógica, n.3, Tomo 2, 1891, p.185
1ª classe – Sexo masculino e feminino. Syllabario e Prime Letture. Compilate de una Commissione	Não específica	Turim	Revista Pedagógica, n.3, Tomo 2, 1891, p.189

<p>de enseignante municipal.</p> <p>2<sup>a</sup> classe – Sexo masculino. Il Bambino, de Pietro Dazzi. Sexo feminino. La buona Gianina, 1<sup>o</sup> vol.</p> <p>3<sup>a</sup> classe – Sexo masculino. Il Buon Giovanetto, de P. Fornari. Sexo Feminnino. La buona Gianina, 2<sup>o</sup> vol.</p> <p>4<sup>a</sup> classe – Sexo masculino. L’Uomo, de A. Parato. Sexo feminino. La buona Gianina, 3<sup>o</sup> vol.</p> <p>5<sup>a</sup> classe – Sexo masculino. Cielo e Terra, de A. Parato. Sexo feminino. La</p>			
--	--	--	--

buona Gianina, 4º vol.  Para o 4ª e 5ª de ambos os sexos. Arithmética de A.C. e Gran. De Drochi.  Lista geral de livros e coleção dos havidos por melhores			
---	--	--	--

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Revista Pedagógica (RJ) – 1890 a 1896. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=341010&pagfis=1>. Acessado em 20/01/2020.

## ANEXO B – Histórico Deyrolle

Maison Deyrolle: Entendedores entenderão

Sobre o nome da empresa, pelas documentações\* Maison Deyrolle

Jean-Baptiste Deyrolle criou a Maison Deyrolle (1831). Seu filho Achille Louis Gabriel Deyrolle assume a empresa.

Empresa: Venda de insetos, artigos de caça, taxidermizados. Especialistas em Entomologia

É. Deyrolle

Émile Gustave Achille Deyrolle, neto do fundador, assumiu a empresa (1866). Catálogos passam a chamar É. Deyrolle e, com esse nome, são encontrados catálogos até 1890. (Fonte: Le Figaro Archives: <http://evene.lefigaro.fr/.../bio.../emile-deyrolle-37058.php>)

É. Deyrolle fils (1871)

L'Enseignement des sciences naturelles dans les écoles primaires. (Par É. Deyrolle fils.)

Publication : Paris : É. Deyrolle fils, (1871) (Catalogue Générale, Bibliothèque Nationale de France, Registro: FRBNF30339276 )

Menção encontrada: Tableaux pour l'enseignement primaire des sciences naturelles [par É. Deyrolle fils]... Manuel explicatif...

Publicação: Paris: É. Deyrolle fils. (Catalogue Générale, Bibliothèque Nationale de France, Registro: FRBNF30339283)

Menção já como editores:

Vente de livres d'histoire naturelle composant la bibliothèque de feu M. Bayan. La vente aura lieu les 6 et 7 décembre 1875, é apresentada como uma Publicação de É. Deyrolle fils - Editores (Catalogue Générale, Bibliothèque Nationale de France, Registro: FRBNF36553385)

Les fils d'Émile Deyrolle (1889):

Musée scolaire Émile Deyrolle. Histoire naturelle élémentaire. Première année. Manuel explicatif des tableaux n°1 à 20 (première série). Livre du maître. 9e édition entièrement remaniée... [Texte imprimé]

Publication: Paris: les fils de É. Deyrolle, (1899.) 11e éd. Catálogos levam o termo "filhos" até 1932 (Catalogue Générale, Bibliothèque Nationale de France, Registro: FRBNF30339281)

Théophile Louis Deyrolle

Filho, neto e irmão de Entomologistas/Naturalistas. Pintor e ilustrador francês. Ilustrador de vários quadros parietais. Émile é seu irmão.

Nota do Museu:

Pelos estudos feitos com as peças vendidas pela Maison Deyrolle feitas no Colégio Arquidiocesano Marista de São Paulo percebe-se que há peças entre 1900-1940, ora com a designação Deyrolle, ora com o registro Les fils d'Emilie Deyrolle, o que indica certa arbitrariedade em relação ao registro nos objetos.

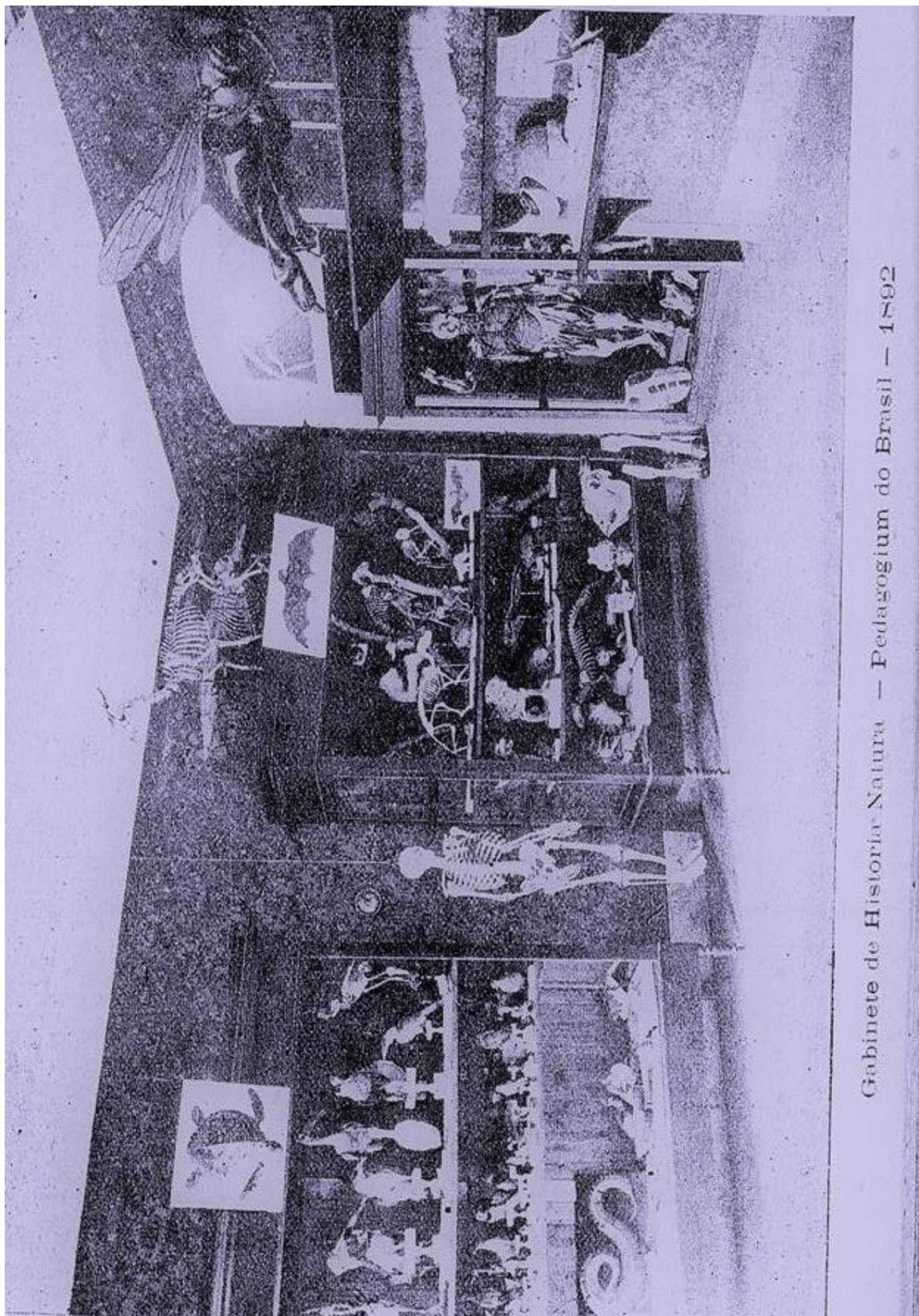
Vejam as curiosas fotos

\* Considerar “cerca de” em tempo, pois as datas são marcadas por catálogos encontrados/ com intenção de ajudar a compreender.

Por Katya Braghini

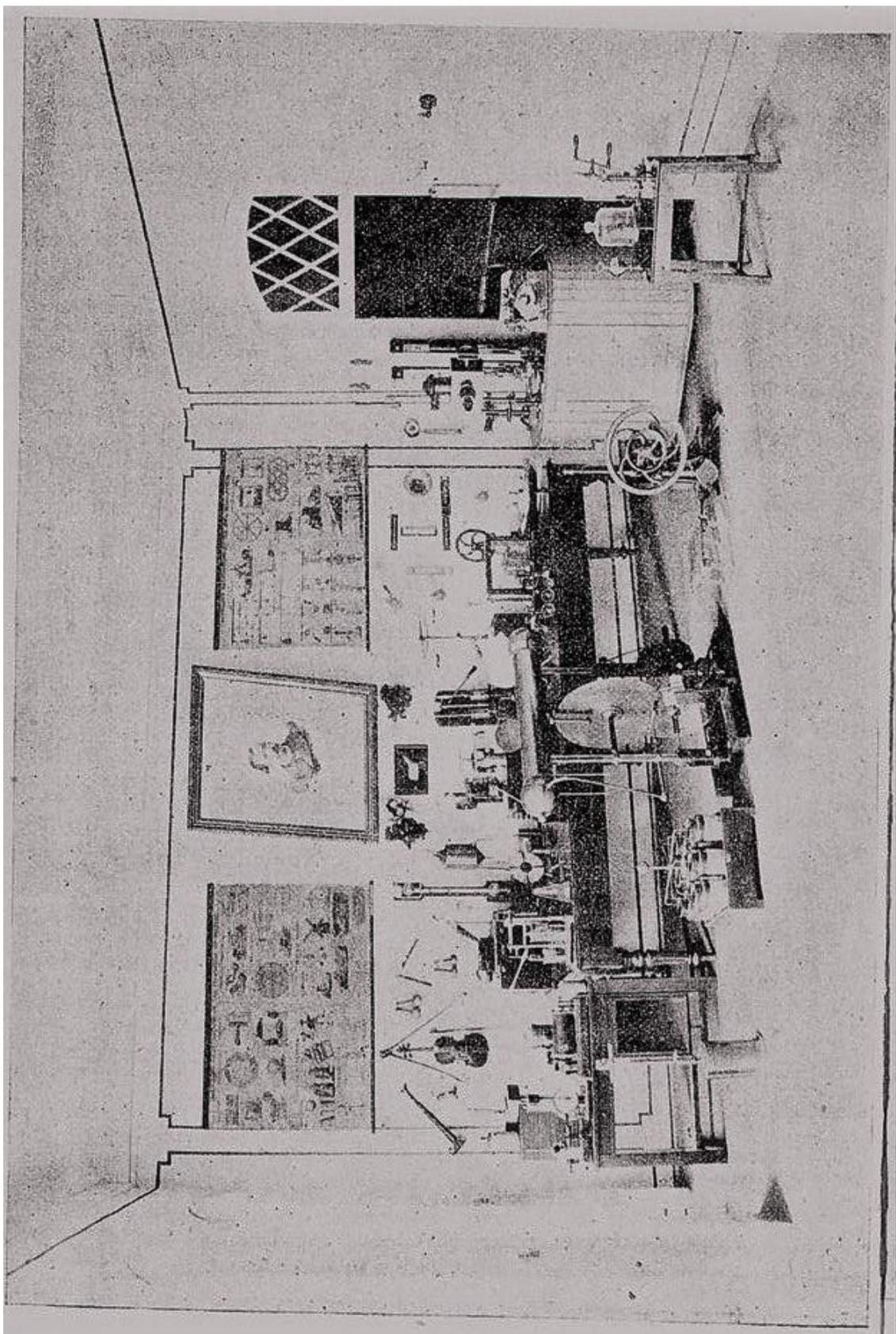
Fonte: Perfil oficial do Grupo de Estudos – Núcleo de Estudos Escola e seus Objetos. Disponível em: <https://www.facebook.com/neo.pucsp/posts/2046769368975102> . Acessado em

ANEXO C – Gabinete de História Natural do *Pedagogium* - 1892



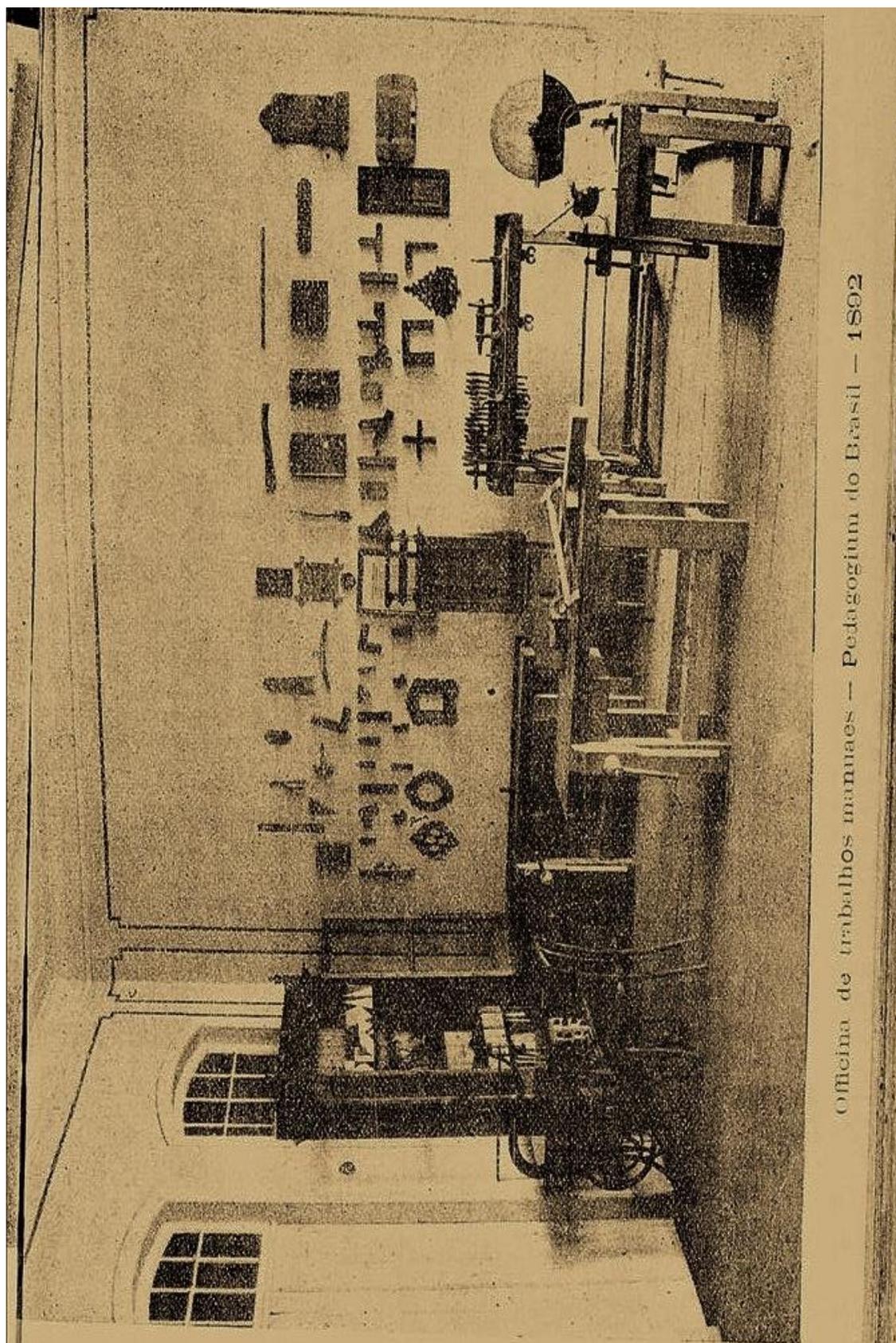
Fonte: Anuario do Ensino do Rio de Janeiro, 1895. Hemeroteca BN, s.p.

ANEXO D - Gabinete de Física do *Pedagogium* - 1892



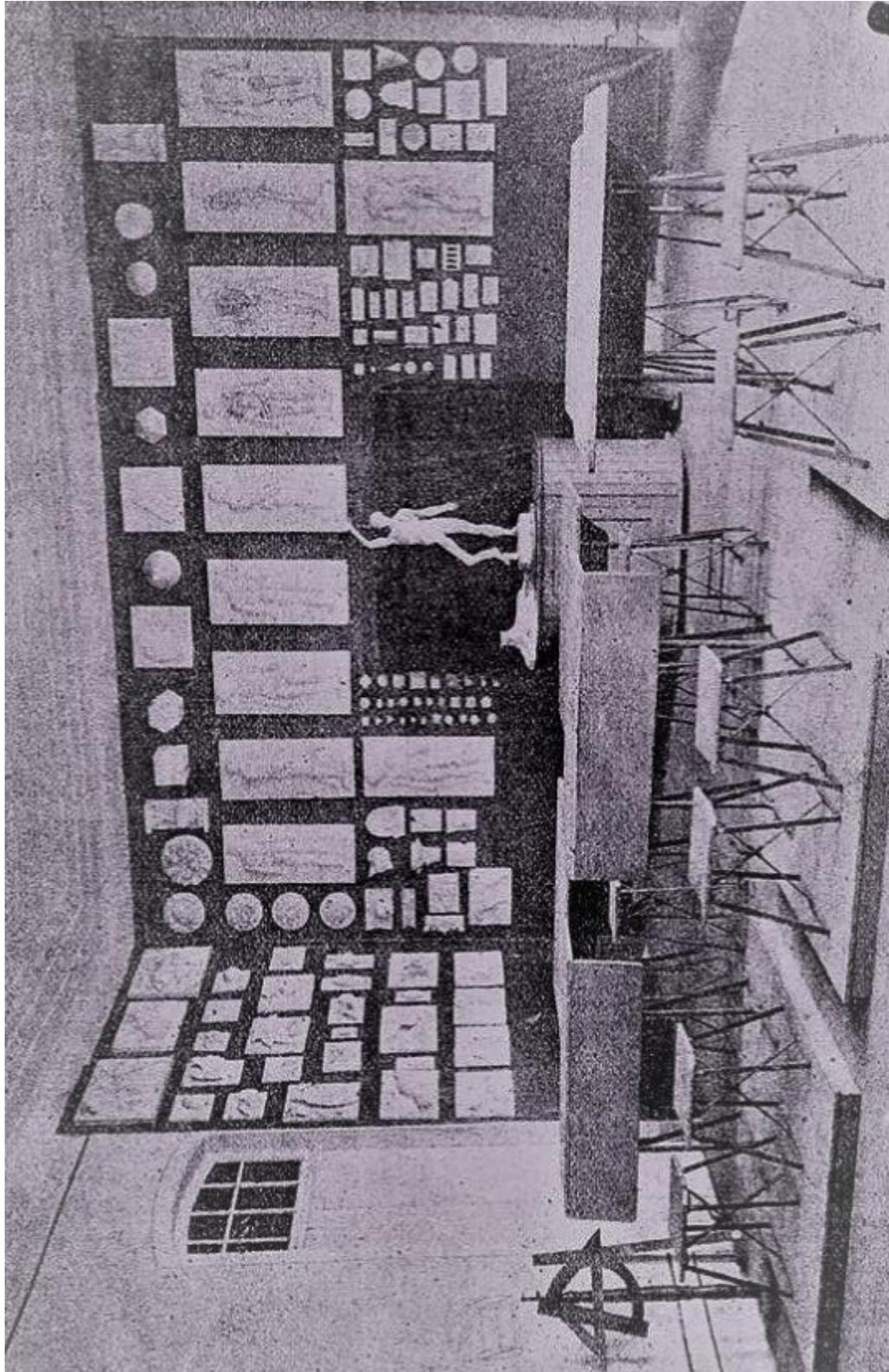
Fonte: Anuario do Ensino do Rio de Janeiro, n.p.,1895. Hemeroteca BN.

ANEXO E – Oficina de Trabalhos Manuais do *Pedagogium* – 1892



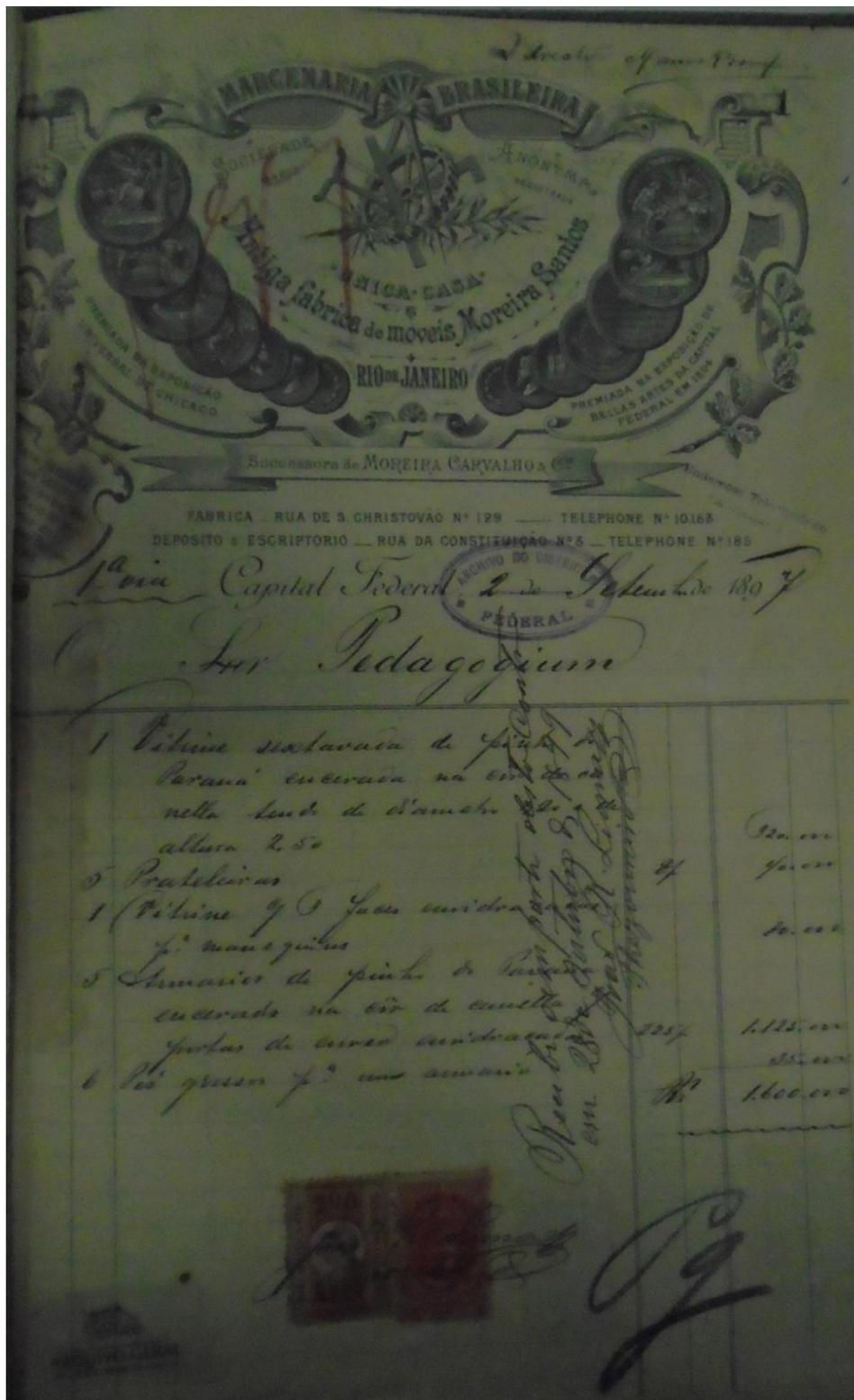
Fonte: Anuario do Ensino do Rio de Janeiro, 1895. Hemeroteca BN

ANEXO F – Sala de desenhos do *Pedagogium* – 1892



Fonte: Anuario do Ensino do Rio de Janeiro, 1895.

ANEXO G – Nota Fiscal Marcenaria Brasileira – antiga fábrica de Móveis Moreira  
Santos. 1894



Fonte: Série Instrução Pública 15.3.14 – Contas do Pedagogium 1894-1909. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

ANEXO H – Nota Fiscal Livraria Luso-Brasileira. 1899

**LIVRARIA LUSO-BRAZILEIRA**  
João Lopes da Cunha  
RUA DA QUITANDA, 24  
Endereço Telegraphico "LIVROS"

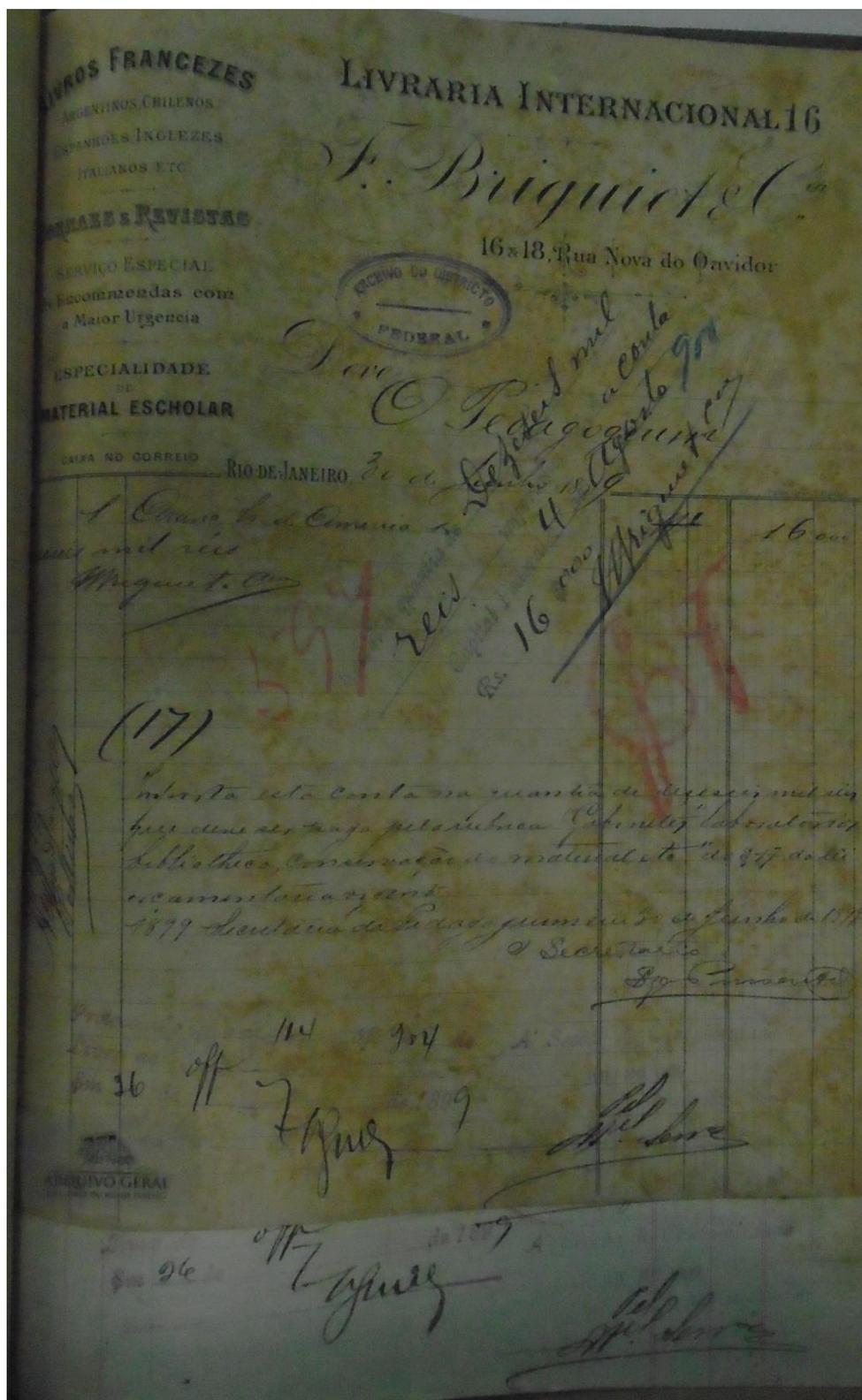
Compa

Rio de Janeiro, 5 de julho de 1899

Programa para o ano 1899	6.000
Journal des Enseignements populaires	6.000
Revue de l'Enseignement populaire	6.000
Revue des Cours et Conférences	26.000
Revue de l'Enseignement d'enseignement	22.000
Revue de l'Enseignement	10.000
Encyclopédique	60.000
Pédagogique	27.000
pour les jeunes filles	64.000
Revue des sciences psychiques et morales	24.000
Bulletin Bibliographique	20.000
Revue de la doctrine	84.000
Revue Antiquaire	24.000
Monde Moderne	14.000
Lectures en classe	16.000
Après l'école	36.000
Il nous éduquent	66.000
Art pour tous	12.000
École en famille	30.000
Bulletin de la Société d'Éducation	10.000
Écoles chrétiennes	70.000
Revue Scientifique	24.000
Programme pour 1898 (Collecção)	24.000
Monde Moderne	14.000
— segue —	

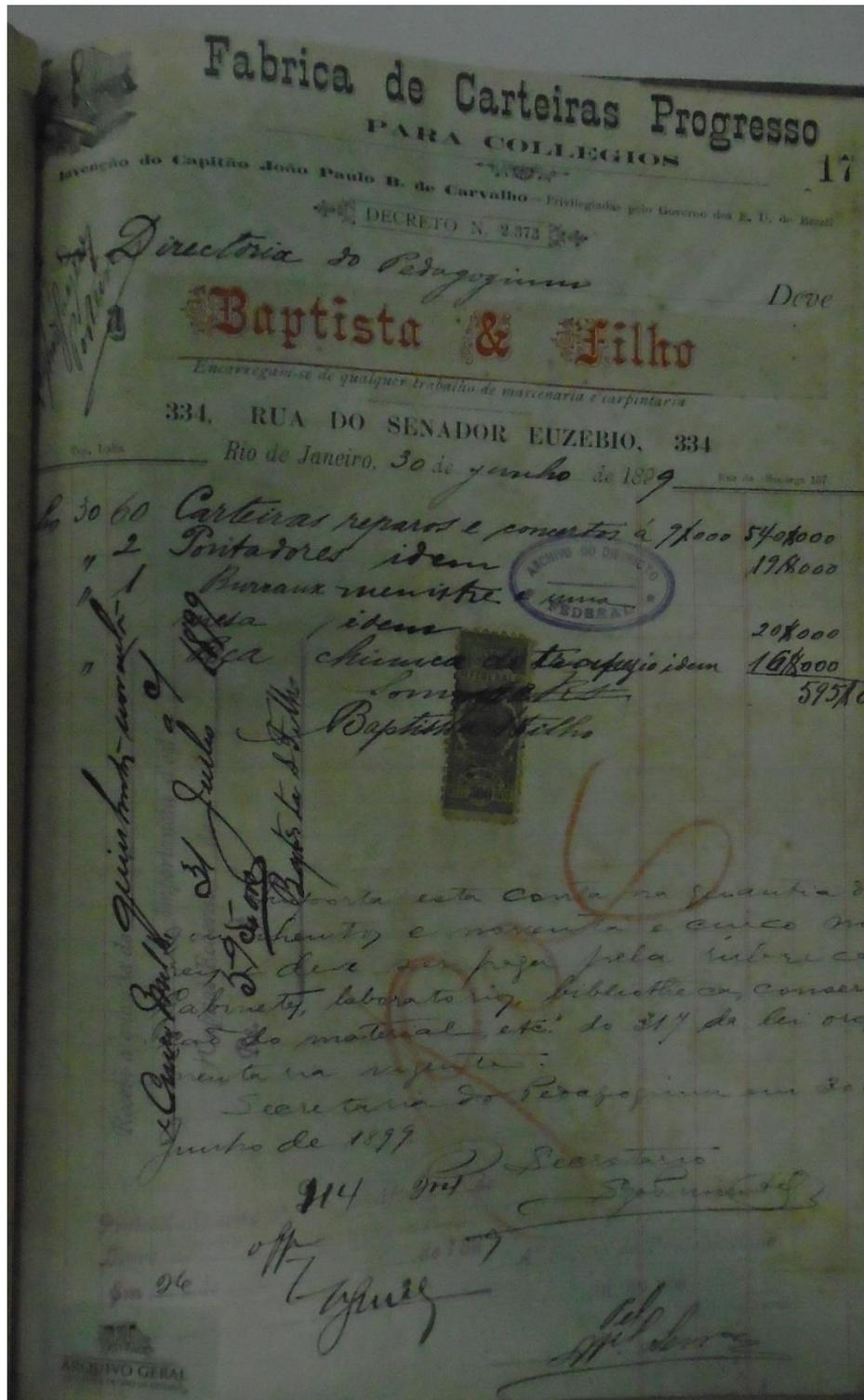
Fonte: Série Instrução Pública 15.3.14 – Contas do Pedagogium 1894-1909. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

ANEXO I – Livros Franceses – Livraria internacional



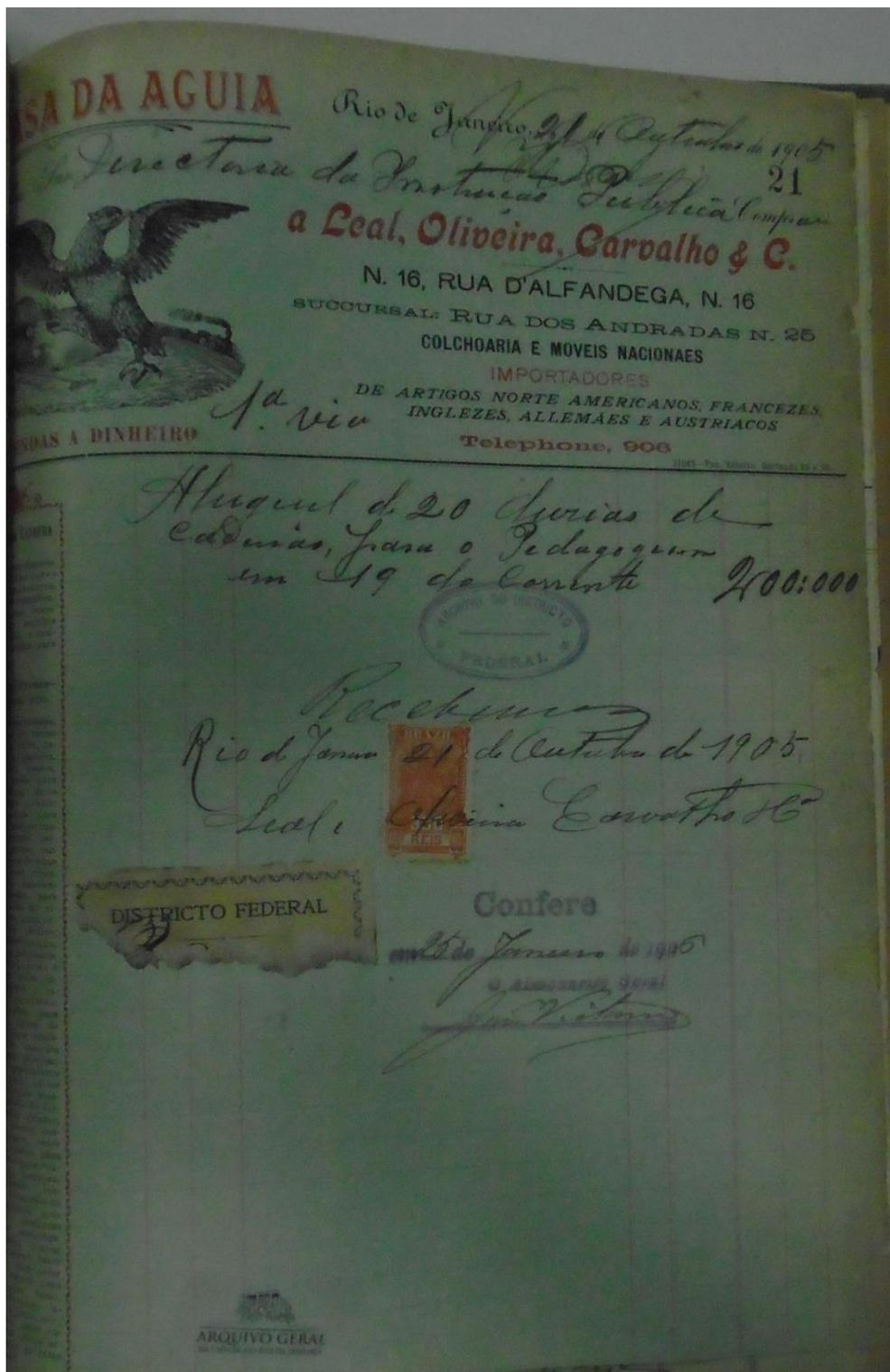
Fonte: Série Instrução Pública 15.3.14 – Contas do Pedagogium 1894-1909. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

ANEXO J – Fábrica de carteiras progresso para colégio. 1899



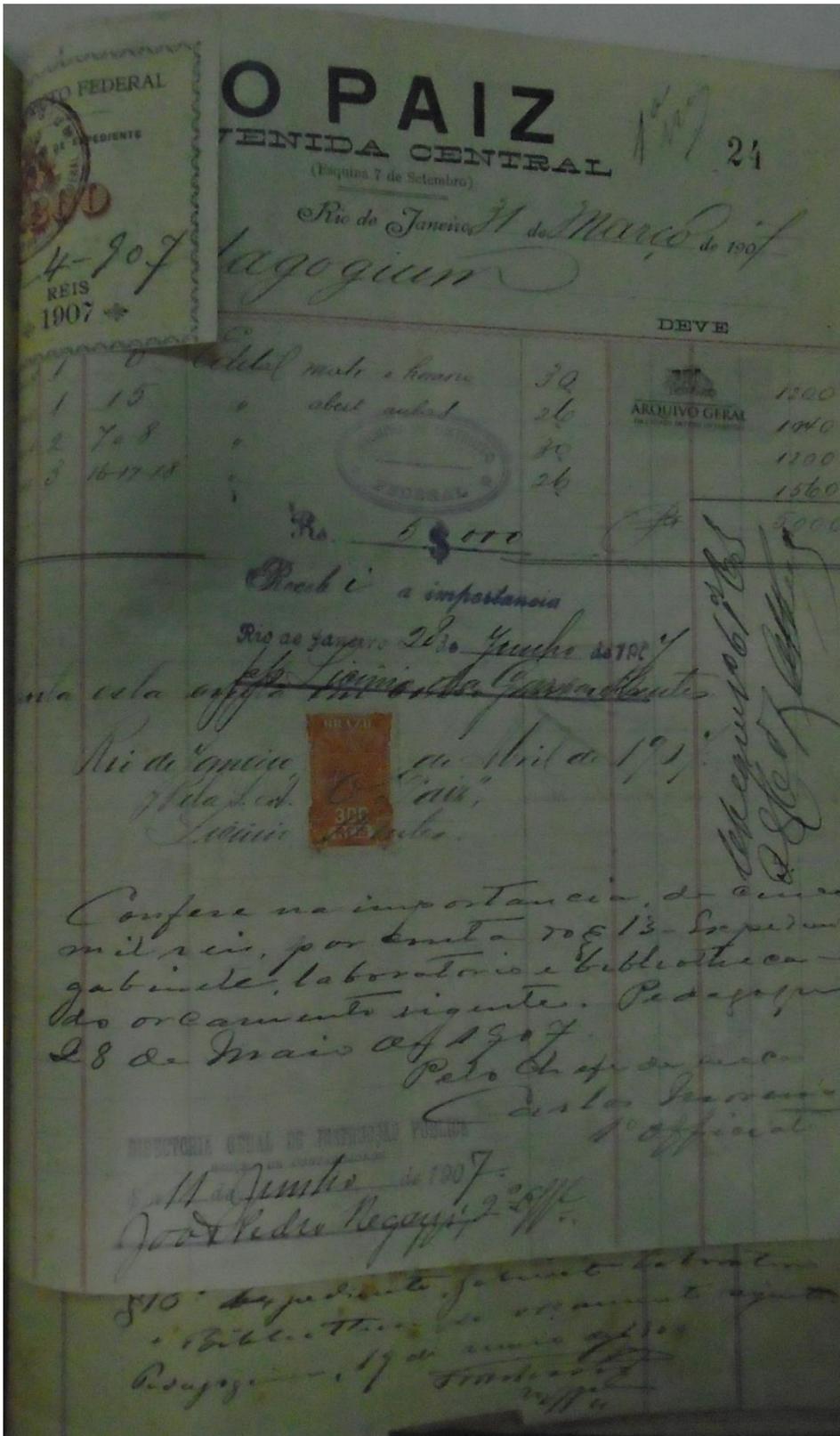
Fonte: Série Instrução Pública 15.3.14 – Contas do Pedagogium 1894-1909. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

ANEXO J – Casa da águia importadores



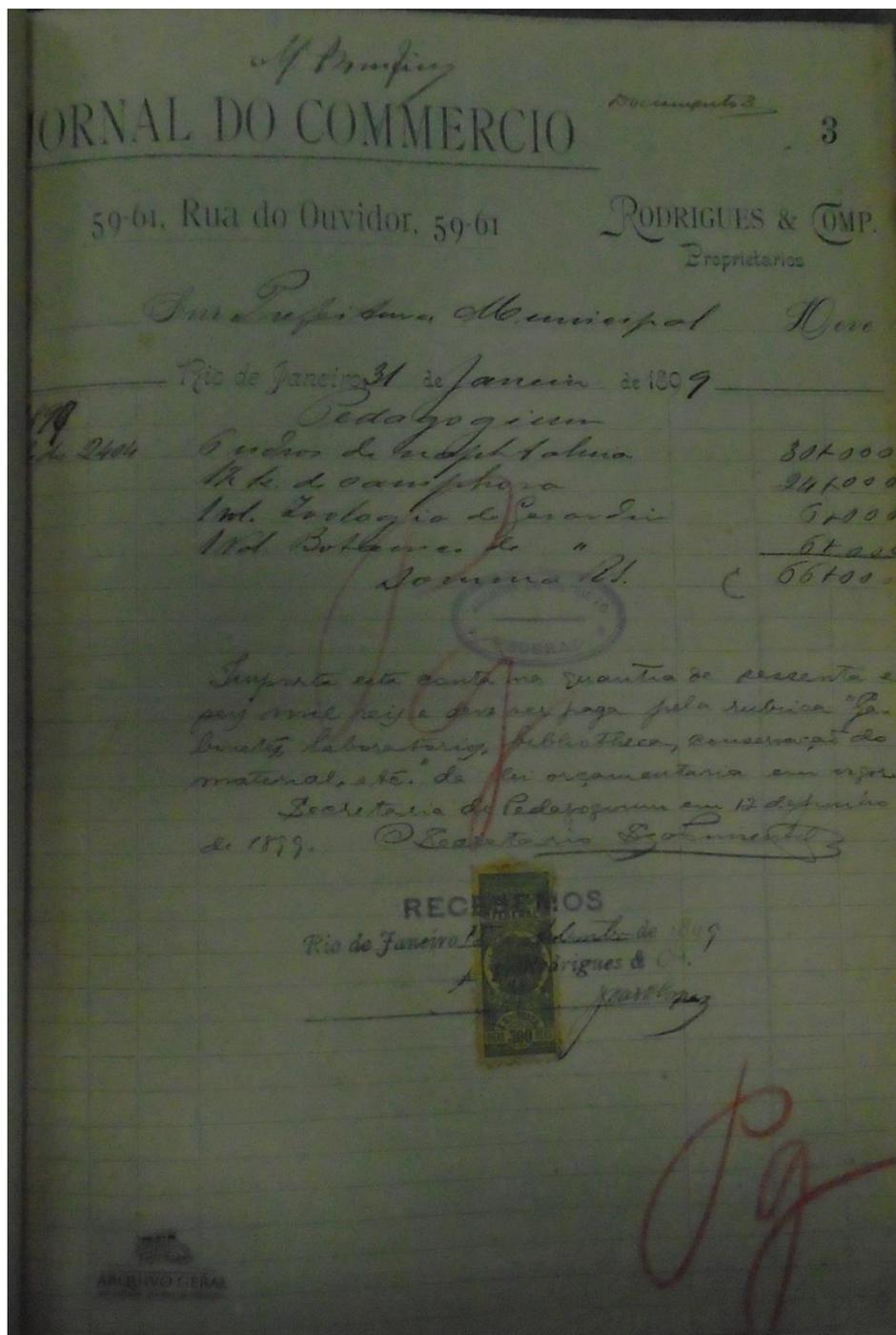
Fonte: Série Instrução Pública 15.3.14 – Contas do Pedagogium 1894-1909. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

ANEXO K- Nota Fiscal Jornal O Paiz



Fonte: Série Instrução Pública 15.3.14 – Contas do Pedagogium 1894-1909. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

ANEXO L – Nota Fiscal *Jornal do Commercio*



Fonte: Série Instrução Pública 15.3.14 – Contas do Pedagogium 1894-1909. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

ANEXO M – Nota Fiscal James Mitchell & Cia. Engenheiros, empreiteiros e importadores



Fonte: Série Instrução Pública 15.3.16 – Contas do Pedagogium 1903-1908. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

ANEXO N – Nota fiscal Gáseta de Notícias

SOCIÉDADE ANONYMA

GAZETA DE NOTÍCIAS

C. Mm. A. Pedagogium

Rio de Janeiro, 07 de Janeiro de 1905

N.º	Descrição	N.º de dias	Linhas	Total de linhas	Troço	Requis
135	Impedante	1 e 2	36			
136	Adital	8, 9 e 10	74			
137	Impedante	24	702	812	100	81.200

Recobamos a importância desta conta  
 Rio, 4 de Janeiro de 1905  
 Lauro de Almeida

DIRETORIA GERAL DE INSTRUÇÃO PÚBLICA  
 Em 21 de Fevereiro de 1905  
 Lydio de Aguiar

Importa esta conta em virtude de um mil e  
 duzentos e noventa e quatro (814,200) por conta do nº 14 - Se-  
 ptiembre gabinete, laboratório e biblioteca  
 do curso de ensino superior Pedagógico, 17 de  
 Janeiro de 1905.  
 Pelo chefe de seção  
 Carlos de Aguiar

S.º Oficial

Fonte: Série Instrução Pública 15.3.16 – Contas do Pedagogium 1903-1908. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.